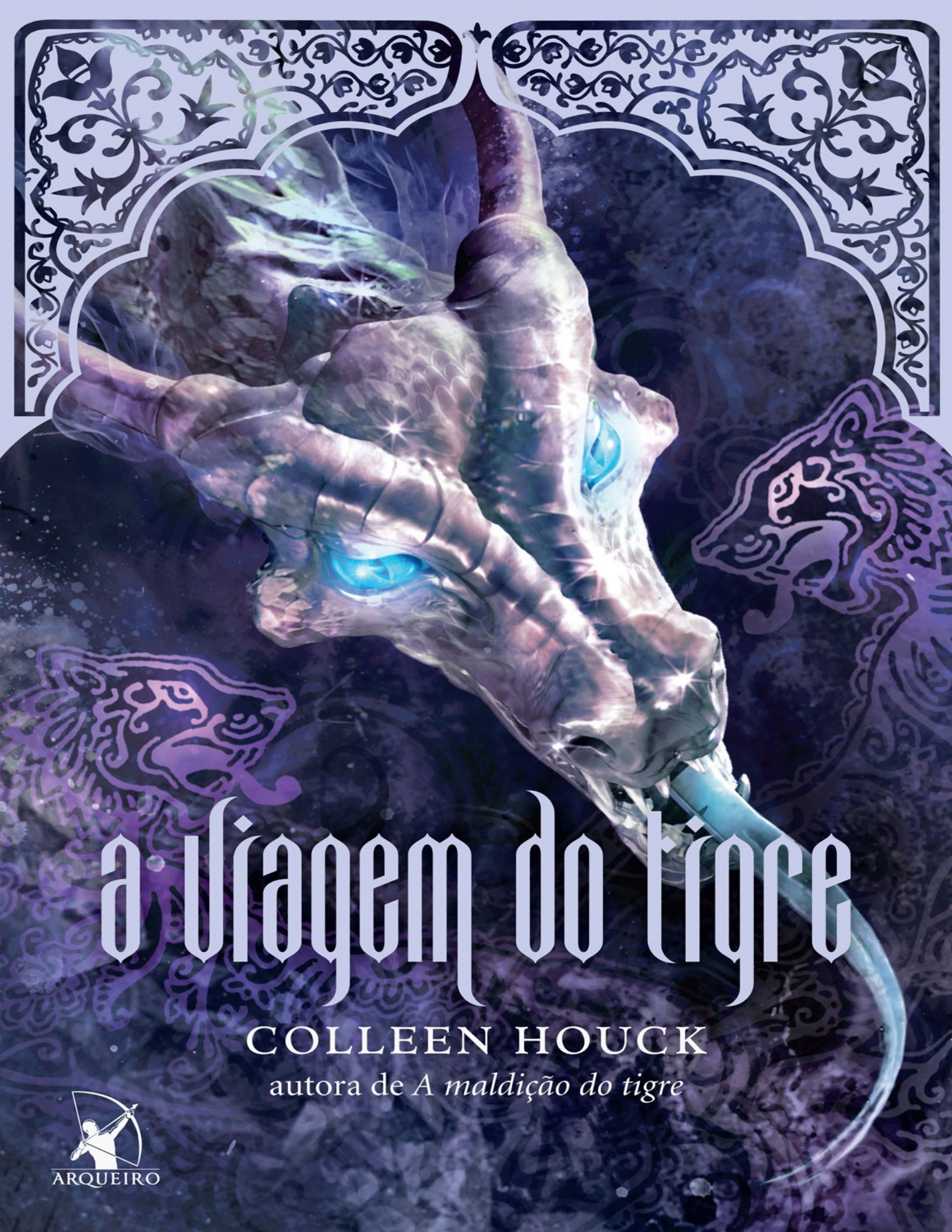
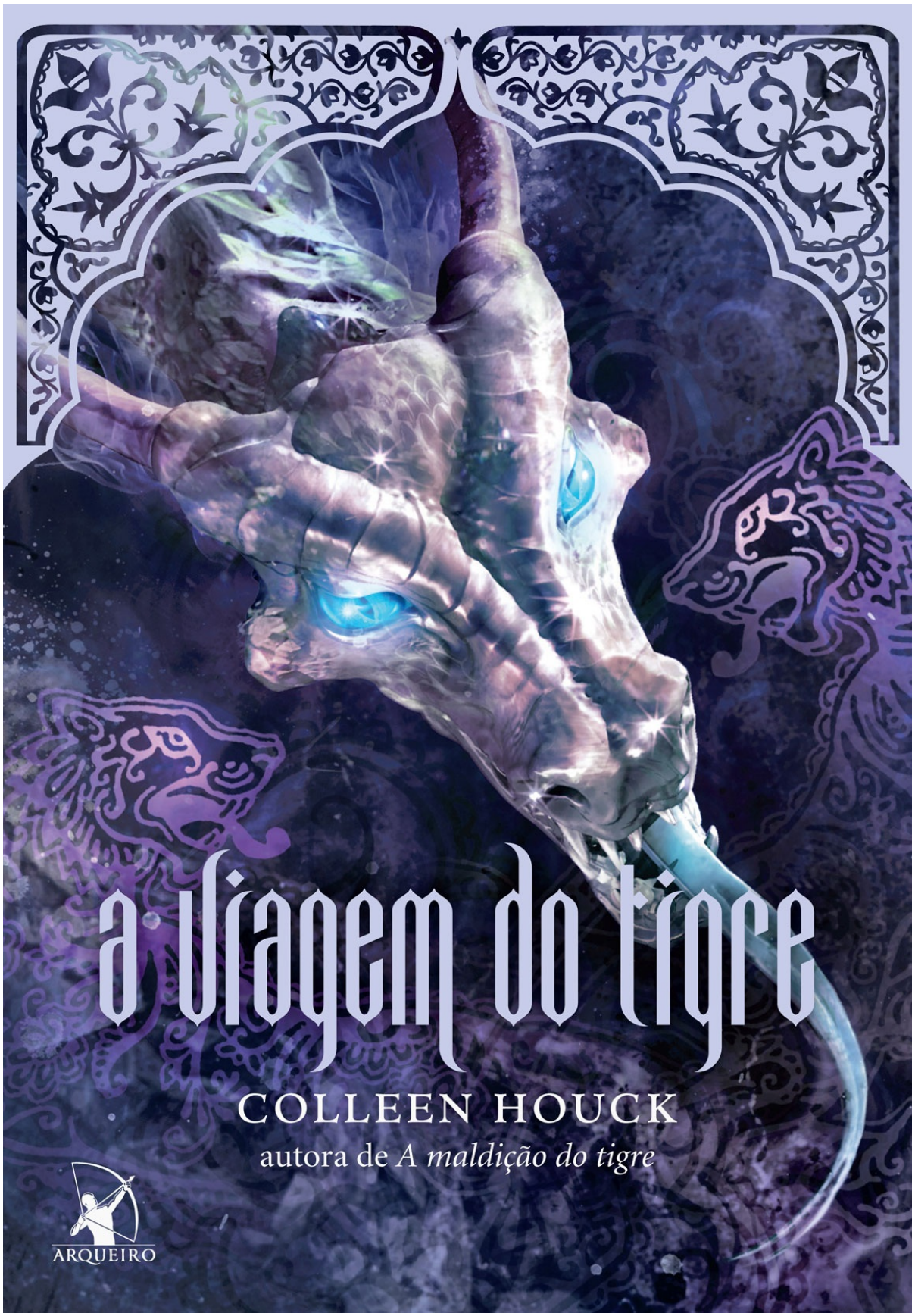

A viagem do tigre
COLLEEN HOUCK
autora de A maldição do tigre
ARQUEIRO


A Viagem do Tigre
COLLEEN HOUCK
autora de *A maldição do tigre*
ARQUEIRO

a viagem do tigre

SUMÁRIO

PRÓLOGO Sangue na água

CAPÍTULO 1 A vida sem amor

CAPÍTULO 2 A retomada do relacionamento

CAPÍTULO 3 Phet

CAPÍTULO 4 Profecia

CAPÍTULO 5 Preparação

CAPÍTULO 6 O Festival das Estrelas

CAPÍTULO 7 O iate

CAPÍTULO 8 Goa

CAPÍTULO 9 Aulas de mergulho

CAPÍTULO 10 O templo de Durga

CAPÍTULO 11 Luau

CAPÍTULO 12 Algo novo

CAPÍTULO 13 Lady Bicho-da-Seda

CAPÍTULO 14 Sobre dragões e continentes perdidos

CAPÍTULO 15 A estrela do dragão vermelho

CAPÍTULO 16 O animal de estimação do dragão azul

CAPÍTULO 17 Lembranças

CAPÍTULO 18 É difícil fazer as pazes

CAPÍTULO 19 A caçada do dragão verde

CAPÍTULO 20 Uma princesa, um dragão e dois cavaleiros
CAPÍTULO 21 Tempestade
CAPÍTULO 22 O tesouro do dragão dourado
CAPÍTULO 23 O Dragão de Gelo
CAPÍTULO 24 O mar de leite
CAPÍTULO 25 O Sétimo Pagode
CAPÍTULO 26 De volta à tona
CAPÍTULO 27 Confusão
EPÍLOGO Levada
Agradecimentos
Leia um trecho do próximo volume da série
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
Informações sobre os próximos lançamentos

COLLEEN HOUCK

a viagem do tigre





O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para os meus pais, Bill e Kathy,
que deixaram de lado todas as suas aventuras
para criar uma turma de sete.

Esquecer-te?

John Moultrie

Esquecer-te? Se sonhar à noite e contemplar-te durante o dia;
Se toda a louca e profunda devoção que o coração do poeta dedicaria;
Se as preces ditas em teu favor ao poder que o Céu tem de proteger;
Se pensamentos alados a mil por hora que a ti vão ter;
Se devaneios te misturam ao que está por vir na minha vida...
Se isto chamas de esquecimento, tu, de fato, serás esquecida!

Esquecer-te? Que os pássaros da floresta esqueçam sua doce melodia;
Esquecer-te? Que o mar, sob a lua, esqueça das ondas a sincronia;
Que as flores sedentas se esqueçam de beber o orvalho refrescante;
Tu mesmo te esqueças de tua terra adorada, e seus montes deslumbrantes.
Esqueces cada rosto, velho conhecido, cada ocasião tão querida...
Quando estas coisas forem por ti abandonadas, tu serás esquecida!

Guardas, se quiseres, tua paz virgem, sempre calma e despreocupada,
Não permita Deus que tua alma feliz por minha causa se veja desolada;
No entanto, enquanto essa alma é livre, ah! que a minha não saia a vagar,
E, sim, que alimente a fé humilde e a capacidade tolerante de amar;
Se estas, por anos resguardadas, no fim não me tiverem valia...
Então me esqueças; mas não acrediteis jamais que tu podes ser esquecida!

Título original: Tiger's Voyage
Copyright © 2011 por Colleen Houck
Copyright da tradução © 2012 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado originalmente por Sterling Publishing Co., Inc.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução do Soneto CXVI, "De almas sinceras a união sincera", de Shakespeare, por Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça (In: *Poemas de amor de William Shakespeare*, Ediouro, 2001).
Reproduzido mediante prévia autorização do espólio da tradutora.

Tradução do poema "O mar tem suas pérolas", de Heinrich Heine, por Alberto de Oliveira (In: Poesias, Garnier, 1900).

tradução: Ana Ban
preparo de originais: Melissa Lopes Leite
revisão: Clarissa Peixoto e Rafaella Lemos
projeto gráfico e diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial
capa: Katrina Damkoehler
imagem de capa: Cliff Nielsen
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
geração de Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

H831v

Houck, Colleen
A viagem do tigre [recurso eletrônico] / Colleen Houck [tradução de Ana Ban]; São Paulo: Arqueiro, 2012.
recurso digital

Tradução de: Tiger's voyage
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Multiplataforma
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-118-8 (recurso eletrônico)

1. Tigre - Ficção. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Ban, Ana. II. Título.

12-8049

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PRÓLOGO

Sangue na água

Atrás do vidro grosso de seu escritório numa cobertura de Mumbai, Lokesh tentava controlar a extraordinária fúria que circulava lentamente por suas veias. Nada correra conforme o planejado no acampamento dos baigas. Até mesmo os aldeões haviam se revelado fracos e desleais. É verdade que ele tinha capturado Dhiren, o príncipe-tigre branco, e tirado um pedaço importante do Amuleto Damon da garota, mas não conseguira acabar o que começara.

Respirando fundo para acalmar a raiva, uniu os dedos e bateu com eles no lábio inferior, em um gesto deliberado, enquanto refletia sobre a luta. *Eles tinham armas especiais. Meus asseclas descobriram que, de algum modo, elas estavam ligadas à deusa Durga. Obviamente havia algum tipo de magia envolvida, e não era a magia fraca e rústica da tribo.*

A magia era uma ferramenta, um dom a ser usado por aqueles que eram sábios o bastante para compreendê-la e manipulá-la. Um truque do Universo que apenas algumas pessoas perseguiam e que só um número ainda menor era capaz de dominar. Lokesh o conhecia e iria usá-lo para trazer para si ainda mais poder. Os outros o consideravam perverso. Ele não acreditava em bem e mal – apenas em poderosos e impotentes. E estava determinado a pertencer à primeira categoria.

Por que Durga? Talvez a deusa os esteja guiando de alguma maneira.

Assim como acontecia com o bem e o mal, ele não acreditava em deuses. A fé era uma muleta, uma maneira conveniente de controlar as massas, que se transformariam em escravos débeis, optando por não usar o intelecto fraco que pudessem ter. Os crentes ficavam em casa chorando e rezando, prostrando-se

em nome da assistência divina que nunca viria.

Um homem inteligente toma suas questões nas próprias mãos. Lokesh franziu a testa ao se lembrar da garota que escapara das suas. Ela provavelmente pensara que ele tinha fugido. Ele enviara reforços, mas os idiotas tinham voltado de mãos vazias. O centro de comando havia sido destruído. As câmeras e as gravações de vídeo desapareceram. Os baigas, o tigre e a garota não foram encontrados. Aquilo era extremamente... perturbador.

Um sino tocou quando seu assistente entrou na sala. Lokesh ficou escutando enquanto o homem, nervoso, explicava que o aparelho de rastreamento que ele tinha implantado no príncipe havia sido encontrado. O homem abriu a mão trêmula e largou os restos esmagados em cima da mesa. Sem proferir uma única palavra, Lokesh pegou o chip despedaçado e, usando o poder do amuleto, jogou o objeto junto com o assistente pela janela do sexagésimo andar. Ficou escutando os gritos enquanto o homem despencava, andar por andar. Quando ele estava prestes a atingir o solo, Lokesh murmurou algumas palavras, fazendo com que um buraco se abrisse no chão bem embaixo de seu assistente e ele fosse enterrado vivo.

Depois de dar conta dessas distrações decepcionantes, tirou do bolso seu prêmio conquistado a tão duras penas. O vento soprou forte pela janela quebrada e o sol se ergueu mais alto sobre a cidade agitada, lançando um facho de luz sobre a recém-adquirida quarta parte do amuleto. Logo ele iria juntar *todas* as peças e teria, enfim, meios de realizar tudo aquilo com que sempre havia sonhado desde que soubera da existência daquele objeto. Lokesh sabia que o amuleto completo iria transformá-lo em algo novo... em algo... mais. Em algo... perfeito. Apesar de ele ter prolongado deliberadamente o processo e de ter se deliciado com a ansiedade da espera quase tanto quanto com a vitória, havia chegado a hora.

Um arrepio de prazer percorreu-lhe o sangue quando tocou no quarto segmento de seu precioso conjunto.

Não encaixava.

Ele virou e inclinou o pedaço, mas ele não se ajustava aos outros. *Por quê? Eu o arranquei do pescoço da garota no acampamento dos baigas. Era a mesma parte do amuleto que ela usava em ambas as visões.*

No mesmo instante, uma sombra negra e densa de ódio recaiu sobre ele.

Rangendo os dentes, ele esmagou a ofensiva imitação e deixou que o pó escapasse pelo punho apertado enquanto cada célula de seu corpo ardia numa tempestade flamejante. Fagulhas de luz azul espocavam e estalavam entre seus dedos.

Ondas coléricas varreram sua mente, abatendo-se contra a barreira fina de sua pele. Sem ter uma válvula de escape para aplacar seus impulsos violentos, ele cerrou os punhos e enterrou o próprio poder dentro de si. *A garota! Ela me enganou!*

A raiva pulsava em suas têmporas enquanto ele refletia sobre Kelsey Hayes. Ela o fazia pensar numa outra mulher, que vivera vários séculos antes dela: Deschen, a mãe dos tigres. *Aquela era uma mulher cheia de paixão*, lembrou – diferente da própria esposa, que ele matara quando ela lhe deu uma menina, Yesubai. Lokesh queria um filho. Um herdeiro. *Meu filho e eu poderíamos ter governado o mundo.*

Depois da decepção com o nascimento da filha, ele tinha tramado um novo plano: matar Rajaram e tomar Deschen como esposa. Parte da diversão teria sido domá-la. Uma luta esplêndida...

Já fazia muito tempo desde que Deschen tinha partido, mas, por sorte, os tigres haviam levado Kelsey até ele. A garota era mais do que ele pedira. *Muito* mais. Lentamente, sua raiva em brasa foi se transformando. Aquilo cozinhava e fervilhava em sua mente, os pensamentos se formando e estourando feito bolhas ulcerosas até que sua determinação tomasse a forma de um desejo obscuro, enlouquecedor.

Kelsey possuía a mesma bravura ardorosa de Deschen, e ele sentiria um prazer perverso em tirá-la dos filhos de Rajaram. De repente, seus dedos coçaram de vontade de voltar a tocar a pele macia da garota. Como seria prazeroso cravar-lhe a faca. Enquanto considerava essa ideia, passou o dedo pela beirada afiada do vidro quebrado da janela. Talvez ele até permitisse que os tigres vivessem para se deleitar com a comoção que causaria a eles. *Sim. Enjaular os príncipes e fazer com que assistam enquanto eu a subjugo será altamente prazeroso. Sobretudo depois* disto.

Tanto tempo. Esperei tanto tempo.

Apenas um pensamento o acalmava: a batalha estava longe do fim. Ele iria encontrá-la. Sua equipe já estava fazendo buscas por toda a Índia, monitorando

os templos de Durga e vigiando cada terminal de transporte via terra, água e ar. Ele era um homem que não se arriscava e não deixava ponto sem nó. Atacaria novamente. Afinal de contas, era apenas uma garota.

Logo, ele pensou. Lokesh estremeceu ao se imaginar tocando-a mais uma vez. Ele quase era capaz de senti-la. *Imagino como deve ser o grito dela.* Ficou surpreso com o fato de estar quase mais ansioso para capturar a garota do que para obter o amuleto. A necessidade de dominá-la era feroz. Aquilo o rasgava por dentro, e seus dedos voltaram a coçar. Logo ele teria a garota e iria unir as peças do amuleto. *Mas, quando eu colocar as mãos nela, vou precisar ser paciente. Apressar as coisas tem sido a minha ruína.*

Ele girou um dos anéis que tinha no dedo. Talvez não devesse ter esperado um combate fácil com os tigres. Tinham dado tanto trabalho na primeira vez... No entanto, não eram os únicos predadores da Índia. Ele também era uma criatura a ser temida. Era como um tubarão mortal, singrando a água em silêncio, aguardando o momento certo.

Lokesh sorriu. Tubarões eram criaturas admiráveis, o predador máximo, a criatura dominante no oceano. No reino animal, predadores nascem como tais. Um homem, porém, escolhe ser um predador, despedaçando aqueles que se contrapõem a ele, quebrando os ossos de todos que lhe fazem oposição e devorando seus inimigos. Ele opta por ser o predador ou a presa.

Muito tempo antes, Lokesh decidira que ficaria no topo da cadeia alimentar. Agora só restavam em seu caminho uma família e uma garota. *E nenhuma garota tem qualquer chance depois que sinto o cheiro de seu sangue na água.*

Lokesh cofiou a barba, pensativo, e sorriu ao se imaginar rodeando-a. As águas estavam marcadas com o cheiro da isca. Eles jamais perceberiam sua aproximação.

1

A vida sem amor

Será que ele vai mesmo fazer isto?

Fiquei olhando fixamente para Ren, para ver se encontrava algum indício de emoção.

Um minuto inteiro se passou. No segundo em que ele tomou a decisão, eu já sabia qual era.

Ren estendeu a mão para fazer sua jogada.

– Ganhei. – Ele sorriu ao tirar o peão de Kishan do tabuleiro e pôr o dele na casa de chegada. Então recostou-se na cadeira, cruzou os braços sobre o peito e se vangloriou: – Eu disse a você. Nunca perco uma partida de ludo.

Fazia mais de um mês que tínhamos resgatado Ren das torturas e da prisão no acampamento baiga de Lokesh e três semanas desde a minha trágica festa de aniversário... e a vida era um purgatório. Apesar de eu ter dado a ele o meu diário e de ter usado toda a farinha de trigo disponível para fazer os famosos biscoitos da minha mãe – de chocolate com manteiga de amendoim –, Ren infelizmente não se lembrava de mim. Algo acontecera a ele enquanto estava nas mãos de Lokesh. Agora tínhamos nos reencontrado, mas não estávamos mais juntos.

Mesmo assim eu me recusava a perder a esperança de que um milagre pudesse fazer com que ele recuperasse o nosso passado e continuava determinada a libertá-lo. Ainda que Ren jamais voltasse a ser meu, eu tinha assumido o compromisso de procurar os outros dois presentes a fim de completar a profecia da deusa Durga e quebrar a maldição do tigre, para que os dois príncipes fossem

pessoas normais outra vez. O mínimo que eu podia fazer pelo homem que eu amava era não decepcioná-lo.

Cada dia que eu passava perto de Ren sem estar *com* ele era mais difícil do que o anterior. O Sr. Kadam fazia o que podia para me distrair e o irmão de Ren, Kishan, respeitava meus sentimentos e não saía do meu lado, como um amigo, sempre me apoiando, apesar de cada olhar e cada toque deixarem bem claro que ele ainda estava interessado em algo mais.

Nem Ren nem eu sabíamos como agir quando estávamos perto um do outro. Nós quatro parecíamos estar pisando em ovos, à espera de que alguma coisa – qualquer coisa – acontecesse. Apenas Nilima, a tatatatatataraneta do Sr. Kadam, fazia com que continuássemos respirando, comendo e mantendo a mente sã.

Numa noite especialmente chorosa, encontrei o Sr. Kadam na sala do pavão. Ele estava lendo um livro à luz suave de um abajur. Sentei-me ao lado dele, apoiei a cabeça sobre seus joelhos e chorei baixinho. Ele afagou minhas costas e cantarolou uma canção de ninar indiana. Acabei me acalmando e compartilhei meus temores. Disse a ele que estava preocupada achando que meu relacionamento com Ren fosse irrecuperável e perguntei se um coração partido realmente poderia ser curado.

– Acho que já sabe a resposta, Srta. Kelsey. O seu coração estava pleno e feliz antes, quando estava com Ren?

– Estava.

– Não estava machucado demais para amar Ren por causa da morte de seus pais?

– Não. Mas esses são dois tipos diferentes de amor.

– São diferentes em alguns aspectos, mas iguais em outros. A sua capacidade de amar não diminui. Você ainda ama seus pais, não ama?

– Claro que sim.

– Então imagino que o que a senhorita esteja sentindo não se deva a uma ferida nem à diminuição do tamanho do seu coração, mas sim à ausência da pessoa amada.

Olhei para o sábio empresário indiano e suspirei.

– É bem triste sentir a ausência de quem amo quando ele está no mesmo lugar que eu.

– É mesmo – admitiu o Sr. Kadam. – Talvez o melhor seja não fazer nada.

– Quer dizer que devo desistir dele?

Ele deu tapinhas no meu braço, refletiu por um momento e contou uma história:

– Uma vez um dos meus filhos pegou um passarinho com a asa machucada. Passou a cuidar dele e tornou-o seu bichinho de estimação. Um dia trouxe o passarinho até mim. Estava morto. Ele explicou que o bichinho tinha se curado e batido as asas, mas meu filho entrou em pânico e o agarrou antes que voasse para longe. Segurou com tanta força que o sufocou. O passarinho poderia ter escolhido ficar com meu filho ou ir embora voando. Qualquer uma dessas duas opções teria levado a uma conclusão mais feliz. Se o passarinho houvesse partido, meu filho ficaria triste, mas iria se lembrar dele com um sorriso. Em vez disso, sentiu-se arrasado com a morte do bicho de estimação e teve muita dificuldade para se recuperar da experiência.

– Então o senhor está *mesmo* dizendo que devo abrir mão de Ren?

– Estou dizendo que a senhorita vai ficar mais feliz se *ele* estiver feliz.

– Com toda a certeza não quero sufocar Ren. – Suspirei e me sentei sobre as pernas. – Também não quero evitá-lo. Gosto de estar perto dele, e evitá-lo complicaria nossa busca pelos presentes de Durga.

– Posso sugerir que tente ser amiga dele?

– Ele sempre foi meu amigo. Talvez, se eu conseguisse recuperar essa parte dele, não iria me sentir como se tivesse perdido tudo.

– Acho que está certa.

Ser amiga de Ren? Fiquei pensando naquilo enquanto soltava a fita que prendia minha trança e subia a escada para ir dormir. *Bom, isso é melhor que nada, e neste momento tudo o que tenho é um monte de nada.*

No dia seguinte o Sr. Kadam e Nilima prepararam um brunch. Quando desci eles já não estavam por lá, mas encontrei Ren na cozinha, enchendo um prato com frutas e pães doces. A cada dia ele se parecia mais com o velho Ren. Estava ganhando corpo e o cabelo escuro recuperava o brilho. Os lindos olhos azuis me observaram com uma expressão preocupada quando peguei um prato.

Ao me aproximar da travessa de morangos, esbarrei nele com o quadril e ele ficou paralisado.

– Você pode chegar mais para lá, por favor? Quero pegar um desses pães recheados antes que Kishan apareça.

Ren despertou de seu transe.

– Claro. Desculpe.

Ele pôs o prato na mesa e eu me sentei à sua frente. Ficou me observando enquanto tirava bem devagar o papel de um muffin. Corei um pouco, ciente de sua atenção.

– Está tudo bem? – perguntou, hesitante. – Ouvi você chorar ontem à noite.

– Estou bem.

Ele bufou e começou a comer, mas não tirou os olhos de mim. Quando estava quase terminando, desviou o olhar.

– Tem *certeza*? Sinto muito se a deixei chateada... de novo. É só que eu não me lembro...

Ergui a mão e fiz com que ele parasse imediatamente.

– Você sente o que sente, Ren.

– Mesmo assim, peço desculpas por magoar você – disse ele baixinho.

Espetei um pedaço de melão com o garfo. Apesar de tentar parecer despreocupada, estava achando difícil seguir o conselho do Sr. Kadam. Meus olhos ardiam.

– Por qual das vezes? Quando disse no meu aniversário que eu não sou bonita? Que não suporta ficar perto de mim? Que acha Nilima linda? Ou...

– Certo. Já entendi.

– Que bom, porque eu gostaria de parar de falar sobre isso.

Depois de um instante, ele continuou:

– Na verdade, eu não disse que você não é bonita. Eu só disse que você é nova demais.

– Nilima também é, pelos *seus* padrões. Você tem mais de 300 anos!

– É verdade.

Ele deu um sorriso torto, na tentativa de me alegrar.

– Tecnicamente, você deveria namorar uma senhora de idade muito avançada.

Um sorrisinho minúsculo passou pelos meus lábios.

Ele fez uma careta.

– Também quero que saiba que é muito fácil ficar perto de você e gostar de você. Eu nunca tinha tido essa reação com ninguém. Eu me dou bem com a

maioria das pessoas. Não há razão para que eu sinta necessidade de fugir quando você se aproxima.

– A não ser a pressão para que recupere a memória...

– Não, não é a pressão. É... outra coisa. Mas resolvi ignorar.

– Você consegue fazer isso?

– Claro. Quanto mais tempo passo perto de você, mais intensa é a reação. O difícil não é falar com você, é a proximidade. Nós devíamos tentar conversar pelo telefone para ver se faz diferença. Vou me esforçar para criar imunidade.

– Entendi. Então seu objetivo é adquirir tolerância a mim. – Suspirei. – Tudo bem.

– Vou continuar tentando, Kelsey.

– Não se esforce demais, porque não faz mais diferença. Resolvi ser só sua amiga.

Ele se inclinou para a frente e disse em tom conspiratório:

– Mas você não continua... apaixonada por mim?

Eu também me inclinei para a frente.

– Não quero mais falar sobre esse assunto.

Ren cruzou os braços por cima do peito.

– Por que não?

– Porque Lois Lane nunca sufocou o Super-Homem.

– Do que você está falando?

– Vamos ter que assistir ao filme. O importante é que não quero prender você. Então, se quiser ficar com Nilima, vá em frente.

– Espere um minuto! Você vai me dispensar assim?

– Algum problema?

– Problema nenhum. É só que andei lendo o seu diário e, para uma garota que supostamente é louca por mim, você está desistindo bem rápido.

– Eu não estou *desistindo* de nada. Não tem nada entre nós para que eu desista.

Ele ficou me encarando enquanto eu espetava outro pedaço de fruta. Esfregando o queixo, perguntou:

– Então, você quer ser minha amiga?

– Quero. Sem pressão, sem lágrimas, sem lembretes constantes de coisas de que você se esqueceu, sem nada. Vamos apenas recomeçar. Do zero. Vamos aprender a ser amigos e a nos dar bem apesar de sua vontade de sair correndo.

O que me diz? – Eu limpei a mão num guardanapo e a estendi. – Temos um acordo?

Ren refletiu, sorriu e apertou minha mão.

– O que estão combinando? – perguntou Kishan ao interromper a conversa mais longa que Ren e eu tivéramos desde antes de ele ter sido capturado.

– Kelsey acabou de concordar em demonstrar para mim seu poder de emitir raios – Ren mentiu com desenvoltura. – Quero muito ver como é soltar fogo pelas mãos.

Olhei-o com a sobrancelha erguida. Ele sorriu e deu uma piscadela, então se levantou e levou nossos pratos para a pia. Os olhos dourados de Kishan me fitaram desconfiados, mas ele se sentou e pegou a metade que tinha sobrado do meu pão recheado. Dei um tapa de brincadeira na mão dele e apanhei um pano de prato para ajudar Ren. Quando terminamos, ele roubou o pano de mim e bateu de leve com ele na minha coxa. Eu dei risada, contente com nossa nova interação, e, quando me virei, deparei com Kishan nos olhando com a testa franzida.

Ren colocou o braço de leve por cima dos meus ombros e aproximou a cabeça do meu ouvido:

– "Aquele Cássio tem um aspecto magro e faminto. Ele pensa demais; homens assim são perigosos." É melhor ficar de olho nele, Kelsey.

Eu ri, feliz por ele se lembrar de Shakespeare, apesar de não se lembrar de mim.

– Não se preocupe com Kishan, César. Ele late mais do que morde.

– Ele anda mordendo você?

– Não ultimamente.

– Hum. Vou ficar de olho – disse Ren e saiu da cozinha.

– Que história foi essa? – quis saber Kishan, grunhindo, e eu tive um vislumbre do tigre negro e feroz que se escondia por trás de seu olhar.

– Ele está comemorando a emancipação.

– Como assim?

– Eu disse a ele que gostaria que fôssemos amigos.

Kishan fez uma pausa.

– É isso que *você* quer?

– O que *eu* quero é irrelevante. Ser meu amigo é algo que ele é capaz de fazer.

Ser meu namorado não está em cogitação neste momento.

Felizmente Kishan se manteve em silêncio. Dava para ver que ele queria se oferecer como substituto, tanto a sério quanto por brincadeira, mas mordeu a língua. Por ter agido assim, dei-lhe um beijo no rosto ao sair.

Com o gelo finalmente quebrado entre mim e Ren, todos pudemos seguir em frente e logo entramos numa rotina. Eu falava com meus pais adotivos, Mike e Sarah, toda semana. Não dizia quase nada a eles além de que eu estava bem e ocupadíssima como assistente do Sr. Kadam. Garanti que iria terminar meu primeiro ano na Western Oregon à distância e informei que passaria as férias de verão fazendo um estágio na Índia.

Eu treinava artes marciais com Kishan bem cedo, depois tomava café da manhã com Ren e ajudava o Sr. Kadam a pesquisar a terceira parte da profecia de Durga à tarde. À noite, o Sr. Kadam e eu preparávamos o jantar juntos, menos quando ele queria fazer curry. Nessas noites eu providenciava um jantar só para mim, usando o Fruto Dourado.

Depois do jantar, a gente jogava, assistia a filmes e às vezes lia na sala do pavão. Kishan só ficava na biblioteca quando eu contava uma história, enroscando-se aos meus pés na forma de tigre negro. Começamos a ler todos juntos *Sonhos de uma noite de verão*. O Sr. Kadam comprou vários exemplares para que cada um pudesse ler um trecho. Eu gostava de poder compartilhar aqueles momentos com Ren.

O Sr. Kadam estava certo, como sempre. Ren parecia mesmo feliz. Todo mundo reagia bem à melhora de humor dele, inclusive Kishan que, de algum modo, passara de irmão mais novo melancólico e ressentido a um homem cheio de autoconfiança. Kishan mantinha distância, mas seus olhos dourados sedutores me faziam corar.

Às vezes, à noite, eu encontrava Ren na sala de música tocando violão. Ele dedilhava canções e dava risada quando eu pedia "My Favorite Things" de *A noviça rebelde*. Numa dessas noites, Ren tocou a música que tinha composto para mim. Fiquei olhando para ele, atenta, na esperança de que alguma lembrança pudesse ser despertada. Ele ia tocando as notas com suavidade, profundamente concentrado. Mas sempre empacava e precisou recomeçar

várias vezes.

Quando percebeu que eu estava olhando, deixou as mãos caírem e deu um sorriso tímido.

– Desculpe. Parece que não consigo me lembrar desta. Você tem algum pedido para esta noite?

– Não – respondi secamente e me levantei.

Ren pegou minha mão mas logo a largou.

– O que foi? Você está triste. Mais do que o normal.

– Essa música... ela é...

– Ah, a música? Você já tinha escutado?

– Não – menti e dei um sorriso triste. – Ela é... linda.

Apertei sua mão e me afastei aos tropeços antes que ele pudesse fazer mais perguntas. Enxuguei uma lágrima enquanto subia a escada. Ainda pude escutar quando ele tentou tocar a música de novo, procurando descobrir o lugar de cada nota.

Numa outra noite eu estava relaxando na varanda, sentindo o cheiro do jasmim e olhando as estrelas, quando ouvi Kishan e Ren conversando.

– Você mudou – disse Ren ao irmão. – Não é mais o mesmo de seis meses atrás.

– Ainda sou capaz de esfolar essa sua pelagem branca, se é disso que você está falando.

– Não, não é isso. Você ainda é um lutador forte, mas agora está mais relaxado, mais seguro, mais... sereno. – Ele deu risada. – E está muito mais difícil irritar você.

Kishan respondeu baixinho:

– Ela me fez mudar. Estou me esforçando muito para me transformar no tipo de homem de que ela precisa, no tipo de homem que ela já acredita que eu seja.

Ren não respondeu e os dois entraram em casa. Fiquei ali sentada em silêncio, pensando profundamente sobre as palavras de Kishan. *Quem diria que a vida e o amor pudessem ser tão complicados?*

2

A retomada do relacionamento

Alguns dias depois, o Sr. Kadam nos reuniu na sala de jantar. Quando ocupamos as cadeiras ao redor da mesa, desejei em segredo que ele não fosse nos dar uma notícia ruim e que Lokesh não tivesse nos encontrado de novo.

– Eu gostaria de propor uma ideia – começou o Sr. Kadam. – Descobri uma maneira de garantir que possamos encontrar uns aos outros se, por acaso, alguém for sequestrado mais uma vez. Não é nada agradável, mas acredito que um pequeno desconforto seja um preço baixo a pagar para termos certeza de que ninguém vai se perder.

Ele abriu uma caixa e tirou de dentro um pacote envolto em plástico-bolha. Nele, havia um rolo de veludo preto que se abriu para revelar cinco seringas grossas com agulhas do tamanho de um espinho gigante de porco-espinho.

Nervosa, perguntei:

– Hã... Sr. Kadam? O que quis dizer exatamente quando falou em um *pequeno* desconforto?

Ele abriu a primeira seringa e pegou um frasco de soro fisiológico e alguns lencinhos umedecidos com álcool.

– Vocês já ouviram falar de etiquetas RFID?

– Não – respondi, assustada, enquanto o observava pegar a mão esquerda de Kishan, limpar a área entre o polegar e o indicador com um lencinho e depois passar uma pomada amarela no mesmo lugar.

– São etiquetas para identificação por frequência de rádio, ou *Radio Frequency Identification,* em inglês. São usadas em animais.

– Está falando dos transmissores que colocam em baleias e tubarões?

– Não exatamente. Aqueles são maiores e se soltam depois que param de funcionar.

Ren se inclinou para a frente e pegou um chip mais ou menos do tamanho de um grão de arroz.

– É parecido com o que Lokesh implantou em mim.

Ele pôs o chip na mesa e esfregou as mãos devagar, com o olhar perdido.

– Doeu? Dava para sentir dentro da sua pele? – perguntei, tentando trazê-lo de volta do lugar obscuro qualquer a que tinha ido.

Ren soltou a respiração e me lançou um sorriso pálido.

– Na hora a dor foi mínima, mas, sim, dava para sentir por baixo da pele.

– Nossos sensores são um pouco diferentes. – O Sr. Kadam hesitou e então completou: – Ninguém é obrigado a usá-los, mas acho que será uma proteção extra para todos nós.

Ren assentiu com a cabeça, e o Sr. Kadam prosseguiu:

– Estes são parecidos com aqueles colocados em bichos de estimação. Emitem uma frequência, geralmente um número de 10 dígitos, que pode ser escaneada através da pele.

Ele observou nossa reação antes de prosseguir:

– Os chips são envoltos em vidro biocompatível para impedir que entrem em contato com a umidade. Os sensores RFID para seres humanos ainda não são usuais, mas estão começando a ser aprovados com fins clínicos. Eles identificam histórico de saúde, alergias e os tipos de medicamentos que uma pessoa está tomando.

Ele pôs um pouco de soro fisiológico dentro da seringa e trocou a agulha menor pela gigantesca. Então colocou um chip minúsculo na abertura da agulha. Apertou a pele entre o polegar e o indicador de Kishan e inseriu a agulha com cuidado. Eu desviei o olhar.

Imperturbável, o Sr. Kadam continuou:

– Agora, para os grandes animais marinhos de que você estava falando, os pesquisadores usam sensores por satélite que transmitem de tudo, desde a atual localização em longitude e latitude até a profundidade do animal, a duração do mergulho e a velocidade de natação. Esse tipo de etiqueta é externa e fica presa a uma bateria que acaba gastando com a transmissão de informação. A maior

parte delas dura pouco tempo, mas as mais caras podem resistir alguns meses.

Ele apertou uma bola de algodão contra a mão de Kishan, removeu a agulha e cobriu a pele com um curativo.

– Ren?

Kishan e Ren trocaram de lugar, e o Sr. Kadam recomeçou o processo com Ren.

– Existem alguns sensores internos que são colocados em animais marinhos para medir os batimentos cardíacos, a temperatura da água, a temperatura do corpo e a profundidade do animal. Muitos deles transmitem as informações a satélites quando o animal vem à tona.

Ele escolheu uma seringa nova, injetou um pouco de soro, substituiu a agulha e colocou outro chip na abertura. Quando pegou a pele de Ren entre os dedos e se aproximou, eu fiz uma careta. Ren olhou para cima e me encarou. Então sorriu e disse:

– É moleza.

Ele estava tentando me passar segurança, mas a cor se esvaiu do meu rosto.

– É sério. Não é assim tão ruim.

Forcei um sorriso.

– Não acho que a sua tolerância para dor seja igual à minha, mas vou sobreviver. O que estava dizendo mesmo, Sr. Kadam?

– Ah, sim. Então, o problema com os chips RFID e os sensores por satélite é a energia. O que temos aqui tecnicamente não está no mercado e é provável que nunca vá estar, isso por causa do medo que as pessoas têm de roubo de identidade e de as agências governamentais nos monitorarem. Quase todos os avanços tecnológicos podem ser usados tanto para benefício quanto para prejuízo da humanidade. Compreendo os temores associados a esse mecanismo, mas existem muitas razões válidas para explorar tecnologias como essa. Felizmente, tenho contatos nas Forças Armadas, e eles costumam ir a lugares onde outros têm medo de pisar. Os nossos sensores podem fazer todas essas coisas e muito, muito mais, transmitindo dados o tempo todo, mesmo muito acima ou muito abaixo do nível do mar.

Ele terminou com Ren e olhou para mim. Com hesitação, afastei a cadeira para trás e troquei de lugar com Ren. Quando me sentei, o Sr. Kadam deu tapinhas na minha mão. Eu me peguei olhando fixamente para a agulha enquanto ele

tornava a substituí-la. Escolheu a mão que não estava marcada pelas tatuagens de hena de Phet e repetiu o processo de limpar e passar pomada.

– Estou aplicando um medicamento tópico que vai anestesiar um pouco a área, mas, mesmo assim, a injeção vai doer.

– Tudo bem.

Ele pôs um chip na ponta da agulha grande. Quando pegou minha pele entre os dedos, fechei os olhos e cerrei os dentes, inspirando nervosa enquanto ele procurava o lugar certo.

A mão quente de Kishan pegou a minha e ele disse, com ternura:

– Aperte com toda a força, Kells.

O Sr. Kadam inseriu a agulha devagar. Doeu. Parecia que ele estava enfiando uma das enormes agulhas de tricô da minha avó na minha pele. Apertei a mão de Kishan e comecei a respirar rápido. Passaram-se segundos que pareceram minutos. Ouvi o Sr. Kadam dizer que precisava ir um pouco mais fundo.

Não consegui engolir o gemido de dor e me contorci na cadeira enquanto ele girava a agulha e a enfiava mais. Meus ouvidos começaram a zumbir, e as vozes ao meu redor ficaram mais grossas. Eu ia desmaiar. Nunca me achei fresca, mas percebi que agulhas me deixavam enjoada. Quando estava prestes a ceder, abri os olhos e procurei Ren.

Ele me observava com preocupação. Quando nossos olhos se encontraram, ele lançou para mim o meu sorriso torto preferido, a expressão doce que só usava comigo, e, apenas por um instante, a dor desapareceu. Naquele breve instante, eu me permiti acreditar que ele ainda era meu e que me amava. Todas as outras pessoas presentes na sala desapareceram e só havia nós dois.

Tive vontade de tocar-lhe o rosto e jogar para trás seu cabelo preto sedoso ou traçar o arco de suas sobrancelhas. Fiquei olhando para aquele semblante lindo, deixando esses sentimentos tomarem conta de mim, e, naquele momento fugidio, senti o resquício de nossa conexão emocional.

Foi só um lampejo, como um perfume percebido na brisa que passa soprando rápido demais, trazendo consigo a lembrança de algo que não se consegue apreender muito bem. Eu não tinha certeza se era um truque da luz, um bruxulear de algo real ou de algo criado por mim, mas prendeu minha atenção. Todo o meu ser estava concentrado em Ren, de modo que, quando o Sr. Kadam tirou a agulha e a substituiu por um chumaço de algodão, eu percebi que tinha

largado completamente a mão de Kishan.

O som de vozes me fez recobrar a consciência. Fiz que sim com a cabeça em resposta à pergunta de Kishan e voltei a olhar da minha mão para Ren, mas ele havia saído da sala. O Sr. Kadam pediu a Kishan que o ajudasse a colocar o próprio sensor e começou a explicar a diferença entre a nossa tecnologia e as outras que ele tinha descrito.

Eu escutava apenas parte do que dizia, mas ouvi quando ele falou que poderíamos acessar os sensores uns dos outros com celulares novos, que distribuiu logo em seguida. Explicou como a fonte de energia funcionava. Permaneci lá sentada, assentindo de vez em quando, mas só despertei do transe quando Kishan se levantou, vários minutos depois. O Sr. Kadam me ofereceu aspirina e água. Tomei os comprimidos e fui para o quarto.

Inquieta e incomodada, deitei-me por cima das cobertas e não consegui pregar os olhos. Minha mão estava dolorida, e dormir com ela sob a bochecha estava fora de cogitação.

Ouvi uma batida de leve à porta.

– Pode entrar.

– Ouvi você rolar de um lado para outro e imaginei que ainda estivesse acordada – disse Ren, fechando a porta atrás de si. – Espero não estar incomodando.

Eu me sentei na cama e acendi o abajur.

– Não. Tudo bem. O que aconteceu? Quer ir para a varanda?

– Não. Kishan parece ter se instalado lá permanentemente.

– Ah. – Olhei pela janela e vi uma cauda negra caindo pela beirada do banco, balançando preguiçosa. – Vou falar com ele sobre isso. Ele não precisa ficar cuidando de mim feito uma babá. Estou perfeitamente segura aqui.

Ren deu de ombros.

– Ele gosta de tomar conta de você.

– Então, sobre o que você queria conversar?

Ele se sentou na beirada da minha cama.

– Eu... não sei direito. Como está a sua mão?

– Está ardendo. E a sua?

– A minha já sarou.

Ele ergueu a mão e eu a peguei, para examinar. Nem dava para ver que havia algo sob a pele. Por um instante, Ren entrelaçou nossos dedos. Eu corei e ele passou as costas da mão de leve na minha bochecha quente, o que fez minha pele arder ainda mais.

– Você está vermelha.

– Eu sei. Desculpe.

– Não peça desculpa. Isso me deixa bastante... lisonjeado.

Permaneci imóvel e observei a expressão dele enquanto se concentrava no meu rosto. Ele ergueu a mão e tocou uma mecha do meu cabelo. Passou os dedos pelo comprimento dos fios. Prendi a respiração e ele também, mas por um motivo diferente. Uma gota de suor escorreu-lhe pela testa quando recuou.

– Está tudo bem?

Ren fechou os olhos e respirou fundo.

– Fica pior quando eu toco em você.

– Então, não toque.

– Eu preciso superar isso. Me dê a sua mão.

Coloquei minha mão direita na de Ren, e ele a cobriu com a esquerda. Em seguida fechou os olhos e segurou minha mão por um minuto inteiro. Senti um leve tremor em seu braço. Finalmente, ele me soltou.

– Já está na hora de você se transformar em tigre?

– Não, ainda tenho tempo. Agora consigo permanecer na forma humana por 12 horas.

– Mas por que está tremendo?

– Não sei. Parece que tem alguma coisa me queimando quando encosto em você. Meu estômago se encolhe, vejo tudo embaçado e a cabeça começa a latejar.

– Tente se sentar ali – sugeri, apontando para o sofá.

Teimoso, ele se sentou no chão com as costas apoiadas na cama e ergueu um dos joelhos para escorar o cotovelo.

– Está melhor assim? – perguntei.

– Está. A queimação se foi, mas a visão embaçada, a dor de cabeça e a sensação ruim no estômago continuam.

– Você sente dor quando está em alguma outra parte da casa?

– Não. Só tocar em você provoca essa dor lancinante. Vê-la ou ouvi-la causa os

outros sintomas, em graus variados. Se você estiver sentada longe, sinto só uma pontada. É apenas desconfortável e eu tenho que lutar contra a vontade de sair de perto. Pegar a sua mão ou tocar o seu rosto é como segurar carvões em brasa.

– Logo que você voltou e nós conversamos, você pôs o meu pé no seu colo. Aquilo não doeu?

– O seu pé estava sobre uma almofada. Só encostei nele durante alguns segundos, e eu estava sentindo tanta dor naqueles dias que nem fez diferença.

– Vamos testar. Fique ali perto da porta do banheiro, e eu vou para o outro lado do quarto.

Ele foi até lá.

– E aí? O que está sentindo agora?

– Sinto que preciso sair daqui. O desconforto diminuiu, mas quanto mais tempo eu permanecer, pior vai ficar.

– A necessidade de fugir é uma sensação muito terrível? É como se você precisasse correr para salvar a vida?

– Não. É um desespero que vai crescendo... como quando você prende a respiração embaixo d'água. No começo é tranquilo, talvez até um pouco gostoso, mas logo parece que meus pulmões estão gritando por ar.

– Hum, talvez você esteja com transtorno de estresse pós-traumático.

– O que é isso?

– É um problema que aparece depois que uma pessoa foi exposta a um trauma terrível e a altos níveis de estresse. Soldados em combate costumam ter isso. Lembra que você disse a Kishan que, quando escutava o meu nome, só enxergava as torturas e os interrogatórios de Lokesh?

– Lembro. Ainda tem um pouco disso, eu acho. Mas agora que conheço você melhor já não a associo tanto a ele. Agora sou capaz de distanciar essas coisas de você. O que aconteceu não foi por sua causa.

– Parte dos seus sintomas em relação a mim ainda pode estar ligada a isso. Talvez você precise de terapia.

Ren deu uma risadinha.

– Kelsey, em primeiro lugar, um terapeuta iria me mandar para um hospício quando eu afirmasse que sou um tigre. Em segundo, batalhas sangrentas e dor não são novidade para mim. Não foi a primeira vez que Lokesh me torturou. Com certeza foi uma experiência pela qual eu não gostaria de passar outra vez,

mas sei que a culpa não é sua.

– Mas pedir ajuda de vez em quando não o torna menos homem.

– Não estou tentando ser forte e heroico. Se faz você se sentir melhor, saiba que já comecei a conversar com Kishan sobre isso.

Fiquei pasma.

– Ele tem ajudado?

– Kishan parece... surpreendentemente solidário. Ele é um homem diferente agora. Disse que mudou por sua causa. Você o influenciou. Despertou um lado nele que eu não via desde a morte da nossa mãe.

Concordei com a cabeça.

– Ele é uma boa pessoa.

– Conversamos sobre muitas coisas. Não só sobre Lokesh, mas também sobre o nosso passado. Ele me falou de Yesubai e de como vocês dois se tornaram próximos.

– Ah. – Durante um momento de pânico, imaginei se Kishan teria compartilhado outras coisas com Ren, como *seus sentimentos*. Eu não estava muito a fim de aprofundar essa questão, por isso mudei de assunto. – Não quero que você sinta dor nem que sofra quando está comigo. Talvez seja melhor evitar ficar perto de mim.

– Não quero isso. Eu gosto de você.

– *Gosta?*

Não pude deixar de sorrir.

– Gosto. Acho que foi por isso que namorei você – disse Ren, sem expressar emoção. Ele escorregou para o chão e apoiou as costas na porta do banheiro. – Vamos ver quanto tempo eu aguento. Chegue mais perto.

Dei alguns passos para a frente.

– Não. Mais perto – disse ele com um gesto. – Sente-se na cama.

Eu me acomodei na cama e fiquei observando seu rosto em busca de sinais de dor.

– Você está bem?

– Estou.

Ele esticou as pernas compridas e as cruzou na altura dos tornozelos.

– Fale sobre o nosso primeiro encontro.

– Tem certeza?

– Tenho. Agora está tolerável.

Fui para o lado da cama mais distante dele, entrei embaixo das cobertas e coloquei um travesseiro no colo.

– Certo. O nosso primeiro encontro provavelmente foi aquele em que você armou para que eu saísse com você.

– Quando foi isso?

– Logo depois de sairmos de Kishkindha. Naquele restaurante do hotel.

– No restaurante? Foi logo depois de eu ter recuperado seis horas?

– Foi. Do que você se lembra?

– De nada, a não ser de ter jantado pela primeira vez depois de séculos em um bom restaurante com uma mesa cheia de comida. Eu me senti... feliz.

– É capaz de você ter se sentido feliz mesmo. Estava todo convencido e paquerou a garçonete descaradamente.

– Sério? – Ele coçou o queixo. – Nem me lembro da garçonete.

Dei uma risada debochada.

– Como é que você sempre sabe a coisa certa a dizer até quando não consegue se lembrar de nada?

Ele sorriu.

– Deve ser um dom. Então, sobre a garçonete... ela era bonita? Conte mais.

Fiz um relato do nosso encontro e de como brigamos por causa do jantar. Falei que ele tinha encomendado um banquete e enganado o Sr. Kadam para que me levasse lá. Descrevi como estava bonito, nossa discussão e contei que eu tinha pisado no seu pé quando ele piscou para a garçonete.

– O que aconteceu depois do jantar?

– Você me levou até o meu quarto.

– E?

– E... nada.

– Eu nem lhe dei um beijo de boa-noite?

– Não.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Isso não combina comigo.

Tive que rir.

– Não é que você não quisesse. Estava me castigando.

– Castigando você?

– De certa maneira. Você queria que eu admitisse meus sentimentos.

– E você não admitiu?

– Não. Sou bem teimosa.

– Entendi. Então quer dizer que a garçonete me paquerou...

– Se não parar de sorrir só de pensar na garçonete, eu vou dar um soco no seu braço e fazer você sentir dor de verdade.

Ele deu risada.

– Você não faria isso.

– Faria.

– Sou tão rápido que você não conseguiria nem chegar perto.

– Quer apostar?

Engatinhei por cima da cama enquanto ele me observava com expressão divertida. Eu me inclinei para o lado, fechei a mão boa e desferi um golpe, mas ele desviou rápido, se levantou e agora estava ao pé da cama. Eu saí da cama e caminhei até a lateral, tentando encurralá-lo. Ele riu baixinho e fez um gesto para eu me aproximar. Fui me movendo em sua direção devagar, como quem vai dar o bote.

Ele ficou parado, com um sorriso cheio de confiança, e permitiu que eu me aproximasse. Quando eu estava a cinco passos de distância, o sorriso dele sumiu. A três passos, ele fez uma careta. A um passo, ele gemeu e cambaleou. Afastou-se vários passos e se agarrou às costas da poltrona para se segurar enquanto respirava fundo algumas vezes.

– Acho que isto é o máximo que aguento por hoje. Sinto muito, Kelsey.

Recuei e disse baixinho:

– Eu também sinto muito.

Ele abriu a porta e me lançou um sorriso fraco.

– Acho que foi pior desta vez porque passei muito tempo segurando a sua mão. A dor aumentou depressa demais. Normalmente ficar perto de você não me afeta tanto assim.

Fiz que sim com a cabeça, e ele sorriu.

– Da próxima vez, vou me lembrar de só tocar em você no fim da noite. Durma bem.

– Você também.

Alguns dias depois, retomamos nossa aventura da maldição do tigre. Partiríamos para visitar o xamã Phet, que finalmente tinha respondido ao mensageiro do Sr. Kadam e informado que queria ver "os Tigres, Quel-si e os presentes especiais de Durga". Ele foi bem específico ao dizer que apenas nós três deveríamos fazer a viagem.

Embora eu não tivesse verbalizado meu pensamento, fiquei torcendo para que Phet, com seus modos incomuns e místicos e suas poções de ervas, pudesse reverter a perda de memória de Ren.

Apesar de Ren e eu estarmos em situação bem melhor e os dois irmãos parecerem estar se dando bem desde a última vez que tínhamos pegado a estrada, eu ainda me sentia um pouco incomodada de ficar confinada num espaço pequeno com dois tigres esquentadinhos. *Bom, se eles se comportarem mal, é só atingi-los com um pequeno raio. Assim vão aprender a não brigar quando eu estiver por perto*, pensei com um sorriso e saí ao sol da manhã.

Os homens estavam parados perto do Jeep recém-lavado e abastecido quando eu saí pela porta. O Sr. Kadam colocou no banco de trás a mochila com as armas, piscou para mim e me deu um abraço. Joguei lá dentro uma bolsa com a colcha de minha avó, que até agora parecia estar nos dando sorte.

Todos usávamos botas de caminhada e calças cargo confortáveis, que Ren tinha feito com o Lenço Divino. Ele pesquisara modelos na internet e pedira que o Lenço criasse as peças em várias cores. Afirmara que o tecido da minha camiseta verde-maçã iria me proteger dos raios ultravioleta e ao mesmo tempo deixar o corpo respirar. Fui obrigada a admitir que a camiseta era confortável e, para mostrar a ele quanto eu tinha gostado, prendi o cabelo em duas tranças compridas e amarrei as pontas com uma fita verde-maçã.

Kishan estava com uma camiseta vermelho-tijolo do mesmo tecido, mas tinha bolsos na costura lateral, e Ren usava uma camiseta sem costura azul-celeste que se ajustava ao seu corpo musculoso. Ele ainda estava magro, mas tinha começado a recuperar o peso nas semanas desde que voltara para casa, e suas sessões diárias de exercícios com Kishan estavam mostrando resultados. Obviamente, não demorou muito para os músculos dele se fazerem notar.

– Você consegue respirar com esta camiseta, Ren? – provoquei. – Podia ter escolhido um tamanho maior.

– A camiseta é justa para não atrapalhar os movimentos – respondeu ele.

Meu deboche deu lugar a risadinhas. Depois, incentivada por Kishan, a risada se transformou em acessos de gargalhada.

– Está achando que tem alguma garçonete bonitinha na selva, Ren? Não há motivo para você exibir os seus músculos.

Sem parar de rir, Kishan ocupou o assento do motorista.

Quando peguei na maçaneta da porta, Ren se inclinou e sussurrou no meu ouvido:

– Caso você não tenha notado, a sua camiseta também é bem apertada, Kelsey.

Fiquei boquiaberta.

– E pronto – disse ele.

Dei-lhe um soco no braço e sibilei:

– *Pronto* o quê?

Ele se encolheu e esfregou o braço, mas sorriu.

– Seu lindo rosto corado.

Ele entrou no carro e empurrou Kishan de brincadeira para também poder escutar as instruções que o Sr. Kadam estava dando, junto com a recomendação para que Kishan dirigisse com cuidado e não batesse o Jeep.

Sentei-me no banco de trás e afivelei o cinto, determinada a ignorar as briguinhas dos irmãos. Eles tentaram me incluir na conversa, mas eu não estava prestando atenção; em vez disso, enfiei o nariz em um livro.

Foram tagarelando a viagem toda, e fiquei fascinada com o tom deles. Nunca tinha ouvido os dois conversarem com tanta... *civilidade*. Ren falou a Kishan sobre a primeira vez que tínhamos visitado Phet e, gentilmente, pediu que eu preenchesse as lacunas. Ele se lembrou de boa parte. Só que, de algum modo, esqueceu tudo que se referia a mim.

Falei do amuleto no meu pescoço, da tatuagem de hena que Phet fez na minha mão e de como nós percebemos que ela me dava o poder de acessar cidades míticas. Ren não se lembrava de nada disso e não fazia ideia de como conseguira entrar nos lugares se eu não estava em cena. Simplesmente deu branco nele.

Quando chegamos ao Santuário de Yawal, Ren já estava desesperado para descer do carro e ficar longe de mim. Ele saiu e se pôs a caminhar pelo meio das árvores.

Kishan ficou observando-o se afastar e estendeu a mão para trás, pegando a

mochila grande com as armas. Jogou-a nos ombros antes de trancar o Jeep e perguntou:

– Vamos?

– Vamos. – Suspirei. – Ele já está bem adiantado, não está?

– Está. Mas não muito longe. Vai ser fácil seguir a trilha dele.

Caminhamos em silêncio por alguns minutos. Árvores de teca se elevavam sobre nós, e isso era bom, pois forneciam sombra para o sol quente.

– Vamos caminhar até o lago Suki, depois almoçar e descansar durante a parte mais quente do dia – explicou Kishan.

– Beleza.

Fiquei escutando o barulho dos meus passos enquanto caminhava por cima das folhas que forravam o chão da floresta. Kishan era uma presença silenciosa e firme a meu lado.

– Sinto falta disso – disse ele.

– De quê?

– De caminhar pela selva com você. Passa tranquilidade.

– Isso quando não estamos fugindo de alguma coisa.

– É gostoso. Sinto falta de ficar sozinho com você.

– Detesto lhe dar esta notícia, mas nós não estamos sozinhos.

– Não. Sei disso. Mesmo assim, é o mais "sozinho" que estive com você em semanas. – Ele pigarreou. – Eu ouvi vocês na outra noite, quando Ren foi ao seu quarto.

– Ah. Então você sabe que ele se sente mal perto de mim. Não pode me tocar.

– Sinto muito. Sei que isso dói em você.

– Acho que dói mais nele.

– Não. A dor dele é apenas física. A sua é emocional. É difícil superar esse tipo de coisa. Eu só queria que você soubesse que estou aqui, se precisar.

– Eu sei que está.

Kishan pegou minha mão. Olhei em seus olhos dourados e perguntei:

– Por que isso?

– Eu queria segurar a sua mão. Nem todo mundo se encolhe de dor quando toca em você, sabia?

– Obrigada.

Ele sorriu e deu um beijo nas costas da minha mão. Caminhamos mais umas

duas horas em silêncio, de mãos dadas o tempo todo. Refleti mais uma vez sobre as diferenças entre os irmãos. Ren estava sempre falando ou escrevendo. Ele gostava de pensar em voz alta. Dizia que não poder se comunicar era a coisa mais frustrante de estar na forma de tigre.

No Oregon, ele costumava me bombardear com perguntas todo dia de manhã. Respondia questões que eu já tinha até esquecido e falava sobre coisas em que passara a tarde toda pensando como tigre e não pudera me dizer.

Kishan era o oposto. Ele era calado, silencioso. Gostava de simplesmente *ser*, *sentir*, *experimentar* as coisas ao seu redor. Quando bebeu vaca-preta, ele se deleitou com a experiência e dedicou cem por cento de sua atenção a ela. Ele absorvia o ambiente e se contentava em ficar na dele.

Eu me sentia à vontade com os dois. Conseguia apreciar mais o silêncio e a natureza com Kishan. Mas, quando Ren estava perto, eu ficava tão ocupada conversando com ele e, *confesso*, olhando fixamente para ele que todo o resto perdia importância.

Quando já podíamos avistar o lago Suki, vimos Ren em pé à beira d'água, jogando pedrinhas na superfície. Ele se virou para nós com um sorriso e nos flagrou de mãos dadas. O sorriso falhou por um instante, mas ele logo brincou comigo e voltou a sorrir.

– Já estava na hora de vocês me alcançarem. São mais lerdos do que tartarugas. Estou morrendo de fome. O que temos para o almoço?

Tirei a mochila das costas. Minha camiseta estava colada à pele. Eu a soltei e me agachei para abrir o zíper da bolsa.

– O que você vai querer?

Ren se agachou ao meu lado.

– Qualquer coisa. Surpreenda-me.

– Achei que você não gostasse da minha comida.

– Que nada! Eu gosto, sim. Só não gostei de vocês todos ficarem olhando para mim enquanto eu comia, achando que cada mordida iria despertar uma lembrança. Aliás, um daqueles biscoitos de chocolate e manteiga de amendoim cairia muito bem.

– Certo. E você, Kishan?

Protegi as vistas do sol e olhei para ele. Estava observando Ren.

– Faça para mim a mesma coisa que fizer para ele.

Os irmãos se afastaram para jogar pedrinhas no lago e pude ouvir as risadas enquanto competiam entre si. Pedi ao Fruto Dourado que criasse uma cesta de piquenique para nós, repleta de limonada; pãezinhos quentes com manteiga e uma boa variedade de geleias; salada fria de macarrão com azeitona, tomate, cenoura e molho vinagrete com limão; uma caixa gigantesca de frango picante à havaiana; e meus biscoitos de chocolate e manteiga de amendoim.

Usei o Lenço Divino para criar uma toalha de mesa xadrez branca e vermelha e a estendi embaixo de uma árvore. Nosso piquenique estava pronto.

– O almoço está servido! – gritei.

Os irmãos não perderam tempo. Kishan pegou logo o frango e Ren, os biscoitos. Dei tapas nas mãos dos dois e entreguei a cada um deles um lencinho antibacteriano.

Kishan resmungou:

– Kells, eu passei 300 anos comendo alimentos crus, no chão. Realmente não acho que um pouquinho de sujeira vá me matar.

– Talvez não, mas mãos limpas fazem com que eu me sinta melhor.

Entreguei-lhes a caixa gigantesca de frango e peguei um pãozinho da cesta, passei manteiga e espalhei geleia por cima. Recostei-me numa árvore e fiquei observando o sol salpicado entre as folhas enquanto saboreava meu lanche devagar.

– Ainda falta muito até a casa de Phet? Ren e eu levamos mais ou menos um dia para chegar lá a pé da última vez.

– Vamos ter que dormir na selva hoje à noite – respondeu Kishan. – Estamos do outro lado do lago Suki.

– Ah. Ei! Deixem um pouco de frango para mim! – exclamei quando vi a caixa se esvaziando com rapidez. – Como é que vocês conseguem devorar tanta comida em tão pouco tempo?

– Quem manda ficar aí olhando para o nada! – disse Ren.

– Eu não estava olhando para o nada. Estava apreciando o ambiente.

– Percebi. Isso também me deu uma boa oportunidade de "apreciar o ambiente" – retrucou ele com um sorriso sarcástico, me provocando.

Dei-lhe um chute no pé.

– Deviam ter deixado pelo menos *alguma coisa* para mim.

Ren sorriu e me entregou uma das últimas coxas.

– O que você esperava? Dois ou três franguinhos minúsculos para alimentar dois tigres famintos? Precisamos de algo pelo menos do tamanho de... o que você diria, Kishan?

– Do tamanho de um búfalo pequeno.

– Um búfalo pequeno seria bom, ou quem sabe uma ou duas cabras. Você já comeu um cavalo? – perguntou Ren.

– Ah, não. É fibroso demais.

– E que tal um chacal?

– Não. Mas já matei vários. Eles gostavam de ficar esperando até eu dar conta da minha presa.

– Javali?

– Pelo menos um por mês.

– E que tal um... tudo bem com você, Kelsey?

– Será que podemos mudar de assunto? – A coxa de frango estava quase caindo da minha mão. Fiquei olhando para ela e imaginei o animal a que um dia pertenceu. – Acho que não vou mais conseguir comer isto aqui. Aliás, chega de falar de caçadas enquanto estamos comendo. Já foi bem ruim eu ter que ver vocês dois em ação.

Ren mastigou e brincou:

– Pensando bem, você tem o tamanho ideal de um petisco. Não acha, Kishan?

Kishan me examinou com um brilho gozador nos olhos.

– Sempre achei que seria divertido caçar a Kelsey.

Olhei com raiva para Kishan. Ele mordeu um pãozinho e deu uma piscadela.

Ren dobrou os joelhos até o peito e deu risada.

– O que me diz, Kelsey? Quer brincar de esconde-esconde com os tigres?

– Acho que não – respondi com desdém enquanto limpava os dedos com outro lencinho.

– Ah, vamos lá. A gente dá vantagem para você.

Eu me recostei no tronco da árvore.

– Mas a questão é: o que vocês fariam quando me pegassem?

Kishan passou manteiga em outro pãozinho enquanto tentava esconder um sorriso.

Ren se apoiou nos cotovelos e deixou a cabeça cair de lado, como se realmente estivesse refletindo sobre a questão.

– Acho que a decisão caberia ao tigre que pegasse você. Não acha, Kishan?

– Ela não vai correr – disse ele.

– Acha que não?

– Acho. – Kishan se levantou e sugeriu que caminhássemos mais uma ou duas horas e então montássemos acampamento para passar a noite. Ele se agachou ao meu lado e pegou no meu ombro. – Está bem quente agora. Avise quando ficar cansada – disse, saindo pela selva para encontrar a trilha.

– Kishan tem razão. Eu não vou correr – afirmei enquanto bebia minha limonada.

Ren suspirou.

– Que pena. Na maioria das vezes, a diversão está na caçada, mas desconfio que, no seu caso, a captura seria igualmente interessante.

Ele roçou na minha bochecha com o dedo indicador.

– Fiz você ficar vermelha de novo.

– Deve ser por causa do sol – retruquei, fuzilando-o com os olhos.

Ele se levantou e ofereceu a mão para me puxar. Assim que me pus de pé, soltei-a imediatamente.

Ren pegou a caixa de biscoitos e disse baixinho:

– Não é o sol.

Ele pôs minha mochila nos ombros e saiu atrás de Kishan. Sem nada para carregar, instruí mentalmente o Fruto Dourado e o Lenço Divino para fazerem com que os restos de nosso piquenique desaparecessem e saí apressada atrás de Ren.

Caminhamos mais duas horas até eu não aguentar mais. Ren se apoiou em uma árvore a alguns metros de distância e Kishan usou o Lenço para criar uma barraquinha.

– Aí não vão caber dois tigres, Kishan.

– Não precisamos dormir ao seu lado, Kells. Está calor. Só iríamos deixá-la desconfortável.

– Eu não me incomodo, de verdade.

Kishan molhou um pano e passou no meu rosto.

– Que gostoso – falei, agradecida.

– Você está quente demais. Não devia ter caminhado tanto em um dia só. A culpa é minha.

– Vou ficar bem. Quem sabe não faço um banho de leite mágico com o Fruto Dourado, hein? – sugeri, rindo.

Kishan pensou sobre o assunto e sorriu.

– Uma tigela gigante de leite com você dentro pode ser um pouco demais para nós, gatos, resistirmos.

Eu sorri, mas estava cansada demais para revidar.

– Você precisa relaxar, Kelsey. Tire um cochilo.

– Certo.

Entrei na barraca para limpar os braços e a nuca com o pano úmido. Estava tão abafado ali dentro que logo saí. Os dois tigres, um branco e um preto, descansavam à sombra de uma árvore próxima. Ouvi o gorgolejar suave de um riacho. O calor estava me deixando sonolenta.

Resolvi me sentar entre os tigres, com as costas apoiadas na árvore. Depois que minha cabeça caiu pela terceira vez, descansei-a nas costas macias de Kishan e caí no sono.

A pelagem fez cócegas no meu nariz. Balbuciei alguma coisa e virei a cabeça. Ouvi o pio de um pássaro, pisquei para abrir os olhos e vi Kishan sentado com as costas apoiadas na árvore, olhando para mim em silêncio. Estava descalço, usando as roupas pretas que apareciam toda vez que ele se transformava de tigre em humano.

– Kishan?

Ergui a cabeça, confusa, ciente de que tinha caído no sono em cima do pelo macio e escuro dele. Minha mão estava pressionada contra o ombro branco de Ren.

– Ren? – Rapidamente me encolhi para perto de Kishan, que envolveu meus ombros com um dos braços. – Ren? Desculpe! Machuquei você?

Observei enquanto o corpo de tigre de Ren se metamorfoseou na forma humana, ficando agachado. O sol de fim de tarde refletia na camisa branca dele enquanto me analisava, pensativo.

– Não me machucou, não.

– Tem certeza?

– Tenho. Você se mexeu enquanto dormia. Não queimou nem me causou dor nenhuma.

– Por quanto tempo?

– Um pouco mais do que duas horas.

– Você não sentiu necessidade de fugir? De se afastar de mim?

– Não. Foi... gostoso. Talvez eu deva ficar mais como tigre perto de você.

Ele sorriu, voltou à forma de tigre, andou até onde eu estava e enfiou o focinho no meu rosto. Dei risada e, meio sem jeito, toquei atrás da orelha dele e a cocei. Ouvi um ronco em seu peito, e ele caiu no chão ao meu lado, virando o pescoço para que eu alcançasse a outra orelha.

Kishan limpou a garganta, ficou em pé e se alongou.

– Como vocês dois estão... retomando o relacionamento, vou esticar as pernas um pouco, quem sabe ficar um pouco de tocaia só por diversão.

Eu me levantei e encostei a palma da mão na bochecha dele.

– Não vá cair numa armadilha.

Kishan ergueu a mão, colocou-a por cima da minha e sorriu.

– Vou ficar bem. Volto daqui a uma ou duas horas, mais ou menos quando o sol se pôr. Você pode tentar me rastrear com os celulares novos se quiser.

Kishan se transformou no tigre negro. Fiz carinho na cabeça dele um pouco, antes que corresse para dentro da selva.

Eu me acomodei ao lado de Ren com o celular rastreador. Demorei quase uma hora para entender como funcionava. A tela parecia um mapa do Google. Eu era o ponto marcado com *Ke*. Ren era *R*. Kishan era a bolinha *Ki*, e dava para ver o sinal dele se movendo pela tela. Ele estava a cerca de três quilômetros de distância, movendo-se com rapidez para o leste.

Ampliei o mapa e descobri como obter mais detalhes da localização do Sr. Kadam e de Nilima. Se eu clicasse no ponto de um deles, uma janelinha se abriria para mostrar a latitude e a longitude exatas, assim como os sinais vitais deles. *Que aparelhinho legal!*

Acariciei a pelagem de Ren distraída e expliquei-lhe como tudo funcionava. As orelhas dele se agitavam para a frente e para trás, em sinal de atenção. Então de súbito ele se levantou de um salto e ficou olhando fixamente para a selva que ia escurecendo.

– O quê? O que foi?

Ren se transformou em homem.

– Entre na barraca e feche o zíper.

– Não tem zíper. O Lenço não consegue fazer isso. O que tem aí?

– Uma serpente. Espero que siga seu caminho e nos deixe em paz.

Entrei na barraca e ele retomou a forma de tigre.

Ren ficou andando de um lado para outro na frente da barraca, esperando. Dei uma olhada e vi uma cobra gigantesca, preta e verde-oliva, vindo da selva, deslizando. A cabeça era desproporcionalmente maior do que o corpo. Quando ela viu Ren, parou para sentir o ar. Ren rosnou baixinho, e a cabeça da cobra disparou para o alto, mostrando a pele amarelo-clara da barriga. Quando seu pescoço se dilatou e ela sibilou um sinal de alerta, percebi que estava olhando para uma cobra-real, praticamente uma prima das najas.

Ren não se mexeu. Era provável que a serpente seguisse seu caminho se ficássemos imóveis. Ela baixou a cabeça devagar e deslizou mais alguns centímetros para a frente, mas então vi Ren sacudir a cabeça, logo antes de um enorme espirro de tigre tomar conta de seu corpo. A cobra voltou a erguer a parte superior do corpo e disparou jatos duplos de veneno das presas, a uns três metros de distância. O jorro não atingiu os olhos de Ren, por sorte, ou certamente o teria deixado cego. Ela chegou um pouco mais perto e tentou de novo.

– Ren! Afaste-se! Ela está mirando os seus olhos!

Alguma coisa se mexeu na minha mochila. Era outra cobra! Uma cabeça dourada saiu da pequena abertura da bolsa e disparou para fora da barraca.

Fanindra?

Ren recuou e eu soltei alguns nós da barraca para que ele pudesse entrar. Ficamos observando de lá de dentro.

Fanindra traçou seu caminho até a cobra-real, ergueu a cabeça e dilatou o pescoço. Seus olhos brilhantes de esmeralda reluziram, apesar do sol já fraco. A cobra-real balançou para a frente e para trás, sentindo o ar, então baixou a cabeça por baixo da de Fanindra. Fanindra foi baixando a cabeça vagarosamente, de forma que a outra cobra também baixasse a sua, e então esta passou a cabeça pelo corpo de Fanindra, virou-se e deslizou com rapidez para dentro da selva. Fanindra voltou para a barraca, enroscou o corpo numa espiral,

aconchegou a cabeça e se tornou inanimada.

Ren se transformou em homem.

– Tivemos sorte. Era uma cobra nervosa, cheia de atitude.

– Fanindra a acalmou bem depressa.

A barraca tinha ficado escura. Os olhos azuis de Ren e seu sorriso brilhavam ao lusco-fusco. Senti um leve toque no queixo.

– Mulheres bonitas têm esse efeito sobre os homens.

Ele voltou à forma de tigre branco e se sentou aos meus pés.

Kishan logo retornou e emitiu um som estranho com a garganta ao entrar no acampamento. Depois de passar de tigre para homem, enfiou a cabeça na barraca.

– Por que vocês estão escondidos?

Saí da barraca e lhe falei da cobra.

– O que foi esse barulho que você acabou de fazer? – perguntei quando comecei a preparar o jantar.

Ren se transformou em homem e se sentou à minha frente. Entreguei-lhe um prato enquanto ele respondia por Kishan.

– É um cumprimento de tigre.

Fiquei surpresa e olhei para Ren.

– Você nunca fez isso.

Ele deu de ombros.

– Acho que nunca quis fazer.

Kishan resmungou.

– Então é isso? – Ele cutucou Ren com o cotovelo. – Acho que agora sei o que todas aquelas tigresas estavam dizendo. Onde aprendeu isso?

– No zoológico.

– Sei.

Ren sorriu.

– Então... você e as tigresas, hein? Quer compartilhar alguma coisa com a gente, Kishan?

Kishan enfiou uma garfada de comida na boca e falou mastigando:

– Que tal eu compartilhar o meu punho com a sua cara?

– Nossa. Que sensível. Tenho certeza de que todas as suas amigas tigresas eram muito charmosas. Então, eu sou tio?

Kishan resmungou alto e pousou o prato. De repente se transformou no tigre negro e rugiu.

– Ei, já chega – ameacei. – E você, Ren, quer que eu compartilhe com Kishan a sua história sobre a tentativa de reprodução com uma tigresa branca?

Ren ficou pálido.

– Você sabe disso?

Dei um sorriso debochado.

– Sei.

Kishan voltou a ser humano, pegou o prato e sorriu.

– Por favor, continue, Kells. Fale mais sobre isso.

– Certo. – Suspirei. – Vamos pôr tudo na mesa. Kishan, você já se envolveu em alguma... atividade promíscua com tigresas?

– O que você *acha*?

– Apenas responda à pergunta.

– Claro que não!

– Foi o que pensei. Ren, já sei que também não rolou com você, apesar de o zoológico ter tentado muito fazer com que você procriasse. Agora, chega de piada e de briga sobre esse assunto, ou vou dar um choque de raio em vocês. Será que não conseguem se comportar sem uma coleira? – Eu sorri. – Aliás... de repente seria bom investir em coleiras de choque para vocês dois. Não, melhor não. Seria tentador *demais* para mim.

Os dois deram uma gargalhada de desdém, mas logo se acalmaram e comeram uns cinco pratos de comida cada um.

Depois que jantamos, Kishan acendeu uma fogueira para afastar os animais e eu contei a história do leão e do rato, mas substituí os personagens por um tigre e um porco-espinho. Isso levou a uma conversa sobre caça e às melhores histórias de matança dos irmãos, durante as quais eu fiquei me contorcendo e tentando ignorá-los.

Enquanto assistíamos ao pôr do sol, Kishan me abraçou e descreveu as mudanças que percebia na selva quando o dia se transformava em noite. Era fascinante – e também assustador – saber quantas criaturas começavam a se mover entre as árvores ao anoitecer.

Mais tarde, naquela noite abafada, entrei na minha barraquinha e me deitei em cima da colcha, enrolando bem o cobertor mais leve ao meu redor, feito uma

múmia.

Ren enfiou a cabeça lá dentro para ver se eu estava bem e deu risada.

– Você sempre faz isso?

– Só quando acampo.

– Você sabe que os insetos podem entrar assim mesmo.

– Não diga isso. Gosto de viver na ignorância.

Ouvi a risada suave dele enquanto amarrava o cordão da barraca para mim.

Depois de eu passar horas insone, rolando de um lado para outro, Kishan apareceu à porta da barraca.

– Não consegue dormir?

Eu me apoiei no cotovelo.

– Eu gostaria muito de ter um tigre ao meu lado. Isso me ajuda a dormir na selva.

Kishan suspirou. Seus olhos dourados brilharam ao luar.

– Certo. Chegue mais para lá.

Eu me ajeitei bem feliz e abri lugar para Kishan. Ele se transformou em tigre negro e apertou o corpo contra minhas costas. Eu tinha acabado de sossegar quando senti um focinho molhado na bochecha. Ren espremera seu corpo gigantesco no espaço minúsculo e se deitou... meio em cima de mim.

– *Ren!* Não consigo respirar. E o meu braço está preso embaixo de você.

Ele rolou e lambeu o meu ombro. Empurrei o corpo pesado dele e virei para o outro lado.

Exasperada, eu disse:

– Lenço Divino, será que pode fazer com que a barraca seja grande o suficiente para nós todos, por favor?

Senti a barraca sacudir de leve e ouvi o sussurro dos fios que se transformavam. Um pouco depois, eu estava acomodada com conforto entre meus dois tigres. Rolei para um lado, beijei Kishan no alto da cabeça e acariciei o pescoço dele.

– Boa noite, Kishan.

Então rolei para o outro lado e fiquei cara a cara com meu tigre branco de olhos azuis. Fiz um carinho na cabeça dele e dei boa-noite antes de fechar os olhos. Logo senti pelos fazendo cócegas no meu nariz. A cabeça de Ren pressionava o meu rosto. Eu sabia o que ele queria.

– Tudo bem. – Beijei a cabeça dele também. – Boa noite, Ren. Vá dormir.

Ele começou a ronronar e fechou os olhos. Também fechei os meus e sorri na escuridão.

3

Phet

Na manhã seguinte, resolvemos partir cedo. A temperatura tinha caído à noite, e a selva estava relativamente fresca e perfumada. Respirei fundo, me alonguei e inalei o cheiro forte e doce das árvores de olíbano. Depois do café da manhã, Kishan foi para o meio da selva vestir as roupas novas que tinha criado com o Lenço Divino.

Ren remexeu as cinzas negras e frias da nossa fogueira com uma vareta comprida. Fiquei a uma boa distância dele, suficiente para não incomodá-lo. Essa nova relação de amizade era meio esquisita. Eu não sabia muito bem como falar com este Ren diante de mim. Queria que ele fosse igual ao *meu* Ren. Em muitos aspectos, ele era. Mas como se pode ser a mesma pessoa com um grande pedaço da vida faltando?

Ren continuava a ser encantador e gentil. Ainda gostava das mesmas coisas, mas já não era tão seguro de si. Kishan sempre tinha sido o seguidor, e Ren, o líder, mas agora o papel deles havia se invertido. Kishan estava confiante, tinha direção. Ren fora deixado para trás, como se não houvesse mais lugar para ele neste século.

Ren parecia não saber mais quem era nem como se encaixava no mundo. Era impressionante perceber sua falta de integração com o ambiente. Ele parecia não querer mais escrever poesia. Raramente tocava violão. Só lia literatura quando incentivado pelo Sr. Kadam e por mim. Tinha perdido sua noção de eu, sua convicção.

Ao tomar decisões, Ren parecia não se importar com nada e se contentava em

fazer qualquer coisa que Kishan quisesse, ou ir a qualquer lugar que o irmão sugerisse. Visitar Phet era apenas uma atividade, não uma maneira de recuperar a memória ou romper a maldição. Ele não resistia, mas também não estava procurando resolver a situação. Reconhecer que o fato de me perder tinha feito com que ele mudasse tanto assim dava o que pensar. Eu estava preocupada com ele.

Eu me agachei na frente dele e sorri.

– Você não vai trocar de roupa também? Ainda temos mais um dia inteiro de caminhada pela frente.

Ren jogou a vareta no círculo da fogueira e ergueu os olhos para mim.

– Não.

– Está bem. Mas os seus pés descalços não vão aguentar muito tempo. A selva está cheia de pedras afiadas e espinhos.

Ele caminhou até a mochila, pegou um frasco de protetor solar e entregou-o para mim.

– Passe isto no rosto e nos braços. Você está ficando cor-de-rosa.

Obediente, comecei a esfregar o creme nos braços e fiquei surpresa quando ele disse:

– Acho que hoje vou de tigre.

– O quê? Por que faria uma coisa dessas? *Ah.* Deve ser mais confortável para os seus pés. Não o culpo. Se eu tivesse a opção, provavelmente também ficaria na forma de tigre.

– Não é por causa da caminhada.

– Não? É por quê?

Naquele momento, Kishan surgiu da selva com o cabelo penteado para trás. Ren deu um passo na minha direção, como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas a aparência de Kishan chamou minha atenção.

– Não é justo! Você tomou banho? – perguntei, só com uma pontinha de inveja na voz.

– Tem um riacho logo ali. Não se preocupe. Você vai poder tomar um bom banho quando chegarmos à casa de Phet.

Espalhei protetor solar no nariz.

– Ótimo. – Sorri só de imaginar. – Então, estou pronta. Vão na frente, vocês dois.

Voltei-me para Ren, que tinha se transformado em tigre e estava sentado, nos observando. Kishan ergueu a sobrancelha e retesou os músculos do maxilar ao olhar para o irmão.

– Tem algo errado? – indaguei a ele.

Kishan se virou para mim com um sorriso e ofereceu a mão.

– Nadinha.

Peguei na mão dele e partimos. Só havíamos caminhado um ou dois minutos quando senti o corpo peludo de Ren roçar na minha outra mão. Passou pela minha cabeça a ideia de que Ren talvez se sentisse mais à vontade como tigre, da mesma maneira que tinha acontecido com Kishan durante todos aqueles anos. Mordi o lábio, preocupada, e massageei o tufo de pelos ao redor do pescoço de Ren. Depois joguei o pensamento para o fundo da mente e comecei a falar sobre incenso de olíbano para Kishan.

Caminhamos a manhã toda e então paramos para descansar e comer. Depois de tirar um cochilo na tarde quente, caminhamos mais umas duas horas e finalmente chegamos à clareira de Phet. O xamã estava do lado de fora, cuidando do jardim. Estava de quatro no chão, arrancando ervas daninhas e conversando com as plantas enquanto tratava delas com desvelo.

Antes mesmo de eu proferir um cumprimento, ele foi gritando:

– Olá, Quel-si! Encontros felizes acontecem com você!

Kishan subiu no muro de pedra de Phet, me ergueu e me pousou com cuidado do outro lado. Ren saltou com facilidade ao nosso lado.

Eu me apressei até o jardim.

– Oi, Phet! É bom ver você também!

Phet me espiou por cima de um pé de alface e riu todo contente.

– Ah! A minha flor cresce resistente e forte.

Ele se levantou, limpou as mãos e me abraçou. Uma nuvenzinha de poeira flutuou no ar. O xamã ajustou suas vestes e as sacudiu. Torrões de terra rica e fértil caíram da parte da frente, sobre a qual ele estivera apoiado.

Phet tinha mais ou menos a minha altura, mas as costas dele eram encurvadas, provavelmente por causa da idade, por isso aparentava ser mais baixo. Dava para ver com clareza a careca que brilhava no meio do cabelo desgrenhado

grisalho, que mais parecia um ninho de passarinho. Ele olhou para as botas de caminhada de Kishan e seu olhar foi subindo devagar pela silhueta alta até que os olhos astutos pararam no rosto do irmão mais novo.

– Homem de tamanho considerável viaja a seu lado.

Ele deu um passo à frente para chegar bem pertinho de Kishan, pôs as mãos em seus ombros e ergueu a cabeça até fitar os olhos dourados dele.

Kishan suportou pacientemente o exame detalhado de Phet.

– Ah, entendo. Olhos profundos. Muitas cores aí. O pai de muitos.

Phet se virou para recolher as ferramentas de jardinagem enquanto eu fazia uma expressão de surpresa para Kishan e dizia sem emitir som:

– *Pai* de *muitos*?

Kishan mudou de posição, pouco à vontade. Seu pescoço corou quando eu o cutuquei com o cotovelo e murmurei:

– O que você acha que ele quis dizer com isso?

– Não sei, Kells. Acabo de conhecer o sujeito. Talvez ele seja louco – respondeu Kishan, nervoso, como se estivesse tentando esconder algo.

Eu pressionei:

– O quê? Como é? Espere um pouco. Você *já* é pai? Você e Yesubai por acaso...

– Não!

– Hum. Nunca o vi tão desconcertado. Tem algo aí que não quer me contar. Bom, não faz mal. Eu arranco de você mais cedo ou mais tarde.

Ele se inclinou e sussurrou no meu ouvido:

– Eu devoro bisbilhoteiras no café da manhã.

Sussurrei em resposta:

– Eu sou muito esperta. Você não vai me pegar.

Ele soltou um resmungo em resposta.

Phet cantarolou uma cantiga infantil e entrou em sua cabana assobiando.

– Venha, venha, Quel-si – anunciou Phet. – Hora da conversa.

Ren se transformou em homem e tocou no meu braço de leve, mas então deu alguns passos para trás.

– Phet não é louco – disse ele a Kishan, depois se virou para mim e sorriu. – "É melhor um tolo espirituoso do que um espirituoso tolo."

Eu sorri para ele e rebati seu Shakespeare com um provérbio africano.

– "Quando o tolo fala, o sábio escuta."

Ren fez uma mesura galante.

– Prosseguimos?

Kishan resmungou e empurrou Ren para o lado.

– Primeiro as damas. Vá na frente, Kelsey.

Kishan pôs a mão nas minhas costas e me fez entrar, sem tirá-la da minha cintura. Fiquei com a impressão de que estava tentando provar alguma coisa. Eu me virei e vi Ren sorrindo alegremente ao nos seguir e se sentar na cama.

Phet começou a remexer na cozinha para nos preparar uma refeição. Tentei lhe dizer que não era necessário, mas ele insistiu e logo colocou na mesa travessas cheias de legumes refogados temperados e bolinhos fritos de berinjela. Kishan encheu um prato para mim antes de se servir.

Levei o meu para Ren, que aceitou com um sorriso convencido e deu uma piscadela. Voltei para a mesa aos tropeços, sentindo seus olhos em mim. Ele ficou sentado na cama, me observando sem disfarçar enquanto comia sozinho.

Kishan já tinha enchido mais um prato para mim, depois de olhar de cara feia para Ren. Agradeci a ele e depois a Phet, que rejeitou meu gesto.

– Phet sabe você vem, Quel-si. – Ele encostou o dedo no nariz e piscou. – Voz suave do passarinho no ouvido de Phet. Diz tigres chegando perto.

Eu dei risada.

– Como você sabia que eram os dois tigres certos?

– Passarinhos olham tudo. Passarinhos sabem muita coisa. Diz dois tigres enfeitiçados. Uma moça. – Ele deu uma risada ruidosa, sorriu e deu tapinhas na minha bochecha, todo feliz. – Lin-da flor encanta muitos. Antes só um botãozinho. Agora botão abriu, quase desabrochado. Depois, botão redondo vira flor. Então florada perfeita e vida da flor completa.

Dei tapinhas na mão bronzeada e enrugada dele e ri de seu comentário.

– Phet, você se incomoda se eu tomar um banho depois do jantar? Estou me sentindo grudenta, suja e cansada.

– Não. Não. Phet conversa com tigres.

Depois que lavamos as louças do jantar, ri baixinho quando vi Phet agitar o dedo no rosto de Kishan e apontar com severidade para a porta. Ren lançou um sorriso largo para mim por cima do ombro, e os irmãos seguiram Phet para fora,

fechando a porta atrás de si. Quando ouvi Phet instruí-los a assumir a limpeza do jardim, não pude deixar de sorrir.

Kishan tinha sido muito gentil ao encher o balde dezenas de vezes na bomba da cozinha de Phet para que eu pudesse tomar um banho com a banheira cheia. Tirei as roupas sujas e pedi peças novas ao Lenço Divino quando entrei na banheira. Esfreguei a pele com um sabonete caseiro de lilás que encontrei por ali e escutei Phet dando bronca nos irmãos enquanto eu ensaboava o cabelo.

Estava sendo duro com eles. Parecia que lhes dava um sermão. Frustrado, ele disse:

– Vocês precisam cuidar de flor frágil! Pétalas delicadas e finas estragam fácil, machucam. Danifica e prejudica. Jardim não é brincadeira! Tratando com brutalidade, batalha pela flor destrói ela. Corta o caule, a flor morre. Tem que florescer, ser radiante para admirar. Amar é olhar, não colher. Tentar pegar antes de pronta é energia desperdiçada, perde tudo. Lembrem.

Parei de escutar o que ele estava dizendo e aproveitei meu banho, pensando que água perfumada é muito melhor do que leite. Então me lembrei do comentário de Kishan sobre o banho de leite, que fez meu rosto arder em chamas.

A voz de Phet atravessou as paredes mais uma vez. *Ele realmente está pegando pesado com os rapazes em relação a essas flores. Engraçado, não reparei em flor alguma*, pensei ao me afundar na banheira.

Depois de me lavar bem, pedi ao Lenço que fizesse duas toalhas felpudas e macias e enrolei uma no cabelo molhado e a outra no corpo. Saí da banheira pisando num tapetinho de bambu trançado e vesti um pijama de algodão fino. A camiseta dizia:

EU ♥ TIGRES

A parte de baixo tinha desenhos de tigres brancos e pretos roncando em paz. Franzi as sobrancelhas.

Não me lembrava de ter pedido ao Lenço um pijama de tigre, mas o meu pensamento deve ter divagado quando o criei. Ordenei ao Lenço que se livrasse dos tigres, e o tecido tremeu quando os fios pretos e brancos se transformaram em azul-bebê para combinar com a parte de cima. Criei meias azuis de caxemira e as calcei, suspirando alegre.

Quando os homens chegaram, eu estava sentada na cama, lendo, com o cabelo

comprido molhado preso numa trança. Como estava escuro, eu tinha acendido a lamparina. Também pedira um lanche ao Fruto Dourado. Tanto Ren quanto Kishan olharam para mim rapidamente, lançaram sorrisos fracos na minha direção e foram para a mesa. A cara de desalento deles dava a impressão de que tinham passado a última hora levando bronca do avô. Fiquei na cama para que Ren não se sentisse muito desconfortável. Phet irrompeu na cabana por último e pendurou um chapéu de palha num gancho.

– Ah. Quel-si. Está limpa? Sente-se refrescada e revigorada?

– Sim. Eu me sinto cem por cento melhor. Obrigada. Fiz um lanche para você. É de Shangri-lá.

Ele se aproximou da mesa e se sentou perto dos garotos. Eu tinha criado um pequeno banquete com delícias de Shangri-lá: chá de flor de cerejeira com mel, tortinhas amanteigadas de pêssego, cereal de canela com açúcar, pasta de cogumelo com avelã entre camadas de biscoitinhos de queijo, delicados crepes de frutas vermelhas com molho de creme de leite azedo e geleia de mirtilo com bolachinhas doces crocantes.

Phet esfregou as mãos, deliciado, e deu um tapa na mão de Kishan antes que ele pudesse pegar uma tortinha de pêssego. O xamã encheu o prato, comeu as guloseimas saborosas com prazer e sorriu para mim daquele seu jeito engraçado, com dentes faltando.

– Ah. Phet não vai a Shangri-lá faz muito tempo. Comida lá deliciosa.

Kishan perguntou:

– Quer um pouco, Kells? É melhor falar agora.

– Não, obrigada. Ainda estou satisfeita com o jantar. Você já foi a Shangri-lá, Phet?

– Sim, sim. Há muitos anos. Há muitos cabelos – disse ele, caindo na risada.

Por algum motivo, não fiquei surpresa. Fechei o livro e me ajeitei na cama.

– Então, Phet, você queria falar com a gente? Pode ajudar Ren?

O olhar azul brilhante de Ren se voltou para mim. Ele ficou me fitando pensativo enquanto Kishan cortava um crepe devagar. Phet bateu as mãos para limpá-las do açúcar.

– Phet pensando nisso faz muito tempo. Conserto ou talvez não. Amanhã melhor momento para olhar nos olhos do tigre.

– Olhar nos olhos dele? Por que precisa fazer isso?

– Olho é vidro. Não espelho. Dentro do olho tem zumbido igual abelha. Pele é carne? Não importa. – Ele pegou um punhado de cabelo eriçado. – Cabelo não é nada. – Sorriu para mim. – Dente e língua? Não tem zumbido. Palavra não é zumbido. Só o olho fala.

Eu não tinha entendido nada.

– Está tentando dizer que os olhos são a janela da alma?

Phet deu uma risada alegre.

– Ah! Muito bem, Quel-si. Menina inteligente!

Ele bateu na mesa e apontou para os irmãos.

– Vou dizer, rapazes. Minha Quel-si muito rápida.

Segurei uma risadinha enquanto Ren e Kishan meneavam a cabeça, como garotos levando bronca na escola.

– Certo. Então você quer fazer um exame geral nele amanhã – prossegui. – Trouxemos as armas de Durga, que pediu para ver.

Phet se levantou, empurrou a cadeira e acenou com os braços.

– Não, não. Amanhã é hora de arma. Esta noite é para presentes. Presentes para a liiin-da deusa.

– Ah! Você quer os presentes. – Mexi na minha mochila. – Vai ser difícil abrir mão deles. São bastante úteis. Graças ao Fruto não precisamos carregar tanta coisa em nossas longas caminhadas pela selva e também não temos que ficar comendo barras de cereal o tempo todo. Mas, tecnicamente, eles não nos pertencem. São para Durga.

Tirei o Fruto Dourado e o Lenço Divino da mochila, coloquei-os com cuidado na mesa e me afastei bem rápido, quando Ren se remexeu desconfortável na cadeira.

Phet pôs suas mãos em concha ao redor do Fruto Dourado, que começou a brilhar na luz bruxuleante da cabana.

– Presente esplêndido. *Ama sunahara*.

Ele acariciou a casca do Fruto e murmurou enquanto ele reluzia sob suas atenções. Então ele se voltou para o Lenço. Esticou os dedos, tocou de leve no pano iridescente e disse:

– *Dupatta pavitra*.

Os fios das pontas se estenderam na direção da palma da mão de Phet e começaram a se entremear em seus dedos, como se fossem a urdidura no tear. O

Lenço se prendeu à mão enquanto Phet lhe dirigia palavras e o acariciava, e então as cores começaram a girar em redemoinho cada vez mais rápido. Faiscou e estalou até estourar como uma minúscula supernova, e depois disso o material se tornou branco puro.

Ele conversou com o Lenço, como tinha feito com o Fruto, murmurando palavras e estalando a língua enquanto o Lenço ia se desenrolando de sua mão e retomava seu formato de repouso. Formas cor de laranja, amarelas e vermelhas projetaram-se através da superfície branca como peixes reluzentes em um mar límpido. As cores começaram a disparar mais rápido, até que o branco desapareceu e ele assumiu sua forma normal, acomodando-se num dourado alaranjado. O tecido parecia vibrar ou zumbir de contentamento enquanto ele o acariciava com a mão, preguiçosamente.

– Ah. Phet com saudade dos presentes há muito tempo. Muito, muito bom, Quel-si. Presente bom para você também. Dá dois presentes ganha dois presentes.

Ele pegou o Fruto Dourado e o deitou nas mãos de Ren. Então apanhou o Lenço, dando-o a Kishan. O Lenço imediatamente mudou de cor, passando para verde e preto. Phet olhou para o Lenço e depois encarou Kishan, que dobrou o presente e o dispôs na mesa à sua frente.

O xamã pigarreou fazendo barulho.

– Phet confia a vocês pela segunda vez. Alivia, deixa coisas mais fáceis para vocês.

– Quer que a gente continue usando os presentes? – perguntei.

– Sim. Agora Phet concede novo presente para vocês.

Ele se levantou e juntou várias ervas e alguns frascos contendo líquidos. Despejou colheradas de ervas trituradas numa xícara, adicionou gotas de diversos frascos e então usou uma concha para adicionar um pouco de água fervente. Mexeu tudo devagar e salpicou alguns grânulos brancos. Eu não conseguia ver bem o que ele estava fazendo, mas fiquei curiosa.

– Phet? Isso é açúcar?

Ele se virou para mim com um sorriso desdentado.

– Bebida amarga, açúcar melhor.

Ele deu risada enquanto mexia o caldo e começou a cantarolar “bebida amarga, açúcar melhor” sem parar. Quando ficou satisfeito, levou a xícara para Kishan

que, com uma expressão confusa, passou-a para Ren.

Phet estalou a língua.

– Não, não, tigre de preto. É seu.

– Meu? Eu não preciso de remédio. Ren é que está com problema.

– Phet sabe tudo sobre problema. Para você, esta bebida.

Kishan ergueu a xícara, cheirou-a e fez uma careta.

– O que isto vai fazer comigo?

– Nada e tudo. – O xamã deu risada. – Dá para você o que mais deseja no mundo e deixa faltando, sem incluir o que mais quer.

Ren examinava Phet com muita atenção. Também tentei entender o que Phet queria dizer.

Kishan pegou a xícara e hesitou.

– Eu tenho *mesmo* que beber?

Phet jogou as mãos para o alto e deu de ombros.

– Escolha é sua. Escolha sempre beber, não beber. Comer, não comer. Amar, não amar. – Ele ergueu um dedo no ar. – Mas sua escolha molda muitas.

Kishan deu uma olhada na xícara e fez o líquido girar, então olhou para mim. Seus olhos se apertaram, e ele levou a xícara aos lábios e bebeu tudo.

Phet pareceu satisfeito.

– Presente um, agora dou outro.

– Aquilo foi um presente? – perguntei.

– Sim. Dois e dois.

– Mas você nos devolveu o Fruto e o Lenço. Ainda vai nos dar dois presentes?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Se aquela bebida foi um presente para Kishan, o que era? – indagou Ren.

Phet se recostou na cadeira e, com uma expressão estranha no rosto, disse:

– Soma.

Kishan começou a tossir com violência e Ren ficou paralisado.

– O que é soma? – perguntei.

Ren se virou para mim.

– Soma é a versão hindu da ambrosia. É a bebida dos deuses. No mundo moderno também é um alucinógeno.

– *Ah*.

Phet resmungou:

– Meu soma nada de sonho.

– Isso significa que ele vai se transformar em um deus? – perguntei a Phet.

Os irmãos também olhavam para Phet.

Ele apenas deu de ombros.

– Phet não sabe tudo, só algumas coisas. Agora presente para outro.

Ele retirou da prateleira um frasco que continha uma substância pegajosa, transparente e rosada.

– Você, tigre branco, sente aqui.

Ele orientou Ren para que se sentasse no meio da sala e inclinasse a cabeça para trás. Então pegou um punhado da gosma cor-de-rosa e passou no cabelo de Ren, que se levantou imediatamente.

– Não! Não! Phet não terminou. Sente, Tigre!

Ren se sentou e Phet ficou cantarolando enquanto pegava mais um punhado da substância e a espalhava em seu cabelo. Logo toda a cabeça ficou coberta com a coisa pegajosa, e Phet começou a massageá-la no couro cabeludo de Ren, como um cabeleireiro bizarro. Kishan se recostou na cadeira para observá-lo com um sorriso debochado no rosto. Ren parecia irritado. Não consegui conter o riso, e isso fez com que a cara dele se fechasse mais ainda.

– O que isso faz, afinal? – perguntou ele a Phet, cauteloso.

Phet o ignorou e agora passava os dedos no cabelo de Ren como um macaco catando piolhos. Bolotas de gosma cor-de-rosa cobriam cada centímetro do couro cabeludo dele. Finalmente, Phet anunciou que havia terminado.

– Agora hora de dormir.

– Você quer que eu durma assim?

– Quero. Dorme a noite inteira. Observa o que acontece de manhã.

– Ótimo.

Kishan deu uma gargalhada. Phet foi até a pia lavar as mãos. Ren ficou olhando para mim infeliz e desanimado, como um cachorro molhado e ensaboado, sentado na bacia, olhando de mau humor para o dono que o colocou ali. Segurei uma risadinha e pedi ao Lenço que fizesse uma toalha. Ele ficou lá sentado com os braços cruzados e o rosto bonito emburrado. Eu me aproximei dele com a toalha no exato momento em que uma bolota gigante da gosma caiu no seu nariz e escorregou pela bochecha.

– Pronto, deixe que eu ajudo. Vou tentar não encostar em você.

Ren assentiu com a cabeça, e isso fez outra bolota começar a descer pelo seu pescoço. Peguei meu pente e passei por seu cabelo preto, colocando-o todo para trás e deixando o excesso de gosma cair na toalha. Quando terminei, pedi outra toalha, molhei-a e limpei a nuca, as orelhas e depois o rosto dele, começando pela linha do cabelo, passando para o nariz e depois as bochechas.

Fui delicada mas meticulosa. Enquanto passava a toalha com cuidado pela bochecha de Ren, sem querer acariciei-lhe a pele com o polegar. Algo dentro de mim se acendeu. Uma emoção terna foi se elevando devagar até a superfície da minha mente. Minha mão tremeu, e fiquei paralisada. A sala tinha ficado em silêncio. A única coisa que eu escutava era o som da minha própria respiração quando meu coração começou a bater mais rápido.

Senti quando Ren pegou meu pulso e lentamente ergui os olhos para encontrar os seus. Ele me encarou com um sorriso carinhoso e eu me perdi naquele olhar até que ele disse baixinho:

– Obrigado.

Com um gesto abrupto, afastei a toalha e ele soltou meu pulso. Eu o vi esfregar os dedos com o polegar. *Quanto tempo passei olhando fixamente para ele feito uma idiota? Devo ter-lhe causado uma queimação horrível.* Bem depressa, baixei o olhar e me afastei. Todos estavam me observando. Fiquei de costas para eles e arrumei a cama. Quando voltei a me virar, já tinha me recomposto.

Abri um sorriso alegre.

– Phet tem razão: está na hora de ir para a cama.

Phet bateu palmas.

– Quel-si na casa. Tigre lá fora. Phet – ele sorriu – com Lenço.

Ele deu uma gargalhada de contentamento e criou uma bela barraca para si mesmo. Então abriu a porta e esperou até que os tigres saíssem.

Kishan tocou minha bochecha.

– Boa noite, Kells – disse ele e saiu, abaixando a cabeça para passar pelo toldo da porta.

Ren o seguiu, mas parou à porta e deu um daqueles sorrisos de parar o trânsito. Meu coração ardeu com uma dor cheia de esperança. Ele inclinou a cabeça maliciosamente na minha direção e saiu. Ouvi Phet murmurar instruções para os dois enquanto se acomodavam para passar a noite.

Na manhã seguinte, acordei com Phet cantarolando na cozinha.

– Quel-si! Acorde. Coma!

A mesinha dele estava coberta com diversos pratos. Juntei-me a ele e peguei salada de frutas e algo que parecia queijo *cottage*.

– Onde está todo mundo?

– Tigres tomando banho lá no rio.

– Ah.

Comemos em silêncio. Phet me examinou e, com delicadeza, pegou minha mão entre as suas. Ele a virou e acariciou em lugares diferentes. Quando tocou a pele, as marcas de hena que tinha me dado na primeira visita apareceram e brilharam, vermelhas, por um curto período de tempo antes de desaparecerem.

– Hum. Ah. Hum.

Ele pegou uma fatia de maçã e a mordeu, mantendo os olhos na minha mão enquanto estalava os lábios.

– Ah, Quel-si, você colocou olhos em muita coisa, foi a muitos lugares bem longe.

– É.

Ele olhou nos meus olhos.

– Está examinando a minha alma?

– Sim, sim. Quel-si extraordinariamente deprimida. Por que estrago?

– Qual é o meu estrago? – Dei uma risada seca. – É mais emocional. Eu amo Ren, e ele não se lembra de mim. Kishan me ama, e não sei o que fazer a esse respeito. É um daqueles triângulos amorosos terríveis em que ninguém está feliz. Todos estão arrasados. Tirando Ren, eu acho. Ele não consegue se lembrar se está arrasado ou não. Algum conselho?

Phet refletiu sobre minha questão com seriedade.

– Amor parecido com água. Água por todos os lados em todo lugar. Gelo, rio, nuvem, chuva, mar. Uma parte é grande, outra é minúscula. Uma parte é boa para beber, outra é salgada demais. Todas têm sua utilidade para a terra. Estão o tempo todo em ciclo de movimento. Necessita de água para resistir. Mulheres como a terra; precisam submergir em água. Água com terra se modela, cresce.

Eu fazia força para compreender suas palavras. Ele continuou:

– Terra muda por causa do rio, faz via aquática. Leito do lago sabe segurar

água na bacia, contém tudo. Água de gelo é geleira; move terra. Chuva faz deslizamento de terra. Mar faz areia. Sempre dois: terra e água. Uma precisa da outra. Tornam-se unidade juntas. Você vai ter que escolher. Logo.

– E se eu não conseguir ou não puder escolher? E se eu fizer a escolha errada?

– Não tem escolha errada. Sua escolha.

Ele foi até a cama dele e pegou dois travesseiros.

– Você gosta de travesseiro redondo ou travesseiro quadrado?

– Não sei. Os dois são travesseiros.

– Gosta do redondo? Escolhe o redondo. Gosta do quadrado? Escolhe o quadrado. Não faz mal. Quer dormir, usa travesseiro. Pega uma pedra? Não! Travesseiro é bom. Mesma coisa com a água. Escolhe gelo? Rio? Mar? É tudo bom. Escolhe mar, muda para areia. Escolhe rio, vira sedimento. Escolhe chuva, vira solo de jardim.

– Está dizendo que escolho o homem com base no que quero ser? Em que vida quero ter?

– Sim. Os dois homens fazem sua vida especial. Escolhe mar ou escolhe rio. Não faz diferença.

– Mas...

– Nada de mas. *É.* Costas de Quel-si fortes. Consegue aguentar muito fardo, muita obrigação. Você é como a terra. Suas costas se transformam no formato para ser o mesmo do homem que escolhe.

– Então, basicamente, está tentando me dizer que Ren e Kishan são travesseiros em um mundo de pedras e que vou ser feliz com qualquer um dos dois?

– Ah! Menina esperta! – exclamou Phet, dando risada.

– O único problema é... que um *deles* não vai ficar feliz.

Phet deu tapinhas na minha mão.

– Você não se preocupa. Phet vai ajudar tigres.

Os irmãos entraram na cabana pisando firme meia hora depois. Os dois me saudaram: Kishan apertou a minha mão e Ren me cumprimentou com a cabeça ao se sentar à mesa.

Perguntei baixinho para Kishan:

– Deu certo? Ele lembrou?

Ele sacudiu a cabeça e foi para a mesa ajudar Ren a acabar rapidamente com toda a comida que Phet tinha criado. O cabelo deles estava penteado para trás e molhado. Ren tirara toda a gosma cor-de-rosa.

Dei um sorriso maldoso, pensando: *Ou tirou ou foi absorvida pelo cérebro dele durante a noite.*

Enquanto os irmãos comiam, eu pensava sobre o que Phet dissera. *Será que eu realmente poderia ser feliz com qualquer um dos dois? Será que Ren e eu poderíamos voltar a nos apaixonar? E, se isso acontecesse, o que faríamos sobre a nossa relação física? Será que algum dia eu serei capaz de voltar a tocá-lo sem lhe causar dor?* Eu nunca havia considerado a sério um futuro com Kishan. Tinha tanta certeza sobre minha relação com Ren... Agora que as lembranças dele sobre nós não existiam mais, eu nem sabia se seria possível recuperar o que tínhamos perdido.

Peguei Kishan me observando de vez em quando enquanto escutava Phet. *Será que Kishan estava certo? Será que perder Ren de algum modo era parte do meu destino? Será que a pessoa com quem eu devia ficar era Kishan? Ou, como dissera Phet, será que eu só tinha que escolher com qual dos dois quero ficar? Com qual dos dois quero construir uma vida?* Eu simplesmente não conseguia ver como eu poderia ser feliz se um dos dois estivesse infeliz.

Depois do café da manhã, Phet pediu para ver as armas. Peguei a *gada*, o *chakram*, Fanindra e o arco e as flechas da mochila e entreguei cada objeto para Kishan, que depositou tudo em cima da mesa. Toda vez que os dedos dele roçavam nos meus Kishan sorria. Eu retribuía o sorriso, mas minha expressão de alegria arrefeceu quando vi Ren desviar o olhar bem rápido, decepcionado.

Phet analisou cada peça com atenção antes de entregá-la à pessoa a que Durga tinha dado originalmente.

– Como você sabia? – perguntei, incrédula. – Como sabia que o arco e as flechas eram meus e a *gada* era de Ren?

– Cobra explicou para mim.

Como que em resposta, Fanindra se desenrolou, levantou a cabeça com o pescoço dilatado e olhou nos olhos de Phet. Ele começou a cantar e a mexer a cabeça. Ela balançava para a frente e para trás, como se estivesse sob o comando de um encantador de serpentes. Quando ele parou de cantar, a cobra baixou a

cabeça e ficou imóvel outra vez.

– Fanindra declara ter preferência por você, Quel-si. Você é uma boa mulher e demonstra consideração por ela.

Ele apanhou Fanindra e a devolveu com cuidado para mim. Peguei um travesseiro redondo e a acomodei no centro. *Hum. Eu gosto do travesseiro redondo. Qual deles será que o travesseiro redondo representa?*

Phet anunciou que estava na hora de olhar nos olhos de Ren. Ele afastou duas cadeiras da mesa e as colocou frente a frente. Ren se sentou em uma; Phet, na outra. Kishan se juntou a mim na cama e estendeu o braço para pegar minha mão. Os olhos de Ren dispararam na nossa direção.

Phet deu um tapa na mão dele.

– Olhe no meu olho, Tigre!

Ele rosnou baixinho quando se virou para o velho ermitão. Phet olhou dentro dos olhos de Ren e estalou a língua enquanto mexia a cabeça dele em vários ângulos, como se estivesse ajustando o espelho retrovisor de um carro. Finalmente, ele se deu por satisfeito e os dois homens ficaram parados no lugar em que estavam durante vários minutos, enquanto Phet apenas olhava fixamente. Eu mordia o lábio, nervosa, enquanto os observava.

Depois de um longo silêncio desconfortável, Phet se levantou da cadeira com um salto.

– Não posso consertar.

Fiquei em pé.

– Como assim?

– Tigre muito teimoso. Me bloqueia.

– Bloqueia você? – Eu me virei para Ren. – Por que está bloqueando Phet?

– Não sei.

– Phet – pedi –, será que pode me dizer o que sabe?

Phet suspirou.

– Consertei a dor da faca e da jaula. Mal negro neste momento se foi. Mas lembrança é confusa, tem ativador, só o tigre branco sabe.

– Certo. Esclarecendo: você foi capaz de consertar o estresse pós-traumático, as dores e as lembranças da tortura? Todo o trauma de Lokesh se foi agora? Ele ainda se lembra disso?

– Sim. Ainda me lembro. Estou bem aqui, sabia? – resmungou Ren.

– Mas Phet diz que levou a escuridão embora. Você sente alguma diferença em relação a isso?

Ele se concentrou.

– Não sei. Acho que teremos que esperar para ver.

Olhei de novo para Phet.

– Mas a memória dele continua bloqueada? Como assim, tem um ativador?

– Significa que o tigre recua. Não do criminoso, não do maldoso. Da mente do tigre. Só ele é capaz de consertar.

– Está dizendo que ele está causando isso a si mesmo? Está bloqueando as lembranças de propósito?

Phet assentiu.

Fiquei olhando boquiaberta para Ren. Ele olhou para Phet sem entender nada; então juntou as sobrancelhas em sinal de confusão e fitou as próprias mãos. Meus olhos se encheram de lágrimas.

Com a voz bem baixinha e um bolo na garganta, eu disse:

– Por quê? Por que você faria uma coisa dessas comigo?

Ele retesou os músculos do maxilar e ergueu o olhar para mim. Seus olhos azuis brilhavam emocionados. Abriu a boca para dizer algo... então a fechou. Recuei até a porta e a abri.

Ren se levantou.

– Kelsey! Espere.

Sacudi a cabeça.

– Por favor, não fuja – suplicou ele.

– Não venha atrás de mim.

Sacudi a cabeça outra vez e as lágrimas foram escorrendo pelas minhas bochechas enquanto eu corria para dentro da selva.

4

Profecia

Fiquei sentada no chão da selva, com as costas apoiadas em uma árvore. Estava cansada de fugir do turbilhão emocional. A parte racional do meu cérebro me dizia que era grande a possibilidade de que Ren tivesse um motivo perfeitamente razoável para me esquecer de propósito. No entanto, havia outro lado que duvidava dele, e essa voz gritava mais alto. Doía. Se alguém houvesse me perguntado antes de ele ter sido levado se eu confiava em Ren, eu teria dito que sim. Eu confiava cem por cento nele. Não havia dúvida na minha mente de que ele era sincero.

Mas... Uma voz negativa começou a me incomodar, dizendo que na verdade eu não era a mulher certa para ele e que eu devia ter esperado por isso. Afirmando que eu nunca o merecera, para começo de conversa, e que perdê-lo era apenas questão de tempo. Eu sempre o considerei bom demais para ser verdade. Nunca quis ter razão, mas parecia que tinha.

O fato de ele se tirar da jogada fez com que tudo ficasse pior. Muito pior. *Como posso ter me enganado tanto a respeito dele?* Eu havia sido ingênua. Não era a primeira garota a ter o coração partido, e não seria a última. Eu confiara nele, acreditara em suas declarações de amor.

Antes da visita a Phet, eu podia dizer a mim mesma que Lokesh era o responsável por isso. Que não era culpa de Ren. Que, em algum lugar lá no fundo, ele ainda me amava. Agora eu sabia que ele tinha escolhido me esquecer. Quis me deixar de lado e, de algum modo, achara um jeito bastante conveniente de fazer isso.

Deve ser ótimo simplesmente apagar o seu erro. Escolheu a garota errada? Tudo bem – basta marcar e deletar. Essas lembranças chatas não vão mais incomodar. Você podia vender essa pílula e ficar bilionário. Tanta gente já fez coisas e ficou com pessoas que gostaria de excluir da memória. Esquecer por completo. Apague sua memória! Pague uma e leve duas. Oferta por tempo limitado!

Depois de uma hora sentindo pena de mim mesma, retornei à cabana. Quando entrei pela porta, a conversa cessou. Os dois irmãos ficaram me observando enquanto Phet tratou de se ocupar moendo especiarias.

Ren se levantou e deu um passo na minha direção. Olhei para ele sem demonstrar emoção, e ele parou no meio do caminho.

– Então não há nada mais que você possa fazer por nós? – perguntei a Phet.

Phet se voltou para mim e deixou a cabeça pender de lado. Com o semblante sério, disse:

– Phet sente muito. Não pode ajudar com isso.

– Certo. – Eu me voltei para Kishan. – Eu gostaria de ir embora agora.

Ele meneou a cabeça e começou a aprontar as mochilas.

– Kelsey – Ren estendeu a mão e a recolheu quando a olhei como se fosse um objeto estranho. – Precisamos conversar.

– Não temos nada sobre o que conversar. – Balancei a cabeça e peguei a mão de Phet. – Obrigada por sua hospitalidade e por tudo que fez por nós.

Phet ficou de pé e me abraçou.

– Não se preocupe, Quel-si. Não se esqueça de que água e terra se satisfazem juntas.

– Não esquecerei. Mas acho que estou mais para lua. Nada de água para mim.

Phet apertou meus ombros.

– Tem água para Quel-si. Talvez lua, mas lua puxa a maré, de todo modo.

– Tudo bem – falei baixinho. – Obrigada pelo otimismo. Vou ficar bem. Não se preocupe comigo – garanti a ele e retribuí o abraço. – Adeus.

Phet disse:

– No futuro uma visita com você mais feliz, Quel-si.

– Espero que sim. Vou sentir saudade de você. Desculpe por sair assim de maneira abrupta, mas de repente fiquei ansiosa para acabar logo com essa maldição.

Agarrei minha mochila e saí porta afora. Kishan juntou as coisas dele com

rapidez e me alcançou.

– *Kells* – começou ele.

– Será que podemos só caminhar durante um tempo? Não estou a fim de conversar.

Seus olhos dourados examinaram meu rosto e ele respondeu, baixinho:

– Claro.

Eu mal começara a caminhar e o tigre branco já estava ao meu lado, batendo com a cabeça na minha mão. Eu me recusei a olhar para ele, segurei com força nas alças da mochila e, com um gesto decidido, passei para o outro lado de Kishan. Ele olhou para minha expressão contida e depois para o tigre branco, que diminuiu o passo e nos deixou avançar. Logo Ren estava tão afastado que eu não o enxergava mais.

Relaxei a postura e continuei andando sem falar e sem parar para comer nem para descansar até não conseguir dar mais nenhum passo. Criei uma barraquinha com o Lenço e desabei em cima do meu saco de dormir, pulando o jantar. Os irmãos que se virassem. Eles me deixaram em paz, o que me fez sentir ao mesmo tempo agradecida e decepcionada, e caí em um sono profundo.

Acordei com o céu ainda escuro e conferi o telefone pela primeira vez em dias. Nenhuma ligação do Sr. Kadam. Eram quatro da manhã. Eu não estava mais com sono, por isso pus a cabeça para fora da barraca e vi as chamas fracas da fogueira que ia se apagando. Nem Ren nem Kishan estavam por perto. Joguei uns dois pedaços de madeira na fogueira e fiz o fogo voltar a estalar, então pedi ao Fruto uma xícara de chocolate quente. Bebi devagar, observando as chamas.

– Teve um pesadelo?

Eu me virei para trás. Ren estava apoiado em uma árvore. Distingui a camisa branca dele, mas o rosto estava nas sombras.

– Não. – Voltei a olhar para o fogo. – Já dormi o suficiente, só isso.

Ele se colocou ao alcance da luz da fogueira e se sentou num tronco à minha frente. As chamas bruxuleantes fizeram sua pele dourada brilhar. Tentei não reparar. *Por que ele tem que ser tão bonito?* Os olhos azuis me examinavam com atenção.

Soprei meu chocolate quente e olhei para todos os lugares, menos para ele.

– Onde está Kishan?

– Saiu para caçar. Ele já não pode fazer isso com muita frequência, e é algo de que gosta.

– Bom, espero que ele não esteja achando que eu vou ficar tirando espinhos de porco-espinho da pata dele – resmunguei. – Se pegar um desses, ele que se vire sozinho. – Dei mais um gole. – Por que você não foi junto?

– Porque estou tomando conta de você.

– Não precisa. Sou bem grandinha. Vá caçar se quiser. Aliás, provavelmente é o que devia fazer. Ainda está muito magro.

– Bom saber que reparou. Eu estava preocupado, achando que você tivesse esquecido tudo ao meu respeito.

Ergui os olhos na direção dele e explodi, cheia de raiva.

– Esquecer você? *Eu?* Esquecer *você*? Eu... Sabe de uma coisa? Você está começando a me irritar de verdade!

– Que bom. Você precisa colocar tudo para fora.

Apoiei minha xícara no chão e me levantei.

– Ah, você bem que ia gostar disso, não é mesmo? Ia achar o máximo que eu confessasse meu amor infinito por você enquanto dá risada na minha cara e faz pouco-caso de mim!

Ele também se levantou.

– Eu não estou fazendo pouco-caso de você, Kelsey.

Joguei as mãos para cima.

– Tem certeza? Você me tirou a coisa mais importante do mundo! Arrancou o meu coração, o esmagou nas mãos e deu para os macacos brincarem. Eu não devia ter confiado em você! Que idiota eu fui de acreditar que gostava mesmo de mim. Que se importava comigo. Que tínhamos que ficar juntos. Você não passa... não passa de um travesseiro quadrado. E recentemente descobri que gosto dos redondos!

Ele deu risada, o que me deixou ainda mais irritada.

– Eu sou um travesseiro quadrado? O que isso quer dizer?

– Significa que nós não fomos feitos um para o outro, nada mais. Eu devia saber que você iria partir o meu coração. Todas as coisas que disse, todos os poemas que escreveu... não significaram nada para você. Assim que chegarmos em casa vou fazer questão de devolver todos os seus poemas.

Ele se retesou.

– Como assim?

– É, eles já não são mais importantes. Podem muito bem ser atirados no fogo, porque é o único calor que terão a me oferecer.

– Você não faria isso.

– Espere só para ver.

Voltei para a barraca, peguei o meu diário e folheei rapidamente até encontrar o poema da "pérola inestimável". Corri até a fogueira, arranquei a página e fiquei olhando para ela.

– *Kelsey.* – Meus olhos castanhos encontraram os azuis dele. – Não faça isso.

– Que diferença faz? O homem que escreveu essas linhas está morto, na melhor das hipóteses, ou é um fingido.

– Você está errada. Só porque não me lembro de você não quer dizer que o que eu sentia antes fosse mentira. Não sei por que ou como fiz isso comigo mesmo nem por que me esqueci de você. Não faz sentido. Mas posso garantir que não estou morto. Estou vivo e parado bem aqui.

Eu sacudi a cabeça.

– Você está morto para *mim* – falei e larguei a folha.

Fiquei olhando enquanto ela rodopiava no ar. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto quando vi o canto da página pegar fogo.

Mais rápido do que um raio, Ren tirou o papel do fogo e fechou a mão sobre a ponta acesa para apagar a chama. Ele respirava pesado, obviamente aborrecido. Sua mão se recuperou com rapidez da queimadura enquanto eu olhava para o canto chamuscado do precioso poema sem falar nada.

– Você sempre foi uma garota assim teimosa, cega e obtusa?

– Está me chamando de burra?

– Estou, só que de um jeito mais poético!

– Ah, então vou fazer uma poema para você: "Siga seu caminho e se perca nele!"

– Eu já estou perdido! Isso devia ser óbvio! Por que não consegue enxergar o que está bem na sua frente?

– O que eu deveria ver? Um tigre que por acaso é príncipe? Um homem que me odeia tanto que me apagou da própria mente com um feitiço mágico? Um cara que não suporta ficar no mesmo lugar que eu durante mais do que alguns

minutos? Que não aguenta encostar em mim? É isso que eu devo ver? Porque, se for, então estou vendo muito bem!

– Não, sua *esquentadinha*! O que você não está vendo é isto!

Ele me agarrou, me puxou de encontro ao seu corpo e me beijou. Foi um beijo cheio de fogo e paixão. Seus lábios se fundiram quentes aos meus. Eu nem tive tempo de reagir antes que chegasse ao fim. Ele se afastou e se dobrou para a frente, apoiado no tronco de uma árvore. Estava ofegante e suas mãos tremiam.

Cruzei os braços enquanto observava sua recuperação.

– O que você queria provar com isso?

– Se precisa perguntar, então obviamente minha tentativa não deu certo.

– Certo, então você me beijou. E daí? Não significa nada.

– Significa *tudo*.

– Como sabe?

Ele respirou fundo e se recostou na árvore.

– Significa que estou começando a sentir algo por você e, se estou sentindo isso agora, a possibilidade de que sentisse a mesma coisa antes é muito grande.

– Se é verdade, então remova o bloqueio.

– *Não consigo*. Não sei o que é, como passou a existir nem o que pode ser o tal ativador. Eu estava torcendo para que beijar você resolvesse a questão. Mas parece que não é isso.

– Como é que é? Você achou que podia beijar a sapa e transformá-la na sua princesa encantada? Bom, detesto destruir suas ilusões, mas não tem como melhorar o que está aqui na sua frente!

– Por que diabos você acha que eu não me interessaria pelo que está na minha frente?

– Eu realmente não quero discutir isso com você outra vez. Já esgotamos esse assunto, apesar de você não se lembrar. Mas na memória de curto prazo que você *de fato* tem, talvez se lembre de ter dito que Nilima era linda.

– Sim, eu me lembro de ter dito isso. E daí? Dizer que ela é linda por acaso é o mesmo que dizer que você não é?

– Foi o jeito como você falou. "Pena que não era por Nilima que eu estava apaixonado.... *ela é linda.*" E isso implica que eu não sou. Você não sabe nada sobre mulheres? Nunca diga que uma mulher é linda na frente de outra.

– Eu não disse. Você que estava bisbilhotando.

– Meu argumento não deixa de ser válido.

– Certo! Então vou lhe dizer o que penso, e que eu nunca mais faça uma refeição se estiver mentindo! *Você* é linda.

– Sei.

Ele passou os dedos pelo cabelo num gesto de frustração.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer para consertar isso?

– Provavelmente, não. – Coloquei as mãos na cintura. – Eu não consigo entender por que você *fez* uma coisa dessas. Se me amasse mesmo, por que escolheria isso? A conclusão mais lógica é que nunca me amou de fato. Eu sabia que você era bom demais para ser verdade.

– Como assim?

– Você mesmo disse para Kishan que não conseguia se imaginar amando uma pessoa como eu. Está vendo? Até você sabia que nós não combinávamos. Você é o Mister Perfeição e eu sou a Miss Mais ou Menos. Qualquer um é capaz de ver isso, e esses *eram* os seus verdadeiros sentimentos logo depois que resgatamos você.

Ele deu uma risada amarga.

– Pode acreditar, estou bem longe de ser perfeito, Kelsey, e você é tão *mais ou menos* quanto Durga. Eu mal a conhecia quando disse essas coisas, e você continua interpretando minhas palavras da maneira errada!

– Como?

– Eu... o que eu quis dizer foi... o que eu disse foi... Olhe! Você não é a mesma pessoa que eu achava que fosse na época.

– Sou exatamente a mesma pessoa!

– Não. Eu estava evitando você. Não queria conhecê-la melhor. Eu estava...

Arranquei outra página.

– *Kelsey!*

Ren correu até mim e arrancou o diário das minhas mãos, gemendo com o esforço de ficar tão perto de mim.

– Pare com isso! Nem *pense* em queimar outra página!

Peguei o diário.

– As páginas são minhas e eu faço o que bem entender com elas.

Ele o puxou de volta.

– Você precisa parar de me julgar com base no que eu disse logo depois que

voltei! Eu ainda estava traumatizado e não estava pensando de maneira coerente. Tive tempo de conhecer você e... eu gosto de você! – berrou. – Gosto de você o suficiente para achar que até entendo por que a amava, apesar de ser tão irritante!

Roubei o diário de novo.

– Você gosta de mim... *o suficiente*? O suficiente! Bom, *o suficiente* não é suficiente para mim.

Ele arrancou o diário da minha mão.

– Kelsey, o que mais você quer de mim?

Puxei de novo.

– Quero o meu velho Ren de volta!

Ele se retesou e rosnou.

– Bom, não sei o que dizer. Talvez o velho Ren tenha desaparecido para sempre. E... este novo Ren não quer perder você. – Ele olhou para mim com raiva e tristeza ao mesmo tempo, passou a mão pelo meu pulso e, dessa vez, em vez de pegar o diário, me puxou para mais perto dele. Então, disse: – Além do mais, *você* disse que nós podíamos recomeçar do zero.

– Não acho que isso seja realmente possível.

Dei um último puxão quando ele me soltou e recuei alguns passos. Ren largou as mãos na lateral do corpo e fechou os punhos. Num tom de voz perigosamente grave, ele disse:

– Então faça com que seja possível.

– Você tem expectativas demais.

– Não. *Você* tem expectativas demais. – Ele deu um passo na minha direção. – Não está sendo razoável. Preciso de algum tempo, Kelsey.

Ergui os olhos e nós nos encaramos.

– Eu teria lhe dado todo o tempo do mundo se Phet não houvesse dito que você mesmo fez com que isso acontecesse.

– "Quão pobres são aqueles que não têm paciência! Qual ferida se cura se não for gradativamente?"

– Shakespeare não vai salvar você desta vez, Super-Homem. Seu tempo acabou.

Ele desdenhou.

– Talvez eu devesse estudar *A megera domada*!

– Ah, sim. Aqui está a sua primeira lição: "A minha língua vai revelar a fúria do meu coração. A porta está aberta, senhor; ali está vosso caminho."

– Não preciso de lição nenhuma. Já sei como acaba. O cara ganha. "Acredita que gritos possam desencorajar-me?" – Ele fez um gancho com o dedo e me chamou para mais perto. – Aliás... "Venha aqui e beije-me, Kate."

Estreitei os olhos.

– Você passou dos limites. E vai descobrir que não sou tão fácil de ganhar quanto Katherine.

O rosto de Ren se fechou e ele jogou as mãos para cima, indignado.

– Você venceu. Se insiste em devolver todos os poemas, então devolva. Mas não os queime.

– Ótimo! Concordo em não queimar se você concordar em me deixar em paz durante o resto desta viagem.

– *Ótimo!* E, aliás, não entendo como posso ter acreditado que você era uma pessoa calorosa, afetuosa e gentil. É obviamente tão espinhosa quanto um porco-espinho. Qualquer homem que chegue perto de você vai acabar todo espetado!

– É isso mesmo! Uma garota precisa ter algumas defesas contra os homens que querem devorá-la no almoço. Principalmente quando esses homens são tigres selvagens à espreita.

Ele estreitou os olhos, pegou minha mão e deu uma mordidinha leve na parte interna do pulso antes de depositar um beijo, mas pude ver que isso lhe causou dor.

– Você ainda não viu como posso ser selvagem, *subhaga jadugarni*.

Esfreguei o beijo dele para limpar, com um gesto dramático.

– O que isso quer dizer?

– Significa... "bruxa adorável".

– Elogios não vão levar você a lugar nenhum, muito menos essas gracinhas. Estou vacinada contra seus truques verbais.

Ele exibiu um sorriso malicioso, deu uma risadinha e baixou o olhar deliberadamente até os meus lábios.

– Devem me levar a *algum lugar*, ou você não teria um diário cheio de poemas.

– Você não tem nada para caçar, não, hein?

– Claro. Deixo você sair na frente.

Olhei com raiva para ele.

– Não nesta vida.

Ele cruzou os braços sobre o peito e sorriu para mim.

– Não faça isso. Só me deixa mais irritada.

Era mentira minha. O sorriso de Ren não me deixava mais irritada. Na verdade, era o oposto. Fazia com que eu sentisse uma saudade imensa dele. Senti a tristeza se insinuar, esfriando minha ira.

– Você nunca tinha me chamado disso antes.

– De quê? De *subhaga*? Eu tinha outros apelidos para você?

Fiz uma pausa e respondi lentamente:

– Tinha.

– Como eu a chamava? – Ele deixou a cabeça cair para o lado e me avaliou com ar brincalhão. – Teimosa, cabeça-dura, temperamental, impaciente...?

A raiva voltou num arroubo potente, borbulhando dentro de mim. Eu queria machucá-lo.

– Chega!

Apertei as mãos contra o peito dele e o empurrei com toda a força possível, mas ele ficou imóvel, dando risada do meu esforço inútil. Não aguentei e lhe dei um choquinho.

– Ai! Tudo bem, gatinha. Você me mostra as suas garras, e eu lhe mostro as minhas.

Ren pressionou minhas mãos contra minha cintura, deixando-me imobilizada. Eu estava amassada contra o peito dele, e seus braços se moveram tornando-se correntes de ferro ao redor do meu corpo. Ele beijou meu pescoço e murmurou baixinho:

– Eu sabia que estava louca para pôr as mãos em mim.

Engoli em seco, ultrajada.

– Seu... seu... devorador de porcos-espinhos!

– Se está tentando me convencer a devorá-la como sobremesa, vou considerar a possibilidade. Claro que vou precisar adoçar você um pouco.

Ele deu risada e beijou meu pescoço de novo.

Dei impulso para longe dele, tremendo de frustração... *pelo menos eu acho que foi frustração.* Estava seriamente pensando em disparar voltagem suficiente no seu corpo para deixá-lo com o cabelo arrepiado e apagar o sorriso presunçoso

da sua cara quando Kishan irrompeu através das árvores.

– Por que essa gritaria toda? – perguntou Kishan.

– Você pode, por favor, dizer para este seu irmão patético que eu não estou mais falando com ele?

Kishan sorriu.

– Sem problema. Ela não está mais falando com você. – Ele deu risada. – E eu preocupado que vocês dois estivessem se dando bem *demais*. Já devia imaginar...

O sorriso de Ren murchou. Ele fez uma careta para o irmão e estreitou os olhos para mim.

– Por mim, tudo bem. Pelo menos assim eu não vou ter que escutá-la. – Com uma mesura sarcástica, ele completou: – E sem nada mais a dizer, aceito de bom grado os seus termos de rendição.

– Eu não estou me rendendo a nada, ó Príncipe da Batalha dos Cinco Cavalos. E por mim tudo bem, também, porque não espero mesmo que você me escute!

– O certo é *Campeão* da Batalha dos *Cem* Cavalos!

– Ah, é? Então por que você não galopa de volta para o Jeep, *Campeão*?

– É isso mesmo que eu vou fazer!

Cuspi as palavras com uma raiva que mal conseguia controlar:

– Ótimo! Vá pela sombra!

Ele me fuzilou com o olhar quando passou por mim, pisando firme. Estava sem fôlego de tanta raiva e frustração, e Deus me perdoe, mas eu só conseguia pensar em agarrá-lo e beijá-lo.

Ele falou baixinho quando retribuí o olhar irritado:

– Tenho pena do coitado do Kishan, que precisa caminhar o resto do trajeto com você.

– Tenho certeza de que ele vai sobreviver – respondi, amarga.

Ele deu uma olhada em Kishan, examinando-o de cima a baixo com frieza.

– Sem dúvida. Encontro vocês no Jeep.

Kishan meneou a cabeça e Ren hesitou.

Cruzei os braços.

– E então? Está esperando o quê? Um beijo de despedida?

Os olhos dele dispararam para meus lábios.

– Cuidado com o que deseja, *mohini stri*.

Durante um breve segundo entrei em pânico, achando que Ren tinha aceitado

o desafio, mas ele inclinou a cabeça de lado, deu um sorriso irritante de quem sabe tudo, saltou por cima da fogueira e sumiu.

Kishan ficou olhando para o vão na floresta por onde Ren tinha desaparecido. Então se virou para mim e pôs as mãos nos meus ombros.

– Nunca tinha visto você tão irritada.

– O que posso dizer? Ele desperta o que há de *melhor* em mim.

Kishan fez uma careta.

– Parece que sim.

– O que aquelas palavras significam?

– *Mohini stri*? Significam "sereia" ou "mulher fascinante".

– Ele tinha que aproveitar a oportunidade para tirar mais sarro de mim – resmunguei.

Kishan me olhou sem entender nada.

– Não achei que ele estivesse tirando sarro de você.

– Claro que estava. E vou logo avisando: não estou a fim de começar outra briga com um tigre, portanto, se quiser ir atrás dele, fique à vontade.

– Kelsey, não tenho a menor intenção de deixá-la sozinha. E não quero brigar com você.

– Bom, pelo menos um dos dois é cavalheiro.

Comecei a juntar minhas coisas para ir embora. Peguei o poema amassado, alisei a folha, arrependida, e em seguida guardei o diário maltratado com cuidado dentro da mochila.

– Kelsey, apesar do que você pensa, Ren jamais iria deixá-la sozinha. Se eu não estivesse aqui, ele teria ficado.

– Sei, sei. Por ele, eu poderia me atirar de um penhasco. Aliás, por que está defendendo Ren? Achei que você quisesse que ele saísse de cena.

– Isso não é... exatamente verdade.

– Ah, entendi. A culpa é da *Kelsey*. *Kelsey* compreende mal as intenções de todo mundo. Acho melhor saber logo se compreendo os *seus* motivos. Você ainda quer ficar comigo ou não?

Ele fechou a cara.

– Você sabe muito bem a resposta.

– Então esta é a sua chance! Me beije.

Kishan examinou meu rosto com cuidado e sacudiu a cabeça.

– Não.

– Não? Não é o que quer fazer?

– É, mas prometi que não iria beijá-la até estar tudo terminado entre você e Ren. E não acho que esteja.

– Rá! Mas eu acho que está.

– Não está. Aliás, a sua implicância prova que não está.

Fiquei na ponta dos pés para tentar chegar na altura dos olhos de Kishan.

– Maravilha. Então nenhum de vocês dois precisa me acompanhar no caminho de volta.

Peguei minha mochila e o deixei lá parado, em estado de choque. Saí batendo os pés pela selva, deixando que a raiva me guiasse por vários minutos antes de tirar o telefone do bolso e procurar o ponto de Ren no mapa. Dava para ver o ponto de Kishan me seguindo a certa distância. Estava recuado o suficiente para eu não poder vê-lo nem ouvi-lo, mas perto o bastante para percorrer a distância rapidamente caso eu precisasse dele.

Caminhar pela selva relativamente sozinha foi bom para mim – me deu tempo para me acalmar. Ainda estava irritada e fiquei resmungando sozinha o tempo todo, mas pelo menos minha pressão arterial se normalizou, então não precisei me preocupar em ter um piripaque. E quando me dei conta de que estava de posse do Fruto Dourado e do Lenço, dei um sorriso maldoso, pensando nos dois morrendo de fome ou tendo que caçar. Só de maldade fiz uma casquinha de sorvete enorme para mim mesma e aplaquei meu mau humor com brownie e biscoito de chocolate enquanto caminhava.

Muitas horas depois encontrei Ren recostado no Jeep, que estava estacionado à sombra de uma árvore. Ele ficou me observando enquanto eu avançava pisando firme pela vegetação rasteira. Provavelmente escutara minha aproximação durante os últimos 10 minutos. Ele olhou para além de mim, surpreso por me ver sozinha, e então fechou a cara, transformou-se em tigre branco e entrou no meio de alguns arbustos para sumir da minha vista.

Fazendo questão de ignorá-lo, sentei-me no chão de terra com as costas apoiadas no Jeep e dei um grande gole na limonada sem açúcar do meu cantil. Eu teria preferido água, mas nosso estoque havia acabado e o Fruto Dourado

não conseguia fazer a velha e boa H_2O.

Kishan apareceu do meio da selva e me encarou por um instante com expressão impenetrável antes de destravar e abrir as portas do Jeep. Ren emergiu dos arbustos e pulou para o banco traseiro em silêncio. Eu é que não ia me aninhar ao lado de Ren, por isso escolhi o assento do carona, liguei o ar-condicionado no máximo, improvisei um travesseiro e inclinei meu banco para trás. O trajeto até em casa foi bem silencioso.

No segundo em que o Jeep parou na frente da casa, saí do carro e entrei batendo os pés.

– Chegamos, Sr. Kadam! Vou tomar um banho! – berrei e corri para o meu quarto.

Horas depois, finalmente refrescada e quase me sentindo um ser humano outra vez, preparei uma tigela de salada de frutas e um sanduíche de frango e fui procurar o Sr. Kadam na sala do pavão.

– Senhor Kadam, não imagina como senti falta de estar perto de um cavalheir... – falei, parando de maneira abrupta quando vi que ele estava com Ren, que tinha acabado de sair do banho.

– Senhorita Kelsey, entre – chamou o Sr. Kadam e se aproximou de mim com os braços abertos.

Dei um passo adiante sem jeito, abracei o Sr. Kadam e olhei com raiva para Ren. Seu cabelo estava molhado e penteado para trás, e ele usava uma camiseta justa com gola em V azul-piscina e uma calça reta de lã cinza. Estava descalço, e era a coisa mais linda que eu já tinha visto na vida. Ele cruzou os braços por cima do peito e seus músculos saltaram. Fiz cara feia para ele.

– Vou deixar vocês dois sozinhos – disse Ren com um floreio sarcástico e saiu, roçando de propósito o braço no meu quando passou.

– Espero que tenha doído – murmurei baixinho, e ouvi a risada suave dele quando entrou na cozinha.

O Sr. Kadam pareceu completamente alheio à nossa troca de gentilezas.

– Senhorita Kelsey! Venha se sentar aqui comigo. Tenho uma coisa para lhe mostrar!

– O que é?

– Terminei finalmente de decodificar a terceira profecia e gostaria de ouvir o que a senhorita acha – disse o Sr. Kadam, fazendo a tradução deslizar por cima

da mesa.

As palavras estavam escritas em uma bela caligrafia. Eu li:

Pedras preciosas de um preto reluzente
Enfeitaram sua pele de cetim no passado.
Um malfeitor implacável despiu seu pescoço;
O cordão submergiu bem no fundo.
Agora as contas estão escondidas, enterradas no mar;
Um bravo as tira de lá.
Monstros letais mordem e aguilhoam...
Terríveis demais para serem derrotados.
Mas o tridente em riste, o kamandal que embebe,
E a senhora que tece a seda
Vão guiar e garantir que você deite
A coroa no mar de leite.
Busque os reis dragões dos cinco oceanos
Dos pontos cardeais quando mergulhar:
As estrelas do Dragão Vermelho se movem no tempo astral;
A montanha do Dragão Azul aponta o caminho;
O Dragão Verde ajuda a enxergar através do clima;
A cidade do Dragão Dourado situa-se abaixo das ondas;
O Dragão Branco abre a porta para luzes glaciais.
Tome os braços dela bem em riste
Seu prêmio imaculado a ser conquistado.
Capture o fio com poder fluido;
Tome o caminho de casa mais uma vez.
Refresque as terras da Índia com orvalho precioso;

Rio, riacho, a chuva vai encher.
A terra seca e o coração renovar,
Porque o poder de cura ainda está latente.

Deixei a página cair com suavidade no meu colo e olhei para o Sr. Kadam com um pavor recém-descoberto.

– Dragões?

Foi a única coisa que consegui balbuciar.

5

Preparação

– Dragões? – repeti.

O Sr. Kadam deu uma risadinha de solidariedade.

– Acredito que os dragões irão ajudar. Não acho que vá precisar lutar contra eles.

– Espero que o senhor esteja certo. E imagino que já tenha examinado o que são algumas dessas coisas.

– Já, sim. Algumas eu conheço, outras vão demandar um pouco mais de pesquisa. Gostaria de me ajudar?

– Com certeza. Vai ser uma boa distração para mim.

– Excelente! Mas, primeiro, conte-me o que Phet disse.

Conversamos durante algumas horas. Kishan apareceu, viu que eu estava lá e foi embora voando.

O Sr. Kadam finalmente percebeu o clima de tensão.

– Os irmãos fizeram alguma coisa que a aborreceu?

– E por acaso não fazem sempre? – perguntei, seca.

– O que aconteceu?

Eu me agitei na cadeira.

– Eles não fizeram nada, para ser sincera. É que Ren e eu discutimos a respeito da amnésia dele. Foi uma briga intensa, e Kishan ouviu pelo menos parte dela. Phet disse que os dois eram travesseiros, e é verdade, mas isso não facilita as coisas.

O Sr. Kadam batucou com os dedos na coxa. Devia ter ficado frustrado com

minhas palavras sem nexo, mas pescou o significado no meio dos meus pensamentos desconjuntados e indagou:

– O que Phet quis dizer? Como assim, os dois são travesseiros?

– Ele afirmou basicamente que os dois são travesseiros em um mundo de pedras. Acho que isso significa que são bons rapazes. Também disse que eu ficaria feliz se escolhesse qualquer um deles.

– Entendo. Já ficou óbvio que Kishan sente algo pela senhorita. Foi esse o motivo da briga com Ren?

– Não. Kishan só foi... um alvo conveniente. Eu estava brava com Ren por me bloquear. Por me esquecer.

– Continuamos sem saber por que isso aconteceu.

– Eu sei. – Fiquei mexendo na barra da manga da minha blusa e suspirei. – Mas minhas velhas inseguranças vieram à tona, e eu fiquei louca da vida. Ren pisou nos meus calos, e parece ser bom nisso, com perda de memória ou não. Ele me deixa tão irritada às vezes que tenho vontade de esganá-lo.

– Se ele lhe desperta tantas emoções, então é óbvio quem deve escolher.

– É. – Suspirei. – Isso significa que devo escolher Kishan. A minha vida seria muito mais tranquila com ele.

O Sr. Kadam se inclinou para a frente.

– Não foi o que eu quis dizer, mas vou deixar esta decisão inteiramente nas suas mãos. Phet parece acreditar que não tem jeito de fazer a escolha errada, não é mesmo?

Fiz que sim com a cabeça, desolada.

– Hum. Isso é interessante. Foi mesmo uma visita estressante. Se me permite a ousadia, eu a incentivo a deixar de lado as diferenças e aprender a confiar nos dois. Vai ser muito mais fácil nos concentrarmos na tarefa que temos pela frente se trabalharmos todos em harmonia. Já estamos a meio caminho de quebrar a maldição. Encontrar o terceiro presente de Durga será nosso maior desafio até agora.

Suspirei e segurei a cabeça entre as mãos.

– O senhor está certo. Pedirei desculpas aos dois pelo meu chilique, mas vou esperar até amanhã. Assim terei tempo para esfriar a cabeça.

– Que bom. Então, o que quer para o jantar?

– Qual será o gosto de uma torta de porco-espinho?

Ele deu risada.

– Nem me diga. Eu não quero saber. Será que devemos conferir na despensa se temos porco-espinho, Srta. Kelsey?

Ri também.

– Imagino com que tempero combina melhor...

Na manhã seguinte encontrei Kishan se exercitando com uma barra na academia, que era seu lugar preferido para passar o tempo – fora a cozinha e a minha varanda. Eu o observei pela janela, escondida, admirei seus músculos e pensei no que Phet me dissera.

Será que eu poderia mesmo aprender a amar Kishan? Não seria assim tão difícil. O difícil seria esquecer Ren. Talvez eu nunca conseguisse. Meus pais nunca namoraram ninguém além um do outro. Será que dá para esquecer o primeiro amor? Como é que as pessoas fazem isso? Será que eu poderia olhar para Kishan com a mesma afeição que sentia por Ren?

Acho que muita gente consegue. Pessoas no mundo todo passam de um amor a outro. Só nunca achei que eu seria uma delas. Achei que, depois de encontrar Ren, nunca mais precisaria olhar para outro homem na vida. Phet pareceu sentir que uma escolha está pairando no futuro próximo. Mordi o lábio inferior. *Ainda há esperança de que Ren possa se lembrar de mim. Mas e se não lembrar? E se nunca mais puder me tocar sem sentir dor? Será que devo simplesmente desistir e dizer "Obrigada pelas lembranças"? Como poderei ficar com um se o outro ainda estiver por perto?*

Ouvi um gemido de Kishan, e meus olhos retornaram a ele.

Qual é o meu problema? Coitadinha de mim. Preciso escolher entre dois dos caras mais lindos do planeta. Eles são homens bons e gentis, que realmente se preocupam comigo. Ambos são príncipes bonitos. Kishan seria bom para mim. Iria me amar. Eu poderia me dar pior. Muito pior. Devo me lembrar disso.

Abri a porta de correr e me sentei numa cadeira. Kishan largou a barra e saltou para o chão. Fiquei surpresa em ver que ele foi capaz de pousar sem fazer barulho, apesar de seu porte.

– Oi – comecei, bastante sem jeito.

Ele puxou uma cadeira para a frente da minha e se sentou, examinando-me

com seus olhos dourados de pirata.

– Oi.

– Eu só queria pedir desculpa por ter gritado com você. Eu... bom, não tenho justificativas, e sinto muito por isso.

– Você não precisa se desculpar. Só estava frustrada. Esta é uma emoção com a qual me familiarizei muito nas últimas semanas.

– Quero que todos nós possamos nos concentrar em quebrar a maldição. Se houver questões malresolvidas, vamos nos distrair e alguém poderá se machucar.

– E... hã... como exatamente você pretende resolver essas questões?

– Boa pergunta. Acho que o melhor a fazer é deixar tudo às claras.

– Tem certeza de que é isso que quer fazer agora?

– Tenho. Provavelmente vai ser melhor assim.

– Certo. Então você começa. – Ele cruzou os braços por cima do peito. – O que sente por mim?

Respirei fundo e comecei a responder, hesitante:

– Certo. Vamos ser claros e sinceros, combinado? – Pus o cabelo atrás da orelha e me recostei na cadeira. – É o seguinte: confio em você. Gosto quando está por perto. Eu sinto por você... mais do que devia. Mais do que quero sentir, e isso me deixa incrivelmente culpada. E Phet disse...

– Prossiga.

– Phet disse que eu ficaria feliz com qualquer um de vocês dois e que em breve teria que fazer uma escolha.

Kishan bufou e me examinou.

– Você acredita nele?

Torci os dedos e balbuciei:

– Acredito.

– Que bom. Gosto de pensar que posso fazer você feliz. Agora é a minha vez?

– É.

– Muito bem. Para ser bem direto, Kells, eu quero você. Quero ficar com você mais do que já quis qualquer outra coisa. Mas vejo o jeito como olha para Ren, mesmo agora. Você ainda sente algo por ele. Sentimentos fortes. E não quero ser o seu namorado reserva, seu plano B. Se escolher ficar comigo, quero que seja porque me ama. Não porque não pode ficar com ele.

Ele ficou me encarando com seus olhos dourados intensos e baixei a cabeça diante daquele exame tão invasivo.

– E se for pelos dois motivos? – perguntei baixinho.

– Acho que eu poderia conviver com isso, contanto que ganhasse o seu coração no final. Tem mais uma coisa... – Ele pegou minha mão entre as suas e traçou uma linha imaginária nas costas dela. – Se escolher Ren, tudo bem. O mais importante é que... eu quero que você seja feliz.

– Está dizendo que não vai mais ter briga?

– Ren e eu temos passado muito tempo juntos ultimamente – disse Kishan, dando de ombros. – Ele me perdoou pelo que aconteceu a Yesubai e por todas as outras coisas que eu fiz. Se vocês dois ficarem juntos, eu vou ter que conviver com isso.

– Ele tem razão. Você mudou mesmo.

– Gosto de pensar que simplesmente melhorei com a idade.

– Não posso discordar disso.

Quando eu me levantei para sair, Kishan envolveu meu pulso com a mão e me puxou de volta. Passou os dedos pelo meu braço e me deixou arrepiada.

– Mas isso não significa que desisti de você. Ainda pretendo ganhá-la para mim, *bilauta*.

Ele beijou as pontas dos meus dedos antes de me soltar. Saí dali meio trôpega e me preparei para conversar a sério com Ren.

O problema foi que... não consegui encontrá-lo. Procurei na piscina, no jardim, na cozinha, na sala de música, na sala de TV e na biblioteca. Não havia sinal dele. Bati na porta do seu quarto.

– Ren? Você está aí?

Sem resposta.

Girei a maçaneta e vi que estava aberta. Eu me sentei à escrivaninha dele. Havia poemas espalhados por todos os lados, alguns em inglês e outros em híndi. Um livro de citações de Shakespeare estava aberto e virado para baixo na mesa. Afundei na poltrona de couro e apanhei a folha em que ele estava trabalhando.

Lembrando

Onde está o X?
Um tesouro de pirata jaz escondido
Mas o mapa está desbotado
As pontas chamuscadas e ilegíveis
O baú enterrado e trancado
E a chave se perdeu
O navio está a deriva
A ilha desapareceu
Como encontrá-la?
Desenterrar os amuletos preciosos?
As pedras preciosas beijadas pelo sol
Lábios de rubi reluzente
Dobrões de cabelo castanho-dourados
Tantos que poderiam escorrer pelas mãos
Tecidos sedosos para envolver a pele macia perolada
Um corado de donzela da cor de granada mandarim
Olhos de topázio cintilante que queimam e
Perfuram como diamantes
Um perfume — sutil e puro e sedutor
Um homem rico de fato
Se conseguisse encontrar
O X

Eu tinha acabado de ler o poema pela segunda vez quando o papel foi

arrancado da minha mão.

– Achei que detestasse os meus poemas. Aliás, quem chamou você aqui?

Ren falou de forma ríspida, mas ergueu uma sobrancelha e deu um sorriso afetado, como se estivesse animado para mais um duelo verbal.

– A porta não estava trancada – respondi. – Eu estava procurando você.

– Bom, já achou. O que você quer? Mais poemas para queimar?

– Não. Eu disse que não ia queimar os seus poemas.

– Muito bem. – Ren deu uma olhada no poema que segurava e relaxou. – Este foi o primeiro que consegui escrever desde que fui libertado.

– É mesmo? Talvez seja porque Phet livrou você do estresse pós-traumático.

Ren guardou o poema dentro de um caderno com capa de couro e se apoiou no pilar da cama.

– Talvez, mas desconfio que não.

– Então, o que o fez voltar a escrever?

– Parece que tenho uma musa. Agora, por que você está no meu quarto?

– Eu queria conversar. Esclarecer as coisas.

– Entendi. – Ele caminhou ao longo da cama, sentou-se encostado na cabeceira e deu tapinhas no espaço ao lado dele. – Então, sente-se aqui e fale.

– É... não acho que deva ficar tão perto.

– Vamos matar dois coelhos com uma cajadada só. Preciso testar a minha resistência.

Ren deu tapinhas na cama de novo.

– Chegue mais perto, minha *subhaga jadugarni*.

Cruzei os braços.

– Não gosto muito desse apelido.

– Então me diga do que eu costumava chamar você.

– Você me chamava de *priya, rajkumari, iadala, priyatama, kamana, sundari* e, mais recentemente, de *hridaya patni*.

Ren ficou olhando para mim com expressão indecifrável.

– Eu... chamava você de todos esses nomes?

– Chamava, e provavelmente de mais alguns de que não consigo me lembrar agora.

Ele ficou me olhando, pensativo. Depois disse bem baixinho:

– Venha cá. *Por favor*.

Obediente, me aproximei. Ele pôs as mãos na minha cintura, com cuidado para não tocar minha pele, e me ergueu por cima do próprio corpo para o outro lado da cama.

– Talvez eu devesse inventar outro apelido – sugeriu Ren.

– Como o quê? Não me venha com nada parecido com *sereia* ou *feiticeira*.

Ele deu risada.

– Que tal *strimani*? Significa "a melhor das mulheres" ou "uma joia de mulher". Está bom para você?

– Como foi que chegou a esse nome?

– Ando inspirado ultimamente. Então, sobre o que você queria conversar?

– Eu queria abrir o jogo, para que possamos nos sentir mais à vontade perto um do outro. Assim, vamos poder trabalhar juntos e as coisas vão ser mais fáceis.

– Você quer abrir o jogo? Como assim?

Ren me examinou com atenção, com seus lindos olhos azuis. Em um movimento involuntário, eu me inclinei para perto dele, mas me dei conta do que estava fazendo e recuei depressa, batendo de leve a cabeça na cabeceira da cama.

– Hum... talvez essa não seja uma boa ideia. Deu certo com Kishan, mas algo me diz que não vai funcionar tão bem com você.

A expressão divertida dele logo sumiu, e ele cerrou os dentes.

– O que deu certo com Kishan?

– Nós... conversamos sobre os nossos sentimentos.

– E daí? O que ele disse?

– Não sei bem se devo contar isso a você.

Ele rosnou baixinho e balbuciou alguma coisa em híndi.

– Certo, Kelsey. Você queria falar, então fale.

Suspirei e me ajeitei na cama, acomodando um travesseiro atrás da cabeça. Tinha o cheiro dele: cachoeira e sândalo. Respirei fundo, dei um sorriso involuntário e então corei quando percebi que ele estava me observando com curiosidade.

– O que você está fazendo? – perguntou.

Gaguejei, acanhada.

– Se quer mesmo saber, o travesseiro tem o seu cheiro. E confesso que gosto

dele.

– Ah, é?

Ele sorriu.

– É. Está vendo? Estou abrindo o jogo.

– Não totalmente. Vamos fazer um trato. Conte para mim o que Kishan disse, e você vai poder contar para ele tudo o que nós conversarmos. Sem segredos.

Imaginei qual seria a reação de Kishan. Ele provavelmente concordaria com Ren.

– Tudo bem.

Comecei com hesitação, aquecendo lentamente até chegar ao ponto. Repassei toda a minha conversa com Kishan, sem deixar nada de fora. Foi gostoso voltar a conversar com ele assim. Antes eu costumava lhe contar tudo, e naquele momento vi que ele me escutava com a mesma atenção de sempre. Até falei sobre as coisas que tinham acontecido enquanto ele ficara prisioneiro, então esperei e observei enquanto ele processava as informações.

Concluí dizendo o seguinte:

– E, quanto a você, só quero dizer que sinto muito por ter gritado com você na selva. Sei que tenho sido uma chata ultimamente, e peço desculpas. Eu estava irritada e magoada, e joguei a culpa em você.

– Talvez eu *merecesse* a culpa. – Ren ergueu uma sobrancelha e então sua expressão mudou para um sorriso aberto. – Então, você veio aqui me dar um beijinho e fazer as pazes?

– Vim fazer as pazes.

– Certo. Vamos ver se entendi direito. Kishan prometeu não beijar você até ter certeza de que não há mais nada entre nós.

– Isso.

– Você prometeu alguma coisa para mim quando estávamos juntos? Tipo, que não ia beijar outros homens?

– Nunca prometi nada sobre beijar, especificamente. Mas, depois que ficamos juntos, eu não quis beijar mais ninguém. Para ser muito sincera, antes de você eu também não tinha tido vontade de beijar alguém.

– Certo. Cheguei a prometer algo a você?

– Chegou, mas não importa mais, porque você não é a mesma pessoa.

– Ponha para fora, Kelsey. Quero saber exatamente o que fiz para magoá-la,

além da questão óbvia da amnésia.

– Está bem. – Expirei com força. – Está lembrado da minha festa de aniversário?

– Estou.

– Você me deu meias.

– Meias?

– No Dia dos Namorados, você me deu os brincos da sua mãe. Eu lhe disse que poderia ter me dado meias. Você respondeu exatamente o seguinte: "Meias não são um presente romântico, Kells." No meu aniversário, você falou que não era muito fã de sorvete de pêssego com creme, mas antes, em Tillamook, escolheu pêssego com creme porque disse que tinha o meu cheiro. Também afirmou que gostava mais do perfume de Nilima do que do meu cheiro natural.

– Tem mais?

– Tem. Você disse que nunca mais iria voltar a dançar com Nilima e fico com ciúme quando fala dela. E, falando nisso, você nunca mais demonstrou ciúme. Costumava bancar o ciumento o tempo todo, e agora não se importa... nem com a paquera de Kishan. Ele está dando em cima de mim desde Shangri-lá. Normalmente, você ficaria bastante aborrecido com isso. Todas essas coisas estão me incomodando desde que nós voltamos.

Pensei em fazer uma pausa, mas ia perder a coragem, então continuei:

– Uma vez, eu disse que tinha escolhido você... não Kishan. Mas agora Phet diz que também posso ser feliz com ele e que terei que fazer uma escolha em breve. De certa maneira, é legal saber isso porque, se eu não puder ficar com você e não puder fazê-lo feliz, pelo menos eu supostamente poderia fazer *Kishan* feliz, apesar de eu não conseguir me imaginar feliz sem você.

Minha voz falhou.

– E já que estamos confessando tudo... eu *adoro* os seus poemas. Para mim, são mais preciosos do que qualquer outra coisa. E... sinto sua falta. É difícil, estranho e perturbador estar perto de você sem estar *com* você. Ah, e tem mais uma coisa: aquela música, a que você não consegue lembrar, é uma das que escreveu para mim. E eu prometi... prometi nunca mais abandonar você.

Baixei o olhar e minha voz foi sumindo. Quando finalmente tive coragem de erguer a cabeça, encontrei os olhos azuis de Ren fixos em mim.

Depois de um momento de reflexão, ele disse:

– Bom, essa foi uma confissão e tanto. Acho que é a minha vez. – Ele fez uma breve pausa. – Eu só *sinto* quando você está por perto.

– Como assim?

– Quero dizer que, na maior parte do tempo, é como se eu estivesse entorpecido. Só me sinto vivo quando estou próximo de você. Não consigo tocar, ler, estudar nem escrever a menos que esteja por perto. Você é minha musa, *strimani*. Parece que não tenho vida sem você. E, como estamos nos abrindo, tenho bastante certeza de que estou me apaixonando por você de novo. Já no que diz respeito ao ciúme, eu diria que essa emoção definitivamente está retornando. Sinto muito pelas meias. Ninguém me disse que haveria uma comemoração até o último minuto. Kishan jogou o presente para mim do nada, e agora estou achando que ele pode ter feito isso de propósito.

Ele retomou o fôlego e prosseguiu:

– Eu gosto, sim, do seu cheiro. Agora que mencionou, pêssego com creme é uma descrição adequada. Desculpe pelo sorvete, mas gosto mais de manteiga de amendoim com chocolate. Prometo não dançar com Nilima. Acho que você é linda e, se não acredita em mim, pode reler o meu poema. Era você que eu estava descrevendo. Acho você interessante, doce, inteligente e altruísta. Gosto até do seu temperamento. Acho bonitinho. E, se isso não me causasse tanta dor, eu lhe daria um beijo agora mesmo.

– Daria?

– Sim, daria. Será que o que falei deu conta de tudo?

– Deu – sussurrei baixinho.

– Tem certeza de que não prometi mais nada para você? Tem mais alguma coisa que deixou você irritada?

Hesitei.

– Tem, sim. Tem mais uma coisa. Uma vez você prometeu que nunca ia me abandonar.

– Eu não tive escolha. Fui capturado. Está lembrada?

– Você escolheu ficar para trás.

– Para salvar a sua vida.

– Da próxima vez, não faça isso. Quero ficar e lutar com você.

– Acho que não posso prometer isso. A sua vida é mais importante do que o meu desejo de tê-la por perto. Mas vou ficar com você enquanto puder. Está

bom assim?

– Do jeito que está falando, parece mais a *Mary Poppins*. Você só vai ficar até o vento mudar. Mas acho que é o melhor que consigo.

Ren se virou de frente para mim.

– Tem mais uma coisa que quero que fique às claras.

– O que é? – perguntei.

– Você ainda... me ama?

Olhei para aquele rosto lindo e fui tomada pela emoção. Meus olhos se encheram de lágrimas. Fiz uma pausa de apenas um piscar de olhos antes de assentir uma vez.

– Sim, eu ainda amo você.

– Então, que se danem as consequências.

Ren pegou meu queixo de leve com a mão trêmula e encostou seus lábios nos meus. Colocou o braço ao redor do meu corpo e me puxou, quase me deitando em cima dele. Então murmurou contra meus lábios enquanto me beijava, apertando as mãos contra minhas costas:

– Se eu... não encostar na sua pele... não é tão ruim.

Ele foi dando uma trilha de beijinhos da minha boca à minha orelha. Acariciei seu cabelo com hesitação.

– Dói se eu tocar no seu cabelo?

– Não.

Ele sorriu e apertou os lábios contra meu ombro coberto pela camiseta.

– É pior quando *eu* beijo você?

Eu o beijei na linha do couro cabeludo e então passei para a testa e depositei ali alguns beijos suaves.

– Quando você beija o meu cabelo não dói nem um pouco, mas quando os seus lábios tocam a minha pele, queima. De um jeito quase bom.

Ren deu um sorriso torto. Baixei o olhar para seus lábios e ele me apertou contra o peito, voltando a me beijar. Foi apaixonado e doce, e retribuí seu ardor. Porém, cedo demais, seu corpo começou a tremer. Ele arrancou os lábios dos meus, arfando de dor.

– Desculpe. Kelsey. Não consigo... ficar perto de você agora.

Eu me afastei dele e me encolhi à cabeceira. Ren se levantou de um salto e foi até a porta da varanda, onde respirou fundo várias vezes. Ele me lançou um

sorriso fraco, com o rosto pálido e os braços e pernas trêmulos.

– Você vai ficar bem?

Ele fez que sim com a cabeça e disse:

– Desculpe.

E desapareceu.

Permaneci um tempo sentada na cama e inspirei o perfume que impregnava o travesseiro.

Não vi mais Ren o dia todo, mas encontrei um bilhete na minha cama. Dizia o seguinte: "Quem, tendo um coração para amar e, dentro dele, coragem para tornar conhecido o seu afeto, poderia se conter?"

Quem, de fato?

O Sr. Kadam, determinado a descobrir o ativador da memória de Ren, passava muitas horas conversando com ele, tentando chegar a alguma conclusão. Ren se dedicou à iniciativa com um fervor que não possuía antes. Kishan sempre aproveitava essas oportunidades para me levar para longe. Nós assistíamos a filmes ou saíamos para caminhar ou nadar.

Quando eu passava algum tempo com Ren, nós só conversávamos ou líamos. Ele me observava com frequência, e o rosto dele se iluminava com um sorriso sempre que eu erguia os olhos para ver o que ele estava fazendo. Frequentemente se transformava em tigre e ficava me fazendo companhia, tirando cochilos à tarde. Nessas ocasiões eu podia abraçá-lo. Ele apoiava a cabeça no meu colo enquanto eu lhe acariciava o pelo. Mas não voltou a tentar me beijar. Deve ter sido uma experiência dolorosa o suficiente para ele não querer repeti-la por enquanto. Teimosa, eu ignorava a voz na minha mente que ficava se perguntando o que eu faria se a dor dele *nunca* desaparecesse.

Ajudei o Sr. Kadam a pesquisar a terceira profecia nas semanas seguintes. Era óbvio que iríamos a um templo de Durga outra vez e receberíamos mais duas armas: um tridente e um *kamandal*. O Sr. Kadam e eu líamos alguns trechos em voz alta e eu tomava nota de fatos importantes. Durante uma sessão, descobri algo interessante.

– Senhor Kadam, este livro explica que um *kamandal* é um recipiente

normalmente usado para armazenar água, mas, nos mitos, dizem que abriga o elixir da vida, ou a água sagrada, e também é um símbolo de fertilidade. O Ganges sagrado teria se originado de um *kamandal*. Hum... O senhor tem um pouco de água do Ganges? Diz aqui que a maior parte das residências indianas guarda um recipiente com a água do rio, que é considerada sagrada.

O Sr. Kadam se recostou na cadeira.

– Não, não tenho, mas a minha mulher costumava ter. O Ganges é mesmo muito importante para o povo da Índia. A importância religiosa dele para os hindus é a mesma que a do rio Jordão para os cristãos. Seu valor econômico é tão grande quanto o do rio Mississippi para os Estados Unidos ou o do Nilo para o Egito. O povo acredita que o Ganges tem propriedades de cura, e as cinzas dos mortos são lançadas em suas correntes. Quando minha mulher morreu, as cinzas dela foram espalhadas no Ganges, e sempre achei que as minhas também seriam, mas isso já faz muito tempo.

– Os pais de Ren foram cremados?

O Sr. Kadam se recostou na cadeira e esfregou as palmas das mãos em círculos lentos.

– Não foram. Quando Rajaram morreu, Deschen ficou de luto. Eu tinha feito planos para cremar o corpo dele e levar as cinzas para o Ganges, mas ela não permitiu. Não suportaria ficar tão longe dele. Sabe, os hindus acreditam que a alma deixa os mortos imediatamente. Eles cremam o corpo assim que possível, para que não haja tentação de a alma se demorar entre os vivos.

– Ah.

– Mas Deschen era budista e, na cultura dela, o corpo morto é deixado em repouso durante três dias, na esperança de que o espírito que paira mude de ideia e resolva voltar a se unir ao corpo. Juntos, nós velamos e rezamos por Rajaram, e quando três dias se passaram, cavamos uma cova e o enterramos perto do jardim dela. Deschen passava o tempo todo ali, trabalhando e conversando com Rajaram, como se ele pudesse escutá-la. Quando Kishan não estava caçando, ficava perto da mãe e tomava conta dela. Ela logo adoeceu e, enquanto eu cuidava dela, entalhei um marcador de madeira para o túmulo de seu marido. Quando terminei a peça, soube que logo teria que fazer outra.

– Que triste – comentei, emocionada.

– Triste mesmo. Eu os enterrei lado a lado, perto da nossa casinha. Não fica

muito longe da cachoeira a que Ren levou a senhorita. Pouco depois disso, parti em busca de Ren. A selva de Deschen e Rajaram é um lugar cheio de paz. Já voltei lá várias vezes para depositar flores no túmulo deles e substituí os marcadores de madeira por lápides de pedra permanentes. Apesar de o enterro de Rajaram não ter refletido as próprias crenças, sei que ele teria aberto mão de qualquer coisa para deixar a mulher feliz. Desconfio que, se houvesse sido possível, ele teria me pedido para fazer exatamente o que fiz para dar a ela uma sensação de paz.

Ele piscou os olhos úmidos e mexeu num livro sobre a mesa.

– Ah, peço desculpa. Não era minha intenção ficar tão emocionado.

– O senhor os amava.

– Amava. Muitas vezes penso que gostaria de ser enterrado ao lado deles quando eu morrer. Acredito que isso não vai acontecer, é claro, mas... é um lugar especial para mim. Em várias ocasiões me ajoelhei no túmulo deles e falei de seus filhos. Não é algo comum na cultura hindu, mas acho que traz conforto para mim.

O Sr. Kadam resolveu dar fim ao clima melancólico.

– Bom, mas estávamos falando sobre o Ganges. Acontece que há certo embasamento na crença de que o rio tenha propriedades de cura.

– Se o senhor não se importa, eu prefiro não nadar lá, caso não seja necessário.

– Não acho que vá precisar nadar no Ganges. No entanto, a profecia menciona especificamente "mergulhar", e foi por isso que providenciei aulas de mergulho.

– Tem certeza de que não significa outra coisa? Como o negócio do Mestre do Oceano?

– Não significa outra coisa. Estou bem certo de que desta vez nós vamos para o mar. As outras duas profecias eram baseadas nos elementos da terra e do ar. Acredito que esta profecia tenha a água como tema... mais precisamente o mundo submarino.

– Isso não me parece nada bom – resmunguei –, principalmente a parte sobre criaturas que mordem e aguilhoam. Posso pensar em vários seres marinhos que faço questão de não encontrar. Além do mais, o poder do tigre é quase inexistente no mar, e também não sei se o meu poder de raio funciona embaixo da água.

– É verdade. Já pensei nisso. A boa notícia é que acredito saber o que estamos

procurando desta vez.

– É mesmo?

O Sr. Kadam folheou um livro e encontrou o que estava querendo.

– É isto que vamos procurar – disse ele com um floreio. – Repare no pescoço dela.

Olhei para o livro. O Sr. Kadam apontava para uma linda imagem artística de Durga. A deusa usava um colar largo estonteante de diamantes e pérolas negras.

– O colar? É isso que o senhor acha que nós devemos procurar? E está escondido em algum lugar no mar? Sem problemas – comentei, incrédula.

– É, sim. Bom, pelos menos sabemos o que precisamos procurar. Dizem que o colar dela foi roubado há séculos por um deus invejoso... coisa que, aliás, leva à minha segunda descoberta.

– E qual seria?

– O lugar onde vamos dar início à nossa busca. Nós iremos à Cidade dos Sete Pagodes.

– O que é isso?

– Ah, vou revelar hoje à noite – concluiu o Sr. Kadam, misterioso. – Contarei a história toda a vocês depois do jantar.

Apesar de eu implorar para saber qual seria o nosso destino, o Sr. Kadam insistiu para que continuássemos com nossa pesquisa relativa à profecia. Passamos o resto da tarde mergulhados nos estudos. O Sr. Kadam se concentrou na cidade enquanto eu tentava descobrir mais sobre os dragões.

Terminado o jantar, nós nos reunimos na sala do pavão. Kishan se sentou ao meu lado. Ele esticou o braço por trás de mim e, ousado, apoiou-o sobre meus ombros, enquanto Ren ocupou um assento à nossa frente. Finalmente, o Sr. Kadam chegou, se acomodou e começou a contar a história de Durga.

– Durga é conhecida por diversos nomes – começou ele. – Um deles é Parvati. O marido de Parvati, Shiva, ficou bravo porque ela não lhe dava a atenção que ele julgava merecer. Shiva a baniu para o mundo inferior, para viver como mortal numa vila de pescadores. O povo, ainda que pobre, era devoto e tinha construído muitos templos. Apesar de Parvati estar vivendo como humana, conservou sua beleza celestial e muitos quiseram se casar com ela. Shiva logo começou a sentir falta da mulher e ficou com ciúme da atenção que outros homens lhe davam. Então enviou seu servo Nandi para a vila de pescadores.

Eu adorava a forma como o Sr. Kadam contava histórias, e não ousava interrompê-lo.

– Nandi roubou o colar dela em segredo e disse aos aldeões que o Colar de Pérolas Negras da linda donzela tinha sido escondido sob as ondas, protegido por um tubarão feroz. O homem que fosse capaz de matar o tubarão e encontrar o colar poderia tomá-la como esposa. Mas os pescadores não sabiam que Nandi assumira a forma daquele tubarão. Ele protegia, implacável, o colar para seu senhor, Shiva, que tinha planos de ir até lá recuperar as pérolas e deixar que os outros homens morressem tentando. Ele tinha esperança de que seu gesto fosse suficiente para reconquistar o afeto da esposa.

O Sr. Kadam limpou a garganta e logo retomou seu relato.

– Muitos homens aceitaram o desafio, mas não foram bem-sucedidos. Alguns armaram estratégias para pegar o colar. Procuraram afastar o tubarão com carcaças ensanguentadas para depois ir atrás das pérolas, mas Nandi não era um tubarão qualquer. Ele era esperto e se escondia. Esperava os homens mergulharem e então atacava. Logo, todos os pretendentes tinham sido mortos e comidos pelo tubarão ou ficaram apavorados demais para tentar. Parvati se desesperava com a perda de tantas vidas. O tubarão Nandi patrulhava as águas, causando medo e confusão ao rasgar redes de pesca e atacar qualquer um que ousasse pôr os pés na água. Todo o vilarejo, em sofrimento, ficou aflito.

– Nossa! – exclamei sem querer.

– Mas havia um deus menor que amava a cidade. Vários dos templos ali tinham sido construídos em sua homenagem. Ele era o deus dos raios, do trovão, da chuva e da guerra e, aliás, tinha dado a Parvati o poder de emitir raios. Seu nome era Indra. Ele ouvira falar da terrível praga que tinha se abatido sobre aquele povo e resolveu investigar. Indra viu aquela mulher linda, mas não reconheceu a deusa. Mesmo assim, imediatamente se apaixonou por ela. Resolveu conquistar sua mão disfarçando-se de mortal e matando o tubarão por conta própria. Isso tinha sido exatamente o que Shiva pensara em fazer, e não ficou nada feliz por ver outro homem, que não era nada menos do que um deus, apresentar-se ao desafio. Os dois deuses, disfarçados de homens, deram início à empreitada, ambos tentando matar o tubarão para encontrar o tesouro escondido. Indra detinha o poder do clima e causou grandes tempestades e ondas que confundiram Nandi, o tubarão. Enquanto Indra mantinha o tubarão

ocupado, Shiva procurava o colar pelo oceano, e logo o encontrou. Ele retornou à terra no exato momento em que Indra arrastava a carcaça do monstro morto para a praia e afirmava que a deusa era dele, porque tinha matado o enorme peixe.

A história estava quase chegando ao fim.

– Shiva revelou quem era e disse a Indra que o peixe na verdade não tinha sido morto, mas que era seu servo Nandi. O cadáver do tubarão se transformou no corpo vivo de Nandi. Então Shiva pôs o colar em Parvati. Quando o colar se assentou no lugar, a deusa se lembrou de quem era e abraçou o marido. Indra ficou irado e pediu aos aldeões que julgassem quem deveria ser o vencedor. Estando em uma posição desconfortável, o povo atribuiu a vitória a Shiva. As pessoas ficaram contentes por Indra ter matado o tubarão, mas o amor entre Shiva e Parvati era óbvio para todos. Shiva teria matado Indra naquele momento, mas Parvati o deteve. Ela implorou por sua vida, dizendo que as mortes causadas por ela já eram numerosas demais. Shiva concordou e levou-a de volta a seu reino. O povo se regozijou e voltou a prosperar, agora que o terror dos mares não estava mais lá. Mas Indra não esqueceu sua vergonha e os truques que tinham sido aplicados contra ele. Certa noite, ele se esgueirou para dentro da casa de Shiva e Parvati e roubou o colar. Usou seu poder para convocar as ondas e os ventos para inundar o vilarejo que o tinha traído e deixou todos os templos debaixo d'água, menos aquele que havia sido dedicado a Shiva e Parvati. Ele o deixou lá como um monumento vazio, um lembrete de que agora não existia mais ninguém para louvá-los. Então voltou a esconder o colar e ele próprio assumiu a forma do tubarão para que pudesse sempre vigiar seu prêmio e imaginar a raiva de Shiva toda vez que olhasse para o pescoço nu da mulher.

– Uau! Essa história é perturbadora – comentei. – Uma coisa que me confunde na mitologia indiana é a maneira como os nomes sempre mudam. A cor da pele dela muda: dourada, preta, rosa. O nome dela muda: Durga, Kali, Parvati. A personalidade dela muda: é uma mãe amorosa, é uma guerreira brutal, é terrível em sua ira, é uma amante, é vingativa, é fraca e mortal, depois é poderosa e não pode ser derrotada. E ainda tem o estado civil: às vezes é solteira, outras vezes, casada. É difícil dar conta de todas as variações.

– Parece uma mulher normal para mim – caçoou Ren.

Olhei com raiva para ele enquanto Kishan ria, concordando com o irmão.

– E tubarões? Por favor, por favor, diga que não vai ter nenhum tubarão vigiando o colar.

– Não sei bem o que vai ter lá. Espero sinceramente que não enfrentem um tubarão – respondeu o Sr. Kadam.

– Está com medo, Kelsey? Não precisa ficar. Desta vez, nós dois vamos estar com você – disse Ren.

– Permita-me esclarecer a situação para você com uma citação de Shakespeare: "Se quiseres saber como vivem os peixes no mar, é como os homens na terra: os maiores comem os menores." E eu sou um dos menores. Tigres não podem lutar contra tubarões. Dito isso, é melhor eu treinar meu poder de raio embaixo d'água. – Mordi o lábio. – E se eu acabar me eletrocutando?

– Hum. Vou pensar sobre esse assunto – disse o Sr. Kadam.

Apertei a mão de Kishan com força. Enquanto ele retribuía o gesto, prossegui:

– Se pudesse escolher, ia preferir enfrentar os cinco dragões.

O Sr. Kadam assentiu com um gesto solene. Ren e Kishan ficaram quietos, de modo que o Sr. Kadam retomou a palavra:

– Querem saber para onde nós vamos?

– Queremos – responderam os irmãos em uníssono.

– Vamos para a cidade de Indra. Ela se chama Cidade dos Sete Pagodes. Era uma antiga cidade portuária, construída no século sete, famosa por ter sete pagodes, ou templos, todos com um domo de ouro. Fica perto de Mahabalipuram, no litoral leste da Índia. De fato, muitos estudiosos não acreditavam que existisse até que um terremoto abalou o oceano Índico em 2004. O tsunami que veio em seguida mexeu com os depósitos de areia e revelou uma cidade submarina complexa. Antes de o tsunami atingir o litoral, a água recuou e as pessoas que ficaram bem acima do nível do mar relataram ter visto ruínas de construções e pedras grandes, mas a água logo voltou a cobrir tudo. Desde então, as muralhas da cidade foram sendo redescobertas, e a uma distância de pouco menos de um quilômetro do litoral. Agora encontraram estátuas de elefantes, cavalos, leões e divindades. A única construção que ficou acima do nível do mar foi o Templo da Praia. Durante séculos haviam sido transmitidas histórias sobre a tal cidade e repassados relatos de quem teria visto a cidade afundada brilhando sob as ondas, peixes gigantes nadando pelas ruínas

e joias reluzindo intocadas porque qualquer pessoa que tentasse mergulhar ali seria amaldiçoada e nunca mais voltaria à tona.

– Parece um lugar fabuloso – comentei, irônica.

– Os achados causaram tanto alvoroço que vários livros foram escritos a respeito do lugar, e muitos arqueólogos o estudaram. Li num livro que Marco Polo registrou a cidade quando a visitou em 1275 e disse que os domos cobertos de cobre dos templos eram um ponto de referência para os navegadores. Muita gente desprezou sua afirmação ou achou que estivesse falando de outra cidade. Tenho a sensação de que é este o lugar em que devemos procurar o Colar de Pérolas Negras.

Bufei e me levantei.

– Certo. Vamos encarar essas aulas de mergulho.

– Primeiro, acho que precisamos trocar de acomodações.

– Para onde vamos? – perguntei, confusa.

O Sr. Kadam juntou as mãos e respondeu, como se não fosse nada de mais:

– Para o iate, é claro.

6

O Festival das Estrelas

– Nilima está em Mumbai preparando o navio – explicou o Sr. Kadam. – Vamos navegar pela Índia e parar em Goa a fim de buscar o nosso instrutor de mergulho. Ele vai permanecer a bordo até nós o deixarmos em Trivandrum. Para se tornarem mergulhadores exímios vocês deverão praticar a viagem toda, e não temos muito tempo.

– Então, está pronto para partir? Assim, sem mais nem menos? Não precisamos fazer muito mais pesquisas antes? – perguntei.

– Vamos viajar bem devagar, e já supri a biblioteca do navio com todo o material de pesquisa de que precisamos, de modo que poderemos trabalhar enquanto navegamos. O iate é capaz de alcançar a velocidade de 20 nós e pode nos levar até lá em poucos dias se viajarmos à noite, mas prefiro avançar mais lentamente. Precisamos fazer paradas ao longo do caminho, em um templo de Durga, por exemplo, e também quero que vocês tenham tempo suficiente para praticar mergulho antes de chegarmos à Cidade dos Sete Pagodes.

Eu me agitei, nervosa.

– Quando partimos?

– Depois do Festival das Estrelas, na semana que vem – declarou o Sr. Kadam, com a calma de sempre.

Ren se sentou ereto.

– Ainda celebram esse festival por aqui?

O Sr. Kadam sorriu.

– Sim, mas as tradições mudaram um pouco com o passar dos anos.

– O que é o Festival das Estrelas? – indaguei.

Ren se virou para mim e explicou:

– É o equivalente chinês ao Dia dos Namorados.

– E a Índia tem um festival para isso?

O Sr. Kadam esclareceu:

– O Japão e também o Brasil celebram um dia sagrado parecido. Não é exatamente a mesma coisa que o Valentine's Day nos Estados Unidos. O festival que acontece aqui é resquício de um dia sagrado que foi iniciado por esta família.

Kishan completou:

– A minha mãe adorava este dia sagrado e quis celebrá-lo na Índia, então o meu pai o estabeleceu em seu reino. Parece que fazem a celebração desde aquela data.

– O que acontece durante o Festival das Estrelas? Quais são as tradições?

O Sr. Kadam se levantou.

– Acho que vou deixar Ren e Kishan darem as explicações. Boa noite, Srta. Kelsey.

– Boa noite.

Olhei de Ren para Kishan e esperei alguém abrir a boca. Eles se entreolharam. Cutuquei Kishan com o cotovelo.

– Então? Pode me contar.

– Fique sabendo que não participo das celebrações há alguns séculos, mas, se me lembro corretamente, a cidade faz uma festa com fogos de artifício, comida e lanternas. As moças se arrumam. Tem dança e música.

– Ah. Então não tem nada a ver com o Valentine's Day? O tema é o amor? Tem chocolates, flores e cartões?

– Bom, há flores e cartões, mas não do tipo comprado em lojas.

Ren interrompeu.

– Também é uma oportunidade para uma moça solteira fazer um pedido para se casar com a pessoa de quem gosta.

– Mas achei que a maior parte dos casamentos entre vocês fosse arranjada.

– E é – respondeu Kishan. – É só um jeito inocente de uma donzela se expressar. Estou curioso para ver como os costumes mudaram desde o nosso tempo. Acho que você vai se divertir, *bilauta*.

Ele apertou a minha mão e piscou para mim.

Ren pigarreou.

– Na China se chama Noite dos Setes e ocorre supostamente no sétimo dia do sétimo mês do ano, mas a data não é tão importante quanto as estrelas. A celebração ocorre quando as estrelas Orihime e Hikoboshi se alinham. Então, quando você escreve o seu desejo, está fazendo um pedido para uma estrela. Não sei qual é o nome em inglês para essas estrelas. Você vai ter que perguntar ao Sr. Kadam.

– O que eu devo vestir?

– Você confia em mim? – perguntou Ren.

Suspirei.

– Confio. O seu gosto para roupa costuma ser melhor do que o meu.

– Que bom. Vou providenciar algo adequado para você. Se a celebração for fiel à tradição, as donzelas ficam perto dos pais e podem ser acompanhadas a certas atividades ou jogos apenas com a anuência deles. De acordo com o costume, você e Nilima devem ficar próximas a Kadam. No entanto, como você não é indiana, na verdade não faz diferença. Poderá circular livremente, se quiser.

– Hum. Vou pensar sobre o assunto.

A semana seguinte foi de muito trabalho. O Sr. Kadam e eu examinamos a biblioteca, livro a livro, e separamos tudo que achávamos que poderia ser útil no navio. Fiquei horas pesquisando na internet sobre os dragões dos cinco oceanos. Também passei muito tempo com Kishan e Ren – aliás, um pouco mais com Ren.

Ren estava começando a se parecer mais com quem era antes. Líamos juntos com frequência. Ele gostava de estar no mesmo cômodo que eu, apesar de manter certa distância. Muitas vezes me pedia para ficar com ele enquanto tocava violão ou escrevia poesia, e pedia minha opinião a respeito de algumas frases ou letras.

Ele me provocava, brincava comigo e tentava segurar minha mão, mas parecia que não havia como desenvolver tolerância, por mais que se esforçasse. Ele sentia dor e passava mal todas as vezes. Tentava não demonstrar, mas eu sabia. Ainda assim, dava a impressão de estar feliz perto de mim, e eu me contentava

com qualquer período de tempo que pudesse passar com ele.

Diversas vezes eu estendia a mão para tocar no braço ou no ombro de Ren, mas então recuava, ciente de que iria machucá-lo. Ele afirmava que tocar em suas roupas não doía; só sentia a necessidade urgente de fugir, e disse que estava se acostumando à sensação. Mas, ainda assim, nossa relação parecia muito limitada.

Eu não sabia bem o que Ren estava sentindo ou pensando. A impressão que eu tinha era a de que fazia um esforço enorme para passar tempo comigo, apesar dos efeitos colaterais. Não voltamos a falar sobre nossos sentimentos, mas ele demonstrava estar determinado a se aproximar mais de mim. Tentou todo tipo de coisa para encontrar o ativador de sua memória e começou a deixar flores e poemas para mim ao longo do dia, mais ou menos como costumava fazer no Oregon. Era *quase* suficiente.

Não voltei a pensar no festival até que Ren me viu escrevendo na varanda um dia, à tarde.

– Trouxe o seu vestido para o festival.

– Ah, obrigada – agradeci sem prestar muita atenção. – Pode deixar em cima da cama? Mais tarde eu guardo.

– Guarda? O festival é hoje à noite, Kells. E o que é que você está escrevendo?

– O quê? Como uma semana passou tão rápido? – Apertei o caderno contra o peito quando Ren tentou espiar por cima do meu ombro. – Se quer mesmo saber, seu enxerido, estou escrevendo um poema.

Ele sorriu.

– Eu não sabia que você escrevia outra coisa além dos relatos no seu diário. Posso dar uma olhada?

– Ainda estou trabalhando em algumas palavras. Não é tão bom quanto o seu. Você vai dar risada.

Ren se sentou à minha frente.

– Não vou rir, Kelsey. Deixe-me ver, por favor. Sobre o que é?

– Amor. – Suspirei. – Você vai ficar aí sentado me azucrinando até eu mostrar, não vai?

– Provavelmente. Estou morrendo de curiosidade.

– Tudo bem. Pode olhar. Mas é o meu primeiro, por isso, seja bonzinho.

Ren fez uma reverência.

– Claro, *strimani*. Sou sempre um perfeito cavalheiro.

Lancei um sorriso afetado para ele, mas entreguei o poema e fiquei lá roendo as unhas enquanto ele lia em silêncio. Então leu mais uma vez, em voz alta.

Amar é cuidar

Amar é cuidar
Começa...
Um creme de cheiro doce é aplicado sobre a pele áspera
Uma colônia é espalhada no rosto recém-barbeado

Rostos reluzentes, camisas engomadas, saias curtas
Lábios, bochechas e cabelos pintados
Nós brilhamos

Somos depilados, enfeitados, perfumados e empoados
Compramos flores, chocolates, velas e joias
Não é real

O amor verdadeiro é pálido, áspero, natural
É a mãe trocando a fralda
É cortar as unhas dos pés, assoar o nariz, acordar com mau hálito
Trocar o salto alto por tênis e chinelo de ficar em casa
Juba desgrenhada
Mechas embaraçadas

O amor tem lábios rachados, cera na orelha, barba que pinica

e unhas roídas
Tem coceira nas costas, pelo nas pernas e o aviso
"Tem alguma coisa no meio dos seus dentes, querido"

Amor de verdade
É tirar pelos das costas do marido
Esvaziar o penico do vovô
Ficar de moletom na sexta à noite
Guardar dinheiro, não gastar
Enxugar rostos febris com compressas frias

As leoas lambem os filhotes para limpá-los
Macacos tiram piolhos das costas
Seres humanos lavam o cabelo da mãe antes do enterro

Amar é cuidar

Ren ficou em silêncio durante um tempo, enquanto olhava para o papel. Meu pé batia nervoso.

– E aí? Desembucha logo.

– É um pouco... taciturno. Mas eu gostei. Apesar de, tecnicamente, os macacos não tirarem piolhos por amor. Fazem isso para comer um lanchinho à tarde.

Arranquei o caderno da mão dele.

– Você já experimentou todas essas formas de amor, não é mesmo? – perguntou, os olhos cheios de curiosidade.

– A maior parte delas, eu acho. Mas admito que nunca esvaziei um penico.

– Nem arrancou pelos das costas do namorado, presumo.

– Não. As suas costas são perfeitas.

Ele ficou me olhando.

– Você tem uma enorme disposição para o amor, e foi magoada. Sinto muito por ter contribuído para isso.

– Não se preocupe com isso.

Ren encostou de leve na minha mão e logo recolheu o braço.

– É a única coisa que eu tenho na cabeça. A gente se vê à noite. – Ele se virou antes de desaparecer pelo corredor e sorriu. – E reserve uma dança para mim.

Depois que ele saiu, fui até a cama e tirei o papel de seda do embrulho de presente. Dentro do pacote estava um vestido chinês de seda maravilhoso. Segurei-o na frente do meu corpo com cuidado. Era a cor preferida de Ren. O vestido era em uma gradação de azul indo de um tom suave de azul-royal do pescoço até a metade do peito e mudando para um azul bem escuro... a cor do céu à noite.

Estrelas, luas, planetas e dragões ferozes bordados com fios dourados e prateados se espalhavam por todo o vestido. Os símbolos se entremeavam com gavinhas e flores, também douradas e prateadas. A gola era em estilo mandarim, com uma casa de botão pequena e um fecho prateado em forma de sapo. O vestido acabava no meio da panturrilha, e eu estava erguendo a sobrancelha para a fenda lateral comprida quando reparei na etiqueta.

Ren comprou isto. Ele não o fez com o Lenço Divino.

Foi nesse momento que o Sr. Kadam bateu na porta e me entregou duas caixas.

– O vestido é encantador, Srta. Kelsey. Trouxe sapatos e fivelas de cabelo para você, que acabaram de chegar. Nilima pediu para avisar que estará aqui em uma hora para ajudá-la com o cabelo.

– Nunca vi um vestido tão lindo. Por que ele o comprou? Podia ter feito algo com o Lenço.

O Sr. Kadam deu de ombros.

– Esse vestido se chama *qipao*. É tradicional na cultura chinesa. A mãe dele sempre usava roupas assim. Talvez a senhorita veja alguns vestidos parecidos na festa, mas é mais provável que encontre vestimentas indianas mais tradicionais. Vai se destacar, e imagino que este deva ser o motivo que o fez comprá-lo.

– Ah. Bom... obrigada. Nós nos vemos daqui a umas duas horas, então.

– Estou ansioso pela celebração.

Como prometido, Nilima bateu na porta do meu banheiro uma hora depois, quando eu estava terminando de fazer uma escova no cabelo.

– Ah, perfeito. Tenho um penteado em mente que só serve em cabelo liso.

Eu me sentei numa poltrona em frente ao espelho largo e olhei para Nilima. Ela já estava vestida com um *lehenga* em tom de laranja queimado e um bustiê

de veludo com aplicações em seda. Cristais, contas e lantejoulas enfeitavam sua saia e sua *dupatta*. O cabelo comprido e escuro da indiana esbelta estava cacheado e caía pelas costas com muito charme. As laterais estavam presas de um jeito frouxo com fivelas de borboletas douradas e cor de laranja, e ela usava brincos e pulseiras de ouro.

– Você está linda, Nilima.

– Obrigada. Você também vai ficar ótima.

– Bom, se o seu cabelo servir de parâmetro, tenho certeza de que vou passar por aceitável.

Ela deu risada e começou a separar o meu cabelo. Tentei prestar atenção, mas suas mãos se moviam com rapidez. Ela repartiu meu cabelo para o lado e começou a pentear e a enrolar mechas para armar um coque rebuscado na nuca. Quando ficou satisfeita, removeu uma variedade de pentes de uma das caixas que o Sr. Kadam tinha trazido antes. Os pentes eram incrustados de safiras e diamantes em forma de estrela, lua e flor.

Havia também um par de brincos compridos. Tinham uma pedra ovalada azul-royal brilhante no centro e pedras azul-escuras saíam dela em leque, como meias-luas. Uma estrela de diamantes se pendurava no meio e contas em forma de gotinhas em azul-royal, azul-escuro, dourado e prateado pendiam dela.

Nilima enfiou os pentes no meu cabelo, ao redor do penteado rebuscado que tinha feito, e me declarou pronta. Pedi-lhe ajuda para entrar no vestido apertado. Se não fosse pela fenda do modelo, eu não ia poder me mexer sem arrebentar uma costura.

Nilima disse que eu estava maravilhosa, mas eu tinha certeza de que passaria a noite toda puxando o vestido para tentar manter a perna minimamente coberta. A outra caixa deixada pelo Sr. Kadam continha os calçados: sapatilhas de salto prateadas com acabamento trançado dourado.

Postei-me na frente do espelho do closet. Fiquei chocada ao ver que a garota do reflexo era eu. Eu parecia exótica. Uma perna comprida desnuda se revelava pela fenda e, com os sapatos de salto, eu parecia ainda mais alta.

Meu corpo ganhara músculos graças aos exercícios com Kishan, o que se notava. Minha cintura estava mais fina e meus braços, torneados. O quadril continuava mais ou menos do mesmo tamanho, e isso fazia com que eu parecesse mais curvilínea. Nilima tinha realçado meus olhos com delineador

azul-escuro e aplicado uma sombra dourada cintilante nas pálpebras. Eu parecia uma mulher, não mais uma menina. Parecia... sexy. Parei de puxar o vestido, deixei as mãos caírem e sorri.

Eu nunca tinha me achado bonita. Sempre priorizei o conforto acima do estilo. Naquela noite, porém, eu estava tão satisfeita com minha aparência que talvez até fosse fazer frente a Ren e Kishan. Com esse pensamento, peguei o leque dourado que viera com os pentes de cabelo, amarrei a cordinha no pulso e desci a escada cheia de confiança.

Fui recebida por Nilima e o Sr. Kadam, que estava estonteante com um terno branco simples e uma camisa de seda verde-petróleo.

– Sr. Kadam! Está muito bonito. Onde estão Ren e Kishan? – perguntei.

– Já foram. Vão nos encontrar na fonte. – O Sr. Kadam ofereceu um braço para cada uma de nós e prosseguiu: – Obrigado pelo elogio, mas nada se compara às senhoritas. Todos os homens do festival sentirão inveja de mim.

O Sr. Kadam nos ajudou a entrar no seu Rolls-Royce e reclamou só um pouco por não podermos ir de McLaren – que tem lugar para apenas duas pessoas. Logo fomos levadas em alta velocidade para o Festival das Estrelas, e me senti a própria Cinderela chegando ao baile do príncipe.

A cidade estava bastante iluminada e tinha muita gente circulando pelas ruas, com roupas de todas as cores. Fios com lanternas coloridas de papel se estendiam entre as construções. Globos de papel machê com fitas compridas estavam pendurados no arco de entrada do festival, e guirlandas de flores e luzinhas rodeavam a pista de dança ao ar livre.

Nilima e eu pegamos cada uma em um braço do Sr. Kadam. Com ar de pai orgulhoso, ele nos conduziu até a árvore dos desejos, pegou duas tiras coloridas de papel e as ofereceu para cada uma de nós.

– Escrevam seu desejo no papel e amarrem na árvore – instruiu ele. – Se fizerem um pedido no festival e tiverem fé nas estrelas, ele será concedido este ano.

Escrevi meu desejo e segui Nilima até a árvore, que estava enfeitada com milhares de papéis coloridos. Encontramos um bom lugar para prender os nossos. Então estava na hora de encontrar os irmãos e providenciar algo para comer.

Passamos por grupos de pessoas a caminho de uma grande fonte no meio da

cidade. Ela lançava água em arcos altos e estava iluminada por luzes giratórias coloridas. Era lindo de se ver. O Sr. Kadam nos conduzia pela multidão, abrindo caminho para que Nilima e eu pudéssemos ir atrás.

Kishan cumprimentou o Sr. Kadam e Nilima e então se virou para mim, soltando a respiração e falando com voz rouca:

– Você está... maravilhosa. Nunca vi uma mulher tão linda.

Ele vestia uma calça azul-marinho e uma camisa vinho de manga comprida com finas listras verticais azul-escuras. O cabelo escuro e os olhos dourados faiscantes eram magnéticos, atraindo instantaneamente a atenção de várias mulheres próximas.

Kishan fez uma mesura com a cabeça e ofereceu o braço.

– Posso acompanhá-la?

Dei risada.

– Eu ficaria lisonjeada com a companhia de um rapaz tão bonito, mas precisa perguntar ao meu pai.

O Sr. Kadam sorriu.

– Claro que sim. Desde que a traga de volta antes da cerimônia das lanternas.

Quando Kishan me puxou para longe, perguntei:

– E... onde está Ren?

– Ele desapareceu quando chegamos aqui. Disse que precisava fazer uma coisa.

– Ah.

Não pude deixar de ficar um pouco decepcionada, apesar de já estar em ótima companhia.

– Venha. Vamos pegar algo para comer – disse ele.

Fomos passando por várias barracas com comidinhas deliciosas. Tudo que se podia imaginar estava à venda, inclusive doces. Muitos dos vendedores ofereciam degustação de pequenos petiscos. Escolhemos delícias de vários lugares.

Comemos chutney de pêssego picante com biscoitos salgados, *samosas* e copinhos de *baigan bharta*, que era berinjela queimada direto no fogo, descascada e amassada com iogurte e especiarias. Também havia uma variedade de petiscos chineses, rolinhos primavera, *wontons* e *dim sum*. Achei até pipoca com curry – mas não quis provar.

Kishan deu risada quando franzi o nariz.

– Como você pode curtir a Índia se detesta curry? É a mesma coisa que morar na China e detestar arroz.

– Existem várias outras comidas e temperos aqui de que eu gosto. Só não sou chegada a curry.

– Tudo bem. Mas isso me deixa com poucas opções para oferecer a você.

– Melhor assim. Não quero explodir neste vestido.

– Hum. – Kishan olhou para mim e provocou: – Talvez você precise comer mais, então.

Logo esbarramos com o Sr. Kadam e Nilima. Ren, no entanto, ainda não tinha aparecido.

Nilima pegou meu braço.

– Vamos para a cerimônia das lanternas.

– O que precisamos fazer?

– Você vai ver – disse Nilima, dando risada. – Venha.

Uma multidão já estava reunida na ponte. Os organizadores do festival estavam numa plataforma elevada e cumprimentavam o público.

O Sr. Kadam traduziu o discurso para mim.

– Estão nos dando as boas-vindas e desejando que aproveitemos as festividades. Agora aquele senhor está falando sobre a grandiosa história da nossa cidade e dos feitos que alcançamos este ano. Ah! – O Sr. Kadam bateu palmas. – Chegou a hora de os pais com filhas solteiras irem pegar uma lanterna. Fiquem aqui. Já volto.

Caixas de lanternas em forma de flor foram abertas e entregues aos pais com filhas solteiras. O Sr. Kadam pegou duas. Entregou uma cor-de-rosa para Nilima e uma branca para mim.

– O que eu faço?

– Tem que descrever o homem com quem deseja se casar – explicou o Sr. Kadam.

Em pânico, eu soltei:

– Em voz alta?

– Não, no papel ou na sua cabeça, se quiser. Então as moças, uma por vez, colocam a lanterna no fogo se sentem que o homem que buscam está perto ou na água se acham que ele está longe.

Dei uma olhada em Kishan, que me lançou uma piscadela.

– Ah – falei, engolindo em seco.

Nilima se virou para mim.

– Está pronta, Srta. Kelsey?

– Estou.

– Que bom. O locutor acaba de pedir que todas as moças solteiras deem um passo adiante.

Nilima pegou meu braço e caminhamos juntas até a frente, onde todas as garotas estavam postadas. Ao soar do sino, todas acenderam suas lanternas com velinhas. Quando o sino voltou a tocar, elas avançaram e, uma a uma, fizeram sua escolha diante da multidão eufórica.

Um aqueduto de madeira tinha sido montado perto do fogo; seu pequeno curso d'água carregava as lanternas até o rio próximo. Nilima disse que o aqueduto tinha sido construído recentemente, para que os sapatos da moças não ficassem sujos de lama. Também fazia com que a escolha fosse mais dramática, porque ninguém que estava assistindo sabia se a escolha seria pelo fogo ou pela água até o último minuto.

Fiquei na fila e examinei a multidão em busca de Ren, mas não o vi em lugar algum. Kishan, por sua vez, sorria de orelha a orelha. Nilima foi primeiro e colocou a lanterna na água. Observei o enfeite flutuar pelo canal e então dei um passo para a frente, refletindo sobre o significado da minha escolha. *Fogo ou água?* Pensei brevemente sobre Li no Oregon e suspirei ao imaginar como minha vida teria sido fácil se eu o tivesse escolhido, mas então me lembrei da razão por que não o escolhera. Li não era o homem que eu amava.

Eu faria qualquer coisa para voltar no tempo e reviver aquela época com Ren. Como tinham sido curtas aquelas semanas felizes... Olhei para Kishan de novo e retribuí-lhe o sorriso. Eu sabia que minha escolha estava na Índia. O homem com quem eu iria me comprometer estava aqui. Joguei minha lanterna no fogo com convicção e ouvi o Sr. Kadam e Kishan comemorarem.

Depois da cerimônia, Kishan me chamou para dançar e o Sr. Kadam e Nilima se juntaram a nós. Dançar com Kishan desta vez foi bem diferente daquela ocasião em que havia acabado de voltar para casa. Apesar de não ter muita destreza durante as músicas mais rápidas, ele se saía bem nas lentas. Ele me segurava de maneira possessiva, mal se movendo ao ritmo da música. Não havia nada em que eu pudesse me concentrar a não ser nele, e achei difícil resistir ao

homem bonito e ao convite entusiasmado em seus olhos.

Kishan fez uma careta, aborrecido, quando a música terminou e explicou que o costume local era dançar só uma música com a moça, devolvê-la ao pai e voltar para a fila, para que outros pretendentes também tivessem oportunidade de impressionar a família dela. Nilima tinha um grupo de homens tentando ganhar sua atenção, mas, para minha surpresa, também havia vários rapazes fazendo fila para *mim*. Isso deixou Kishan muito mal-humorado.

O Sr. Kadam parecia feliz em orquestrar o movimento todo e me apresentou a várias pessoas, traduzindo quando necessário, o que não aconteceu com muita frequência. A maior parte dos meus "pretendentes" falava inglês. Kishan ficou parado ao lado do Sr. Kadam, olhando feio para os rapazes, o que serviu para espantar vários deles. Ele dançou comigo o máximo de vezes possível e tentou intimidar todos os outros que procuravam ter a sua chance.

Não parecia que Ren fosse aparecer. Eu me resignei com isso e decidi aproveitar a noite mesmo sem ele.

Kishan me levou de volta depois de nossa quarta dança e então pediu para dançar com Nilima. Quando o Sr. Kadam se afastou para pegar uma bebida para mim, o leque dourado escorregou do meu pulso. Olhei para ele no chão e bati o pé de frustração. Não tinha como eu me abaixar para apanhá-lo com aquele vestido apertado.

Uma voz afetuosa ronronou atrás de mim:

– Permita-me.

– Ren!

Eu me virei para ele com um sorriso e prendi a respiração. Ele usava calça branca e uma camisa azul listrada justa, aberta no colarinho. A camisa era de um azul do céu noturno, a mesma cor do meu vestido. Ele sorriu e meu coração começou a bater forte.

Ren deu alguns passos e se agachou para pegar o meu leque... então ficou paralisado. Seus olhos acompanharam a fenda do meu vestido. Apesar de ele não me tocar, senti seu olhar me acariciar, subindo lentamente pela minha perna. Cambaleei, um pouco tonta. Aquilo que Kishan era capaz de conseguir ao me abraçar apertado, Ren fazia só com os olhos. Ele se levantou devagar e admirou descaradamente toda a minha produção, antes de enfim parar no meu rosto.

– Esse vestido... foi uma decisão muito, *muito* boa. Eu poderia escrever um poema inteiro sobre as virtudes das suas pernas, mais nada. *Você* é um banquete para os sentidos.

Dei um sorriso bobo.

– Não sei se sou um banquete. Talvez só uma entradinha.

Ren pôs minha mão em seu braço.

– Entradinha coisa nenhuma. É a sobremesa. E tenho planos de pular alguns pratos.

Ele começou a me puxar numa direção quando o Sr. Kadam se aproximou. Ren falou baixinho com ele e voltou bem rápido.

– O que disse a ele?

– Que ia manter você ocupada durante o resto da noite. Vamos voltar com o Jeep.

– Kishan não vai ficar muito feliz.

Ren resmungou baixinho.

– Kishan já teve você só para ele por mais da metade da noite. O resto dela agora é meu. Venha.

Começamos a nos afastar quando ouvi Kishan gritar. Eu me virei, dei de ombros e sorri. Ele viria atrás de nós, mas o Sr. Kadam pôs a mão em seu braço. Ren me puxou cheio de entusiasmo.

– Vamos!

Ele ziguezagueou entre algumas pessoas e começou a avançar mais rápido. Tive que correr com meus saltos para acompanhá-lo. Eu dava risada enquanto ele ia me puxando, sem largar do braço dele.

– Para onde vamos?

– Você vai ver. É surpresa.

Nós nos abaixamos para passar por uma guirlanda de flores, demos a volta em grupos de pessoas que nos olhavam boquiabertos enquanto passávamos a toda velocidade e atravessamos um dos portões do parque. Aos nos aproximarmos de uma área gramada, ele pediu que eu fechasse os olhos.

Quando os abri, eu me vi perto de um banco de madeira. Lanternas lançavam uma luz amarela suave das árvores próximas e, no meio de um pátio de pedra, uma velha mangueira se erguia. Papeizinhos coloridos contendo desejos estavam pendurados por toda a árvore, esvoaçando com a brisa leve. Ren me

entregou um galho de lilás, enfiou algumas das flores no meu cabelo e tocou na minha bochecha.

– Você é uma mulher de tirar o fôlego, Kelsey. – Ele sorriu. – Principalmente quando fica corada desse jeito.

– Obrigada. – Retribuí o sorriso. Distraída pelo farfalhar do papel, eu disse: – Esta árvore está linda! Deve haver centenas de pedidos nela.

– E há mesmo. Minha mão ainda está com cãibra.

Dei risada.

– Você fez isso? Mas por quê?

– Kelsey, o Sr. Kadam lhe disse mais alguma coisa a respeito do Festival das Estrelas? Falou da origem dele?

– Não. Por que não me conta?

Ren pediu que eu me sentasse, acomodou-se ao meu lado e esticou o braço atrás das minhas costas. Observando o céu, ele apontou.

– Ali. Está vendo aquela estrela?

Assenti.

– Aquela ali é Vega e a que está ao lado é Altair. A versão chinesa da história conta que Vega e Altair eram amantes separados pelo Rei do Céu. Ele criou um rio enorme, a Via Láctea, para apartá-los. Mas Vega chorou tanto por seu amado que o Rei do Céu ficou com pena dos dois e permitiu que ficassem juntos uma vez por ano.

– No sétimo dia do sétimo mês.

– Exato. Por isso, quando as duas estrelas se juntam, nós celebramos a união romântica delas colocando desejos numa árvore, na esperança de que elas olhem aqui para baixo, para nós, e, em sua felicidade, nos concedam nossos desejos.

– Que história bonita!

Ele se virou para mim e tocou no meu cabelo de leve.

– Eu enchi a árvore com meus desejos, que são todos variações do mesmo tema.

– Qual é o seu desejo? – perguntei baixinho.

Ren entrelaçou os dedos dele nos meus, apesar de eu saber que isso o queimava.

– O meu desejo é encontrar uma maneira de atravessar aquele rio e voltar para você.

Ele ergueu minha mão até o seu rosto. Delicadamente, afastei uma mecha de cabelo da testa dele.

– Esse também é o meu desejo.

Ren passou um braço pela minha cintura e me puxou mais para perto.

– Não quero machucar você – sussurrei.

– Não pense nisso.

Ele segurou meu rosto e me deu um beijo cheio de ternura, quase sem encostar os lábios nos meus. Mas senti seu braço tremer e o afastei com gentileza.

– Você está começando a passar mal. Vai conseguir ficar mais tempo perto de mim se se afastar um pouco.

– Não quer que eu a beije?

– Quero. Quero isso mais do que qualquer outra coisa, mas, se eu tiver que escolher, prefiro ficar perto a dar um beijo rápido e depois você precisar ir embora.

Ele suspirou.

– Tudo bem.

– Desta vez, vai ter que me cortejar com palavras, em vez de beijos.

Ren deu uma risada seca.

– "Tão impossível é avivar o fogo com neve quanto buscar aplacar o fogo do amor com palavras."

– Bom, se tem alguém capaz de fazer isso é você, Shakespeare. Posso ler alguns dos seus desejos?

Ren sorriu.

– Se fizer isso, eles não vão se tornar realidade. Você não acredita nos desejos feitos às estrelas?

Eu me levantei, caminhei até a árvore e arranquei uma folha.

– Shakespeare também disse: "Não cabe às estrelas controlar nosso destino, mas a nós mesmos." Nós vamos fazer o nosso próprio destino. Vamos moldar a nossa vida do jeito que quisermos. Quero você na minha vida. Escolhi você antes e escolho de novo. Vamos simplesmente ter que lidar com as barreiras físicas. Prefiro estar perto de você desse jeito a estar longe.

Ele caminhou até onde eu estava e me abraçou por cima do tecido do vestido. Deitei a cabeça em sua camisa de seda.

– Você está aceitando isso agora, Kelsey, mas, no fim, talvez faça outra escolha.

Vai querer ter família, filhos. Se eu não conseguir superar isso, nós nunca poderemos ficar juntos.

– E você? – balbuciei contra o peito dele. – Você pode ficar com outra mulher e ter essas coisas. Não quer isso?

Ele ficou quieto durante um longo minuto.

– Sei que quero ficar com você. Kishan tinha razão quando disse que você era a garota perfeita para mim. A verdade é que podemos desejar o que quisermos, *strimani*, mas não há garantias nesta vida. Não quero que você sacrifique todas essas coisas, que sacrifique a sua felicidade, para ficar comigo.

– Eu iria sacrificar a felicidade se *deixasse* você. Não vamos mais falar sobre isso esta noite.

– Vamos ter que falar sobre isso em algum momento.

– Mas você não sabe o que vai acontecer. Pode recobrar a memória quando encontrarmos o próximo objeto ou completarmos as quatro tarefas. Estou disposta a esperar todo esse tempo. Você não está?

– Não se trata do que eu quero. Trata-se de você e do que é melhor para você.

– *Você* é o melhor para mim.

– Talvez eu tenha sido no passado.

– Ainda é.

Ren suspirou e se afastou.

– Vamos voltar? – sugeriu.

– Não. Você me prometeu uma coisa.

– Prometi mesmo. – Ele estendeu a mão e perguntou, galante: – Você me concede esta dança?

Fiz que sim e ele colocou as mãos em volta da minha cintura e me beijou no alto da cabeça. Eu me aninhei nele e dançamos para lá e para cá ao som da música.

Quando começou a queima de fogos, nós nos sentamos no banco e admiramos as cores brilhantes contra o céu escuro. Ren continuou me abraçando, mas tomou cuidado para não encostar na minha pele. No final, eu disse:

– Obrigada pela árvore e pelas flores.

Ren assentiu e tocou de leve um dos botões no meu cabelo.

– São lilases. Quando um homem dá um lilás a uma mulher, está lhe fazendo uma pergunta: você ainda me ama?

– Você já sabe a resposta.

– Eu queria ouvi-la dizer.

– Sim. Eu ainda amo você.

Tirei um lilás do galho que ele me deu e lhe devolvi. Pensativo, Ren brincou com ele entre os dedos.

– Quanto a mim... acho que nunca deixei de amar. – Ele tocou minha bochecha e passou os dedos até chegar ao meu queixo. – Sim, eu amo você, Kelsey. Fico feliz por termos nos reencontrado.

– É a única coisa de que preciso saber.

Ele olhou para mim e deu um sorriso triste.

– Venha, Kells. Vamos para casa.

– Espere. Vou pegar alguns dos seus desejos.

Com a permissão de Ren, tirei cinco papéis da árvore e segurei seu braço. No caminho de casa, estávamos os dois em silêncio. Ele me ajudou a sair do carro, me acompanhou até a porta do meu quarto e deu um beijo afetuoso na minha cabeça antes de dizer boa-noite.

Depois que vesti meu pijama e fui para a cama, acendi o abajur e li os cinco desejos de Ren.

Quero dar a ela o melhor de tudo.

Quero fazê-la feliz.

Quero me lembrar dela.

Quero tocar nela.

Quero amá-la.

7

O iate

O Sr. Kadam anunciou que, na manhã seguinte, partiríamos para Mumbai bem cedo, por isso devíamos aproveitar nosso último dia em terra firme para relaxar antes de começarmos os trabalhos mais uma vez. Todos dormimos até mais tarde. Quando finalmente abri a porta do quarto, encontrei Ren à minha espera.

Ele sorriu e disse:

– Achei que você fosse gostar de comer comigo. Quer tomar café da manhã agora?

– Claro. – Retribuí com um sorriso acanhado. – Vai ser panqueca com gotas de chocolate, manteiga de amendoim e banana.

Ele ficou me olhando sem entender nada.

– Eu gosto disso?

– Tivemos longas discussões sobre suas preferências em relação a panquecas. Venha, Tigre.

Fizemos a maior bagunça na cozinha, mas valeu muito a pena, só de ver a expressão de êxtase no rosto de Ren quando ele deu a primeira mordida.

– Se eu não amasse você antes, isto teria me deixado completamente enfeitiçado – disse ele com a boca cheia. – O que posso fazer para ficar à altura dessas panquecas? Deve haver alguma coisa.

– Estão mesmo bem gostosas. Com certeza merecem uma retribuição. Hum, sabe do que eu sinto falta? Das suas massagens. Você faz a melhor massagem do planeta, mas iria lhe causar dor demais agora. Talvez eu peça a Kishan. Ele

também é bom nisso. Acho que dei um mau jeito no pescoço esta noite.

Ren largou o garfo e olhou feio para mim.

– Não quero que Kishan ponha as mãos em você. Posso fazer a massagem e aguentar o sofrimento.

– Não precisa. Ele é perfeitamente capaz.

– Kishan é capaz de muitas coisas, e roubar namoradas está no topo da lista de habilidades dele.

– Então, é isso que eu sou? Sua namorada?

Ren examinou meu rosto com seus olhos azuis.

– Você não quer ser?

– Não achei que já estivesse pronto para nos definir dessa forma.

– Rótulos para mim não são tão importantes quanto saber como eu me sinto. Sei que quero ficar com você, e quanto mais longe Kishan estiver, melhor eu vou me sentir.

– Você está precipitando as coisas porque Kishan está interessado? Quer atacar a gazela antes do outro tigre? Esse tipo de coisa?

– Talvez em parte – confessou. – Mas isso não significa que eu esteja errado em querer seguir em frente com nosso relacionamento. Eu simplesmente sinto que você é a garota certa. Em todos os aspectos possíveis. – Ele sorriu. – E então? Vai voltar a ser minha namorada?

– Na verdade, nunca deixei de ser sua namorada. Sempre fui sua.

Ren me lançou um daqueles sorrisos de parar o coração e disse:

– Isso é exatamente o que eu precisava ouvir.

Ele pegou minha mão, deu um beijo nela e, bem contente, voltou a atacar as panquecas.

Eu franzi a testa e rodei o garfo na calda.

– Vou ter que falar com Kishan.

– Quando?

– Acho que, quanto antes, melhor. Ele ainda deve estar bravo comigo por tê-lo abandonado ontem à noite.

– Tudo bem. Encontre comigo aqui de novo daqui a mais ou menos uma hora. Eu ajeito a cozinha. Vá lá falar com ele.

– Por quê? O que vamos fazer daqui a uma hora?

– Tenho planos de passar o dia com você... como tigre. O benefício é poder

ficar horas ao seu lado sem nenhum efeito colateral. E se por acaso você sentir vontade de acariciar minhas costas, coçar minhas orelhas e me beijar... melhor ainda.

Dei risada.

– Certo. Vai ser como nos velhos tempos... A gente se vê mais tarde.

Beijei o topo da cabeça dele e saí à procura de Kishan.

Tive que usar o rastreador do meu celular para localizá-lo. Ele estava no bosque atrás da casa, usando o *chakram* para derrubar uma árvore. Ouvi o som metálico do disco voltando e me abaixei numa reação automática. Ele falou sem se virar.

– O que está fazendo aqui? Ren não consegue entreter você o suficiente?

– Você está bravo comigo.

Ele suspirou.

– Não é que eu esteja bravo. Só estou... estou desconcertado.

– Podemos conversar?

Ele finalmente se virou e olhou para mim. Estava infeliz, mas assentiu e estendeu a mão. Nós nos sentamos no chão, as costas apoiadas contra um tronco.

– Em primeiro lugar, peço desculpas por ter sumido ontem à noite. Ren planejou uma coisa grande e se esforçou muito para fazer isso.

Kishan atirou uma pedra em uma árvore. Ela bateu com um baque antes de cair no chão fofo.

– Sei muito bem por quê.

– Certo – prossegui. – Mas eu me diverti muito no tempo que passei com *você*.

– Kells, pare. Não precisa explicar nada. Você queria ficar com ele, então ficou. Fim da história. Não me fez nenhuma promessa e não precisa se sentir culpada por causa disso. Se eu me enchi de esperança, a culpa foi toda minha, não sua. Tirei muitas conclusões das suas ações.

– Como assim? Que ações?

– Quando jogou a sua lanterna no fogo e sorriu para mim, achei que talvez, apenas talvez, significasse que você estava pensando em mim.

– É mais ou menos verdade. Não coloquei a minha lanterna na água porque sei que o homem com quem eu vou ficar está aqui.

– Certo. Ren.

– Eu espero que seja. Conversamos ontem à noite e ele disse que me ama. Quer retomar nosso relacionamento.

– Então, vocês estão juntos de novo?

– Tanto quanto é possível. E eu estava pensando nele quando joguei a lanterna. Mas também estava pensando em você.

– Como assim?

Suspirei e puxei os joelhos para perto do peito.

– Acho que pensei em você porque sei que se, por alguma razão, eu não puder ficar com Ren, vou escolher você.

– Então eu sou o seu jogador reserva? O seu plano B?

– Eu não estava pensando assim. Você não é a segunda escolha, nem uma escolha menor, nem uma escolha errada. Você é uma escolha diferente. Acho que me sinto mais segura em relação a esta família do que em relação a um ou outro homem. Eu pertenço a ela. Sou parte de vocês.

Ele resmungou.

– Isso é verdade. Se Ren a deixar, pode ter toda a certeza do mundo que não vou permitir que você escape.

– Acho que simplesmente sinto uma forte convicção de que o meu lugar é junto aos tigres.

– Você pertence aos tigres.

Kishan me envolveu com um dos braços e me puxou para mais perto.

– Não sei como tudo isso vai se desenrolar. Uma vez, prometi um final feliz para você, e ainda tenho esperança de que tenhamos isso – falei.

– Não acho que seja possível, mas obrigado por não acabar com toda a minha esperança.

– Não sei dizer se lhe fiz algum favor.

– Fez sim. Você se comprometeu conosco. Independentemente do que acontecer, seu lugar é comigo e com Ren. Sempre vou ter você por perto, e é legal saber disso.

– E eu sei que sempre vou ter vocês dois por perto.

Aninhei a cabeça no peito dele, fiz uma careta e esfreguei o pescoço.

– Dormi de mau jeito essa noite.

– Posso lhe fazer uma massagem.

– Ren vai ficar louco da vida. Ele não quer que você encoste em mim.

– Se ele não souber, não vai ficar magoado. Vire-se de costas.

Depois de receber uma massagem de pescoço completa, voltei para a casa e encontrei Ren à minha espera na biblioteca. Fiel à sua palavra, ele se transformou em tigre e se acomodou no meu colo. Eu já tinha pedido que não me desse mais beijos de tigre, mas ele lambeu meu braço assim mesmo. Acariciei-lhe as costas e li poesia enquanto ele cochilava e acordava.

Ele permaneceu na forma de tigre, mesmo ao seguir Kishan e eu até a sala de cinema para assistirmos a um filme à noitinha. Eu me sentei no chão ao lado dele e lhe dei pipoca, deixando que lambesse o lanche amanteigado da palma da minha mão. Então descansei a cabeça no colo de Kishan e caí no sono.

Quando acordei no meio da noite, estava deitada na minha cama, coberta com a colcha da minha avó. Chutei a colcha para longe no quarto escuro como breu e fui saindo pela lateral da cama. Meus pés bateram num corpo peludo no chão.

– Ren? É você?

O tigre ronronou em resposta. *Ren*.

Sorri e beijei-o na cabeça a caminho do banheiro. Depois de escovar os dentes e vestir um pijama, fui para a cama e vi um par de olhos dourados me encarando da varanda. Abri a porta e acariciei o tigre negro.

– Obrigada por me trazer para a cama. Boa noite.

Dei um beijo na cabeça dele também e voltei a dormir.

Na manhã seguinte, ouvi quando alguém bateu na minha porta e disse palavras abafadas. Voltei imediatamente a dormir, até sentir o toque leve de Ren na minha testa.

– Hora de acordar, dorminhoca. Temos que ir para o iate.

Rolei para o lado e murmurei no travesseiro:

– Mais cinco minutos. Pode ser?

– Eu adoraria lhe dar mais cinco minutos, mas Kadam está pronto.

Resmunguei e sacudi a cabeça enquanto Ren afastava o cabelo embaraçado do meu rosto.

– Você fica uma graça quando está reclamona. Vamos, *iadala*. Precisamos ir andando.

– Ren, você nunca mais me chamou de *iadala*, e isso prova que eu ainda estou sonhando. Deixe-me dormir.

– Certo. *Strimani*, então.

– Não. Gosto mais de *iadala*.

– Vejo você lá em baixo.

Tomei banho, me vesti e peguei minha mochila. Quando desci, já estava todo mundo dentro do carro. O Sr. Kadam estava no banco do motorista, ao lado de Kishan, e Ren estava no banco de trás. Quando lancei um olhar de que não estava entendendo nada para Kishan, ele deu um sorriso triste e fez um gesto para que eu me sentasse no banco de trás. Ren era só sorrisos quando entrei. Ele deu um beijo rápido na minha cabeça, transformou-se em tigre e descansou a cabeça no meu colo.

O Sr. Kadam olhou para trás a fim de ver como nós estávamos.

– Está tudo bem aí, Srta. Kelsey?

– Claro. Vocês por acaso trouxeram café da manhã para viagem?

– O Fruto Dourado está na minha mochila – disse Kishan. – Peça o que quiser.

Fiz uma vitamina de mirtilo. Ren olhou para a bebida, interessado.

– Nem venha, Tigre. Vai deixar tudo melequento com essa baba de tigre. Tem alguma outra coisa que queira?

Ele bufou e voltou a baixar a cabeça.

– Ótimo. Se ficar com fome mais tarde, me avise.

O Sr. Kadam, Kishan e eu conversamos sobre a profecia durante todo o trajeto, e fiquei tão envolvida no papo que me surpreendi quando entramos no trânsito de Mumbai. Ren ronronava baixinho, dormindo no meu colo. Era gostoso poder tocar nele, apesar de ser apenas sua metade tigre. Acariciei sua cabeça e deslizei os dedos nos pelos macios do pescoço, massageando-o de leve, coisa que o fez entrar em uma espécie de transe de tigre.

Abri a janela e senti a maresia e o perfume condimentado de Mumbai. O Sr. Kadam passou pelo meio de um mercado de pescadores e fechei a janela bem rápido quando vários vendedores começaram a se aproximar do nosso veículo, que avançava devagar.

– Mantenha a cabeça abaixada, Ren.

A resposta dele ribombou por seu peito e para a minha coxa. Atravessamos o mercado até o cais, passando por um píer depois do outro e vários barcos

grandes. Perguntei ao Sr. Kadam qual era o nosso.

– Nenhum deles, Srta. Kelsey. O nosso está mais afastado.

– Ah.

Os barcos iam ficando maiores à medida que avançávamos. *Com certeza vamos chegar logo ao nosso. O cais está acabando.*

Finalmente, o Sr. Kadam diminuiu a velocidade quando chegou a um portão para que Kishan pudesse passar um cartão magnético na caixa de controle. O portão se abriu e vimos um prédio elegante com operários uniformizados trabalhando no amplo terreno.

– O que é isso? – perguntei.

– É um iate clube. O nosso barco não está muito longe.

Demos a volta no prédio, na direção do mar, e entramos numa rua construída sobre as águas. Era feita como um beco sem saída e se dividia em docas, cada uma com seu próprio barco enorme.

Fiquei boquiaberta.

– O senhor tem um navio de cruzeiro?

O Sr. Kadam deu risada.

– Tecnicamente, chama-se megaiate.

– Quer dizer que é maior do que um iate comum?

– Sim. Os iates são classificados por tamanho. O consenso geral entre os navegadores é definir um iate como uma embarcação que precisa de tripulação. Os superiates têm aproximadamente de 23 a 45 metros de comprimento; os megaiates vão de 45 a 75; e os gigaiates, de 75 a 90. É raro qualquer coisa maior do que isso ser de propriedade de um indivíduo.

Eu estava totalmente pasma, e brinquei:

– Senhor Kadam! Estou chocada por não ter um gigaiate.

– Pensei na questão, mas gigaiates são grandes demais para os nossos propósitos. Este aqui, em tamanho, chega perto do menor gigaiate. Acredito que esta embarcação será suficiente.

– Acha mesmo?

– Acho, sim – respondeu, sério, sem se dar conta do meu sarcasmo.

O Sr. Kadam virou à esquerda no terceiro cais e percorremos o comprimento do barco enquanto eu olhava boquiaberta pela janela. O megaiate era lindo e reluzente. A metade superior era branca, cheia de janelas, e parecia ter três

conveses com uma torre branca baixa no alto. A metade de baixo era preta e tinha janelas menores. Calculei que devia haver mais um ou dois níveis abaixo da linha-d'água.

Quando passamos pela popa, olhei para cima e vi o nome do iate escrito em híndi.

– Qual é o nome dele, Sr. Kadam?

– É *Deschen*.

O Sr. Kadam conduziu o Jeep por uma rampa firme presa à lateral da enorme embarcação e parou o carro no que era basicamente a garagem do iate. Ren transformou-se em homem, piscou para mim e todos nós descemos.

O Sr. Kadam imediatamente assumiu o comando.

– Ren? Kishan? Será que podem levar nossas coisas para os quartos e avisar ao capitão que já embarcamos e estaremos prontos para partir assim que ele der o aviso? Eu gostaria de mostrar tudo para a Srta. Kelsey, se ela não se incomodar.

Assenti sem dizer nada e entreguei minha mochila a Kishan, que apertou meu braço de leve antes de seguir Ren escada acima. Dois homens haviam descido para remover a rampa. Enquanto eles fechavam as portas externas do iate, eu inspecionei a garagem bem-iluminada. Caberia outro carro ali com facilidade. Havia lonas cobrindo alguns itens ao longo da parede dos fundos. Poderíamos muito bem estar numa garagem muito organizada de uma casa qualquer. Eu olhava aquilo tudo sem conseguir acreditar que tínhamos entrado de carro direto para o interior do maior navio que eu já havia visto.

– Vamos?

O Sr. Kadam indicou que eu devia ir na frente, por isso subi a escada.

– A única coisa que sei sobre barcos é que a proa fica na frente e a popa, atrás. Nunca consigo me lembrar dos outros dois.

– Estibordo e bombordo. Estibordo é a nossa direita. O corpo do navio se chama casco, e a parte superior que dá toda a volta é a amurada. Por aqui, Srta. Kelsey.

Eu o segui na direção do centro do navio e nos deparamos com um elevador redondo com paredes de vidro. Virei-me para trás.

– O senhor tem um elevador? Em um iate?

O Sr. Kadam deu risada.

– Veio com ele. É muito conveniente. Podemos começar com a casa do leme?

– O que é isso?

– É a ponte ou centro de comando do navio. Você vai poder conhecer o capitão.

Entramos no elevador estilo Willy Wonka do *Deschen*. Tinha uma alavanca igual à de um elevador antigo de hotel operado por ascensorista. Aparentemente estávamos no quinto de seis andares. O Sr. Kadam empurrou a alavanca até o alto e começamos a subir. Passamos por uma área de estar, uma biblioteca, uma academia e paramos em um deque. Saímos, subimos mais uma escada e entramos na parte coberta.

O Sr. Kadam explicou:

– A casa do leme tecnicamente não tem mais uma roda de leme dentro, e a maior parte das pessoas hoje a chama de ponte. Sou antiquado o bastante para continuar usando o nome velho. A cabine do capitão fica depois da casa do leme e ele tem um belo gabinete bem ao lado.

– São quantos tripulantes a bordo?

– O capitão, o assistente dele, três marujos, um chef, duas camareiras e, mais tarde, o nosso instrutor de mergulho.

– Não é muita gente para se ter por perto? O senhor não pode conduzir o navio sozinho? Estamos fazendo coisas altamente secretas, está lembrado? Por que precisamos de um chef se temos o Fruto Dourado?

– Confie em mim, Srta. Kelsey. Essas pessoas trabalham para mim já faz um bom tempo. Nilima checou a fundo os antecedentes de todos, e eles se provaram leais, confiáveis e bem-treinados. O único novato é o instrutor de mergulho, mas os antecedentes dele também foram verificados, e acredito que seja de confiança. Precisamos de um chef porque a tripulação também tem que se alimentar, e poderia ficar desconfiada se começasse a aparecer comida sem carregarmos qualquer suprimento.

– Mas e se nós enfrentarmos *dragões* ou algo assim? – sussurrei. – Eles não vão entrar em pânico? E se todos fugirem e precisarmos manobrar este navio gigantesco por nossa própria conta?

O Sr. Kadam deu risada.

– Se algo assim acontecer e a nossa tripulação fizer um motim, Nilima e eu somos perfeitamente capazes de levar a embarcação de volta para a costa. Não se preocupe demais, Srta. Kelsey. Essas pessoas não vão se esquivar do perigo.

Venha. Vamos conhecer o capitão e desfazer seus temores.

Entramos na ponte, que era um compartimento impecável e reluzente com janelas, em branco e aço inoxidável, e vi um homem olhando pela janela com um binóculo.

– Senhorita Kelsey, este é o capitão Diondre Dixon.

O homem baixou o binóculo, virou-se e sorriu.

– Ah! Kadam, meu amigo. Esta é a moça de quem tanto me falou?

Ele deu um passo mais para perto e bateu de leve nas costas do Sr. Kadam. Usava calça branca larga e camisa havaiana verde. Reconheci o sotaque dele na hora.

– O senhor é jamaicano?

– Sou, sim, Srta. Kelsey. A adorável ilha da Jamaica é o lugar que chamo de lar, mas o mar é a minha esposa, sabe?

O capitão deu risada, e eu gostei dele imediatamente. Imaginei que tivesse uns 65 anos. Era um pouco cheinho; sua pele era de um tom moreno-claro e suas bochechas e testa, escurecidas por sardas. Ele tinha barba e bigode branco, e o cabelo branco grosso estava penteado para trás, mostrando as entradas.

Apertei a mão dele com um gesto caloroso e disse:

– Muito prazer. – Dei uma olhada rápida pela janela. – A que altura nós estamos?

O capitão Dixon se juntou a mim.

– Acredito que estejamos cerca de 15 metros acima da linha-d'água. Venha. Deixe-me mostrar a casa do leme.

Havia duas cadeiras de couro sobre uma plataforma no centro do compartimento, de frente para um painel de controle comprido repleto de botões e alavancas. Por cima, meio inclinados, havia monitores com imagens variadas. Um estava sintonizado no clima, outro mostrava a profundidade da água e o terceiro exibia medidas que não fui capaz de identificar. A parede atrás de nós tinha dois painéis grandes de instrumentos protegidos por vidros.

– Este navio é enorme! Acho impressionante uma coisa assim tão grande ser manobrada apenas com o uso de alguns botões. É lindo aqui em cima!

– É mesmo. A vista é bacana. Já fez algum cruzeiro, Srta. Kelsey?

– Não. Este é o meu primeiro.

– Ah, então vou tentar fazer com que o seu primeiro cruzeiro seja o mais

confortável possível.

O Sr. Kadam interrompeu:

– Vamos andando, Srta. Kelsey. O capitão está ocupado preparando a nossa partida, e nós temos uma visita a terminar.

O capitão Dixon sorriu.

– Prazer em conhecê-la. Espero que aproveite a viagem. Sempre que quiser fazer uma visita, por favor, dê uma passada aqui. Talvez possamos deixar que ela conduza o iate um pouco. O que acha, Kadam? – brincou ele.

– Acredito que a Srta. Kelsey possa fazer qualquer coisa que coloque na cabeça. Voltarei para visitá-lo em breve, Dixon.

– Maravilha! Voltaremos a nos ver, Srta. Kelsey.

Ele baixou a cabeça e se virou para a janela mais uma vez.

Deixamos o capitão Dixon para trás, descemos as escadas e o Sr. Kadam foi me mostrando o restante do convés. Enquanto caminhávamos, ele me falava sobre o navio.

– Tem 65 metros de comprimento, com envergadura, ou largura, de quase 13 metros, e calado de 3 metros e 74 centímetros. Comporta aproximadamente 115 mil litros de combustível e 28 mil litros de água, e tem dois motores a diesel com força de 3.516 cavalos-vapor a bordo. Pode fazer 20 nós de velocidade, mas em geral navega a 16.

Eu estava prestes a dizer ao Sr. Kadam que todos aqueles números não faziam muito sentido para mim quando ele finalmente falou algo que eu entendi.

– Este aqui é o deque – anunciou ele e me conduziu até a impressionante frente do iate, onde avistei uma área de observação com bancos e um espaço *lounge* numa espécie de buraco no piso.

O *lounge* era extraordinário. Parecia uma sala de estar chique. Um grande sofá e dois outros de dois lugares estavam encostados na parede. Uma escotilha se abria de cada lado e levava de volta para o interior do navio. Na frente do sofá havia um semicírculo de cadeiras acolchoadas em creme e preto, com uma mesa de jantar oval pequena no centro. Era o cenário perfeito para um jantar romântico sob as estrelas.

Entramos na escotilha e seguimos em frente. O deque contava também com um *lounge* interno, onde dava para assistir a filmes. O Sr. Kadam disse que também tínhamos uma antena de satélite que podia captar qualquer canal do

mundo. Na parte posterior do deque ainda havia uma sala de jantar ao ar livre para até 12 pessoas com bar e bufê. O Sr. Kadam me disse que nós provavelmente tomaríamos o café da manhã ali.

O nível inferior seguinte se chamava deque de observação. Uma sala de estar estonteante com janelas do chão ao teto exibia o mar. Na popa havia uma piscina enorme de ônix e mármore com uma fonte. Uma academia espaçosa, com aparelhos profissionais e área de exercícios, um vestiário com chuveiros e sala de descanso e um balcão de bar completavam o piso. Pulamos o nível seguinte e fomos para o mais baixo.

– É aqui que ficam as cabines da tripulação – explicou o Sr. Kadam. – Todos ficam aqui, menos o capitão. Ninguém tem permissão de ir ao convés principal, onde ficam os nossos quartos, sem a aprovação de Nilima. Não podemos permitir que espiem os nossos tigres, não é mesmo?

Os alojamentos da tripulação se localizavam ao redor de um salão central. Cada cabine tinha um banheiro com chuveiro.

– Há alguns quartos de hóspedes bem bacanas. O nosso instrutor de mergulho vai ficar em um deles. A lavanderia e a cozinha também ficam aqui.

O Sr. Kadam me conduziu na direção da bem-abastecida cozinha. Havia comida suficiente para alimentar um pequeno exército durante um mês. Tinha uma despensa enorme, duas mesas de jantar para a tripulação e uma bancada de servir.

Ele me mostrou um dos corredores de serviço que atravessavam o navio, e nós descemos para o nível seguinte.

– Este é o convés do poço, onde se encontra a garagem seca. O Jeep está do outro lado daquela porta e aqui – ele passou por uma escotilha – fica a nossa garagem molhada.

– Por que se chama convés do poço?

– Em alguns navios, esta área pode ser inundada para permitir que outras embarcações aportem no interior. Não chegamos a encher a área de água, mas a usamos para fins semelhantes.

Abaixei a cabeça ao passar pela escotilha e me vi no mundo das maravilhas náuticas. Em uma parede havia equipamento de pesca, anéis de guincho e pranchas de windsurfe. Outra parede exibia uma variedade de tamanhos de esquis aquáticos montados. Quatro jet skis estavam contra uma terceira,

cobertos com lona, e duas embarcações aparentemente velozes repousavam sobre o que parecia ser uma rampa.

– Tem barcos dentro do barco?

– São lanchas Boston Whalers. Uma delas tem quase 7 metros e a outra, 5 metros e meio.

O Sr. Kadam estava quase eufórico ao apontar os brinquedinhos aquáticos. Eu não tinha me dado conta de que o gosto do empresário por veículos caros incluía os aquáticos, mas estava claro que esta embarcação e tudo nela lhe davam tanto prazer quanto sua McLaren.

Dando prosseguimento à visita, o Sr. Kadam me mostrou uma área com bancos de madeira e armários.

– Este é o lugar em que faremos a nossa preparação para os mergulhos. Temos snorkel, tanques de oxigênio, roupas de mergulho, coletes flutuadores e reguladores. Não faço ideia de como todo o equipamento é usado, pois nunca mergulhei. Pretendo aprender habilidades básicas junto com vocês.

Soltei um gemido.

– Não estou nem um pouco ansiosa por isso.

– Quanto a mim, estou extremamente entusiasmado para explorar as ruínas da Cidade dos Sete Pagodes, e a única maneira de fazer isso é mergulhando.

Eu assenti.

– Se fossem apenas ruínas, talvez eu também fosse gostar, mas até agora a minha experiência em caçar objetos mágicos diz que coisas grandes e malvadas gostam de me perseguir.

– Então é melhor nos assegurarmos de que a senhorita seja capaz de usar o seu poder de raio embaixo d'água. Vamos terminar com o convés principal? Acho que vai gostar do seu quarto.

Tomamos o elevador e o Sr. Kadam me conduziu para uma linda área de estar em verde-escuro e cor de vinho com poltronas macias e uma lustrosa estante de cerejeira repleta de livros. Janelas grandes com cortinas davam vista para o mar, e o carpete era tão grosso que não se ouviam nossos passos. Paramos no primeiro quarto, que era de Kishan. Ele apareceu e me mostrou tudo rapidamente. Tinha um banheiro particular e uma cama grande.

– Você pode mostrar o restante deste convés à Srta. Kelsey, Kishan? Eu gostaria de providenciar a nossa partida.

– Claro. Então, o que achou do nosso lar flutuante?

– O iate é incrível! Você já tinha estado aqui?

– Uma vez. Kadam, Ren e eu viemos ver o navio umas duas semanas depois de você ir embora. Não zarpamos, mas passamos a noite aqui. – Ele apontou o caminho e prosseguiu: – Eu vou ficar aqui, e este é o quarto de Kadam. Nilima está ali. Depois vem Ren. O seu quarto é por aqui.

Kishan abriu a porta da minha cabine, que era tão grande que daria para colocar ali dentro o estúdio de *wushu* de Li inteirinho.

Engoli em seco.

– É muito maior do que os de vocês.

– Nós lhe demos a suíte *master*. – Ele me envolveu com os braços por trás, me abraçou e disse baixinho: – A nossa garota merece o melhor.

Pensei brevemente sobre o desejo de Ren. *Quero dar a ela o melhor de tudo.* Apertei a mão de Kishan.

– Eu já tenho o melhor. Tenho todos vocês.

Kishan me soltou e nós entramos no meu quarto... que era palaciano. Uma música conhecida tocava baixinho vinda do teto. A cama enorme, encostada numa parede, estava coberta com colcha e travesseiros cor de creme e dourado e ficava de frente para um par de janelas panorâmicas. A colcha antiga da minha avó estava dobrada ao pé da cama.

– Esta é a popa, certo?

Ele fez que sim e foi para o banheiro. Passei sob uma grade de ventilação e senti o vento do ar-condicionado. Eu tinha minha própria TV de plasma gigantesca e um closet com todas as minhas roupas. O impressionante banheiro tinha uma banheira de hidromassagem e um chuveiro. Pilhas de toalhas cor de creme repousavam em armários de cerejeira lustrosa. Voltamos para o quarto e encontrei meu laptop na escrivaninha, um iPad novo e alguns dos meus livros de pesquisa.

– Tem internet aqui?

– Tem. Internet, e-mail, fax, tudo o que quiser.

– É difícil conseguir essas coisas?

– Não quando se é dono de um satélite.

– Vocês têm um satélite? Do tipo espacial?

– Temos. Está com fome?

Meu estômago roncou no mesmo instante.

– Parece que sim. Quer assaltar a cozinha?

Dei risada da indiferença que Kishan demonstrava em relação à própria riqueza e perguntei:

– Não vai atrapalhar a tripulação?

– Que nada. Tenho certeza de que podemos pegar alguma coisa. Vamos.

8

Goa

Zarpamos logo depois do lanche. Kishan e eu fomos até o deque para ver o navio sair do cais e chegar a mar aberto. A embarcação rugiu um pouco quando os motores começaram a funcionar. A brisa bateu no meu rosto e fiquei observando o mar enquanto abríamos caminho pela água verde-azulada. Depois de um tempo, Ren veio se juntar a nós. Ele me deu um de seus sorrisos especiais e apertou meu ombro antes de também se inclinar para ver a água se agitando lá em baixo.

– Kadam disse que devemos chegar a Goa amanhã de manhã – comentou Ren. – Fica a cerca de 560 quilômetros daqui. O instrutor de mergulho vai embarcar no fim da tarde. Podemos mostrar a cidade a Kelsey e quem sabe fazer algumas compras.

– Parece divertido – respondeu Kishan.

– Que tipo de compras? – perguntei.

Ren deu de ombros.

– Podemos olhar algumas vitrines, se você quiser, mas a maior parte dos mercados é a céu aberto.

– Eu gostaria de mandar algo para Mike, Sarah e as crianças, e também para Jennifer, da aula de *wushu* – declarei, sentindo uma pontada de culpa por não ser capaz de manter mais contato com todos eles.

– Podemos providenciar isso. Nilima se encarrega de enviar o que você quiser para eles sem que a encomenda seja rastreada e associada a nós. Ela manda a nossa correspondência para contatos em outros países e eles a direcionam para

vários destinos nos Estados Unidos. Então tudo é empacotado e enviado mais uma vez. É um sistema complexo.

– Lokesh realmente complicou a nossa vida, não é mesmo?

– Desta vez nós vamos vencê-lo. Estaremos mais preparados – afirmou Kishan.

Estremeci e os dois homens deram um passo para mais perto de mim. Querendo deixar o clima mais leve, perguntei:

– Querem assistir a um filme? Acho que está na hora de eu apresentar vocês, tigres, a *Tubarão*. Vocês dois precisam de uma dose saudável de terror oceânico, para que eu não seja a única a ter medo de entrar na água.

Após *Tubarão*, vimos *Tubarão 2*. Tanto Ren quanto Kishan concordaram que o primeiro era melhor, apesar dos efeitos especiais antiquados. Infelizmente, eles continuaram zombando dos meus temores. Acho que o fato de eles próprios serem predadores fazia com que tivessem menos medo de outros.

Nós nos juntamos ao Sr. Kadam e a Nilima na sala de jantar ao ar livre, onde um bufê de frutos do mar estava à nossa espera: salmão ao teriyaki salpicado de manteiga com cebolinha, vieiras com molho de mel e suco de laranja, camarões crocantes com molho picante, cogumelos recheados de lagosta, bolinhos de caranguejo com creme de limão, rolinhos primavera e coquetéis de manga e frutas silvestres sem álcool. Eu me sentei à linda mesa lustrosa. O sol estava quente e achei agradável desfrutar da sombra do toldo que tinha sido aberto para nós.

Fiquei satisfeita após um prato, mas os irmãos repetiram várias vezes. Depois de brincar com eles, dizendo que deviam deixar um pouco para a tripulação, voltei para o meu quarto e fiquei na banheira de hidromassagem até meus dedos enrugarem. Quando saí, me enrolei no roupão que Kishan me dera de presente de aniversário e penteei o cabelo. No travesseiro, encontrei um poema.

O mar tem suas pérolas
Heinrich Heine

O mar tem suas pérolas, em calma
Tem o céu mil estrelas, minha flor;
Mas minha alma, minha alma, esta minha alma
Tem teu amor!

Grande é o mar, grande o céu, porém maior
É o meu coração, lírio singelo,
Mais que os astros, que as pérolas mais belo,
Brilha este amor!

É teu! é teu! é teu todo o meu peito
Todo o meu peito que se mescla, flor,
Ao grande mar, ao grande céu, desfeito
Num só amor!

Um barulho me assustou durante a segunda leitura do poema. Pulei da cama, me virei e encontrei Ren sorrindo, apoiado no batente de uma porta que eu ainda não tinha aberto.

– Há quanto tempo você está aí parado?

– O bastante para apreciar a vista. – Ele se aproximou e pegou o poema da minha mão. – Você gostou?

– Gostei.

Ele me abraçou pela cintura e me puxou para mais perto. Beijou meu ombro coberto com o roupão e inspirou profundamente.

– O seu cheiro é delicioso.

– Obrigada. O seu até que não é ruim. O que tem atrás dessa porta? De onde você veio?

– Do meu quarto. Quer ver?

Fiz que sim e ele me conduziu na direção do quarto dele com a mão na parte

inferior das minhas costas. O cômodo era parecido com o de Kishan.

– Nós temos uma porta de comunicação?

Ele sorriu.

– Temos.

– Kishan sabia disso antes de escolherem cada quarto?

– Sabia.

– Hum. Fico surpresa de saber que ele deixou você ficar com este.

Ren franziu a testa.

– No começo, achamos que Nilima ou o Sr. Kadam deveriam ficar com ele, mas nós dois concluímos que seria melhor se você tivesse um tigre por perto. Brigamos pelo quarto, mas eu venci no final. – Ele expressou tristeza e balbuciou: – Principalmente porque Kishan sabe que não posso tocar em você.

Abafei uma risada e disse:

– Eu adoraria ter presenciado essa conversa.

– O meu quarto é legal, mas eu estava esperando não precisar usá-lo.

– Como assim?

– Eu estava pensando em talvez dormir com você. Como tigre.

Arqueei uma sobrancelha e dei risada.

– Está louco para ouvir meus roncos, hein?

– Você não ronca, e eu gosto de ficar perto de você. Além do mais, é legal acordar do seu lado de manhã... não que não seja legal estar perto de você agora. – Ren me apertou contra seu corpo. – Eu já lhe disse hoje que você é linda?

Eu sorri, estendi a mão e afastei o cabelo sobre os olhos dele, deixando as mechas sedosas se enroscarem nos meus dedos. Ele abaixou a testa para encostar na minha, mas, depois de alguns segundos, se afastou. O rosto de Ren estava pálido e seus olhos, fechados. Apertei seu braço antes de dar um passo para trás.

– Estou bem. Só me dê um minuto.

– Pode se recuperar enquanto eu troco de roupa – falei, empurrando-o para o quarto dele e fechando a porta atrás de mim.

Vesti meu pijama indiano de seda e então voltei a abrir nossa porta de comunicação.

Ren deixou o olhar passear preguiçoso pelo meu corpo e deu a entender que gostou do que viu.

– Esse pijama é bem legal, mas prefiro o roupão.

– Você tinha que ter visto o roupão original em Shangri-lá. Não me surpreendo com o fato de gostar do pijama. Foi você quem me deu, sabia?

– Dei mesmo? Quando?

– Antes de irmos à caverna pegar a profecia.

– Hum. Eu obviamente já tinha planos para você àquela altura.

– Você disse que começou a gostar de mim já na época do circo.

Andei até a cama, puxei as cobertas e me virei. Ren já estava atrás de mim.

– Você não está se sentindo mal?

– Só um pouquinho. Mas estar perto de você, ainda mais quando está vestindo seda, vale a pena.

Dei um sorriso torto e ele abriu os braços. Depois de uma breve hesitação, me encaixei em seus braços e pressionei minha bochecha contra sua camisa. Ele me abraçou apertado e passou as mãos nas minhas costas.

– Isso é gostoso – disse ele.

– É, sim. Pena que dura tão pouco.

– Venha. Eu cubro você.

Quando deslizei para debaixo dos lençóis, ele puxou o edredom e, em vez de usá-lo, pegou minha colcha para me cobrir.

– Como sabe que é assim que gosto de dormir? – perguntei.

– Eu presto atenção. Você adora esta colcha velha.

– É, adoro mesmo.

– Boa noite, *iadala*.

– Boa noite, Ren.

Ele apagou a luz e se acomodou em algum lugar no quarto. Foi difícil cair no sono com o movimento do navio e por estar em um ambiente novo. Eu não conseguia sentir o movimento de forma consciente. Não era como uma lancha, mas ainda assim me deixava sem equilíbrio. Meia hora depois, eu me aproximei da lateral da cama e estendi a mão.

– Ren? Onde você está?

Um focinho se apertou contra a palma da minha mão.

– Não consigo dormir. O navio está balançando demais.

Ele se afastou. Fiquei atenta, tentando escutá-lo, mas ele se movimentava de maneira muito silenciosa sobre o carpete. De repente, a cama afundou

pesadamente atrás de mim quando a forma peluda de tigre se acomodou nela. Rolei para ficar de frente para ele e suspirei, contente. Ele começou a ronronar.

– Obrigada.

Cheguei mais perto e enterrei o rosto no pelo macio do seu pescoço. Acariciei a lateral do corpo dele até cair no sono com a mão em seu peito.

Quando acordei na manhã seguinte, minha cabeça estava apoiada na camisa branca de Ren e meu braço estava por cima de sua barriga. O braço dele me envolvia e ele brincava com o meu cabelo. Tentei me afastar, mas ele me puxou de volta.

– Tudo bem. Eu só me transformei em homem faz um minuto. A dor ainda não está forte. Não toquei na sua pele.

– Ah. Ei, o iate não está se movendo.

– Aportamos há horas.

– Que horas são?

– Não sei. Talvez umas seis e meia. Está amanhecendo. Veja.

Espiei o céu rosado pela janela. Estávamos ancorados perto de uma cidade grande. Uma faixa densa de palmeiras ladeava as praias de areia dourada, vazias. Aninhados entre as árvores havia hotéis grandes, brancos e com fachadas sinuosas e, atrás deles, dava para vislumbrar o topo de outros prédios. A tranquilidade do início da manhã era revigorante. Parecia o paraíso.

– Estamos em Goa?

– Estamos.

Os dedos de Ren acariciavam meu cabelo, e eu me deleitava com o toque.

– Você costumava fazer isso o tempo todo.

Ren deu risada.

– Imagino que sim. Adoro o seu cabelo.

– É mesmo? Ele é de um castanho normal e sem graça. Não tem nada de especial. O cabelo de Nilima é lindo. Cor de ébano. Muito exótico.

– Eu gosto do seu. Encaracolado, liso, cacheado, preso, solto, trançado...

– Gosta dele trançado?

– Acho legal brincar com as fitas, e toda vez que você faz trança fico com vontade de soltá-las.

– Ah, faz sentido – comentei, rindo. – Você já puxou as fitas do meu cabelo e desmanchou minhas tranças várias vezes. Agora eu sei por quê. Você tem fetiche por tranças.

Ren sorriu e beijou a minha testa.

– Talvez tenha. Está pronta para ir às compras?

Suspirei contra o peito dele.

– Prefiro ficar aqui agarradinha a você.

– Eu sabia que tinha uma razão para eu gostar de você. – Ele me deu um abraço apertado. – Infelizmente, estou começando a sentir os efeitos desse agarramento.

– Certo.

Ren escorregou para fora da cama, andou até o quarto dele e se virou. Apoiou-se no batente da porta e suspirou.

– Acho que o Universo está conspirando contra mim.

– Como assim?

Eu me espreguicei e rolei para olhar para ele com o travesseiro embaixo da bochecha.

– É que eu só posso me deleitar à distância com o seu corpo quente e lindo, todo sonolento e doce no pijama de seda. Tem ideia de como é extremamente tentadora? Fico muito, muito feliz de saber que a porta de Kishan não tem comunicação com a sua.

Dei risada.

– Essa sua fala mansa é um perigo, meu caro. Mas eu já estou acostumada e gosto disso em você. Agora, vá se vestir. A gente se vê no café da manhã.

Ele sorriu e fechou a porta atrás de si.

Após o café da manhã, Ren e Kishan me levaram até a garagem seca. Sem pensar, abri a porta do Jeep.

Kishan me deteve.

– Nós não vamos no Jeep.

– Não? Como vamos chegar à cidade? Caminhando?

– Não – respondeu Ren. – Vamos com elas.

Ele ergueu uma lona e revelou duas motocicletas de corrida potentes.

Recuei um passo.

– E, hã... vocês sabem andar de moto? Elas parecem... perigosas.

Kishan deu risada.

– E são. A moto, e esta especificamente, é uma das melhores coisas deste século, Kells. Nós a compramos há seis meses, pouco depois de você ir para o Oregon. E sabemos pilotá-las, sim, senhora.

Ren empurrou a moto dele para fora da garagem. Ela era sofisticada e parecia saída de um filme de James Bond. Vi a marca Ducati escrita na lateral. A de Ren era azul-cobalto e a de Kishan era de um vermelho forte.

– Nunca ouvi falar em Ducati.

– Não? – perguntou Ren. – São italianas. Vieram com as jaquetas.

Dei uma gargalhada de desdém.

– Aposto que sim. Imagino que sejam as motos mais caras do mundo. Uma Ducati deve estar para as motocicletas assim como uma Ferrari está para os carros.

– Você está exagerando, Kells.

– Acho que não. Já ouviram falar na palavra *orçamento*?

Kishan deu de ombros.

– Nós vivemos sem nada durante séculos. É hora de compensar.

Ele tinha certa razão, por isso deixei para lá. Um par de jaquetas de couro pretas com listras de corrida em vermelho e azul foram tiradas de um armário. Kishan jogou outra jaqueta para mim.

– Tome. Kadam mandou fazer esta especialmente para você. Deve servir.

Vesti a jaqueta, reclamando.

– Mas não tem lugar para mim na moto, então é melhor vocês irem sozinhos.

– Claro que tem – respondeu Ren enquanto fechava o zíper da jaqueta.

Uau. Não achei que fosse possível ele ficar mais estonteante do que já era. Mas Ren vestido de couro, segurando um capacete, parado ao lado daquela motocicleta de corrida linda, entorpeceu minha mente. Se a Ducati fosse esperta, teria contratado Ren para fazer um comercial e dado as motos de graça para ele.

Ren abriu a cobertura da traseira da moto e revelou um assento escondido.

– Está vendo?

Ele me entregou um capacete preto enquanto eu o olhava fixamente.

Kishan pigarreou.

– Acho que Kelsey deve ir comigo.

Ren se retesou.

– Acho que não.

– Use o bom senso. Você vai passar mal, provocar um acidente e machucar a Kelsey.

Ren travou o maxilar.

– Vai ficar tudo bem. Eu consigo controlar.

– Não vou permitir que corra esse risco com ela e, se parar de ser ciumento por um minuto, vai concordar comigo.

– Ele tem razão, Ren – interrompi e toquei na manga de couro dele. – Já tenho medo suficiente dessas máquinas sem precisar me preocupar se você vai passar mal. Eu vou com Kishan.

Ren suspirou, frustrado.

– Tudo bem. – Ele tocou de leve na minha bochecha, sorriu tristonho e me ajudou a colocar o capacete enquanto sussurrava: – Segure firme. Kishan gosta de fazer curvas fechadas.

Kishan abriu a parte de trás da motocicleta e me ajudou a subir. Então ele se acomodou no assento e ajeitou o capacete.

– Está pronta?

– Acho que sim.

– Segure-se em mim e se incline quando eu me inclinar.

Abracei Kishan e me agarrei ao seu corpo com toda a força quando ele nos equilibrou e deu a partida na moto. Ela rugiu e ganhou vida, seguida pela de Ren. Ele se colocou ao nosso lado, olhou feio para Kishan e depois me encarou. Dava para ver que estava sorrindo pelas ruguinhas ao redor dos olhos.

Ren saiu primeiro. Ele desceu a rampa e fez uma curva fechada de 90 graus antes de acelerar pelo cais em alta velocidade. Kishan foi atrás em velocidade razoável.

Quando pegamos uma reta, pelo cais, ele acelerou e foi atrás de Ren na direção da cidade. No começo fiquei nervosa, repassando na cabeça uma lista com todas as maneiras possíveis de se morrer num passeio de motocicleta, mas depois relaxei e comecei a me divertir. Kishan era muito habilidoso e obviamente estava se contendo para me deixar mais à vontade. Ren diminuiu a velocidade

para nos acompanhar e entramos na cidade em velocidade baixa o suficiente para que eu pudesse apreciá-la.

Quando já havíamos atravessado a maior parte do espaço urbano, eu estava louca por mais velocidade. *Hum, parece que estou fissurada nesse negócio.* Aquilo fez com que eu me sentisse poderosa e livre, e tive vontade de ir mais rápido.

Paramos nos limites da cidade e perguntei a Kishan se havia algum lugar em que pudéssemos apostar uma corrida. Ren encostou perto de nós para trocar ideia com o irmão. Eles concordaram com a corrida, mas insistiram para que não fizéssemos nada perigoso demais. Graças à maldição, eles podiam se curar com rapidez, mas eu não, e não queriam pôr minha vida em risco.

Fomos para uma região com quilômetros de estradas de terra desertas. Ren examinou um caminho adiante e voltou para nos avisar que havia algumas elevações e curvas pequenas. Os irmãos colocaram as motos lado a lado, aceleraram o motor e Ren deu o sinal de partida.

Ren logo se distanciou, provavelmente porque Kishan estava sendo mais cauteloso por minha causa e porque o peso extra o fazia ir mais devagar.

– Mais rápido! – gritei, e ouvi Kishan dar risada enquanto acelerava mais.

Deparamos com a primeira elevação, que nos lançou no ar durante alguns segundos. Pousamos com um baque logo antes de uma curva aparecer. Kishan se inclinou e eu me inclinei também, prendendo as mãos ao redor de sua cintura. Ele acelerou de novo e nós nos aproximamos de Ren, que deu um salto tão grande que quase perdeu o controle da moto e caiu... mas, de algum modo, ele conseguiu se endireitar e seguiu em frente.

Quando Kishan e eu passamos pela mesma elevação, ele acelerou no último segundo. Avançamos pelo ar durante um bom trecho e pousamos com a roda traseira primeiro. Dei uma gargalhada. Imediatamente mergulhamos numa curva à direita antes de voltarmos a acelerar. Quando chegamos ao fim da estrada, paramos ao lado de Ren, que estava apoiado na moto, numa pose bem blasé.

Kishan e eu também descemos da moto e tiramos o capacete. Dei um abraço nele e falei, tudo ao mesmo tempo:

– Foi muito divertido! Você é bom mesmo! Não fiquei nem um pouco com medo. Obrigada!

Ele retribuiu meu abraço.

– Sempre que quiser, Kells.

Ren franziu o cenho.

– Estou com fome. Vamos almoçar e fazer compras no mercado.

Voltamos rápido para a cidade e estacionamos as motos na frente de um grande mercado. Várias pessoas pararam para nos observar. Eu também pararia se visse dois homens lindos, com roupas de couro e motos deslumbrantes. Eles pareciam astros de cinema.

Numa das barraquinhas externas, compramos *wraps*. O meu era de frango *tikka* apimentado com um pão indiano achatado chamado *paratha*. Ainda que Kishan tivesse pedido o meu com menos pimenta, estava muito picante. Minha boca estava pegando fogo. Bebemos limonadas para amenizar o ardor. Depois disso, caminhamos pelo mercado.

Comprei brincos de ouro compridos para Jennifer, uma caixa de incenso sortido e um porta-incenso de mármore para Mike e Sarah. Tinha o formato de um dragão. Um incenso saía do nariz dele, o que fazia parecer que estava soltando fogo. Para Sammy e Rebecca, escolhemos uma coleção de brinquedos em madeira entalhada à mão com soldados, elefantes de batalha, camelos, charretes puxadas a cavalo e uma família real, tudo pintado com cores bem vivas. Kishan insistiu para que adicionássemos um segundo príncipe. Ren revirou os olhos, mas dei risada e deixei que o irmão escolhesse mais um. Ren pediu ao vendedor que entregasse nossas compras no navio.

Em seguida visitamos uma loja de brinquedos e roupa de praia. Parei na frente de várias araras com roupa de banho feminina.

– Deixei meu maiô em casa, pendurado no chuveiro.

Ren caminhou até a arara.

– Então, vamos comprar um novo.

Eu me inclinei para sussurrar:

– Não podemos simplesmente pedir outro ao Lenço?

– Até poderíamos, mas sempre que um material tem elementos sintéticos, como elastano, por exemplo, o Lenço o substitui por materiais naturais. O seu maiô pode acabar sendo de um algodão fino, coisa que estou totalmente disposto a permitir que aconteça.

Ren deu uma piscadela e um sorriso malicioso. Dei um soquinho no braço

dele.

– Não, obrigada. Melhor comprar um aqui.

Nós três começamos a examinar as araras. Ren escolheu biquínis com níveis variados de nudez.

Kishan colocou-os de volta na arara e disse:

– Você não conhece a Kelsey nem um pouco? Ela não é o tipo de garota que usa biquíni. Que tal este aqui, Kells?

Ele ergueu um maiô com estampa metálica e corpete torcido.

– É legal – respondi.

– Não é a cor dela.

Ren o pegou e devolveu à arara. Kishan contra-atacou:

– Suponho que você vá querer azul.

Ren empurrou mais cabides para o lado.

– Na verdade, não. Quero que ela use algo de cor forte, para não a perdermos na água.

Eles rejeitaram minha própria preferência por um maiô preto básico, dizendo que minhas escolhas eram sem graça.

Finalmente todos concordamos com um modelo frente-única de corpete torcido e estampa avermelhada. Revelava um pouco da minha cintura, mas não o suficiente para que eu me sentisse nua, e era confortável e alegre.

Ren ainda escolheu sandálias, chapéu e óculos escuros para combinar. Depois juntamos nossas compras e voltamos para as motos. O tempo tinha esquentado bastante. Seria gostoso nadar na piscina quando voltássemos ao iate. Kishan guardou nossas jaquetas ao chegarmos ao estacionamento.

Abracei Kishan para o trajeto de volta, e ele só estava usando uma camiseta fina. Fiquei sem graça e só me segurei de leve em seu corpo quente e musculoso. Quando ele deu a partida e fez uma curva, eu quase caí. Ele agarrou minha mão e me puxou mais para perto, apertando minhas mãos com força em sua cintura.

Repeti o mantra que usara com Ren em Kishkindha, quando estava tentando ignorar suas qualidades atraentes. Lembrei a mim mesma de que não havia problema em apreciar a mercadoria – mesmo quem não quer comprar pode admirar a vitrine, certo? *Kishan é apenas um espécime masculino muito interessante. E daí se eu abraçar o corpo musculoso dele no trajeto de volta? Não tenho alternativa no momento.* Suspirei e desfrutei do passeio.

Quando Kishan me ajudou a descer da moto, de repente fiquei pouco à vontade e me afastei dele, evitando contato visual.

– Qual é o problema?

– Nenhum.

Ele resmungou e se aproximou, bem na hora que Ren ia subindo a rampa.

Nós três combinamos de nos encontrar na piscina dali a 10 minutos, para que eu pudesse exibir meu maiô novo enquanto todos nos refrescávamos.

Cheguei à piscina e vi que já tinha alguém lá nadando.

O homem chegou à borda, jogou a cabeça para trás, ajeitou o cabelo loiro, saiu da piscina pela escadinha e pegou uma toalha. Ele secou o rosto, os braços e as pernas e sorriu para mim.

– Você deve ser Kelsey.

– Sou sim.

Retribuí com um sorriso cauteloso e perguntei:

– Quem é você?

Ele riu de um jeito que me fez pensar que fazia aquilo o tempo todo.

– Quer o meu nome completo?

– Claro.

– Wesley Alan Alexander Terceiro, a seu serviço. Mas pode me chamar de Wes.

– Prazer em conhecê-lo, Wes.

– Prazer em conhecer você também. Que belo barco você tem.

– Ah, não é meu. Só estou participando da viagem.

– Ah. – Ele deu um sorriso fácil. – Filha, sobrinha, neta, prima ou namorada? E, por favor, não diga namorada.

Eu ri com ele.

– Acho que devo ser um pouquinho de tudo isso.

– Era o que eu temia. Nunca pego os serviços em que a menina bonita está disponível. Mas se você é só um pouquinho namorada, isso me dá espaço de manobra. – Ele se acomodou numa cadeira e esticou as pernas. – Caso esteja aí imaginando e seja educada demais para perguntar, eu sou seu instrutor de mergulho.

– É, deu para perceber.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Opa, cuidado! Esta garota tem senso de humor. Gostei. A maior parte das moças bonitas que conheço não têm muita coisa no departamento cerebral.

Wes parecia ser o tipo de sujeito que vivia feliz o tempo todo e estava sempre rindo de alguma piada. Ele jogou o cabelo loiro para trás e sorriu para mim. Era fofo: olhos azuis, um belo bronzeado, um corpo ainda mais belo e era americano.

– De onde você é? – perguntei.

– Do Texas.

– Como é que um cara do Texas vem parar na Índia para dar aulas de mergulho?

– É uma longa história. Tem certeza de que deseja escutar?

– Tenho.

– Bom, eu preferiria falar de você a falar de mim, por isso, vou lhe dar a versão curta. Eu deveria estar em Harvard, mas gosto mais de mergulhar e precisei vir até a Índia para ficar fora do alcance dos meus pais. Agora, como é que uma garota americana bonita do...

– Oregon.

– *Oregon?* – Ele ergueu uma sobrancelha. – Oregon... veio parar na Índia?

– É uma história ainda mais longa do que a sua.

– Estou louco para saber tudo... mas parece que temos companhia. – Ele se levantou e, num sussurro exagerado, disse: – Você não mencionou que tinha *dois* namorados. Dois namorados grandes e bravos – brincou Wes, sem demonstrar qualquer sinal de desconforto.

Dei uma risadinha, virei para trás e vi Ren e Kishan se aproximando, os dois de cara amarrada. Revirei os olhos.

– Ren, Kishan, este aqui é Wes, o nosso instrutor de mergulho.

– Eia! Como estão hoje, senhores?

Wes apertou as mãos dos irmãos com energia. Segurei o riso quando os garotos pararam no meio do caminho, sem saber muito bem o que pensar de Wes e de seu afetado charme sulista.

– Eu só estava me apresentando para a mocinha bonita aqui. Agradeço muito por me deixarem pegar uma carona. Vou me recolher e deixar vocês aproveitarem a natação. Vamos começar as aulas ao nascer do sol, se concordarem. Bom, é melhor eu ir andando. – Wes esfregou a barriga. – Espero

que role logo uma boia. Estou começando a sentir a barriga vazia... eu gosto de comer um porco inteiro, se é que me entendem. – Ele sorriu para os dois garotos e então se voltou para mim. – Mas, olhe, foi mesmo muito bom conhecê-la, moça. Espero voltar a vê-la *muito* em breve.

Fiz uma pequena mesura.

– Foi legal conversar com você, Wes. A gente se vê no jantar.

O texano brincalhão deu uma piscadela, pegou as coisas dele e saiu.

Ren caminhou até mim e jogou a toalha na espreguiçadeira.

– Não faço ideia do que aquele cara estava falando, mas não gostei dele.

– Somos dois – completou Kishan.

– Não sei qual é o problema de vocês. Wes pareceu um sujeito bastante agradável, além de muito divertido.

– Não gostei do jeito como ele ficou olhando para você – disse Ren.

Suspirei.

– Você nunca gosta do jeito que homem algum olha para mim.

– Concordo com Ren. Ele está aprontando alguma.

– Será que vocês dois podem relaxar? Andem logo. Vamos nadar.

Ren me examinou de cima a baixo.

– Não estou gostando mais desse maiô. Acho que devemos voltar e trocá-lo por um que cubra mais o seu corpo.

Cutuquei-o no peito.

– Eu gosto deste. Pare de ser ciumento. Aliás, parem vocês dois.

Os irmãos cruzaram os braços por cima do peito em gestos idênticos e ficaram me encarando.

– Façam o que acharem melhor. Eu vou nadar.

Mergulhei na piscina e nadei até o outro lado. Não precisei olhar para trás para saber que Kishan e Ren tinham me seguido.

Nosso novo instrutor de mergulho se juntou a nós durante o jantar. Ele se acomodou todo à vontade ao meu lado, apesar dos olhares ameaçadores de Ren e Kishan. Wes continuou com seu sotaque arrastado do Sul dos Estados Unidos e contou muitas piadas sobre caubóis e sobre o Texas que não fizeram o menor sentido para Ren e Kishan. O Sr. Kadam pediu licença, dizendo que precisava

conversar com o capitão sobre a continuação da viagem, mas os irmãos ficaram lá sentados, teimosos, observando enquanto Wes batia papo comigo, sem fazerem nenhuma contribuição. Nós conversamos sobre o Texas e o Oregon, sobre os tipos de comida de que sentíamos falta e sobre o que gostávamos de comer na Índia. Pedi outra piada.

– Certo. O que um tornado no Texas e um divórcio no Alabama têm em comum?

– Não sei. O que eles têm em comum? – perguntei.

– Nos dois casos... alguém perde um trailer.

Dei risada e Wes pôs o braço no meu ombro. Ouvi um rugido baixinho. Não sabia dizer qual tigre era o responsável por aquilo, mas sabia que, se eu quisesse que Wes sobrevivesse até o dia seguinte, era melhor me afastar.

– Obrigada por todas as piadas, Wes. É melhor eu ir *tirar um ronco* se quiser acordar bem cedo amanhã.

– Muito certa. Espero ver você bem acordada e arrumadinha de manhã.

Achei graça.

– Boa noite, pessoal.

Eu me levantei para sair.

– Espere, Kelsey. – Kishan se ergueu de um pulo. – Vou acompanhar você.

– *Eu* vou acompanhá-la – disse Ren.

Revirei os olhos e ouvi Wes soltar um longo assobio.

– Eu diria que há touros demais no pasto. É melhor tomar cuidado para que uma coisinha bonita como você não seja pisoteada.

– A coisinha sabe tomar conta de si. E eu vou para o quarto *sozinha*. Boa noite, compadres.

Ren e Kishan fecharam a cara enquanto Wes dava risada e saía na direção oposta.

9

Aulas de mergulho

Havia um buraco no travesseiro ao meu lado quando acordei. Rolei até ele e senti cheiro de sândalo e cachoeira. Quando peguei o travesseiro para abraçá-lo, minha mão encostou num pedaço de papel.

Lua e mar
Ella Wheeler Wilcox

Você é a Lua, meu amor, e eu sou o mar:
A maré da esperança se enche dentro do meu peito
E esconde as pedras ásperas e escuras da inquietação da vida
Quando seus olhos afetuosos sorriem no perigeu.
Mas, quando esse rosto amável me dá as costas,
A maré fica baixa, e as pedras sombrias aparecem,
E o litoral mal-iluminado da terra parece algo a temer.
Você é a Lua, querido, e eu sou o mar.

Sorri e reli o poema algumas vezes. Talvez fosse um sinal. Eu tinha dito a Phet

que era como a Lua. Talvez o Universo estivesse tentando me dizer que meu lugar era junto de Ren. Era uma comparação adequada. A Lua e o mar estavam destinados a influenciar um ao outro, mas nunca eram capazes de se tocar. Suspirei e vi que já havia amanhecido. Vesti meu maiô, short e uma camiseta; não tomei o café da manhã e fui ao encontro de Wes na piscina.

Fui a primeira a chegar. Ele estava ocupado, organizando o equipamento de mergulho.

– Bom dia. Precisa de ajuda? – perguntei.

– Oi! – Ele sorriu. – Bom dia para você. Obrigado, mas já terminei. Está pronta para a primeira aula?

– Estou. Você perdeu o sotaque da noite para o dia?

– Ah, que nada. Ele é útil quando estou tentando tranquilizar pais superprotetores ou namorados ciumentos. Também já me ajudou a conseguir muitos encontros e notas boas na faculdade. Infelizmente, os seus namorados são ao mesmo tempo superprotetores *e* ciumentos. Fico surpreso por não terem se matado ainda.

– Pode acreditar: já tentaram. E agora temo que você tenha dado a eles outro alvo para sua raiva.

Wes deu de ombros e sorriu, revelando uma covinha fofa na bochecha direita.

– Tudo bem. Assim as coisas ficam interessantes. Aliás, lá vem confusão. Afaste-se e assista ao show. – Ele se virou para Ren e Kishan. – Eia. Bom dia, pessoal. Parece que Kelsey ganhou o prêmio de madrugadora. E ela não está mais bonita do que um naco de manteiga derretendo sobre uma pilha de panquecas?

Ren ignorou Wes e se inclinou para dar um beijo na minha bochecha.

– Você comeu?

– Não. Não tive tempo.

Ele abriu a bolsa.

– Trouxe uma maçã para você.

Ren piscou e se sentou do outro lado de Kishan.

– Certo, pessoal. Podemos começar? Bom, há duas barreiras que impedem os seres humanos de mergulhar sem equipamentos. A primeira é não termos guelras. E se algum dia acharem um homem com guelras, podem me fritar, me chamar de peixe-gato e me servir com batatinhas. O segundo problema é que a

água coloca muita pressão sobre o peito e os pulmões, e no fim isso causaria um colapso. Podem ter certeza de que os pulmões explodiriam como uma linguiça defumada que é deixada tempo demais na churrasqueira.

À medida que ele se aprofundava no assunto, o sotaque foi sumindo.

– Sem o equipamento, os pulmões não teriam força para inflar, mesmo que houvesse uma maneira de obter ar, de modo que o tanque, além de fornecer oxigênio, também mede o psi, a sigla em inglês para libras por polegada quadrada de pressão, e a equaliza para que os seus pulmões funcionem. SCUBA, o nome em inglês do tanque, significa *self-contained underwater breathing apparatus*, ou dispositivo autocontido para respiração subaquática. Nós vamos trabalhar tanto com circuito aberto quanto com *rebreathers*.

O Sr. Kadam chegou e se acomodou. Wes assentiu e prosseguiu.

– Como eu ia dizendo, o Sr. Kadam acha que devem aprender a usar os dois, já que ainda não decidiu qual vai ser o mais adequado para os objetivos de mergulho de vocês. Vamos começar com o circuito aberto e depois passamos para o *rebreather*. No nosso treinamento de hoje, aprenderemos os nomes e as funções de todo o equipamento de mergulho. Vamos aos mais fáceis.

Ele foi passando várias peças de equipamento para que pudéssemos examiná-las.

– Botas de mergulho, bússola aquática, profundímetro, faca de mergulho e BCD, ou colete equilibrador. Este é usado como uma jaqueta. Mais tarde, vou mostrar como se faz. Agora quero que se concentrem nos nomes e nas funções dos objetos.

Wes piscou para mim e dei uma risadinha. Kishan quebrou o profundímetro no meio e Ren apertou a bússola com força demais. O vidro saltou para fora e rachou, e a bússola se desmantelou.

– Desculpe – balbuciaram os dois, rígidos, enquanto eu os encarava irritada.

Eles não pareceram nada arrependidos, mas Wes nem se importou.

– Sem problema. É tudo de vocês mesmo. – Ele prosseguiu: – Temos nadadeiras, capuz para mergulho em água fria e uma prancheta. Há dois tipos, uma com imagens de peixes comuns para que se possa apontá-los e a outra em branco, com um lápis especial. Normalmente ficam presas ao BCD, e qual é o BCD, Kishan?

– O colete.

– E o que significa, Ren?

– Colete equilibrador.

– Muito bem. Faltam mais uns cinco. Este é o regulador principal, que fornece o oxigênio. Este é o *octopus*, ou regulador reserva: é o seu regulador sobressalente de segundo estágio. Se o principal falhar ou se for preciso compartilhar o ar deve-se usar este. Geralmente é de cor chamativa e fica do lado direito, entre o queixo e a caixa torácica. Temos um snorkel para respirar se estiverem nadando na superfície, um manômetro, para dizer quanto de ar há no tanque, e o cilindro, que é o seu tanque de ar. Normalmente, eles contêm uns 12 litros de oxigênio.

– Quanto tempo isso rende? – perguntei.

– Depende. Mergulhadores nervosos e iniciantes podem usar até o dobro do que mergulhadores experientes usariam. Pessoas mais baixas e magras usam menos do que as maiores. – Ele deu uma olhada rápida em Kishan e Ren. – E, quanto mais fundo se vai, mais ar se usa. A média é cerca de uma hora de mergulho a 18 metros de profundidade. Mergulhadores mais experientes conseguem ficar submersos até duas horas.

Enquanto eu assentia com a cabeça, Kishan me entregou uma garrafa de água. Sorri para ele, disse "obrigada" sem emitir som e abri a garrafa.

– Ainda precisam aprender sobre o sistema de lastro e a roupa de mergulho. Essas roupas nos mantêm aquecidos embaixo d'água. Vamos fazer alguns mergulhos com a roupa e outros, sem.

– A roupa de mergulho é, hã... resistente a mordidas? – indaguei e dei um sorriso trêmulo para o Sr. Kadam, que o retribuiu.

– A roupa de mergulho protege a sua pele contra cortes e arranhões, mas pode rasgar. Então, em resposta à sua pergunta, não, não é resistente a mordidas, a menos que os peixes sejam bem pequenos.

Fiz uma careta e Kishan explicou:

– Ela tem medo de tubarão.

– Ataques de tubarão a mergulhadores já ocorreram, mas não são tão comuns como as pessoas pensam. Já participei de mergulhos para alimentar tubarões e achei emocionante. Talvez nós vejamos alguns tubarões, mas duvido que eles nos incomodem ou nos causem problemas. Podemos usar algum tempo extra para praticar exercícios sobre o que fazer em caso de ataque de tubarão, se

quiserem.

– Seria uma boa ideia. Obrigada – completei.

– A outra coisa sobre a qual vamos aprender hoje é o sistema de lastro. A maioria das pessoas precisa de pesos para ajudá-las a afundar. Hoje treinaremos tanto com cintos de lastro quanto com coletes de lastro integrado.

Wes repassou cada item do equipamento em detalhes e então pediu a todos nós que entrássemos na parte funda da piscina. O Sr. Kadam e eu fomos os primeiros. Enxuguei os olhos bem a tempo de ver Ren, Kishan e Wes tirarem a camisa. *Caramba. É como estar numa sessão de fotos de modelos na praia.* Passou pela minha cabeça a imagem de Jennifer ficando sem ar com aquela visão. Dei uma gargalhada. *Seria provável que ela desmaiasse e se afogasse se estivesse no meu lugar.* Eu já estava acostumada a ver peitorais musculosos bronzeados, mas mesmo assim enfrentei dificuldades para prestar atenção na aula. No dia que eu caminhar pela praia com qualquer um deles, vou ter que prepará-los para lidarem com mulheres se jogando a seus pés. *Hum, ainda bem que vamos aprender primeiros socorros mais tarde.*

Treinamos com pesos diferentes para sentir como eles nos puxavam para baixo. O maior de todos era pesado demais para mim. Eu não consegui voltar à tona com ele, por isso, deixei-o no fundo para que Kishan o recolhesse. Quando Wes ficou satisfeito com a aula, ele nos mandou nadar durante meia hora. Disse que iríamos nos encontrar à tarde na sala de TV para receber nosso certificado em primeiros socorros e em reanimação cardiopulmonar.

Eu estava morrendo de fome e almocei um sanduíche enorme. Então tomei banho, troquei de roupa e encontrei nosso grupo na sala de TV. Eu já tinha feito aula de primeiros socorros e reanimação, mas aquilo tudo era novidade para Ren e Kishan. Os dois escutaram com atenção e aprenderam rápido. Fiz dupla com o Sr. Kadam para manter a paz entre os irmãos. Ele prendeu uma tipoia no meu braço e treinei a manobra de Heimlich nele.

Ren não ficou feliz por ter que se sentar tão longe, mas passara a maior parte do dia perto de mim e o efeito que eu surtia sobre ele era visível. No intervalo, perguntei como ele estava. Ele só sorriu e respondeu:

– Dor de cabeça.

Eu me afastei ainda mais a essa altura, apesar de Wes ficar tentando fazer com que eu voltasse à roda.

Ren saiu depois da aula e ou não jantou ou comeu no quarto. Kishan ocupou o lugar ao meu lado de propósito e não deixou outra opção a Wes a não ser se sentar à nossa frente.

Wes e eu voltamos a conversar, mas isso não irritou Kishan tanto quanto antes. Pelo contrário, Kishan pareceu surpreendentemente contente de ficar lá sentado, só escutando nossa conversa.

Wes comentou que a coisa de que mais sentia saudade do Texas era o churrasco.

– Não existe nada neste mundo igual a carne de vaca e de porco assados bem devagar com salada de repolho e feijão. É a minha pequena versão do paraíso. Tenho certeza de que os anjos ficariam com os dedos lambuzados e o rosto sujo de molho agridoce se pudessem experimentar.

Dei risada.

– É o que penso em relação a cheesebúrguer.

– Faz uns três anos que não como um bom churrasco. Três longos anos de arroz e curry.

– Não sou muito fã de curry. Talvez possamos pedir ao chef que providencie algo especial para você.

– Nossa, mas você é doce feito calda de sorvete! Eu ia ficar muito feliz, moça. – Ele deu uma piscadela. – Que tal passear pelo deque desta linda embarcação comigo e assistir ao pôr do sol? Preciso de uma garota bonita ao meu lado para firmar este caubói andarilho que ainda não achou seu equilíbrio a bordo.

Arqueei uma sobrancelha e imitei o sotaque sulista.

– Ah, você está de gozação comigo, texano. Já encontrou seu equilíbrio a bordo muito antes de mim.

Wes esfregou a barba por fazer.

– Talvez tenha razão. Então, que tal vir comigo para me manter aquecido?

– Está fazendo uns 27 graus.

– Caramba, mas como você é inteligente, sô. Então, que tal eu só dizer que um sujeito pode se sentir bastante solitário em um país desconhecido e que gostaria de desfrutar mais um pouquinho da sua companhia?

Wes ofereceu o braço com um sorriso encantador. Eu estava prestes a aceitar quando Kishan ficou em pé entre nós e olhou feio para ele.

– Se Kelsey quiser passear pelo deque, *eu* a levo. Por que você não... volta para

a sua toca?

– Não tenho toca alguma. – Wes sorriu e cruzou os braços por cima do peito. – E dizer a um homem que saia e obrigá-lo a sair são duas coisas completamente diferentes.

– Fico feliz em *dizer* e ficaria ainda mais contente em *obrigar*. Você escolhe.

– Kishan, já chega. Eu dou uma volta com você amanhã à noite. Wes é nosso convidado e não vai ficar aqui por muito tempo. Não tem a intenção de fazer nenhuma investida, tem? – perguntei a Wes.

– Não, moça. Eu me considero um perfeito cavalheiro sulista. Nunca encostei o dedo em uma garota contra a vontade dela. Não que alguma tenha me dispensando – disse ele, com um sorriso maroto.

Essa afirmação deixou Kishan ainda mais irritado.

– Está vendo, Kishan? Wes vai ser um perfeito cavalheiro, e você sabe muitíssimo bem que sei me cuidar sozinha. – Ergui as sobrancelhas para ele entender o que eu estava dizendo. Virei-me para Wes e falei: – Eu adoraria ver o pôr do sol com você.

Wes me lançou um sorriso enorme com covinha e ofereceu o braço. Aceitei-o e olhei para Kishan por cima do ombro quando fizemos a curva. Caminhamos até a amurada na frente do iate e suspirei.

– Aqueles dois estão dando trabalho – disse Wes.

– Você nem faz ideia... Já conheceu o capitão? Quer conhecer?

– Quem sabe mais tarde. Primeiro eu gostaria de desfrutar do pôr do sol com uma garota bonita.

Eu sorri, sentei-me no deque e apoiei os braços na amurada, deixando os pés penderem pela lateral. Apoiei o queixo nos braços e olhei para o lindo mar da Arábia. *O oceano é tão lindo... e perigoso,* pensei. *Igualzinho aos tigres.*

Ele logo se juntou a mim.

– Quanto tempo você acha que vai ficar fazendo malabarismo com os dois?

– Não sei. – Dei um sorriso. – Você é bem esperto para um caipira casca-grossa, sabia?

– Caipira eu sou, mas casca-grossa, não – disse ele com um sorriso. – Mas, falando sério, você parece tão encurralada quanto um leitãozinho num churrasco. Quer conversar sobre isso?

– Eles brigaram por causa de uma garota há muito tempo, e ela morreu por

acidente. Os dois se culparam até superar a questão. Fizeram as pazes e se perdoaram.

– E agora estão fazendo de novo... mas com você.

– É.

– E como se sente?

– Eu amo os dois. Não pretendo magoar ninguém. Ren sempre foi o que eu mais quis, mas há boa chance de não podermos ficar juntos.

– Por que não?

– É, hã... complicado. A nossa relação está enrolada. E Kishan só piora as coisas.

– Nunca houve um cavalo que não pudesse ser montado. Nunca houve um caubói que não pudesse cair do cavalo.

Eu dei risada.

– O que isso significa?

– É sabedoria de caubói. Significa que não existe essa coisa de objeto inalcançável. Se quer "montar no cavalo", vá lá e monte. Você pode cair, mas pelo menos terá tentado. Vale ficar com o traseiro roxo se é isso que realmente quer. E, se deixar a oportunidade passar, sempre vai ficar pensando "e se...".

– É. Mas e se eu não conseguir voltar a encaixar as peças do nosso relacionamento? E se houver partes demais quebradas, ou até perdidas?

Wes refletiu por um instante.

– A minha mãe sempre dizia: "Não dá para saber se um homem ou uma melancia estão bons até dar uma pancada neles." Se ele não estiver disposto a ajudar você a encontrar as peças ou redescobrir as que se perderam, então não vale a pena ficar com ele.

– Estar disposto e ser capaz são duas coisas diferentes.

– Nem o burro mais disposto, com o maior coração, é capaz de vencer o Grande Prêmio, boneca. Às vezes não há escolha. Queremos algo que está fora do nosso alcance e, por maior que seja o nosso desejo, isso não vai fazer com que aconteça. Se ele não é capaz de ser o homem que você precisa que ele seja, então é melhor seguir em frente. Tem que encontrar um garanhão forte. Como eu, por exemplo. – Ele riu, mas parou quando viu que eu não o estava acompanhando. – Desculpe. Deixei você mais murcha do que um buquê na manhã depois do baile de formatura.

Eu dei risada e enxuguei uma lágrima.

Ele suspirou.

– Quando a moça *ama* o burro, ele ganha o coração dela, mesmo que não possa ganhar o Grande Prêmio – observou o encantador texano.

Concordei com Wes e fiquei com ele até a lua aparecer. Pouco depois que fui para cama escutei arranhões suaves na porta de comunicação. Eu a abri e abracei o pescoço do meu tigre branco.

– Eu amo o meu burro – balbuciei, e voltei a me acomodar na cama.

Ele me olhou com ar indagador, pulou para o meu lado e se aninhou junto às minhas costas.

No dia seguinte, Wes nos fez assistir a vídeos de mergulho durante toda a manhã. Aprendemos sobre segurança, técnicas, manutenção de equipamento, como planejar um mergulho e como mergulhar afeta o corpo. Ele também nos falou sobre riscos comuns e os erros que mergulhadores iniciantes cometem.

– O mal da descompressão acontece quando se sobe rápido demais. Minúsculas bolhas de gás se formam no corpo quando se mergulha em grandes profundidades, e elas precisam de tempo para se dissipar. Seguir as regras de subida diminui muito os riscos. Já a narcose é muito mais comum, e é difícil saber em que profundidade poderá afetar alguém. O segredo é prestar atenção nos indícios e subir para uma profundidade menor se sentir os sintomas. Os sinais são semelhantes aos da embriaguez por álcool. Nos estágios iniciais, há uma sensação de tranquilidade ou de leve euforia. Depois você começa a ter tempo de reação atrasado, torna-se alterado, confuso, tonto e sofre alucinações. Já foi comparado ao mal da montanha.

– Wes, eu fico enjoada em grandes altitudes. Isso significa que estou mais propensa à narcose? – perguntei.

– Hum, talvez. Vamos prestar bastante atenção em você nos primeiros mergulhos para definir seu nível de tolerância. Algumas pessoas são mais afetadas que outras. Já ouvi histórias de mergulhadores que vão fundo demais, têm narcose e dão o regulador para um peixe, aparentemente porque o peixe também precisa de ar. Essa é uma das razões por que sempre se deve mergulhar acompanhado.

No restante da manhã, treinamos como montar e desmontar o equipamento. Depois do almoço, estávamos de volta à piscina, mas dessa vez trabalhamos com o equipamento. Ren quis que eu fizesse dupla com Kishan enquanto ele trabalhava com o Sr. Kadam. Kishan ficou feliz em atender ao seu pedido.

– Este é o treinamento em águas confinadas – disse Wes. – Vamos praticar todas as habilidades básicas aqui antes de irmos para o mar.

Primeiro fizemos checagem de segurança pré-mergulho para ter certeza de que todo nosso equipamento estava funcionando. Aprendemos a limpar os reguladores e a recuperá-los se fossem soltos. Treinamos como limpar a máscara, tirá-la e recolocá-la, e respirar sem ela. Então de fato mergulhamos na parte funda da piscina a fim de praticar sinais-padrão com as mãos e aprender como usar o ar de fonte alternativa. Também fizemos checagem de flutuação.

Wes disse para respirarmos uma vez com o regulador, segurar o ar e ver se ficávamos firmes flutuando perto do nível do olho. Se afundássemos, então precisávamos de menos peso. O Sr. Kadam e Kishan afundaram um pouco, de modo que deixaram o cinto mais leve. Daí tínhamos que soltar o ar. Se afundássemos, estava bom. Se flutuássemos, precisávamos de mais peso. Kishan, Ren e o Sr. Kadam afundaram muito bem, mas eu flutuei. Wes adicionou mais unidades de peso ao meu cinto até que eu afundasse como os outros. Ele nos disse que deveríamos passar por esse processo a cada mergulho.

Quando terminamos, Wes nos pôs para nadar durante meia hora mais uma vez. Ren e Kishan resolveram ir para a academia depois disso; já o Sr. Kadam e eu concordamos que já era o bastante para um só dia. Nós nos retiramos para a biblioteca e ficamos fazendo pesquisas.

Naquela tarde o *Deschen* ancorou na praia de Betul, e o Sr. Kadam deu a noite de folga para a tripulação. Dissemos ao chef que encomendaríamos a comida a um serviço de bufê naquela noite. Quando não havia mais ninguém por perto, usamos o Fruto Dourado e montamos um churrasco texano completo.

Quando os três rapazes chegaram para jantar naquela noite, o Sr. Kadam e eu sorrimos ao abrir com um floreio as travessas do banquete. Uma expressão de êxtase passou pelo rosto de Wes ao sentir o aroma do churrasco. Ele me agarrou, me tascou um beijão na boca e me rodou no ar.

Ren ameaçou:

– Solte-a. Agora.

– Caramba, sinto muito mesmo por beijar a sua garota. Mas esta é a coisa mais legal que alguém faz por mim desde que Louellen Leighton, a segunda colocada no concurso de Miss Austin, pagou mil dólares por um encontro comigo no nosso leilão beneficente do time de futebol americano.

Comecei a rir.

– Deve ter sido um encontro e tanto.

– Um cavalheiro sulista nunca relata suas aventuras amorosas – disse o caubói, todo sério.

Wes encheu um prato com quiabo frito, porco desfiado, costeletas, frango grelhado, filé de peito de vaca, pão de alho e milho na espiga. Então pegou outro para o feijão, a salada de repolho, os pãezinhos quentes e as vagens na manteiga com cebola e bacon. O Sr. Kadam se ateve a frango, legumes e verduras, ao passo que Ren e Kishan comeram quase tudo.

– Iiiiiirra! O gostinho de casa bem aqui.

Quando Ren e Kishan encheram o segundo prato, Wes fez uma pausa para observá-los.

– Vocês dois são um tantinho diferentes, não são?

Todo mundo na mesa ficou paralisado. Nervosa, dei um gole na água com limão no meio do silêncio tenso. Então perguntei:

– Como assim, Wes?

Wes espetou o ar com o garfo.

– A maior parte dos homens indianos fugiria de um churrasco como fugiria de uma cobra cascavel. Comem mais como o nosso Sr. Kadam aqui. Ficam no frango e nas verduras.

Ren e Kishan se entreolharam rapidamente. Kishan respondeu devagar, enquanto destrinchava algumas costeletas.

– Já cacei javalis e búfalos. Têm quase o mesmo gosto que porco. Apesar de este aqui estar um pouco mais *bem-passado*.

Wes se inclinou para a frente.

– É caçador? Que tipo de rifle você tem?

– Não tenho.

– Como caçou sem rifle?

– Ren e eu caçamos de um modo mais... primitivo.

Wes assentiu, como se tivesse entendido.

– Ah, caçam com arco. Estou querendo tentar isso aí. Meus primos caçam cervos e porcos-do-mato assim. É muito mais perigoso e exige mais habilidade.

Kishan assentiu e continuou comendo.

Wes completou:

– Quem poderia imaginar que eu iria ensinar dois carnívoros da Índia a mergulhar?

Eu tossi e engasguei com a água diante dessa observação. Kishan tentou me ajudar com tapas nas minhas costas.

– Talvez, se tivermos tempo, eu possa dar algumas aulas de caça submarina – ofereceu Wes.

– Caça submarina? – perguntei.

– É. Pesca com lanças, atirar arpões... esse tipo de coisa.

– Pesca com lança até que nos interessa – Ren se apressou em dizer e olhou nos olhos de Kishan.

– É. Eu também não iria me incomodar de aprender isso – completei.

– É mesmo? Olhe, vocês são tão cheios de surpresas quanto uma bolsa de mulher!

Eu ri, e os rapazes finalmente começaram a se comunicar com Wes. Eles passaram umas duas horas conversando sobre pesca com lanças, perguntando quais armas deveriam ser usadas e como elas funcionavam embaixo d'água.

Passamos o dia seguinte na piscina outra vez, preparando tudo para nosso treinamento em mar aberto, que Wes esperava poder começar no dia seguinte. Aprendemos a entrar na água de quatro jeitos: passo de gigante, sentado controlado, rolando para trás e de barriga. Ele nos ensinou que a maneira de entrar na água dependia das condições de mergulho. Treinamos como passar de snorkel para regulador e de volta, como remover os tanques de mergulho embaixo d'água e substituí-los, e como "pairar". Também simulamos como puxar um mergulhador cansado pela piscina. Para Kishan foi mais fácil do que para mim. Ele atravessou a piscina toda com algumas braçadas rápidas, arrastando-me atrás dele, mas eu tive que me esforçar três vezes mais para conseguir puxá-lo.

Então Wes nos ensinou a massagear nossas cãibras. Kishan passou bastante

tempo massageando uma cãibra imaginária na minha perna. Quando reclamei, ele empurrou minha cabeça para dentro da água e deu risada. Ameacei trocar de parceiro e ele pediu mil desculpas e prometeu que nunca mais ia me empurrar. Então pegou minha outra panturrilha e começou a massagear minha perna com um sorriso enorme no rosto. Revirei os olhos e perguntei se podíamos passar para o próximo tópico.

Enquanto nos secávamos e guardávamos o equipamento, Wes anunciou que estávamos prontos para mergulhar sem roupa de mergulho pela manhã, na praia. Se tudo corresse bem, iríamos mais fundo no dia seguinte. Imediatamente entrei em pânico. Aprender a mergulhar na segurança da piscina é uma coisa; entrar no mar é algo bem diferente.

– Espere um minuto, Wes. Estamos prontos para isso? Quer dizer, será que já aprendemos o suficiente? Acho que preciso de mais algumas aulas.

– Você vai ter mais aulas, só que no mar.

– Certo. Mas acho que talvez precise de mais algumas na piscina.

– Desculpe, querida, mas há limite para o que posso ensinar na piscina. Está na hora de encarar as profundezas salgadas.

Eu ia passar mal...

Enquanto Ren só observava, Kishan disse:

– Vamos estar com você, Kells. Nada vai passar por nós.

Wes completou:

– Se tem alguém capaz de superar o medo do mar, é você, mocinha. Coragem é estar morrendo de medo e selar o cavalo assim mesmo.

Assenti e não pensei em outra coisa o dia todo. Os nervos estavam fazendo um buraco no meu estômago e, por isso, não jantei. Na manhã seguinte, vesti o maiô e, tristonha, segui o Sr. Kadam até a garagem molhada para colocar nosso equipamento numa das lanchas. Ele apertou vários botões e a escotilha lateral se abriu enquanto cabos hidráulicos baixavam a lancha na água. Kishan saltou para dentro dela primeiro, seguido pelo Sr. Kadam e por Wes. Então Ren pegou meus braços, deu um beijo no alto da minha cabeça e me abaixou para Kishan, que me agarrou pela cintura.

Ren pulou para dentro da lancha depois de mim, suspirou e se sentou o mais longe possível. O Sr. Kadam levou a embarcação até perto de um trecho da praia onde Wes queria treinar. Ele pediu que formássemos duplas e fiquei com

Kishan mais uma vez. Entramos na água, ajeitamos as máscaras e calçamos os pés de pato.

Treinamos mergulhos verticais, nadar embaixo d'água e limpar o snorkel. Depois de um tempo, comecei a relaxar e a aproveitar. A água era cristalina e calma. Dava para ver de 5 a 10 metros ao meu redor. Wes repassou conosco os exercícios de navegação, em que tínhamos que nadar seguindo uma linha reta, usando a bússola. Depois disso, ficamos só nos divertindo.

Descobrimos conchas lindas e recifes de coral coloridos. Vi centenas de peixes. Não fui capaz de identificar a maioria deles, mas reconheci peixes-anjo e garoupas. Felizmente, não vi nenhum tubarão, mas uma tartaruga marinha e uma arraia passaram nadando preguiçosas ao nosso lado. Olhei para baixo e vi Ren me observando. Ele ficou com ruguinhas ao lado dos olhos quando um cardume de peixes coloridos passou por ele e de repente percebi que esse tinha sido um dos meus sonhos de Shangri-lá.

Eu havia sonhado em nadar com Ren no mar, e lá estava ele. Ele me fez um sinal com os polegares para cima para dizer que deveríamos voltar à tona. Saí ao seu lado e comecei a jogar água nele.

– O que achou? – perguntou ele.

– Adorei. Desde que eu não veja nenhum tubarão, está tudo ótimo.

– Que bom.

– Você queria me perguntar algo?

– Não. Só queria dizer que você é linda.

Ele piscou para mim, sorriu e mergulhou de novo.

Depois de retornarmos ao navio e terminarmos o almoço, concordamos que estávamos prontos para a próxima aula. Vestimos nossas roupas de mergulho e pegamos os tanques. Dessa vez, mergulhamos direto do iate. Segui o exemplo de Kishan e dei um passo de gigante da rampa da embarcação. Nadamos um pouco para longe e fizemos os exercícios de subida de emergência controlada, que Wes disse ser realizada quando um mergulhador fica sem ar e precisa subir de um só fôlego, enquanto expira devagar.

Então repassamos as subidas e descidas de cinco passos. Para as subidas, assinalamos que o mergulho tinha acabado, subimos a 4,5 metros, realizamos uma parada de segurança e conferimos a superfície – em busca de barcos ou jet skis –, fizemos sinais para o companheiro e então estendemos o desinflador

soltando lentamente o ar do colete. Observei com atenção meu manômetro e as bolhas de ar. Wes nos dissera que nunca deveríamos subir mais rápido do que as bolhas de ar mais lentas. Quando chegamos à superfície e estabelecemos a flutuação, demos voltas verificando possíveis ameaças e fizemos sinal para o iate.

Wes achou que tínhamos ido bem o suficiente para fazer um mergulho curto juntos. Ele pediu a Ren e Kishan que fizessem dupla e disse que iria trabalhar com o Sr. Kadam e eu. Tínhamos que permanecer juntos e nos acostumar à parceria. Dessa vez, vi uma barracuda e um peixe-leão. Toquei em um coral mole, uma estrela-do-mar e um caramujo enorme. Um caranguejo grande apareceu, e eu o segui pelo fundo do mar cheio de pedras durante um tempo.

O mar era repleto de cor, movimento e até som. As algas dançavam. Peixes disparavam, nadavam e se deixavam levar, e eu ouvia o chiado das bolhas e sentia a vibração das correntes me puxando enquanto eu me movia. Fiquei perdida tempo demais no meu ambiente, então percebi que Wes estava à minha frente e me apressei para alcançá-lo.

Ele estava nadando ao redor de uma pedra coberta de algas e com uma enorme quantidade de peixes. Eu o segui e desci para nadar entre um monte de pedras e uma ponta protuberante. Bem naquele momento, uma enguia disparou para fora da pedra e passou por cima do meu braço. Comecei a bater os pés para trás com a maior força possível, berrei e perdi o regulador. Em pânico, tentei pegar o regulador reserva e bati com força na pedra pontuda atrás de mim. Consegui pegar o regulador reserva, mas me esqueci de todo o treinamento e tentei voltar à tona imediatamente, sem avaliar o meu entorno.

Subi uma curta distância bem rápido e então bati o alto da cabeça com tudo na pedra acima de mim. Vi apenas a silhueta dos outros nadando na minha direção antes de apagar.

10

O templo de Durga

Quando recobrei a consciência estava deitada sobre uma superfície dura. A primeira coisa que percebi foi que não conseguia respirar. Eu me engasguei, tive ânsia de vômito e fui rolada para o lado. Depois de vomitar litros de água salgada, meus pulmões queimavam, mas pelo menos pude inspirar oxigênio de novo. Respirei algumas vezes com dificuldade, fui colocada de costas e me peguei olhando para o rosto preocupado de Kishan. Ele ainda estava com a roupa de mergulho, o cabelo pingando.

Falei tossindo:

– O que... aconteceu?

Kishan respondeu:

– Shh. Relaxe e respire fundo.

Finalmente entendi onde estava: no piso da garagem molhada. Wes e o Sr. Kadam estavam em pé por cima da silhueta recurvada de Kishan, e os três me observavam com atenção. Tossi de novo e olhei ao redor.

– Onde está Ren?

– Estou aqui.

Ele estava em pé, encostado na parede mais distante de mim.

– Você consegue se sentar, Kells? – perguntou Kishan.

– Consigo. Acho que sim.

Eu me sentei ereta, mas balancei, tonta, e Kishan se aproximou para escorar meu peso contra o peito. Wes se agachou para apalpar minha cabeça. Ele começou a fazer perguntas como qual era a minha idade e onde eu tinha

nascido, para avaliar meu estado de alerta.

Satisfeito, ele disse:

– Você nos deu um susto danado. O que aconteceu lá embaixo?

– Uma enguia tocou em mim, e eu entrei em pânico. Não olhei para onde estava indo e bati a cabeça numa pedra. Obrigada por me tirar da água, Wes. Você é um bom parceiro.

– Não fui eu. Foi Ren.

Lancei um sorriso fraco para Ren.

– Parece que você salvou a minha vida. Já foram quantas vezes?

Ele retribuiu meu olhar com uma expressão contida.

– Eu só tirei você da água. Kishan prestou os primeiros socorros.

Depois de dizer isso ele saiu da garagem de maneira abrupta.

Kishan me ajudou a ficar em pé.

– Vamos levar você de volta ao seu quarto, Kells. Kadam? Pode pedir a Nilima que venha aqui ajudar Kelsey?

– Claro.

Ao caminhar de volta para o meu quarto, descobri que já não era necessário me apoiar em Kishan. Minha cabeça doía onde tinha batido na pedra, mas não era nada insuportável. Nada que um analgésico não resolvesse. Kishan insistiu que Nilima ficasse comigo durante a hora seguinte pelo menos, e ela me ajudou a tirar a roupa de mergulho para que eu pudesse tomar banho. Kishan levou o jantar até o meu quarto, apesar de eu dizer a ele que estava bem e ansiosa para voltar a mergulhar. Todos pareciam achar que eu devia descansar pelo menos um dia. Wes declarou que queria fazer mais exercícios.

Desci e fiquei dizendo a eles que tinha cometido um erro idiota e, por acaso, havia batido a cabeça com força suficiente para apagar. Foi uma pisada na bola. Não iria acontecer de novo. Aprendera a lição. Mas eles me venceram na votação e até o Sr. Kadam inventou desculpas, dizendo que estava muito ocupado para mergulhar no dia seguinte. Finalmente, para tranquilizá-los, avisei que iria para cama mais cedo. Subi para o quarto com a esperança de encontrar Ren. Ele tinha sumido, e eu queria lhe fazer mais perguntas a respeito do que tinha acontecido. Todo mundo estava agindo de maneira bem estranha, e eu não conseguia entender por quê.

Ren não estava em seu quarto. Esperei durante horas que viesse até o meu e até

deixei a porta de comunicação aberta, mas ele não apareceu.

Também não se juntou a nós para nenhum dos exercícios de Wes no dia seguinte. Wes fez dupla com o Sr. Kadam e Kishan, comigo. Quando eu perguntava sobre Ren ao Sr. Kadam ou a Kishan, eles admitiam que Ren estava no iate e em segurança... mas que não queria ser encontrado.

Eu me irritei com Kishan e usei todos os métodos de persuasão que tinha à disposição para fazer com que me contasse por que Ren estava se escondendo, mas ele não cedeu. Só disse que, quando Ren quisesse falar comigo, ele falaria. Fiquei andando de um lado para outro no meu quarto, horas e horas, imaginando qual seria o problema e frustrada por não poder ajudar. Implorei ao Sr. Kadam e a Nilima que me ajudassem, mas eles também se recusaram, educados, dizendo que Ren falaria comigo quando estivesse pronto.

Logo o *Deschen* estava navegando mais uma vez, em direção à próxima cidade portuária. Não jantei e fui cedo para cama. Repetindo o mesmo padrão das outras noites, parei na nossa porta de comunicação olhando inutilmente para o quarto escuro de Ren.

Onde ele pode estar? Será que está bravo comigo? Está magoado? O que houve de errado? Será que está preso na forma de tigre em algum lugar? Será que aconteceu algo entre ele e Wes? Entre ele e Kishan?

As perguntas enchiam minha cabeça, e meu coração doía de preocupação. Eu tinha prometido não usar o rastreador do celular, então o procurava fisicamente pelo iate, olhando em cada cantinho. Não havia qualquer sinal dele.

Na terceira noite sem Ren, eu fui para cama mas não consegui dormir. Por volta da meia-noite, achei que a brisa fresca do mar poderia me ajudar a desanuviar a cabeça.

Subi a escada externa até o deque e fiquei apoiada na amurada próxima à sala de jantar durante um tempo. O vento soprava forte e, quando joguei o cabelo para trás, ouvi o murmúrio de vozes masculinas que ele carregava. Fiquei imaginando se os interlocutores seriam o capitão e algum integrante da tripulação e pensei em cumprimentá-los. Seguindo o som das vozes, dei a volta pelo corredor coberto e fiquei paralisada quando vi Ren e Kishan. Eles estavam de costas para mim. Eu estava na direção do vento, e o tempo estava meio chuvoso, de modo que não me viram nem sentiram o meu cheiro.

Quando caminhei na direção deles, ouvi Kishan dizer:

– Não acho que ela vá fazer o que você está esperando.

– Ela já está a meio caminho. Longe dos olhos, longe do coração – respondeu Ren.

– Você subestima os sentimentos dela.

– Não faz diferença. Tomei a minha decisão.

– Você não é o único envolvido.

– Sei disso. Mas é para o bem maior. É claro que *você* vê isso.

Kishan fez uma pausa.

– O que eu vejo, penso ou quero não importa.

– É assim que tem que ser, Kishan. Não vou permitir que isso aconteça de novo.

– Não foi culpa sua.

– Foi sim. *Eu* fiz isso. Preciso aceitar as consequências.

– Ela vai ficar magoada.

– Você vai estar lá para ajudar.

– Não vai fazer diferença.

– Vai, sim. – Ren pôs a mão no ombro de Kishan. – Com o tempo... vai, sim.

– Você precisa falar com ela. Se vai terminar com Kelsey, ela merece ouvir da sua boca.

Terminar?

Eu me apressei pelos últimos degraus, fui com tudo para cima dos irmãos e berrei:

– De que diabos vocês acham que estão falando? Digam que eu não ouvi esta conversa!

Os dois se viraram. Kishan parecia culpado, mas Ren endureceu a expressão, como se estivesse pronto para uma briga.

Cutuquei Ren no peito.

– Por onde você andou nos últimos dias? Está me devendo satisfações! E você? – Eu me virei para Kishan. – Como é que vocês dois ousam conspirar e fazer planos a meu respeito sem ouvir a minha opinião? Sabem que isso não se faz!

Kishan fez uma careta.

– Sinto muito, Kells. Você e Ren precisam conversar. Falo com você mais tarde e então poderá gritar um pouco mais comigo.

– Ótimo.

Kishan saiu depressa enquanto Ren se apoiava na amurada com expressão determinada.

– E aí? Vai se explicar ou preciso dar um choque em você?

– Você já escutou o que eu pretendia dizer. Quero terminar com você.

Meu queixo caiu.

– Você quer o quê?

– A gente não pode ficar junto.

Não consegui pensar em nada para dizer, a não ser:

– Por quê?

– Não posso... não vou... a gente não deve... olhe, tenho meus motivos, está bem?

– Não, não está. Apenas dizer que você tem os seus motivos não basta.

Algo bruxuleou nos olhos dele. Dor. Mas desapareceu rápido e foi substituído por uma coragem determinada.

– Eu não te amo mais.

– Eu não acredito. Vai ter que se sair com algo melhor. Eu li os seus desejos no Festival das Estrelas, está lembrado?

Ele deu um sorriso amarelo.

– Eu tinha me esquecido... Mas devia acreditar em mim. Vai ser mais fácil para nós dois assim. Kishan gosta de você, e será melhor se ficar com ele.

– Você não pode me dizer quem eu devo amar ou não.

– Você já ama Kishan.

– Eu amo *você*, seu grande idiota.

– Então, pare de amar.

– Não posso simplesmente ligar e desligar meus sentimentos como se fossem um interruptor.

– É por isso que não ficarei mais por perto. Vou evitar me aproximar de você. Você nunca vai me ver.

– Ah, entendi. Você acha que só o fato de não ver você vai resolver tudo?

– Provavelmente, não. Mas vai ajudar.

Cruzei os braços e fiquei olhando para ele, totalmente incrédula.

– Não acredito que está me dizendo para ficar com o seu irmão. Não combina com você. Por favor, me diga o que eu fiz para causar isso.

– Você não fez nada.

Ren se virou para o outro lado, inclinou-se e pôs os cotovelos na amurada. Passou um minuto sem dizer nada, por isso fui para perto dele e também me apoiei na amurada. No final, ele disse baixinho:

– Eu não pude salvar você.

– Como assim?

– Eu não consegui. Tentei prestar os primeiros socorros, mas passei muito mal. Não pude salvar você. Kishan teve que intervir e, por causa do meu ciúme e da minha frustração, eu o empurrei para longe. Quase a deixei morrer porque não queria que ele a tocasse. Foi aí que percebi que precisava abrir mão de você.

– Mas, Ren...

Estendi a mão para pegar no braço dele. Ren olhou para ela e se afastou.

Eu me enrijeci e disse:

– Tenho certeza de que está exagerando.

– Não, não estou.

Ele deu as costas para mim, como se fosse embora.

– Alagan Dhiren Rajaram, fique aqui e ouça o que eu tenho a dizer!

Ele se virou, irritado.

– *Não*, Kelsey. Não! Eu não posso ficar com você! Não posso tocar em você! E não posso salvá-la. – Ele agarrou a amurada com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. – Você precisa de um homem que possa fazer essas coisas. Esse homem não sou eu. Já se passaram meses, Kelsey, e eu não encontrei o ativador. Provavelmente nunca vou encontrar, e você vai desperdiçar a sua vida inteira esperando por mim! Kishan precisa de você. Ele a quer. Fique com ele.

– Eu não quero. Escolhi *você*, e não me importo com essas outras coisas. Tenho certeza de que vamos achar uma solução. Por favor, não se afaste de mim por causa disso.

– É melhor assim, Kelsey. Nós sabemos o que é melhor para você.

– Não, não sabem! Você é o melhor para mim.

– Não sou. E não vou mais discutir isso com você. Já decidi.

– Ah! Já decidiu? Bom, talvez fique chocado com esta informação, mas você não toma decisões por mim! Vocês dois podem planejar e tramar quanto quiserem, mas não podem manipular meus sentimentos em relação a você!

Os ombros de Ren desabaram e ele disse, resignado:

– Você não será manipulada. Os seus sentimentos por ele vão vir de maneira natural e, ao mesmo tempo, os seus sentimentos por mim vão diminuir.

– *Porcaria nenhuma!* – Comecei a entrar em pânico. Ren estava sério. Ele jamais recuava depois de ter enfiado uma coisa na cabeça, e eu não estava conseguindo avançar nada falando com ele assim. Achei que eu fosse ter um troço. Lágrimas escorriam pelo meu rosto. – Não consigo acreditar que você está disposto a abrir mão de mim.

– Não seja teimosa, Kelsey.

Dei uma risada sarcástica.

– Não acho que eu seja a teimosa aqui.

Ele suspirou.

– Precisamos encarar o fato de que nosso relacionamento é problemático demais. Por que fazer com que nós dois passemos por esta dor se não é necessário? Você pode ser feliz com Kishan e... eu tenho certeza de que também posso encontrar outra pessoa.

Tenho certeza que ele poderia. Bastaria caminhar por qualquer rua do mundo e num instante haveria centenas de "outras pessoas" fazendo fila.

Respirei fundo, trêmula.

– Mas não tem nenhuma outra pessoa que eu queira. Não posso terminar com você.

Ren riu com desdém.

– Eu sabia que você não seria racional. – Ele suspirou. – Certo. Então vamos fazer isso da maneira mais difícil. – Ele ajeitou os ombros e contraiu os lábios. – As pessoas se separam o tempo todo, Kelsey. Apenas aceite. A questão é que... foi legal por um tempo, mas está na hora de eu seguir em frente. Nenhuma lembrança esquecida poderia fazer valer a pena toda esta... dor. Todo este drama.

– Ainda não acredito em você. Sei que gosta de mim.

– Como é que eu posso gostar de uma garota se minhas entranhas se contorcem de agonia toda vez que eu toco nela?

– Você nunca reclamou antes.

– Você é a única garota que eu beijei, e um beijo que só pode durar alguns segundos simplesmente não vale a pena.

– Sabe o que eu acho? Acho que você está se sentindo extremamente culpado

por causa dos primeiros socorros e está tentando me proteger. Sempre foi superprotetor, então agora pensa que terminar comigo vai me salvar. Você tem algum tipo de complexo de Super-Homem hiperativo, e o seu passatempo preferido é sacrificar o nosso relacionamento pela minha segurança.

Ele resmungou e passou a mão no cabelo.

– Parece que eu não estou sendo claro. Eu... não... *quero*... você. Não quero mais. Nem sei se estou a fim de ter uma namorada neste momento. Talvez eu passe um tempo só pulando de galho em galho, partindo alguns corações. Acho que vou experimentar uma ruiva ou uma loira da próxima vez.

– Só acredito vendo.

– É isso que vai ser necessário? Terá que me ver com outra mulher para acreditar que estou falando sério?

Cruzei os braços.

– Isso mesmo.

– Ótimo. Vou ficar feliz em atender seu desejo.

– Ah... não vai, não! Se namorar outra mulher, vou estrangular você, Tarzan!

– Não quero magoá-la, Kelsey, mas está me forçando a fazer isso. Eu estou falando sério. Nós não devemos ficar juntos e, até que você consiga aceitar isso, não vai mais me ver.

Ren se virou para sair.

– Seu covarde. Vai se esconder de uma garota que tem a metade do seu tamanho.

Ele se virou mais uma vez.

– Não sou covarde, Kelsey. Você uma vez me largou, dizendo que nós não devíamos ficar juntos. Que nós não... combinávamos. Passei a acreditar que você tem razão. *Você* não é para *mim*. Vou encontrar outra pessoa. Alguém – ele retesou o maxilar – mais bonita. E menos reclamona também seria bom.

Arfei baixinho enquanto lágrimas escorriam pelo meu rosto.

Ao ver que eu estava fraquejando, Ren deu o bote.

– Tenho certeza de que nós dois vamos seguir em frente rapidamente. Talvez antes de a semana terminar.

Eu me virei para esconder meu descontrole emocional, ainda sem conseguir dizer nada.

– O bom para você é que já tem um ou dois pretendentes na fila. Parece que os

homens correm para você como os ursos correm para o mel, então, não reclame da vida.

Apertei a barriga com as mãos, tentando conter a dor. Tomei fôlego, trêmula, e perguntei baixinho:

– Então, acabou? Isto é uma despedida? Não vamos mais significar nada um para o outro? Não vai nem ser meu amigo?

– É isso mesmo. Vou ajudar nas tarefas para quebrar a maldição, mas, fora isso, não fique esperando me ver. E quando as tarefas de Durga estiverem completas, eu simplesmente vou desaparecer. Você nunca mais irá me ver.

Ele deu alguns passos para longe mas parou quando eu disse baixinho:

– Ren?

Ele suspirou.

– O que foi?

Eu me virei e dei alguns passos para poder ficar de frente para ele. Olhei para aquele rosto lindo em busca de um sinal de que ele iria parar com essa tolice. Sua expressão estava rígida como pedra. Ele não iria mudar de ideia, não ia arredar pé. Tentei outra tática e ameacei:

– Se você fizer isso... se me abandonar de novo... não haverá outra chance.

Outra lágrima desceu pela minha bochecha. Ele se aproximou e tocou a lágrima. Nossos olhos se encontraram e o meu coração disparou no peito de um modo terrível. Eu o amava tanto que doía. *Como ele podia fazer isso com a gente?* Parecia errado. As palavras que ele dizia eram falsas. Eu sabia disso na minha mente, mas meu coração estava sofrendo mesmo assim. O *meu* Ren jamais diria essas coisas para mim, mas será que ele ainda era o *meu* Ren? Será que tinha mudado tanto assim?

Ren examinou a lágrima enquanto a esfregava entre o indicador e o polegar. Ele ergueu os olhos, com as íris azuis duras feito safiras.

– Eu não vou precisar de outra chance. Não vou mais procurar você.

Talvez ele não fosse mais o meu Ren. Talvez eu tivesse passado o tempo todo me enganando, desejando e esperando algo que nunca vou ter de volta. Irritada, eu disse:

– É melhor que tenha certeza. Porque, se eu me comprometer com Kishan, não vou abandoná-lo por você. Não seria justo com ele.

Ren deu uma risada seca.

– Eu me considero avisado.

Ele se afastou quando eu sussurrei:

– Mas vou continuar amando *você*.

Se ele me ouviu, não parou. Fiquei apoiada na amurada durante um bom tempo, tentando descobrir como voltar a engolir. A emoção tinha obstruído minha garganta, e eu só conseguir respirar em fôlegos curtos.

Ren cumpriu a palavra. Eu não o vi durante toda aquela semana. Eu e todos os outros fomos mergulhar conforme estava programado. Todo mundo ficou de olho em mim, mas eu estava bem mais controlada e fui muito bem. Até vi um filhote de tubarão nadando no fundo do mar e não dei nenhum chilique. Mas eu tinha perdido o apetite, e Kishan ficava tentando me enfiar comida goela abaixo.

Um dia, não fui tomar o café da manhã. Wes me achou sentada no alto da casa do leme, em um lugarzinho que eu achava que ninguém mais conhecia. Ele se sentou ao meu lado.

– Uau! Isso aqui parece o topo do mundo. Nossa, acho que dá até para ver a curva da Terra aqui de cima.

Eu assenti.

– Então, ouvi dizer que o seu amigo terminou tudo.

Não respondi, e por isso ele prosseguiu:

– Um bom sujeito é tão difícil de encontrar quanto dente em galinha. Sinto muito por você, querida. Alguém que dispensa uma garota bonita e doce como você... bom, simplesmente não faz sentido. O rapaz deve achar que o sol só sai para ouvir o cacarejo dele.

– Você já terminou com alguém?

– Uma vez. Até hoje me arrependo.

– O que aconteceu?

– Ela era a minha namoradinha da escola. Todo mundo achava que iríamos nos formar e nos casar. Ela faria a faculdade comunitária local e depois de três anos na universidade eu iria voltar e colocar um anel de noivado no dedo dela. Minha vida toda estava planejada por mim. Não era uma vida ruim, mas eu queria ter algum controle sobre ela. Quando meus pés começaram a coçar, larguei dela antes mesmo de largar da faculdade. Eu a amava. Ainda amo. Ela até

poderia ter vindo comigo. Desconfio de que ela tenha ficado me esperando um tempo, mas como não liguei nem escrevi, ela acabou desistindo e se casou com outro.

– Talvez você devesse ligar para ela agora.

– Que nada. Agora ela tem uma cria. E uma vez que isso acontece... bom, digamos que é mais fácil deixar assim do que tentar mudar.

– Entendo. Arrependimento é uma coisa difícil de suportar.

– Ela provavelmente me odeia agora. Imagino que seja melhor assim.

– Não acredito que ela odeie você. Eu nunca odiaria Ren.

Ele esfregou o queixo.

– Não mesmo? Bom, quem sabe um dia eu escreva uma carta para ela.

– Devia escrever.

– O Sr. Kadam disse que vocês vão todos para a cidade hoje à noite. Parece que têm algo para fazer perto de Mangalore. Ele espera conversar com você sobre isso. Quer descer comigo?

– Acho que sim.

Wes me acompanhou até onde estava o Sr. Kadam, ocupado com pesquisas. Ele apontou para a cadeira próxima e falou:

– Obrigado, Wes. Eu poderia ter pedido a Kishan, mas ele sumiu.

– Deve estar fazendo alguma coisa para o homem invisível – comentei.

– É. Talvez.

O Sr. Kadam deu tapinhas na minha mão, num gesto de solidariedade, e Wes saiu com um aceno de cabeça.

O Sr. Kadam foi direto ao assunto e virou o laptop para mim, mostrando-me a foto de um templo.

– Este aqui é o templo de Sri Mangaladevi, perto de Mangalore. Iremos até lá por volta da meia-noite para tentar despertar a deusa Durga mais uma vez. Acredito que as oferendas desta noite devam estar relacionadas ao pilar que representa água. Eis uma foto dele. Está levemente danificado, mas ainda é possível identificar os entalhes.

A foto mostrava a deusa Durga no alto de uma pilastra de pedra toda entalhada com estrelas-do-mar, conchas e peixes. As imagens retratavam pescadores tirando redes do mar, um rio irrompendo de um caramujo e plantações com nuvens de chuva por cima. Aldeões ofereciam bacias de água

junto com a riqueza retirada do mar.

O Sr. Kadam prosseguiu:

– Achei que a senhorita e eu pudéssemos sair para fazer compras hoje, a fim de reunirmos alguns itens de que podemos precisar, enquanto providencio o acesso ao templo tarde da noite.

Dei de ombros, sem me importar com o que fôssemos fazer.

Na hora marcada, fiquei esperando o Sr. Kadam perto do Jeep, observando sem interesse os estivadores baixarem a rampa para que pudéssemos sair do iate com o carro.

Ren é irritante. O que ele está pensando? Será que acredita mesmo que pode simplesmente forçar a barra para que Kishan e eu fiquemos juntos e que assim tudo estará bem? Arrume um homem para Kelsey. Qualquer homem, e ela se contentará. Phet disse que eu faria uma escolha. Isso não é escolha; é uma armação. Bom, não preciso que ninguém arme para mim. Sei que não é fácil ter uma namorada e não poder tocar nela, mas eu estava disposta a aguentar isso. Esse problema específico é de mão dupla: afeta tanto a mim quanto a ele.

Kishan disse a Ren que o problema dos primeiros socorros não tinha sido culpa dele. Estou bem. Não houve danos. Como é que ele acha que eu vou aguentar essas mudanças bruscas de humor? Fala sério! Eu devia ter sempre uma margarida ao alcance para poder fazer um bem me quer, mal me quer. Se ele não quer ficar comigo, então tudo bem, mas não pode me forçar a amar Kishan ou qualquer outra pessoa. Por que a minha vida tem que ser tão complicada?

Fiquei lá mordendo o lábio e pensando enquanto esperava o Sr. Kadam. Ele finalmente apareceu, pedindo desculpas por estar atrasado. Parece que também tivera dificuldade para localizar Ren.

Beleza. Ele que fique brincando de esconde-esconde. Tenho mais o que fazer.

O Sr. Kadam e eu passamos a tarde na cidade, comprando variados itens relacionados ao mar ou à água. Almoçamos em um pequeno bistrô enquanto ele falava de amenidades. Não tinha qualquer conselho a me dar, a não ser que eu tentasse ser feliz. Não fazia ideia de *como* eu poderia ser feliz, mas disse que tinha certeza de que eu conseguiria.

Logo que voltamos para o iate, peguei meu celular rastreador. Agora que tínhamos terminado, todos os acordos haviam sido anulados, e eu liguei a telinha com um gosto de vingança. A bolinha de Ren mostrava que ele se

mudara para as instalações dos hóspedes, um andar abaixo do nosso, mas nunca ficava parado muito tempo. Naquela tarde, passei um tempo seguindo a bolinha dele no meu GPS. Permiti que permanecesse fora de vista, mas ficava de olho em seu paradeiro. Então comecei a me achar uma daquelas psicopatas que ficam dando voltas em estacionamentos à procura do carro do ex-namorado. Por isso, larguei o telefone num canto e parei de procurá-lo.

Naquela noite, peguei a sacola de compras e guardei todos os itens numa mochila. Tínhamos comprado óculos de sol, chinelos, conchas, estrelas-do-mar, um frasco pequeno de cobre selado com água do rio Ganges, protetor solar, um peixinho dourado vivo, coral, um pacote de alga seca, uma garrafa de água potável e um CD de barulho do mar. Completei a coleção com a pena de uma ave marítima que encontrara na praia.

Eu tinha tirado uma soneca depois que voltamos e estava lendo um livro no *lounge* quando Nilima entrou.

– Oi, Srta. Kelsey. Tudo bem?

– Sim, dentro do possível. E você?

– Muito bem. Espero que não se incomode, mas eu queria fazer uma coisa para a senhorita.

– O que é?

Ela me entregou um lindo pedaço de seda.

– Pode levar isto com a sua oferenda para Durga hoje à noite?

– Posso. Mas por quê?

– No templo que vocês vão visitar, as moças solteiras participam de um jejum chamado Mangala Parvati Vrata, ou jejum do templo de Durga em Mangalore. Elas não comem nada todas as terças-feiras do verão e então oferecem seda à deusa.

– Por que fazem isso?

– Porque acreditam que a deusa Durga vai encontrar um noivo bom e bonito para elas.

– Ah, entendi.

– Quando eu soube que meu avô queria visitar esse templo, comecei a jejuar, não por mim, mas pela senhorita.

– Então você jejuou ontem? Na terça-feira?

Ela jogou o cabelo preto perfeito por cima do ombro.

– Não. Estou jejuando há muito mais tempo. Talvez se lembre de que não tenho aparecido muito no jantar nem no café da manhã desde que chegamos ao iate.

Eu me inclinei para a frente e peguei a mão de Nilima.

– Está dizendo que não come há mais de duas semanas?

– Tenho tomado água e leite, mas não comi nenhum alimento sólido durante esse período. Minha esperança é que, apesar de não ter deixado de comer toda terça-feira, todos esses dias de jejum provem minha dedicação. Meu desejo é que Durga ajude a senhorita a encontrar a felicidade.

– Nilima, não sei o que dizer. – Eu a abracei. – Ninguém jamais fez algo assim por mim. Fico feliz em aceitar a seda, e vou dar essa oferenda a Durga hoje à noite.

Ela sorriu e apertou minha mão.

– Só para garantir, vou esperar até a sua volta para romper o jejum. Boa sorte hoje à noite, Srta. Kelsey.

– Obrigada por ser uma amiga tão boa. Nunca tive irmã, mas não posso imaginar uma que seja melhor do que você.

– E a senhorita também é minha amiga e irmã. Boa noite.

– Boa noite.

Nilima foi para cama e eu retornei à minha poltrona. Corri os dedos pelo lindo tecido que ela trouxera e fiquei pensando sobre a oferenda até o Sr. Kadam chegar para me buscar. Peguei a mochila, joguei-a nos ombros e deslizei Fanindra pelo braço. Descemos até a garagem e encontramos Kishan, que carregava uma bolsa com o Fruto Dourado, o Lenço e as armas – por via das dúvidas.

Ele abriu a porta do carona para mim e entrou no banco de trás. De repente, a porta atrás de mim se abriu e Ren entrou no Jeep. Olhou para mim por apenas um segundo e então fechou a porta e afivelou o cinto de segurança. O trajeto até a cidade foi constrangedor e silencioso.

Chegamos ao templo e estacionamos na parte dos fundos. O prédio estava bem-iluminado – aliás, as luzes eram tão fortes que o templo parecia uma atração da Disney. A estrutura tinha formato cônico, como os outros templos que havíamos visitado, com dois prédios quadrados anexos, um de cada lado. As construções laterais tinham janelas de vidro que me faziam pensar em

restaurantes *drive-thru*, só que havia estatuetas douradas nas janelas.

Com as luzes acesas, o templo parecia ser laranja ou dourado, mas na verdade era branco com acabamentos dourados. Quando demonstrei minha preocupação com a iluminação, o Sr. Kadam garantiu que tinha providenciado para que ficássemos sozinhos e que era normal o templo permanecer iluminado nesta época do ano.

Passamos pela porta destrancada, entramos no templo e atravessamos vários portais. O Sr. Kadam nos conduziu pelo corredor até chegarmos a uma espaçosa área aberta. Na extremidade mais distante do salão, iluminada de todos os ângulos possíveis, havia uma estátua dourada de Durga sentada num trono também dourado.

Seus olhos estavam fechados e ela vestia seda vermelha. Joias adornavam seu pescoço, junto com guirlandas de flores. Quando perguntei ao Sr. Kadam se ela era realmente feita de ouro, ele respondeu que, na verdade, era de bronze, e que todas as estátuas de Durga eram feitas de pedra ou de bronze. Mas admitiu que era possível que ela tivesse sido pintada com ouro ou recebido uma cobertura desse metal.

O chapéu alto e pontudo de Durga era incrustado de pedras preciosas, e guirlandas de flores pendiam da parte de cima recurvada, o que o fazia parecer a versão feminina de um cocar de chefe de tribo indígena americana. Só distingui quatro dos braços dela e apenas duas de suas armas: um machado e um cajado. Duas mãos tinham símbolos entalhados na palma. Os lábios eram pintados de vermelho. Ela parecia tão diferente das outras estátuas de pedra que quase duvidei que ela fosse despertar.

O Sr. Kadam tinha esperança de ficar desta vez, mas estava pronto para se retirar a qualquer minuto. Abri o zíper da mochila, tirei de lá nossas oferendas e as espalhei aos pés de Durga. Peguei o pedaço de seda por último e o deitei no colo dela com delicadeza. Ninguém fez perguntas, e isso foi um alívio. Foi só quando nós todos demos alguns passos para trás que dei uma olhada ao redor, no salão. Não havia pilastra alguma a que pudéssemos nos agarrar.

– As coisas podem ficar um pouco agitadas, por isso, tomem cuidado.

Kishan meneou a cabeça para mim e encostei o dedo no sino do meu tornozelo. Eu me abalei com a doce lembrança da correntinha, mas logo mandei o pensamento para o fundo da mente. Toquei no amuleto que carregava no

pescoço em busca de coragem e estendi a mão para Kishan. Ele deu um passo para a frente e a pegou. Também estendi a mão para Ren, mas ele passou para o outro lado do Sr. Kadam, que a tomou em seu lugar. Cerrei os dentes, esperei Ren pegar a mão do Sr. Kadam e então falei.

– Deusa Durga, voltamos mais uma vez para pedir a sua bênção ao iniciarmos esta terceira busca. Ajude-nos a quebrar a maldição que se abateu sobre estes homens e a derrotar o malfeitor que a lançou sobre eles.

Apertei a mão de Kishan, e ele deu um passo adiante.

– Linda deusa, por favor, apareça para nós mais uma vez e nos conceda as ferramentas necessárias para vencermos aqueles que nos impedem de encontrar o seu prêmio.

Olhei descaradamente para Ren, que disse:

– Viemos aqui em busca de sua sabedoria e de sua força. Por favor, nos ajude em nosso momento de necessidade.

– Senhor Kadam? Gostaria de dizer alguma coisa? – perguntei.

– O que eu digo?

– Diga em que gostaria que Durga ajudasse.

Ele refletiu por alguns segundos.

– Ajude-me a acudir os meus... príncipes e pôr fim a seu sofrimento.

– Certo. Agora, vocês dois, por favor, transformem-se em tigres.

Eles se metamorfosearam, mas nada aconteceu.

O Sr. Kadam perguntou:

– O que costuma acontecer na sequência?

– No instante em que eles se transformam em tigres, começa algum tipo de abalo ou de terremoto ou de vento terrível.

– Talvez minha presença esteja atrapalhando.

– Acho que não.

– O que mais há de diferente além da minha presença?

– A estátua é dourada, não é de pedra. Tanto Ren quanto Kishan estão aqui. Antes, era só um deles.

– Vocês sempre se deram as mãos daquele jeito?

– Sim.

– Vamos tentar outra coisa antes de abandonar este templo. Kishan e Ren, deem as mãos para a Srta. Kelsey que eu vou ficar um pouco para trás desta vez.

Ren pegou minha mão com relutância. Ele gemeu baixinho. Nós três repassamos nossos pedidos bem rápido mais uma vez antes de os irmãos se transformarem em tigres. De repente o salão sacudiu. Ren voltou a ser homem logo antes de eu ir com tudo contra o peito dele. Ele pôs os braços ao meu redor para me firmar. Um vento varreu o templo e o piso voltou a se mover. Nós dois demos um encontrão em Kishan e caímos embolados no chão.

Começou a pingar água pela estátua. No início, era um fiozinho, mas logo algo pareceu estourar e uma enxurrada se derramou e fez poça no chão. Um rio correu para dentro do templo, vindo de todas as portas. Ondas de água se chocaram contra as minhas pernas, e um vento chicoteante se abateu sobre nós. Exatamente quando as luzes se apagaram, gotas de chuva atingiram nosso rosto. Logo nossos pés não estavam mais encostando no chão. Não tínhamos opção além de nadar na água escura à medida que as ondas iam ficando maiores.

Ren berrou:

– Kelsey! Agarre a minha camisa! Não solte!

Eu gritei quando algo segurou minha perna.

– Sou eu!

– Kishan? Precisamos encontrar o Sr. Kadam!

Nós três ficamos lá nadando por cima das ondas incrivelmente altas enquanto chamávamos pelo Sr. Kadam. Finalmente, escutamos sua voz:

– Estou aqui.

Ren me deixou com Kishan e usou o movimento de reboque de mergulhador cansado que Wes tinha ensinado para trazer o Sr. Kadam para mais perto. Logo o vento abrandou e as ondas se acalmaram. Ouvi um som de sucção e de drenagem. Depois de alguns minutos, Ren disse que já conseguia ficar em pé. Não demorou muito para que eu também conseguisse, e nós quatro nos encolhemos juntos na escuridão, molhados e desconfortáveis.

– Eu devia ter feito mais perguntas antes de resolver acompanhar vocês três – comentou o Sr. Kadam, dando risada. – Talvez eu decidisse deixá-los fazer isso sozinhos.

A água já tinha quase ido embora, e Kishan patinhou até o outro lado do salão para pegar nossas mochilas. Ele tirou um bastão fosforescente da dele e usou a luz para examinar a estátua. O ouro e a seda agora estavam encharcados e imundos. Lama e algas cobriam a estátua, o chão e também nossos corpos.

– Kelsey! Aqui!

Kishan fez um gesto para que eu me aproximasse.

Uma marca de mão tinha aparecido no trono, onde antes não havia nada.

– Certo. Afastem-se.

Kishan foi só um pouco para trás quando encostei a mão na marca e lancei meu poder de raio. Ela ficou azul e, depois, translúcida, e as marcas de Phet reapareceram. Senti algo mudar na estátua antes de Kishan me puxar para trás. Uma chuva suave começou a cair. O adereço de cabeça encharcado e a coroa dourada derreteram. O trono também derreteu e se transformou em um trono de coral incrustado de conchas, estrelas-do-mar e joias. Dos braços de Durga pingava água da chuva, e dois deles começaram a se mover.

A deusa tirou gotículas de água dos braços e, onde ela enxugava, sua pele iridescente iluminava o salão o suficiente para que nós a enxergássemos com clareza. Sua pele tinha um brilho perolado de alabastro que ia mudando conforme ela se movia, reluzindo com azuis, verdes e púrpuras. Ela se virou de leve, e um raio de luz espetacular fez com que eu fechasse os olhos. Quando os abri, achei que os padrões em espiral na pele dela lembravam um esmalte de unha perolado, ou talvez fosse mais parecido com as escamas de um peixe. Fosse o que fosse, era fascinante.

Durga empurrou para longe o pedaço do adereço de cabeça dela que tinha sobrado e colocou o cabelo para trás na chuva, como se estivesse tomando um banho de chuveiro. Observei encantada enquanto todo o ouro ia escorrendo e revelando o lindo cabelo da deusa, comprido e escuro. Ela usava um vestido simples verde-mar e um colar de flores de lótus. Seus pés estavam descalços. Quando a chuva parou, ela torceu o cabelo para tirar a água e colocou a massa encharcada sobre um ombro.

Com uma voz tilintante de sereia, Durga deu risada.

– Ah, Kelsey, minha filha. Suas oferendas foram aceitas.

Do canto do olho, vi objetos reluzindo por todo o salão onde a água os tinha depositado.

Durga estalou a língua.

– Ah, mas vocês estão todos desconfortáveis. Deixem-me ajudar. – Ela bateu palmas com um par de mãos e, quando as afastou, um arco-íris apareceu. Ela o cutucou e ele se contorceu na nossa direção como uma cobra, nos rodeando. Em

pouco tempo estávamos limpos e secos. O arco-íris fez voltas ao redor de Durga também antes de se dissipar, deixando-a seca, com lábios vermelho-coral e bochechas rosadas.

Com o dedo, a deusa fez um gesto para que eu me aproximasse. Fanindra ganhou vida, deslizou do meu braço para o colo de Durga e se enrolou no pulso dela.

A deusa falou enquanto acariciava a cabeça da cobra:

– Também estou com saudade de você.

Ela pegou o pedaço de seda de Nilima e o apertou contra o rosto. Apontando para o tecido, ela disse:

– Vamos falar sobre isto em breve. Mas, primeiro, preciso ser apresentada a alguém.

– Sim. Este aqui é o Sr. Kadam – falei, gesticulando para ele.

O Sr. Kadam se aproximou e se ajoelhou no chão.

– Por favor, levante-se e fale comigo – disse ela.

Ele se levantou, juntou as mãos e fez uma mesura.

– Fico contente por ter vindo me ver. Já fez muitos sacrifícios e terá que sacrificar ainda mais. Está disposto a fazer isso?

– Eu sacrificaria qualquer coisa pelos meus filhos.

Durga sorriu para ele.

– Muito bem. Se pelo menos houvesse mais homens, mais pais como você... Percebo que tem muito orgulho deles e que são sua fonte de alegria. A maior bênção e a maior satisfação que um pai pode ter é passar os anos criando os filhos e então ver os resultados gloriosos: descendentes fortes e nobres que se lembram de suas lições e que vão transmiti-las aos seus. Isso é o que todo bom pai deseja. O seu nome será lembrado com muito respeito e amor.

Uma lágrima escorreu pelo rosto do Sr. Kadam e eu apertei a mão dele.

Durga voltou sua atenção a Kishan.

– Meu tigre de ébano, chegue mais perto.

Kishan se aproximou da deusa com um sorriso enorme. Ela estendeu uma mão para que ele a beijasse e sorriu para ele em retribuição. Por um segundo, fiquei achando que aquele tipo de sorriso ia além do que o que seria normal entre uma deusa e seu súdito.

– Isto é para você – disse Durga.

Ela pegou do próprio pescoço um colar fino que eu não tinha visto e colocou-o ao redor do de Kishan. Havia um caramujo pendurado na ponta.

– O que é isto? – perguntou ele.

– É um *kamandal*. Uma vez mergulhado no mar de leite, nunca irá se esvaziar.

Kishan se curvou.

– Obrigado, minha senhora.

– Tigre branco, venha até mim.

Quando Ren se aproximou, fui para o outro lado de Kishan.

– Tenho algo para você também.

Outro braço se materializou em suas costas para entregar a Ren uma arma de ouro que parecia uma das facas Sai da coleção de espadas do Sr. Kadam. Ouvi um clique quando ela virou a faca e separou suas lâminas perigosas. Depois de voltar a juntá-las, Durga torceu o cabo até as pontas rolarem e a cabeça girar.

O cajado se estendeu e se transformou num tridente. Ela o apontou para longe e apertou uma ponta. Uma lança comprida e fina disparou da ponta central e se enterrou na parede de pedra. Uma lança sobressalente se materializou. Ela torceu o cabo mais uma vez e a arma retornou à sua forma menor. Ren a pegou da mão dela e ficou maravilhado com o objeto de ouro.

– Isto se chama *trishula*, ou tridente.

– Obrigado, deusa.

Ren recuou e não disse mais nada.

Ela o examinou por um momento, pensativa, e então se voltou para mim com um sorriso.

– Agora eu gostaria de falar a sós com a minha filha.

Todos assentiram.

– Vamos esperá-la no carro, Srta. Kelsey. Temos muito tempo antes de precisarmos retornar ao iate.

Ren foi o último a sair. Ele olhou brevemente para a deusa e para mim antes de desaparecer pelo corredor com os outros. Quando me virei mais uma vez para Durga, ela estava acariciando Fanindra e falando com ela com ternura. Deixei as duas matarem a saudade por um minuto, imaginando o que eu iria dizer a respeito da oferenda de seda.

Ela finalmente voltou a atenção para mim e estendeu um dedo para erguer meu queixo.

– Por que ainda está tão triste, querida? Eu não cumpri minha promessa de cuidar do seu tigre?

– Cumpriu. Ele voltou e está a salvo, mas não se lembra de mim. Ele me bloqueou e diz que não devemos ficar juntos.

– O que tiver que ser será. Todas as coisas neste Universo são conhecidas e, no entanto, os mortais ainda precisam descobrir seus propósitos, seu destino, e devem fazer escolhas que os levem ao caminho que desejam percorrer. Sim. O seu tigre branco tomou a decisão de apagar você da memória.

– Mas por quê?

– Porque ele a ama.

– Isso não faz o menor sentido.

– Geralmente as coisas não fazem muito sentido quando você as observa perto demais. Dê um passo para trás e tente ver o quadro todo. – Ela sentiu o tecido de seda entre os dedos. – Muitos sacrifícios já foram feitos em seu favor. Muitas donzelas vêm a este altar em busca de minha bênção. Elas desejam um marido virtuoso e querem ter uma vida boa. Também é o que você deseja, Kelsey? Quer um rapaz honesto e generoso para ser o companheiro da sua vida?

– Eu... na verdade não estou pensando em casamento, para ser sincera. Mas, sim, eu gostaria que o companheiro da minha vida fosse honesto e generoso. E meu amigo. Quero amá-lo sem arrependimentos.

Ela sorriu para mim.

– Arrepender-se é se decepcionar consigo mesma e com suas escolhas. Os sábios veem a vida como um caminho de pedras que cruza um grande rio. Todo mundo deixa passar uma pedra de vez em quando. Ninguém é capaz de atravessar o rio sem se molhar. O sucesso é medido pela chegada ao outro lado, não pela lama nos seus sapatos. As pessoas que se arrependem são aquelas que não compreendem a razão da vida. Elas ficam tão desiludidas que param no meio do rio e não dão o próximo passo.

Durga se inclinou para acariciar o meu cabelo.

– Não tenha medo. Ele *será* seu amigo, seu companheiro em todos os sentidos. E você vai amá-lo com mais ardor do que jamais amou antes. Vai amá-lo tanto quanto ele a ama. Você será feliz.

– Mas qual dos irmãos vai ser?

Ela sorriu e ignorou minha pergunta.

– Da mesma forma, vou levar em consideração sua irmã, Nilima. Uma mulher com tanta devoção também precisa de amor. Tome isto. – Ela me entregou seu colar de flores de lótus. – Não possui nenhum poder especial, a não ser que os botões nunca murcham, mas terá uma função na sua viagem. Quero que você aprenda a lição do lótus. Esta flor surge de águas enlameadas. Ergue suas pétalas delicadas ao sol e perfuma o mundo, enquanto, ao mesmo tempo, suas raízes se prendem ao húmus elementar, à própria essência da experiência mortal. Sem esse solo, a flor murcharia e morreria.

Ela pôs o colar no meu pescoço.

– Cave fundo e fortaleça suas raízes, minha filha, porque você vai se estender para cima, irromper da água e encontrar paz na superfície calma no final. Irá descobrir que, se não tivesse se estendido, teria se afogado no fundo, sem nunca florescer nem compartilhar seu dom com os outros.

Enxuguei uma lágrima. Os braços de Durga começaram a se mover e se retesar, assumindo o tom dourado mais uma vez.

– Está na hora de me deixar, preciosa. Leve Fanindra.

A cobra pôs a língua para fora algumas vezes e, depois de abandonar o pulso de Durga, enrolou-se no meu braço. Ouro líquido começou a se erguer pelas laterais do trono, cobrindo todo o coral e as conchas.

– Quando chegar à Cidade dos Sete Pagodes, procure o Templo da Praia. Uma mulher está à sua espera lá. Ela vai lhe dar a orientação de que precisa para sua viagem.

– Obrigada. Por tudo.

Os lábios vermelho-coral de Durga voltaram a sorrir e se enrijeceram. Ouro líquido tomou conta de seu corpo e de seu rosto, e logo ela tinha se transformado em estátua. A peça de seda ainda estava presa em sua mão, como se alguém a tivesse enfiado no punho fechado.

Despedi-me com um "Adeus", dei as costas para a estátua e acariciei a cabeça de Fanindra. As luzes bruxulearam e acenderam, e parecia que o lugar nunca tinha sido revolvido. Fui inalando o cheiro doce das flores de lótus enquanto voltava ao Jeep. Elas tinham um misto de um aroma cítrico, jasmim e gardênia. Eu estava tão concentrada pensando no que Durga dissera que me assustei quando uma mão quente pegou meu cotovelo.

– Está tudo bem com você?

– Está. Não precisava ter esperado por mim, Kishan.

Ele beijou a minha testa.

– Claro que precisava. Venha. Os outros estão no carro. Vamos voltar para o iate.

Quando chegamos ao navio, Ren entregou o tridente a Kishan antes de desaparecer de novo.

11

Luau

Quando acordei na manhã seguinte, o *Deschen* estava em movimento mais uma vez. Encontrei Wes, Kishan e Ren (que parecia totalmente desanimado) na sala de TV, para o treinamento contra tubarões. Assistimos a DVDs dos animais em seu ambiente. Wes achava inútil assistir a vídeos de ataques de tubarão. Para ele, só serviria para criar pânico.

– Quanto menos pânico vocês sentirem, maior a chance de sobreviverem – afirmou Wes. – A primeira coisa que devem aprender sobre tubarões é como evitar chamar a atenção deles. Os tubarões gostam de zanzar entre bancos de areia, perto de declives bruscos. Quando se vê muitas aves numa área, isso significa almoço, e almoço significa tubarões. Não mergulhem durante os horários de alimentação, que seriam o amanhecer, o entardecer e a noite. Mas, para falar a verdade, se a boia for boa, os tubarões podem comer a qualquer hora do dia. Não usem roupas coloridas e chamativas. Tons neutros são melhores, como a roupa de mergulho de vocês. Uma cor chamativa parece escama de peixe na água.

Do outro lado da sala, Ren ergueu a cabeça para me olhar.

– Vamos providenciar um maiô preto para você no próximo porto.

– Que fique claro que foi *você* quem insistiu para que eu comprasse um maiô colorido.

– Fico feliz de saber que não vai mais usar aquele. Ele é... provocante demais.

Olhei feio para ele.

– Você não tem mais o direito de escolher o que faço da minha vida, está

lembrado? E se eu quiser provocar alguém, vou provocar.

Ren respondeu em tom perigoso.

– Ótimo. Provoque todos os tubarões, então. É esse o seu objetivo?

– Você ia gostar bastante disso. Certamente seria bem mais fácil para você se algum tubarão gigante acabasse comigo. Isso resolveria *todos* os seus problemas, não é mesmo?

Kishan nos interrompeu depois de dar uma cotovelada no braço de Ren.

– Ninguém quer que você seja devorada por um tubarão gigante, Kells. Nem mesmo Ren.

Ren e eu nos encarávamos com irritação, um de cada lado da sala, quando Wes explodiu numa gargalhada.

– Caramba! Vocês estão soprando mais ar quente que um tornado ao redor de um vulcão no Hades. Vão derreter todos os rebites que seguram este iate.

– Desculpe, Wes, mas ele começou – falei, irritada.

– E vou ficar mais do que contente de terminar.

– Então tenta, seu teimoso...

Ren deu um sorriso frio e retrucou:

– *Inflexível*.

– Turrão!

– Irracional!

– Cabeça-dura, cabeça de bagre, cabeça de *tigre*...

– Cabeça de *tigre*? – perguntou Wes, confuso.

Kishan só deu de ombros.

Eu prossegui, agora que estava no embalo.

– Seu insensível, calculista, cruel... *sem coração*!

Ren berrou:

– Tudo bem! Use o que você quiser. Nade pelada que eu não estou nem aí! Qualquer tubarão que comesse você provavelmente ficaria com dor de barriga mesmo e iria cuspi-la na mesma hora.

– Rá! E aí vocês dois teriam muito em comum, não é mesmo?

Wes jogou as mãos para cima.

– Eia, eia. Vamos fazer uma pausa e esfriar a cabeça. Nilima deixou uns sucos no bar, então, por que vocês não vão lá tomar um negocinho, resolvem o assunto e voltam daqui a cinco minutos?

Saí batendo o pé para ir ao bar com Ren arrastando-se em silêncio atrás de mim. Quando me aproximei da bandeja, pensei seriamente em jogar o copo alto de suco na cara dele. Respirei fundo algumas vezes, o tempo todo sentindo que ele me olhava. Seu calor entrava na minha pele e fazia meus nervos pinicarem. Ele esticou o braço ao meu redor e roçou o meu de propósito quando pegou uma bebida.

– Por que você precisa tornar as coisas tão difíceis, Kelsey?

– Por que *você* precisa?

– Acredite se quiser, mas estou tentando tornar tudo mais fácil.

– Aliás, por que você está aqui? Achei que estivesse me evitando.

– E estou mesmo. Mas preciso aprender sobre os tubarões.

Dei um gole no suco e então disse:

– Por acaso um predador já não sabe tudo sobre os outros predadores e sobre como eles pensam? Talvez, se eu prestar muita atenção, eu finalmente consiga entender você.

– É fácil me entender. Um tigre só precisa de três coisas para ficar bem: muita comida, sono e... na verdade, são só essas duas coisas.

Dei uma gargalhada de desdém.

– Por algum motivo, não acho que Kishan fosse se limitar a apenas essas duas coisas.

– Tenho certeza de que não – respondeu Ren, tenso. – Ele provavelmente iria adicionar você à lista dele.

– Por que ele iria precisar de mim, uma garota irracional e feia?

– Eu nunca disse que você era feia, mas que iria procurar alguém mais bonita. Também não disse que iria *encontrar* alguém mais bonita, só que iria procurar.

– Bom, então, por que ainda não procurou? Vá logo atrás dela e me deixe em paz.

– Esse é o meu plano. Agora, pare de me provocar durante a aula para que eu possa aprender alguma coisa.

Ele se afastou e eu estava soltando fogo pelas ventas. Quando entrei na sala, Ren bebia seu suco com tanta calma que era como se nunca tivéssemos brigado. Kishan fez um sinal para que eu me sentasse ao lado dele. Eu ainda estava extremamente irritada e tive muita dificuldade para me concentrar. Entreguei um copo de suco a Kishan enquanto mantinha os olhos fixos em Wes, que já

tinha começado a aula, mas todos os meus pensamentos estavam voltados para Ren, destrinchando cada detalhe do que ele tinha dito. Finalmente, algo que Wes disse me despertou.

– Os tubarões são capazes de sentir cheiro de sangue a um quilômetro e meio de distância. Por isso, não entre na água se tiver algum corte. Não se agite demais. Se você estiver mergulhando e um tubarão se aproximar, desça para o fundo do mar e se esconda. Isso limita os ângulos que ele pode usar para atacar. E não se finja de morto, pois isso não funciona com tubarões. Na verdade, não funciona com nenhum grande predador. Ursos, lobos, tigres: eles vão comer você de qualquer maneira. Não fazem distinção.

– Exatamente – resmunguei. – Eles mastigam e cospem fora qualquer garota indefesa que apareça.

– Ceeeerto – disse Wes, olhando para mim sem entender nada.

Ren me ignorou e Kishan suspirou.

Wes prosseguiu.

– Agora imaginem que vocês sejam atacados por um tubarão. Tentem acertá-lo nos olhos ou nas guelras. Batam nele. Com agressividade. Usem qualquer arma que tiverem à disposição. Tentem permanecer na vertical porque assim é mais difícil para ele abocanhar. Se forem mordidos, estanquem o sangramento, mesmo que estejam embaixo d'água. Não esperem até chegar à praia.

Ele nos entregou um aparelhinho e disse:

– Isto aqui se chama escudo de tubarão. É um aparelho que está começando a se popularizar entre mergulhadores e surfistas.

– O que ele faz? – perguntei.

– Os tubarões têm canais preenchidos com uma espécie de geleia no focinho, que usam como sensores quando estão em busca de um lanchinho. O escudo envia uma onda elétrica que faz cócegas no nariz deles. Como não gostam muito disso, acabam indo embora. Prendam uma parte ao tornozelo e a outra à frente do colete. Há discussão sobre sua eficácia, mas eu já usei o aparelho e nunca fui atacado.

– Certo. O que mais?

– Isso é basicamente tudo que dá para fazer. Se o tubarão for pequeno, talvez você consiga fugir, mas a sua chance de escapar de um tubarão grande é mais ou menos a mesma que teria de vencer um tiranossauro. Eles são rápidos e fortes.

Aliás, o motivo por que muitos mergulhadores e surfistas escapam é não terem um gosto bom. Os seres humanos são ossudos demais. Os tubarões preferem uma foca gorducha.

Bom saber, pensei.

– Os tubarões atacam rápido, com força e acertam a vítima antes mesmo que ela se dê conta de que estão ali. Eles dão voltas por baixo, ganham velocidade e disparam para cima feito um torpedo, deixando a pessoa incapacitada com um só golpe, uma investida tão forte que é capaz de quebrar ossos. Os grandes tubarões brancos são capazes de nadar a quase 50 quilômetros por hora em tiros curtos, mas eles não costumam atacar seres humanos assim. Isso é um ataque de verdade... a maneira como caçam focas. Quase sempre, quando um tubarão ataca um humano, só quer experimentar. Se o gosto é bom, eles se esforçam um pouco mais. Às vezes, deixam a pessoa em paz. Eles são curiosos. Os dentes deles são como os bigodes de um gato. É dessa maneira que eles experimentam o mundo. Um surfista me disse que estava sentado na prancha quando um grande tubarão branco de 5 metros saiu da água e começou a mordiscar a prancha com cuidado, feito um ratinho. Como não gostou do sabor, ele voltou para o fundo, como um submarino.

Quando a aula terminou, Wes me convidou para ir pescar com arpão com ele e os rapazes naquela tarde, mas eu não quis ir. Ele prometeu pegar uns frutos do mar frescos para mim. Fingi lhe dar força, porque não tive coragem de dizer que não ia conseguir comer a carne se ficasse pensando em como o bicho foi morto.

Em vez de sair para pescar, eu me reuni com o Sr. Kadam naquela tarde e fizemos exercícios embaixo d'água. Ele queria que eu experimentasse meu poder de raio. Começamos na garagem molhada, na rampa aberta onde Ren e Kishan haviam instalado um conjunto de boias. Elas tinham peso suficiente para ficar logo abaixo da superfície da água. Mirei a mais próxima e errei. Quando voltei a tentar, ela explodiu feito uma mina submarina.

– Muito bem, Srta. Kelsey – disse o Sr. Kadam. – Deve treinar a mira tanto por cima da água quanto por baixo. Com a refração da água sua mira vai ser diferente do que é em terra.

Depois que terminei de explodir as boias, o Sr. Kadam me levou para a piscina, onde havia vários outros alvos submersos. Eu já ia entrar na água quando ele me deteve.

– Vamos tentar primeiro com um boneco lá dentro. Se tivermos sucesso, passaremos para a água salgada mais tarde. Mas não dispare com força total. Vamos incrementando aos poucos. Deixe a força ir aumentando gradativamente.

– Isso aqui não vai me eletrocutar nem fazer a piscina explodir? – questionei, duvidosa. – Não vai ser como deixar um secador cair na banheira?

– Acho que não. Em primeiro lugar, não acredito que seu poder seja elétrico. Tenho uma teoria de que é calor, um fogo que arde tanto que fica branco. Mesmo que eu esteja errado e seja elétrico, a água em sua forma perfeita na verdade não é exatamente um condutor. As impurezas da água, como poeira, sal e outros microelementos são o que de fato conduzem a eletricidade.

– Mas...

– Eu mandei tirar toda a água desta piscina enquanto estávamos fora do iate. Os azulejos foram esfregados e limpos, e pedi que a enchessem com água de baixa condutividade. Foi dispendioso, mas acho que vai valer a pena. Então, vamos começar. Você quer batizar nosso boneco de teste?

Dei um sorriso maldoso.

– Claro. Que tal chamá-lo de Al?

O Sr. Kadam concordou, pegou "Al" pela cintura e o jogou na água. Nós dois ficamos na beira da piscina enquanto eu fazia mira no primeiro alvo com o nível mais baixo de energia. Não aconteceu quase nada. Aumentei o nível até abrir um buraco na madeira afundada.

Al flutuava na superfície, alheio e intacto.

– Que bom. Agora aumente a força até o raio ficar branco, mas tente não abrir um buraco na piscina. Nossos quartos ficam bem embaixo dela.

Eu me concentrei e comecei com pouca força, deixando que fluísse através de mim até ficar branca. A água ferveu no lugar em que o facho de luz entrou, e a madeira ficou preta. Parei logo antes de formar um buraco. Nosso boneco continuava flutuando todo feliz na água fervente.

O Sr. Kadam e eu passamos a outro alvo para treinar mais. Depois que ele se contentou com os testes nos objetos inanimados, pegou uma gaiola e tirou de lá um patinho branco. Soltou o animal na superfície da piscina e me instruiu a tentar atingir a madeira-alvo mais uma vez. Pedi breves desculpas ao pato e usei meu poder no alvo seguinte. O pato se manteve afastado da área, mas ficou

nadando pela piscina sem desconforto. Depois de mais algumas tentativas, o Sr. Kadam resolveu que estava na hora de testar com um ser humano. Ele pulou para dentro da piscina.

– Não. Não quero colocá-lo em risco. Eu mesma vou fazer.

– Já estou na piscina, Srta. Kelsey. Eu não vou sair, e não é inteligente arriscar nós dois. A senhorita é muito mais fundamental para esta busca do que eu.

– Há controvérsias.

– Não faz diferença. Já estou aqui. Se o Patolino está bem, eu também vou ficar bem.

– Patolino?

– É. Patolino. Gosto muito da turma do Pernalonga.

– Eu não sabia disso! Nunca poderia imaginar. Meu pai adorava o Coiote e o Papa-Léguas. Bom, espero que seja temporada de coelhos, não de patos.

Usei meu nível mais baixo e fui aumentando a força do raio mais uma vez. O Sr. Kadam informou que estava se sentindo ótimo e até chegou mais perto do alvo.

– Interessante. A água está mais quente aqui. Acredito que esteja na hora de se juntar a mim, Srta. Kelsey. Vamos treinar um pouco de mira embaixo d'água.

Entrei com máscara e snorkel e tentei mais uma vez, agora com a cabeça submersa. Observei as patas de Patolino quando mergulhei a cabeça e me concentrei na tarefa. O Sr. Kadam me fazia sinal de positivo cada vez que eu atingia um alvo. Ficamos a tarde toda treinando na piscina e depois passamos para o mar, a fim de testar na água salgada. Repetimos o mesmo processo cuidadoso que tínhamos feito na piscina: primeiro testamos com Al, depois com Patolino, depois com o Sr. Kadam e comigo no final.

– Acredito realmente que seu poder seja mais de fogo do que de raio – concluiu o Sr. Kadam quando encerramos nossa sessão. – Me faz lembrar um maçarico. Você acha que precisou gastar mais energia do que em terra?

– Precisei. Principalmente no mar.

– Foi o que pensei. A temperatura da água do mar é mais baixa que a da água da piscina. É necessário mais energia para manter uma chama no mar do que em terra ou na piscina. Isso foi muito produtivo, Srta. Kelsey. Acredito que esteja bem-preparada para qualquer situação submersa. Por hoje já chega.

Quando o Sr. Kadam se afastou carregando Patolino, mais uma vez

acomodado em sua gaiola, eu me apoiei no encosto do banco de madeira e suspirei. *Bem-preparada? Nem de longe.*

O jantar consistiu de um peixe que Wes e Kishan tinham pescado com arpão. Parecia bem gostoso, mas não consegui encostar nele. Kishan estendeu uma garfada e pediu que eu ao menos experimentasse, mas empurrei o braço dele para longe. Em vez disso, me enchi de salada e de pão, reparando que Ren não estava à mesa.

Wes mencionou que nós iríamos aportar em Trivandrum dali a alguns dias.

– De ano em ano é realizado um luau gigantesco na praia em Trivandrum – explicou ele. – Todos os surfistas, mergulhadores e moradores comparecem. É muito divertido. Tem música, comida, dança, garotas de biquíni... aliás, por que você não vai comigo? Todos vocês deveriam ir. Estão convidados.

O Sr. Kadam deu uma risadinha.

– Acho que vou ficar no iate. Mas vão vocês e se divirtam.

– Garotas de biquíni? Agora entendo por que você quer ir – brinquei. – Mas não sei se estou a fim de uma festa cheia de mulheres seminuas.

Wes me lançou um sorriso com covinhas.

– Ah, se eu tivesse uma coisinha linda e doce como você de braço dado comigo, nem ia reparar nas outras garotas.

– Sei, sei.

– E então, Kelsey? Quer ir à festa comigo?

– Vou pensar sobre o assunto e respondo amanhã.

Wes pegou minha mão quando levantei e deu um beijo nela enquanto Kishan rosnava baixinho. – Não me faça esperar demais. Um sujeito que espera uma garota pode ficar mais ansioso do que um cachorro que não consegue achar um esquilo fujão.

– Vou me lembrar disso, pode deixar. Acho que vou dar uma caminhada no deque. Boa noite, Wes.

– Boa noite.

Kishan se levantou rápido atrás de mim e pegou minha mão.

– Quero caminhar com você.

De mãos dadas, andamos até o outro lado do iate e paramos ao lado da

amurada. Apontei para alguns golfinhos que nadavam perto do casco, como se estivessem apostando corrida conosco. Nós os observamos até que desaparecessem.

Kishan se inclinou para a frente na amurada, olhou para mim e então respirou fundo e voltou a fitar a água.

– Eu estava pensando numa coisa. Você está mesmo cogitando ir àquela festa com Wes? Porque não acho que seja uma boa ideia.

– Por que não?

– Não confio nele.

Tive que rir.

– Você por acaso não acabou de ir pescar com ele usando arpões? Ele poderia ter feito espetinho de Kishan, mas não fez. Então você obviamente confia nele.

– Eu confio nele, sim, para mergulhar, só não confio nele com você. Ele é... espertinho demais. Exagera com os elogios. E é petulante. Esse tipo de homem tira vantagem de mulheres vulneráveis. Ele não é para você.

– E como você poderia saber que tipo de homem ele é? E, o mais importante, o que o faz pensar que eu seja vulnerável?

– *Kelsey*. Ren acabou de terminar com você, e ainda está magoada por causa disso. Você *está* vulnerável.

– Bom, vulnerável ou não, ainda sou responsável pelas minhas escolhas. Vocês, tigres, não podem planejar todos os aspectos da minha vida. Se eu quiser ir com Wes, eu vou.

– Eu sei disso. Só... não achei que já estivesse pronta para seguir em frente.

– Parece que é justamente isso que preciso fazer.

– Isso não significa que esteja pronta, Kelsey.

Suspirei.

– Durga me aconselhou a continuar pulando de uma pedra para outra. Ela disse que objetivo da vida é atravessar o rio. Ela não quer que eu fique estagnada na lama. Então acho que é melhor seguir em frente.

Kishan ficou em silêncio durante vários segundos e então disse:

– Tem certeza de que está preparada para dar este salto?

– Como jamais vou estar.

Ele se virou para olhar para mim e pegou minhas mãos.

– Então... quero que considere a possibilidade de ir comigo.

Eu me contorci por dentro.

– Ir com você?

Um emaranhado de pensamentos disparou pela minha mente. *Ir com Wes a uma festa era uma coisa. Eu poderia me divertir e ficar à vontade com Wes por saber que ele não espera nada de mim. Ir com Kishan era uma questão totalmente diferente. Com ele seria um encontro de verdade. Será que eu estava pronta para dar este passo com Kishan? Por mais que Ren ou Durga me empurrassem para fazer isso, a resposta era... não. Certo, vou ter que dispensá-lo com delicadeza.*

– Não posso ir com você – falei, na lata.

Isso não foi muito delicado, Kells.

– Por que não?

Por que não?

– Porque... bom... Wes me convidou primeiro. Seria falta de educação aceitar o seu convite depois de ele falar comigo.

Kishan refletiu e assentiu para mostrar que compreendia. Fiquei aliviada.

– Mas estarei lá, de qualquer maneira – continuou ele. – Não vou interferir, mas vou me sentir melhor se puder ficar de olho em você. Como eu disse, Wes é espertinho demais. Aliás, tenho certeza de que o lugar vai estar lotado de homens espertinhos... e metade deles vai tentar colocar as mãos em você.

– Acho que está exagerando.

– Não está lembrada do Festival das Estrelas? Tinha uma fila tão grande de caras querendo dançar com você que dava a volta no quarteirão.

– Agora está exagerando *mesmo*. Você dançou comigo quatro vezes.

– Furei a fila.

Ele estava falando tão sério que dei risada.

– Vamos, Kishan. Você pode me acompanhar até o quarto.

Na manhã seguinte escutei movimento no quarto adjacente. Achando que fosse Ren, bati de leve e abri a porta para encontrar Kishan só de calça jeans, na frente da cômoda, procurando uma camisa.

– Kishan?

– Bom dia, Kells.

Ele se virou e felizmente vestiu uma camisa, de modo que eu parei de olhar para aquele peito musculoso e bronzeado.

– Agora você está dormindo neste quarto? – perguntei.

Kishan deu de ombros.

– Você precisa de um tigre por perto, Kelsey. Está se sentindo bem? Parece um pouco vermelha. Dormiu bem?

– Estou bem. Só fiquei constrangida de flagrar você seminu.

E de apreciar a vista.

Dei uma olhada no quarto.

– Achei que Ren não o quisesse aqui.

– Ele mudou de ideia.

– É – falei, tristonha. – Ele faz isso com frequência.

– Kelsey...

Ergui a mão.

– Deixe pra lá. Não quero tocar nesse assunto.

Ignorando completamente a questão malresolvida, Kishan e eu passamos o dia inteiro juntos, relaxando e praticando esportes aquáticos. Ele aprendeu depressa a pilotar o jet ski, e achei aquilo tão emocionante quanto o passeio de moto.

Quer dizer: achava emocionante quando não estava preocupada demais com meus braços em volta de Kishan ou com minha bochecha pressionada contra as costas quentes dele. Agora que eu sabia haver uma possibilidade séria de nós dois acabarmos namorando, eu me sentia diferente perto dele, mais sem jeito.

Quando Durga falou sobre o companheiro da minha vida, ela disse que eu iria amá-lo mais do que tinha amado qualquer um antes. Phet afirmara que qualquer um dos irmãos seria uma boa escolha, mas eu estava tão determinada a buscar uma relação com Ren e tão decidida a manter Kishan longe que parecia errado eu sequer cogitar ultrapassar esse limite. Nós nos divertimos juntos e Kishan não me pressionou, então deixei as coisas assim.

Aportamos em Trivandrum e Wes desembarcou, mas disse que voltaria para me pegar às seis. Passei a maior parte da tarde com o Sr. Kadam, estudando nossas novas armas. Kishan dava uma passada de vez em quando para conferir nosso progresso.

Descobrimos que o tridente, também chamado de *trishula* ou *trishul*, era uma arma com rica simbologia. O Sr. Kadam me mostrou uma imagem.

– Olhe aqui, Srta. Kelsey. Os três dentes podem representar uma variedade de ideias. Quando brandido por Shiva, reflete seus três papéis: criador, protetor e destruidor. Também simboliza os três *shaktis*, ou poderes: força de vontade, ação e sabedoria. Às vezes é um reflexo do passado, do presente e do futuro. Com Durga, dizem que representa estados: inatividade, atividade e não atividade.

– Qual é a diferença entre inatividade e não atividade?

– Neste caso, acredito que inatividade signifique "não fazer nada", "descansar" ou talvez "estagnação".

– Ahm.

Fiz uma careta, pensando no incentivo de Durga para ir adiante.

– A palavra *tamas* é usada para o terceiro dente, que é o da não atividade. *Tamas* também significa "escuridão", "ignorância" ou "pecado". Talvez, neste caso, a não atividade seja pior do que a inatividade.

– Pode ser a diferença entre fazer o bem, fazer o mal e não fazer nada.

– Hum... eu certamente poderia ver a aplicação desse ponto de vista. Outro livro indica que os três dentes representam os três tipos de sofrimento humano: físico, mental e espiritual. O *trishula* serve para nos lembrar que Durga pode ajudar a acabar com o sofrimento.

Tomei anotações cuidadosas enquanto o Sr. Kadam voltava a enfiar a cabeça no livro.

Mais tarde, enquanto eu me vestia para a festa, pensei sobre a simbologia do tridente. Algumas pessoas acreditavam que cometer um erro era melhor do que não fazer nada. Talvez Durga estivesse tentando me dizer que, se eu fizesse *algo*, então minha dor iria diminuir. *Assim espero*.

A ideia de viver sem Ren era como ter um torno forte apertando tiras grossas em volta da minha garganta. Parecia que eu tinha sido arrastada para uma montanha-russa emocional contra a minha vontade, e a única coisa que eu podia fazer era aguentar o sofrimento com a cabeça enfiada entre os joelhos, tentando não vomitar. Berrar "eu quero descer" não iria ajudar em nada. Não havia como sair do carrinho a esta altura. Eu ia ter que chegar até o fim e torcer para que o cinto de segurança estivesse bem-afivelado.

Eu iria encontrar Wes no cais, por isso me apressei em me arrumar. Nilima fez com que o Lenço Divino criasse para mim uma roupa que ela tinha visto em uma revista. Eu havia acabado de fazer uma escova no cabelo quando ela trouxe o vestido até o quarto. Já estava toda arrumada.

– Você também vai à festa, Nilima?

Ela ajeitou o cabelo.

– Ah, achei que podia dar uma passada. Vejo a senhorita lá.

Quando ela saiu, peguei o cabide. O vestido champanhe e preto de alcinha era bonito. Tinha um franzido na cintura império e uma camada externa transparente enfeitada com lindos detalhes de contas pretas. Ao examiná-las mais de perto, vi que não eram contas de verdade, mas algum tipo de fio brilhante entrelaçado de maneira a parecer uma conta. Ren tinha razão quanto ao fato de o Lenço fazer substituições.

Pus o vestido e calcei um par de sandálias pretas que achei no meu closet. Wes estava me esperando no cais. Ele assobiou contente e fez muitos comentários, dizendo quanto eu estava bonita. Eu me senti deslocada porque ele estava todo à vontade com uma bermuda de surfista e uma camisa social branca desabotoada que mostrava seu belo peitoral bronzeado.

– Ah, eu me arrumei demais – balbuciei, sem jeito. – Ren e Kishan sempre usam roupas superchiques, e não me toquei de que isto podia ser mais informal. Espere só um segundo que vou trocar de roupa.

Eu me virei para retornar ao iate.

Wes correu alguns passos e bloqueou o meu caminho.

– De jeito nenhum, querida. Pretendo exibir você para todo mundo.

Dei risada quando começamos a caminhar.

– Ah, como se eu estivesse vestindo um biquíni minúsculo... Duvido que alguém vá prestar atenção.

– Existe uma grande diferença entre uma mulher oferecida e uma mulher de classe, querida. E você é cem por cento classuda. Qualquer sujeito com cérebro vai ver que levo uma joia pelo braço.

– Você até que é bem gentil para um caubói do Texas.

– E você está pegando um bom bronzeado para uma garota do Oregon.

Wes me divertiu com histórias malucas sobre sua família, cada uma mais inacreditável que a outra. Caminhamos em direção às batidas pulsantes da

música.

A praia estava lotada. Devia haver umas mil pessoas na festa. Wes pagou a nossa entrada e nos juntamos à multidão. Fomos até uma gigantesca fogueira ao lado da qual as pessoas estavam dançando. A temperatura era mais fresca agora porque estávamos no meio da estação das monções, e o calor da fogueira seria bem-vindo à medida que a noite fosse esfriando.

Wes gritou, já mexendo o corpo ao ritmo da batida:

– Quer comer primeiro? Ou dançar primeiro?

– Dançar primeiro.

Ele sorriu e me puxou até encontrarmos um espaço entre os outros corpos dançantes. O ritmo pulsante da banda indiana era irresistível. Ninguém se importava se dançava bem ou não – todo mundo simplesmente se movimentava com alegria, pulando, balançando a cabeça, agitando os braços e batendo palmas. Era uma experiência coletiva bem diferente do que era dançar nos Estados Unidos. O clima era de diversão enquanto a multidão se movimentava junto, como se fosse uma coisa só.

A música quase fez com que eu me sentisse uma deusa indiana mexendo meus vários braços de maneira sinuosa ou uma garota cigana com uma roupa tilintante. Não era eu quem me movia com a música, era a música que me movia, até eu começar a achar que fazia parte dela. Eu vibrava e pulsava, me sentia viva. Wes também estava se divertindo muito.

Não comparei a experiência ao baile do Dia dos Namorados com Ren. *Bom... quase não comparei.* Tirei as sandálias e deixei os dedos dos pés se afundarem na areia enquanto Wes me agarrava pela cintura e me fazia rodopiar, expulsando para longe qualquer pensamento negativo.

Depois de várias músicas, ele disse que estava com sede e com fome, então fomos até as mesas de bufê embaixo de um toldo enfeitado com lanternas de papel. Pegamos nossos pratos e examinamos as escolhas. Wes prometeu que ia me manter longe do curry.

Havia milho assado na espiga com manteiga; coco fresco; frutas tropicais fatiadas; espetinho de cabrito; *idlis*, que eram tortas saborosas cozidas no vapor servidas com chutney; *dosas* recheadas de queijo, parecidas com crepes; assado *daigi* (algo como asinhas apimentadas); e *dabeli pav*, que pareciam hambúrgueres em miniatura, mas o pãozinho tostado com manteiga era

recheado de batata, cebola e especiarias, servido com chutney de tamarindo. Não eram exatamente cheesebúrguers, mas eram bons.

Wes pegou dois copos altos de água cheios de fruta. Era refrescante, e acabei com um rápido, sedenta por outro. Um DJ assumiu o som quando a banda parou de tocar. Ele incitou a multidão a dançar em frenesi ainda maior, e logo Wes estava louco para voltar à pista. Passamos por uma barraquinha que vendia amendoins assados e outra que vendia sorvete.

– Venha aqui. Quero lhe mostrar uma coisa.

Wes disse algo em híndi ao vendedor e o homem abriu o carrinho para que pudéssemos olhar lá dentro. Um pequeno freezer estava cheio de cilindros compridos de sorvete. Cada cilindro tinha um sabor diferente: tropical, tutti-frutti, *chai*, pistache, figo, manga, coco, gengibre, açafrão, laranja, cardamomo, jasmim e rosa.

– Não tem de chocolate? – perguntei a Wes.

Ele deu risada, disse ao homem que voltaríamos mais tarde e me puxou na direção da pista de dança. Enquanto avançávamos pela multidão, algo me chamou a atenção. Ergui os olhos e vi Kishan parado, meio afastado. Ele me lançou um sorriso breve e partiu na direção da comida. Eu me sentia à vontade por saber que ele estava ali. Podia relaxar. Não que eu estivesse preocupada com Wes, mas havia algo de reconfortante em ter um dos meus tigres por perto. Eu sabia que estava completamente segura, como se tivesse um super-herói particular cuidando de mim. A presença de Kishan me firmou e me acalmou de um jeito que até me deixou incomodada, então parei de pensar nisso e voltei a dar atenção a Wes.

Durante a noite toda, só avistei Kishan mais uma vez, mas senti seu olhar pairando sobre mim com frequência. Foi só quando estávamos dançando perto da fogueira que eu vi Ren.

Fiquei paralisada e não ouvi nada que Wes falou. Ren estava rodeado por mulheres lindas, dando risada. Quase todas estavam com pouca roupa e o paqueravam descaradamente. Ele usava calça preta de tecido e uma camisa verde-mar com os botões de cima abertos, e de algum modo era mais atraente do que todos os outros homens de peito de fora ao redor. O cabelo sedoso caiu por cima de um olho, e ele o jogou para trás enquanto dançava. Estava dando atenção a uma garota e se inclinou para dizer algo a ela. Quando uma outra fez

biquinho e tocou-lhe o braço, ele voltou a atenção para ela e tocou seu rosto.

Havia uma loira, uma morena, uma ruiva. Altas, mignons, de cabelo comprido, de cabelo curto. Eu não conseguia parar de olhar enquanto as garotas giravam ao redor dele, disputando sua atenção ao mesmo tempo que tentavam superar a concorrência. Uma loira alta e bronzeada chegou mais perto para dizer algo a Ren; ele a abraçou pela cintura e deu risada, os dentes brancos reluzindo. Ela estendeu a mão para tirar o cabelo de cima do olho dele e meu coração disparou. O sangue latejava dentro de mim. O ar se tornou mais denso. Eu não conseguia respirar. Respirei bem fundo algumas vezes para evitar que eu vomitasse.

Wes também assistia à cena.

– Venha, Kelsey. Vamos sair daqui. Você não precisa ver isso.

Deixei que Wes me puxasse para longe, e o enjoo se transformou em raiva. Eu tremia. Queria esquentar minha mão e explodir a cabeça de cada garota que tinha tocado nele. Tinha vontade de atacá-lo com choques elétricos. Melhor ainda: desejava que um raio me matasse, para que eu pudesse parar de sentir aquela terrível raiva vibrante, aquela mágoa amarga. Parecia que tudo que era bom e feliz tinha sido sugado de mim e substituído por lava fervente. Eu não ficaria surpresa se estivesse saindo vapor das minhas orelhas.

Espiei Kishan, mais afastado da multidão, e isso me acalmou. Minha mãe teria dito: "Kells, este sim é um rapaz em quem você pode confiar." E ela estaria certa. Ele havia sido uma presença constante ao meu lado desde o Oregon. Nunca forçou a barra, nunca pediu mais do que eu estava disposta a dar. Ele era bom para mim.

Kishan e eu nos entreolhamos por um breve instante. Naquele olhar eu soube que ele estava perguntando se eu precisava dele. Balancei a cabeça de leve e fechei os olhos. Quando voltei a abri-los, ele tinha desaparecido. A lava esfriou e rachou. Minhas entranhas ficaram pretas e se esfarelaram. Nenhuma quantidade de água seria capaz de lavar a poeira espessa que me engasgava. Meus braços e pernas eram halteres pesados. Eu estava cedendo sob a pressão e sentia que ia desabar no chão.

Wes tocou na minha mão e eu saí do transe.

– Desculpe, Wes. Eu só...

– Você está em estado de choque. Eu compreendo. Ele não devia ter vindo

aqui para fazer essa exibição.

Afirmei com frieza:

– Ele pode fazer o que quiser. Não importa mais.

– Venha tomar um suco. Um pouco de açúcar vai lhe fazer bem.

Wes trouxe para mim alguma coisa vermelha e deliciosa num copo alto. Bebi devagar, para agradá-lo. Senti a bebida doce escorrer pela garganta antes de cair num buraco sem fundo na minha barriga. Imaginei que tivesse atingido a fuligem preta dentro de mim, evaporado e desaparecido com todo o resto.

Wes queria dançar mais um pouco, e eu lhe disse que ficaria só por mais algumas músicas. Permanecemos afastados de onde eu tinha visto Ren. Dancei, mas meu coração não estava mais ali. Eu só queria voltar para o iate. Wes concordou em me levar e, em algum lugar da minha mente, eu me senti mal por estragar a grande festa pela qual ele tinha esperado o ano todo, mas o arrependimento foi logo encoberto pela minha própria lista de desgostos.

Fomos caminhando pela praia. Uma música lenta tinha começado. Vislumbrei uma mancha verde pelo canto do olho e não consegui me segurar. Eu me virei para olhar.

Ren estava dançando com uma indiana bonita que vestia um sári amarelo. Seu cabelo comprido e escuro quase batia na cintura. A mão dele estava espalmada na pele nua das costas dela. Rindo, abaixou a cabeça para escutar algo que ela estava dizendo. Quando ergueu a cabeça e rodopiou a mulher na minha direção, arquejei. A linda mulher era *Nilima*.

Afastei os olhos do casal e fiquei olhando fixamente para a frente. Wes estava falando alguma coisa, mas suas palavras não conseguiam penetrar na névoa mental do meu cérebro. Por fim, ele se calou e apenas segurou minha mão no caminho até o navio. Ele me deixou na porta do meu quarto, deu um beijo de piedade na minha bochecha e então fiquei sozinha.

Tirei o vestido e desabei na cama, de olhos arregalados para o teto escuro. Ouvi o som inconfundível de fogos de artifício e os vivas da multidão na praia. Algo explodiu dentro de mim, um muro ou um escudo, talvez. Ele rachou e ruiu, e lágrimas silenciosas escorreram pelo meu rosto. Depois que começaram, não queriam mais parar. Era a primeira vez que eu chorava desde que Ren tinha terminado comigo e, enquanto enxugava as lágrimas, jurei que seria a última.

Tive pesadelos, mas alguém entrou no meu quarto, um homem. Ele tocou na

minha testa enquanto eu dormia. Tive consciência disso, mas estava exausta demais para abrir os olhos. Ele sussurrou palavras reconfortantes em sua língua nativa. O turbilhão interior se acalmou e eu caí em um sono tranquilo. Talvez fosse real, talvez fosse um sonho. De qualquer maneira, eu soube que era amada.

Na manhã seguinte, eu me levantei, lavei o rosto, me vesti e fui até a academia. Encontrei Kishan lá, preparando-se para seus exercícios matinais.

– Ei, Kells. Quer malhar comigo?

– Talvez mais tarde. Vim aqui para lhe fazer uma pergunta.

Ele largou uma toalha e se virou para mim.

– Certo. Pode falar.

Torci as mãos e olhei para o chão enquanto balbuciava:

– Quer jantar comigo hoje à noite?

12

Algo novo

– Mas eu não janto com você toda noite? – disse Kishan, sorrindo.

– Eu... eu estou tentando chamar você para um *encontro* – falei baixinho.

Kishan ficou em silêncio, me encarando, até que comecei a me agitar.

Como é que os caras fazem isso? É tão estressante!

– Bom, e aí? – perguntei, impaciente. – Quer sair comigo ou não?

Kishan deu um passo para perto de mim e tocou na minha bochecha.

– Sim, eu gostaria de jantar com você hoje à noite. Quer ir até a cidade?

Refleti sobre a ideia.

– Quero. Acho que seria a coisa mais fácil a fazer.

– E estaremos sozinhos.

Concordei com a cabeça. Kishan sorriu e me disse o nome do restaurante onde nos encontraríamos. Lancei-lhe um sorriso trêmulo e saí apressada da academia. Senti uma forte necessidade de fugir, deixar o iate e ficar um tempo sozinha. *Talvez um pouco de terapia de compras possa me ajudar*, pensei, com esperança.

O Sr. Kadam me deixou pegar o Jeep emprestado e ir até a cidade sozinha, desde que eu mandasse notícias a cada duas horas. Ele me deu alguns cartões de crédito que diziam K. H. Khan, o mesmo nome do meu passaporte, e me lembrou de assinar os recibos de acordo com ele. Estacionei na cidade, conferi o celular para ver se o sinal estava bom e comecei a caminhar.

Entrei numa loja de roupas e encontrei uma blusa cor de malva com contas de cristal e lantejoulas prateadas. As mangas compridas eram justas no alto e soltas no pulso. Comprei sandálias prateadas e brincos de argola para combinar e

encontrei uma calça jeans escura na loja seguinte. Seria legal ter algo novo para o meu encontro naquela noite.

Desfrutei de uma tarde agradável e despreocupada, passeando por feiras e lojas. A maior parte dos vendedores falava ao menos um pouco de inglês. Liguei para o Sr. Kadam várias vezes, para que ele não enviasse a cavalaria atrás de mim, e comprei um suco gelado para ir tomando enquanto andava.

Passei por uma loja que vendia contas, uma livraria e uma loja de velas e incenso, depois por um mercadinho de frutas, verduras e legumes, e dei uma olhada em algo que parecia uma farmácia. Eu me aproximei de um salão de cabeleireiro e ouvi mulheres conversando e dando risada. Num impulso, me virei e entrei pela porta. Uma senhora de meia-idade bonita veio falar comigo.

– Olá, senhorita. Gostaria de cortar o cabelo?

– Cortar?

– Ou lavar e fazer escova, quem sabe?

Com um gesto involuntário, puxei a ponta da trança que caía por cima do ombro.

– Cortar? Sim. Por que não?

Ela sorriu para mim e me conduziu até uma cadeira. Eu não cortava o cabelo desde a formatura do ensino médio. Para ser sincera, nunca dei muita atenção ao cabelo, mas de repente parecia ser a coisa certa a fazer. Estava na hora de mudar. A cabeleireira trouxe uma revista com estilos de cortes para eu olhar, mas dispensei o catálogo e pedi a opinião dela em vez disso. Ela virou a minha cabeça em vários ângulos e examinou o formato do meu rosto com muita seriedade.

– Acho que sei exatamente o que fazer. Confie em mim e você vai ficar lindíssima.

– Tudo bem.

Depois de lavar meu cabelo, ela me entregou uma revista de cultura pop. Só tinha alguns trechos em inglês, mas gostei de olhar as fotos de todos aqueles atores e atrizes de Bollywood. Uma garota se aproximou com um carrinho de esmaltes e perguntou se eu queria fazer as unhas.

– Claro. Tenho um encontro hoje à noite, por isso vou me dar ao luxo.

Elas fizeram muitas perguntas sobre o homem com quem eu ia sair, e descrevi Kishan com muitos detalhes. Elas se animaram com a conversa e ficaram

perguntando se ele tinha um irmão. Dei uma gargalhada e não disse nada. Parecia que eram solteiras e estavam à procura de um bom partido. Elas se lamentaram, dizendo que todos os homens interessantes da cidade já estavam comprometidos. Até observaram que havia pelo menos duas mulheres para cada homem ali e que eu tinha sorte de achar um rapaz tão bom para mim.

Assenti e mordi o lábio. *Hum. Isso explica o enxame ao redor de Ren. Não que realmente fosse fazer diferença. Ele iria atrair um enxame de mulheres em qualquer lugar aonde fosse. Até onde eu sabia, ele já estava noivo ou, no mínimo, tinha sido pedido em casamento por uma dúzia de mulheres.*

Passamos a maior parte da tarde batendo papo. Escolhi um esmalte cor de malva para combinar com a blusa e observei enquanto a manicure pintava as unhas dos meus pés com cuidado.

Arquejei quando vi vários dedos de cabelo molhado caírem no chão, mas logo me recuperei, lembrando a mim mesma de que já estava na hora de criar uma nova eu. A cabeleireira usou o secador e passou 45 minutos enrolando e prendendo meus cachos num penteado. Quando me virou para o espelho, fiquei chocada. Ela explicou que meu cabelo agora apenas batia nos ombros e estava repicado. Uma massa de cachos emoldurava meu rosto e roçava na minha nuca, fazendo cócegas quando eu me mexia. Meu cabelo parecia leve e cheio de movimento. Elas me deixaram vestir a roupa nova atrás de uma cortina e até se ofereceram para retocar minha maquiagem. Aceitei a oferta e saí do salão com um estilo novo, um penteado novo e uma nova perspectiva de vida. Depois de dar generosas gorjetas para as mulheres, fui ao restaurante especializado em frutos do mar Sete Mares, que Kishan tinha escolhido.

Cheguei antes dele. O garçom me acomodou em uma mesa e trouxe água gelada com limão. Fiquei observando os passantes e ouvi a motocicleta antes de avistá-la.

Kishan estacionou, tirou o capacete e examinou a rua à minha procura. Estava vestido com calça jeans escura, desbotada nas coxas, e camisa cinza de manga comprida com detalhes bordados no peito e nas costas. O cabelo dele estava molhado, e era mais comprido que o de Ren.

Kishan era um homem muito bonito, mas, melhor do que isso, era um homem bom e alguém que eu considerava um amigo. Com certeza eu não demoraria a amá-lo. Ele entrou no restaurante e examinou o salão. Seus olhos passaram por

mim e então retornaram apressados e se arregalaram enquanto ele avaliava minha aparência. Ele sorriu e se aproximou da mesa. Pegou minha mão e beijou-a com carinho.

– Você está linda. Quase não a reconheci.

– Obrigada, eu acho...

Ele puxou uma cadeira, então parou e fez uma careta.

– Não foi isso que eu quis dizer. Quis dizer que você está ainda mais linda do que o normal. Gosto dessa cor – disse ele, apontando para minha blusa.

– Obrigada.

Ele examinou minha aparência atentamente.

– Você cortou o cabelo.

– Cortei. Você gostou?

– Depende. Em que altura ficou?

Puxei um cacho e mostrei que acabava logo abaixo do ombro.

– Ufa. Ainda está comprido o bastante. Então gostei.

– Comprido o bastante para quê?

– Para que um homem passe a mão entre os fios.

Corei enquanto ele dava um sorriso afetuoso, com os olhos dourados brilhando com malícia.

Kishan pegou um cardápio e olhou para mim por cima dele.

– Posso perguntar uma coisa? Por que me convidou para jantar?

O garçom chegou a tempo de eu não precisar responder, o que me deu um momento para organizar meus pensamentos. Kishan pediu uma entrada para nós dividirmos e um refrigerante para si, e então retornou a atenção para mim, esperando pacientemente pela minha resposta.

Peguei o guardanapo e fiquei torcendo-o nas mãos.

– Eu chamei você para sair porque... era o momento certo.

– Tem certeza de que não é só por causa de Ren?

Fiz uma careta.

– Quer que eu seja sincera? Ele é parte do motivo. Fiquei muito irritada ontem à noite. Não gostei daquele sentimento. Prefiro me esforçar para ser feliz, e continuar a me lamentar por causa dele não me deixa nada feliz.

Ele se inclinou por cima da mesa e pegou minha mão.

– Não se sinta na obrigação de ficar comigo, Kells. Só porque eu gosto de você

não significa que deva fazer algo a respeito. Eu estarei aqui quando você precisar de mim, não importa o que acontecer.

– Sei disso. Não me sinto obrigada. Não estou dizendo que esquecê-lo vai ser fácil para mim, principalmente porque ele está naquele navio conosco, mas eu gostaria de tentar.

Os olhos dourados de Kishan examinaram os meus, pensativos. Então ele mudou de assunto quando nossa entrada chegou. Conversamos durante todo o jantar, e ele contou algumas histórias engraçadas de como foi ter sido criado como príncipe e sobre caçadas na selva.

Quando terminamos de comer, Kishan me convidou para dar uma volta de moto com ele. O passeio foi tão emocionante quanto tinha sido na primeira vez. Paramos no alto de uma colina para ver o sol se pôr. Ele equilibrou a moto com as pernas compridas, me puxou para a frente e me abraçou de modo que eu pudesse me apoiar no seu peito.

Ele não disse nada, e eu relaxei, desfrutando da segurança que eu sentia quando estava perto dele. Kishan era um homem calado, um homem pacífico. A vida com ele seria agradável. Desta vez, ao retornarmos pelas ruas escuras, eu me senti mais à vontade com os braços ao redor da cintura dele e cheguei um pouco mais perto. Foi só quando chegamos ao iate que me dei conta de que o Jeep tinha ficado na cidade. Ele me ajudou a descer e garantiu que algum integrante da tripulação iria buscá-lo pela manhã.

Passeamos um pouco pelo deque, de mãos dadas. Mais tarde, quando Kishan me acompanhou até o meu quarto, ele me deteve à porta e levou minha mão até seus lábios.

– Podemos fazer isso tão devagar quanto você precisar. Não quero pressioná-la.

Assenti com a cabeça e, para provar algo para nós dois, enlacei meus braços ao redor do pescoço dele e nos abraçamos apertado enquanto eu lhe dava um beijo na bochecha.

– Boa noite, Kishan.

Ele sorriu e torceu um cacho com o dedo.

– Boa noite, *bilauta*.

Wes iria embora no dia seguinte e eu estava muito triste com sua partida. Nossas aulas de mergulho haviam chegado ao fim. Todos tínhamos sido aprovados com nota máxima.

Kishan bateu na nossa porta de comunicação e perguntou se eu estava pronta. Quando apareci, examinou meu visual mais uma vez. Eu tinha tirado todos os grampos da noite anterior, por isso o cabelo estava caindo solto sobre os meus ombros. Ele passou a mão pelos cachos, sorriu e deu um beijo na minha testa.

Quando Wes finalmente apareceu na garagem seca, assobiou para meu corte de cabelo e me lançou um sorriso com covinha. Pedi desculpas por estragar a festa e ele, galante, respondeu que aquela tinha sido a melhor parte da noite. Kishan trocou um aperto de mão com Wes, então eu dei um passo para a frente e o abracei.

Wes sussurrou no meu ouvido:

– Boa sorte com tudo, Kelsey. Pode ter certeza de que vou pensar em você de vez em quando.

– Também vou sentir saudade.

Wes recuou, puxou a aba de um chapéu de caubói imaginário para fazer uma saudação, pegou sua mochila e pendurou a alça no ombro. Ele piscou para mim e disse:

– Então, não se esqueça: se começar a se cansar dessas mulas e resolver que está na hora de encontrar um garanhão premiado, venha me procurar.

– Vou, sim – falei, rindo.

Enquanto observávamos Wes descer a rampa, ouvimos outra pessoa se aproximar com rapidez, estalando saltos altos no pavimento.

Kishan puxou meu braço, impaciente.

– Vamos, Kells.

– Por que a pressa? – brinquei.

Ele se retesou, e ouvi uma voz estridente de mulher dizer:

– Ah, mas você não é mesmo um fofo? Adorei que tenha me convidado para passar uns dias aqui!

Dei uma olhada por cima do bíceps desenvolvido de Kishan e Ren e eu nos entreolhamos por uma fração de segundo. Ele tinha aparecido de repente, de braço dado com uma mulher. Os olhos dele se arregalaram um pouco quando me viu e então se apertaram quando olhou com raiva para mim.

Devolvi o olhar raivoso, mas ele rapidamente o desviou e sorriu para o pedaço curvilíneo de carne que tinha se agarrado feito uma sanguessuga ao seu braço. Ela passou por mim e Kishan e foi subindo a rampa, toda segura de si.

– Ah! Mas como a garagem é enorme! É uma moto ali embaixo daquela lona? Eu simplesmente *adoro* motos. Ainda mais quando pertencem a homens *grandes* e *fortes* – ronronou a voz.

– A garagem não é muito emocionante – disse Ren. – Venha, Randi. Vamos dar uma olhada na piscina.

A aspirante a Barbie se virou para nos olhar. Seus olhos subiram e desceram pela minha silhueta e, depois de me desprezar com rapidez, ela voltou a atenção a Kishan. Os lábios preenchidos com colágeno se alargaram em algo parecido com um sorriso.

– Espere um pouco, gato. Ainda não fui apresentada.

Ren avançou, rígido, e disse:

– Este é o meu irmão, Kishan, e esta é Kelsey.

– Nossa... prazer em conhecê-lo. – Ela saltitou toda serelepe e colocou a mão no bíceps de Kishan. – Puxa, mas eles são todos bem criadinhos na Índia, não é mesmo?

– Esta é Randi – concluiu Ren.

Randi voltou a atenção para mim quando perguntei se ela era americana.

Ela ficou piscando, fazendo charme.

– Americana? Ah, sim. Sou de Beverly Hills. E você, é de onde?

– Do Oregon.

Ela franziu o nariz.

– Eu jamais conseguiria morar no Oregon. Preciso de sol. O Oregon é frio demais. Se eu morasse lá, nunca ia conseguir ir à praia. Mas dá para ver que você não é muito chegada em praia, então o Oregon provavelmente é o lugar ideal para você, não é? Acho que todo mundo deve saber qual é seu lugar no mundo e ficar lá. Todos seríamos muito mais felizes assim, não acha? Muito prazer.

Randi lançou um sorriso cheio de maldade para mim, da maneira que a vencedora de um concurso de beleza sorriria para a concorrente que ficou em segundo lugar. Na frente de todos ela era educada, mas, por baixo do sorriso branco havia uma camada de algo muito desagradável.

– Então, vamos andando, bonitão? – Ela piscou para Kishan antes de ir atrás

de Ren. Randi não subiu a escada: ela foi rebolando de degrau em degrau. Enquanto eles se afastavam, ela passou o dedo pelo braço de Ren e fez biquinho: – Nós vamos nadar? Eu só tenho um biquíni, e não queria deixá-lo molhado.

– Tenho certeza de que podemos providenciar outro – disse ele.

– Ah, mas você é mesmo uma graça.

Ela se inclinou e tascou um beijo molhado na boca de Ren quando os dois desapareceram em uma curva.

Kishan e eu ficamos lá em silêncio por um momento, então ele disse:

– É melhor fechar a boca, Kells.

– O quê? Quem? Como? *Por que* ela está aqui?

Ele suspirou.

– Ela é uma garota que Ren conheceu ontem à noite. Aliás, eu tinha planejado falar sobre isso com você assim que Wes fosse embora.

– Você sabia sobre ela e sabia que ela era... *assim*?

– Sim e não. Ainda não tinha sido apresentado. Ren só tinha me falado dela. – Kishan franziu a testa. – Os pais da garota também têm um barco e estão em Trivandrum. A boa notícia é que o *Deschen* vai zarpar daqui a uns dias, então ela não vai ficar aqui muito tempo.

– Não gostei dela.

– Vamos fazer o possível para evitar os dois. Que tal?

– Por mim, está ótimo.

Porém, evitar Ren quando ele não queria ser evitado era impossível. Naquela mesma tarde, deitei-me numa espreguiçadeira da área externa para ler um pouco. Uma sombra avançou sobre minhas pernas. Terminei o parágrafo e me inclinei para pegar meu marcador de livro.

– Já voltou? – perguntei, achando que era Kishan.

– *Não.*

Fiz sombra com a mão e ergui os olhos. Ren olhava cheio de raiva para mim. Os punhos dele estavam fechados ao lado do corpo. Pousei o livro e perguntei:

– Algum problema? O que aconteceu?

– O que aconteceu? O que *aconteceu*? Você cortou o cabelo!

– Cortei sim. E daí?

– E *daí?* – repetiu ele, incrédulo. – Está tão curto que você nem pode mais fazer trança!

Passei os dedos no cabelo e puxei um cacho para a frente a fim de examiná-lo.

– Hum... pior que é. Deve dar para fazer trancinhas finas, mas não faz diferença. Eu gosto assim.

– Bom, *eu* não gosto!

Franzi a testa para ele.

– Por que exatamente você está aborrecido?

– Não acredito que você simplesmente foi lá e cortou seu cabelo sem contar para... ninguém.

– As mulheres fazem isso o tempo todo. Além do mais, não é da sua conta o que faço com meu cabelo. E Kishan gostou, apesar de você não gostar.

– *Kishan*...

Ele retesou o maxilar e estava para dizer mais alguma coisa quando o interrompi.

– Se você precisa ver uma garota de trança, por que não fala com sua nova namorada? Tenho certeza de que a Miss Beverly Hills adoraria fazer umas tranças. Aliás, cadê ela? É melhor ficar de olho, hein, ou ela pode escapar e jogar seu chame para outro. Agora, se você não se importa, eu gostaria de retomar minha leitura.

Vi Ren abrir e fechar os punhos várias vezes com minha visão periférica, enquanto eu fingia ler um parágrafo. Finalmente ele deu meia-volta e saiu pisando firme pela escotilha.

Não voltei a ver Ren nem a nova namorada dele até a hora do jantar. Kishan e eu tínhamos acabado de fazer o prato e nos sentado quando eles apareceram. Nilima e o Sr. Kadam ocupavam a ponta da mesa, conversando baixinho entre si.

– Ah, que maravilha! Estou tão faminta... – disse Randi, aproximando-se da mesa do bufê e alertando Ren a não comer o frango e o camarão que haviam sido servidos.

Ela se acomodou em um lugar à nossa frente e explicou:

– Tomo muito cuidado com a alimentação. Só como legumes e verduras e, de vez em quando, um pouco de fruta. Me ajuda a manter a forma.

O prato dela tinha duas garfadas de salada e uma fatia de manga. Ela usou uma

faca de sobremesa para separar os croutons com todo o cuidado. Olhei para Ren. Ele olhava fixamente para seu prato de legumes e verduras como um homem que acabara de ser condenado à prisão.

Randi prosseguiu:

– Nunca comi carne de nenhum tipo. Nem ovos, nem leite. Acho que os animais são imundos. Não me imagino ingerindo nenhum deles. Não gosto nem de bichos de estimação em casa. Principalmente gatos. O pelo deles é tão sujo! Eles se lambem! E as patinhas deles encostam em você. – Ela estremeceu. – Acho que os animais deveriam ficar no zoológico, não concordam? Afinal de contas, eles só servem para isso.

Dei uma risada sarcástica *bem alta*, comi o frango e bebi um gole do suco de papaia.

Ela se inclinou e, com um sussurro dramático, disse para mim:

– Você sabe que suco de papaia engorda, não sabe? Meu personal trainer diz que nunca se deve comer nenhum tipo de açúcar. – O olhar dela foi descaradamente para a minha cintura. – Mas dá para ver que manter a forma não é prioridade para você. – Ela lançou um sorriso doce para Kishan, que estava com a testa franzida. – Uma garota sempre deve tentar manter o corpo o mais bonito possível, não deve?

Ren ergueu os olhos, sorriu para ela e disse:

– Deve sim, e o seu corpo é... extraordinário.

Ela lhe deu um beijinho na bochecha e Ren voltou a remexer no prato.

Kishan largou o garfo, ficou olhando incrédulo para Ren e disse:

– Não há absolutamente nada de errado com o corpo de Kelsey.

Então ele se levantou, pegou o prato vazio e voltou ao bufê.

Randi logo se emendou:

– Ah, claro que *você* não vai pensar uma coisa dessas, porque é muito cavalheiro, mas é o que o mundo pensa. – Ela empurrou o prato para o lado. – Nossa, comi demais. Agora vou ter que malhar por uma hora.

Metade da salada de Randi ainda estava no prato. Ela fez biquinho para Ren, que a consolou dizendo que estava linda.

Cutuquei minha barriga disfarçadamente. Ainda me parecia bem magra. Era óbvio que eu não tinha corpo de modelo, mas tanta natação e tantos exercícios estavam me deixando bem em forma. Kishan pegou minha mão, apertou-a e

deu um beijo de leve nos meus dedos antes de pousá-la no meu colo. Eu sorri para ele, agradecida. Ele retribuiu o sorriso e começou a comer o segundo prato. Ren fez uma careta para o próprio prato, ainda pela metade. A Barbie disse que queria dar um passeio romântico pelo deque. Ren se levantou rápido e a levou com ele, e todos nós finalmente pudemos relaxar e aproveitar o restante da refeição.

Kishan fez de propósito um sundae enorme para dividirmos, e nos divertimos muito dando colheradas um na boca do outro. Eu "sem querer" errei sua boca e passei sorvete em seu nariz e ele "sem querer" derrubou uma colherada dentro da minha blusa. Depois disso, virou bagunça. Ele pegou o tubo de chantili e eu arrebatei o frasco de calda de chocolate. Nilima e o Sr. Kadam se retiraram rápido e nos deixaram com nossa guerra de comida.

Alguns minutos depois, nosso arsenal tinha acabado. Nós ficamos lá, dando risada um do outro. Uma bolota grande de chantili escorregou do meu cabelo para minha bochecha, e ao ver Kishan todo coberto de calda de chocolate, passei um dedo no seu braço e o enfiei na boca.

– Hummmm, você é bem gostoso.

Ele pegou uma bolota de chantili e a espalhou na minha bochecha.

– Ah... ainda não terminei com você – brincou.

Então ele pegou um pote de granulado colorido e o sacudiu num gesto dramático em cima da minha cabeça enquanto eu ficava lá parada, com um sorrisinho, só esperando que ele terminasse.

– Pronto. Agora, sim.

Kishan me abraçou pela cintura e me puxou para perto. Ergui os olhos para o rosto bonito dele e senti uma onda imensa de carinho e amor tomar conta de mim.

– Obrigada – falei baixinho.

Ele deu risada.

– Está me agradecendo por quê? Pelo granulado?

Eu sacudi a cabeça.

– Obrigada por me fazer feliz.

– Sempre que precisar. – Kishan me abraçou e permanecemos ao vento tempo suficiente para começarmos a ficar grudados um no outro. – Quer nadar no mar para tirar toda essa meleca?

– Só se for agora!

Enquanto caminhávamos pelo cais, depois de descermos pela escada de trás evitando sujar o carpete, ele disse:

– Aquela mulher é maluca. Como alguém pode viver sem açúcar?

Sorri e entrelacei os dedos nos dele quando ele apoiou o braço no meu ombro.

– Não sei. Como viver sem doçura?

Ele concordou com um gesto de cabeça.

Kishan e eu conseguimos evitar Ren e Randi no dia seguinte com piqueniques na hora das refeições, usando o Fruto Dourado. No café da manhã, comemos sanduíche de ovo no deque, sentados com nossos pés para fora da amurada, e, no almoço, subimos no alto da casa do leme. Kishan fez almofadas confortáveis com o Lenço e as rodeou de flores de seda.

Ele colocou um guardanapo de linho pesado no meu colo e usou outro guardanapo para me vendar. Então foi me dando na boca toda uma variedade de alimentos deliciosos, tentando me fazer adivinhar o que eram. Alguns foram fáceis, principalmente as frutas. Os molhinhos eram difíceis. Ele incluiu uma torta de pera de Shangri-lá que eu ainda não tinha experimentado. Fiz a mesma coisa com ele e dei risadas debochadas ao escolher pratos estranhos, como "surpresa de atum". Ele só estalava os lábios e dizia que cada um era melhor do que o outro. Quando ficamos satisfeitos, tomamos suco de uva e nos recostamos nas almofadas para observar as nuvens.

Havíamos planejado nadar à tarde, mas encontramos Randi tomando banho de sol na piscina, usando um biquíni vermelho minúsculo, preso por correntinhas douradas. Resmunguei mentalmente. Kishan e eu teríamos que nadar mais tarde. Eu me virei para sair, mas ela tinha me avistado.

– Ah, você está aqui! Que bom. Será que pode fazer o favor de pedir para aquela empregada, Nilima, vir até aqui?

– Nilima não é empregada.

Randi fez um gesto de desdém com a mão e se virou de costas, falando sobre algum creme de que precisava. A parte de cima do biquíni mal cobria o busto farto.

Os peitos pareciam perfeitos demais para serem reais e imaginei quanto aquilo

devia ter custado. *Uau. E se um deles estourar?* Dei risada com a ideia.

– Não é engraçado – disse ela, lânguida. – Se você cuidasse *um pouco* da sua pele, iria entender por que preciso daquele creme. Seria muito mais fácil ter a pele avermelhada e manchada como a sua. Ninguém nem espera que você seja bonita mesmo... Não sofre as mesmas pressões que eu.

Kishan chegou à área da piscina e me deu um beijo na bochecha.

– Kelsey ficaria linda com rugas.

A expressão de Randi mudou imediatamente.

– É muito fofo da sua parte dizer algo assim. Mas a verdade é que as mulheres não envelhecem tão bem quanto os homens. Num piscar de olhos, os homens trocam a esposa de 40 anos por uma de 20.

Kishan franziu a testa.

– Eu nunca faria isso.

– Ah, eu sei que *você* não faria – continuou ela, toda melosa. – Mas muitos homens fazem. Uma garota simplesmente precisa aproveitar ao máximo o que tem.

– Você não pode pedir o que precisa a Ren? – perguntou Kishan. – Nós estamos ocupados.

Ela fungou:

– Ele estava aqui, mas sumiu.

– Vamos encontrá-lo e fazer com que ele providencie o seu creme.

Ela deu um sorriso cheio de flerte.

– Muito obrigada. Tantos homens educados numa família só... A sua mãe deve ficar muito contente.

– Ela ficava – disse Kishan de maneira abrupta e me fez dar meia-volta. – Que tal ginástica com massagem em vez de natação?

– Parece bom. – Nós saímos e começamos a caminhar na direção da academia. – Você não vai procurar Ren e lhe dizer que ela precisa dele? – perguntei a Kishan.

– Ah, não. Tenho certeza de que ele já sabe. Se eu fosse Ren, também iria evitá-la.

No caminho, cruzei com Nilima, que estava furiosa com Randi.

– Ela é tão pidona! Insultou todos os membros da tripulação. O chef, que eu tive que implorar para que viesse conosco, foi menosprezado na frente de sua

equipe. O capitão passou a trancar a casa do leme e meu avô se recusa a sair do quarto até que ela vá embora. Quando Randi não está enfurecendo as pessoas, está flertando com elas. Ela usa todos os truques que tem à disposição para conseguir o que deseja. Eu nem quero saber por que Ren a convidou para vir aqui. Só quero que ela *saia do iate*!

Eu nunca tinha visto Nilima tão irritada. Mas fiquei feliz por não ser a única que não gostava de Randi. Estava preocupada de estar implicando com ela por ciúme, o que até pode ter sido verdade no início, mas agora a situação estava me parecendo meio engraçada. No fundo, eu me sentia um pouco mal por Ren.

Na manhã seguinte, Kishan irrompeu no meu quarto. Eu me sentei ereta e esfreguei os olhos, sonolenta.

– Qual é o problema?

Ele estava molhado, com uma toalha enrolada na cintura.

– Ela foi longe demais.

– O que aconteceu?

Tentei manter os olhos fixos no rosto dele e ignorar o belo corpo moreno que mal se escondia sob a toalhinha branca.

– Randi entrou no meu quarto sem ser convidada e interrompeu o meu banho!

– Por que ela faria uma coisa dessas?

– Ela alegou que estava desesperada para encontrar Ren.

Dei de ombros.

– Deve haver alguma verdade nisso. Ela provavelmente o manteve acordado durante a maior parte da noite, e ele ainda precisa permanecer como tigre durante 12 horas por dia. Tenho certeza de que está escondido por aí.

– Mesmo assim, ela não tinha o direito de entrar no meu banheiro! Vou terminar de me lavar no seu. Fique de olho.

– Certo. Ficarei de olho em mulheres perigosas – falei, rindo. – Não se preocupe. Vou proteger você das tramoias ardilosas dela. Pode ir tomar banho em paz.

Ele enfiou a cabeça pelo vão da porta e sorriu.

– Para sua informação, *você* será *sempre* bem-vinda se quiser invadir o meu banho.

Dei risada.

– Bom saber.

Depois que Kishan estava a salvo atrás da porta de sua suíte, trancada contra intrusas, eu fui tomar café da manhã. No caminho, Randi me abordou e exigiu que eu a ajudasse a localizar Ren.

– Ele está sendo um péssimo anfitrião. Aliás, acho que *você* deve me ajudar a encontrar Ren *e* também convencê-lo de que está apaixonado por mim.

Cruzei os braços sobre o peito.

– E *por que* eu faria isso?

Ela sorriu.

– Porque, se não fizer, eu simplesmente vou passar para o próximo solteiro rico, o irmão dele, e não acho que você vá ficar muito feliz com isso.

– Kishan não encostaria em você nem com uma vara de três metros e, sinceramente, eu nunca teria achado que Ren fosse fazer isso. Além do mais, está na hora de você ir embora. Cansamos dos seus joguinhos.

– Você ficaria surpresa com as coisas que eu consigo convencer os homens a fazer bem rapidinho. – Ela ajustou a camisetinha minúscula para ressaltar o decote. – Eu não me importo de passar para Kishan. Ele é lindo, e os irmãos são obviamente ricos e bem-relacionados. Papai ficaria satisfeito com qualquer um dos dois. Tenho certeza de que consigo conquistar Kishan com a mesma rapidez.

Pus as mãos na cintura e olhei bem feio para ela.

– Eu não amo os dois por serem ricos, e sim por serem homens decentes. E nenhum deles merece ser dominado por uma bruxa feito você.

Randi deu uma risadinha debochada.

– Ah, como você é ingênua. – Ela deu tapinhas condescendentes na minha bochecha. – Precisa aprender que não existe essa coisa de homem decente, querida. Os homens são idiotas e só pensam em uma coisa.

Ela deu uma rebolada e saiu pela porta antes que eu conseguisse pensar numa resposta. Eu me limitei a balançar a cabeça e suspirar. Obviamente ela não gostava nem um pouco de Ren. *Alguém devia dizer a ele, para que possa resolver o assunto e fazê-la sumir da nossa vida.*

O quarto novo de Ren estava vazio. A cama estava arrumada e as roupas, guardadas. O livro de citações de Shakespeare, com as orelhas dobradas, estava aberto. Eu o folheei e encontrei um verso sublinhado: "Mas, ó, como é amargo enxergar a felicidade através dos olhos de outro homem."

Virei o livro, coloquei-o no lugar em que estava antes e enfiei a mão no bolso para pegar o telefone. Localizei Ren no rastreador e vi que ele estava escondido nos fundos de um depósito na garagem.

No começo, não o vi. Havia caixas empilhadas por todos os lados, e também baldes de limpeza, esfregões, vassouras e prateleiras cheias de peças e suprimentos. Bem no fundo, sobre um tapete, estava o meu tigre branco.

Eu me agachei ao seu lado. Ele continuou com a cabeça nas patas. O peito roncava baixinho.

– Sua nova namorada está causando problemas para todo mundo, sabia? – Eu não consegui me conter e estendi a mão para acariciar a cabeça dele. – Não sei o que você estava pensando. Mas ela nem gosta de gatos! – Dei um sorriso torto e então suspirei. – Kishan e eu vamos tentar mantê-la ocupada por umas duas horas para você poder ficar como tigre. Mas nos deve um favor enorme. Ela só causa confusão.

Ren começou a ronronar quando cocei atrás da orelha dele. Então o som cessou de maneira abrupta e ele se afastou da minha mão.

Eu me levantei.

– Bom... a gente se vê mais tarde – falei e saí para tomar café da manhã.

Quando encontrei Kishan, ele ficou tão feliz em me ver que eu comecei a rir.

– Ren precisa ficar como tigre mais um pouco, e prometi a ele que nós iríamos mantê-la ocupada – cochichei.

– Só porque *você* pediu – ele deu um beijo na minha testa – eu vou ajudar a distraí-la e tentar tolerar a tagarelice e os flertes dela.

– Eu sabia que havia um motivo para eu gostar de você.

Ele me abraçou.

– O sentimento é mútuo.

Kishan sugeriu que assistíssemos a um filme. Randi concordou, sentou-se no sofá e deu tapinhas no assento ao seu lado quando ele chegou. Kishan fez questão de se sentar numa poltrona reclinável, agarrou o meu pulso e me puxou para sentar com ele.

Ninguém prestou a menor atenção em Randi, que ficou amuada no sofá e disse que estava entediada depois da primeira hora de filme. Nós desistimos da sessão e resolvemos ir nadar.

Kishan e eu caímos na água e nadamos, dando várias voltas na piscina. Randi

foi até a beirada e se sentou, reclinando-se ao sol, supostamente para se bronzear, mas achei que era uma artimanha para mostrar os peitos siliconados.

Fiz uma pausa, parei perto dela e me virei para ver Kishan dar braçadas com suavidade na água.

– Fique sabendo que ainda vou fisgá-lo. Ou ele ou o outro. Nunca conheci um cara que não conseguisse conquistar. Olhe, você não devia nadar sem touca. O cloro acaba com o cabelo.

Sorri com falsidade e voltei a nadar, até sentir uma mão agarrar meu tornozelo e me puxar para baixo. Braços grandes me envolveram e me levaram para a superfície.

Kishan sorriu.

– Chega de bancar a babá. Ren veio buscá-la na sua última volta.

Olhei por cima do ombro dele e, como esperado, Randi não estava mais lá.

– Então... quer trocar de roupa e terminar de ficar agarradinha comigo na sala de TV?

– Achei que nunca fosse me chamar.

Soltei um gritinho enquanto ele me carregava pelos degraus da piscina até o chuveiro.

Naquela noite, quando o *Deschen* levantou âncora, Kishan, a tripulação e eu fizemos questão de que Ren acompanhasse Randi para fora do iate.

Ren sorriu e se abaixou para dar um beijo na bochecha dela. Murmurou algo bem baixinho e a apertou com força para se despedir. Kishan deu um sorriso sarcástico.

– O quê? O que foi? – perguntei.

Ele sussurrou:

– Ren a chamou de *sukhada motha*. "Uma erva daninha deliciosa."

– Ele é mesmo bom para apelidos – comentei, rindo.

Randi veio na nossa direção e agarrou o braço de Kishan. Em um sussurro exagerado, ela disse:

– Espero que a sua namoradinha não tenha se incomodado de eu ter visto você no chuveiro. Tenho certeza de que ela vai entender. Por favor, entre em contato comigo *quando quiser*.

Ela enfiou um cartão cor-de-rosa na mão de Kishan e apertou os seios fartos contra o peito dele quando foi lhe dar um beijinho na bochecha, resvalando o canto da boca de propósito. Deu uma piscadela para mim e desceu a rampa rebolando, jogando o quadril de um lado para outro, feito um sino de igreja.

Assim que os saltos altos de Randi estavam fora de vista, ouviram-se murmúrios entre os funcionários, que já estavam prendendo a rampa na lateral do iate, para o caso de ela resolver voltar.

Kishan limpou a boca com as costas da mão e resmungou.

– Minha mãe teria comido essa aí no café da manhã.

– É mesmo?

Isso me fez sorrir.

– É – confirmou ele. – Você, por outro lado, ela iria adorar.

Ele me segurou pelos ombros e, quando voltávamos para o andar de cima, fui procurar Ren, mas ele tinha desaparecido.

Quando o *Deschen* finalmente levantou âncora, todos no navio soltaram um suspiro coletivo de alívio.

13

Lady Bicho-da-Seda

Depois de o iate começar a se mover, fui à casa do leme visitar o capitão.

– Olá, Srta. Kelsey. Como estamos?

– Oi, capitão Dixon.

– Pode me chamar de Dix.

– Certo, Dix. O Sr. Kadam pediu que eu lhe trouxesse o jantar, já que o senhor não teve oportunidade de comer hoje à noite.

Ele sorriu e deu uma olhada em mim, então voltou o olhar à janela.

– Coloque ali, por favor.

Pousei a bandeja, apoiei o quadril no painel e fiquei observando o trabalho dele em silêncio.

Ele me olhou pelo canto do olho.

– Se me permite dizer, parece que está mais à vontade do que esteve em muito tempo.

Fiz que sim com a cabeça.

– Ando melhor, sim. Kishan cuida bem de mim, e nós finalmente nos livramos da megera do mar.

– Nossa. Feliz foi a hora em que ela saiu do iate.

Eu dei risada.

– Ouvi dizer que o senhor trancou a casa do leme.

– Ela vinha aqui me azucrinar a qualquer hora do dia e da noite. Ficava reclamando que estava enjoada por causa do balanço da embarcação e todo o tipo de bobagem. – Ele ajustou alguns instrumentos e pegou a bandeja com o

jantar. – Será que pode fazer companhia a um velho lobo do mar enquanto ele janta?

– Claro.

Ele se afundou na cadeira de capitão e suspirou.

– Cada vez que ajeito meus ossos velhos numa cadeira, fica mais difícil sair dela.

Eu me acomodei na cadeira ao seu lado.

– Uma boa cadeira vale seu peso em ouro, dizia minha mãe.

Ele deu uma risada gostosa.

– É verdade. Tem muito velho que prefere se acomodar numa boa cadeira a ser rico.

– Quanto tempo até a nossa próxima parada?

Ele mastigou e engoliu.

– Espero que não façamos mais nenhuma parada. Pelo menos não para pegar passageiros. Meu plano é ir direto para o Templo da Praia. Acho que vamos ficar no mar mais ou menos uma semana.

Batemos papo até que ele terminasse o jantar. Ele conferiu os instrumentos e disse:

– Gostaria de ouvir mais uma história do mar hoje, Srta. Kelsey?

– Tem mais alguma na ponta da língua?

– O dia em que este capitão ficar sem histórias vai ser o dia em que vou entregar meu quepe.

Sorri e cruzei as pernas para me sentar numa posição confortável.

– Pode começar, então. Estou pronta.

Ele empurrou o quepe para trás e coçou a testa.

– Já observou as aves marinhas quando voam pelo oceano?

– Algumas vezes.

– Se olhar com atenção, vai vê-las carregando gravetos e galhos e às vezes pedras. Elas jogam tudo na água.

– Por que fazem isso?

– Ouça e aprenda. Era uma vez uma linda donzela chamada Jingwei que adorava o mar. Ela tinha um barquinho e passava muitas horas na água. Ela saía remando de manhã e só voltava ao anoitecer. Durante muitos anos, as águas do mar a aceitaram, mas havia um capitão charmoso, um homem atraente, quase

tão bonito quanto eu.

Ele agitou as sobrancelhas e me fez dar risada.

– Jingwei se apaixonou pelo capitão e quis singrar as ondas com ele. Mas ele queria que ela ficasse em casa e cuidasse da família. "A água não é lugar para mulher", ele dizia.

– O que ela fez? – perguntei.

– Ela lhe disse que, se não pudesse ir para o mar, então ele também não podia. Os dois se estabeleceram perto da praia, mas sentiam saudade do mar. Um dia Jingwei disse a ele que ia ter um bebê. Os dois ficaram felizes durante um tempo. Mas, quando o outro não estava por perto, ambos paravam para admirar o mar. O capitão pensava que um filho faria com que a mulher ficasse em casa. Então saiu para pescar bem cedo de manhã. O mar, porém, estava esperando por isso. Sabe, as águas do mar são amantes ciumentas e estavam muito bravas com os dois. A maré subiu e engoliu o barco. Jingwei, pesada com a gravidez, ficou esperando o marido o dia inteiro, mas ele nunca voltou. Mais tarde, recebeu a notícia de que ele tinha se afogado. Ela pegou seu barquinho e saiu remando. Então brandiu o punho fechado para o mar e perguntou por que tinha levado seu marido.

– O que aconteceu, então?

– As águas do mar deram risada e disseram que todos os capitães bonitos pertenciam a elas, e que Jingwei não podia roubá-los.

– Hum... parece Randi falando.

Dixon soltou uma gargalhada.

– Ah, isso é bem verdade. Jingwei retrucou e ameaçou, mas as águas do mar só enviaram bolhas de risada para a praia. Quando se cansaram de escutar, mandaram uma onda grande para afogar Jingwei, mas Jingwei era mágica e transformou o próprio corpo em ave. É por isso que as aves marinhas soltam pios estridentes na praia. Estão dando bronca nas águas do mar. Elas jogam pedras e paus na água a fim de encher o mar, para que nenhum outro homem se afogue. Mas e as águas do mar? Elas continuam dando risada, não é mesmo? Se escutar com atenção, vai ouvir as bolhas. Esta é a história de Jingwei e a fronteira final.

– O que significa *a fronteira final*?

– A fronteira final são as águas da terra. A água é abundante em todo o

planeta, e é seu principal recurso. Existe em muito mais quantidade do que a terra.

– Você está aqui! – exclamou Kishan, que estava apoiado no batente da porta e sorria.

– Oi! – Eu me levantei e o abracei pela cintura. – Estava só escutando mais uma história.

– Que bom. Pode me contar mais tarde. – Ele ergueu os olhos. – O senhor se incomoda se eu roubar Kelsey pelo restante da noite, capitão?

– Claro que não – disse o velho lobo do mar. – Só se assegure de fazer com que ela fique longe das águas hoje à noite. O mar tem ouvidos. Gosta de afogar jovens amantes.

Eu dei risada.

– Boa noite, Dix.

– Boa noite, Srta. Kelsey.

Kishan me puxou num abraço depois que descemos a escada, e eu enfiei a cabeça embaixo do queixo dele.

– Senti a sua falta – disse ele. – Vamos caminhar um pouco.

O cenário era muito romântico. A lua cheia tinha acabado de aparecer no céu, e a água negra estava lisa como seda. Ela batia suavemente contra o casco do iate e sussurrava segredos conforme a embarcação avançava, entrando em seu abraço frio. Milhares de estrelas reluzentes enfeitavam o céu noturno, que parecia infinito. Imaginei que fossem lanternas deixadas ali para guiar capitães bonitos de volta para casa, para as mulheres que os amavam. Algumas iam ficando mais fracas com o passar dos anos, mas outras brilhavam com força, exigindo ser notadas.

Não havia terra a vista, apenas a água iluminada pelo luar. Ficamos na amurada, observando. Tremi de frio, e Kishan me puxou contra o peito e me envolveu com os braços. Aconchegada a ele, eu relaxei, sonolenta.

– Isso é gostoso – murmurei.

Ele colocou a cabeça perto da minha e disse:

– Hummmm... é mesmo.

Ele esfregou meus braços nus até esquentarem e depois começou a fazer uma massagem leve nos meus ombros. Suspirei de prazer e fiquei olhando distraída para a lua enquanto meus pensamentos vagavam. Aliás, eu me desliguei tanto

do entorno que nem reparei quando Kishan começou a beijar meu pescoço.

Uma de suas mãos acariciava meu braço e a outra enlaçava minha cintura. Ele deu beijos suaves no meu ombro, depois seus lábios se deslocaram para o arco do meu pescoço. Seu avanço era lento, deixando uma trilha de formigamento para trás. Quando chegou ao meu cabelo, estendeu a mão, pegou meu braço e me virou com delicadeza de frente para ele.

Meu coração começou a bater forte. Ele correu as mãos pelos meus braços mais uma vez, pegou meu rosto e enfiou os dedos no meu cabelo. Sorriu e seus olhos dourados reluziram com o brilho das estrelas.

– Pronto. Está vendo? Ainda sobrou muito cabelo para enfiar as mãos.

Dei um sorriso nervoso. Ele inclinou minha cabeça para o lado, chegou mais perto e deu beijos sedosos e leves no meu pescoço.

– Sabe quanto tempo faz que eu queria tocar em você assim? – murmurou baixinho. Eu balancei a cabeça e senti o sorriso dele quando seus lábios roçaram minha clavícula. – Parece que faz anos. Hummm... é melhor do que eu imaginava. Seu cheiro é delicioso. É tão bom tocar em você...

Ele foi do meu pescoço à minha testa com beijinhos lentos. Eu o abracei pela cintura e fechei os olhos. O peito dele roncou contra o meu. Ele beijou minhas pálpebras, meu nariz e minhas bochechas com lábios quentes e macios. Fez com que eu me sentisse querida e valorizada, e eu me deleitei com o seu toque.

Minha pele formigava por onde ele passara os dedos. Meu coração bateu mais rápido quando ele sussurrou meu nome, e respondi chegando mais perto, num movimento involuntário. Esperei que encostasse os lábios nos meus, mas ele, com toda a paciência, beijou devagar todas as outras partes do meu rosto e passou a ponta dos dedos pela minha pele, parecendo deleitar-se com cada doce carícia. Seus beijos eram carinhosos, amorosos, delicados e... *errados*.

Pensamentos indesejados surgiram, e eu não consegui deixá-los de lado, por mais que tentasse. Apesar dos meus esforços para deter minha batalha interna, para mantê-la escondida, ela veio à tona. Kishan fez uma pausa e levantou a cabeça. Vi sua expressão mudar de adoração e felicidade para surpresa e, no fim, resignação e desilusão. Segurando meu rosto com as mãos, ele enxugou as lágrimas da minha bochecha e perguntou, triste:

– É tão difícil assim me amar, Kelsey?

Baixei a cabeça e fechei os olhos.

Ele deu um passo para longe de mim e voltou a se inclinar sobre a amurada enquanto eu enxugava as lágrimas com as mãos. Eu estava irritada comigo mesma por haver estragado esse momento afetuoso entre nós e principalmente por tê-lo magoado. O arrependimento tomou conta de mim. Eu me virei para ele, passei a mão em suas costas e enlacei meu braço no dele. Apoiei a cabeça em seu ombro.

– Desculpe. E, não... não é nem um pouco difícil amar você.

– Não, *eu* é que peço desculpa. Apressei as coisas.

Balancei a cabeça.

– Não, tudo bem. Não sei por que eu estava chorando.

Ele se virou para mim, pegou minha mão e ficou brincando com meus dedos.

– *Eu* sei. E não quero que nosso primeiro beijo a faça chorar.

Dei um sorriso torto, tentando brincar.

– Este não foi nosso primeiro beijo. Está lembrado?

– Eu quis dizer o primeiro beijo que eu não roubei.

– Isso é verdade. Você é o *melhor* ladrão de beijos do mundo.

Bati nele com o ombro e apertei o braço dele para pedir desculpas, mas a tristeza ainda aparecia em seu rosto.

Ele fechou as mãos na amurada.

– Você ainda tem certeza sobre isso? Sobre mim?

Fiz que sim com a cabeça, encostada no ombro dele.

– Você me faz feliz. Sim, tenho certeza sobre isso. Vai tentar de novo?

Tentei me aninhar mais perto de seu corpo.

Ele me abraçou e me deu um beijo na testa.

– Outro dia. Venha. Estou a fim de uma história.

Descemos a escada de mãos dadas.

Passamos a semana toda sem ver Ren. De acordo com o rastreador, ele ficava escondido em algum lugar nos conveses inferiores do iate.

Kishan não voltou a tentar me beijar, pelo menos não como antes. Ele acariciava meu cabelo e me abraçava, massageava meus ombros e passava dias inteiros comigo, mas, quando eu chegava perto para dar um abraço de boa-noite nele antes de dormir, ele me segurava por alguns momentos e depois me beijava

na testa. Estava me dando mais tempo, o que me fazia sentir ao mesmo tempo aliviada e angustiada.

Passada uma semana, finalmente aportamos em Mahabalipuram, ou a Cidade dos Sete Pagodes. Agora estávamos do lado oposto da Índia, na costa oriental, flutuando na baía de Bengala, na ponta do oceano Índico.

Estava na hora de dar início à nossa terceira busca, e a ideia de encarar dragões me empolgava e me assustava ao mesmo tempo. Eu também estava louca para desembarcar. Kishan fez a gentileza de me levar para um passeio de moto. Passamos o dia visitando lojinhas. Ele comprou para mim uma pulseira linda, enfeitada com diamantes agrupados em forma de flores de lótus. Ele a deslizou no meu braço e disse:

– Sonhei que você usava um botão de lótus no cabelo. Esta pulseira me faz pensar em você.

Dei risada.

– Você provavelmente sonhou com lótus porque dormiu bem ao lado da mesa em que deixei a guirlanda de lótus de Durga.

– Talvez – disse ele com um sorriso. – Mas um sonho bom é um sonho bom. Por favor, use.

– Tudo bem. Mas só se deixar que eu compre algo para você também.

– Combinado.

Fiz com que ele me esperasse numa mesinha ao ar livre enquanto eu ia a uma loja. Minutos depois, eu me sentei, nervosa. Ele se inclinou para pegar minha sacola, mas eu não deixei.

– Espere. Antes de eu lhe dar isto, prometa que vai me deixar explicar para que serve e que não vai se ofender.

Kishan riu e estendeu a mão para receber a sacola.

– É muito difícil me ofender.

Ele tirou o presente da sacola, ansioso, ergueu-o e ficou olhando para o objeto, confuso, depois se voltou para mim com a sobrancelha arqueada.

– O que é isso?

– É uma coleira para um cachorrinho pequeno.

Ele segurou a coleira de couro preto entre o polegar e o indicador.

– Diz *Kishan* na lateral, em letras douradas. – Ele deu risada. – Você achou que isto ia servir em mim?

Peguei a coleira da mão dele e dei a volta na mesa.

– Estenda o braço, por favor.

Ele ficou me observando com curiosidade quando pus a coleira ao redor do braço dele e fechei a fivela. Não pareceu aborrecido, apenas confuso.

Comecei a explicar:

– Quando Ren se transformou em homem pela primeira vez, estava usando uma coleira. Ele a entregou para mim, para provar que era o tigre com quem eu estava viajando. Logo se livrou dela. Para ele, era um lembrete físico do cativeiro.

Kishan franziu a testa.

– Você me dá um presente e começa a falar de Ren?

– Espere, deixe-me terminar. Quando o conheci, você era selvagem, uma verdadeira criatura da floresta. Havia ignorado seu lado humano durante muitos anos. Achei que uma coleira pudesse simbolizar algo diferente, como o fato de ter sido resgatado, de voltar a ser parte do mundo, de pertencer a um lugar. Simboliza sua volta para casa. Que você tem um lar... comigo.

Larguei sua mão e mudei de posição, inquieta, esperando uma reação. Eu não conseguia decifrar a expressão dele. Kishan ficou olhando para mim, pensativo, durante alguns segundos. De repente, agarrou minha mão, me puxando para o colo dele, e a levou até os lábios.

– É um presente que sempre considerarei um tesouro. Sempre que olhar para ele, vou me lembrar de que sou seu.

Apertei minha testa contra a dele e suspirei de alívio.

– Que bom. Eu estava preocupada, achando que fosse detestar. Agora que está tudo acertado, podemos voltar para o iate? O Sr. Kadam quer fazer uma reunião com todos nós uma hora antes do pôr do sol, para que possamos ir ao Templo da Praia juntos. A menos que você ache melhor eu voltar e lhe comprar uma guia. Para não fugir por aí... – brinquei.

Com ar sombrio, ele pegou minha mão:

– Com coleira ou não, nunca vou sair do seu lado. Vá na frente, minha dona.

Ele sorriu contente e envolveu meus ombros com o braço.

Quando chegamos ao iate, o Sr. Kadam estava esperando no cais. Ren logo desceu a rampa, vindo de seu esconderijo mais recente. Depois que Kishan guardou a moto, nós quatro subimos na lancha.

O vento soprava meu cabelo no rosto, e olhei feliz para Kishan quando ele se virou para me examinar. Meu olhar se perdeu e de repente me peguei fitando os olhos azuis de Ren.

– Pulseira nova? – perguntou ele.

Olhei para os diamantes reluzentes e sorri.

– É.

– É... bonita. Combina com você.

– Obrigada.

– Eu... – começou, hesitante, e se ajeitou no assento.

– O que foi? – incentivei com gentileza.

– Estou feliz por você. Parece... contente.

– Ah. Acho que estou mesmo.

Apesar da alegria que eu sentia de estar com Kishan, percebi que havia um vazamento em algum lugar do meu coração, um buraco que não se fechava. Derramava uma decepção amarga que escorria para meus braços e pernas, e estar perto de Ren daquele jeito era o mesmo que espremer suco de limão no buraco. Ardia.

Deixei meus olhos irem para a água. Estendi a mão e deixei que ela molhasse meus dedos. Senti Ren continuar a me observar. Algo tangível faiscou entre nós, mas apenas por um instante. Um puxão que só durou um segundo.

Já era noite quando chegamos à praia. Os irmãos saltaram da lancha, arrastaram a proa até a areia e, usando uma corda comprida, amarram-na a um galho de árvore forte.

Examinei o templo enquanto caminhávamos em sua direção. Tinha forma de cone, mas com duas estruturas em vez de uma. O Sr. Kadam ficou para trás a fim de caminhar comigo enquanto Kishan e Ren avançavam com passos decididos. Os dois carregavam armas, só para garantir: Kishan, o *chakram*, e Ren, seu tridente novo.

– Senhor Kadam, por que este templo tem duas construções?

– Cada uma delas é um altar. Este templo específico tem três, mas não dá para ver o terceiro daqui. Ele se aninha entre os outros dois. O mais alto não chega a ter cinco andares.

– Quem é louvado aqui?

– Principalmente Shiva, mas, ao longo da história, outros deuses também

foram louvados aqui. O Templo da Praia é o único dentre os sete que ainda está acima da água. – Ele apontou para a parede. – Está vendo aquelas estátuas grandes ali?

– As vacas?

– Na verdade, são touros. Eles representam Nandi, o servo de Shiva.

– Achei que Nandi assumisse a forma de tubarão.

– E assume, mas também é conhecido por tomar forma de touro. Venha por aqui. Quero lhe mostrar uma coisa.

Caminhamos pelo pórtico de pedra e nos aproximamos de uma estátua que parecia um grande tigre com uma boneca presa à pata.

– O que é? – perguntei.

– É Durga com o tigre dela.

– Por que Durga é tão pequena?

Ele se inclinou para a frente e percorreu o entalhe com o dedo.

– Não sei ao certo. É só o estilo, suponho. Está vendo esta cavidade no peito do tigre?

– Estou.

– Provavelmente também era usada como altar.

– Será que devemos fazer uma oferenda aqui?

– Talvez. Vamos examinar o templo primeiro e ver o que mais encontramos.

Entramos no templo por um arco abobadado. O Sr. Kadam me disse que se chamava *gopuram*, a entrada ornamentada de um templo feita para provocar admiração e impressionar. Sua função é semelhante à dos portões do espírito japoneses. As pessoas que entram no templo devem sentir que estão se afastando das coisas mundanas e entrando em um lugar sagrado.

Alcançamos os irmãos e entramos juntos no templo sombrio. A escuridão lá dentro era ainda mais densa por causa dos beirais do telhado que barravam o luar. Kishan acendeu a lanterna para que pudéssemos nos orientar.

– Por aqui – disse o Sr. Kadam. – O santuário interno deve ficar exatamente embaixo do domo central.

Exploramos as duas estruturas menores primeiro e não encontramos nada fora do comum. O Sr. Kadam apontou para uma pedra sem entalhes no meio do espaço.

– Este é o *murti*... o ídolo, ou ícone, do altar.

– Mas não tem entalhes com significados.

– Um ícone não entalhado pode representar algo da mesma maneira que um entalhado. Esta sala é o *garbhagriha*, ou o útero do templo.

– Dá para ver por que é chamado de útero. É escuro aqui – comentei.

Todos nos aproximamos das paredes para examinar os entalhes. Estávamos fazendo isso havia apenas alguns minutos quando notei um vulto branco perto da porta. Virei a cabeça, mas não havia nada lá. O Sr. Kadam disse que estava na hora de irmos para o próximo altar. Ao passarmos por um arco que se abria para o exterior, olhei para o mar. Uma mulher bonita, vestida de branco com um véu fino no cabelo, estava parada na praia. Ela levou um dedo aos lábios ao olhar para mim, antes de se confundir com uma amoreira próxima.

– Kishan? Senhor Kadam?

– O que foi? – perguntou Kishan.

– Eu vi uma coisa. Uma mulher. Ela estava parada ali. Estava toda vestida de branco e parecia asiática. Ela meio que desapareceu quando entrou naquela amoreira.

Kishan se inclinou para fora e esquadrinhou o terreno.

– Não estou vendo nada agora, mas vamos ficar juntos.

– Certo.

Ele pegou minha mão quando entramos no altar seguinte. Passamos por Ren, em quem eu não tinha reparado, em pé na escuridão atrás de nós. Os braços dele estavam cruzados sobre o peito, numa de suas poses clássicas de "estou de olho em você". No altar seguinte, fiquei perto de Kishan enquanto examinávamos juntos os entalhes da parede. Encontrei o entalhe de uma mulher tecendo em um tear e acompanhei o traço com o dedo. Ao pé dela estava a cesta de novelos, e um deles havia se desenrolado. Curiosa, segui a linha fina passando por vários outros entalhes.

O fio estava amarrado ao tornozelo de um agricultor e depois um gato brincava com ele. Ele se estendia por uma plantação de trigo, onde o perdi e precisei estudar vários entalhes antes de voltar a encontrá-lo. Ele se juntava a um lenço amarrado no pescoço de uma mulher e depois se tecia numa corda grossa que ardia em chamas. Transformou-se numa rede de pesca, deu a volta numa árvore grande, fez um macaco tropeçar, foi segurado pela garra de uma ave e então... parou. Acabava no canto da sala e, apesar de eu ter procurado na

parede adjacente, não consegui encontrar continuação dele.

Apertei o polegar sobre a linha entalhada para sentir sua textura. Era tão fina que eu mal conseguia senti-la. Quando cheguei ao canto em que a trilha acabava, aconteceu algo estranho. Meu polegar brilhou em tom de vermelho – só meu polegar – e, quando me afastei da parede, vi uma borboleta sair de uma rachadura. Ela começou a bater as asas rápido, mas não voou. Eu a observei de perto e percebi que não era uma borboleta, mas uma grande mariposa branca.

Tinha pelos, grandes olhos pretos e antenas marrons felpudas que me lembraram os dentes de uma baleia-azul. Quando ela batia as asas, alguma coisa acontecia com a parede. Aquele trecho pequeno era liso, e isso era estranho, porque o restante da parede era coberto de entalhes rebuscados.

Linhas brancas finas apareceram, e todas irradiavam do fio entalhado que eu estava seguindo. Elas brilharam com uma luz tão intensa que precisei apertar os olhos para observá-las. Quando estendi a mão para tocar uma delas, a luz saltou da parede para a minha mão. Ao mesmo tempo, as linhas brancas explodiram com todas as cores do arco-íris. Elas fizeram o contorno do desenho em hena que Phet pintara na minha mão e logo ele começou a mudar de cor.

Eu me virei para olhar para Kishan, mas atrás de mim só havia escuridão. Eu não conseguia falar. Não podia fazer nada além de observar a parede enquanto as linhas iam se estendendo cada vez mais rápido. Estavam desenhando alguma coisa: uma mulher sentada ao lado de uma janela, bordando. Em um segundo eu estava parada ao lado da parede, olhando para o desenho, e, no seguinte, a mulher estava respirando e piscando, e eu estava dentro do desenho com ela. Era a mesma mulher que eu tinha visto na praia. Usava um vestido de seda branca com um véu fino no cabelo.

Ela sorriu e apontou para a cadeira à sua frente. Quando me sentei, a mulher me entregou um bastidor de bordado redondo com uma versão das mais adoráveis de Durga representada no tecido. Os pontos eram tão pequenos e delicados que o bordado lembrava uma pintura. Ela tinha criado flores que pareciam de verdade, e o cabelo de Durga saía de seu chapéu dourado em cachos que davam a impressão de serem tão macios que precisei tocar neles. A mulher me entregou uma agulha e uma caixinha cheia de pérolas pequeninas.

– O que deseja que eu faça?

– Durga precisa de seu colar.

– Eu nunca costurei com contas antes.

– Olhe aqui... elas têm buraquinhos. Vou mostrar como faz com as duas primeiras, e depois você pode terminar.

Com destreza, ela enfiou a linha na agulha, fez o menor dos pontos, enfiou a perolazinha na agulha, amarrou o fio ao redor dela e voltou a inserir a agulha no tecido. Eu a observei repetir o mesmo processo antes de me entregar a agulha e colocar a caixa de pérolas no peitoril da janela.

Ela pegou seu bastidor, escolheu um fio azul e continuou o trabalho. Depois que eu tinha afixado duas pérolas e ficado satisfeita com o meu trabalho, perguntei:

– Quem é você?

Ela não tirou os olhos do trabalho e respondeu:

– Sou chamada por muitos nomes, porém o mais comumente usado é Lady Bicho-da-Seda.

– Durga me mandou até você. Disse que ia nos guiar na nossa jornada.

De repente tive um insight.

– Ah! Você está na profecia. É a senhora que tece a seda.

Ela sorriu enquanto olhava para a agulha.

– Sim, eu teço e bordo seda. No passado, era só para isso que eu vivia, mas agora é minha penitência.

– Sua penitência?

– Sim. Por ter traído o homem que eu amava.

Larguei o bastidor no colo e olhei fixamente para ela. Ela ergueu os olhos e ficou apontando para mim até que peguei o bordado e continuei.

– Posso lhe contar o que aconteceu? – perguntou ela. – Faz muitos anos que não compartilho esta história com ninguém, e algo me diz que você vai compreender.

Fiz que sim com a cabeça, e então ela começou.

– Há muitos e muitos anos, as mulheres eram admiradas por sua habilidade no bordado. As meninas eram ensinadas ainda muito pequenas e as mais habilidosas eram convocadas para costurar para o imperador. Algumas, muito poucas, até se tornavam esposas de nobres e, por causa de sua habilidade, suas famílias eram bem-recompensadas. Na comemoração de ano-novo, meninas eram escolhidas para aprender o ofício. Elas se reuniam ao redor de uma tigela

de água e mergulhavam os dedos nas beiradas. Uma agulha era então colocada na superfície da água e girada. Quando parava, a menina para quem apontava era levada para receber treinamento especial em bordado. Meninas que nasciam com dedos longos e finos eram observadas com atenção, na esperança de que pudessem trazer fama e fortuna à família por meio dessa arte. Eu fui uma criança assim. Era elogiada por ser a operária da agulha mais talentosa de todo o império, e os desenhos que eu criava eram muito procurados pelos homens mais ricos. Meu pai recebeu 50 ofertas de casamento para mim antes que eu completasse 16 anos, mas rejeitou todas. Ele era um homem orgulhoso e achava que eu poderia receber ofertas ainda melhores quando fosse me aprimorando.

– Então, como conheceu aquele que veio a amar?

Ela estalou a língua.

– Paciência, mocinha. Para criar algo lindo, é necessário prática e muita paciência.

– Desculpe. Por favor, continue.

Ela se inclinou e examinou meu trabalho.

– Você até que tem alguma habilidade com a agulha, mas precisa tirar as duas últimas e refazer os pontos. Estão espaçados demais.

Dei uma olhada de perto no tecido. Pareciam uniformes para mim, mas o projeto era dela, por isso obedeci, desfiz os dois e recomecei.

– Alguns anos depois, quando eu estava com 20 anos, conheci um bonito rapaz que trabalhava com seda. A família dele criava as larvas, tecia e tingia os fios, e eram muito bons, os melhores do país. Depois que senti o fio refinado e vi a perfeição da tintura, fiz questão de só comprar deles. Eu tinha sido contratada para confeccionar o guarda-roupa da futura noiva do imperador. Ele planejara uma cerimônia fantástica, apesar de ainda não ter escolhido a felizarda. Meu pai recebeu uma bela quantia para me levar ao palácio. Eu iria morar lá durante um ano para bordar vestes maravilhosas e o véu nupcial da esposa do imperador. A perspectiva era emocionante para uma moça tão nova. Fui instalada em belos aposentos, perto do próprio imperador, e não me faltava nada. Quando minha família recebia permissão para me visitar, dava para ver a alegria que o fato de eu estar lá trazia a eles. Só havia dois problemas. O primeiro era que o imperador era muito seletivo e seus gostos mudavam a cada dia. Ele me visitava toda semana para conferir meu progresso. Era só eu começar um desenho que

ele mudava de ideia. Em uma semana ele queria passarinhos, flores na seguinte, dourado em uma semana, depois prateado e azul, vermelho, um lilás bem claro, um roxo mais profundo e assim por diante. O homem mudava de ideia com mais frequência do que trocava a água do banho. Talvez tenha sido por isso que demorou tanto tempo para escolher uma noiva.

Eu ri baixinho, e ela franziu a testa.

– O segundo problema foi que ele logo começou a fazer insinuações românticas em suas visitas. Quando eu mencionava sua noiva, ele dava risada e dizia: "Tenho certeza de que ela não vai se incomodar. Nem decidi que mulher vou escolher... Mas devo me casar até o fim do ano. Um imperador precisa de herdeiros, você não acha? Temos muito tempo para nos conhecer até lá, minha doçura." Eu assentia e dizia a ele que estava ocupada, e ele costumava me deixar em paz. Por causa dos gostos ecléticos e variados do imperador, passei a conhecer bem o rapaz que entregava os tecidos de seda. Ele estava sempre muito ocupado, trazendo fios e materiais novos. Às vezes ele se sentava e conversava comigo enquanto eu bordava. Logo comecei a ansiar pelas visitas dele, e não demorou muito para que eu começasse a inventar razões para que ele viesse. Era frequente eu me pegar sonhando acordada com ele, e meu trabalho começou a ser prejudicado.

Ela prosseguiu:

– Apesar de adorar bordar, perdi o entusiasmo pelos projetos e pelas atenções do imperador. Um dia eu estava olhando pela janela quando vi meu rapaz atravessando o pátio. A inspiração me bateu, e fiquei animada para começar um projeto novo, um que *eu* queria fazer. Nunca tinha criado nada que não houvesse sido encomendado. Trabalhava para outras pessoas desde pequena e nunca tinha tempo livre. Imaginei exatamente o que desejava criar: um presente para o meu jovem fornecedor de seda. Eu não consegui dormir, de tão envolvida que estava com minha tarefa. Trabalhava dia e noite, ciente de que o meu rapaz iria voltar a me visitar no final da semana seguinte. Finalmente, ele bateu à minha porta. Escondi minha criação nas costas e o convidei para entrar. Ele me cumprimentou com um sorriso caloroso e pousou seu pacote. "Tenho uma coisa para você", eu disse. "O que é?", ele perguntou. "Um presente, uma coisa que fiz para você." Os olhos dele se iluminaram de surpresa e alegria quando lhe entreguei o presente que tinha embalado em papel. Ele abriu com cuidado e

pegou o lenço. Amoreiras percorriam o tecido dourado e casulos de bicho-da-seda pendiam dos galhos. Mariposas brancas se acomodavam em algumas folhas e fios de seda de todas as cores envolviam uma lançadeira em cada ponta do lenço. Ele o segurou com cuidado nas mãos e tocou numa folha bordada. "É adorável", ele disse. "Nunca ganhei nada tão refinado." "Não foi nada", eu gaguejei. "Sei quanto tempo deve ter demorado para fazer isto. Você me deu algo de muito valor." Eu baixei os olhos e, com hesitação, disse: "Eu daria mais... se você pedisse." Foi aí que ele me tocou. Simplesmente deu um passo adiante e roçou minha bochecha com os dedos. "Não posso... ficar com você", ele declarou. "Ah", respondi, decepcionada, e me afastei. Ele prosseguiu: "Ah, não está me entendendo. Se houvesse qualquer coisa que eu pudesse fazer para torná-la minha, eu não hesitaria. Mas não sou rico. Certamente não tenho riqueza suficiente para alguém como você. Mas eu a *escolheria* se pudesse." Ele segurou meu rosto. "Por favor, acredite nisto", ele disse. Eu assenti e, quando ele saiu, tentei aceitar o fato de que não poderíamos ficar juntos. Ainda assim, eu o esperava semana após semana e, à medida que o ano foi passando, nós nos apaixonamos profundamente. Apesar da vergonha e da decepção que aquilo traria à minha família, eu disse a ele que meu amor era forte demais para ser negado. Fizemos planos para fugir em segredo e nos casar assim que eu terminasse a encomenda do imperador. Daríamos todas as riquezas para minha família e partiríamos. Ele arrumaria alguns bichos-da-seda, eu levaria minha habilidade e, juntos, poderíamos recomeçar a vida em alguma província distante.

A história ainda não tinha terminado.

– Finalmente, o ano chegou ao fim, e o imperador permitiu que eu terminasse o véu. Foi um trabalho bonito. Não era o meu melhor, porque esse pertencia ao meu amado, mas era bonito. O véu era rosa-claro com rosas em tom mais escuro bordadas nas barras. Quando o apresentei ao imperador, ele o ergueu por cima da minha cabeça e declarou que agora estava pronto para se casar com sua noiva. Então sugeriu que eu me preparasse. "Que eu me prepare para quê?", perguntei. "Para o casamento, é claro." "Devo ajudar sua noiva com o véu?" "Não, querida. *Você* é minha noiva." Algumas mulheres entraram no quarto para me ajudar a me preparar. Entrei em pânico e implorei ao imperador que me desse mais um dia. Disse a ele que precisava falar com meu pai. Ele

respondeu que meu pai tinha ficado contente e concordado com o casamento, e estava esperando para me acompanhar. Com pensamentos exaltados, falei que queria fazer um lenço cor-de-rosa para ele, para que combinasse com o véu. Ele deu tapinhas carinhosos na minha bochecha e disse que estava se sentindo generoso e iria me atender. Eu teria mais um dia. Mandei um recado imediatamente para o meu rapaz, exigindo que fios cor-de-rosa fossem entregues quanto antes. Quando ele chegou, eu o abracei. Ele retribuiu meu abraço e perguntou qual era o problema. Expliquei que o imperador tinha feito planos de se casar comigo e que meu pai havia aceitado. Implorei a ele que me levasse embora rápido, naquela noite. Ele disse que não achava possível escapar com os guardas de vigia no palácio, mas que conhecia alguém, um mago, que talvez pudesse ser subornado para nos ajudar. Pediu então que esperasse por ele, que alguém viria me buscar naquela noite e estaria usando o lenço que eu fizera para ele. Implorou para que eu confiasse nele.

– O que aconteceu? – perguntei. – Alguém apareceu?

– Sim. Um cavalo castanho, de puxar arado, apareceu.

– Um cavalo de puxar arado?

– Foi. Ele trotou devagar até a minha janela e relinchou baixinho. Estava com o lenço amarrado no pescoço.

– O cavalo estava usando o lenço? Onde estava o seu rapaz?

– Eu não sabia. Estava com medo. O cavalo bateu as patas e relinchou mais alto, mas eu fiquei à janela, torcendo as mãos. Não sabia o que fazer. Será que eu devia sair pela janela e montar no lombo do cavalo? Para onde eu iria depois? O cavalo ficou mais agitado e acabou alertando um guarda irritado, que tentou espantá-lo. Apareceram alguns homens para levar o cavalo até os estábulos, mas ele chutou, mordeu e relinchou bem alto. Finalmente, um dos guardas saiu e disse para que silenciassem o cavalo antes que acordasse o imperador. Nada que eles fizessem acalmava o animal. O lenço escorregou do pescoço dele e caiu na lama. Os soldados o pisotearam e estragaram o lindo presente. Chorei e fiquei imaginando onde o meu rapaz estaria. Fiquei desesperada, pensando que ele tinha levado um tiro ou morrido na estrada. Enfim conseguiram levar o cavalo embora, a fim de que todos pudessem se acomodar para passar a noite. O meu rapaz nunca apareceu. Passei a noite toda à janela, para ver se ele chegava. Na manhã seguinte, o imperador veio me buscar e me acompanhou até o quarto de

banhos. Fui banhada por várias mulheres, que me vestiram com as roupas lindas que eu tinha feito e, logo antes de eu ser conduzida ao grande salão, o imperador foi ao meu quarto, mandou que os criados saíssem e fechou a porta atrás de si. "Tenho um presente para você, minha cara." Ele me entregou o lenço que eu dera ao meu rapaz. Tinha sido lavado e passado, mas muitos dos pontos delicados estavam rasgados. Lágrimas escorreram pelo meu rosto. "Aconteceu uma coisa interessante ontem à noite. Parece que um cavalo de puxar arado entrou no terreno do palácio usando este mesmo lenço. Ele fez tanto barulho que os guardas o levaram embora e o trancaram nos estábulos. Na manhã seguinte, para nossa surpresa, não encontramos cavalo nenhum na baia, mas sim o fornecedor de seda. Perguntamos que tipo de magia ele tinha usado e o que estava fazendo ali. Ele se recusou a falar. Ainda se nega a revelar seu motivo para se infiltrar no meu palácio no meio da noite." O imperador encostou o lenço de leve no meu rosto e disse: "Só posso imaginar que tenha vindo para me assassinar. Como tem sorte por seu futuro marido estar a salvo." Antes que eu pudesse refletir sobre o que dizer, exclamei: "Ele não veio para assassiná-lo!" O imperador deixou a cabeça tombar, pensativo. "Não mesmo? Tem certeza? Você o conhece melhor do que qualquer outra pessoa aqui. Talvez tenha vindo aqui por um motivo completamente diferente. Por que acha que ele veio, querida?" "Eu... tenho certeza de que ele só estava me trazendo mais fio. Talvez houvesse sido enfeitiçado por um mago e precisasse de ajuda." "Hum... mas que sugestão interessante. Mas por que ele viria procurar você, e não a família dele? Ou talvez um dos guardas?" "Eu... não sei." "Venha comigo", ele disse.

Eu a ouvia emocionada, sem interrompê-la.

– Ele me fez ficar de frente para uma janela com vista para o pátio. Meu querido amor estava amarrado a um poste, e havia um homem ao seu lado com um chicote. O imperador ergueu e baixou a mão em um gesto abrupto. Ouvi o chicote estalar no ar e choraminguei, como se eu também pudesse sentir a dor do golpe que atingiu as costas do meu amor. O imperador sussurrou com frieza: "Achou que eu não fosse reconhecer o seu trabalho, querida? Você concedeu seus favores a este homem." Eu me encolhi ao ouvir o chicote estalar mais uma vez. "Por favor, não o machuque", eu implorei. "Você pode acabar com a tortura na hora que desejar. Apenas me diga que estou enganado e que este rapaz não veio atrás de você. Que tudo isso não passa de um simples mal-entendido. E...

diga bem alto para que todos possam escutar." Ouvi o gemido do meu amado e me voltei para o imperador. "Este rapaz..." "Mais alto, por favor. E assegure-se de que todos lá fora também estejam escutando." "Este rapaz não veio me buscar e eu não o amo! Não tenho desejo de vê-lo prejudicado! Ele é apenas um simples e pobre fornecedor de seda. Eu jamais iria me comprometer com alguém tão comum e miserável. Por favor, deixe que vá!" Meu amor ergueu a cabeça; seus olhos queimavam por causa da traição. Minha vontade era gritar que aquilo era mentira. Que eu o amava, *sim*. Que eu só queria ficar com *ele*, mas me mantive em silêncio, na esperança de salvar sua vida.

Que história mais triste, pensei.

– "Isso era tudo que eu precisava ouvir", disse o imperador. Ele gritou para os homens: "Acabem com o sofrimento dele." O imperador ergueu a mão e fez outro movimento de golpe no ar. O homem que segurava o chicote saiu da frente de uma fileira de arqueiros. Eles ergueram os arcos e encheram o peito do meu amor de flechas. Ele morreu acreditando que eu não me importava com ele, que já não o amava mais. Caí no chão, desesperada, enquanto o imperador ameaçava: "Lembre-se desta lição, minha cara. Eu *não* serei traído. Agora... recomponha-se para o nosso casamento." Quando ele saiu, eu me prostrei no chão e chorei com amargor. Ah, se eu tivesse confiado no que não entendia... Se não tivesse sido tão covarde, meu amor e eu poderíamos ter fugido e vivido felizes juntos. O tempo todo, ele era o cavalo. Ele tinha estado comigo, perto de mim, o tempo todo, e eu me recusei a enxergar. Por não ter visão, perdi tudo. Mais tarde, uma mulher bondosa pôs a mão no meu ombro e secou minhas lágrimas com seu lenço de seda. Ela disse que adorava meu trabalho e que meus dons ainda podiam ser usados para o benefício de outros. Aquela mulher era Durga. Ela se ofereceu para me levar embora, para me ajudar a fugir do imperador, mas eu disse que jamais poderia voltar a ter uma vida mortal. Ela pegou o lenço dourado do lugar em que eu o tinha derrubado e disse que meu mercador de seda sempre estaria por perto, porque eu tinha costurado amor em cada ponto. Então, aqui estou eu. Eu sou Lady Bicho-da-Seda. Até hoje envolta por meu casulo de mágoa. Bordando, sempre bordando. Eu bordo para unir os outros, mas continuo sozinha. Uno fios para dar significado à minha existência, para ter uma motivação. Sinto certa felicidade em ajudar outros casais a tecerem sua vida juntos.

Ela se inclinou para a frente.

– Mas lhe digo agora, mocinha: sem o seu amor, a vida não é nada. Sem o seu par, você fica totalmente sozinha. – Ela largou o bastidor e agarrou minhas mãos. – Acima de tudo, imploro para que você confie em quem ama.

Ela pegou o trabalho terminado do meu colo.

– Pronto. Está vendo? Você fez um excelente trabalho. – Ela sorriu. – Está na hora de voltar. Leve isto com você.

Ela tirou do bastidor o tecido que estava bordando, dobrou-o com cuidado e colocou-o nos meus braços.

– Mas eu...

Ela me silenciou com um olhar e me conduziu até a parede. Ergueu a mão delicada e passou o dedo por um fio entalhado.

– Não posso mais falar sobre isso hoje. A tristeza é grande demais. Está na hora de ir embora. Siga o bicho-da-seda, mocinha.

Ela pôs a mão em concha na parede e, quando a retirou, um bicho-da-seda branco estava preso ao fio entalhado. Quando ele começou a avançar pela linha, eu me virei para me despedir, mas Lady Bicho-da-Seda havia desaparecido. A larva foi avançando devagar até uma rachadura na parede e então escorregou para dentro dela. Para ver o que acontecia, toquei na mesma rachadura. Primeiro meus dedos e depois minha mão inteira desapareceram dentro da parede. Respirei fundo, dei um passo à frente e me vi envolta pela escuridão.

14

Sobre dragões e continentes perdidos

Estendi a mão à minha frente e fui apalpando às cegas. Arquejei quando senti dedos quentes tocando nos meus. Segui o puxão suave e permiti que me guiasse para a frente até bater numa barreira. Apalpei a superfície em busca de uma abertura. A mão que segurava a minha puxou com mais força e me tirou da escuridão com um estalo. Dei um encontrão em um peitoral masculino muito desenvolvido e fui abraçada. Eu tinha voltado para o salão principal, levemente mais bem-iluminado, do Templo da Praia.

Fiquei piscando e ergui os olhos para o rosto do meu libertador.

– Ren.

– Está tudo bem com você?

– Está sim. Obrigada.

Ele soltou um suspiro de alívio e tocou de leve numa mecha do meu cabelo.

Eu estava prestes a lhe fazer uma pergunta quando ouvi uma voz gritando:

– Kells? Senhor Kadam! Eu ouvi alguma coisa!

O Sr. Kadam e Kishan se aproximaram depressa, vindos de outra sala. Kishan me arrancou do abraço de Ren e me envolveu no dele.

– Onde você estava? – Ele se voltou para Ren. – Como a encontrou?

– Não sei – respondeu Ren. – Um entalhe de um cavalo com um lenço amarrado no pescoço apareceu nesta parede, e não estava aqui antes. O cavalo se transformou em homem e apontou para outro entalhe que apareceu de repente. Era de Kelsey sentada numa cadeira perto de uma janela, costurando. Quando toquei nela, minha mão desapareceu dentro da parede. Daí o entalhe de Kelsey

se levantou e se moveu na minha direção. Eu estendi a mão, toquei nos dedos dela e a puxei para mais perto. Quando vi, ela estava em pé na minha frente.

Kishan resmungou.

– Está tudo bem, *bilauta*? Está machucada?

– Não, estou bem. Quanto tempo fiquei fora?

O Sr. Kadam deu um passo adiante.

– Esteve sumida durante uma hora. Todo mundo estava ficando... *preocupado*.

Dava para ver pela expressão dele que tinha sido pior do que isso. Eu abracei Kishan e dei leves tapinhas no braço de Ren para reconfortar meus tigres.

– Eu estava fazendo uma visita a Lady Bicho-da-Seda. – Olhei para baixo e vi a seda dobrada acomodada no meu braço. – Vamos. Precisamos voltar para o iate. Tenho muita coisa para contar.

Logo deixamos o Templo da Praia e retornamos ao iate.

Kishan me abraçou.

– Fiquei preocupado, Kells.

– Estou bem. Deu tudo certo, e conseguimos o que viemos buscar.

– Não gosto que você desapareça assim. Não conseguíamos nem rastreá-la no GPS. Você simplesmente desapareceu. Seu pontinho sumiu.

– Sinto muito. – Dei-lhe um beijo na bochecha e apertei seu braço. – Até que a maldição seja quebrada, é provável que coisas inesperadas aconteçam a todos nós. Você sabe disso.

– Eu sei. – Ele beijou minha testa. – Eu só queria estar sempre presente para proteger você. É frustrante quando não posso fazer nada.

Apoiei a cabeça no ombro dele. Ren nos observava. Ele olhou para mim, pensativo, por um breve momento e então se virou para fitar o mar aberto. Quando estacionamos perto do iate, Ren saiu primeiro e logo desapareceu nas entranhas do navio. Kishan pulou para fora, ajudou o Sr. Kadam e depois estendeu a mão para mim. Fomos para o *lounge* perto dos quartos enquanto o Sr. Kadam questionava Nilima a respeito da tripulação.

Nós nos acomodamos: o Sr. Kadam na poltrona e Kishan e eu no sofá. Perguntei:

– Ren não quer saber o que aconteceu? Achei que ele fosse nos ajudar com isso.

– Depois explico tudo para ele – respondeu o Sr. Kadam. – Ele... só quer estar

presente quando realmente precisarmos dele.

– Entendi.

Segurei a língua e soltei um suspiro de resignação antes de pegar a mão de Kishan e contar a história de Lady Bicho-da-Seda, começando pela linha que eu tinha seguido na parede e concluindo com a saída por meio dela. O Sr. Kadam e Kishan ficaram em silêncio durante todo o relato. Quando terminei, estendi o presente de seda ao Sr. Kadam. Ele o desdobrou com cuidado.

Era um quimono de seda preta. Nas costas havia cinco dragões bordados com detalhes extraordinários. Pareciam mais serpentes chinesas do que dragões. Os corpos longos e sinuosos faziam curvas e voltas. Eles tinham barba, língua comprida e quatro patas curtas com pés em forma de garra. Na parte superior esquerda da frente do roupão havia um mapa com sete pontos e símbolos. O Sr. Kadam examinou a parte da frente atentamente, enquanto Kishan e eu olhávamos a parte de trás.

– Vermelho, branco, dourado, verde e azul. É, estes são os nossos dragões, sim. – Passei o dedo por um dos símbolos. – Kishan... olhe isto. – Apontei para o dragão vermelho. Parecia estar caminhando pelas estrelas. Um símbolo diferente rodeava cada um dos cinco dragões: estrelas, nuvens, relâmpagos, ondas e flocos de neve. – O que será que significam?

O Sr. Kadam pousou o quimono e foi até sua escrivaninha para destrancar uma gaveta de arquivo e pegar alguns papéis.

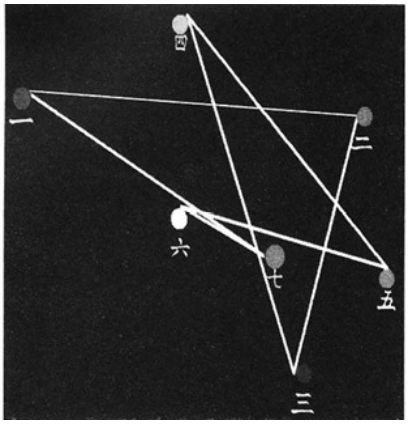
– Acredito que estejamos olhando para um mapa com instruções. Está nos dizendo para onde ir e qual dragão procurar primeiro.

– Como o senhor sabe? – perguntei.

– Os sete pontos são os sete pagodes. Este aqui é o Templo da Praia. Há números correspondentes escritos em chinês ao lado de cada templo. Está vendo aqui? O Templo da Praia tem o número um ao lado.

Ele traçou uma figura começando no símbolo que parecia um hífen e foi passando de ponto em ponto, seguindo a ordem numérica.

– É uma estrela! – exclamei.



– É, acredito que seja mesmo.

– Então, Sr. Kadam, está dizendo que devemos encontrar o primeiro dragão no templo ou pagode número dois?

– Isso mesmo.

– Há um pequeno problema com a sua teoria.

– É, eu sei.

Juntos, nós dissemos:

– Só existem cinco dragões.

Kishan se inclinou para a frente.

– Então, o que acha que está no último pagode?

O Sr. Kadam uniu as mãos e se recostou, batendo com o dedo nos lábios enquanto refletia. Finalmente, ele disse:

– Acho que o perigo não vem necessariamente dos dragões, mas do que encontrarem no último pagode. Na mitologia chinesa, os dragões são reverenciados por serem prestativos, sobretudo os dragões de água.

– Então, por que precisamos seguir a ordem? Se sabemos que o Colar de Durga está escondido no último pagode, por que não vamos direto para lá e já terminamos com tudo? – indaguei.

O Sr. Kadam sacudiu a cabeça.

– Não. As instruções nos foram dadas por um motivo. Talvez os dragões guiem vocês ou os ajudem a chegar ao templo seguinte. Vocês não puderam pular as quatro casas em Shangri-lá. Tiveram que ser testados em cada uma delas antes de se provarem dignos de seguir em frente. Desconfio que o encontro com os dragões será um teste semelhante.

Soltei um gemido. O Sr. Kadam começou a nos contar algumas histórias a respeito de dragões e, antes de que eu me desse conta, tinha caído no sono no ombro de Kishan.

Acordei com a risada do Sr. Kadam.

– Que tal vocês dois irem dormir enquanto eu estudo isso aqui um pouco mais? Amanhã compartilharei o que tiver descoberto sobre os sete pagodes. Encontrem-me aqui depois do café da manhã.

Kishan apertou minha mão quando eu assenti, sonolenta. Demos boa-noite para o Sr. Kadam e Kishan me acompanhou até o quarto.

Depois de escovar os dentes e vestir o pijama no banheiro, encontrei Kishan deitado na minha cama, vestindo só uma calça de pijama que se acomodava perigosamente baixa em sua cintura.

– Hã... o que está acontecendo? – gaguejei, nervosa.

Ele abriu bem os olhos dourados e me encarou.

– Achei que poderíamos passar um tempo juntos, se não estiver muito cansada.

– Ah.

Ele deu tapinhas no espaço na cama ao lado dele e eu me aproximei, hesitante.

Qual é o meu problema? Ele é o meu namorado, não é? Se fosse Ren na cama, eu não teria hesitado. Por que fico tão nervosa com Kishan?

Ele me observou por um tempo, com um misto de curiosidade e uma pontada de tristeza, por isso apaguei os pensamentos errantes da minha cabeça e me deitei ao seu lado. Ele me abraçou, me aninhou em seu peito largo e quente e esfregou minhas costas. Acabei relaxando e a sonolência voltou a tomar conta de mim.

– Qual é o problema? – perguntou ele, baixinho.

– Nada, não. Acho que eu fico nervosa com a ideia de proximidade física com você.

Ouvi um ronco no peito dele.

– Não precisa ficar nervosa comigo, Kells. Eu nunca iria machucar você.

Minha mente retornou com um estalo a um fogo que brilhava na cor verde. Eu estava aninhada nos braços de Ren quando ele disse palavras parecidas. *Kelsey, espero que saiba que eu jamais machucaria você.* Meu coração bateu descontrolado. Por um segundo, parecia que ele ia se rasgar ao meio.

Coloquei o braço por cima do peito de Kishan e o abracei.

– Eu sei que você não iria me machucar. É normal que duas pessoas que estão se conhecendo se sintam... hesitantes e um pouco sem jeito. Não leve para o lado pessoal. Eu gosto de ficar assim com você.

– Que bom – resmungou ele. – Porque eu não vou sair daqui. – Ele pegou a minha mão e a apertou contra o peito, prendendo-a ali. – Você está cansada?

– Estou. Você não?

– Ainda não. Pode dormir.

Eu me acomodei no ombro dele e dormi, sem nem notar quando ele se transformou em tigre.

Na manhã seguinte, depois do café da manhã, nós nos encontramos com o Sr. Kadam, que tinha disposto sobre a mesa toda a sua pesquisa a respeito da Cidade dos Sete Pagodes.

– Os primeiros relatos documentados sobre a cidade são descrições feitas por John Goldingham em 1798. Ele falou sobre sete pagodes construídos perto do mar. Ou ele escreveu a partir de relatos orais ou não estavam submersos na época. Como eu disse antes, há rumores de que Marco Polo tenha visitado a cidade, já que ela aparece em um de seus mapas catalães de 1275, mas não há registro da visita. O que mais me interessa nesta cidade são as conexões que encontrei com Shangri-lá.

– Quais são exatamente as conexões com Shangri-lá? – perguntei.

– Está lembrada das sociedades utópicas que pesquisamos e de como a história do dilúvio tinha características comuns em todas as culturas?

– Estou.

– Em Shangri-lá, vocês encontraram objetos que atravessavam fronteiras míticas entre diversos povos. Os corvos Hugin e Munin dos nórdicos, as sereias dos gregos, o Mestre do Oceano do Tibete, os portões do espírito do Japão, até os *kappa* dos chineses em Kishkindha... todas essas coisas vão além das fronteiras da Índia e, por isso, comecei a explorar cidades que submergiram relatadas em outras culturas. Sendo que a mais famosa é...

– Atlântida.

O Sr. Kadam sorriu para mim.

– Correto. Atlântida.

– O que é Atlântida? – quis saber Kishan.

O Sr. Kadam se voltou para ele.

– Dizem que Atlântida foi uma criação fictícia de Platão, apesar de alguns estudiosos acreditarem que a história seja baseada em fatos reais. De acordo com a lenda, a ilha de Atlântida era uma terra linda que pertencia a Poseidon. O rei da ilha era o filho de Poseidon, Atlas, que é de onde vem o nome. Dizia-se que a ilha era maior do que a Austrália e se localizava no oceano Atlântico, que também recebeu este nome por causa de Atlas, aliás, e ficava a vários quilômetros dos Pilares de Hércules, ou estreito de Gibraltar. Poseidon tinha orgulho do filho e do povo forte e corajoso que vivia na ilha. Apesar de aquele paraíso oferecer às pessoas tudo que elas poderiam desejar, elas se tornaram gananciosas e queriam sempre mais. Elas sabiam que terras ricas não estavam longe, por isso os habitantes de Atlântida criaram um exército e começaram a conquistar o território dentro dos Pilares de Hércules. Esse acontecimento em si foi tolerado pelos deuses, mas o povo de Atlântida também forçou os conquistados à escravidão. Os deuses se reuniram para discutir o que estava acontecendo, e medidas de intervenção foram tomadas. Terremotos, incêndios e enchentes foram mandadas para humilhar o povo de Atlântida, mas a sede de poder e riqueza era tão grande que eles se recusaram a mudar seu modo de agir. Finalmente, os deuses obrigaram Poseidon a destruir Atlântida. Ele fez os mares subirem e causou grandes terremotos para dilacerar a terra. Em sua ira, lançou pedaços da ilha desmembrada pelo mar, onde ela afundou para o esquecimento. Atlas, que tinha sido um matemático e astrônomo sábio, foi castigado pelos deuses e forçado a carregar o peso dos céus.

– Espere um minuto, achei que Atlas carregasse o mundo nas costas – comentei.

– Não. Na verdade, ele carregava o céu. Homero disse que Atlas era "aquele que conhece as profundezas de todo o mar, que mantém os pilares altos e que segura o céu e a terra separados". Dizem que, quando Atlântida foi destruída e os pedaços foram espalhados, Atlas foi tomado por um grande desespero e pela agonia por seu povo. Os deuses ficaram decepcionados com ele e, pior ainda, ele perdeu o respeito do pai. Conforme cada pedaço ia sendo arrancado, Atlas sentia como se fossem arrancados de seu próprio peito. Ele se enlutou ao

carregar o peso de sua cidade perdida. É por isso que tantas imagens de Atlas o mostram encurvado, em desespero, cumprindo sua tarefa.

– Eu não fazia ideia. Bom, o senhor disse que há outras cidades submersas. Não ouvi falar de nenhuma.

– Existem muitas cidades submersas. Mais do que eu sou capaz de nomear. Cada história que pesquiso me leva a mais cinco. Há Meropis, relatada por Teopompo; o continente perdido de Mu que afundou no Pacífico, entre a Polinésia e o Japão; e a Lemúria, uma terra perdida que foi inundada ou no oceano Índico ou no Pacífico. Depois há Kumari Kandam, um reino apelidado de Terra da Pureza, submerso na extremidade sul da Índia, e Ys ou Ker-Is da Bretanha. Os dinamarqueses têm Vineta; o Egito tem Menutis e Heraklion; a Jamaica tem Port Royal; e a Argentina tem Santa Fe la Vieja. Algumas dessas cidades foram encontradas e outras permanecem apenas nas histórias contadas por diversas culturas. O ponto em comum é que o povo deixou os deuses irados e foi castigado pelo mar. Muitas das lendas dizem que ir buscar essas cidades é ir atrás da maldição que as condenou.

– Existe uma maldição assim para a Cidade dos Sete Pagodes? – perguntei.

– Não sei. Espero que não. Talvez, ao seguirmos o desenho de Lady Bicho-da-Seda, evitemos ser vítimas do mesmo destino. Talvez o mar nos poupe.

O Sr. Kadam mostrou desenhos que encontrara dos cinco dragões.

– Na cultura chinesa, cada dragão tem um território determinado, um para cada ponto cardeal: norte, sul, leste e oeste. Assim, sobra o quinto dragão.

– Talvez ele não tenha território ou seja o ponto central da bússola – sugeri.

– Sim. De fato há menção de um dragão sem lar, mas desconfio que o centro da bússola seja mais preciso neste caso. Eles também são chamados de dragões dos cinco oceanos.

– Quais são os cinco oceanos?

– O oceano do norte é o Ártico, o Pacífico é o do leste, o Atlântico é o do oeste, o oceano Índico é o do meio e o oceano Austral é o do sul.

– Então, temos um oceano para cada dragão. Acha que precisamos ir a todos os oceanos?

– Não. Acredito que vamos achar o que buscamos aqui. Talvez eles sejam convocados.

Peguei um papel com a foto de uma dança chinesa do dragão.

– Eu vi uma dessas danças no casamento a que fui com Li.

Entreguei a foto a Kishan enquanto o Sr. Kadam explicava:

– A dança do dragão costuma ser apresentada no ano-novo chinês. Ela homenageia o dragão e pede que ele conceda coisas boas para o ano que está chegando. Os dragões trazem chuva, cuidam das vias aquáticas, guardam tesouros e conferem força, riqueza, boa sorte e fertilidade. Em séculos passados, o povo chinês até já se autodenominou Filhos do Dragão. Em um casamento, os noivos pedem aos dragões que abençoem o enlace; no ano-novo, os pedidos se aplicam a todos os cidadãos. Também tenho pesquisado um pouco sobre cores. Parece que cada cor tem poderes e características diferentes. Os dragões vermelhos e negros são ferozes e destruidores. Eles causam tempestades violentas, duelam nas nuvens e acredita-se que sejam a fonte dos raios e dos trovões. Os dragões negros são considerados maldosos e ardilosos. Os vermelhos estão associados a todos os símbolos da mesma cor: sangue, raiva, amor, fogo, paixão, vulcões. Os azuis são mais pacíficos. Gostam de gelo e de águas frias. Os dourados são os reis e rainhas dos dragões; eles escondem a riqueza. Os verdes podem curar e promovem o bem-estar, mas também causam terremotos, cospem ácido e comem seres humanos. Os brancos são ponderados e sábios; só são vistos raramente, contam meias-verdades, são arautos da morte e suas escamas brilham como espelhos.

– Parece ótimo.

Kishan me envolveu com o braço e apertou meu ombro.

– Lembre-se, Srta. Kelsey, de que isto aqui é só pesquisa. Os seus dragões podem ser semelhantes a estes ou totalmente diferentes.

– Eu sei.

– Metade da pesquisa sobre cabaças nunca se aplicou, está lembrada?

– Sim, eu me lembro. Mesmo assim, é bom estar preparada.

Kishan sugeriu:

– Talvez fosse bom estudar as maneiras de matá-los, só para garantir.

O Sr. Kadam concordou e passou mais duas horas descrevendo vários tipos de dragões e suas propensões. Ele falou sobre os reis-serpente indianos, sobre palácios submarinos de cristal onde os dragões se alimentavam de opalas e pérolas e eram servidos por caranguejos e peixes.

Mencionou padrões climáticos causados por dragões, como trombas d'água,

tufões e furacões. Falou de dragões barbados, peludos, de cauda longa, de rabo curto, com cinco garras, quatro garras, alguns que eram capazes de voar, outros que viviam em cavernas, alguns que cuspiam fogo e lhes deu nome: Ao Guang, Ao Qin, Ao Run e Ao Shun, os dragões chineses dos quatro pontos cardeais. Ele não sabia qual seria o nome do quinto dragão.

Quando o Sr. Kadam ficou satisfeito, acreditando que nós sabíamos tudo o que havia para saber a respeito de dragões, ele sugeriu que fôssemos até a casa do leme examinar alguns mapas do capitão. Quando mencionei almoçar no convés superior, ele disse que iríamos depender do Fruto Dourado porque tinha dado o dia de folga para toda a tripulação, incluindo o capitão e seu imediato.

Peguei o Fruto Dourado enquanto o Sr. Kadam reunia suas anotações com cuidado e voltava a trancá-las na gaveta da escrivaninha. Então nós três fomos até a casa do leme. Ele levou o quimono bordado consigo para poder comparar os mapas. Quando chegamos, ele apanhou um grande mapa plastificado da baía de Bengala. O Fruto fez sanduíches e melão fatiado, que ofereci ao Sr. Kadam, mas ele recusou, de tão concentrado que estava em seu exame do mapa. Kishan e eu comemos sem ele.

Quando terminei, peguei o quimono e contornei com o dedo o dragão vermelho antes de colocá-lo, com o lado do dragão para baixo, na prateleira acima da fileira de monitores. Pus o dedo no Templo da Praia e segui a linha costurada por cima do ponto vermelho, o primeiro dos sete pagodes. O ponto vermelho cresceu e minha mão começou a brilhar. Os fios se soltaram e começaram a se recosturar com uma agulha invisível. Eles desapareceram do outro lado do quimono.

Nervosa, chamei Kishan e o Sr. Kadam, que estavam debruçados sobre o mapa, quando virei o quimono. Os pontos vermelhos ainda estavam se movendo e só pararam quando chegaram ao dragão vermelho. O dragão piscou e rugiu antes de se acomodar no tecido mais uma vez.

Em pânico, gritei:

– O que eu fiz? O que aconteceu?

O Sr. Kadam correu e pousou a mão no meu braço, mas então parou.

– Você sentiu isso, Kishan? – perguntou.

– Senti.

– O quê? O que foi? – indaguei.

Os dois se voltaram para a janela e olharam para o mar.
– Alguém pode me dizer o que está acontecendo?
Kishan pôs as mãos nos meus ombros.
– É o iate, Kells. Estamos nos movendo.

15

A estrela do dragão vermelho

— Estamos nos movendo? Como isso é possível?

– Não sei dizer – respondeu o Sr. Kadam, conferindo os instrumentos do navio rapidamente. – Está tudo desligado. Ainda deveríamos estar ancorados.

Peguei o quimono e o virei do outro lado mais uma vez.

– Senhor Kadam, veja isto.

Um barquinho bordado tinha aparecido na parte da frente do quimono e, enquanto observávamos, ele avançou um ponto. Estava se dirigindo para o ponto vermelho.

O Sr. Kadam se virou com rapidez.

– Kishan? Será que você poderia subir no alto da casa do leme e dar uma olhada ao redor? Observe nossa direção e a localização da cidade.

Kishan voltou pouco tempo depois, com uma expressão de incredulidade no rosto.

– Com base no sol, estamos nos dirigindo para o leste. Mas não tem cidade *nenhuma*. Não tem litoral. Nada além de água nos rodeia por quilômetros.

O Sr. Kadam assentiu, como se já estivesse esperando por isso.

– Por favor, localize Ren e Nilima e peça que venham à casa do leme.

Kishan me olhou e deu um leve sorriso, então se virou e saiu.

O Sr. Kadam ficou mexendo nos instrumentos por mais um instante e então franziu a testa.

– Qual é o problema? – perguntei.

– Nada está ligando. Não devíamos estar nos movendo. Os motores estão

desativados. A âncora continua baixada, de acordo com isto aqui. Nada está funcionando: satélite, rádio... está tudo fora do ar.

Quando Kishan voltou com os outros, Nilima e o Sr. Kadam começaram a tentar acompanhar nosso progresso em um mapa grande da melhor maneira possível. O Sr. Kadam mandou que Ren e Kishan conferissem a âncora. Ele me pediu que ficasse de olho na bússola e gritasse as direções, mas a bússola só girava. Apontava para o leste durante alguns segundos e então passava para o sul, depois para o oeste, depois de volta para o leste. O Sr. Kadam acabou pedindo que eu observasse o horizonte em vez da bússola. Não podíamos manobrar o iate, mas eu devia ficar de olho em possíveis obstáculos enquanto ele e Nilima tentavam descobrir o que fazer.

Ren e Kishan voltaram e informaram que a âncora estava sendo arrastada atrás de nós, como uma balsa. Tiveram que içá-la manualmente. Tentamos usar os celulares, mas não havia sinal. Nós cinco passamos a tarde em silêncio na casa do leme, comunicando apenas o necessário. Sem dizer nada, todos sabíamos que havíamos entrado em outro mundo: um mundo sem as regras e fronteiras a que estávamos acostumados. Um mundo em que dragões reinavam sobre os mares e tudo o que tínhamos para nos proteger eram nossas armas e a pesquisa do Sr. Kadam.

Dava para sentir a mudança no ar. O calor abafado do verão indiano tinha sumido e o ar estava pesado, úmido e frio, mais parecido com o ar perto do mar no Oregon. Kishan preparou nosso equipamento de mergulho só para garantir. A temperatura tinha caído dos 30 e poucos graus para cerca de 15. Ren pegou nossas armas e um casaco e Fanindra para mim. Não me agasalhei, mas agradeci e deslizei a cobra pelo braço.

Estava na hora de todos nos prepararmos. Ren me ajudou a prender o arco e a aljava de flechas douradas nas costas com uma tira de tecido do Lenço Divino. Ele me fez treinar segurar o arco algumas vezes. Pediu ao Lenço Divino que se encolhesse até o tamanho de uma fita de cabelo e, depois de olhar bem para o meu cabelo cortado, amarrou-o com segurança no meu pulso. O Fruto Dourado foi colocado em um saco e guardado na aljava com as flechas.

Ren tinha feito para si mesmo um cinto com o Lenço Divino, com alças de tecido para a *gada* e o tridente. Quando Kishan voltou, Ren lhe entregou um cinto similar, com uma alça para o *chakram*. Kishan pendurou o *kamandal* no

pescoço e nós ficamos um tempo olhando pela janela em silêncio: eu entre meus dois guerreiros. Estávamos prontos para a batalha.

O Sr. Kadam e Nilima nos chamaram até o quimono para nos dizer que haviam desistido de tentar entender onde estávamos. Ren, Kishan e eu assentimos, compreensivos. Nós três sabíamos que, uma vez começada a caçada, não haveria mapas; não haveria caminho racional a tomar. Dependíamos da sorte e do destino para nos levar ao lugar a que precisávamos ir.

A tarde rapidamente se transformou em noite. Estávamos a mais de meio caminho do ponto vermelho agora. Com base na velocidade com que estávamos nos movendo pelo quimono, o Sr. Kadam achou que chegaríamos por volta da meia-noite. Não estávamos dispostos a ir para o convés inferior, por isso nós três (Kishan, Ren e eu) nos dirigimos para o alto da casa do leme. Usei o Lenço para fazer almofadas. Apesar do meu nervosismo, do desconforto de Fanindra no meu braço e do arco e das flechas nas minhas costas, caí no sono, encostada no peito de Kishan.

Algumas horas depois, Kishan me sacudiu com gentileza para me acordar. Eu pisquei para abrir meus olhos sonolentos e vi sua perna comprida na calça jeans esticada à minha frente. No meio do sono, eu passara a usar a coxa dele como travesseiro.

Soltei um gemido e esfreguei o pescoço dolorido.

– O que foi?

As mãos quentes de Kishan começaram a massagear meus músculos.

– Não foi nada. É só que a minha perna estava ficando dormente.

Eu dei risada e então fiz uma careta quando ele atingiu um ponto dolorido.

– Bom, acho que posso dizer com segurança que doeu mais em mim do que em você.

Ergui os olhos e vi a forma silenciosa de Ren parada o mais longe possível. Ele observava o horizonte, sempre vigilante.

– Ren? Por que não faz um intervalo e deixa que eu ou Kishan fiquemos de vigia um pouco?

Ren virou a cabeça para que eu pudesse ver seu perfil.

– Está tudo bem. Pode dormir, Kells.

Quando ele se virou de novo, fiquei olhando-o, confusa.

– Ei, agora vocês conseguem passar mais de 12 horas na forma de homens?

Ren fez que sim e Kishan disse:

– Para mim, faz 14 horas. Parece que estamos em uma zona em que não há necessidade de ser tigre.

Eu me sentei.

– Estou com fome. Que horas são?

– Quinze para a meia-noite – respondeu Ren. – Eu também gostaria de comer alguma coisa.

Kishan se levantou e se espreguiçou.

– Eu fico de vigia. Você pode comer algo com Kelsey.

Ren hesitou, mas deu um passo para o lado e se sentou a uns dois metros de mim.

– O que você quer? – perguntei a ele com gentileza.

Ele deu de ombros.

– Tanto faz. Pode escolher.

Eu desejei pipoca com refrigerante em garrafas geladas. Dei uma tigela gigantesca a Ren e levei outra para Kishan, que me deu um beijo na testa e se virou para observar o horizonte escuro mais uma vez.

Depois que me acomodei e comecei a comer o petisco quente e amanteigado da minha própria tigela, olhei para Ren, que fitava a pipoca.

– Alguma coisa errada? – perguntei.

– Não. Está bom. É só que... o gosto está diferente.

– Como assim? Você já comeu pipoca antes.

– Esta aqui é doce.

– Ah. Você sempre comia pipoca doce no Oregon.

Ele pegou um grão de milho estourado e o examinou. Resmungou baixinho para si mesmo:

– Um vestido azul. Eu derrubei a tigela.

– O que você disse? – perguntei.

– Hã? – Ele olhou para cima com um gesto abrupto. – Ah. Nada. Está gostosa.

Comemos em silêncio. Virei a garrafa de refrigerante e olhei para o céu.

– Olhe só para aquilo. – Eu apontei. – As estrelas estão tão brilhantes!

Ren empurrou a tigela vazia e o refrigerante para longe e se recostou nas almofadas com as mãos atrás da cabeça.

– Tem razão. Elas estão muito brilhantes. Mais do que o normal. Está ven-

do aquela constelação ali?

– Aquela à direita?

– Não.

Ren deslizou para mais perto, de modo que sua cabeça estava apoiada na minha, e pegou meu pulso com gentileza. Ele moveu meu braço até meu dedo apontar para uma estrela muito brilhante. Meu coração começou a bater mais forte e meu rosto ficou corado. Um cheiro leve de sândalo misturado com maresia vinha do cabelo dele, que fazia cócegas na minha bochecha. Ele mexeu meu braço para mostrar um caminho de estrela a estrela.

– Está vendo agora?

Prendi a respiração.

– Estou. É como uma cobra.

Ele concordou e soltou meu pulso. Em seguida deslizou para longe e pôs os braços embaixo da cabeça mais uma vez.

– Chama-se Draco, dragão em latim.

– Faz sentido.

– Ele vigia os pomos de ouro de Hera, dizem os gregos. Outros afirmam que é a serpente que tentou Eva.

– Isso é interessante. O que você acha de... Ren! Você viu aquilo?

– O quê?

– Ali! Olhe para a constelação Draco. Está se mexendo.

Ele espiou o céu noturno, mas nada aconteceu. Eu estava prestes a sugerir que devia ter sido minha imaginação me pregando uma peça quando vi diversas estrelas piscando. Elas começaram a mudar e se mover, ficando maiores e distorcidas.

Ren se levantou.

– Eu vi. Kishan, proteja Kelsey. Eu já volto.

Ren desapareceu pela lateral da casa do leme enquanto eu instruía o Lenço Divino a desfazer as almofadas e o Fruto Dourado a levar embora as tigelas e as garrafas. Kishan e eu assumimos a posição de batalha que ele tinha me ensinado. Eu estava pronta para usar meu poder de raio se fosse necessário. Kishan soltou o *chakram* do cinto.

Uma forma preta ondulante veio na nossa direção. Ela distorcia a noite como se o céu fosse o lado de baixo de um cobertor e algo grande rolasse pela parte de

cima. As estrelas inchavam e tremiam à medida que aquilo se movia.

Senti uma mão tocar no meu braço. Ren tinha assumido posição de batalha com o tridente do meu outro lado. Nós nos viramos enquanto a forma dava voltas acima de nós, mantendo-a em nossa linha de visão. De repente, o céu pareceu inchar e rasgar, e uma forma escura passou pelo rasgo.

Uma cabeça surgiu, seguida por um corpo comprido e sinuoso. Ele arremetia e se contorcia no ar, como uma pipa. Foi rodeando o iate em ritmo lento e despreocupado, cada vez mais baixo, até que pudéssemos ver com clareza o que era: um dragão. Mas não era o tipo de dragão que eu já tinha visto em filmes. Parecia mais uma cobra. Não tinha asas; em vez disso, ele serpenteava pelo ar como uma cascavel na areia. Este não era, com toda a certeza, o dragão de são Jorge; lembrava mais os desenhos de dragões chineses que o Sr. Kadam havia nos mostrado.

Bolsões de ar úmido batiam contra nós, e um silêncio pesado se espalhou ao nosso redor como se nossos ouvidos tivessem sido tapados. O mar se acalmara; seu pretume refletia a luz das estrelas, de modo que parecia que estávamos parados no meio do espaço. O dragão chegou mais perto. Sua barriga era preta, mas a parte de cima era rajada de vermelho, e parecia brilhar com uma luz vermelha que era fracamente refletida na água escura lá embaixo.

Sua cabeça tinha o tamanho de um Fusca. Longos filamentos pretos e vermelhos saíam de suas bochechas com barba negra. Enquanto se movia pelo céu, suas quatro patas curtas com garras estocavam o ar. O corpo vinha na nossa direção e os bolsões de ar que ele deixava em seu rastro iam de encontro ao iate feito ondas. O dragão voou ao redor da embarcação mais uma vez. Agora estava tão perto que todo o seu corpo a rodeava. Escamas brilhantes, mais ou menos do tamanho de pratos, cobriam toda a sua extensão e brilhavam com a luz das estrelas. Sua cabeça se aproximou e parou perto de nós. Nós o encaramos enquanto ela subia e descia no ar.

Narinas enormes sopravam ar frio sobre nós e um olho enorme com cílios compridos piscou e nos olhou fixamente. Uma íris vermelha com pupila preta nos examinou, pensativa. Dei um passo para a frente e olhei no fundo daquele olho brilhante. Ele reluziu no meio, como se houvesse uma estrela presa lá dentro.

– Chegue para trás, Kelsey – advertiu Kishan, baixinho.

Eu me afastei e ele e Ren deram um passo para a frente e inclinaram o corpo de leve na minha direção, prontos para me defender de um ataque. O dragão sacudiu a cabeça e a enorme barba preta ondulou e se assentou. Sua mandíbula enorme se abriu e uma língua comprida e vermelha rolou para fora, como se estivesse provando o ar, e depois se recolheu, enrolando-se para dentro da boca cheia de dentes.

O navio de repente tombou para um lado e depois para outro. Kishan e Ren se mantiveram firmes e me escoraram até que a embarcação se nivelasse. Eu me virei por um instante e vi que o dragão tinha envolvido o iate com seu corpo comprido. Ren e Kishan não desviavam o olhar do dragão. A criatura tremeu delicadamente e suas orelhas pontudas e cobertas de penugem preta se voltaram para as estrelas, como se estivessem escutando uma mensagem que só ele podia ouvir.

Sua mandíbula se abriu um pouco, quase como se ele estivesse sorrindo para mim, e ouvi uma voz na minha cabeça ressoar como sininhos.

Měnghǔ, wǒ jiào Lóngjūn.

Confusa, ergui os olhos para Ren, que sussurrou:

– Ele disse: "Tigres ferozes, meu nome é Lóngjūn, o Dragão do Oeste."

Kishan deu um passo adiante e falou várias palavras em mandarim. Ren foi traduzindo baixinho:

– Ele perguntou se o grande dragão também sabe falar inglês.

Ouvi a voz tilintante na minha cabeça mais uma vez, e o dragão abriu e boca e mexeu a cabeça de cima para baixo, como se estivesse dando risada.

Sim. Eu também sei falar esta língua, apesar de não ser tão bonita quanto a minha.

O olho piscou e eu observei, fascinada, os cílios que tremulavam.

Vocês vieram me pedir um favor. Não é verdade?

– Viemos – respondi com a voz trêmula.

Diga qual é o seu favor e eu direi qual é o meu preço.

Nós nos agitamos, pouco à vontade. Ren perguntou:

– Se o preço for alto demais, será que podemos negociar?

Sim.

A língua comprida e bifurcada saiu para sentir o gosto do ar perto de Ren. Ren não arredou pé e a língua recuou.

– Tudo bem – disse Kishan. – Estamos procurando o Colar de Pérolas Negras de Durga.

Ah, então precisam visitar meus irmãos. Posso mostrar como achá-los, em troca...

– Em troca de quê? – perguntei com hesitação.

O dragão ajeitou o corpo enquanto pensava, e o navio tombou para um lado. Eu caí com tudo em cima de Ren, mas ele me segurou com facilidade e me firmou.

O item de que precisam para encontrar meus irmãos está no meu palácio do céu. Um de vocês teria que me acompanhar até lá para pegar.

Kishan respondeu:

– Eu vou.

Mas, esperem, disse o dragão. *Se quiserem levar o item com vocês, devem me dar algo em troca. Esperem um momento enquanto considero... Ah, sim. Uma de minhas estrelas perdeu o brilho. Precisam consertá-la.*

– Quer que nós consertemos uma estrela? Como se faz isso? – indaguei.

Vocês é que devem descobrir a maneira de repará-la.

– Certo. Então, como chegamos lá em cima?

Desta vez, quando a cabeça virou, a língua comprida saiu para experimentar o ar perto de mim.

Você é corajosa, mocinha?

Ren murmurou baixinho:

– Ela é a mulher mais corajosa que eu conheço.

Eu me virei para olhar para ele, mas ainda estava encarando o dragão. O animal enorme produziu um som na nossa mente, o equivalente a um rosnado de dragão, suponho.

Se vocês três tiverem coragem, podem chegar às estrelas no meu lombo.

Eu já tinha dado vários passos adiante antes de Ren e Kishan estenderem o braço para me deter. Kishan disse:

– Nós vamos, Kelsey. Você fica aqui.

– Vocês sabem que vão precisar de mim. Os dois estarão comigo. Vai ficar tudo bem.

Eu me aproximei do olho do dragão e baixei a cabeça em sinal de respeito.

– Lóngjūn, posso subir no seu lombo?

O dragão abriu a boca e uma risada tilintante soou na minha cabeça.

Tão educada. Pode sim, minha cara. Você e seus tigres podem subir no meu lombo. Mas eu os aviso agora: se caírem, eu não os salvarei. Deem um jeito de ficar bem firmes. Podem segurar nas protuberâncias da parte da trás da minha cabeça, se quiserem.

Quando o dragão vermelho abaixou a cabeça, eu me aproximei dele e toquei numa protuberância preto-avermelhada que se escondia entre os filamentos peludos e ásperos das bochechas e da cabeça do dragão. A protuberância na verdade era mais parecida com um chifre. Havia duas, ambas saindo da parte de trás da cabeça. Elas eram macias e arredondadas nas pontas e tinham uma cobertura preta aveludada que me lembraram chifres novos crescendo na cabeça de um cervo jovem.

Ren deu um passo e subiu no lombo do dragão. Kishan se sentou atrás dele, mas deixou espaço suficiente para que eu me acomodasse entre os dois.

Ren examinou os chifres até encontrar um bom lugar para segurar. Com um solavanco repentino, o dragão ergueu a cabeça e o corpo do navio. Subimos por muitos metros no ar em apenas alguns segundos e então mergulhamos na direção do mar com a mesma rapidez. Agarrei-me à cintura de Ren com a maior força possível e pressionei o rosto contra as costas dele, mas ainda assim senti meu peso se erguer no ar durante a queda.

Tive uma epifania durante a descida e pedi mentalmente ao Lenço Divino que amarrasse nossos corpos ao do dragão. Não consegui escutar o sussurro dos fios com o uivo do vento, mas senti o tecido rodear minha cintura e apertar minhas coxas ao me prender ao animal. Foi bem na hora, porque depois que o dragão soltou o corpo do navio, ele mergulhou e rodopiou no ar numa velocidade assustadora.

Meu estômago se revirou quando subimos para o céu e viramos de cabeça para baixo, ficando nesta posição durante vários minutos antes de dar início a uma queda livre em espiral. Era como andar na montanha-russa mais assustadora do mundo, e a única coisa que me mantinha a salvo da morte certa era a força dos homens que me seguravam e as amarras do Lenço Divino.

O ar ia ficando mais frio à medida que íamos subindo, e logo eu não sabia mais onde estávamos. Minha respiração formava uma nuvenzinha e pairava no ar. Eu me espremi com mais força contra as costas de Ren, agradecida pela quentura

dos meus dois tigres. O mar estava tão preto e limpo que parecia o céu. Estávamos cavalgando com os ventos do Universo, no lombo de um dragão, rodeados por estrelas piscantes.

Conforme subíamos, as manobras de dar nó no estômago foram ficando mais lentas, e o dragão voltou à posição normal ao avançar e recuar pelo espaço. Achei que ele devia parecer uma sucuri gigantesca serpenteando preguiçosamente por um rio negro. Comecei a tremer e minha respiração ficou mais superficial. Kishan chegou mais perto e apertou a bochecha quente dele contra a minha. Como estávamos nos movendo devagar agora, ele soltou as mãos e ficou passando-as nos meus braços nus.

– Eu queria ter trazido aquele casaco.

Uma risada tilintante reverberou na minha mente.

As estrelas são brilhantes, mas frias. Enquanto eu estiver com vocês, não vão congelar. Olhem ali. É o meu palácio, expressou ele com orgulho.

Ergui os olhos e vi que o dragão vermelho estava se dirigindo para um aglomerado brilhante de estrelas. Ele foi avançando com velocidade cada vez maior, e Kishan voltou a se inclinar para a frente, segurando-se na cintura de Ren e me amassando entre os dois. A cabeça do dragão apontou para cima, e eu escorreguei para o peito de Kishan quando o dragão subiu na vertical pelo ar. As amarras do Lenço Divino nos apertaram e ameaçaram rasgar. Os braços de Ren se esticaram quando ele sustentou o peso de nós três, e senti as pernas de Kishan se apertarem quando ele se agarrou ao dragão. Eu não podia fazer nada além de me deitar no peito de Kishan e torcer para que os dois tivessem força suficiente para impedir que caíssemos.

Finalmente, o dragão voltou a ficar reto e Ren se inclinou para a frente, arfando. Ele também devia estar passando mal por estar tão perto de mim.

Ren olhou para trás por um instante, por cima do ombro. O rosto dele estava pálido e suado. Os braços dele, melados de suor, sacudiam com tremores. Senti uma espécie de ausência de peso. *É assim que deve ser a gravidade zero*, pensei. Meu cabelo começou a se levantar e meus braços ficaram leves, como se o mar estivesse fazendo meu corpo flutuar. Passei a ter muita consciência dos movimentos do dragão. Pude sentir seus músculos lisos se mexerem por baixo da pele. O rabo parecia estar nos impulsionando para a frente agora. Ele se agitava de um lado para outro feito um tubarão e todo o seu corpo

acompanhava o movimento.

O aglomerado de estrelas agora estava bem mais próximo e brilhante, mais brilhante do que qualquer coisa que eu já tinha visto. Radiava energia e pulsava com suavidade, como um farol. Ao nos aproximarmos, meu queixo caiu de espanto. O palácio do dragão parecia uma mansão de diamantes pairando no ar. Brilhava e refletia a luz em suas muitas facetas. Quando o dragão chegou bem perto, uma porta se abriu para um salão grande o suficiente para abrigar pelo menos dois aviões. O dragão deslizou de barriga pelo piso de diamante transparente, fez uma curva tão fechada que seu corpo dobrou no meio e parou.

Com um pedido sussurrado de Kishan, o Lenço Divino soltou as amarras e ele saltou para descer do animal. Escorreguei para os braços de Kishan, e ele então se voltou para Ren, que cambaleou ao descer do dragão e se encurvou, agarrando o braço de Kishan em busca de apoio. Eu me afastei vários passos e, depois de um momento, Ren fez um sinal com a cabeça para Kishan e ficou em pé.

O dragão estremeceu, e seu corpo começou a ter convulsões. Ele foi encolhendo; sua forma comprida diminuiu e se retorceu. Então, com um estalo, ele desapareceu e um homem tomou seu lugar. Ele tinha a pele negra e era muito bonito, com olhos vermelhos e vestes da mesma cor. Seus dentes brancos brilhavam em contraste com a pele. Ele fez uma breve mesura.

– Bem-vindos ao meu palácio do céu. Posso entretê-los com um jogo? Bebidas?

Kishan sacudiu a cabeça.

– Nós gostaríamos de tratar do que viemos pegar aqui.

– Ah, sim. Peço perdão. Faz muito tempo que não recebo visitas. – O homem-dragão mostrou todos os dentes em um sorriso. – Venham. Vou lhes mostrar o item de que vão precisar.

Ele nos conduziu através de sua mansão de diamante. Tudo brilhava e refletia nossa imagem. Eu me sentia em um labirinto de espelhos. Iria me perder num instante se não tivéssemos um guia. Ele nos levou até um pedestal que tinha em cima um objeto de diamante. Apertei os olhos por causa da luz, tentando distinguir o formato.

Kishan ergueu-o nas mãos e disse:

– Um sextante.

Eu me aproximei para inspecionar o equipamento pesado e vi um telescópio reluzente montado numa moldura de diamantes triangular. Havia números entalhados no arco ao longo da beirada. As partes que normalmente seriam de vidro e de metal eram feitas, em vez disso, de pedras preciosas lapidadas, de valor incalculável.

– Sim, é um sextante – disse o dragão vermelho. – Ele vai guiá-los ao meu irmão. Agora, vamos tratar do preço combinado.

Ele nos conduziu por uma porta que se abria para uma sacada e, além dela, só havia o espaço. O dragão apontou para um par de estrelas. Uma tinha um brilho fraco e a outra, forte.

– Vocês concordaram em consertar minha estrela.

Nós quatro ficamos olhando fixamente para as estrelas por um tempo, e então o dragão entrou e nos deixou lá pensando em silêncio sobre como consertar a estrela. Tentei usar meu poder de raio, mas ele não era capaz de atravessar a distância. Kishan quis jogar o *chakram*, mas fiquei preocupada em perdê-lo no espaço. Por não ter mais qualquer ideia, Kishan desapareceu dentro do palácio para falar com o dragão sobre outras opções e logo voltou.

– Lóngjūn concordou em jogar uma partida de xadrez com um de nós em vez disso. Se nós vencermos, levamos o sextante. Se perdermos, um de nós tem que ficar para trás.

– Isso não é nada bom – concluí. – Sou péssima em xadrez.

Ren e Kishan se entreolharam por um segundo, e então Ren disse:

– Você joga xadrez melhor. Kadam nem sempre consegue vencê-lo.

Kishan assentiu e desapareceu dentro do castelo. Ren e eu fomos atrás dele e assistimos ao jogo. O dragão ficou com as peças de diamante negro e Kishan pegou as claras. Kishan foi o primeiro. Depois de várias jogadas, comecei a temer que ele fosse perder. O dragão se recostou, sorrindo, e ficou esperando pacientemente pelo próximo movimento de Kishan. Entrei em pânico e cutuquei Ren com o cotovelo.

Ele me seguiu para o lado de fora, e eu lhe disse que queria experimentar mais uma coisa. Pedi o tridente. Ele o entregou, e eu usei o Lenço Divino para fazer centenas de metros de corda rígida e amarrei uma ponta à sacada. Também pedi que ele tecesse a outra ponta com firmeza ao redor do tridente.

Em seguida, entreguei o tridente a Ren.

Ele olhou para mim, confuso.

– O que você quer que eu faça com isso?

– Quero que jogue o tridente na estrela e puxe na nossa direção.

– Você acha que ele chega tão longe assim?

– Minha esperança é que o empuxo do espaço ajude a carregá-lo até lá. O Lenço pode criar mais corda conforme ele avançar e, se errarmos o alvo, é só puxar de volta. Eu mesma faria isso, mas você tem mais força no braço.

Ren concordou e deu um passo para a frente. Ele mirou com cuidado e lançou o tridente no espaço como se fosse uma flecha gigante. Logo ficou óbvio que tinha errado o alvo.

Fiz o Lenço Divino puxar de volta o tridente com a corda e logo Ren estava pronto para uma nova tentativa. Ouvimos o dragão berrar "Xeque!" todo feliz da outra sala e percebemos que nosso tempo estava acabando.

– Mire mais alto dessa vez. A luz da estrela está refletindo no palácio. Talvez esteja atrapalhando sua pontaria.

Dessa vez Ren acertou a mira e, quando o tridente disparou pelo espaço com uma vibração, ele continuou seu trajeto na direção da estrela. O impacto causou um estrondo distante. Agora vinha a parte difícil. Peguei a corda sedosa que o Lenço Divino fizera e pedi que recuasse enquanto Ren e eu a puxávamos. Fizemos muita força por um minuto e então sentimos a corda voltando. Puxamos até a estrela se soltar e começar a gravitar com rapidez na direção do palácio. Quando ela se aproximou, Ren ficou em pé na sacada e se escorou na parede para segurá-la.

Eu sabia que tudo que tinha acontecido era fisicamente impossível. Em primeiro lugar, as estrelas não se movem e, mesmo que se movessem, queimariam qualquer coisa que chegasse perto delas. Cheguei à conclusão de que seria melhor se eu não tentasse encontrar sentido no que acabara de ocorrer.

Ren arrancou o tridente da estrela e ordenou ao Lenço Divino que recolhesse toda a corda, então se voltou para mim.

– E agora?

– Agora usamos fogo.

Ergui a mão na direção da estrela enquanto a sensação conhecida de lava derretida queimava no meio do meu corpo e disparava pelo meu braço. Minha

mão brilhou e a luz branca foi disparada na direção da estrela. Investi toda a minha energia no raio e, apesar de a estrela ter bruxuleado mais forte, logo perdeu o brilho.

Ren deu um passo para a frente.

– Qual é o problema?

– Não sei.

– Tente de novo.

Levantei a mão e a luz branca disparou da minha palma mais uma vez, fortalecendo a estrela. Fiquei assim durante vários minutos, mas logo me senti exausta. Minha energia minguou. Ren pôs a mão no meu braço para me deter e, durante esse breve toque, uma luz quente, dourada e flamejante disparou da minha mão. A estrela brilhou três vezes mais. Parei e olhei para Ren, antes de dizer:

– Fique atrás de mim e segure meus braços.

Ele me fitou por um breve momento, mas baixei o olhar e me concentrei na estrela. Senti quando passou para trás de mim lentamente. Ergui a mão para disparar mais uma vez. A luz branca avançou. Ren pressionou o rosto contra o meu e deslizou as mãos pelos meus braços. Queimou. Ele entrelaçou os dedos nos meus e a luz ficou dourada e depois branca outra vez. Ela queimou com uma intensidade 10 vezes mais forte do que antes. A estrela pulsou, então se expandiu e brilhou com um núcleo dourado que depois começou a queimar em branco, de tão quente.

Mantive o raio por vários minutos. Ren começou a tremer de tanto esforço. Os dedos dele se apertaram e os braços se sacudiram. Parecia que eu estava queimando com ele. Minhas pernas falharam, e eu quase não consegui mais ficar em pé. Eu o ouvi gemer de dor. O calor que saía dos nossos dedos entrelaçados era terrível e brilhante.

Não demorou muito para que eu não conseguisse mais me sustentar em pé. Caí para trás contra o peito de Ren, e o fogo morreu. O sangue pulsava no meu corpo em sintonia com o brilho da estrela, disparando pelos meus braços onde a pele de Ren ainda tocava a minha. Apesar da agonia que eu sabia que ele estava sentindo, ele me segurou com delicadeza e me levou até a parede. Descansamos apoiados nela durante alguns instantes.

Ren se afastou alguns passos e se recostou, segurando a barriga e arfando. A

pele da bochecha dele, no lugar em que tinha pressionado a minha, e a parte de dentro de seus braços brilhavam com a mesma cor dourada da estrela. Surpresa, baixei os olhos para meus próprios braços e vi que brilhavam da mesma maneira. Levantei um braço cansado e observei a radiância ir enfraquecendo até desaparecer completamente.

Apoiei a cabeça contra a parede e fiquei observando Ren, apesar de mal conseguir manter os olhos abertos. Ele subiu na balaustrada da sacada, escorou os pés e segurou firme a estrela pulsante entre as mãos. Com um impulso hercúleo, lançou-a de volta ao espaço. No final, ela se acomodou em sua antiga posição.

Ren desceu e desabou sentado com as costas apoiadas na balaustrada. Ele jogou a cabeça para trás e fechou os olhos. Também fechei os meus, e nós dois ficamos lá sentados vários minutos, exaustos. Alguém sussurrou meu nome. Eu conhecia aquela voz. Eu a tinha escutado nos meus sonhos. Mantive os olhos bem fechados. Se eu os abrisse, ela iria embora.

– Kelsey.

Sacudi a cabeça em uma negação silenciosa e gemi baixinho.

– Kelsey.

Eu me contorci desconfortável e percebi que estava sentada ereta. *Por que fui dormir sentada?* Ele me chamou de novo.

– Kelsey.

Eu me esforcei para abrir os olhos e fiquei olhando para o palácio de diamante, confusa.

– Onde você está?

– Aqui.

Vi Ren ainda sentado no mesmo lugar, com a cabeça apoiada na balaustrada e as pernas compridas estendidas à sua frente, cruzadas na altura dos tornozelos.

Seus olhos estavam fixos em mim, e eu corei, me lembrando dos dedos dele entrelaçados nos meus. Seu olhar era abrasador.

– Está tudo bem com você? – perguntou.

Minha garganta fechou, minha língua parecia grossa. Lambi os lábios para conseguir falar e vi os olhos dele se apertarem. Respirei fundo e só assenti com a cabeça.

– Que bom.

Ele sorriu, então fechou os olhos e, naquele momento, ouvimos o dragão, Lóngjūn, gritar:

– Xeque-mate!

Kishan apareceu na varanda, arrasado, seguido pelo dragão exultante. Lóngjūn juntou as mãos e disse:

– Agora, vejamos. Qual de vocês gostaria de me fazer companhia aqui entre as estrelas?

Kishan imediatamente se ajoelhou ao meu lado e tirou uma mecha de cabelo do meu rosto.

– Você está legal? O que aconteceu?

Fiz que sim, fraca, e apontei para Ren, que estava sentado no chão com a cabeça apoiada nas mãos. Kishan conversou baixinho com Ren e então se voltou para mim. Ele se sentou ao meu lado e puxou meu corpo em um abraço. Eu me aninhei em seu peito, mas, quando abri os olhos, o olhar de Ren voltou a me capturar. Parecia que eu fitava um espelho d'água azul e reluzente. Na superfície, a água era calma, mas eu sentia que, se olhasse bem nas profundezas, ia ver a água agitada, irrequieta, cheia de pensamentos e lembranças que eu não podia acessar. Mas eu não conseguia enxergar através da superfície daqueles olhos. Não era capaz de arrancar o homem que eu conhecia das profundezas da própria mente. Ele se escondia de mim.

O dragão deu risada.

– Nenhum de vocês vai escolher? Ótimo. Eu mesmo escolho.

Ergui os olhos.

– Não vai poder escolher. Nós consertamos a sua estrela.

– Zěnme? – perguntou o dragão, incrédulo.

– Veja por si mesmo.

Ele foi até a sacada e espiou o céu.

– Como fizeram isso?

– Como você mesmo observou antes, nosso trabalho era descobrir como, não explicar para você.

O dragão franziu a testa e coçou a bochecha.

– Ainda assim... um jogo foi perdido. Preciso receber algum tipo de recompensa como vencedor.

Gemi e fiquei em pé. Kishan se levantou imediatamente para me ajudar.

– Será que isto o satisfaz?

Pus as mãos nos ombros do dragão e dei um beijo na bochecha dele. Sua pele era muito quente e grossa como couro. Ele pressionou a mão contra a bochecha, chocado.

– O que foi isso?

– Um beijo – disse Ren ao se levantar ao nosso lado. – Há homens que têm lutado muito por este favor.

Baixei os olhos e senti quando Kishan pegou minha mão e a apertou.

Os olhos do dragão piscaram.

– Um beijo. Sim. Estou satisfeito. Podem pegar o sextante e ir embora.

Ele se virou para sair, e eu disse:

– Lóngjūn? Será que poderia nos dar uma carona de volta ao navio?

O homem-dragão parou para considerar sua resposta.

– Sim. Se me der outro... *beijo*. Mas desta vez na minha verdadeira forma.

Concordei e começamos a seguir o dragão de volta, atravessando a casa de diamantes. Kishan pegou o sextante e pedimos ao Lenço Divino que criasse uma bolsa para carregá-lo.

Quando Kishan a prendeu nas costas, Lóngjūn nos deu um aviso:

– Vocês só podem usá-lo enquanto estiverem no meu reino e apenas para encontrar o meu irmão. Assim que deixarem nossos oceanos, ele retornará a mim.

Kishan ajustou o peso e fez uma mesura curta.

– Nossos agradecimentos, grande dragão.

O corpo dele estremeceu e entrou em erupção numa explosão de carne escamada que logo se espalhou pelo salão. Quando Ren se aproximou do dragão, toquei no braço dele, mas logo recolhi a mão. Ele se voltou para mim.

– Você vai ficar bem? – perguntei. – Precisa descansar mais?

Ele respirou profundamente e soltou o ar devagar.

– Vou ficar bem. Apenas se assegure de que as cordas estejam apertadas.

Ren e Kishan subiram no lombo do dragão enquanto me aproximei da cabeça avermelhada dele e dei um beijo caloroso na bochecha barbuda.

Enquanto o dragão balançava a cabeça enorme, ouvi uma risada tilintante na cabeça.

Que presente agradável. Monte logo, minha cara. As estrelas estão

empalidecendo.

Kishan me puxou para cima e, no instante em que pedi ao Lenço Divino que criasse cordas para amarrar nas nossas pernas e nos prender, o dragão vermelho deslizou pelo piso de seu palácio do céu e mergulhou no espaço como uma pedrinha indefesa em uma cachoeira.

16

O animal de estimação do dragão azul

Se subir pelo céu no lombo do dragão havia sido ruim, descer foi muito pior. Lóngjūn mergulhou centenas de metros na vertical, depois rodopiou e ondulou pelo espaço como uma cobra enorme. Os braços de Kishan estavam presos em volta de mim, me segurando bem firme. Caí contra as costas de Ren e fechei os olhos enquanto tentava desesperadamente não vomitar. Soltei um suspiro de alívio quando enfim chegamos à água.

No momento em que o dragão vermelho encontrou o mar, ele não submergiu, mas deslizou pela superfície. O oceano ainda estava calmo, felizmente, e o dragão disparou com rapidez por cima da água. Ao chegarmos ao iate, Lóngjūn ergueu a parte superior do corpo até a casa do leme para que descêssemos e sacudiu a cabeça com impaciência, motivando-nos a desembarcar o mais rápido possível.

Kishan e Ren saltaram rapidamente, mas eu não fui veloz o suficiente, por isso o dragão deu um último solavanco ligeiro com o corpo e me lançou pelo ar. Eu voei, berrando e ao mesmo tempo ouvindo uma risada tilintante. Quando comecei a cair pela lateral da casa do leme, tanto Ren quanto Kishan se inclinaram para me pegar pelos braços. Sem qualquer cerimônia, fui puxada para cima e pousei com um baque no deque, entre os irmãos.

Depois que consegui voltar a respirar, eu disse:

– Obrigada... eu acho.

Eu me virei para olhar pela beirada com os dois. Eles observavam a partida do dragão. O animal quicou na água, então encolheu o corpo e disparou pelo ar. Nós três acompanhamos seu voo cada vez mais alto para as estrelas, até que ele sumiu. Num piscar de olhos, tinha desaparecido.

De forma brusca, Ren pegou o sextante de Kishan e desapareceu pela lateral da casa do leme, para se consultar com o Sr. Kadam, concluí.

Kishan rolou na minha direção e, com um gesto delicado, afastou meu cabelo do rosto.

– Está tudo bem com você? – perguntou. – Está sentindo dor em algum lugar?

Eu ri, depois gemi.

– Estou sentindo dor mais ou menos no corpo todo, e poderia passar uma semana dormindo.

Kishan se apoiou no cotovelo.

– Venha. Vamos colocar você na cama.

Ele me ajudou a descer a escada da casa do leme e enfiou a cabeça lá dentro por um instante.

– Vou levar Kelsey para o quarto.

O Sr. Kadam assentiu e nos dispensou com um aceno, já absorto diante de seu novo brinquedo, mas Ren ergueu os olhos e me examinou brevemente antes de se inclinar para olhar algo que o Sr. Kadam lhe mostrava. Kishan me acompanhou até o quarto, tirou meu equipamento e meus sapatos e perguntou:

– Roupa ou pijama?

– Depende.

– Do quê?

– De você ficar e ajudar.

Ele sorriu e esfregou o queixo.

– Esta é uma questão interessante. O que você *quer* que eu faça?

Cutuquei o peito dele.

– Espere aqui que vou me trocar no banheiro.

Ele ficou com a cara no chão de decepção, e eu só pude dar risada.

Vesti meu pijama com os olhos fechados, de tão cansada que estava. Lavei o rosto, escovei os dentes e tateei meu caminho de volta até a cama. Minha mão esbarrou com o peitoral largo de Kishan e rapidamente fui pega no colo e deitada entre os lençóis frios. Kishan ajustou a luz para o brilho mais baixo

possível e se ajoelhou ao lado da cama.

Minha cabeça exausta se afundou no travesseiro imediatamente. Ajeitei o corpo de leve e gemi.

– O que está doendo, Kells?

– O cotovelo.

Ele examinou meu cotovelo roxo e deu um beijo suave nele.

– Algum outro lugar?

– Meu joelho.

Ele puxou o lençol e fez meu pijama sedoso deslizar acima do joelho. Apertou-o com delicadeza.

– Está ralado, mas acho que vai sarar. – Os lábios dele tocaram meu joelho e ele deu mais um beijo carinhoso. – E onde mais?

Sonolenta, apontei para a bochecha. Ele afastou meu cabelo para trás e me deu uma dezena de beijos na testa e nas bochechas. Seus lábios foram até minha orelha enquanto ele acariciava meu cabelo. Ele sussurrou:

– Eu amo você, Kelsey.

Eu estava prestes a responder quando caí no sono.

Dormi durante muito, muito tempo. Kishan não estava mais lá quando acordei. A água quente do chuveiro fazia doer minha pele machucada e esfolada. Por que será que eu não estava sarando com tanta rapidez quanto nos outros reinos? Desconfiei que ter energizado aquela estrela tinha me exaurido a tal ponto que meu corpo não estava conseguindo se recuperar. Ia consultar o Sr. Kadam sobre isso mais tarde.

Morrendo de fome, entrei na casa do leme, e Nilima, sempre gentil, preparou o café da manhã para mim, apesar de já ter passado muito da hora do jantar. Bebi um pouco de suco de maçã e levei meu prato até a mesa em que todos estavam trabalhando. Os rapazes pareciam bem descansados, mas o Sr. Kadam, não.

Pedi ao Fruto Dourado que preparasse para o Sr. Kadam uma xícara de chá de flor de laranjeira, o preferido dele, antes de me acomodar numa cadeira para saborear meu sanduíche tostado de cream cheese e morango. Ele me deu uma piscadela de agradecimento e tomou um gole da xícara antes de alongar as costas curvadas.

– Passou a noite... quer dizer, o dia todo trabalhando, não foi? – comentei.

O Sr. Kadam fez que sim com a cabeça e pegou o chá.

– Quando foi a última vez que comeu?

Ele deu de ombros, por isso pedi ao Fruto Dourado que criasse um bolinho quente de mirtilo com manteiga e mel para acompanhar o chá. Ele deu um sorriso e se sentou ao meu lado. Ren e Kishan se aproximaram ao mesmo tempo do mapa que estavam examinando, bateram a cabeça e gemeram um para o outro. Eu sorri e me voltei para o Sr. Kadam.

– Então, o que descobriram? Estamos nos movendo de novo, não estamos?

– Estamos, sim.

– Como é possível? Estamos avançando com nossos próprios motores?

– O satélite e alguns outros instrumentos ainda não estão funcionando, mas o motor voltou a ligar, apesar de isso não ajudar muito se não soubermos onde estamos. É aí que isto entra.

Ele estendeu a mão e me entregou um livrinho. Eu folheei as páginas e vi colunas de escrita chinesa.

– O que é isto?

– Por falta de um termo melhor, é um almanaque de dragões.

– Onde o conseguiu?

– Encontrei em um compartimento escondido embaixo do sextante. Estive traduzindo o texto.

Kishan se aproximou do leme e fez alguns ajustes.

– Agora sabemos qual é a latitude e a longitude do próximo dragão. Este inusitado sextante nos permite traçar nossa rota. Eu só preciso olhar pelo visor e encontrar a estrela do dragão seguinte. Nosso próximo amigo escamado é o azul. Uma vez que a estrela entra no campo de visão, o sextante gira e estala, quase como uma bússola. Esses movimentos nos dão uma longitude e uma latitude. Também diz quantas horas vamos demorar a chegar, dependendo da velocidade.

– Então, para que está usando o almanaque?

– O almanaque nos diz onde encontrar a estrela.

– Entendi. E quando acha que vamos chegar à toca do dragão azul?

– Com nossa atual velocidade e se o clima continuar assim... por volta das oito da manhã.

O Sr. Kadam pegou um caderno e uma caneta, e nós passamos uma hora conversando sobre o dragão vermelho e seu palácio de diamante. Ele já tinha se informado dos detalhes com Kishan e Ren, mas também queria minha versão. Respondi dezenas de perguntas, incluindo uma bem embaraçosa a respeito da luz dourada que eu usara para reavivar a estrela. Hesitei e falei:

– Ren já não contou o que aconteceu?

– Ele só me falou sobre puxar a estrela para perto com a ajuda do tridente e do Lenço. Disse que caberia a você me contar o restante.

– Ah.

Mordi o lábio inferior e me virei para ver que Ren tinha erguido a cabeça. Ele olhou para mim com expressão indecifrável e então voltou a se debruçar sobre o mapa, mas dava para perceber que continuava escutando a conversa. Kishan terminou o que estava fazendo no leme, passou o braço por trás dos meus ombros e me deu um beijo no alto da cabeça.

Pigarreei.

– Eu, hã... devo ter acertado um túnel de lava profundo ou algo assim. Não sei de onde veio a luz dourada. Talvez tenha algo a ver com este reino – eu menti.

O Sr. Kadam rabiscou algumas anotações em um bloco. Kishan apertou meus ombros e começou a massageá-los. Eu me arrisquei a dar uma olhada em Ren, mas ele havia desaparecido em silêncio. Soltei um suspiro de culpa. Não tinha certeza de por que eu sentia necessidade de manter o que acontecera entre mim e Ren em segredo. Eu sabia que aquilo poderia deixar Kishan magoado, mas não foi por isso que não falei nada. Eu simplesmente não era capaz de tocar no assunto. A experiência tinha sido muito... *íntima* entre nós dois, e parecia errado falar sobre ela.

Kishan, o Sr. Kadam e eu passamos várias horas juntos na casa do leme enquanto Nilima, cansada, tirava uma soneca. Eles me mostraram tudo que tinham descoberto enquanto eu dormia. O Sr. Kadam começou a me ensinar os fundamentos relativos aos instrumentos do iate, mas dava para ver que estava exausto. Kishan reparou na minha expressão de preocupação e disse ao Sr. Kadam que terminaria de me instruir em seu lugar. Depois de um pouco de negação e reclamação, nós finalmente o convencemos a tirar uma boa soneca. Prometemos que o acordaríamos se surgisse algum problema.

Kishan passou as horas seguintes me ensinando, com muita paciência, como o

navio funcionava. Ele não tinha tanta experiência quanto o Sr. Kadam ou Nilima, mas parecia que tinha aprendido rápido. Para passar o tempo, jogamos algumas partidas de ludo e compartilhamos mais uma refeição. Enquanto ele dava uma de capitão, eu escrevi no meu diário e li um pouco.

Durante um intervalo, eu me juntei a Kishan ao timão. Ele observava a água, calado. Esbarrei nele com o quadril.

– Um centavo pelos seus pensamentos.

Kishan se virou e sorriu, então me puxou para ficar na frente dele. Ele me abraçou pela cintura e apoiou o queixo no alto da minha cabeça.

– Não estou pensando em nada de mais, só que estou contente. Pela primeira vez em... séculos, estou feliz.

Dei risada.

– Então, você tem uma queda por lutar contra demônios e monstros?

– Não. Eu tenho uma queda por você. Você me faz feliz.

– Ah. – Eu me virei em seu abraço para ficar de frente para ele. – Você também me faz feliz.

Ele sorriu e tocou meu rosto. Seus olhos passaram para os meus lábios quando ele chegou mais perto. Achei que fosse beijar minha boca, mas pareceu ter mudado de ideia no último segundo e, em vez disso, me beijou na bochecha. Foi dando vários beijos até minha orelha e sussurrou:

– Em breve.

Ele me abraçou bem apertado e, com o rosto enterrado em seu peito, fiquei imaginando por que parou.

Deve ter sido por causa de algo que eu fiz. Tive bastante certeza de que ele queria me beijar e que desta vez eu não iria chorar. Eu gosto dele. Não... eu o amo. Quero fazê-lo feliz. Mordi o lábio. *Talvez ele saiba que menti a respeito de Ren. Talvez tenha percebido que estamos agindo de maneira estranha. Não. Nesse caso, ele diria algo, não diria?*

Sufoquei a culpa quando nos separamos e fui até onde o quimono estava para dar uma olhada. A primeira linha bordada da estrela, que ia do Templo da Praia ao Templo da Estrela, estava completa. Virei o tecido do outro lado para examinar o dragão azul. Pensei ter ouvido um sino tilintante e podia jurar que o dragão vermelho piscou para mim. Franzi a testa para ele e dobrei a manga para tirá-lo de vista.

O dragão azul repousava sobre nuvens cinzentas e soltava fumaça pelas narinas. Passei o dedo pelo contorno de uma nuvem e ouvi um ronco. Uma nuvenzinha foi soprada por entre os meus dedos. Eu a soprei para longe e ergui os olhos.

Nós nos dirigíamos para o sul na noite estrelada. O sol logo iria nascer. À frente, notei a névoa espessa rolando acima da água. As estrelas começaram a desaparecer, capturadas e apagadas por baforadas nebulosas. Eu me inclinei para fora por uma porta aberta e senti o vento chicotear meu rosto. O navio balançou com uma onda.

Olhei para o relógio. Apenas sete horas tinham se passado.

– Kishan? Acho que está na hora de acordar o Sr. Kadam.

Ele saiu e retornou com o Sr. Kadam, sonolento, que veio se juntar a mim à janela.

– Estou aqui. O que foi, Srta. Kelsey?

– Acho que o dragão azul produz neblina. Será que vamos conseguir navegar através disto?

O Sr. Kadam mandou Kishan acordar Nilima, então respondeu:

– Acredito que ficaremos em segurança. É pouco provável que haja outras embarcações por aqui para bater em nós, e a maior parte dos nossos instrumentos parece estar em operação. Apesar de o sistema de satélite aparentemente não ser capaz de calcular nossa posição, o equipamento de medição de profundidade está funcionando, então, se depararmos de repente com uma ilha, seremos alertados. A água é quente demais para icebergs, por isso não precisamos nos preocupar em colidir com um desses. Posso pedir a Ren ou Kishan que fiquem de vigia, para deixar a senhorita mais tranquila. Eles têm visão excelente, mesmo na neblina.

– Não – falei, com um suspiro. – Não acho que seja necessário.

O Sr. Kadam deve ter visto minha expressão de preocupação, porque tentou me distrair. Enquanto conferia os instrumentos, perguntou:

– Sabia que os vikings usavam pedras do sol especiais quando navegavam na neblina, para que pudessem surpreender os inimigos?

Funcionou. Meus lábios se curvaram em um sorriso.

– Não, eu não sabia.

– O auge dos vikings foi no século VIII. Como provavelmente já sabe, eles

eram famosos por suas pilhagens e, naquela parte do mundo, com frequência se deparavam com névoa em seus ataques. Eles embarcavam em seus barcos, chamados de drácares, e invadiam e saqueavam vilarejos da Islândia à Groenlândia, da Europa às Ilhas Britânicas, e até na América do Norte.

– Como eles usavam as pedras do sol?

– As pedras do sol possuem uma propriedade fora do comum. Elas têm cristais refratários incrustados que são capazes de polarizar e mostrar a posição do sol. Qualquer viking que se prezasse era capaz de navegar pelo sol, e a pedra do sol funcionava bem para eles em qualquer situação, menos nas piores das tempestades. Pesquisadores acreditam que a pedra do sol seria integrante da família do feldspato, apesar de haver certo debate a esse respeito. Hoje temos outros meios de avaliar nossa localização, mas, mesmo assim, acho que vamos diminuir a velocidade um pouco.

Concordei com ele. Quando Kishan e Nilima apareceram, o Sr. Kadam mandou que Kishan e eu fôssemos dormir. Ele queria que descansássemos antes de chegarmos ao próximo dragão. Fui para o meu quarto e logo caí no sono.

Acabou que nosso descanso foi bem curto. Eu só estava dormindo fazia umas duas horas quando me sentei ereta na cama, assustada. Acordei confusa, como se estivesse tendo um pesadelo. Ren estava parado à minha porta aberta e olhava para a cama com expressão estupefata.

Ele logo desviou o olhar e disse, rígido:

– Estão precisando de vocês na casa do leme.

Com isso, ele se virou e saiu, fechando a porta com cuidado atrás de si.

Eu estava imaginando qual seria o problema quando senti uma mão acariciar minhas costas. Saltei da cama como se estivesse pegando fogo. Kishan, com o peito nu, apoiou-se sobre o cotovelo.

– Está tudo bem com você?

– Eu estou... *bem* – gaguejei.

– Por que o sobressalto?

– Eu fiquei... confusa. Normalmente, só durmo ao lado de tigres.

– Ah.

– Hã... você não está... quer dizer... você *está*... usando algo aí embaixo... certo?

Kishan sorriu e jogou para longe as cobertas. Eu dei um gritinho e depois soltei um suspiro de alívio.

– Poderia ter apenas respondido à pergunta, em vez de ser tão dramático.

– Não teria a mesma graça. Mas, sim, estou vestido.

– Hã, mais ou menos.

Kishan só estava usando um short. *Ren deve ter pensado... bom, mas o que Ren pensa ou deixa de pensar não faz diferença, não é mesmo?*

– É melhor se vestir. Ren disse...

– Ouvi o que Ren disse. – Kishan me deu um abraço rápido e beijou minha testa. – Vou esperá-la do lado de fora.

Em pouquíssimo tempo, já estávamos nos dirigindo à casa do leme. Pensei sobre o que havia acontecido naquela manhã. Apesar de tecnicamente ter sido apenas um cochilo, e de eu ter dormido ao lado tanto de Ren quanto de Kishan na forma de tigre muitas vezes antes, eu me sentia... pouco à vontade dormindo com Kishan como homem. Ren nunca tinha forçado a barra nesse sentido e, aliás, era inflexível quanto a nós *não* termos um relacionamento físico.

Eu tinha partido do princípio de que seria a mesma coisa com Kishan, mas, apesar das semelhanças entre eles, eram homens muito diferentes, e eu precisava me lembrar disso. Precisaria conversar sobre esse assunto com ele em breve. *Será que eu sentiria a mesma coisa se tivesse sido Ren em vez de Kishan?* Empurrei esse pensamento para longe e me recusei a refletir sobre a resposta.

O *Deschen* estava ancorado em meio a uma densa cobertura de nuvens. O Sr. Kadam nos puxou de lado quando entramos na casa do leme.

– A ilha apareceu do nada – disse ele. – Acho que o sensor de profundidade não está funcionando. Eu só consegui parar o navio porque Ren estava de vigia.

Kishan e eu ficamos olhando pela janela para o gelado nada.

– Como vamos saber o que precisamos fazer? – perguntei.

Ninguém respondeu... não que eu achasse que alguém teria uma resposta.

O Sr. Kadam se colocou ao nosso lado.

– De acordo com minhas anotações, estamos no lugar certo.

Ren deu uma olhada no céu.

– Então, onde está nosso amigo escamado? – perguntou.

Ele e Kishan começaram a debater a ideia de pegar uma lancha para dar uma olhada mais de perto na ilha quando pensei em outra coisa. Apoiei a mão no braço do Sr. Kadam.

– O que foi, Srta. Kelsey?

– Vamos usar os ventos.

– Os ventos?

– Estou falando do Lenço. A sacola de Fujin.

Ele cofiou a barba curta.

– É mesmo. Talvez dê certo. Vamos tentar.

Ele abriu um armário e pegou o Lenço. O tecido mudou de cor, ficando laranja e verde na mão dele, mas, quando o entregou para mim, o Lenço ficou de um azul-cobalto sólido. Eu corei, escondi o Lenço atrás das costas e pedi a todos que subissem no alto da casa do leme para fazer uma experiência.

Depois que os outros subiram a escada, dei uma bronca no Lenço:

– Será que você não pode ficar preto ou algo assim? Apenas ignore meus pensamentos, ok? Estou tentando me concentrar, mas assim fica difícil. – O Lenço mudou de cor, mas, teimoso, permaneceu azul-cobalto no centro. Suspirei. – Isso vai ter que bastar.

Com um aviso final ao objeto sedoso, eu me dirigi para a escada.

Quando todos estavam reunidos lá em cima, eu disse:

– Sacola de Fujin, por favor. – O Lenço se contorceu na minha mão e se dobrou sobre si mesmo, criando costuras bem-feitas ao longo das laterais. – Agora, segurem a sacola, vocês dois.

Cada um de nós segurou uma parte da ampla abertura, e eu gritei:

– Lenço Divino, reúna os ventos!

Fui imediatamente atingida no rosto por uma rajada de vento que soprou meu cabelo para trás e fez com que ele chicoteasse com tanta força que meu pescoço ardeu. A sacola logo se encheu e se expandiu. Os ventos se agitavam lá dentro enquanto ela crescia como um balão de ar quente, repuxando meus braços. Torci a ponta no meu pulso para conseguir segurar. Até Ren e Kishan estavam com dificuldade.

Finalmente, estávamos segurando um saco bem cheio e não sentíamos nem o menor roçar de uma brisa no rosto.

– Preparem-se – gritei. – Mirem a ilha.

Deixei Kishan e Ren fazerem a mira, porque eles conseguiam enxergar a ilha e o resto de nós, não.

Kishan berrou por cima do barulho estridente da sacola:

– Um! Dois! *Três!*

Abrimos a sacola e nos seguramos como se nossa vida dependesse daquilo. Ela sacudiu e uivou enquanto o vento berrava pela abertura como um ciclone. O barulho era inacreditável. Era pior do que pular de paraquedas, pior do que voar no lombo de um dragão. Era concentrado, atingia cada terminação nervosa e pulsava nos meus tímpanos. Ren e Kishan estavam com os olhos apertados. Se o som era ruim para os meus ouvidos, eu imaginava que devia ser muito pior para os tigres. À medida que a neblina foi se dissipando, nós nos viramos como uma unidade para dirigir as névoas e os vapores para o mais longe possível da ilha.

Quando a sacola se exauriu por completo, a névoa se afastara o suficiente para se transformar numa leve neblina no horizonte. Passei os dedos pelo cabelo e voltei a transformar o Lenço em sua aparência normal. Kishan olhava fixamente por cima da minha cabeça. Ele pôs as mãos nos meus ombros e me virou para olhar a ilha. Na verdade, era mais uma grande protuberância de pedra do que uma ilha. Ela se erguia diretamente da água e não tinha praia alguma. Ao que parecia, a única maneira de chegar ao topo seria escalando as pedras.

Mordi o lábio só de imaginar a escalada daquela face íngreme. Então ouvi o barulho: um *uósh* ritmado e profundo. Para dentro... para fora. Para dentro... para fora. O sol estava bem em cima da ilha, e era brilhante demais para que eu conseguisse enxergar o pico. Para dentro... para fora. Para dentro... para fora. Protegi os olhos com a mão e pisquei várias vezes.

– Aquilo... aquilo por acaso é...

Kishan respondeu:

– É sim. É um rabo.

O nosso dragão azul estava enrolado em um castelo em ruínas no alto da ilha, roncando. Lufadas de neblina saíam de suas narinas enquanto ele dormia. Nós ficamos lá, em silêncio, olhando para o dragão azul adormecido.

– O que devemos fazer? – perguntei.

Kishan deu de ombros.

– Não sei. Será que devemos acordá-lo?

– Acho que sim. Se não, sabe-se lá quanto tempo ele ficará dormindo...

Eu berrei para a criatura:

– Grande dragão! Por favor, acorde!

Nada aconteceu. Ren berrou:

– Acorde, dragão!

Kishan colocou as mãos em concha na frente da boca e gritou, em tom de voz profundo. Ele se transformou em tigre e rugiu tão alto que tapei os ouvidos com as mãos. Tentamos gritar juntos. Ren e Kishan rugiram juntos. Por fim, o Sr. Kadam desceu e tocou a buzina de neblina do navio. O som repentino foi tão alto que pedras rolaram do alto da montanha.

Uma voz grave e ribombante ecoou a buzina de neblina que reverberava na nossa cabeça.

O que... vocês querem?, disse a voz, mal-humorada. *Não estão vendo que estão atrapalhando meu s-s-sono?*

A montanha vibrou, fazendo com que a água lá embaixo formasse ondinhas.

Ren gritou:

– Seu irmão, Lóngjūn, nos enviou. Ele disse que precisamos pedir sua ajuda para recuperarmos o Colar de Durga.

Não me importa o que procuram. Estou cansado. Vão embora e não me incomodem mais.

Kishan deu um passo para a frente.

– Não podemos voltar atrás. Precisamos da sua ajuda, dragão.

Sim. Precisam. Mas eu *não preciso de vocês. Deixem-me agora, ou sofram com a ira de Qīnglóng.*

Eu falei:

– Então precisamos nos arriscar a sofrer a sua ira, Qīnglóng, porque não podemos ir embora. Mas talvez exista algo que possamos fazer por você, algo que faça valer a pena perder tempo para nos ajudar.

E o que você poderia fazer por mim, menininha?

A montanha tremeu quando o dragão azul desenrolou a parte superior do corpo, afastando-se da torre, e desceu para mais perto de nós. Apesar de ter tamanho semelhante ao do irmão, este dragão azul tinha aparência diferente. Sua cabeça era mais comprida e se afinava mais no focinho. Em vez de barba preta, suas bochechas e sua testa eram cobertas por penas alisadas para trás e reluziam como escamas de peixe em tons brilhantes de azul e púrpura.

Penas semelhantes desciam pela espinha de suas costas e se abriam em leque na cauda e nas patas, como os pelos em cima do casco de um cavalo Clydesdale. Garras afiadas douradas agarravam o ar, abrindo e fechando enquanto ele balançava para a frente e para trás por cima de nós como a rabiola de uma pipa

presa a uma árvore. Sua pele escamada era de um azul forte e, quando ele sibilava de irritação, as penas das costas e no alto da cabeça se eriçavam como as de uma cacatua.

Olhos amarelos me espiavam e uma língua roxa se apertava contra os longos dentes brancos enquanto ele voltava a falar na minha mente.

E então? Você vai ficar aí feito um peixe, abrindo e fechando a boca, ou vai me responder? De repente ele chegou mais perto e abocanhou o ar perto de nós. Suas mandíbulas se fecharam como uma armadilha de urso, e eu ouvi a risada dele. *Foi o que pensei. Você é fraca demais para fazer qualquer coisa por mim.*

Ren e Kishan imediatamente reagiram saltando para a minha frente e se transformando em tigres. Ambos urraram e brandiram as patas com irritação perto do focinho do dragão.

Não foi o suficiente para assustá-lo, mas chamou sua atenção. Ele se inclinou mais para perto e bufou ar enevoado para cima de nós. O orvalho frio se espalhou sobre a minha pele e eu tremi. Ren e Kishan voltaram à forma de homens, mas continuaram na minha frente. Dei um passo e fiquei entre os dois.

– Passe uma tarefa para que possamos nos provar – sugeri, cheia de coragem.

O dragão estalou a língua e torceu a cabeça.

O que você poderia realizar, mocinha?

– Você ficaria surpreso em descobrir.

O dragão resmungou e bocejou.

Muito bem. Seu desafio será fazer a jornada até o meu templo da montanha. Se conseguir, irei ajudá-los. Se não conseguir... bom... digamos que não precisará mais se preocupar muito com o Colar.

Ele se ergueu no ar e começou a se enrolar no templo mais uma vez.

– Espere! – gritei. – Como vamos subir aí?

Há um túnel submarino com degraus, mas primeiro precisam passar pelo meu guardião, e ele não é tão... flexível quanto eu.

Desesperada, eu questionei:

– Quem é o seu guardião?

Yāo guài yóu yú.

Eu cochichei para Ren:

– O que isso significa?

– Hã... é algo como uma lula diabólica.

Qīnglóng deu um rosnado de desdém.

Bah! Chama-se kraken. *Agora, caiam fora.*

A risada suave do dragão logo se transformou em ronco. Observei durante um instante quando a névoa se ergueu de leve de suas narinas e se dissipou no céu azul.

Kishan e Ren começaram a se dirigir para a escada.

Eu me inclinei para o lado e perguntei:

– Aonde vocês dois estão indo?

Kishan ergueu o olhar.

– Vamos nos preparar. Parece que teremos que mergulhar.

– Ah... não... vocês... não! Não escutaram o que ele acabou de dizer?

– Escutamos.

– Mas não parece. O dragão disse que tem um *kraken* lá em baixo.

Kishan deu de ombros.

– E daí?

– E... o *kraken* é enorme! Não vai ter como lutar contra ele!

– Kelsey, fique calma. Venha cá e nós vamos conversar sobre o assunto. Não há necessidade de ficar histérica.

– Histérica? Não cheguei nem perto disso. Vocês já viram um *kraken* nos filmes? Não, não viram, mas eu vi. Eles destroem navios inteiros! Um par de tigres seria só um aperitivo! Insisto para que a gente bole um plano com o Sr. Kadam antes de vocês dois pularem na água.

Ren estava parado no deque, e Kishan pousou ao lado dele com um baque baixinho. Os dois ergueram os olhos e fizeram um gesto para que eu descesse.

– Prometam que vocês sabem o que estão fazendo.

Kishan disse:

– O que estamos fazendo é ir atrás do Colar, Kells. Agora, desça para conversarmos com Kadam.

– Não sei se vou poder ajudar, Srta. Kelsey – disse o Sr. Kadam, esfregando as têmporas em um gesto de dúvida.

– O quê? Como assim, não sabe? O senhor sabe *tudo*!

– Tudo o que sei sobre o *kraken* é o que vi em filmes e as poucas coisas que já

contei a vocês. Nada pode matá-lo. É imortal. Originalmente, vem de um mito nórdico, descrito como um animal gigantesco com tentáculos que ataca embarcações. É provável que tenha sido baseado na lula-colossal. Ela era considerada fantasia até alguns anos atrás, quando algumas apareceram mortas em praias.

– Só isso? Não tem mais nada? Como lutamos contra ele?

O Sr. Kadam suspirou.

– Só conheço alguns fatos insignificantes. No mito, quando o *kraken* abre a boca, a água ferve. Quando ergue a cabeça acima da água, o fedor é mais terrível do que qualquer criatura viva pode suportar. Seus olhos têm grande poder luminoso; quando brilham, é como olhar para o sol. Pelo que se diz, a única coisa que que os amedronta são os *kilbits*.

– O que são *kilbits*?

– Criaturas mitológicas parecidas com vermes gigantes que se prendem às guelras de peixes grandes, semelhantes a sanguessugas marinhas, apesar de as sanguessugas marinhas serem tão pequenas que dificilmente iriam assustar um *kraken*.

– Só isso? O senhor quer que nós lutemos contra um *kraken* com vermes?

– Desculpe, senhorita Kelsey. Há um poema a respeito de uma criatura marinha chamada Leviatã que algumas pessoas também chamam de *kraken*...

O Sr. Kadam pegou um livro, virou uma página e começou a ler:

O CASAMENTO DO CÉU E DO INFERNO
William Blake

Mas agora, do meio das aranhas pretas e brancas,
Fogo e fumaça explodiram e rolaram para as profundezas, escurecendo tudo,
Deixando o subterrâneo negro como um mar,
agitado e terrivelmente barulhento;
Abaixo de nós não havia mais nada a ser visto,
nada além de uma tormenta escura,
Até que, olhando para o leste, por entre as nuvens e as ondas,
Vimos uma catarata de sangue misturada ao fogo,

E, a poucas pedras de nós, o terrível corpo curvado
De uma serpente monstruosa apareceu e voltou a sumir;
Por fim, a cerca de três graus a leste,
Uma crista flamejante surgiu sobre as ondas;
Erguendo-se lentamente como uma cadeia de rochas douradas,
Até que vimos duas bolas de fogo rubro,
Das quais o oceano se afastava em nuvens de fumaça;
E então percebemos: era a cabeça do Leviatã;
Sua testa estava dividida em listras verdes e roxas,
Como as listras na testa de um tigre;
Logo vimos sua boca e suas guelras vermelhas
Pairando acima da enorme espuma enfurecida
Tingindo as profundezas negras de gotas de sangue,
Avançando em nossa direção
Com toda a fúria de um ser sagrado.

Eu me recostei na cadeira e estiquei o braço para pegar a mão de Kishan.

– Mas que maravilha. Monstruosamente vago. Terrivelmente amorfo.

Quando o Sr. Kadam começou a descrever teorias e comparações entre a criatura conhecida como Leviatã e o monstro chamado *kraken*, reparei que Ren estava passando os dedos por um outro livro que tinha discretamente colocado no chão.

Eu me virei para ele e perguntei:

– O que é isto, Ren? Se encontrou mais alguma coisa, é melhor compartilhar conosco.

– Não é nada. Foi só um poema que eu achei.

Apesar de eu adorar a voz dele quando lê, a passagem me deu calafrios.

O *KRAKEN*
Por Alfred, Lord Tennyson

Sob os trovões da superfície da água;

Muito, muito além das profundezas do mar abissal,
Em seu sono antigo, sem sonhos e sem invasões,
Dorme o kraken*; pálidos reflexos de sol se agitam*
Ao redor de seus flancos sombrios; acima dele se avolumam
Enormes esponjas de crescimento e altura milenar;
E ao longe, na luz doentia,
De inúmeras grutas fantásticas e celas secretas
Pólipos inumeráveis e enormes
Perturbam o verde sonolento com seus braços gigantescos.
Ali permanece por séculos e ali continuará adormecido,
Dilacerando enormes vermes marinhos em seu sono,
Até que o fogo final aqueça as profundezas;
Então, para ser visto por homens e por anjos uma vez,
Rugindo emergirá e na superfície morrerá.

O Sr. Kadam uniu os dedos e os levou à boca, refletindo.

– Aquela parte final faz referência ao fim do mundo. Supostamente, o *kraken*, ou Leviatã, vai se erguer das profundezas nos últimos dias. Então enfim ele será destruído, e o mundo irá repousar para sempre. Há referências bíblicas ao Leviatã como sendo a boca do inferno ou até mesmo o próprio Satanás.

– Muito bem. Pare aí mesmo. Para mim, chega. Já é bem ruim pensar em lutar contra demônios sem considerar o mal que representam. Prefiro me surpreender. Quanto mais eu aprendo, mais assustador fica, portanto, vamos simplesmente resolver a questão.

Apanhei o Fruto Dourado, minhas armas e o Lenço Divino e me apressei escada abaixo, com todo mundo atrás de mim.

– Kelsey! Espere!

Kishan me alcançou com rapidez e Ren veio atrás dele. O Sr. Kadam desceu a escada arfando, mas logo abrimos uma distância. Irrompi na garagem molhada feito um furacão e saí levando minha roupa de mergulho. Ren e Kishan já tinham se resignado às minhas ações a essa altura e pegaram as roupas de mergulho deles sem reclamar, correndo em seguida para o vestiário. Quando eu apareci, eles estavam prontos. Kishan tinha amarrado o *chakram* na cintura e o

kamandal pendia de um cordão ao redor do pescoço.

Ren não tocou na *gada*, mas pegou o tridente. Resolvi deixar o arco e as flechas para trás porque não funcionariam embaixo d'água mesmo, mas me senti nua sem qualquer arma além do meu poder de raio. Kishan apertou o botão que abria a porta da garagem do navio. A névoa estava voltando a surgir. Aparentemente os roncos do nosso dragão formavam o vapor que quase penetrava nos meus ossos. A água antes verde-azulada e quente parecia cinzenta e fria. Bolhas chiavam e estouravam na superfície, e eu permiti que minha mente criasse o monstro lá em baixo.

Imaginei o *kraken* à nossa espera, logo abaixo da superfície, com a boca escancarada enorme e cheia de dentes, aguardando com paciência que eu saísse do navio e entrasse em sua terrível mandíbula. Estremeci. Foi nesse momento que o Sr. Kadam chegou apressado e me entregou Fanindra. Eu a deslizei pelo braço e me senti melhor sabendo que ela estaria comigo. Ren se aproximou e prendeu a faca de mergulho à minha perna enquanto Kishan me entregou a máscara e o snorkel.

– Acha que ela consegue respirar embaixo d'água? – perguntei ao Sr. Kadam.

– Ela estava enroscada, pronta para sair, quando eu fui apanhá-la. Tenho certeza de que vai ficar bem.

Ren e Kishan não queriam ter que carregar os tanques por enquanto. Aquele seria um mergulho de exploração. Nós iríamos apenas examinar a ilha e procurar a abertura submarina. Se precisássemos dos tanques, voltaríamos. Eu me sentei na beirada e fiquei olhando para a ilha rochosa e escarpada enquanto calçava meus pés de pato. Ren foi primeiro, seguido por Kishan. Eles olharam ao redor e fizeram o sinal de positivo. Dei impulso com as mãos e afundei na água fria e cinzenta.

Depois que limpei minha máscara, comecei a me dirigir para a ilha, seguindo Ren. Kishan ficou atrás de mim. A água estava calma, apesar de turva. A ilha parecia uma enorme coluna montanhosa ali parada no meio do oceano. Não havia banco de areia, nenhuma encosta suave de terra. Ela simplesmente se estendia abaixo da água até onde a vista alcançava. Também não era muito grande, talvez do tamanho de um campo de futebol. Só levou mais ou menos uma hora para dar toda a volta nela.

Examinamos tanto a superfície quanto embaixo d'água, e foi só quando

estávamos prontos para voltar ao iate que encontramos a entrada submersa. Depois que Ren fez uma curta exploração, confirmou que precisaríamos do equipamento de mergulho. A única boa notícia é que não havia sinal da tal criatura.

Eu tinha saído do navio num arroubo de ousadia descuidada, mas agora que já fazia um tempo que estava na água, senti minha fúria diminuir, lavada pela maré. Aceitei o fato de que estava com medo. Morrendo de medo. Gaguejei, nervosa, numa tentativa de fazer piada:

– Provavelmente está só à espera de nós três. Ele prefere o combo especial. Um frango, um queijo *e* um bife. Eu sou o frango, aliás.

Kishan deu risada.

– Eu com certeza sou o bife, e isso significa que Ren deve ser o queijo.

Ren abriu um sorriso falso para Kishan e deu um soco no braço dele.

– Isso me lembra uma coisa... – disse Kishan. – Estou com fome. Vamos voltar.

Depois de almoçarmos, pegamos os tanques e nos dirigimos para a caverna. Dessa vez fui devagar, com cuidado, e deixei Ren e Kishan decidirem o que fazer. Eu ouvia o chiado das minhas bolhas enquanto descia. Quando nos aproximamos da caverna, senti uma contração no braço. Fanindra ganhou vida e se desenroscou, afastando-se. O corpo dourado dela brilhava, reluzindo na água. Sua boca se abriu e se fechou várias vezes, e ela se contorceu, como se estivesse sentindo dor.

A dilatação do pescoço dela caiu sobre o corpo e sua cabeça se alongou. Sua cauda se esticou e se achatou feito um remo, seu corpo ficou mais fino, comprimindo-se na lateral, como se alguém a estivesse apertando entre as mãos. Os olhos de pedras preciosas se encolheram e viraram pequenas contas, mas mantiveram o brilho de esmeralda, e suas narinas se aproximaram.

A ponta de sua língua saiu da boca e Fanindra nadou ao redor do meu corpo. A cauda em forma de remo se agitava de um lado para outro, impulsionando-a com rapidez. Quando fiz uma pausa, ela flutuou preguiçosa nas proximidades. Seus movimentos ondulados me lembraram os dos dragões. Ela tinha se transformado em algo novo. Ela era uma serpente marinha.

Começamos a nadar na direção da caverna mais uma vez. Ren deu impulso e

entrou primeiro; logo desapareceu no pretume atrás da abertura e foi seguido por Kishan. Fanindra e eu ficamos com a retaguarda. O sol entrava pela abertura, lançando raios cor de turquesa no leito coberto de pedrinhas. Minha mão raspou contra a parede irregular, que era coberta de algas verdes. Peixinhos nadavam para dentro e para fora de buracos escuros. O solo da caverna era coberto de rochas basálticas, e a única cor presente irradiava das plantas fosforescentes que cresciam entre elas em grupos desiguais.

Bolhas chiavam do regulador de Kishan, e as nadadeiras dele atingiram o fundo, levantando areia, o que atrapalhou minha visão por um instante. Nadei com cuidado, tentando não agitar a área. Precisávamos enxergar o mais longe possível. Quando passamos por uma gruta de pedra, um filamento de alga encostou na minha mão. Recuei com um gesto brusco, mas, ao ver que não havia perigo, tentei me forçar a relaxar. A caverna ficou mais escura. Pensei, preocupada, que, se ficasse escura demais, não conseguiríamos enxergar para onde estávamos indo. Fizemos uma curva ao redor de uma projeção de pedra e a luz foi totalmente bloqueada.

O corpo de Fanindra começou a brilhar mais forte e ela iluminou a área à nossa volta como um facho de luz. Estalactites pálidas pendiam do teto, prontas para nos empalar. Nadei um pouco mais perto do chão da caverna. Nós nos aproximamos de outra abertura. Esta era bem menor. Ren parou e se virou para nos fazer um sinal. Ele perguntou se deveríamos prosseguir ou voltar. Kishan disse para prosseguirmos. Ren entrou nadando primeiro enquanto nós dois esperávamos.

Ele voltou e nos fez sinal de positivo, e em seguida avançamos. Bati os pés mais rápido para alcançá-los. Se a abertura já era apertada para mim, deve ter sido claustrofóbica para os dois. Chegamos a uma área mais larga e flutuamos, examinando a água ao nosso redor. Era tão negra na parte de dentro quanto um poço coberto. Fanindra nadou para fora do buraco e iluminou a área. Mais estalactites pendiam do teto. O chão de pedra se inclinava para baixo e desaparecia na água turva abaixo. Fanindra disparou à nossa frente e nós a seguimos.

Havíamos usado um quarto do ar. Estávamos nos aproximando da marca intermediária, quando precisaríamos voltar. Agora a caverna era larga o suficiente para nadarmos lado a lado. Aliás, nem dava mais para ver as paredes.

Ren e Kishan se atrasaram para que eu ficasse entre eles. Tive a sensação assustadora de que estávamos sendo observados. Examinei a água abaixo, achando que veria um tubarão gigante, pronto para nos atacar com a boca aberta, mas também estava com os pelinhos da nuca arrepiados, imaginando se a investida viria de cima.

Ergui os olhos, mas a água estava tão escura que Fanindra só conseguia iluminar a área diretamente ao nosso redor. Percebi que estávamos muito visíveis a qualquer criatura que por acaso estivesse olhando, quando de repente a caverna toda se acendeu. Paramos de nadar. A luz forte vinha das estalactites acima. Agora era possível distinguir a lateral da gruta e o chão que desabava para um abismo profundo.

Também deu para ver que estávamos a mais ou menos metade do caminho até o nosso destino. Na parede do outro lado, degraus de pedra esculpidos atravessavam o teto. Uma luz se apagou e outra se acendeu. Parecia haver duas luzes a cerca de três metros de distância, e elas se moviam. Uma se escondia atrás de uma estalactite enquanto a outra brilhava sobre nós. Então as duas luzes se apagaram e voltaram a brilhar. Senti a água me mover e me empurrar para cima de Kishan. A caverna sacudiu, e as luzes piscaram.

Elas... piscaram? Entrei em pânico. *Essas coisas não são luzes. São olhos!*

Uma estalactite começou a se mover na nossa direção.

Não! Não é uma estalactite! É um tentáculo!

Agarrei o braço de Kishan e apontei para cima. Com rapidez, ele soltou o *chakram*. Bati nas costas de Ren, mas ele já tinha visto. O tentáculo marrom-arroxeado que disparou na nossa direção era mais grosso do que um tronco de árvore.

Centenas de ventosas esféricas de um branco-gelo tremiam, prontas para agarrar qualquer coisa em que o tentáculo encostasse. O braço disparou entre mim e Kishan, e pude ver as ventosas bem de perto. Os discos eram rodeados de fileiras afiadas e pontudas de quitina e variavam de tamanho entre um pires de chá e um prato de jantar. Ao recuar, o tentáculo encostou em Kishan e examinou o ombro dele, como se estivesse querendo conferir se a carne era fresca.

Os olhos voltaram a piscar, e senti outra corrente de água quando a criatura gigantesca chegou mais perto. Ela estendeu mais dois tentáculos e, dessa vez, um

deles atingiu Ren. O braço carnudo bateu no peito dele e o empurrou alguns metros para trás. As ventosas agarraram sua roupa de mergulho e o puxaram para a frente com velocidade incrível antes que Ren pudesse se desvencilhar, rasgando a parte da frente da roupa no processo. Ele se virou para verificar se estava tudo bem comigo e vi três feridas redondas grandes no peito dele sangrarem na água.

Ren começou a sarar com rapidez, e Kishan foi nadando até ele para checar seu equipamento. O tanque e as correias continuavam firmes; ele tivera sorte. Outro tentáculo se estendeu enquanto estávamos distraídos e se enrolou na minha perna. Mal contive um grito. Kishan nadou na minha direção com rapidez, cortou o tentáculo com o *chakram* e o removeu da minha perna com cuidado. O braço extirpado tremeu e pulsou, como se estivesse vivo. Soltou sangue negro ao rodopiar em círculos, até cair no fundo rochoso da caverna lá embaixo. Minha perna estava sangrando, mas não dava para saber se o ferimento era grave. Mentalmente, pedi ao Lenço Divino que fizesse uma bandagem. Senti quando ele se amarrou com força e torci para que fosse suficiente para estancar o sangramento.

Outro braço disparou na minha direção, e eu o acertei com o poder de raio. Um buraco negro apareceu no tentáculo e todos ouvimos o grito, que vibrou na água ao nosso redor. Os olhos gigantescos se moveram com rapidez na nossa direção, brilhando com vingança.

Numa confusão de tentáculos marrom-arroxeados, a criatura se aproximou. Os braços se prendiam às longas estalactites à medida que se movia, como um macaco descendo de um galho de árvore. Fez uma pausa quando chegou ao fim e ficou pendurada na água acima de nós. Finalmente pudemos dar uma boa olhada no nosso adversário.

O *kraken* estava pendurado por um tentáculo. Seu manto macio e bulboso estava espremido entre estalactites, mas ele ia escorregando lentamente no meio delas, como uma bolota de gelatina, ajeitando-se para caber entre os espaços pequenos. Sua pele se esticava e seus olhos pareciam se projetar. Ele avançava na nossa direção: um monstro escuro, pulsante, carnudo. *Parecia estar com fome.*

Ele se entalou por um instante, e ouvimos um grito de frustração. Minha pele ficou toda arrepiada e comecei a bater os pés para trás. O *kraken* viu quando me movi e de repente se atirou na nossa direção com violência, usando os

tentáculos para dar impulso e se aproximar. Cortou a própria carne em vários lugares na pedra áspera, mas não pareceu se incomodar. Estava determinado a nos alcançar. Seu corpo mudou de posição, e eu fiquei olhando fixamente, fascinada, enquanto sua boca dava mordidas violentas, pronta para nos fazer de picadinho e abocanhar nossos pedaços sangrentos.

Então ele se livrou das estalactites e sua cabeça imensa inflou para o tamanho normal. Piscou mais uma vez e ficou boiando solto na água por um momento. *Deve estar calculando qual de nós deve ter o melhor sabor.* Ele era enorme. O manto alongado e oval era do tamanho de um ônibus e seus tentáculos facilmente tinham o dobro disso. Ele concentrou a atenção em mim, e meu coração parou de bater.

A criatura se moveu e colocou a cabeça para baixo, como se fosse se deitar, e começou a disparar os braços na minha direção. Então, de repente, parou. Ren erguera o tridente e tentava chamar a atenção do monstro. As órbitas negras colossais se voltaram para ele. Os olhos tinham o brilho reflexivo que apenas os animais que vivem no escuro possuem. Reparei que a luz forte não parecia vir dos olhos dele, mas sim das pontas dos tentáculos mais longos.

Quando os tentáculos passaram por cima da cabeça, vi a superfície posterior mudar de cor. A pele marrom-arroxeada por um instante ficou clara com manchas escuras. Vi o sifão acima de seus olhos disparar um jorro de bolhas quando ele voltou a se movimentar, projetando os tentáculos fortes. A água se agitou ao nosso redor.

Ren torceu o cabo do tridente e disparou três pontas de lança em rápida sucessão na direção da fera. Uma errou o alvo em um braço que se movia, outra prendeu um tentáculo a uma estalactite e a terceira raspou no manto. Então toda a área que a criatura ocupava ficou nublada com sangue negro. Com um movimento rápido, ele soltou o tentáculo da estalactite. Outras pontas dispararam em todas as direções. Atingi com um raio um que se enrolou na garganta de Kishan, mas a criatura não o soltou. Ele começou a serrá-lo e conseguiu se desvencilhar, mas teve seu tubo de respiração arrancado. Kishan estendeu a mão para pegar o de reserva e fez sinal de positivo para mim.

Ren e eu atacamos o monstro com raios e pontas de lança. O manto se expandiu e, em um clarão de luz e um jorro de água, a criatura desapareceu. Fiquei nadando em círculos a fim de ver para onde tinha ido, mas, sem luz,

poderia estar em qualquer lugar. Dei impulso com as pernas e cheguei mais perto de Ren, achando que iria ajudar se lutássemos juntos. Kishan estava começando a se aproximar de nós quando as luzes voltaram a se acender. O *kraken* estava logo atrás dele.

Dois braços carnudos se enrolaram no corpo de Kishan e o sacudiram na água. Uma das nadadeiras dele saiu do pé e foi caindo lentamente no abismo sob nós. Ren nadou com força para a frente e enfiou o tridente no maior tentáculo. O monstro gemeu, mas não soltou. Kishan deu um golpe com o *chakram* e, ao mesmo tempo, ergui a mão para emitir um raio. Foi aí que senti um puxão. O animal tinha enrolado um tentáculo na minha cintura e me puxava para perto dele em velocidade assustadora. Ele só tinha atacado Kishan para nos distrair. A criatura me puxou para o lado e tudo ficou escuro novamente.

Fanindra disparou para longe de mim e desapareceu. De repente, eu estava bem afastada de Ren e Kishan, que provavelmente nem tinham reparado que eu havia sido levada. As ventosas me prendiam com força e enfiavam pequenos espinhos ossudos na minha pele, como agulhas de acupuntura. Soltei raios no braço, mas o único resultado foi o aumento da pressão. Ele me segurava pelas costelas e, quando apertou, pensei que meus pulmões fossem estourar. A turbulência da água aumentava à medida que eu ia chegando mais perto da criatura. Kishan e Ren acenderam lanternas. Eu os enxergava, mas eles não me viam. Tinham, enfim, conseguido se soltar e estavam à minha procura, mas eu sabia que não conseguiriam chegar a tempo. O monstro enrolou o braço e minha perspectiva mudou. Agora eu estava de frente para a boca do inferno.

Uma parte do meu cérebro desligou, e fui capaz de analisar a criatura de uma distância que parecia ser segura. Com frieza, pude visualizar a maneira como iria encontrar o meu fim. A boca abria e fechava. O movimento era parecido com o da boca de um peixe. A semelhança parava por aí. O orifício de que eu me aproximava com rapidez me lembrou do poço de Sarlacc em *Guerra nas estrelas*, um buraco preto e redondo, com várias fileiras de dentes afiados. Três túbulos verdes e compridos saíram da bocarra aberta e começaram a passar uma substância oleosa no meu rosto e na minha roupa de mergulho que, eu deduzi, serviria para fazer com que eu deslizasse por sua garganta com mais facilidade.

Usei meu poder de raio para atingir a boca do *kraken*. A reação do animal foi se sacudir com irritação e bater o bico de navalha várias vezes. Os túbulos verdes

compridos se enrolaram na minha garganta, na minha cintura e nos meus braços, fazendo com que eu ficasse imóvel e me trazendo para mais perto. Eu estava presa. Não podia mais usar meu poder de raio. Ia ser engolida pelo *kraken*. Os tentáculos me apertaram com força pela última vez, me sacudiram e me soltaram, confiantes de que eu tinha ficado incapacitada pelas línguas verdes.

Eu me contorci para a frente e para trás, procurando desesperadamente soltar a mão, mas fui vencida. Não podia me mexer. Tentei mover a cabeça para ver se Ren ou Kishan estavam por perto, mas não consegui me virar o suficiente. Minha máscara foi arrancada quando a criatura me mudou de posição. Ao que parecia, ia me comer começando pelos pés. Apertei os olhos na água turva, na tentativa de enxergar sem a máscara. Pensei ter visto um borrão dourado perto de mim, mas não sabia se era o tridente ou Fanindra.

Algo roçou meu braço, uma forma longa e sinuosa. *Deve ser outro tentáculo para me dar um apertão final.* Meus pés estavam dentro da boca aberta do *kraken*. Dei um chute, mas minha panturrilha acertou um dente serrilhado. Minha perna queimou. Fiz o Lenço amarrar uma bandagem neste novo ferimento, coisa que provavelmente era inútil, já que o *kraken* iria me engolir a qualquer segundo. Esperei os ossos das minhas pernas se esmigalharem, mas a criatura não mordeu. *Será que vai me engolir inteira?* Tive uma ideia e pedi ao Lenço que amarrasse as duas partes do bico dela abertas. Os fios dispararam, envolveram o corpo do bicho pela parte de cima e pela de baixo e então se enrolou várias vezes no alto e embaixo do bico para mantê-lo aberto.

O *kraken* se debatia e se agitava, sacudindo com violência, como um tubarão tentando arrancar a carne de uma baleia. Quando seu bico de navalha começou a cortar os fios, pedi ao Lenço que reforçasse o tecido, mas sabia que era apenas uma questão de tempo. O *kraken* acabaria por ficar tão irritado que iria roer todo o fio e me quebrar ao meio.

Conforme meu corpo chicoteava para a frente e para trás na água, imaginei por um instante o que meus pais pensariam a respeito da maneira como eu iria morrer. Pensei sobre a vida após a morte e fiquei imaginando se as pessoas compartilhavam histórias sobre o modo como morreram. Se fosse assim, a minha seria a mais incrível de todos os tempos. *Você morreu dormindo? Foi atropelado por um bêbado? Câncer, é? Segunda Guerra Mundial? É..., todas essas*

mortes são ótimas e tudo o mais, mas esperem só até eu contar o que aconteceu comigo. Pois é... isso mesmo... eu disse um kraken.

Eu devia ter entrado em pânico. Devia ter me afogado. Mas só fiquei lá ao sabor dos braços ondulantes e, com toda a calma, esperei que a criatura me engolisse. *Por que está demorando tanto? Caramba. Acabe logo com isso.*

O corpo do *kraken* emitia uma estranha luz brilhante, como se tivesse lâmpadas minúsculas sob a pele. Eu enxergava, bem de leve, o contorno dele na água.

Parecia que alguém tinha me jogado dentro de uma máquina de lavar gigante. Eu sentia a pele macia dos tentáculos, as ventosas emborrachadas e a picada dolorida dos dentes que giravam junto comigo. Ouvia os guinchos e sentia a agitação da água e as línguas carnudas e escorregadias me tocando, enquanto continuavam a me cobrir de óleo. Fiquei lá como um peixe preso em um anzol, esperando para ser içado... mas algo distraía o pescador. Abri um pouco os olhos e vi filamentos negros de sangue rodopiando na água.

Formas se contorcendo passaram em disparada por mim, sendo uma delas dourada. *Fanindra.* Ela iluminou a área, mas resolvi que preferia ficar no escuro. O monstro pairava por cima de mim como uma nuvem roxa carnuda na água, pronto para me destruir com a violência de um furacão. Observei a cobra quando nadou até um tentáculo e o mordeu. A criatura estremeceu.

Mais formas compridas nadaram na minha direção: amarela com listras negras, preta com listras brancas, cinza, verde, comprida, fina, grossa. Serpentes marinhas. A caverna estava cheia delas. Elas atacavam o monstro, aglomerando-se sobre ele como agulhas numa almofadinha de costura. Aliás, assisti enquanto várias cobras seguiram o exemplo de Fanindra. Algumas delas mordiam a carne roxa com selvageria e entravam nela. Elas se moviam por baixo da pele do *kraken* como vermes, mordendo e rasgando à medida que avançavam.

A criatura berrava e enchia o manto. Tinta preta jorrava do sifão e me cobria em ondas quentes, que faziam meus olhos arderem. Eu logo os fechei e quase vomitei quando o sifão voltou a soltar água. De repente, o *kraken* se afastou dezenas de metros de onde estava, arrastando-me violentamente com ele.

Na confusão, o *kraken* passou a me apertar com menos força. Eu tinha me movido para fora de sua boca, mas ele continuava me segurando com suas línguas, mantendo-me paralisada. E também foi bem na hora, porque os

movimentos do monstro arrancaram os fios do Lenço. *Ele teria me quebrado ao meio.* Enquanto eu refletia sobre minha sorte, fiquei observando as cobras que ainda estavam presas à sua carne. Vi Fanindra morder a pele perto do olho preto gigante, e a besta se sacudiu toda. Os tentáculos se agitavam para todos os lados na água, tentando desesperadamente desalojar as cobras.

Algo tocou em mim e eu me encolhi, mas logo senti uma mão apertar meu braço. Ren pegou uma língua verde e a removeu do meu pescoço. O músculo forte começou a se enrolar no seu braço, mas ele puxou com força e se livrou dele. Kishan nadou até onde nós estávamos e serrou os túbulos verdes. Um líquido escorregadio e oleoso jorrou em cima de nós quando ele cortou as línguas, separando-as do corpo da criatura. Ele libertou minhas pernas enquanto Ren soltava meus braços. Kishan me abraçou à maneira de salvar alguém que estava se afogando e começou a nadar para longe, carregando-me junto com ele.

Tomado pela violência, Ren nadou para cima do monstro. Ele enfiou o tridente bem no fundo da mandíbula da criatura repetidas vezes. Outra nuvem de sangue negro jorrou e logo eu não conseguia mais enxergá-lo. Kishan me levou para perto dos degraus de pedra. Depois de chegarmos até eles, nós nos viramos e vimos o animal soltar tinta turva mais uma vez. A última vez que o avistamos foi quando as partes iluminadas dos tentáculos e o *kraken* caíram para o abismo. Esperamos mais alguns momentos, ansiosos, até vermos primeiro o brilho do tridente e depois Ren vindo em nossa direção do meio da água tingida.

Serpentes marinhas dispararam para fora do abismo às centenas e ficaram pairando em uma nuvem trêmula nas proximidades, encabeçada por Fanindra. Uma pequena luz acima de nós indicava a saída. Nadamos na direção dela. Kishan me guiou pela mão. Ele irrompeu na superfície em uma piscininha de azulejos brancos e baixou a mão para me puxar. Ren apareceu ao meu lado e tirou o aparelho de respiração. Todos nós respiramos fundo várias vezes. Kishan me levou para a lateral da piscina. Com cuidado, removeu o tanque e minhas nadadeiras e começou a me examinar.

– Você está bem?

A pergunta me fez dar risadas histéricas até finalmente conseguir sacudir a cabeça:

– Não.

– Onde está doendo?

– Em todo lugar. Principalmente na perna. Mas vou sobreviver.

Ele pegou a faca de mergulho e cortou a perna da minha roupa de mergulho para inspecionar os danos. Eu tinha usado o Lenço para criar uma bandagem. Wes nos ensinara a manter a bandagem no lugar e ir colocando mais até o sangue parar. O sangue não estava passando pelo pano, por isso eu tinha esperança de que o ferimento não fosse muito sério. Pedi ao Lenço que fizesse mais uma camada e Kishan apertou o meu braço.

– Está muito ruim?

– Poderia ser pior. Acho que vai ficar tudo bem.

Ele fez que sim com a cabeça, ficou em pé e olhou ao redor.

Estávamos em um aposento subterrâneo, completamente fechado, a não ser por uma escadaria. Gemi de dor e então andei descalça até a escada, mancando, e olhei para cima. A escada era pequena demais para um dragão. *Ele deve ser capaz de se transformar em homem, como Lóngjūn.* Motivada a me apressar enquanto o *kraken* lambia as feridas, comecei a subir devagar, dando preferência à perna forte, e os irmãos vieram atrás de mim.

Apoiei quase todo o peso do corpo em Kishan e mordi o lábio, tentando controlar a dor. Depois de um lance, ele resmungou, me pegou no colo e me carregou pelo restante do caminho. Nós subimos. Dez andares. Vinte degraus por piso. Mas Kishan nem respirava com dificuldade. Quando finalmente chegamos ao fim da escada, saímos para o telhado de pedra no alto do castelo em ruínas. Kishan me acomodou com cuidado num banco de pedra e ele e Ren se aproximaram da cabeça do dragão azul adormecido.

– Acorde! – rugiu Ren.

O dragão se mexeu e roncou. Uma nuvem de névoa caiu sobre os irmãos.

Kishan berrou:

– Levante-se. Agora!

O dragão bufou e abriu um olho preguiçoso. *O que vocês querem?*

Ren retesou o maxilar, irritado.

– Você vai acordar e falar conosco, ou eu vou enfiar este tridente na sua garganta!

Isso chamou a atenção do dragão. A névoa ficou preta, e o dragão levou a

cabeça para o lado com um gesto brusco, para abocanhar o ar. Ele estreitou os olhos.

Não pode falar comigo desta maneira.

Ren ameaçou:

– Falo com você do jeito que quiser. Você quase a matou.

Matei quem? Ah. A menininha? Nunca toquei nela.

– O seu animal imundo tocou. Se ela tivesse morrido, eu teria subido aqui para matar você.

Ela obviamente não morreu, então, você devia estar contente. Eu avisei que a tarefa seria difícil.

Kishan deu um passo para a frente.

– Dê para nós o que prometeu.

O dragão moveu uma pata pesada e mostrou o pescoço.

Levem isto, então.

Um disco grande estava pendurado no pescoço do dragão por um cordão de couro grosso. Kishan se aproximou e, com a ajuda do *chakram*, soltou o disco. Os irmãos se viraram e voltaram para perto de mim.

O dragão azul mudou a posição do corpanzil com muito barulho.

Não vão nem dizer obrigado?, disse Qīnglóng. *Afinal de contas, o disco celeste não é um objeto qualquer.*

Ren me pegou no colo e virou a cabeça de leve na direção do dragão.

– Ela *também não*.

Olhei nos olhos azuis de Ren. Sua expressão furiosa se acalmou um pouco, e ele pressionou a testa contra a minha por um breve momento. Então me entregou a Kishan e disse:

– Ajude-a.

Ele pegou o disco e começou a descer a escada.

17

Lembranças

Reclamei com Kishan, dizendo que podia tentar andar, mas ele me ignorou e me carregou escada abaixo. Minha perna tinha começado a sangrar através da bandagem e pedi ao Lenço que se amarrasse mais várias vezes, até o sangramento parar.

Quando finalmente chegamos à piscina, Ren já estava lá, à nossa espera. Não fiquei nada animada com a ideia de dividir a água com o *kraken* mais uma vez, mas ajeitei o tanque, disposta a enfrentar o que viesse.

Kishan tinha acabado de me oferecer a máscara dele quando Ren interrompeu.

– A máscara dela está aqui. Sua outra nadadeira também. Fanindra as trouxe.

Uma cabeça dourada surgiu da água. Eu me inclinei para acariciar sua cabeça, e ela deslizou para o meu braço. Kishan conferiu os marcadores do meu tanque enquanto Ren entrava na água.

– O tanque dela está baixo.

– Podemos dividir – respondeu Ren.

Eu vi quando ele largou todos os lastros, mas, mesmo assim, não conseguia boiar com o disco celeste. Era pesado demais. Quando demonstrei preocupação, ele se virou para o outro lado e disse:

– Eu dou um jeito.

Ren pegou a bolsa que eu tinha feito com o Lenço e ajeitou a alça por cima do peito enquanto eu equalizava a pressão nos ouvidos.

– Teremos que ser rápidos – avisou Kishan. – Vamos fazer a travessia nadando para sair daqui o mais rápido possível. Se nos depararmos com o *kraken* de

novo, daremos meia-volta e nadaremos para cá outra vez. E então encontraremos outro jeito de voltar para o iate. Combinado?

– Combinado.

Ele sorriu e deu um beijo no meu nariz antes de pôr a máscara. Respirei uma vez no regulador para testar e mergulhei pelo buraco da piscina, atrás de Ren. Fanindra ficou perto de mim durante a descida. As cobras marinhas enxamearam-se para lhe dar as boas-vindas e nos rodearam enquanto nadávamos.

Ficou escuro de novo, sem a luz do *kraken*, mas Fanindra parecia conhecer o caminho. Ela emitia luz suficiente apenas para podermos nos ver envoltos em nosso casulo de cobras. Mantive os olhos bem abertos para poder avistar o *kraken*, mas não havia sinal dele. Ainda assim, parecia que olhos gigantescos estavam observando nosso progresso, e fiquei esperando que um tentáculo me capturasse para o meu fim.

Meus nervos estavam à flor da pele. Eu me sentia uma daquelas meninas burras dos filmes de terror que abrem uma porta que não deviam e se jogam para o perigo, atiçando o monstro a persegui-las. A única diferença era que eu não estava me agarrando com um namorado na casa mal-assombrada nem usando minissaia.

Atravessamos sem incidentes a caverna negra e chegamos à passagem menor. Ren entrou primeiro, rodeado por cobras agitadas. Eu me preparei para ir atrás.

Quando chegamos ao outro lado, meu tanque de ar estava vazio. Fiz um sinal para Ren, ele assentiu e entregou seu regulador para mim. Respirei bem fundo e o devolvi. Repetimos isso algumas vezes até Kishan aparecer na passagem. Ele tocou no meu braço e indicou que agora iria dividir o ar comigo para que Ren pudesse ir na frente.

Estar embaixo d'água sem o meu ar foi assustador. Precisei me controlar para não nadar enlouquecida para o alto. Eu sabia que não havia nada acima de mim além de pedra, mas o instinto intenso de sobrevivência de ir para a superfície era irresistível. A única coisa que me mantinha com as ideias no lugar era a presença sólida de Kishan ao meu lado.

Dei impulso com os pés e segui Ren. A luz estava ficando mais forte. A água turva passou de negro da meia-noite para azul-escuro e, depois, felizmente, para o azul-turquesa do mar aberto. Enfim, dobramos uma esquina e vi a abertura da

caverna acima com o sol de fim de tarde penetrando na água.

Kishan me entregou o regulador e eu respirei fundo. O ar chiou e parou de fluir. O tanque dele também estava vazio. Ele me fez um sinal para que esperasse e deu um sorriso reconfortante. Ele nadou atrás de Ren, que voltou e colocou o regulador dele nas minhas mãos. Respirei uma vez e entreguei-o a Kishan.

Nós três saímos da caverna devagar e nos dirigimos para a superfície, compartilhando um só tanque de oxigênio. As serpentes marinhas, liberadas da função de escolta, afastaram-se com rapidez pelo mar aberto. Muitas delas emparelhavam o corpo com o de Fanindra ao passar. Um momento depois, tinham sumido.

Kishan deu uma inspirada curta. O tanque de Ren estava quase vazio. Ele fez um sinal para indicar isso e nós erguemos os olhos. Precisávamos nos apressar. Kishan me entregou o regulador para que eu pudesse ficar com o restinho do ar. Sacudi a cabeça, mas ele insistiu. Dei a inspirada final e comecei a nadar para a superfície. Fui expirando devagar, à medida que a água foi ficando mais clara. Eu precisava de ar. Não ia conseguir chegar.

Morte por afogamento era muito menos exótica do que morte por *kraken*. Era uma maneira quase vergonhosa de partir, como se a sua morte de algum modo fosse culpa sua. Eu imaginava que os outros mortos dizendo: "Afogada? Mas por que você foi fazer uma coisa dessas? Não achou a válvula? Está escrito *A-R* na lateral. Você se esqueceu do que tem embaixo dos olhos? Chama-se nariz. Serve para respirar." Ah, claro, eu tentaria explicar o que aconteceu, mas passaria toda a eternidade sendo alvo de piadas dos outros mortos. Minha mãe iria achar hilário.

Fanindra nadava à minha frente, mostrando o caminho, mas não fazia diferença. Comecei a ver pontos negros no campo de visão. A superfície estava próxima, talvez a apenas seis metros de onde eu estava. Bati as pernas com força e tentei respirar mais uma vez do meu próprio regulador, mas não adiantou. Meus pulmões pareciam estar sendo marcados com um ferro em brasa. A queimação era intensa enquanto meu corpo berrava para que eu respirasse.

Eu gostaria de ter pensado que o meu cérebro era dominante, que eu poderia encarar o afogamento iminente com serenidade e calma. Mas, ao encarar a morte, o corpo é quem manda. Uma necessidade irresistível e furiosa de sobreviver tomou conta de mim e comecei a arrancar a máscara e o

equipamento de maneira frenética. Uma mão pegou a minha. Era Kishan. Ele estava dando pernadas fortes e me puxando consigo.

Irrompemos na superfície e ele me abraçou com força enquanto eu me engasgava e arquejava. O ar invadiu meus pulmões em chamas e eu me tornei um ser completamente concentrado na respiração. Durante os segundos seguintes, nada existiu além do ritmo apressado de inspirar e expirar. Ren subiu à tona logo depois, arfando.

O peso do disco devia ter feito com que fosse duplamente difícil para ele subir à superfície e lá permanecer. Quando sua cabeça afundou na água, Kishan nadou até ele para ajudar e eu pedi que o Lenço Divino fizesse uma alça dupla para que Kishan pudesse segurar metade do peso do disco.

O mar estava coberto de névoa mais uma vez. A água fria tinha entorpecido minha perna latejante, mas dava para perceber que o ferimento era feio. Pulsava como o ribombar de tiros de canhão distantes, abafados porém perigosos. Kishan e Ren nadavam ao meu lado quando eu me virei à procura do *Deschen*.

Ren disse:

– Fique perto de nós. Não devemos estar muito longe do lugar em que ancoramos. Vamos seguir Fanindra. Você vai ficar bem?

Eu assenti. Ele soprou a água do snorkel e me conduziu para o navio.

Finalmente no iate, Kishan jogou as nadadeiras na garagem molhada e subiu com dificuldade pela escadinha. Ren entregou a ele o disco celeste e depois jogou as próprias nadadeiras. Meus braços tremiam. Eu não conseguia apoiar peso nenhum na perna machucada. Pus o braço em volta do ombro de Ren e fui pulando devagar para subir a escada.

Kishan pegou uma rede e tirou Fanindra da água. Ela se contorceu e deu voltas no deque. Sua boca abriu e fechou várias vezes, como se estivesse com falta de ar. Fiquei com pena dela, observando seu corpo se expandir e sacudir com violência. A pele ao redor da cabeça ondulou e cresceu, formando um capelo. Os olhos de pedras preciosas aumentaram e o formato de seu rosto mudou. Logo os movimentos erráticos de peixe fora d'água cessaram e ela voltou a ser uma cobra dourada.

Nilima me envolveu com uma toalha grande. Com cuidado, apoiei a cabeça na parede e gemi. Ren me ajudou a tirar o equipamento e colocá-lo de lado. Arfei de dor quando Nilima tocou na minha perna.

– O que aconteceu? – perguntou ela.

– Mordida de *kraken* – respondeu Ren. – Não sei qual é a gravidade. Ela manteve o ferimento bem-amarrado desde o incidente.

A enfermeira Nilima pediu a Ren que fosse buscar um kit de primeiros socorros e a Kishan que trouxesse uma muda de roupa para mim.

Quando os dois saíram, ela me ajudou a tirar a roupa de mergulho e me envolveu com um roupão. Soltou a atadura com cuidado para examinar o ferimento.

– A sua perna é o que está pior. Vai precisar de pontos. O que aconteceu aqui? – perguntou ela, apontando para a marca ao redor da minha cintura.

– O *kraken* me agarrou com um tentáculo.

– Hum... Sua roupa de mergulho provavelmente a protegeu. É mais um hematoma, mas também há cortes circulares, bem superficiais.

– Ventosas.

Ela estremeceu.

Uma bolota de gosma verde pingou do meu nariz para o braço, onde tinha um corte, e eu berrei de dor. Ardia muito. Ela limpou rápido e a queimação diminuiu. Os rapazes voltaram. Mais gosma verde escorregou devagar pelo braço de Kishan e caiu no deque. A substância não o queimava como tinha acontecido comigo, provavelmente por causa da cura superveloz de tigre.

Nilima ficou olhando para aquilo. Ela disse:

– Vocês dois podem ir tomar banho agora. A coisa verde parece ser tóxica. Provavelmente é algum tipo de ácido. Limpem isso do corpo o mais rápido possível. Não posso permitir que fiquem perto de Kelsey nem toquem nela com isso. Talvez não afete vocês, mas a machuca.

Os dois hesitaram.

– Não se preocupem – garantiu Nilima. – Ela vai ficar bem. O sangramento está sob controle. Ela está a salvo.

Nilima pegou o chuveirinho e removeu a gosma do meu corpo. Ela limpou meus ferimentos com cuidado. Quando eu estava bem asseada, ela passou pomada antibacteriana nos cortes que davam a volta nas minhas costelas, fez o Lenço me envolver com bandagens e depois me ajudou a me vestir.

Em seguida, voltou a atenção para a minha perna. A pele estava enrugada e inchada, irritada por causa da água salgada. Segurei um grito de dor. A perna

latejava. Começou a sangrar de novo depois que Nilima a limpou. Engoli em seco quando vi a carne exposta.

– Não olhe. Acho que vai sarar, mas, como eu disse, vai precisar de pontos. Preciso chamar meu avô para isso. – Ela pediu ao Lenço que me enfaixasse mais uma vez. – Posso sair um minuto?

Assenti, recostei-me no banco de madeira e fechei os olhos. Imaginei que era capaz de sentir o veneno do *kraken* nas minhas veias. Meus nervos ardiam como se houvesse formigas lavapés andando sob a minha pele. Eu estava cansada. Caí no sono e acordei de sobressalto com um barulho. Fanindra se aproximou de mim.

– Você vai me picar? Se for, vou fechar os olhos. Seja rápida.

Como não ouvi nada, abri um pouco um dos olhos. Fanindra tinha se enrolado e repousava perto do meu pé.

– Então não devo estar morrendo, certo? Obrigada por me fazer companhia. Ainda assim, o que é uma picada de cura entre amigas? Você não quer desperdiçar seu veneno dourado. Tudo bem. Me acorde se eu morrer.

Kishan voltou um momento depois, recém-saído do banho, sentou-se ao meu lado e pegou minha mão. Logo Ren, Nilima e o Sr. Kadam se juntaram a nós. O Sr. Kadam abriu o zíper de uma bolsa e colocou uma pílula na palma da mão, depois a ofereceu para mim com uma garrafa de água.

– O que é isso?

– Um antibiótico. – O Sr. Kadam entregou o frasco para Kishan. – Faça com que ela tome um pela manhã e outro à noite pelos próximos 10 dias.

– Pode deixar – disse Kishan.

– Agora, vamos ver este ferimento. – O Sr. Kadam pediu ao Lenço Divino que removesse a atadura e deu uma olhada no corte. Dessa vez, fiquei com os olhos fechados. – Tem razão, Nilima. Ela vai precisar de pontos. Não pensei em trazer material de sutura conosco. A essa altura, a única coisa que podemos fazer é manter a lesão cuidadosamente protegida, limpá-la bem e dar antibióticos para ela, torcendo para que o *kraken* não seja venenoso. Kishan, pode carregá-la até a cama? Ela precisa descansar.

– Espere. – Ren deu um passo para a frente. – Tive uma ideia.

Ele explicou o que queria fazer e o Sr. Kadam olhou para mim.

– Está disposta a tentar, Srta. Kelsey?

Fiz que sim com a cabeça, fechei os olhos e apertei a mão de Kishan com toda a força quando Ren pediu ao Lenço Divino que desse pontos no meu ferimento.

Todos ficaram olhando para a minha perna com curiosidade quando o Lenço começou a trabalhar. Arquejei ao sentir a estranha sensação de repuxo na pele. Fios caleidoscópicos se afiaram em uma ponta minúscula e deslizaram pelas camadas da minha pele sem mal beliscar, então uniram as pontas da pele e apertaram. Em menos de um minuto, estava terminado. Pontos minúsculos corriam pela lateral da minha perna, fazendo parecer que eu estava usando uma meia-calça com uma costura atrás meio torta.

Nilima passou creme antibiótico sobre a ferida e pediu ao Lenço que pusesse uma nova bandagem. Lancei um sorriso para Ren, que provavelmente pareceu mais uma careta, antes de Kishan me pegar no colo, me carregar para o quarto e me acomodar na cama. Ele me trouxe aspirina e um copo de água. Obediente, tomei o remédio e caí no sono.

Doze horas depois, acordei dolorida, coberta de hematomas e faminta. Não havia ninguém por perto, o que foi bom para variar. Eu me sentei na cama e pedi ao Lenço Divino que removesse os curativos. Um anel de hematomas amarelo-esverdeados davam a volta no meu tronco e desciam por um lado do quadril, mas os cortes já estavam sarando, com casquinhas. *Hum... os hematomas ainda deviam estar roxos e os cortes, mais doloridos.* Estava doendo, mas não tanto quanto no dia anterior. *Minha perna na verdade também parece bem boa, levando tudo em conta.* Parecia que eu tinha passado por uma semana de cura em uma noite. Não era tão rápido quanto os meninos, mas, ainda assim, impressionante.

Decidi que a primeira coisa a fazer era tomar um banho. Limpa, com o cabelo lavado, com as ataduras trocadas e vestida, saí do banheiro e encontrei Kishan à minha espera. Ele me puxou para um abraço com toda a delicadeza.

– Como você está se sentindo? – perguntou, enquanto massageava meu pescoço.

– Melhor. Acho que minhas feridas saram rápido aqui, mas não tão rápido quanto as de vocês.

Kishan me trouxe uma bandeja com ovos, morangos, um pãozinho de canela,

suco de laranja, aspirina e antibiótico. Depois de me entregar um garfo, ele se sentou ao meu lado e ficou esperando até que eu terminasse. Algo o incomodava.

– Está tudo bem com *você*, Kishan?

Ele olhou para mim e deu um meio sorriso.

– Está. É só que...

– É só que o quê?

Levei à boca uma garfada de ovos mexidos e mastiguei, ciente de que ele ia demorar para responder.

– É só que... eu estou preocupado.

– Não se preocupe comigo. Eu vou me recuperar. Aliás, estou me sentindo muito bem agora.

Eu sorri.

– Não. *Preocupado* talvez seja a palavra errada. Às vezes eu acho... – Kishan suspirou e passou a mão pelo cabelo. – Agora não é importante. Você precisa sarar. Não precisa escutar sobre o meu ciúme mesquinho.

– Que ciúme mesquinho? – Pus a bandeja de lado e peguei a mão dele. – Pode me falar.

Ele se inclinou e analisou as minhas mãos.

– Acho que talvez... – disse ele com um suspiro. – Que talvez você esteja arrependida. Sobre *nós*.

– Arrependida?

– Eu vejo como você e Ren se entreolham de vez em quando, e fico me sentindo de fora. Sinto que, não importa o que eu faça, não vou poder cruzar o abismo entre nós nem consertar seu coração partido e encontrar um jeito de ficar com você.

– Ah, entendi.

Pensei em quando Ren e eu consertamos a estrela na toca do dragão vermelho e mordi o lábio, me sentindo culpada.

Ele prosseguiu:

– Quero que você sinta por mim o mesmo que eu sinto por você. Porém, mais do que isso, quero que você volte a se sentir inteira e feliz, como era no Oregon. – Ele se inclinou para a frente e acariciou meu rosto. – Eu *amo* você, Kelsey. Só não tenho certeza se isso é recíproco ou se é possível nós ficarmos juntos.

Reprimi meus pensamentos cheios de culpa, levei a mão dele aos meus lábios e beijei-lhe a palma.

– Sabe qual é o problema? Tivemos muito pouco tempo sozinhos neste navio, e estar no reino dos Sete Pagodes não nos dá muita brecha para o romantismo. Por que não planejamos um jantar à luz de velas hoje à noite, só nós dois? Você coloca uma gravata, e eu vou de vestido. Que tal?

– E se chegarmos ao terceiro dragão até lá?

Dei de ombros.

– A gente improvisa. Vamos ver o que acontece. O Sr. Kadam já decifrou as informações do disco celeste?

– Não. Ele e Ren estão trabalhando nisso. Já nos afastamos da névoa do dragão azul, mas estamos ancorados até eles descobrirem o que fazer em seguida.

– Certo. Então diremos ao Sr. Kadam que precisamos tirar a noite de folga. Assim, minha perna também vai poder sarar melhor.

– Tem certeza?

– Tenho. Se uma garota não pode tirar um dia de folga depois de lutar contra um *kraken*, quando é que vai poder?

Ele deu risada.

– Nunca ninguém disse palavras tão verdadeiras.

Fui deixada sozinha pelo resto do dia, tirando as constantes visitas de Nilima para afofar os travesseiros. Depois de algumas horas de tédio, pesquisei um pouco sobre o disco celeste, que tinha desenho semelhante ao do Disco Celeste de Nebra, alemão, datado de 1600 a.C., que eu tinha estudado na aula de história da arte. O Disco Celeste de Nebra era um registro das estrelas e dos solstícios de verão e de inverno, para que os camponeses soubessem a época certa de semear certas culturas.

O disco celeste do dragão azul obviamente não era usado para a agricultura. Tinha marcas de estrelas e sete sóis em vez do desenho de lua do de Nebra. Um caminho traçado entre as estrelas levava de um dos sóis na parte de baixo a um dos sóis na parte de cima.

Abri um livro com outros discos famosos e encontrei o calendário asteca que mostrava as cinco eras do mundo. Cada dia-sinal do calendário era atribuído a

uma divindade diferente. Folheei as páginas, mas não cheguei a encontrar nada que se aplicasse à nossa situação.

Frustrada, suspirei e coloquei os livros e as anotações de lado. Minha mente vagou para algo em que eu com toda a certeza não queria pensar.

Está na hora. Está na hora de realmente desistir de Ren e seguir em frente com Kishan. Não é que eu não o ame. Eu o amo. Mas ainda amo Ren também. Acho que uma parte de mim sempre vai amar. Kishan merece toda a minha atenção. Ele provavelmente está percebendo minha incerteza. Não quero que se sinta assim. Quero que ele saiba que estou comprometida com ele.

Eu tinha dito a Ren que, uma vez que eu me comprometesse com Kishan, iria ficar com ele, e eu não era o tipo de pessoa que brincava com o sentimento dos outros. Eu *iria* ficar com ele. Se eu não conseguisse esquecer Ren, então pelo menos poderia esconder meus sentimentos. Eu iria trancá-los em um pedacinho do coração e nunca deixaria que saíssem. Iria afogá-los nas profundezas do mar. Prender um peso ao meu coração partido e lançá-lo no oceano, deixando que afundasse no abismo escuro.

Eu queria que as coisas dessem certo com Kishan, mas sabia que havia uma parte de mim que hesitava. Eu não tinha entregado a ele o meu coração por inteiro. Não o amava da maneira que amava Ren. *Ele merece mais. Merece coisa melhor. Está na hora de me permitir voltar a amar.*

Saí da cama e testei a minha perna. Parecia muito melhor, e os cortes e hematomas no meu tronco tinham quase desaparecido. Depois de pedir a opinião de Nilima, nós duas concordamos que estava na hora de tirar os pontos.

Ela pediu ao Lenço que removesse os pontos, e os fios saíram da minha pele com suavidade. Ainda havia uma linha de cicatriz correndo pela minha perna, mas agora a pele estava completamente fechada e já dava para caminhar de maneira confortável. Pedi a Nilima que ajudasse o Lenço a fazer uma roupa para mim e ela criou um vestido de noite com manguinhas curtas e decote quadrado. Era franzido do lado direito da cintura e preso com um aplique de pedrinhas pretas. A saia na altura do joelho era enfeitada com um babado do lado direito do quadril que caía em um drapeado marcante até a bainha.

Minha ideia original era fazê-lo azul, mas logo percebi que isso iria enviar a mensagem errada para Kishan. Resolvemos, em vez disso, fazer em bronze velho, e a cor acabou caindo muito bem em mim. Destacava meus olhos e fazia

minha pele ficar bonita. Pedi ao Lenço que criasse sapatilhas de cetim para combinar, com o mesmo aplique do vestido. Agradeci a Nilima e, quando comecei a pentear o cabelo, meus pensamentos se voltaram para a noite que me aguardava.

O que eu poderia fazer? Como fazer Kishan sentir que não está sobrando? Que eu realmente quero esse relacionamento? Que quero ficar com ele? Tentei sintonizar na voz baixinha na minha cabeça e pedir um conselho para minha mãe. Eu esperava alguma coisa. Ela sempre tinha me ajudado quando precisei de ajuda com relacionamentos. Mas não obtive nada.

Valeu, mãe. Estou dando o melhor de mim aqui. Às vezes uma garota precisa da mãe, sabia? Fiz uma pausa no meio do pensamento e enviei uma bronca mental. *Você devia estar aqui.*

Fiquei olhando no espelho enquanto escovava o cabelo com gestos mecânicos e então finalmente larguei a escova. Eu estava magra. Pálida. Tinha marcas escuras embaixo dos olhos. *Não estou com minha melhor aparência para um encontro, mas posso culpar o* kraken *por isso.* Eu estava inquieta... nervosa. Tinha um nó no estômago. Entorpecida, passei a maquiagem.

Em busca de inspiração para o meu cabelo que agora batia no ombro, fiz uns cachos e tirei uma das flores de lótus da coroa de Durga. Examinei a flor e expressei a esperança silenciosa de que a deusa me guiasse, me ajudasse a superar meus sentimentos teimosos por Ren e dar a Kishan o amor de que ele precisava. Foi *ela* que me incentivou a dar aquele salto, afinal de contas.

Prendi um lado do cabelo para trás com um pente e posicionei a flor sobre a orelha direita. Seu perfume me confortava. Uma sensação de paz tomou conta de mim e eu senti como se um braço tivesse envolvido meus ombros por um instante, me transmitindo segurança. Independentemente de ter sido Durga ou minha mãe, o sentimento me passou certa convicção, uma crença de que tudo ficaria bem. Coloquei o vestido e tinha acabado de calçar os sapatos quando ouvi uma batida na porta.

Fiquei aliviada por Kishan não ter se atrasado. Eu tinha ficado sozinha com meus pensamentos durante tempo demais. Estampei um sorriso determinado no rosto e abri a porta. Ele se transformou em um sorriso genuíno quando vi como Kishan estava feliz. Ele admirou meu vestido abertamente e me entregou um buquê de flores de seda.

– Desculpe por não serem de verdade. Parece que não há nenhuma floricultura no reino do dragão.

– Tudo bem. Não faz mal.

– Você está linda.

– Você também está ótimo.

E ele estava mesmo. Kishan usava gravata, apesar de eu não achar que ele fosse fazer isso. Vestia calça preta, camisa de seda cor de cobre e gravata listrada de preto, cobre e dourado para combinar. Dei um passo para a frente e alisei sua gravata. Ele agarrou minha mão, deu um beijo nela e sorriu. Seus olhos dourados brilharam e ele me ofereceu o braço.

– Como está sua perna? – perguntou.

– Está boa. Quase perfeita. Mais um dia e acho que vou estar pronta para enfrentar mais um *kraken*.

Ele franziu a testa.

– Espero que não seja necessário.

Concordei com ele e nós fomos para o deque. A lua tinha saído e o mar estava calmo. Uma noite linda. O céu escuro estava limpo e as estrelas brilhavam. Era o cenário perfeito para um jantar romântico.

Em vez de me levar para a sala de jantar na popa, Kishan me guiou na direção da proa do navio.

– Nós não vamos comer?

– Vamos. Montei uma mesa aqui. E não se preocupe de alguém nos enxergar da casa do leme. O Sr. Kadam e Nilima tiraram a noite de folga. Todo mundo está nos conveses inferiores.

– Mas não é bom ter alguém pronto para entrar correndo na casa do leme no caso de uma emergência com os dragões ou coisa do tipo?

– Essa vai ser a minha função nas próximas horas. Se algo acontecer, seremos os primeiros a saber.

Apertei o braço dele.

– Parece legal. Ah, Kishan! Isso é maravilhoso!

Eu o soltei e cheguei primeiro à mesa lindamente posta. Kishan tinha usado o Lenço para criar uma toalha de mesa prateada com guardanapos combinando. Um conjunto de louça e talheres pesados e reluzentes com sereias entalhadas nos cabos deixava a mesa muito chique. Taças delicadas com estrelas-do-mar

presas à haste estavam cheias de suco frisante dourado. Ele tinha feito montinhos de conchas no piso. Dentro delas, velas bruxuleavam com a brisa fraquinha, estonteantes apesar da simplicidade. Lanternas penduradas davam ênfase ao efeito e uma música suave tocava em algum lugar ao fundo.

Estendi um dedo para tocar em uma concha.

– Você deve ter demorado um tempão para fazer isso.

Ele deu de ombros.

– Não foi tanto tempo. Eu queria que ficasse parecendo especial.

– E ficou.

Kishan puxou minha cadeira para que eu me sentasse. Ele se acomodou à minha frente e sorriu com a minha expressão.

– Você gostou.

– Dizer "eu gostei" é pouco.

Ele deu risada.

– Que bom. Está pronta para comer, então?

– Estou. Como isto vai funcionar? Imagino que você vá usar o Fruto.

Ele assentiu.

– Montei um cardápio. Confia em mim?

– Claro que sim.

Ele fechou os olhos e um jantar espetacular apareceu à nossa frente. Atacamos a comida e conversamos a respeito do que poderíamos achar com o terceiro dragão. No começo, falamos sério, mas depois começamos a fazer sugestões malucas sobre o que poderia acontecer, como por exemplo: "E se ele for desdentado? E se for do tamanho de um gatinho? E se for um dragão medroso que conta piadas, igual ao dragãozinho de *Mulan*?"

Kishan nunca tinha visto esse filme, então fizemos planos para assisti-lo mais tarde. Cantei para ele a música de "Puff, o dragão mágico", pelo menos as partes que consegui lembrar, e ele me contou uma história chinesa doida sobre um dragão que tinha perdido o rabo.

Para a sobremesa, Kishan criou um bolo de oito camadas de chocolate e framboesa com calda quente e porções de framboesas frescas com chantili de chocolate.

Fechei os olhos e gemi.

– Você realmente me conhece bem. Chocolate é o meu fraco.

Ele se inclinou para a frente.

– Espero mesmo que seja.

Eu dei risada.

– O problema é que... agora não aguento comer mais nada.

– Nós temos tempo. A sobremesa pode esperar. – Ele se levantou e estendeu a mão. – Quer dançar comigo, Kelsey?

– Eu adoraria.

Peguei sua mão e ele me puxou para perto.

A música era suave, e a noite estava fresca. Eu me aninhei contra ele, deleitando-me com seu calor.

– Sabe, esta é a primeira vez que eu danço com você sem ficar com medo de que alguém chegue para arrancá-la de mim.

– Hum... é verdade.

Ele pegou minha mão e me fez dar uma pirueta desajeitada. Dei risada quando nossos braços se enroscaram.

– Desculpe. Sei que não sou o melhor dos dançarinos. É só que...

Ergui a cabeça.

– O que foi?

– Você parece gostar de dançar de um jeito mais sofisticado. Como dançava com Ren. Eu provavelmente nunca vou aprender a fazer aquelas coisas.

– Kishan, você não precisa se comparar a ele. Gosto de você pelo que você é, não porque quero uma xerox.

– O que é uma xerox?

– É uma... não faz diferença. A questão é que você tem que ser você mesmo. Não espero que vá mudar. Se não gosta de dançar, tudo bem...

– Ah, eu *gosto* de dançar. Só não sou muito bom nisso.

– Não tem problema. Eu também não sou lá muito boa na dança.

– Verdade?

– Verdade.

Apoiei a cabeça em seu ombro e fechei os olhos, deixando que ele me guiasse, conduzindo meus passos. Eu confiava em Kishan. Sabia que não iria me magoar, e queria lhe passar a mesma sensação de paz que ele tinha me dado de boa vontade. Eu desejava desesperadamente não apenas amá-lo, mas estar *apaixonada* por ele. Pequenas lembranças de estar nos braços de outro homem

penetraram na minha mente. Irritada, eu as arranquei dali e as calei. Eu queria que meus pensamentos fossem apenas sobre Kishan. Sobre *este* bom homem que me amava de maneira incondicional.

Felizmente, ele interrompeu meus devaneios.

– Sabe quando eu me apaixonei por você?

– Não.

– Foi quando eu vi você cuidar das feridas de Ren depois que nós brigamos na selva. Você ainda não sabia que nós sarávamos rápido, e chorou.

– Eu me lembro.

– Fiquei com o coração partido ao ver você chorando por animais e homens, apesar de selvagens, maliciosos e amaldiçoados. Você demonstrou tanta ternura e preocupação... Minha vontade era consolar você. Deixá-la feliz. Secar as suas lágrimas.

– Você faz tudo isso.

– Lembra quando eu saí da selva e a surpreendi?

– Lembro.

– Eu a estava observando. Você me deixou fascinado. Era quase como se eu pudesse adivinhar o que estava pensando só pela sua expressão.

– Não achei que eu fosse assim tão transparente.

– Você tem o rosto aberto, bondoso.

– Obrigada.

Uma brisa leve soprou meu cabelo no rosto. Kishan pôs a mecha atrás da minha orelha e fez um carinho no meu pescoço.

– Você sabia que foi a primeira pessoa com quem eu falei em mais de 100 anos?

Fiquei estupefata.

– Eu não sabia disso. Você devia se sentir muito solitário.

Ele olhou para mim com seus olhos dourados profundos e eu me vi absorta nas manchinhas cor de cobre. Ele me segurou pela cintura.

– E me sentia mesmo. Fazia tanto tempo que estava sozinho que eu me achava o último homem na Terra. Então, quando vi você, foi como um sonho. Você era um anjo que finalmente tinha chegado para me resgatar da minha existência infeliz. Para mim não fazia diferença se estivesse vivo ou morto, desde que acabasse com meu isolamento. Então, quando você foi embora, achei que eu

poderia voltar a ser como era antes. Não tinha qualquer esperança de que algum dia pudesse ser minha. Era óbvio que Ren tinha tomado você para ele. Então, ignorei a atração. Ignorei meus sentimentos.

Eu o ouvia atenta, sem ousar interrompê-lo.

– Mas não fez diferença. Eu estava atraído por você. Voltei para a terra dos vivos. Aprendi mais uma vez a caminhar sobre minhas duas pernas. Aprendi o que significa ser homem. Daí você foi embora e uma parte secreta de mim ficou feliz. Minha intenção era lhe dar algum tempo e então procurá-la. Mas não foi isso que aconteceu.

Eu assenti, mas não disse nada. Não podia evitar pensar sobre aquela época no Oregon, mas logo fechei a porta dessas lembranças e voltei com um estalo para o presente. Sorri para Kishan.

Ele prosseguiu:

– Quando voltei a vê-la, feliz, nos Estados Unidos, resolvi que teria que me contentar em ser seu amigo e protetor. Tentei reprimir meus sentimentos. Fazer o que era preciso para ajudá-la a ser feliz. Mas quando ficamos sozinhos em Shangri-lá, eu me apaixonei ainda mais por você. Quis ficar com você, sem me importar com quem ia magoar ou em como isso iria fazê-la se sentir. Fiquei irritado quando me pediu para recuar. Eu queria que você me quisesse da mesma maneira, e você não queria. Queria que sentisse por mim o mesmo que sentia por Ren, mas você não era capaz disso.

– Mas, Kishan...

– Espere... deixe-me terminar.

Fiz que sim com a cabeça.

– Não sei se foi algo que aquele pássaro idiota fez comigo em Shangri-lá, mas tenho sido capaz de enxergar com mais clareza desde então... não só no que se refere ao meu passado e a Yesubai, mas a você também, e ao meu futuro. Eu sabia que não ia ficar sozinho para sempre. Vi isso no Bosque dos Sonhos. E, depois daquilo, percebi que você *me* amava também. Mas apressei as coisas. Forcei a barra. Então *ele* veio para casa e, apesar de tudo, você ainda quis ficar com ele. Talvez isso nunca mude. Talvez você nunca vá deixar de sentir uma conexão com ele.

Tentei dizer alguma coisa, e ele encostou um dedo nos meus lábios.

– Não. Tudo bem. Agora eu compreendo. Eu não estava pronto para ter um

relacionamento naquela época. Não tinha nada a oferecer. Não para uma mulher deste tempo. Mas Shangri-lá me deu algo mais valioso do que mais seis horas por dia como homem. Me deu esperança. Uma razão para acreditar. Por isso, esperei. Aprendi a ser paciente. Aprendi a viver neste século. E agora... o mais importante, acho que finalmente aprendi o que significa amar alguém.

Kishan ergueu um dedo e o deslizou da minha testa ao queixo, levantando-o para que eu o encarasse.

– Então, suponho que a única questão restante, Kelsey, seja... Será que os meus sentimentos são correspondidos? Você sente pelo menos uma pequena parte do que eu sinto por você? Há um pedaço seu que pode reservar para mim? Que eu posso chamar de meu? Que eu posso tomar para mim e guardar para sempre? Eu prometo que vou valorizá-lo e defendê-lo ardorosamente por todos os dias da minha vida.

As mãos de Kishan apertaram a minha cintura e ele baixou a testa para tocar na minha.

– Seu coração chega a bater por mim, meu amor?

Envolvi seu rosto com minhas mãos e uma lágrima escorreu pela minha bochecha. Depois de uma pausa minúscula, garanti a ele:

– Claro que sim. Não vou permitir que você fique sozinho, nunca mais. Eu também amo você, Kishan.

Eu me inclinei para a frente e pressionei meus lábios contra os dele. Ele mudou de posição para me abraçar e retribuiu o beijo. Foi delicado e doce. Passei os braços em volta do seu pescoço e me apertei contra ele. Ele me abraçou com mais força. No começo, foi só gostoso. Foi agradável e prazeroso. Mas, então, algo aconteceu.

Eu senti um estalo, um clique, um puxão. Meu coração disparou loucamente e um fogo surgiu de repente dentro de mim. Ele me consumiu, e eu queimei com um calor que não sentia havia muito tempo. Beijei Kishan com uma paixão desnorteada e intensa, e ele retribuiu meu ardor multiplicando-o por 10. O inferno de chamas continuou abrasando, chiando, limpando, purificando. Eu queria me deleitar na quentura que se criava entre nós. Era arrebatadora e poderosa. Meu coração se abriu. Minha conexão tinha voltado. Meu corpo sacudiu com a intensidade daquilo. Eu estava inteira mais uma vez. Parecia que o tempo havia parado.

Algo enorme atingiu o deque atrás de mim e várias velas se apagaram com um vento quente repentino. Ouvi som de madeira quebrando e um estalo. Meu corpo vibrou com o impacto e o choque me fez perder o equilíbrio. Mas Kishan me firmou com facilidade, embora nossos lábios tenham se separado. Eu pensei: *O que é isto? Um dragão? Um meteorito?*

Fiquei piscando estupefata, sem acreditar, quando uma cadeira de piscina passou voando por mim com um assobio e caiu no mar, fazendo barulho, levando a louça, as taças, o bolo e as velas da mesa consigo. Kishan olhou para mim, confuso, e então ficou paralisado quando ouviu uma voz irada no escuro, vinda de algum lugar acima de nós, que ameaçava:

– *Solte-a. Agora.*

18

É difícil fazer as pazes

Kishan e eu examinamos o deque, mas não conseguimos enxergar nada.

A voz no meio da noite repetiu:

– *Eu disse: solte-a. Agora.*

Uma sombra escura cobriu a luz e apareceu na cobertura acima de nós.

Arquejei e sussurrei:

– Ren?

Kishan deu um passo para trás e me puxou para perto dele. Ren soltou um rugido feroz e pulou da beirada da cobertura para o ar. Ele desceu do alto, vestido de branco, descalço, com os olhos azuis em brasa, e pousou agachado. Então se ergueu devagar e veio na nossa direção feito um anjo negro cheio da fúria divina.

Frio, calculista e implacável, ele disse:

– *Não...* me faça *repetir*.

Os olhos dele não desviaram dos de Kishan. Sua expressão severa era amedrontadora. Ele parecia uma tempestade violenta ganhando força. Pousei a mão no braço de Kishan e o olhar enfurecido de Ren se fixou no meu toque. Os olhos dele se ergueram para encontrar os de Kishan com a intensidade de um estampido de trovão.

Kishan falou:

– Ren? Qual é o problema? Fique calmo. Você está fora de si. – Sem desviar o olhar, Kishan recuou, mudou de posição um pouco e disse: – Kells, venha para trás de mim. Devagar.

Engoli em seco e dei um passo para trás. Tirei a mão do braço de Kishan. Ren nos observava como um gato observa um rato encurralado.

Ele piscou mais uma vez e deixou a cabeça pender para o lado, calculando, estudando nossos movimentos.

Kishan começou a falar com ele em tom grave e baixo enquanto ia fazendo com que nós dois recuássemos gradativamente.

Kishan orientou, bem baixinho:

– Se Ren saltar, fuja. Vou mantê-lo ocupado enquanto você vai chamar Kadam.

Fiz que sim com a cabeça, encostada nas costas dele.

Ren deu um passo para a frente.

– *Afaste-se* dela, Kishan. Agora!

Kishan sacudiu a cabeça.

– Não vou permitir que você machuque Kelsey.

– *Machucar* Kelsey? Não vou fazer mal algum a ela. A você, por outro lado, eu vou destruir.

Kishan ergueu a mão.

– Ren, não sei o que deu em você. Talvez seja o veneno do *kraken*. Apenas se acalme e recue.

– *Vishshva!* – berrou Ren com violência.

Então ele começou a gritar com Kishan em híndi, falando tão rápido que eu não consegui captar nada. Não sei o que ele disse, mas Kishan se eriçou e travou o maxilar. Ouvi um rugido de advertência vindo do peito de Kishan.

Através de dentes cerrados, Kishan disse baixinho:

– Kelsey, está na hora de ir embora. Corra.

O que quer que estivesse acontecendo com Ren estava piorando. Kishan disse algumas coisas em resposta a ele, mas obviamente não ajudaram em nada. Aliás, pareciam estar incitando Ren ainda mais, deixando-o mais irritado do que já estava.

Kishan esticou o braço para trás e apertou a minha mão.

– Vá. Eu seguro Ren.

Eu tinha acabado de me virar para sair quando ouvi um urro terrível de dor e o som de alguém caindo pesado no deque. Eu me virei e vi Kishan em cima de Ren, que estava prostrado.

– O que você fez?

– Nada. Ele apertou a própria cabeça e caiu.

Ren estava de joelhos, inclinado de um jeito que sua cabeça tocava no deque. Segurava os próprios cabelos e torcia e puxava as mechas enquanto gemia de aflição. De repente, jogou a cabeça para trás e empinou o peito. Com os punhos fechados na lateral do corpo, ele berrou de dor – o tipo de grito mortal que reverbera através de qualquer pessoa que o escute. Foi um grito de agonia absoluta. Nele, foi possível escutar os ecos da risada de Lokesh enquanto o machucava, o tormento físico de meses de tortura, o turbilhão emocional de não ter nada por que viver.

Eu devia ir até ele. Ele precisava de mim. Sua angústia penetrou no meu corpo até se transformar numa entidade viva. Eu tinha que vencê-la. Não podia deixar que ele sofresse assim, não podia permitir que sentisse tanta dor. Eu sabia que, de algum modo, eu poderia destruir essa escuridão que fazia sombra sobre sua mente, sobre sua alma.

Foi aí que eu senti. Por baixo da dor, por baixo das camadas de sofrimento, havia algo sólido, algo forte, algo inquebrável. Estava de volta. A ponte entre mim e Ren havia sido reconstruída. Estava escondida sob ondas de dor. Fora inundada, mas estava ali, e era dura e firme como pedra. Dei alguns passos em sua direção, mas Kishan me segurou.

Ren caiu para a frente mais uma vez e se segurou com braços trêmulos, arfando. Meu coração bateu pesado, como se estivesse no mesmo ritmo do dele. Eu sentia meus braços e pernas tremendo, ecoando os movimentos trêmulos dele. Nós três ficamos presos naquela posição durante alguns minutos. Finalmente Kishan deu um passo para a frente e estendeu a mão. Ren respirou fundo várias vezes e então pegou a mão do irmão. Ele se levantou e ergueu a cabeça, mas não olhou para Kishan. Olhou para mim.

Fiquei paralisada no lugar. Toda a minha pele formigava. Meu sangue batia espesso através das minhas veias.

Kishan falou:

– Você está... bem?

Ren respondeu sem tirar os olhos de mim.

– *Agora* estou.

– O que aconteceu com você? – continuou Kishan.

Ren deu um suspiro profundo e, com relutância, olhou para o irmão.

– O véu de obscurecimento foi removido.

– Véu? Que véu?

– O véu da minha mente. Aquele que Durga pôs em mim.

– Durga?

– Isso – respondeu ele baixinho. – Agora eu me lembro. – O olhar dele voltou para mim mais uma vez. – Eu me lembro... *de tudo*.

Prendi a respiração. O ar da noite agora parecia pesado ao nosso redor, quente e abafado, apesar de antes ter estado fresco. Um zumbido que vibrava no meu corpo esquentava meus músculos, derretendo o estresse de alguns momentos antes, e eu tomei consciência de apenas uma coisa: o homem que me olhava com ardor, com palavras não ditas em seus olhos azuis brilhantes. Não sei quanto tempo ficamos assim conectados. Achei que nada fosse capaz de quebrar aquele vínculo visual, mas então Kishan se pôs na minha frente e encarou o irmão. Fiquei piscando várias vezes, sem ação, antes que as palavras dele fizessem sentido.

– Fique aqui – disse ele a Ren. – Nós só vamos ao andar de baixo chamar Kadam e já voltamos. Está me escutando, Ren?

Ren falou sem tirar os olhos de mim:

– Estou. Vou esperar aqui.

Kishan resmungou.

– Ótimo. Venha, Kells.

Ele agarrou minha mão e começou a me levar para longe. Eu o segui serena, permitindo que guiasse meus passos enquanto minha mente refletia sobre o que tinha acontecido.

Logo depois de dobrarmos a esquina, ouvi a voz baixinha de Ren que não passava de um sussurro no meio da brisa da noite:

– Não vá, *iadala*. Fique comigo.

Segurei a respiração e me virei para olhar, mas não pude mais enxergá-lo. Kishan apertou minha mão e me puxou junto com ele. Quando chegamos à cabine do Sr. Kadam, Kishan bateu de leve. A porta se abriu em uma fresta e depois inteira, para permitir que entrássemos.

O Sr. Kadam usava um chambre, o tipo de roupa de dormir que os homens deviam vestir há 100 anos antes de se recolherem. Kishan se apressou em

explicar a situação. Os dois queriam que eu ficasse esperando enquanto eles conversavam com Ren. Foram inflexíveis, e eu estava chocada demais para reclamar. Então me acomodei na cadeira do Sr. Kadam e coloquei um livro pesado no colo.

Abri o livro, mas não consegui ler uma linha sequer. Meu cérebro estava desconectado. Meu corpo estava inteiramente concentrado em sentimentos; e, neste momento, a única coisa que eu era capaz de sentir era a conexão forte no centro do meu ser. O buraco, o elo que faltava, a parte quebrada, a lacuna em mim, desaparecida desde Shangri-lá, estava de volta, e eu era capaz de sentir a outra ponta. Eu estava conectada a Ren mais uma vez. Eu ficara sozinha. Nua. Exposta ao mundo cruel. E agora... não estava mais.

Mesmo ali, sentada a andares de distância dele, eu podia sentir o calor de sua presença como se um cobertor macio tivesse sido enrolado na minha alma, no meu coração. Ele me segurava e me protegia. Ele me abrigava, e eu sabia que não estava mais sozinha. Eu tinha sido como uma peneira, um reservatório capaz de segurar os pedaços maiores mas que sempre deixava as preciosas gotas líquidas do vínculo emocional escorrerem de mim.

Agora os buracos estavam selados, e eu estava me enchendo. Explodindo com algo que me deixava chorosa e trêmula. *Ele lembrou.* Repeti essas palavras vezes sem conta. Elas esvoaçaram pela minha mente consciente sem penetrá-la, sem serem processadas. Senti a cabeça leve, como se estivesse sofrendo com o calor. Lambi os lábios, mas me sentia fraca demais para me levantar e ir pegar água.

Kishan e o Sr. Kadam voltaram. Kishan se ajoelhou ao meu lado e pegou minha mão. Ele acariciou as costas dela, mas eu nem sentia seu toque suave.

O Sr. Kadam falou baixinho.

– Parece que Ren recuperou a memória. Ele gostaria de falar com a senhorita. Está disposta ou devo dizer a ele que espere até amanhã?

Hesitei e demorei alguns segundos para responder.

– Senhorita Kelsey? Está tudo bem?

Respirei fundo e balbuciei.

– Não sei o que fazer. O que devo fazer?

Kishan estava sentado ao meu lado, preocupado e constante.

– Eu vou apoiar qualquer decisão sua, Kells – disse ele.

– Eu devo falar com ele, certo? Acha que devo falar com ele, não acha?

Eu me levantei, dei alguns passos e então me voltei para trás.

– Não. Espere. Eu não posso. O que vou dizer a ele? Como explicar tudo?

– Ele sabe de tudo – disse Kishan. – Ainda se lembra de tudo desde que o encontramos, mas agora as outras lembranças voltaram à tona. Se não quiser falar com ele, não precisa.

Mordi o lábio.

– Não. Tudo bem. Vou falar com ele agora.

O Sr. Kadam assentiu.

– Ele está à sua espera no deque de observação.

Dei mais um passo trêmulo e então parei.

– Você me acompanha, Kishan?

Ele beijou minha testa.

– Claro que sim.

Deixamos o Sr. Kadam, que parecia muito preocupado; ele nos disse que iria assumir a vigília na casa do leme, já que estávamos ocupados com outros assuntos. Eu disse a Kishan que queria me trocar primeiro. Tirei a maquiagem e também o vestido fino. Coloquei uma calça jeans e uma camiseta. Removi a flor, escovei o cabelo e então calcei os tênis. Kishan ficou me esperando do lado de fora, ainda vestido com a camisa de seda e a gravata.

Peguei a mão dele e, em silêncio, fomos até o deque de observação. Nós nos dirigimos para as poltronas. O ambiente estava escuro; só o luar que entrava pela janela iluminava nosso caminho. Vi uma figura sombreada se erguer. O luar traçava seu contorno. Eu parei.

Kishan me abraçou e sussurrou:

– Vai ficar tudo bem. Vá em frente e me chame se precisar.

– Mas...

– Vá em frente.

A presença reconfortante de Kishan se foi antes que eu pudesse protestar. Eu me forcei a dar um passo adiante, depois outro. Estava com medo, mas não sabia de quê. Finalmente cheguei até onde Ren estava. Ele observava cada movimento meu com uma atenção que me deixou nervosa. Deve ter pressentido meus temores, porque parou com o olhar intenso e fez um gesto para que eu me sentasse. Eu me acomodei nervosa na frente dele e cruzei as mãos no colo.

Depois de um longo minuto em silêncio, eu disse:

– Você... queria falar comigo?

Ren se recostou na cadeira e ficou me examinando em silêncio.

– O que você queria dizer? – gaguejei.

Ele deixou a cabeça cair de lado.

– Você está com medo. Não precisa ficar – disse ele em tom suave.

Baixei o olhar para as mãos.

Ele prosseguiu:

– Está agindo da mesma maneira que agiu quando eu me revelei pela primeira vez a você na casa de Phet.

– Parece que não consigo evitar.

– Não quero que você tenha medo de mim, *priya*. Nunca.

Meus olhos encontraram os dele e eu respirei fundo.

– Você disse que tinha se lembrado. É verdade?

– É. Eu... achei o ativador.

Chocada, perguntei:

– Qual foi o ativador? O que trouxe de volta suas lembranças em relação a mim depois de todo esse tempo?

Ele desviou o olhar.

– Não é importante. O que importa é que acabou. Eu me lembro de você. De nós. De Kishkindha. Do Oregon. Eu me lembro de ter sido capturado, de entregar você a Kishan, da dança do Dia dos Namorados, da luta contra Li, do *nosso primeiro beijo*... de tudo.

Eu me levantei e fui até a janela. Apertei a mão contra o vidro e continuei de costas para ele.

Ren prosseguiu:

– Phet tinha razão. Eu fiz isso a mim mesmo.

Cerrei os punhos e encostei a testa no vidro frio. Minha respiração embaçou a janela por um instante e então desapareceu entre inspirações.

– Por quê? – Minha voz falhou. – Por que você fez isso?

Ele se levantou e se postou atrás de mim, perto o bastante para me afetar. Era algo quente e calmante e, no entanto, ao mesmo tempo, meus nervos ficaram à flor da pele, arrepiando minha pele até que eu estivesse sensível a tudo ao meu redor. Ele tocou uma mecha do meu cabelo e seus dedos roçaram minha nuca. Eu me sobressaltei mas permaneci onde estava.

– Durga se ofereceu para me ajudar a bloqueá-la, e até implementou uma aversão subliminar para que eu não conseguisse ficar perto de você. A ideia era que, se eu de algum modo fosse resgatado, mesmo assim deveria ficar o mais longe possível de você.

– Isso incluía você não conseguir me tocar? A queimação que você sentia?

– Incluía. Assim, eu iria evitá-la, e Lokesh não ia poder me usar para encontrá-la. Aquele homem estava me obrigando a dizer coisas que eu não queria que ele soubesse. Ele me fez ter alucinações com algum tipo de poder. Estava obcecado em encontrá-la. Esquecer você era a única maneira de realmente protegê-la. A única maneira de salvá-la.

Uma lágrima rolou pelo meu rosto. Outras se seguiram, e eu funguei baixinho.

Ele deu mais um passo e pôs a mão no vidro, perto da minha. Então se inclinou e sussurrou:

– Sinto muito, *iadala*. Sinto muito por não ter estado ao seu lado quando você precisou. Sinto muito pelas coisas que eu disse. Sinto muito pelo seu aniversário e, acima de tudo, sinto muito por fazer você pensar que eu não a queria. Isso nunca foi verdade. Jamais. Nem quando eu não conseguia me lembrar de você.

Dei risada entre lágrimas.

– Nem quando Randi estava aqui?

– Eu detestava Randi.

– Você com certeza me enganou.

– Eu quis afastá-la de propósito. Quando Kishan lhe prestou primeiros socorros e eu não fui capaz de ajudar, percebi que precisava de alguém que pudesse cuidar de você e ficar ao seu lado. Eu não podia ser o que você precisava. Kelsey, eu me lembro de cada momento que passei a seu lado. Eu me lembro da primeira vez que você tocou em mim na forma de tigre. Eu me lembro de discutir com você em Kishkindha. Eu me lembro do medo que senti depois que o *kappa* a mordeu. Eu me lembro da luz das velas brilhando nos seus olhos no nosso jantar de Dia dos Namorados. Eu me lembro da primeira vez que você me disse que me amava, logo antes de partir da Índia, e eu me lembro de entregar você a Kishan no Oregon e de deixá-la ir. Achei que essa tinha sido a coisa mais difícil que eu jamais iria experimentar, mas então Durga me ofereceu a chance de salvá-la.

Ele parou brevemente para retomar o fôlego e continuou:

– Eu quase não aceitei. Ficou um vazio no meu coração depois que ela levou embora as minhas lembranças. Senti quando elas se esvaíram de mim, e não havia nada que eu pudesse fazer para segurá-las. Desesperado, eu me agarrei a cada uma delas à medida que iam desaparecendo, apagando-se da minha memória. A última coisa de que eu me esqueci foi o seu rosto. Aquela última imagem sua era tão real que eu tentei segurá-la entre as mãos. Eu me recusei a deixá-la, mas sua imagem foi sumindo até eu não estar segurando mais nada. Meu coração estava partido, e eu não conseguia me lembrar por quê. Viver daquele jeito era horrível. Eu queria que Lokesh me matasse. Comecei, de fato, a ficar ansioso pela tortura. Era uma distração para a minha mente.

Ele apoiou a cabeça e o ombro no vidro, para poder enxergar o meu rosto.

– Então, um dia, vocês três chegaram e me salvaram. Eu não sabia quem você era. Eu sentia que devia saber, mas não conseguia ficar perto de você como homem sem sentir muita dor. De algum modo, porém, estar perto de você preenchia o vazio. Valia a pena sentir a dor física. Não acho que Durga estivesse esperando por isso, que a atração emocional que você exercia iria se sobrepor aos desconfortos físicos da proximidade. Então, nós voltamos a ficar juntos. Mas desta vez eu fiquei limitado, bloqueado. Como tigre eu podia ficar por perto, ser o seu companheiro, senti-la, e voltei a me apaixonar por você.

Eu não sabia o que dizer, então não cogitava interrompê-lo. Ele prosseguiu:

– Como uma parte de mim sentia que nós tínhamos que ficar juntos, eu me tranquilizei. Eu me contentaria em ser seu gatinho de estimação pelo resto da vida. Você me perguntou no Festival das Estrelas se eu iria querer mais do que isso. A resposta foi não. Não havia nenhum outro lugar onde eu quisesse estar que não ao seu lado, *ninguém* que me fizesse sentir tão bem como você fazia. Então, quando terminei nosso relacionamento, tentei provar para você e para mim mesmo que eu não precisava de você. Eu a evitei. Eu a magoei. Desfilei com outras mulheres para que você acreditasse que eu não a desejava. Mas era mentira. Eu me cercava de 10 mulheres e só conseguia pensar naquele caubói pondo as mãos em você. Só o que eu via era a mágoa que tinha lhe causado. Eu me convenci de que estava fazendo isso pelo seu próprio bem. Que você seria mais feliz assim e que teria uma vida normal sem mim. Por egoísmo, eu a empurrei para cima de Kishan sabendo que, se ficasse com ele, pelo menos eu ia poder estar perto de você de vez em quando.

– E você sabia que ele era capaz de me proteger.

– Exatamente.

Eu me virei de lado para ficar de frente para ele.

– E agora?

– E agora? – Ele deu uma risada triste e passou a mão no cabelo. – Agora estou numa situação ainda pior. Pelo menos antes eu não tinha a lembrança de beijar você na cozinha entre fornadas de biscoitos de chocolate e manteiga de amendoim. Eu não me lembrava de como tinha sido dançar com você no Oregon. Eu não me lembrava de como ficava com o seu vestido *sharara* azul. Eu não tinha a lembrança de lutar *por* você nem de lutar *com* você. De namorar você ou de vê-la no Natal depois de meses e de como eu finalmente me senti... inteiro mais uma vez.

Ele suspirou.

– Sei que magoei você. Sei que lhe causei dor. Sei que rompi sua confiança, sua fé em mim. Apenas... me diga o que fazer. Diga como consertar isso. Como acertar tudo. Como conquistá-la de volta. Se eu pudesse tomar toda a dor que causei a você para mim, eu tomaria. Você é mais importante para mim do que qualquer outra coisa, e eu *sacrificaria* tudo para fazê-la feliz, para mantê-la em segurança. Por favor, acredite nas minhas palavras.

Eu funguei e me coloquei na frente dele. Abracei-o pela cintura e o segurei com força.

– Eu acredito.

Ele me apertou contra o peito e acariciou meu cabelo em silêncio. Ficamos assim durante muito tempo. Ele parecia contente em apenas me abraçar. Enfim, emocionalmente exausta, eu juntei coragem e me afastei.

Dei tapinhas carinhosos no braço dele e disse:

– Podemos conversar mais sobre isso amanhã, Ren. Já passou muito da meia-noite e eu estou exausta. Boa noite.

– Boa noite? – perguntou ele, confuso.

– É. Boa noite.

Dei dois passos para longe dele e senti quando pegou no meu braço.

– Espere. Eu vou com você.

Logo desviei o olhar de seu rosto confuso e hesitei por um momento, antes de falar:

– Hã... é melhor não. *Kishan* está... me esperando.

O rosto dele se anuviou.

– Você... ainda vai ficar com *ele*?

Suspirei.

– Vou.

– Mas as coisas que eu disse não fizeram diferença para você? *Kelsey*... – Ele pegou minha mão e a segurou entre as dele. – Agora eu posso ficar com você de novo. Posso tocá-la. Posso abraçá-la. Posso estar perto de você.

Ren puxou a palma da minha mão até os lábios, fechou os olhos e a beijou.

Voltou a abri-los devagar e eu engoli em seco.

– Eu sei, Ren, mas... não importa. Eu... eu estou com Kishan agora.

Ele largou minha mão e seus olhos azuis ficaram gélidos.

– Como assim, está com Kishan agora?

– Kishan e eu agora estamos namorando. Você se lembra disso, não lembra? Olhe, vamos conversar mais sobre esse assunto amanhã, está bem?

Eu me virei para sair.

Ele deu a volta em mim e, com a voz contida e controlada, disse:

– Não quero conversar sobre isso amanhã, Kells. Quero conversar agora.

– Ren, não tenho energia para brigar por causa disso agora. Preciso de um pouco de tempo para processar tudo. Vou dormir. A gente se vê de manhã.

Ele agarrou minha mão e me conduziu de leve para perto dele. Foi me puxando até meu nariz estar a um dedo do dele e minhas costas estarem curvadas para trás – na tentativa de me manter afastada. Ele se inclinou por cima de mim e eu não consegui evitar olhar para sua boca. Entrei em pânico, pensando que ele ia me beijar, mas, em vez disso, ele apertou os lábios contra minha bochecha e disse:

– Tudo bem. Vá dormir agora. Mas quero que entenda uma coisa: eu não vou perder você outra vez, *meri aadoo*.

– O que isso quer dizer?

Ele sorriu e sussurrou:

– Significa... *meu pêssego*.

Ele ajeitou o corpo e me soltou. Eu me virei e me apressei até a porta. Kishan estava me esperando perto dos equipamentos de ginástica e, quando me aproximei, ele estendeu a mão. Sorri e a peguei enquanto ele olhava por cima da

minha cabeça. Eu me virei e vi que Ren estava apoiado na porta, relaxado. Ficou observando Kishan me levar embora.

Entramos no elevador e Ren ficou enraizado no mesmo lugar, pensativo, enquanto descíamos.

Quando chegamos ao meu quarto, fui para o banheiro e vesti o pijama. Kishan estava sentado em uma cadeira à minha espera quando voltei. Sentei-me na cama sobre as pernas cruzadas.

– Tudo bem? – perguntou ele.

– Tudo bem. Eu gostaria de dormir e conversar sobre isso mais tarde, se não se importa.

– Claro. Vou ajudar o Sr. Kadam hoje à noite. A gente se vê de manhã.

Ele se levantou e puxou as cobertas para cima de mim, me ajeitando, deu um beijo na minha testa e fechou a porta com cuidado.

Apaguei a luz e fiquei me contorcendo e chutando até tirar a coberta pesada de cima de mim e me cobrir com minha colcha. De repente me dei conta de que Ren sabia me acomodar na cama e Kishan, não. Irritada, joguei a colcha da minha avó na cadeira e puxei o edredon pesado até o queixo, determinada a cair no sono do jeito que Kishan tinha me ajeitado. Demorei muito tempo para dormir e passei a noite toda agitada.

Quando acordei, vi que estava com os pés na cabeceira da cama e com o braço caído pela beirada. Arrastei meu corpo cansado para o chuveiro e fiquei olhando para meus olhos caídos e inchados no espelho.

O que eu vou fazer? Ren quer simplesmente recomeçar de onde paramos. Será que posso fazer isso? Será que posso magoar Kishan dessa maneira? Será que sou esse tipo de pessoa? O que sinto por Kishan? Mais do que amizade, com certeza. Ele é constante, confiável... Caramba! Parece que estou descrevendo um carro velho. Então, o que isso significa? Ele é um Corcel e Ren é um Corvette? Não. Isso também não é verdade. Acho que a verdadeira questão é: o que eu sinto por Ren?

Meu coração bateu pesado em resposta quando eu me permiti visualizá-lo, me lembrando de como eu me senti quando ele me abraçou. De como meu coração saltou quando ele tocou no meu pulso. De como tremi quando ele

olhou para mim. Fechei os olhos e tentei me concentrar. Deveria isolar da mente os sentimentos e analisar a situação de maneira lógica.

Não. Eu não sou o tipo de pessoa que faria isso com Kishan. Eu disse a ele que não iria permitir que ele voltasse a ficar sozinho. Ren sabia o que estava fazendo, apesar de não conseguir se lembrar. Ele teve a chance dele e me dispensou. Kishan também merece essa chance. Pronto. Já fiz minha escolha. Escolho ficar com Kishan.

Com a decisão tomada, eu virei a chave do meu coração. Tranquei meus sentimentos por Ren bem no fundo do meu ser e deixei aberta apenas a parte do meu coração que pertencia a Kishan. Eu me sentia sufocada e desconfortável, como se estivesse tentando respirar apenas com um pulmão, e o que restara do coração era suficiente apenas para continuar funcionando. Pelo menos, era mais do que uma fatiazinha. E daí que a outra parte do meu coração pulsasse como se eu tivesse amarrado um torniquete ao redor dela? E daí que estivesse pronta para explodir e me destruir completamente? E daí que eu me sentisse limitada, reprimida? Eu podia aprender a me adaptar a isso, como as meninas chinesas que aprendem a caminhar com os pés amarrados. Claro que no começo iria doer, mas acabaria me acostumando.

Com as amarras do coração bem presas, segurando firme minhas emoções, beliscando minha pele como as barbatanas apertadas de um corpete, vesti uma roupa qualquer e me dirigi para a casa do leme com relutância. No caminho, parei à porta de Kishan e abri uma fresta. Ele estava dormindo, com os lençóis embolados na cintura. Fui até a cama e afastei o cabelo do seu rosto. Ele sorriu, sem acordar, e virou para o lado. Eu o deixei e fui para o elevador.

Quando cheguei à porta de vidro, encontrei uma rosa de seda azul com um bilhete dobrado preso a ela. Peguei o papel e o abri. Dentro, havia um par de brincos de pérola e um poema.

Por acaso você sabe como aquela pobre desgraça sem forma...
A Ostra... cria seu cálice raso de luar?
Onde a concha a incomoda, ou a areia do mar irrita,
Ela solta o brilho adorável de seu pesar.

— Edwin Arnold

Permita que eu guarde minha pérola.
— Ren

Amassei o bilhete e enfiei-o no bolso, junto com os brincos. Então tomei o elevador e subi até a casa do leme, onde encontrei o Sr. Kadam trabalhando vigorosamente em algumas anotações.

– O que está fazendo? – perguntei.

– Kishan e eu encontramos as respostas para as marcas no disco celeste.

– Ah, é? O que são?

– Kishan acha que são obstáculos que se encontram entre nós e os outros pagodes. E que o caminho mostrado é uma maneira de nos desviar deles com segurança.

– Obstáculos, é? Imagino o que fez Kishan pensar assim – comentei, seca.

O Sr. Kadam ignorou meu comentário.

– Estamos testando essa teoria agora. Vamos nos aproximar da primeira marca daqui a mais ou menos uma hora. Foi por isso que mandei Kishan descansar.

– Entendi.

Fiz alguns waffles para mim com o Fruto Dourado e me sentei ao lado do Sr. Kadam, que continuou trabalhando.

– Está se sentindo melhor, Srta. Kelsey?

– Eu... não dormi bem. Ren e eu conversamos, e parece que ele se lembra de tudo agora. Mas isso só torna as coisas mais complicadas.

– Eu sei. Conversei muito com ele mais cedo.

Voltei toda a atenção para o prato e fiquei girando os pedacinhos de waffle na calda.

– Eu... na verdade, não quero falar sobre isso agora, se o senhor não se importar.

– De jeito nenhum. Pode conversar comigo quando quiser, mas também não precisa falar nada se assim desejar. Estou sempre à sua disposição.

– Obrigada pela compreensão.

Uma hora mais tarde, Kishan apareceu com a minha jaqueta no braço. Ajeitou-a sobre os meus ombros e se virou para examinar os mapas em que o Sr. Kadam estava trabalhando. Algo fez barulho no bolso. Enfiei a mão lá para ver o que era e tirei um papel. Era um soneto. Na verdade, era o soneto CXVI, um dos meus preferidos.

De almas sinceras a união sincera
Nada há que impeça. Amor não é amor
Se quando encontra obstáculos se altera
Ou se vacila ao mínimo temor.
Amor é um marco eterno, dominante,
Que encara a tempestade com bravura;
É astro que norteia a vela errante
Cujo valor se ignora, lá na altura.
Amor não teme o tempo, muito embora
Seu alfanje não poupe a mocidade;
Amor não se transforma de hora em hora,
Antes se afirma, para a eternidade.
Se isto é falso, e que é falso alguém provou,
Eu não sou poeta, e ninguém nunca amou.

– Qual é o problema? – perguntou Kishan.

Guardei o bilhete no bolso e corei.

– Nada. Eu, hã... volto logo.

– Tudo bem. Mas se apresse. Estamos quase lá.

– Pode deixar.

Corri escada abaixo e entrei de supetão no quarto de Ren, no momento em que ele estava vestindo uma camisa.

– O que você acha que está fazendo? – berrei.

Ele ficou paralisado e então deu um sorriso para me desarmar, ajeitando a camisa no peito.

– Estou me vestindo. E bom dia para você também. Mas qual a razão dessa gritaria toda?

– Não sei como você deixou isto na minha jaqueta, mas precisa parar.

– O que exatamente eu deixei na sua jaqueta?

Joguei o papel amassado na mão dele.

– Isto!

Ele se sentou na cama e abriu o papel devagar, alisando-o por cima da coxa vestida com calça jeans. Soltei um gritinho involuntário ao me dar conta de que estava hipnotizada pelos movimentos dele.

– Parece que é um poema de Shakespeare, Kells. Você gosta de Shakespeare. Então, qual é o problema?

– O *problema* é que eu não quero mais saber de poemas da sua parte.

Ele se recostou e me examinou com ousadia, sorriu e disse:

– "Será que uma mulher com este humor já foi desejada? Será que uma mulher com este humor já foi conquistada?"

– Dê um tempo, Shakespeare. Eu não sou uma megera a ser domada. Como eu disse a você ontem à noite, agora estou namorando Kishan.

– É mesmo?

Ele se levantou e caminhou firme na minha direção.

De repente eu não conseguia mais respirar. Fui recuando até bater na parede. Ele apoiou as mãos nela, cercando cada lado da minha cabeça, e se inclinou para perto de mim. Teimosa, empinei o queixo e me recusei a ser intimidada.

– Sim. Estou. Foi bom mesmo eu ter vindo aqui falar com você sobre isso. Eu não quero que... fique me perseguindo e faça com que as coisas sejam – engoli em seco – difíceis.

Ren deu uma risada rouca e se inclinou para mais perto, roçando o nariz na minha orelha.

– Você gosta que eu seja... *difícil*.

– *Não*. – Resmunguei quando ele mordeu o lóbulo da minha orelha. – Quero que minha vida seja simples e cômoda. E, com Kishan, vai ser.

– Na verdade, você não quer uma coisa *simples*, quer, Kelsey?

Seus lábios pressionaram a pele macia atrás da minha orelha e eu estremeci.

– Complicação... – ele começou a dar beijinhos provocadores de leve pelo meu pescoço – é o que faz a vida... – ele levou a mão à minha nuca e enfiou os dedos no meu cabelo – ser emocionante.

Virei o rosto para o outro lado, mas ele simplesmente aproveitou a oportunidade para explorar mais o meu pescoço exposto.

– O amor é complicado mesmo, *iadala*. Hummm, você é deliciosa. Sabe como é gostoso poder tocar em você sem sentir dor? Beijar você? – Ele estalou beijinhos ao longo do meu maxilar, fazendo cócegas, e sussurrou: – Eu quero me afogar no prazer de estar perto de você.

Soltei um gemido e agarrei os braços dele. *Falando em afogamento, eu estava afundando, e com rapidez.* Abri os olhos, agarrei-o pelos ombros, encarei seu olhar e usei toda minha força para empurrá-lo para longe, mas ele só recuou alguns centímetros.

– Chega, Ren. Estou falando sério. *Leia meus lábios!* Eu quero ficar com *Kishan*. Não com *você*.

Os olhos dele se estreitaram, mas então brilharam com malícia.

– Achei que você nunca fosse pedir.

De repente, ele me agarrou. Com uma das mãos espalmada nas minhas costas e a outra no meu cabelo, ele firmou minha cabeça e esmagou minha boca com a dele. Nossos corpos grudaram feito dois ímãs. Uma onda violenta de calor tomou conta de mim. Eu poderia jurar que estava me afogando e que ele era minha boia salva-vidas. Eu estava desesperada para me unir a ele, para me tornar parte dele. Seu toque era tão familiar... e, no entanto, novo. Ele era como o mar, tão vasto, tão cheio de vida... *Tão essencial ao meu mundo*.

Meus braços desceram para seu pescoço e o seguraram enquanto ele deslizava as mãos para cima e para baixo nas minhas costas e me puxava para mais perto. Um braço prendeu minha cintura e o outro segurou o meio das minhas costas. Ele me beijou loucamente, me subjugando como se fosse uma onda gigantesca quebrando sobre mim. Eu logo me perdi em seu abraço selvagem e, mesmo assim... sabia que estava a salvo. Seu beijo me guiou, me empurrou, me fez perguntas que eu não estava disposta a considerar.

Mas eu era adorada por este Poseidon obscuro, e apesar de ele ter o poder de me esmagar completamente, de me afogar nas profundezas púrpura de seu rastro, ele me mantinha na superfície. Seu beijo passional mudou. Ficou mais

suave, delicado e suplicante. Juntos, fomos à deriva na direção de um porto seguro. O deus do mar me colocou em segurança na areia de uma praia e me firmou enquanto eu tremia.

Formigamentos efervescentes dispararam pelos meus braços e pernas, deleitando-me com arroubos de uma sensação faiscante, como os dedos dos pés cheios de areia tocados por ondas borbulhantes. Finalmente, as ondas se afastaram e eu senti meu Poseidon me observar de longe. Nós nos entreolhamos, cientes de que aquela experiência nos tinha transformado para sempre. Sabíamos que eu sempre pertenceria ao mar e que eu nunca seria capaz de me separar dele e voltar a ser inteira.

Ele roçou o polegar no meu rosto, me tocando com delicadeza. Uma parte de mim berrava que precisava dele, que meu lugar era com ele, que eu não podia negar isso. Mas outra parte se sentia culpada, lembrava que havia outro que me amava, que se preocupava comigo, que iria se magoar. E eu tinha feito uma promessa a ele. Dei um passo para trás e me afastei da presença arrebatadora de Ren para poder me livrar da reação que eu tinha a ele. Não deu certo, mas prendi a respiração e assumi a determinação de seguir meu caminho.

– Hum. – Ele passou os dedos da minha têmpora para a bochecha e depois para a boca, tocando de leve no lábio inferior. – Muito interessante.

Com um suspiro, perguntei:

– O que é interessante?

– Apesar dos seus protestos, eu diria que os seus lábios com toda a certeza me... *desejam*.

Soltei um grito de frustração, mais com a minha própria fraqueza do que com ele, empurrei-o para o lado e limpei os lábios com as costas da mão.

– Kelsey.

– Não. – Ergui a mão. – Não dá, Ren. Eu não posso fazer isso. Não sou esse tipo de pessoa. Eu não posso mais *ficar* com você assim.

– Kelsey, por favor...

– Não!

Saí correndo do quarto e ele foi atrás de mim.

Naquele momento, algo sacudiu o iate. Ren saiu do quarto em um arroubo, na minha direção, pegou minha mão e foi me puxando até a casa do leme. Nós entramos ao mesmo tempo e ficamos presos na porta. Ren achou que aquela

fosse uma oportunidade fantástica para me agarrar enquanto eu berrava com ele. Quando finalmente passei da porta e me dirigi para Kishan, ele estava com a testa franzida, e Ren tinha um sorriso malicioso nos lábios. O navio sacudiu de novo, eu caí sobre a estante e bati a cabeça.

– Será que você não consegue nem garantir que ela não se machuque? – gritou Ren.

– Ele me protege muito bem! – esbravejei em resposta.

Kishan me puxou em um abraço e esfregou o galo na minha cabeça.

– Não deixe que ele a provoque, Kells. Só está tentando irritá-la.

– Acho melhor vocês três continuarem a conversa quando o navio não estiver sendo atacado! – interveio o Sr. Kadam. – Nilima! Pegue o leme!

Ren agarrou o tridente e correu para a escada que levava ao alto da casa do leme. Kishan pegou o *chakram* e correu para a parte da frente do iate. Fui para a parte de trás.

Ren berrou bem alto:

– Estou vendo! É algum tipo de peixe muito grande.

Fiquei olhando para a água e arquejei quando avistei um rabo enorme.

– Está indo na sua direção, Kishan!

O corpo gigantesco sacudiu o navio até ele se inclinar perigosamente para um lado. Quando voltamos a nos endireitar e o iate caiu na água, saí correndo para o lado de Kishan. Como o *chakram* não era capaz de atravessar a água, eu acertei a criatura com meus raios e ela deu algumas voltas e mergulhou. Tudo ficou em silêncio durante alguns instantes assustadores, então uma forma enorme se ergueu da água atrás de Ren.

Fiquei boquiaberta. Era um peixe-monstro gigante. A mandíbula inferior se projetava vários metros além da superior. Sua boca estava escancarada.

Enormes dentes parecidos com os de vampiro saíam dos lábios cinzentos grossos e um olho amarelo gigante estava fixo em Ren. Duas nadadeiras enormes batiam no ar como um beija-flor e listras pretas compridas iam da cabeça ao rabo. Sua boca de repente se fechou feito um torno.

– Ren! Atrás de você!

Ele girou e enfiou o tridente na barriga do peixe várias vezes. O sangue negro saía dos buracos formando poças. O peixe inclinou o corpo e parte dele tombou sobre a torre. Ren caiu do iate e deslizou pelo corpo escorregadio do peixe para a

água agitada lá em baixo.

– Ren! Kishan, ajude-o!

Na mesma hora Kishan mergulhou na água, atrás de Ren.

Gritei para os homens lá em baixo:

– Como é que isso vai ajudar?

Corri para a casa do leme. O peixe dava voltas na área e tentava morder os dois irmãos que boiavam perto do navio. Ren usou o tridente, mas não estava fazendo muito progresso. A única coisa que os ajudava era que a mandíbula inferior do peixe era tão grande que ele não conseguia chegar perto o suficiente para mordê-los, batendo no casco do navio em vez disso. Peguei o Lenço e corri de volta para a lateral. A essa altura, o peixe tinha desistido de mordê-los e tentava esmagá-los contra o barco.

Eu murmurei:

– Está tentando fazer uma panqueca de príncipes indianos? Só por cima do meu cadáver!

Lancei os raios mais fortes que consegui pela mão e acertei o peixe em vários lugares. Ele se contorceu irritado na água, tentando sair do meu alcance. Ao mesmo tempo, pedi ao Lenço que fizesse uma escada de corda saindo da amurada e descendo pela lateral do iate até a água, e berrei para os irmãos que a agarrassem. Mantive o peixe afastado deles tempo suficiente para que pudessem subir.

Quando estavam a bordo novamente, encharcados e cansados, gritei para Nilima:

– Tire a gente daqui!

Continuei lançando raios no peixe até estarmos longe o bastante para ele desistir. Quando senti que finalmente estávamos fora de perigo, olhei com raiva para os dois irmãos, então os ignorei e fui para a casa do leme pisando firme.

Entrei de supetão e disse:

– Bom, a teoria da barreira é bem sólida. Sugiro que tracemos uma rota entre todos esses pontos. Quando os irmãos aparecerem, diga a eles que são dois idiotas, que não há de quê e que me deixem em paz por um tempo.

Nilima e o Sr. Kadam não falaram nada. Com isso, saí bufando da casa do leme direto para o meu quarto. Tranquei as duas portas e enchi a banheira de hidromassagem para tomar um bom banho. Enquanto estava imersa na água,

fiquei pensando no beijo e me senti culpada. *Parece que vou precisar fortalecer minha determinação se quiser ser fiel a Kishan. Não posso deixar Ren me pegar sozinha. Simplesmente não tenho força de vontade suficiente para resistir a ele. Ele é... poderoso demais.* Apesar da minha autoflagelação, acabei pensando nele o tempo todo. Senti um tremor. O iate estava avançando, então era óbvio que nos dirigíamos para a toca do dragão verde. Suspirei, abri os olhos e saí da banheira.

Depois de me vestir, voltei para a casa do leme. Tudo estava em silêncio. O sol se pusera e nem Ren nem Kishan estavam por ali. Encontrei Nilima sozinha, dirigindo o iate, seguindo com cuidado as instruções do Sr. Kadam. Peguei um cobertor e me aninhei numa cadeira próxima. Ela dava uma olhada em mim de vez em quando, mas eu estava completamente absorta nos próprios pensamentos.

– Está se perguntando o que deve fazer, não é mesmo?

Soltei um longo suspiro.

– Estou. Tento imaginar um jeito de fazer com que Ren entenda que não podemos ficar juntos agora.

– Ah, é? – Ela se virou para olhar para mim. – É isso que você está imaginando? Achei que estivesse se perguntando qual dos dois vai fazer você feliz.

– Não. Não é nisso que estou pensando.

– Entendi. Então está determinada a ficar com Kishan?

– Fiz uma promessa a ele. Assumi um compromisso.

– Você também não fez a mesma coisa com Ren?

Eu me retraí.

– Fiz. Mas foi há muito tempo.

– Talvez para ele não faça tanto tempo assim.

Nilima ficou olhando fixamente para a escuridão.

– Talvez não. – Baixei os olhos para minhas mãos no colo. – O que *você* acha que eu devia fazer? – perguntei.

Ela deu uma espreguiçada charmosa e então retomou a posição anterior.

– Você gosta de escrever no diário, não gosta?

– Gosto.

– Então sugiro que escreva sobre os dois. Escreva sobre as qualidades e os

defeitos deles. Anote aquilo que ama em cada um. Mas coloque também o que você gostaria que fosse diferente. Talvez ajude ver os seus pensamentos no papel.

– É uma boa ideia. Obrigada, Nilima.

Passei os dias seguintes passando para o papel os meus pensamentos sobre os dois irmãos. Descobri que tinha muitas coisas boas e ruins a dizer a respeito de Ren e, apesar de minha lista sobre Kishan ser toda boa, era curta. Não achei que estivesse me concentrando nele de maneira adequada, por isso resolvi passar mais tempo ao seu lado. Perguntei-lhe uma porção de coisas e então, determinada, anotei suas respostas no meu diário.

Dei vários beijos "experimentais" nele, tentando avaliar minhas reações. Ele parecia alheio aos meus testes e aproveitava os beijos pelo que eram. Nem *uma vez* sequer beijá-lo causou a mesma reação que tive quando beijei Ren. Apesar dos meus esforços, descobri que também não conseguia replicar o sentimento daquela primeira noite, daquele primeiro beijo em Kishan, o do dia em que Ren recuperou a memória. Comecei a desconfiar de que minha reação naquela hora não tivera nada a ver com Kishan.

Certa noite, eu estava passeando pelo deque com Kishan quando tive uma ideia para outro teste.

– Kishan? Quero experimentar uma coisa. Será que pode me ajudar?

– Claro. O que é?

– Fique bem aqui. Não, atrás de mim. Está bom. Agora, fique parado um segundo.

Mirei meu poder de raio na água. Uma luz branca saiu da palma da minha mão e atingiu o mar. Uma nuvem de vapor se ergueu.

– Certo. Agora chegue mais perto de mim e me aperte contra o seu peito.

– Assim?

– Isso. Está bom. Agora, apoie a cabeça no meu ombro e toque nos meus braços. Coloque os seus por cima dos meus.

Ele passou as mãos para cima e para baixo nos meus braços. Eu me concentrei e forcei minha energia ao máximo, mas a luz não mudou. Não houve nenhuma explosão dourada intensa de energia. Não fui tomada por uma sensação de

conexão. Meu poder arrefeceu e cessou. Fiquei olhando fixamente para a água.

– O que foi? – perguntou Kishan. – Algo errado?

Forcei um sorriso e me virei para ele. Depois de lhe dar um selinho, falei:

– Não. Não tem nada errado. Foi só uma ideia boba que eu tive. Nada de mais.

Escutei um barulho acima de nós e vi Ren apoiado em um poste. Ele exibia um sorriso debochado para mim, de quem tinha entendido tudo. Olhei com raiva para ele e dei um beijão em Kishan, que me abraçou pela cintura e retribuiu, cheio de vontade. Quando voltei a olhar, Ren estava com a testa franzida.

Mais tarde, fui me deitar numa espreguiçadeira do deque, olhando as estrelas, enquanto Kishan fazia ginástica. Então senti um puxão caloroso, uma atração familiar no meu coração e percebi que *ele* estava por perto.

Uma voz profunda e hipnótica perguntou:

– Posso me sentar?

– Não.

– Eu queria falar com você.

– Pode falar quanto quiser, porque eu estou de saída. Acho que tomei sol demais.

– Não tem sol nenhum. Sente-se e fique quietinha.

Ren arrastou uma espreguiçadeira para o lado da minha e se deitou com as mãos atrás da cabeça.

– Por quanto tempo você vai prolongar isso, Kelsey?

– Não sei do que você está falando.

– Não sabe? Eu vi o teste que fez com Kishan hoje. Você não sente por ele o que sente por mim. Não se sente *com* ele do jeito que se sente comigo.

– Você está errado. Estar com Kishan é... o céu.

– "O *amor ao céu* faz com que se fique celestial."

– Exatamente. Nosso amor é celestial.

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Para mim significa o que *eu* quero que signifique.

– Tudo bem. Então, interprete isto aqui: "A dama reclama demais, eu acho", ou que tal: "Ó, como esta primavera de amor se parece com a glória incerta de um dia de abril; que agora mostra toda a beleza do sol, e pouco a pouco uma

nuvem leva tudo embora."

– Não foi uma nuvem que levou nosso amor embora: foi você. Eu avisei quais seriam as consequências, e você disse o seguinte: "Eu não vou precisar de outra chance. Não vou mais procurar você." Por acaso essas não foram as suas palavras *exatas*, Ren?

Ele se encolheu.

– Foram *sim*. Mas...

– Não. Não tem "mas". Dessa vez não tem como voltar atrás, Ren.

– Mas, Kelsey, eu fiz isso por você. Não porque fosse minha vontade, mas porque eu queria salvá-la.

– Eu entendo. Mas o que está feito, está feito. Não vou magoar Kishan porque você mudou de ideia. Vai ter que viver com as consequências das suas escolhas, do mesmo jeito que eu.

Ele se levantou e se ajoelhou ao lado da minha espreguiçadeira. Então pegou minha mão e entrelaçou os dedos nos meus.

– Você está se esquecendo de uma coisa, *iadala*. O amor não é uma consequência. O amor não é uma escolha. O amor é uma *sede*... uma necessidade tão vital à alma quanto a água é para o corpo. O amor é um líquido precioso que não só alivia uma garganta seca como também revigora o homem. Dá forças suficientes para que ele se disponha a matar dragões pela mulher que lhe oferece esse sentimento. Se você tirar este líquido do amor de mim, vou ressecar e virar pó. Tirar isso de um homem que está morrendo de sede e dar a outro sob seu olhar é uma crueldade que eu nunca achei que você pudesse cometer.

Dei uma gargalhada de desdém e ele suspirou.

– "Você é para mim um tormento delicioso", Kelsey.

– Quem disse isso?

– A primeira parte? Eu. O último verso, Emerson.

– Entendi. Prossiga. Você estava falando da parte de ser revigorado?

Ele estreitou os olhos.

– Você está fazendo pouco-caso de mim.

– Bom, não acha que está fazendo drama demais?

– Talvez. Vai ver é porque eu sou covarde. Shakespeare escreveu: "Os covardes morrem muitas vezes antes da morte, os valentes só experimentam a morte uma

vez.”

– Como é que isso faz de você um covarde?

– Porque já morri muitas mortes, quase todas por você, e ainda estou vivo. Tentar ter um relacionamento com você é a mesma coisa que tentar resgatar alguém do Hades. Apenas um tolo iria voltar repetidas vezes para uma mulher que briga com ele a cada passo do caminho.

– Ah, mas isso faz de você um tolo, não um covarde.

Ele franziu a testa e disse:

– Talvez eu seja os dois. – Ele analisou meu rosto e disse baixinho: – Foi demais pedir que você esperasse por mim? Que acreditasse em mim? Não sabe quanto eu amo você?

Eu me contorci sob o olhar dele.

Ren prosseguiu:

– Eu morro um pouquinho toda vez que nos separamos, Kelsey.

Engoli a culpa e deixei o orgulho tomar conta.

– Sorte a sua que os gatos têm várias vidas. Eu só tenho uma vida e um coração, e ele já foi tão jogado de um lado para outro que fico surpresa por ainda bater.

– Iria ajudar se você parasse de oferecer seu coração a todo homem que conhecesse – sugeriu ele, seco.

– Eu não me apaixono por todo homem que conheço, apesar do que você pensa, seu exagerado. – Dei um cutucão no peito dele. – Pelo menos *eu* não desfilo pretendentes seminuas com peito artificial por aí. Além do mais, foi *você* que *me* afastou, não o contrário. A culpa é toda sua.

– Bom, eu não achava que você fosse se arranjar com outra pessoa tão depressa. O iate é pequeno, pensei. Mas não: é só deixar Kelsey sozinha cinco minutos e ela de repente já tem uma fila de pretendentes. Todos os homens a bordo imediatamente se candidatam!

Olhei com raiva para ele.

– *Você* disse que Kishan e eu deveríamos...

Irritado, ele passou a mão no cabelo.

– Eu sei o que eu disse. Na hora, fez sentido. Mas, mesmo assim, parte de mim acreditava que você nunca fosse fazer isso. Não achei que realmente pudesse convencê-la de que não a amava mais. Foi uma decisão ruim com ramificações

obviamente negativas. Eu cometi um erro. Um erro enorme. Mas agora estamos quites. Você me abandonou, e eu abandonei você. Agora acabou. Podemos deixar de lado e esquecer.

– Não, não podemos. Dessa vez nós dois não somos os únicos envolvidos.

– *Sempre* tem mais alguém envolvido. Vira e mexe eu tenho que recuperar nossa relação e, sinceramente, estou ficando especialista em impedir que você siga em frente com outros homens. Quantos já foram até agora? Dez? Vinte?

– Está exagerando de novo.

Ren estava ficando irritado.

– Talvez esteja. Mas quer saber de uma coisa? Tudo bem. Vá em frente e continue aumentando seu fã-clube, porque *sempre* vou estar aqui para derrotar todos os pretendentes.

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto e, depois de um momento de silêncio, eu falei:

– Ren, *você* me dispensou. Você me jogou nos braços de outro homem. Achou mesmo que bastaria estalar os dedos para que eu voltasse correndo? Que eu poderia simplesmente partir o coração dele e não me magoar nesse processo?

– Eu sei que o que eu fiz a magoou, magoou nós dois, e também sei que magoou Kishan. Se eu fosse um homem mais corajoso, deixaria as coisas como estão, mas *não consigo*. Você perguntou por que sou covarde. Sou covarde porque me nego a ficar sem você. Não sou capaz de imaginar uma existência feliz se você não fizer parte dela. Não consigo sequer considerar essa possibilidade. Então, é melhor se acostumar, porque não vou parar de tentar conquistar você. Se essa for uma batalha pelo seu coração, *iadala*, então, estou pronto. Mesmo que no fim eu descubra que estou lutando contra *você*.

– Sério, Ren, você não pode simplesmente acatar minha decisão?

– *Não!* Você está tão apaixonada por mim quanto eu estou por você e se eu precisar enfiar isto nesta sua cabeça teimosa à força, que seja.

– Acabou a poesia, foi?

Ele suspirou, pegou meu queixo e então virou meu rosto para o dele.

– Eu não preciso de poesia, *prema*. Só preciso estar perto o bastante para tocar em você.

Ele passou os dedos de leve pelo meu pescoço e foi deslizando até o ombro.

Meu pulso acelerou e meu lábio tremeu quando respirei fundo.

– Seu coração sabe. Sua alma lembra. – Ele se inclinou para perto de mim e começou a beijar meu pescoço, mal tocando a pele sensível com os lábios. – *Isto* é algo que você não pode negar. Você *tem* que ficar comigo. Você é minha. – Ele sussurrou baixinho contra minha garganta: – "Eu sou aquele que nasceu para domar você, Kate, e transformá-la da Kate selvagem na Kate tão à vontade quanto qualquer outra Kate comum..."

Fiquei paralisada e o empurrei para longe.

– Não faça isso, Ren. Pare! Não ouse terminar estes versos!

– *Kelsey*.

– Não.

Eu me levantei e me afastei com rapidez, deixando meu diário no deque, aos pés dele.

Ouvi sua ameaça quando saí:

– As linhas da batalha foram traçadas, *priyatama*. Quanto mais poderoso o inimigo, mais doce a vitória.

Por cima do ombro, eu disse:

– Tome sua vitória e enfie-a no focinho, tigre!

Voltei para o meu quarto com o som da risada baixinha dele.

Na manhã seguinte, Kishan bateu na minha porta. Eu estava sonhando com Ren na forma de tigre branco, à minha caça. Eu me sentei ereta na cama quando Kishan abriu a porta, e então berrei:

– Eu *não* sou uma gazela!

Kishan deu risada.

– Sei que você não é uma gazela. Apesar de suas pernas serem quase tão compridas quanto... Hum. Seria legar correr atrás de você e ficar olhando para essas pernas.

Joguei um travesseiro na cabeça dele.

– Por que você me acordou?

– Um: já são nove horas. Dois: estamos na ilha do dragão verde. Então, levante-se e se vista, Kells.

19

A caçada do dragão verde

Estávamos ancorados perto de uma grande ilha. Praias de areia branquinha e quente se estendiam até onde a vista alcançava, mas, longe do litoral, a ilha era coberta por uma camada espessa de árvores de todos os tipos. Aves coloridas voavam no alto. Era quente, muito mais quente do que a ilha coberta de névoa do dragão azul. Esta ilha era cheia de cor e som. Dava para ouvir com clareza o guincho dos macacos e o pio das aves.

Ren logo se juntou a nós e dispôs nossas armas na mesa. Ele deu alguns passos e ficou em pé ao meu lado.

Kishan disse:

– Prestem atenção. Vocês estão escutando?

– Escutando o quê? – perguntei.

Ren tocou no meu braço e fez "Shh". Ele inclinou a cabeça e fechou os olhos.

Fiquei concentrada, mas só ouvi o barulho de diversos animais.

Ren finalmente abriu os olhos.

– Felinos. Acha que são panteras? Leopardos?

Kishan sacudiu a cabeça.

– Não. Leões?

– Acho que não.

Eu não escutava nada além de macacos.

– Como é o barulho? – perguntei.

– Parece mais um grito do que um urro – explicou Ren. – Eu já ouvi antes... no zoológico.

Ele fechou os olhos e escutou mais uma vez.

– Onças. São onças.

– Como elas são? – perguntou Kishan.

– Parecem leopardos com pintas, mas são maiores, mais agressivas. São inteligentes. Calculistas. Têm mordida forte. Não atacam a jugular, vão direto no crânio.

– Nunca ouvi uma – disse Kishan.

– Não teria como ouvir – prosseguiu Ren. – Elas não são nativas da Índia. São da América do Sul.

Nilima e o Sr. Kadam se juntaram a nós quando começamos a prender as armas.

O Sr. Kadam questionou:

– Então, estão pensando em entrar na selva?

– Estamos – respondeu Ren ao prender minha aljava de flechas de ouro. – Vamos de lancha até lá e entraremos na selva... por ali.

Ele apontou para uma seção de árvores – que pareciam idênticas a todas as outras árvores, para mim –, insistindo que o terreno seria mais fácil naquele ponto.

O Sr. Kadam nos seguiu até a parte mais baixa do iate.

– Se precisarem de ajuda, peçam à Srta. Kelsey que envie um sinal de luz com seu poder de raio.

– Certo – concordou Kishan, que depois pulou para dentro da lancha e estendeu a mão para mim.

O Sr. Kadam abriu a garagem molhada e baixou a lancha para a água. Depois Ren desceu pela lateral do iate e pousou com agilidade ao meu lado. Kishan ligou o motor, assumiu o leme e nos virou de frente para a praia. Quase caí quando a frente da lancha saiu da água. Ren estendeu o braço para me firmar, mas eu o afastei e, em seguida, abracei a cintura de Kishan. Quando me virei para trás, ele estava me fuzilando com os olhos.

Ren saltou da lancha quando chegamos à ilha e a arrastou até a praia. No momento em que meus pés tocaram a areia, ouvi uma voz. Era rouca, grave e, quando ribombou na minha mente, as árvores tremeram. Parecia um terremoto

minúsculo.

Quem põe os pés na minha ilha?

A cacofonia ruidosa da selva de repente ficou em suspenso. Nós giramos em círculos, procurando a origem da voz, mas não encontramos nada.

Quem são vocês?, a voz exigiu saber.

Eu anunciei:

– Somos viajantes em busca de sua ajuda. Precisamos encontrar seus irmãos e o Sétimo Pagode, grande dragão. Buscamos o Colar de Durga.

O dragão deu risada com o som de duas pedras grandes se esfregando, fazendo com que pássaros levantassem voo do outro lado da ilha.

E o que fariam para conseguir minha ajuda, mocinha?

– O que quer de nós? – arrisquei, com cautela.

Ah, nada... de mais. Só peço diversão. Sabem, costumo ficar muito solitário aqui na minha ilha. Talvez vocês possam me fornecer um pouco de... distração.

– Como podemos diverti-lo?

Que tal... um jogo?

Kishan perguntou:

– Onde está, dragão?

Não me enxergam? Estou muito próximo.

– Não enxergamos – respondeu Kishan.

O dragão deu uma gargalhada de desdém.

Então, acredito que não vão se dar muito bem no meu jogo. Pensando bem, não vou brincar com vocês.

– Ele está ali – avisou Ren em voz baixa. – No alto daquela árvore.

Ele apontou para cima e meus olhos se concentraram na copa das árvores. As folhas tremeram e, quando olhei com mais atenção, vi um olho dourado piscar.

Ah, que bom. Finalmente me encontraram.

A árvore farfalhou com muito barulho quando um galho grande quebrou e despencou na nossa direção. O dragão estava perfeitamente camuflado. Tinha a cabeça marrom e empolada feito madeira velha, e seu focinho era comprido como o de um crocodilo com dentes pontudos. Dois olhos dourados piscaram para mim quando ele desceu. Uma galhada grande saía da parte de trás de sua cabeça. Havia amontoados de musgo presos aos chifres, dando a impressão de que estavam descascando.

O corpo comprido de cobra do dragão era parecido com o dos irmãos, mas ele tinha patas douradas com garras e escamas que lembravam folhas verdes em camadas sobrepostas. Sua barba e juba marrons que se estendiam para trás pareciam cabelo de milho cor de chocolate. Os pelos sedosos cresciam num tufo fino ao longo das costas, como a crina de um cavalo, e acabavam num rabo cheio e comprido. Ele era menor do que os irmãos, mas, quando se desenrolou da árvore, seu corpo pareceu crescer. Se o dragão se alongasse, provavelmente teria duas vezes o tamanho do iate. A voz do dragão verde me assustou e me tirou da minha inspeção visual.

Primeiro, precisamos ser formalmente apresentados. Esta é a maneira adequada de fazer as coisas. Eu sou Lùsèlóng, o Dragão da Terra. Já sei que vocês conheceram dois dos meus irmãos, o Dragão das Estrelas e o Dragão das Ondas. Se eu decidir ajudá-los, vão conhecer mais dois irmãos nossos, mas aviso logo que eles não são tão simpáticos como eu – nem tão bonitos.

Ele deu uma risadinha.

Curiosa, me aproximei.

– Achei que vocês fossem os dragões dos cinco oceanos.

Um olho dourado piscou para mim.

Como você é ousada! Isso é revigorante. Nós nascemos dos cinco oceanos. Eu nasci no oceano Índico, que é quente. Qīnglóng nasceu no oceano Austral; Lóngjūn, no Pacífico. Vocês ainda não conheceram Jīnsèlóng nem Yínbáilóng. O primeiro nasceu no Atlântico e, o segundo, nas águas congelantes do Ártico. Apesar de eu ter nascido no mar, reino sobre a terra, e supervisiono tudo o que acontece nela.

– E quem são os pais de vocês?

O dragão soprou uma nuvem de ar quente em cima de mim.

Talvez esteja ficando ousada demais, minha cara. Agora, será que podemos começar nosso jogo? Ou estão pensando em dar meia-volta?

– Vamos participar do seu jogo – afirmou Kishan.

O dragão estalou os lábios.

Excelente. Bom, em qualquer jogo deve haver um prêmio para o vencedor.

Lùsèlóng ergueu a cabeça em busca dos olhos de Kishan. Ele manteve o olhar firme por um momento, então passou para Ren e fez a mesma coisa.

– O que está fazendo? – perguntei.

Examinando a mente deles. Não se preocupe, mocinha. Só estou lendo seus pensamentos.

O dragão riu, então ergueu a cabeça no ar, com o focinho apontado para o céu, e deu uma gargalhada ruidosa.

Este vai ser o melhor jogo que terei criado em um milênio! Um esporte dos mais magníficos!

Ele continuou a dar risada.

– O que é tão engraçado? – perguntei.

Ambos buscam o mesmo prêmio, sabe?

– O mesmo prêmio?

O dragão ajeitou o corpo e me separou de Ren e Kishan.

Sim. Então, venha comigo, minha cara.

– O quê? Não!

Ah, sim. Uma vez que o jogo começar, deve ser jogado até sua conclusão.

Ele esticou uma pata com garra afiada e me pegou pela cintura. Eu me debati quando ele me ergueu e me preparei para dar um salto no ar.

– Espere! O que está fazendo? Não pode fazer isso! Nós nem sabemos quais são as regras do jogo!

Kishan e Ren foram se aproximando de mim até o dragão verde soprar uma baforada de fogo na areia, impedindo que avançassem. Eu lutei para me soltar da garra dele, mas a ponta afiada se fincou à minha cintura.

Pare de se agitar, mocinha. Não queremos que o prêmio fique avariado, afinal de contas.

– Prêmio? Como assim?

O dragão suspirou e chutou o ar. Soltou mais fogo para cima de Ren e Kishan, para que ficassem totalmente rodeados por ele, mas sem se queimarem.

Kishan pegou o *chakram* e gritou:

– Largue a garota agora, dragão, ou vamos matar você.

Lùsèlóng desdenhou.

Nós, dragões, não podemos ser mortos.

Ren pegou seu tridente e torceu o cabo fazendo os dentes se alongarem para disparar pontas de lança.

– Nós também não podemos ser mortos, dragão. E vamos caçar você até que ela esteja a salvo.

O dragão inclinou a cabeça na direção de Ren e sibilou.

É exatamente com isso que eu estou contando, tigre.

Kishan berrou quando o dragão deu voltas mais alto no ar:

– Traga a garota de volta. Agora!

Ren saltou através do fogo, jogou o tridente no chão e assumiu sua forma de tigre. Ele escalou uma árvore alta com grandes saltos e correu por um galho fino. Agora estava muito mais próximo de nós. Ele rugiu e brandiu uma pata para o dragão.

Lùsèlóng baixou a cabeça até bem perto do tigre branco, para encará-lo, mas se manteve a uma distância suficiente para que seu focinho não pudesse ser acertado por uma patada. Ren voltou à forma de homem e se agarrou ao galho. Ele olhou para mim. Dava para sentir seu desespero. Eu estava fora de seu alcance e não havia nada que ele pudesse fazer para me salvar.

Sua expressão ficou sombria, perigosa, ao encarar o Dragão da Terra.

– Se fizer qualquer mal a ela, juro que vou encontrar uma maneira de matar você. Tome muito cuidado, dragão.

O dragão estreitou os olhos e deu um sorriso perverso.

Sim, este jogo vai ser dos mais divertidos. Como insistem em conhecer as regras de antemão, vou lhes dizer o seguinte... vocês *são a caça. Sabem, eu vou fazer um safári. Vou assumir a forma de homem e vou caçá-los. Os dois. Irão assumir sua forma de tigre. Haverá armadilhas e outras criaturas à sua espera também. Se conseguirem chegar à cerca viva do castelo antes de eu acertar um tiro em vocês, vão poder passar para a segunda rodada. Se não, vou ter dois belos tapetes de tigre para pôr na frente da minha lareira.*

– E se chegarmos à segunda rodada?

Se forem mais espertos do que eu, o que é altamente improvável, então o jogo vai mudar. Vocês terão que lutar para chegar ao castelo, atravessando um labirinto. Largue o seu disco voador, ou eu vou estripar a garota.

Arquejei e olhei para a base da árvore lá embaixo, para onde Kishan tinha se esgueirado, com o *chakram* em riste. Ele baixou o braço, e o dragão girou feito um cata-vento. Eu fiquei tonta com o movimento. Ele passou os olhos pelos dois homens e prosseguiu:

Suas armas serão devolvidas antes de entrarem no labirinto. Essa parte do jogo é mais antiga do que o mundo. Os jogadores serão um cavaleiro branco, um

cavaleiro negro, um dragão e uma princesa. Vocês devem atravessar o labirinto e escalar as muralhas do castelo. Então encontrarão o dragão a ser morto, interpretado por mim. O vencedor fica com a garota.

– Achei que você fosse imortal – disse Ren.

Ah, eu sou. Mas se vocês conseguirem desferir um golpe que normalmente mataria um dragão sem serem tostados, vocês vencem.

– E se *você* vencer?

Ora, se eu vencer, vou ficar com a garota.

O dragão sorriu cheio de maldade e me apertou de leve.

Prendi a respiração de dor e ouvi os urros ameaçadores de Ren e de Kishan.

Ren falou devagar, com a promessa tinindo na voz.

– Vamos jogar o seu jogo, dragão, mas lembre-se disto: por cada ferimento que causar nela, por menor que seja, eu vou retribuir causando a você um ferimento 100 vezes maior.

O dragão oscilou no ar, observando Ren, avaliando-o.

Faz muito tempo que não tenho oponentes tão corajosos. Desejo-lhes sorte. Que comece o jogo!

Uma lufada de vento soprou sobre nós e todas as armas tremeluziram e desapareceram. Ambos os homens gemeram de dor ao serem forçados a se transformar em tigres. O tigre negro olhou para mim, rugiu e disparou na direção da selva. O tigre branco permaneceu na árvore, olhando para mim até não podermos mais nos avistar.

O dragão subiu ainda mais e penetrou na floresta. Foi ziguezagueando entre as árvores altas em velocidade assustadora. De vez em quando, ele colocava uma garra de fora e empurrava uma árvore que estivesse próxima demais, deixando marcas de arranhão irregulares no tronco. Eu tremia. *Ele vai dilacerar Ren e Kishan. Vai cortá-los feito manteiga.*

– Para onde vai me levar?

Para o castelo, é claro.

O dragão verde disparou mais alto no ar e eu mal consegui conter o enjoo com aquela subida rápida, muito menos lhe fazer qualquer outra pergunta. A ilha era muito maior do que eu pensava. Seu diâmetro devia ser de uns oito quilômetros. Logo deixamos as árvores e passamos pela praia, sobrevoando o mar. Outra ilha menor surgiu. Também era rodeada de árvores e, erguendo-se no meio dela,

havia um castelo alto construído de pedras da cor de algas cinzentas.

Um enorme labirinto de cercas vivas escuras com pelo menos seis metros de altura rodeava todo o exterior. O castelo se erguia muito acima do labirinto, mas era rodeado por névoa. Desolada, vi que não havia degraus, nem portas, nem qualquer maneira de acessar o castelo que não fosse pelo alto. Os tigres teriam que escalar o exterior e eu ficaria presa como Rapunzel, mas *sem o cabelão*.

Uma única torre se erguia no alto, e era para lá que o dragão se dirigia. Ele pousou raspando as garras em uma laje antes de finalmente me largar. O ar pareceu se transformar à sua volta. Ele tremeluziu e estalou e, de repente, parada diante de mim, estava a versão humana de Lùsèlóng. Com pele branca e cabelo castanho, ele era bonito, mas tinha um ar perigoso. Agora os olhos dele estavam mais para cor de avelã do que amarelos. Ele vestia roupas cáqui de caçador de um tempo muito distante, botas pretas de cano alto que brilhavam de tão bem-engraxadas e carregava até um capacete de tecido embaixo do braço.

– Mas não é justo – reclamei. – A cerca viva e o castelo nem ficam na mesma ilha. Como eles vão saber disso?

– Eles vão descobrir. *No final.* – Ele me pegou pelo cotovelo. Com voz sedosa, disse: – Venha, querida. Permita-me mostrar suas acomodações.

– Por que parece russo?

Ele deu risada.

– Não sabia que os maiores caçadores do mundo são eslavos? Nós, os dragões, podemos assumir qualquer forma que desejarmos, e eu escolhi caçar da maneira mais aventureira possível. Vou imitar o estilo dos grandes caçadores do passado que faziam safáris, porque nesse tempo a caça era um esporte. Eram muito poucos os homens corajosos o bastante que ousavam se colocar em risco tão grande quanto suas presas, que dependiam mais da habilidade e da esperteza do que das armas e que são hoje coisas do passado. Hoje prestarei uma homenagem a eles.

Obviamente, a arrogância era uma fraqueza desse dragão. Talvez eu pudesse usá-la contra ele. Com humildade, falei:

– É um risco muito grande para você. Uma coisa corajosa de se fazer, de verdade.

Confuso, ele parou.

– Como assim?

– Bom, se vai mesmo imitar os grandes caçadores, vai caçar como ser humano. Quer dizer, não estava contando em usar seus sentidos de dragão, não é mesmo? Sua velocidade, sua visão e sua audição incríveis lhe dariam muita vantagem.

– Ah... sim. Suponho que eu possa limitar minhas capacidades para caçar como um simples homem.

Ele continuou a me guiar pelo castelo, descendo uma escada circular.

– Isso faria com que o jogo ficasse muito mais interessante, não é mesmo? – perguntei, toda inocente.

– Sim! Com toda a certeza. Farei assim. Vou caçar como um homem normal.

Pus a mão no braço dele e tentei parecer preocupada.

– Mas aí você pode correr perigo. Os tigres são muito habilidosos.

– Rá! Não há perigo para mim. Vou vencer na primeira hora.

– Ainda assim, seria tentador demais usar suas capacidades especiais. Aliás, eu não o culparia. Bastaria um tigre pular sobre a sua garganta para que você sentisse a tentação de atacá-lo. Eu compreendo, é claro. É muito difícil não usar um poder que se possui.

– Eu não preciso dos meus poderes. Minha mente e minhas habilidades são suficientes para vencer o jogo.

– Bom, sempre é possível ceder à tentação, para garantir sua segurança.

– Não estou preocupado com segurança! Tudo bem. Para provar a você, vamos adicionar mais uma regra!

– E que regra seria?

– Se eu usar na caçada qualquer habilidade que um homem normal não possua, então os tigres vencerão.

– Ah! Mas que corajoso! É mesmo uma pena o fato de que eu vou estar presa aqui e não vou poder vê-lo em ação.

– É mesmo – disse ele, pensativo. – Ah, então, como cortesia especial para você, vai ter permissão para assistir à caçada.

– Quer dizer que vai me levar com você?

– E arriscar que eles a roubem antes de terminar o jogo? Não, *deti dama*. Você vai permanecer aqui na torre. Permitirei que meu espelho especial lhe mostre a caçada. Quando quiser assistir, é só se aproximar do espelho e dizer a ele o que deseja ver. Sinta-se em casa, minha cara. Serão deixadas comida e bebida à sua janela todos os dias, mas você permanecerá presa aqui até o jogo terminar.

Ele se dirigiu para a escada com um floreio, e então a porta pesada de madeira se fechou atrás dele e se trancou. Fiquei esperando até não poder escutá-lo mais e ergui a mão para a porta. Nada aconteceu. Fui até a janela para enviar um sinal de luz. Mais uma vez, meu poder de raio foi inútil. Eu me afundei na caminha coberta por uma colcha rústica. Não havia mais nada que eu pudesse fazer.

– Espelho? Mostre-me a caçada.

O espelho ficou preto antes de criar uma imagem panorâmica da ilha. Um clarão verde delineava o dragão, que voou de volta por cima da água, pousou na praia e se transformou em homem. Ao entrar na selva, ele carregava um rifle antigo de cano longo e uma bolsa de provisões – tinha até um cantil. *Espero que ele mantenha a promessa e cace como ser humano.*

Mesmo que isso acontecesse, havia uma grande chance de ele pegar um dos tigres, se não os dois. Kishan estava acostumado à vida na selva, mas Ren não se virava sozinho havia muito tempo. Lembrei-me da caça ao antílope, quando Ren não conseguiu pegar um sozinho. Mordi os lábios enquanto pensava que seu pelo branco iria transformá-lo em alvo fácil. Se os tigres conseguissem se esconder bem durante o dia, talvez tivessem uma boa chance de caçar o dragão à noite, quando sua visão humana ficaria mais limitada.

Lùsèlóng começou a abrir caminho com cuidado pela selva, à procura de sinais dos tigres. Pedi ao espelho que me mostrasse Ren e Kishan. O espelho se afastou da visão do dragão e deu zoom em um trecho da selva do outro lado da ilha. No começo não vi nada, depois avistei um clarão de branco atrás de uma moita. Ele desapareceu, mas não demorou para que um vislumbre do rabo do tigre aparecesse por trás de uma pedra. Ordenei ao espelho que afastasse um pouco a imagem. Ele mostrou Ren parado ao lado de uma tábua com pregos, tentando disparar a armadilha com toques leves da pata.

Kishan entrou na cena com algo na boca: um macaco morto. Aliás, examinando mais de perto, a área estava coberta de macacos mortos. Kishan jogou o corpo na armadilha e a parte afiada disparou na altura de um tigre e se soltou. Observei o progresso lento dos tigres que avançavam com cuidado para as profundezas da selva.

Uma hora depois, Kishan pisou em uma armadilha que fechava de lado e duas peças de madeira com pregos afiados atingiram sua perna. Ele se soltou com um gesto violento, apesar de os pregos terem cortado sua carne. Passou uns 20

minutos mancando, até se curar.

Outras armadilhas os esperavam. Por pouco não escapam de ser atingidos por uma lança que disparou da folhagem quando um deles tropeçou em um arame. Ren pisou numa pedra que acionou outra armadilha. Um bambu vergado chicoteou Kishan, que conseguiu saltar para fora de seu caminho, mas não impediu Ren de ser atingido com tudo na lateral do corpo. O pau estava encravado com pregos de 10 centímetros que agora estavam bem enterrados no pelo de Ren. Kishan pegou o bambu na boca e o segurou firme enquanto Ren, com muita dor, desvencilhava o corpo. O sangue pingou no chão. Eles prosseguiram, devagar.

Avançaram pela copa das árvores por um tempo, pulando de galho em galho, mas logo descobriram que muitos dos galhos tinham sido serrados e não suportavam o peso deles. Voltaram para o chão, e foi aí que se depararam com o pior tipo de emboscada: uma armadilha para ursos. Eu já tinha visto aquilo nos estudos de táticas de guerra que tinha feito com o Sr. Kadam.

Uma pedra enorme rolou no caminho deles, fazendo com que os dois tigres recuassem rapidamente. A pata traseira de Ren caiu em um buraco retangular que estava escondido sob uma camuflagem de folhas. Longos espetos de metal se sobrepunham uns aos outros nas laterais do buraco. Eles apontavam para baixo, de modo que arranharam as patas dele à medida que escorregou para o fundo do buraco. Eram arranjados de maneira tão diabólica que, se ele tentasse subir de volta, iriam dilacerar seu corpo como aquelas barras com pontas para cortar pneus de carros andando na contramão. Quando a vítima caía numa armadilha assim, era quase impossível tirá-la dali com vida.

Kishan ficou andando de um lado para outro perto do buraco, pensando num jeito de libertar Ren. Tentou empurrar as pontas com a pata, mas ele deslizou no acabamento escorregadio e quase se juntou a Ren no fundo. Depois de 10 minutos das tentativas inúteis de Kishan, Ren rugiu baixinho e começou a impelir seu corpo para fora. As pontas se enterravam bem fundo em suas ancas e patas. Ele enfiou as garras na terra e foi se arrastando para fora, centímetro a centímetro. Kishan ficou sentado, acompanhando seu progresso.

Finalmente, Ren se deitou sobre o chão de terra, arfando. Toda a parte posterior de seu corpo era uma confusão sangrenta. Fendas irregulares e profundas percorriam suas costas e desciam por suas pernas. Os tigres

descansaram por uma hora e isso permitiu que Ren se curasse pelo menos em parte, então voltaram a avançar. Ao pôr do sol, encontraram um lugar para descansar e se deitaram lado a lado. Um deles sempre permanecia acordado. Dava para ver os olhos sonolentos deles piscando de cansaço.

Não havia vela nem lamparina no meu quarto, mas, de algum modo, tinha aparecido comida no peitoril da janela. Peguei um pedaço de pão e dei um gole na água da moringa. Guardei a maçã para mais tarde, dei uma mordida no queijo e me afundei na cama para observar os meus tigres. Depois de conferir o paradeiro do dragão e descobrir que ele ainda estava seguindo os rastros do outro lado da ilha, eu relaxei e acabei caindo no sono, exausta.

Acordei com o som de um tiro, arfadas e movimento nas árvores. Eu me sentei ereta, sobressaltada, e fiquei confusa por um momento, antes de me lembrar onde eu estava.

– Espelho, afaste a imagem. Ache o dragão.

Lùsèlóng tinha encontrado a trilha de sangue no meio da noite e estava no lugar exato em que Ren e Kishan haviam dormido. Traçando um círculo, ele tocou uma folha quebrada. Deu alguns passos e se agachou para sentir a depressão de uma pegada de tigre. Então pegou um pouco de terra e a cheirou, limpou os dedos, sorriu e saiu andando pelo meio das árvores. Parou para tocar uma samambaia. Havia sangue fresco nela.

Em pânico, eu berrei:

– Espelho, mostre os meus tigres.

A imagem recuou e avançou um quilômetro, fechando-se em Ren e Kishan, que corriam. Havia um talho sangrento na lateral do corpo de Kishan, onde uma bala o atingira de raspão. Eles correram durante meia hora, colocando grande distância entre si e o caçador. Diminuindo a velocidade até chegarem a caminhar, eles arfaram e descansaram no chão.

Depois que a manhã se transformou em tarde, eu torci as mãos e disse:

– Por favor, fiquem bem. Por favor, tomem cuidado. Eu estou aqui, do outro lado da água. Estou em outra ilha.

Ren ergueu a cabeça como se pudesse me escutar e agitou as orelhas para a frente e para trás. Eu me inclinei mais para perto e falei de novo, mas ele de repente disparou para cima e atacou algo que não consegui enxergar. Ouvi um guincho de alarme que de repente foi interrompido e ele logo saiu do meio do

mato com um animal na boca. Depois que largou o pequeno javali jovem no chão, ele e Kishan começaram a comer.

Avaliei que a refeição deles devia ter uns 20 quilos – só um lanchinho, levando em conta a quantidade de energia que eles estavam gastando. Eu tinha certeza de que continuavam famintos. Algumas horas mais tarde, vi que tinha razão. Eles se depararam com outra armadilha, esta com uma grande anca de cervo pendurada por cima.

Ambos os tigres rodearam o buraco óbvio e ficaram olhando para a carne, lambendo os beiços. Kishan deu um salto por cima do buraco e, no caminho, atingiu a carne com a pata, o que fez com que o animal balançasse enlouquecido de um lado para outro. Ren, enquanto isso, começou a roer a corda no lugar em que estava amarrada à árvore. Ele usou as garras para tentar rompê-la. Kishan se juntou a ele e adicionou seus dentes e garras até a corda esgarçar e o pedaço pesado de carne cair no buraco com um baque.

Os tigres olharam pela beirada e Kishan se agachou para descer com a pata pela lateral, para sentir se havia algum apoio. Ele se esticou mais um pouco e entrou no buraco. Ele agarrou firme a carne com a boca, ficou em pé sobre as patas traseiras e esticou o pescoço para que Ren pudesse pegá-la. Ren agitou a pata até sua garra pegar a corda. Ele puxou até poder mordê-la com força. Após puxá-la e largar o prêmio no chão, inclinou-se na beirada do buraco para olhar para Kishan.

Kishan recuou o máximo que pôde, então correu e saltou pelo lado do buraco. Suas garras se enterraram na beirada, mas ele voltou a escorregar para o fundo. Depois de mais três tentativas sem sucesso, Ren empurrou um tronco próximo para dentro do buraco com a cabeça e Kishan subiu com cuidado. No alto, sua perna escorregou e ele quase voltou a cair, mas Ren se esticou e mordeu a pele do pescoço de Kishan para firmá-lo até que ele tivesse saído do buraco com segurança.

Depois de comerem, continuaram avançando até voltar a ficar escuro. Logo alcançaram a praia do lado oeste da ilha e correram pela areia molhada durante um tempo. Procuraram a cerca viva freneticamente, mas eu sabia que eles não iam encontrá-la.

Quando se recolheram para passar a noite, Ren foi o primeiro a ficar de vigia. Eu fiz o espelho dar um close no rosto dele. Seus olhos azuis estavam fixos

adiante, como se estivesse olhando para mim. Ele soltou um suspiro pesado e seu nariz cor-de-rosa se mexeu. Fiquei olhando o que ele estava fazendo até não conseguir mais manter os olhos abertos.

O início da manhã do terceiro dia me trouxe mais um pão preto quente e um pequeno caldeirão cheio de ensopado. O sol nem tinha se erguido ainda e, enquanto eu comia, ajeitei o espelho de modo a acompanhar o progresso da caçada. Os tigres corriam pela praia, aproveitando a escuridão para se mover com liberdade em terreno aberto. Procurei o caçador e o encontrei despertando perto de uma fogueira apagada. Ele estava com uma caneca de líquido na mão e olhou para um lado, depois para outro, e soprou um pouco de fogo na caneca para aquecer o conteúdo.

– Isso é trapaça – gritei para o espelho. – Você desrespeitou uma regra!

O dragão ergueu os olhos e sorriu. Ouvi uma risada e a voz dele na minha cabeça.

É só uma bebida quente, minha cara. E a regra determina com clareza que não vou usar meus poderes na caçada. Ainda não comecei a caçar esta manhã, então isso não conta.

Bufei e observei enquanto ele terminava a bebida e apoiava a espingarda no ombro. Passou o dia todo seguindo a trilha dos tigres, e era bom nisso. Nunca deixava passar uma folha de capim pisada nem uma pegada, por mais indistinta que fosse. Infelizmente, o mar não levou embora os rastros dos tigres na praia, por isso, foram fáceis de achar e seguir. Quando o dragão entrou na selva, parou de repente, e nós dois ouvimos os rugidos múltiplos de grandes felinos brigando. Ele acelerou o passo. Pedi ao espelho que se adiantasse e me mostrasse os tigres.

No início, eu não entendi o que estava vendo. Era um close de criaturas peludas rolando e garras cortando. Quando finalmente consegui fazer com que o espelho se afastasse, prendi a respiração e um calafrio percorreu minha espinha. Ren e Kishan estavam envolvidos numa batalha sangrenta com um grande grupo de onças. Ren me dissera que os grandes felinos não costumam caçar juntos, à exceção de leões, por isso fiquei surpresa de ver aquele grupo grande trabalhando junto. Uma das onças estava deitada de lado no chão, morta. Ren e Kishan estavam um de costas para o outro, rosnando para o bando que os cercava.

Contei mais seis onças no chão, mas talvez houvesse mais. Era difícil saber porque elas não paravam de se mexer. A maneira como se moviam era estranha. Andavam para a frente e para trás como uma coisa só, rodeando os tigres. Os olhos nunca abandonavam a presa. Uma delas saltou e deu um golpe com a pata no rosto de Kishan. Ele retribuiu o golpe, mas errou o alvo quando o felino mais leve e mais ágil saiu da frente. Duas pularam em cima de Ren, vindo uma de cada lado. Ele mordeu a pata de uma, que saiu mancando, mas a outra pousou nas costas dele com as garras de fora. Mordeu o pescoço de Ren e não largou. Kishan se virou para trás e derrubou a onça, mas outras duas pularam em cima dele.

Ren mordeu uma das feras na garganta e a sacudiu com violência. O pescoço dela quebrou e ele jogou o corpo de lado. Os tigres ficaram mordendo e atacando com as garras até os felinos pintados voltarem a recuar e se reagrupar. Ren e Kishan tentaram correr para longe, mas as onças logo interromperam seu caminho.

Eles devem estar famintos, pensei. Parecia que estavam sendo acuados na direção de uma mata fechada.

As onças começaram a andar de um lado para outro, formando uma roda em volta dos tigres mais uma vez. Uma onça rosnou e disparou na direção deles, mas saiu correndo antes que os tigres pudessem pegá-la. Outra fez a mesma coisa. Pareciam estar brincando com eles. Um momento depois, dois felinos saltaram de uma árvore para as costas de Ren e Kishan. Morderam e se agarraram com força. O peito de Ren sangrava e ele se sacudiu com força para fazer a onça sair de suas costas. Ela não se mexia.

As outras onças entraram na confusão e começaram a morder. Uma mordeu o rosto de Kishan e outra, sua perna traseira. Ren não estava se saindo melhor. Os tigres arfavam de exaustão e, mesmo com sua capacidade de cura, fiquei preocupada. *As onças podiam arrancar pedaços deles. Como eles iriam se curar assim?* Ren rugiu, empinou sobre as patas traseiras e bateu as costas contra uma árvore. A onça atordoada o soltou e caiu. Ren estava atacando o felino nas costas de Kishan quando um tiro ecoou pela floresta.

O dragão os tinha alcançado. Uma onça caiu morta e desabou perto da pata dianteira de Kishan. As outras desapareceram como sombras de volta para a selva verdejante enquanto Ren e Kishan reuniam forças para sair correndo.

Tiros soaram repetidas vezes enquanto o caçador perseguia os tigres. Uma bala pegou de raspão o alto da cabeça de Ren e deu para ouvir seu grito de dor. Ele limpou o sangue dos olhos e continuou correndo. Outra bala se enterrou no ombro de Kishan. Ele rugiu irritado e cambaleou, mas prosseguiu, apesar de estar mancando.

Então eles resolveram partir para a ofensiva. Ren pulou para uma pedra grande e de lá para uma árvore no alto. Kishan exagerou a dor na perna para deixar Lùsèlóng alcançá-lo. O caçador seguiu os rastros de Kishan, mas fez uma pausa quando Ren desapareceu de repente. Ele ficou andando de um lado para outro, olhou bem para a trilha de Kishan e então voltou para o lugar onde Ren tinha sido visto pela última vez. Parou e analisou com cuidado os arbustos ao redor. Uma gota molhada atingiu seu rosto. Ele a limpou com o dedo e a examinou. Era sangue.

Seus olhos se arregalaram e ele os ergueu, mas era tarde demais. O tigre branco de mais de 200 quilos pulara da árvore com a boca aberta e as garras de fora, na direção da garganta do dragão. Atrás dele, o tigre preto também tinha saltado no ar. O caçador prendeu a respiração e tudo ficou paralisado. Ele se afastou cuidadosamente dos dois tigres, que ficaram suspensos no ar, a menos de meio metro de acabar com o caçador.

Eu berrei:

– Isso é trapaça! Eles teriam pegado você!

O dragão me ignorou e caminhou ao redor dos dois tigres, curioso.

– Quero dar os parabéns a vocês. Ninguém jamais conseguiu me atacar.

– Lùsèlóng! Você está desrespeitando as regras!

O dragão deu risada e falou na minha mente.

Não conta. Meu rifle estava abaixado.

Bati no espelho com os punhos fechados de frustração, mas o dragão se afastou alguns passos, fez mira com o rifle e então estalou os dedos. Os tigres foram um de encontro ao outro e rolaram pela terra. Eles se levantaram, sacudiram a poeira do pelo e então o caçador atirou. O tiro pegou na terra, a centímetros da cabeça de Ren. Ele e Kishan logo se separaram e correram para o meio das árvores.

Por sorte, não depararam com nenhuma armadilha dessa vez. Logo os tiros e os sons da perseguição não podiam mais ser ouvidos. Eles só descansavam por

curtos períodos e mantinham o ritmo exaustivo durante horas. Chegaram à praia do lado leste da ilha e esquadrinharam todos os lados, buscando o castelo ou a cerca viva.

– Não. Não. Não está aí. Eu estou aqui. Do outro lado da água! – gritei para o espelho, mesmo sabendo que não podiam me escutar.

Quando a noite voltou a cair, eu me enrolei em um cobertor e me sentei na frente do espelho. Lùsèlóng prosseguia em sua busca, mas meus tigres estavam a salvo por enquanto. Os olhos de Kishan se fecharam e não demorou para os de Ren fazerem o mesmo; ele estava exausto demais para ficar de vigília. Cansada também, fiquei observando os dois durante muito tempo, então fui até o espelho e tracei o contorno da orelha branca e peluda de Ren.

– Você não vai conseguir. Ele vai exaurir vocês dois. O dragão trapaceia, e não há comida suficiente para sustentá-los. Está me ouvindo, Ren? – Bati no espelho, na lateral do rosto dele. – Você vai morrer, e com quem é que eu vou poder discutir? Vou ser consorte de dragão numa ilha que não existe, e você vai ser o lanchinho dele.

Uma lágrima escorreu pela minha bochecha e eu toquei no vidro com as pontas dos dedos, como se estivesse alisando a pelagem na testa dele.

– Não era para acabar assim, sabe? Não pude me despedir de você. De nenhum de vocês dois. Ficaram tantas coisas por dizer... – Funguei e senti lágrimas rolando pelo rosto. – *Por favor*, vivam. Por favor, me encontrem. Estou bem aqui.

Pus a mão sobre meu coração e acompanhei as batidas. Senti minha conexão com Ren, o fio que ligava meu coração ao dele. Se eu fechasse os olhos e me concentrasse, conseguia sentir as batidas firmes do coração dele enquanto descansava. Apoiei as mãos no espelho, em volta de sua cabeça, e encostei a testa no vidro enquanto chorava.

Meus olhos estavam quentes e meu peito, pesado. Então meu coração começou a queimar. Aquilo me encheu de calor. Enxuguei as lágrimas e olhei para o espelho. Ren estava acordado. Ele tinha erguido a cabeça das patas e estava olhando direto para mim, como se fosse capaz de me ver. Perplexa, eu me afastei do espelho e arquejei ao ver que minhas mãos brilhavam. Quando eu as afastei do espelho, a luz vermelha foi se apagando.

Ren rosnou baixinho e acordou Kishan, então começou a se mover. Ele foi até

a praia, andando na minha direção, e deu alguns passos para perto da água. Ficou olhando para as ondas escuras. Havia névoa, e eu sabia que nem ele seria capaz de enxergar a ilha no escuro. Ele ergueu a cabeça como se estivesse farejando o ar e então, com alguns saltos largos, pulou para dentro da água.

Continuou a avançar, nadando. Kishan ficou correndo de um lado para outro na praia, sem entender o que Ren estava fazendo, mas, por fim, também entrou nas ondas e começou a nadar com o irmão.

Eles estavam vindo. Levei as mãos à boca, solucei de alívio e continuei falando com o espelho, incentivando-os a continuar seguindo e não desistir. Voltei a apertar as mãos contra o vidro, mas elas não brilharam como antes. Tentei lançar um raio como se fosse um facho de luz, mas meu poder continuava inativo. A única coisa que eu podia fazer era me manter acordada e observá-los nadarem na água escura, usando todo o poder da minha mente para impulsioná-los adiante.

Rezei em silêncio, pedindo que não houvesse nenhum monstro no mar escuro à espreita. Nenhuma tempestade terrível para afogá-los. Eles nadaram e nadaram e, uma hora depois, arrastaram o corpo cansado para a minha ilha e desabaram na areia, exaustos. Passaram o restante da noite dormindo, enquanto eu mantinha vigília silenciosa sobre eles.

Ainda estavam dormindo quando o alvorecer se aproximou. Vi quando o dragão encontrou o lugar onde eles haviam descansado na outra ilha e seguiu seus rastros até a praia. Ele ficou olhando fixamente para o mar durante muitos minutos, então esfregou o queixo e sorriu. Em seguida respirou fundo, explodiu em sua forma natural e se ergueu para o céu. O espelho ficou negro.

20

Uma princesa, um dragão e dois cavaleiros

Tudo ficou em silêncio, e eu estava tão cansada que caí no sono. Mais tarde acordei sobressaltada quando senti a torre tremer e ouvi passos pesados. O caçador abriu a minha porta de supetão e entrou pisando firme. Ele não estava mais usando as roupas de caçar, mas uma túnica e uma capa de príncipe de contos de fadas. Ficou me observando com curiosidade.

– O que acontece agora? – indaguei. – Eles ganharam a primeira parte do jogo?

– Ganharam. Apesar de você ter trapaceado, *deti dama*.

– *Eu* trapaceei? Como?

– De algum modo, você enviou um sinal a eles. Disse-lhes onde encontrá-la. Não havia como descobrirem esta ilha sozinhos. Não sei como fez isso, mas a partir de agora vou ficar de olho em você. Obviamente, eu os subestimei. Agora terei que deixar a segunda parte mais difícil.

– Mais difícil? Você quase matou os dois!

– É. *Quase.* Eles estragaram meu histórico. Venceram a batalha, mas eu vou ganhar a guerra, garanto a você. Mesmo assim, este *quase* nunca aconteceu comigo. Eu estava certo em acreditar que este seria meu melhor jogo. Se você não tivesse me enganado e feito com que eu me limitasse, eu os teria vencido no primeiro dia.

– *Limitar-se!* Rá! Você trapaceou! Duas vezes! Talvez mais. Eu não fiquei de olho em você o tempo todo, então é provável que tenha trapaceado o tempo

todo!

– O jogo é meu, não seu. Se não entende as complexidades das regras, paciência. Agora, antes de começarmos a segunda fase, você precisa se vestir de maneira adequada, minha cara.

– Como assim?

– Ora, se vai fazer papel de princesa, precisa parecer uma princesa.

O dragão me rodeou para avaliar minha forma.

– Ah, tenho uma coisa perfeita – continuou.

Ele estalou os dedos e fui envolvida pelo farfalhar de tecidos. O quarto ficou todo branco e então foi voltando a se materializar. Baixei os olhos e levei um susto. Minhas roupas tinham sido substituídas por um lindo vestido. Ergui a mão para tocar na manga justa que acabava no pulso.

– Não. Está faltando uma coisa. Ah, já sei. É o cabelo. Seu cabelo está curto demais.

Puxei um cacho curto na frente do rosto e o examinei. Ele estalou os dedos e dei um gritinho quando meu cabelo começou a crescer.

– Ei!

Ele cantarolava enquanto meu cabelo crescia e crescia.

– Pare com isso!

O cabelo agora tinha passado da cintura, e ele estava ocupado com sua aparência no espelho.

– Lùsèlóng!

– O que foi? – Os olhos dele encontraram os meus no espelho. – Ah. – Ele estalou os dedos mais uma vez e meu cabelo parou de crescer, mas já estava abaixo dos joelhos e pesava. – Pronto. Muito melhor. Pode olhar no espelho se quiser. Esta parte não deve demorar nada.

– Espere!

Ele girou e desapareceu. A porta se fechou com um baque e voltei a ficar sozinha. Bati irritada na porta, só porque isso fazia com que eu me sentisse bem, e então fui até o espelho conferir meus tigres.

Uma mulher desconhecida olhou de volta para mim. Além de me vestir, o dragão também se preocupara com a maquiagem. Havia uma beldade com olhos destemidos refletida ali, e cutuquei a bochecha várias vezes para ter certeza de que era eu mesma. Ele tinha me arrumado com um vestido de baile

rosa-claro que ressaltava meus olhos e cabelos escuros. A peça tinha mangas compridas justas com bordados prateados nas extremidades e era enfeitada com uma fita de cetim. A gola elegante, debruada em prata, caía logo depois dos ombros, deixando o pescoço à mostra.

Faixas de organza bem finas pendiam de tiras nos braços e um cinto prateado grosso enlaçava minha cintura. A saia tinha camadas alternadas de seda e organza e o corpete era enfeitado com bordados prateados para combinar com a ponta das mangas. Galões prateados e avermelhados arrematavam a barra da saia e eu usava elegantes sapatilhas prateadas. Meu cabelo castanho comprido brilhava e caía em ondas a partir de uma faixa de cabelo prateada delicada com um véu cor-de-rosa comprido. Eu era uma linda princesa fazendo biquinho, extremamente irritada.

Arranquei o véu da cabeça e me sentei na cama, mas então gemi de frustração quando minha cabeça foi puxada para trás porque eu tinha me sentado em cima do meu maldito cabelo. Puxei as fitas da manga, rasguei-as e fiz duas tranças embutidas compridas para prender aquela massa. Ordenei ao espelho:

– Mostre-me meus tigres.

O espelho tremeluziu e aproximou a imagem. Os pobrezinhos ainda dormiam profundamente. O ar se moveu e, de repente, Lùsèlóng estava ao lado deles. Ele limpou a garganta e os dois tigres despertaram, alertas, e rugiram. O dragão estalou os dedos e os tigres passaram a ser homens. Ren e Kishan estavam de pé diante dele, irritados, imundos e perigosos. Os dois deram um passo na direção do dragão, que examinava as unhas com toda a calma.

– Resolvi que esta parte do jogo terá regras diferentes. Em vez de entregar suas armas aqui, vocês vão lutar por elas. Irão encontrá-las em vários locais do labirinto, mas, para levá-las consigo, precisarão vencer o guardião que protege cada uma delas. Talvez tenham que lutar contra alguns. A outros, deverão enganar. Se sobreviverem ao labirinto, precisarão escalar as muralhas do castelo, derrotar a mim e salvar sua princesa. E, dessa vez, sem trapaça. Agora, vamos garantir que vocês tenham a aparência adequada para o papel.

Ele estalou os dedos e a roupa dos dois mudou. Kishan usava um gibão de couro marrom com uma túnica de mangas compridas, calça preta, botas de montaria de cano alto lustrosas e uma capa preta com capuz. Ren vestia uma camisa branca por baixo de um gibão de veludo verde debruado de dourado,

calça justa preta e botas que subiam até a coxa. Sua capa era de lã comprida com pele na barra.

Parece que serei salva por Robin Hood ou pelo Príncipe Encantado.

O dragão examinou os dois.

– Excelente. Agora, imagino que estejam com fome. Vão encontrar comida no labirinto à medida que avançarem e, dessa vez – ele bateu de leve na palma da mão com uma luva de couro, enquanto refletia –, acho que seria melhor se vocês dois não fossem juntos. – Ele se inclinou para mais perto e exibiu uma expressão perversa. – Não vamos querer que o desafio seja fácil *demais*, não é mesmo?

Ele deu risada e estalou os dedos mais uma vez. Todo mundo desapareceu. Pedi ao espelho que me mostrasse Ren. Ele estava parado perto de uma abertura do labirinto. Olhou colina acima, na direção do castelo, mas o dragão tinha feito com que uma névoa o cobrisse, tornando-o mais difícil de se achar. Ren retesou o queixo e entrou no labirinto. Quando pedi ao espelho que passasse para Kishan, descobri que já estava no labirinto. Ele corria por uma seção comprida, então virou à esquerda e continuou correndo.

Ao meio-dia, Ren tinha roubado água e pão de uma matilha de cachorros irados e conquistara uma espada e uma bainha de um gnomo que tinha conseguido capturar e pendurado de cabeça para baixo. O gnomo aborrecido chutava e berrava, mas Ren se recusou a soltá-lo até que ele lhe desse um prêmio. Kishan, enquanto isso, tinha matado um javali pegando-o pelas presas e quebrando seu pescoço ao rodar a cabeça com violência. Ele ganhou o Fruto Dourado e fez com que criasse comida. Foi comendo e bebendo enquanto corria.

Quando a noite chegou, Ren havia derrotado um ogro e conseguido o *chakram* de Kishan, que, por sua vez, tinha ganhado meu arco e as flechas em uma disputa de tiro ao alvo, e os dois estavam mais ou menos na metade do labirinto. Ren se acomodou para passar a noite, mas Kishan prosseguiu. Ele avançou bastante, mas deu a resposta errada quando uma manticora lhe fez uma pergunta. A criatura era vermelha, com corpo de leão, cabeça de ogro, rabo de escorpião e asas de morcego. Kishan conseguiu derrotá-la quando ela atacou, mas foi mandado de volta para o começo do labirinto. Ele urrou de frustração e recomeçou a caminhada. Finalmente parou por volta da meia-noite e dormiu.

Ren foi atacado bem cedo pela manhã, enquanto ainda dormia. Um bando de brutamontes o rodeou com redes e lanças. Ele os combateu com a espada e depois com as mãos. Quando um homem caía, incapacitado, ele bruxuleava e logo desaparecia. Arfando, Ren acabou com o último homem e recebeu um cavalo branco magnífico com sela prateada. Ele montou no lombo do garanhão e seguiu a trote pelo labirinto.

Kishan agora tinha ficado muito para trás e escolhera um caminho diferente do anterior. Ele conquistou a *gada* ao lutar contra uma cobra gigante e o tridente ao matar um urubu enorme com uma flecha dourada. Ren usou o *chakram* para cortar fora a cabeça de três harpias que tentaram enganá-lo com feitiços e promessas sedutoras. Como prêmio, o Lenço Divino lhe foi devolvido.

Kishan atravessou um riacho fervente pulando sobre pedras. Quando estava no meio, um crocodilo gigantesco o atacou. Ele fez com que o Fruto Dourado enchesse a boca dele com uma manteiga de amendoim bem pegajosa e o animal voltou a desaparecer na água. Alguns passos depois, Kishan encontrou seu *kamandal* pendurado numa árvore. Ele o pendurou ao redor do pescoço, enfiou-o para dentro da túnica e seguiu em frente.

Kishan voltou a se encontrar com a manticora, revitalizada, e dessa vez respondeu à pergunta de maneira correta. Ela o fez avançar no labirinto. Agora ele estava perto, muito mais perto do que Ren, que parou quando chegou a um beco sem saída. O labirinto estava bloqueado por um muro de tijolos. Ele deu meia-volta com o cavalo, tomou outro caminho e se deparou com outra parede de tijolo. Estava preso. Aranhas enormes começaram a sair das cercas vivas, fazendo com que o cavalo branco batesse as patas e refugasse.

Ren acalmou o cavalo e, ao mesmo tempo, usou o Lenço Divino para fazer uma rede grande. Ela recolheu todas as aranhas em uma teia fina. Em seguida Ren fez com que o Lenço as enrolasse em uma bola de algodão gigantesca, recheada de aranhas, espetou-a com a espada, girou-a sobre a cabeça algumas vezes e lançou-a para outra parte do labirinto. O muro de tijolos se desfez e Ren conduziu o cavalo com cuidado pelas partes quebradas.

Depois de algum tempo, ele parou em um riacho que sempre desaparecia quando ele tentava beber água. O cavalo conseguiu beber, mas Ren, não. Ele ficou lá pensando por um momento, transformou-se em tigre e bebeu até estar

satisfeito, então voltou a se transformar em homem. Usando o Lenço, criou um cantil e o encheu para levar consigo. Suas roupas de príncipe permaneceram com ele quando se transformou. Ren e Kishan dormiram sem ser incomodados naquela noite, sobre a grama macia do labirinto.

Os desafios apareciam com tanta frequência e eram tão difíceis que eu me mantinha num estado constante de pavor. Acabava de ver um deles se salvar, soltava um suspiro de alívio, e logo depois o outro entrava em perigo. Fiquei na cama, colada ao espelho, achando que, se eu os abandonasse por um minuto, iria voltar e encontrar um deles morto ou com ferimentos terríveis. Os dois me garantiram que não podiam morrer, mas eu não tinha certeza absoluta disso. E se algo lhes arrancasse a cabeça? Ou os envenenasse? Ren tirara uma bala do ombro de Kishan com a garra, um processo sangrento ao qual eu não consegui assistir. Kishan havia sarado, mas e se a bala tivesse ido mais fundo? Se tivesse bloqueado uma artéria? Eu tentava descansar quando eles descansavam, mas acordava sobressaltada cada vez que ouvia um barulho.

Bem cedo na manhã seguinte, Kishan irrompeu no labirinto e encontrou um cavalo negro à sua espera. A névoa se abriu por um instante, de modo que ele pôde enxergar o castelo. Então montou no cavalo e saiu em alta velocidade, fazendo o garanhão galopar. Ren encontrou uma salamandra gigantesca que cuspia veneno. Usando a espada, cortou a cabeça dela e ficou observando quando a criatura morta mudou de forma. Ela se encolheu e ficou dourada – transformou-se em Fanindra. Ren se ajoelhou e estendeu a mão. A serpente se enrolou em seu braço e endureceu em sua forma de bracelete.

Em seguida, ele se deparou com um homem todo feito de bronze e lutou com ele durante alguns minutos sem obter qualquer vantagem. A espada ricocheteava na pele dele com uma chuva de faíscas e o *chakram* também não era capaz de penetrar seu corpo. As tramas do Lenço não eram capazes de contê-lo. Fanindra ganhou vida e se agarrou a um galho de árvore baixo enquanto Ren lutava.

Ela se esticou e, sorrateira, colocou-se atrás do homem de bronze. Então, quando a oportunidade se apresentou, ela o picou bem atrás do joelho. O homem cambaleou, gemeu e desabou, morto. Quando Ren examinou o corpo,

deu para ver pelo espelho que Fanindra o tinha picado em um pedacinho de pele branca, onde o homem era vulnerável. A recompensa de Ren foi comida. Ele deu as maçãs para o cavalo, acariciou sua cabeça e comeu o pão. Depois de agradecer a Fanindra e deslizá-la pelo braço, ele montou no cavalo e saiu do labirinto.

Kishan tinha chegado às muralhas do castelo a essa altura e, do seu ponto de vista, elas se estendiam para o alto infinitamente. Ele torceu o tridente e disparou uma série de lanças na muralha. As pontas de lança se enterraram fundo na pedra. Ele pisou em uma delas para testar a força e viu que aguentava seu peso. Escalou por aquela dezena de pontas de lança, atirou mais na pedra e continuou subindo.

Ren disparou na direção do castelo, mas se perdeu na névoa produzida pelo dragão. Felizmente Fanindra ganhou vida mais uma vez e moveu a cabeça na direção em que deviam avançar. Quando ele chegou à extremidade do castelo, saltou do cavalo e usou o *chakram* e o Lenço. Criou uma corda bem forte, enrolou no *chakram* e deu vários passos para trás. Ren girou e lançou o *chakram* com toda a força em direção ao topo do castelo. Quando o *chakram* caiu, ele puxou a corda e, julgando que estava bem firme, amarrou a ponta a uma árvore e começou a escalar a muralha.

Ao mesmo tempo, Kishan alcançou o topo. Ele correu pela ameia até encontrar uma ponte. Pedi ao espelho que me mostrasse o dragão. Lùsèlóng estava no torreão da fortaleza. Pressionando as mãos na parede de pedra, ele se inclinou para poder ver o progresso dos irmãos lá embaixo. Sorriu, como se estivesse antecipando a batalha, e deslizou o polegar pelo lábio inferior.

Ele estalou os dedos e desapareceu durante alguns segundos, e então voltou na forma de dragão. Enrolou o corpo esguio ao redor do telhado de uma torre próxima e ficou esperando por Kishan e Ren. Kishan correu pela ponte de pedra e penetrou na fortaleza. Quando passou para o lado de dentro, sua roupa de príncipe desapareceu e, no lugar dela, surgiu uma armadura preta. Também tinha um escudo dourado com um tigre negro entalhado e segurava uma lança comprida. Sem diminuir o passo, ele avançou.

Ren pousou com a ajuda da corda e passou para a parte de dentro da muralha. Antes de penetrar na fortaleza, ele tirou Fanindra do braço e lhe disse:

– Encontre Kelsey, Fanindra.

Obediente, a cobra ganhou vida e foi serpenteando para dentro da escuridão do castelo. Quando Ren entrou na fortaleza, a mesma transformação aconteceu: suas roupas tremeluziram e se transformaram em armadura. Ele tirou uma espada larga e pesada da bainha ao lado do corpo e ergueu o escudo. O símbolo dele era um tigre branco em fundo azul e sua armadura era prateada. Uma capa branca caía sobre suas costas.

No entanto, em vez de avançar, como Kishan tinha feito, ele saiu atrás de Fanindra. Incentivando-a a ir adiante, seguiu a cobra através de muitas portas e passagens, até chegar a uma escadaria. Ouvi o chamado dele.

– Kelsey? Você está aí em cima?

Fiquei sem ar. O chamado não vinha do espelho, mas do lado de fora do meu quarto.

– Ren? Ren! – Corri para a porta e bati com força. – Estou aqui! Estou aqui em cima!

– Estou indo!

Ele começou a subir as escadas, e ouvi uma voz na cabeça. *Tsc, tsc, tsc. Então, o que dissemos a respeito de trapacear? Esqueceu que deve matar o dragão* antes *de salvar a princesa? Só por isso, vai ficar um pouco de castigo.*

Ren berrou:

– Kel...

E então o som de sua voz foi interrompido de súbito. Eu me apressei de volta até o espelho para ver o que tinha acontecido. Fanindra deslizou por baixo da minha porta e se enrolou em posição de descanso. Eu a peguei e a acomodei na penteadeira. Ren desaparecera da escada e agora estava acorrentado a uma pilastra perto do dragão. Kishan correu até o telhado e parou, chocado ao ver Ren preso daquele jeito. Ele caminhou em sua direção, mas foi impedido por um jato de fogo.

Aqui em cima, cavaleiro negro. Seu irmão vai se juntar a nós no momento oportuno.

Kishan se virou, soltou um grito de batalha e atacou o dragão com a lança em riste.

O dragão o derrubou com um golpe do rabo e deu risada.

Isso é o melhor que você pode fazer?

Kishan sussurrou algumas palavras e de repente a torre ficou coberta de óleo

quente. O dragão escorregou desajeitado e bateu a cabeça no parapeito, fazendo com que a torre balançasse. Um pedaço enorme de pedra quebrada caiu e desabou dezenas de metros até lá embaixo.

Kishan não esperou. Ergueu a lança e a arremessou com força contra o dragão verde. Ela pegou de raspão numa parte do corpo coberta de escamas, mas deixou um ferimento sanguinolento para trás. O dragão rugiu e o atacou com fogo laranja-avermelhado disparado numa nuvem de calor.

Kishan ergueu o escudo bem a tempo de se proteger, mas as beiradas amoleceram e começaram a derreter. As chamas se ergueram do óleo que formava poças e a torre pegou fogo. Ren passou correndo por Kishan e se jogou por cima do dragão. Eu não sabia dizer como ele havia se desvencilhado. Será que tinha usado o *chakram* para serrar as correntes que o prendiam? Ou será que o dragão o deixara sair do castigo?

O dragão se agitava e dava coices, tentando desalojar Ren, mas ele estava agarrado com firmeza, distraindo Lùsèlóng tempo suficiente para que Kishan pudesse pegar a lança e enfiá-la no corpo do dragão. Ao mesmo tempo, Ren ergueu a espada acima da cabeça e a cravou nas costas do dragão. Lùsèlóng berrou, perfurando o ar com o som de 20 pterodáctilos raivosos, e jogou os dois contra o parapeito. Outro pedaço da muralha de pedra desabou perto de Kishan, que caiu para o lado. Ele gritou e se segurou só com a ponta dos dedos na beirada que se despedaçava.

Ren se inclinou e pegou a mão de Kishan, mas, antes que conseguisse puxá-lo para o alto, o dragão virou a cabeça e foi para cima dele, que agora estava vulnerável. Agarrou Ren com a boca e ergueu os dois irmãos no ar.

Lùsèlóng sacudiu Ren e esmagou a armadura dele com sua mandíbula fortíssima. Enquanto Ren gemia de dor, ele soltou Kishan, que caiu num lugar seguro no alto da torre. Depois de amassar muito a armadura de Ren, o dragão abriu a boca e o jogou na cobertura de pedra do edifício ao lado. Ren caiu com um estrondo e ficou lá, imóvel, parecendo uma grande lata de atum atropelada por uma caminhonete.

Kishan berrou e atacou o dragão violentamente, usando todas as armas que tinha à disposição. Ele se lançou a um ataque em ângulos múltiplos com o uso do Lenço, do Fruto, do *chakram* e da espada que Ren havia largado.

O dragão revidou com garras, cauda, dentes e chamas até que Kishan estivesse

combalido, ferido e sem fôlego. Eu sabia que não ia durar muito mais tempo. Ren permanecia fora de combate. Kishan estava ferido e não era capaz de se curar assim tão rápido. Ele arrancou o capacete. O sangue escorria pelo rosto suado e ele mancava muito. Limpou a boca com as costas da mão e se curvou para a frente, arfando.

O dragão sorriu.

É só uma questão de tempo, sabe? Já derrotei seu irmão e agora vou derrotar você. Não tem como me superar. Mal consegue ficar em pé.

– Só estou tomando fôlego. Podemos continuar?

Por que não admite logo a derrota? Eu poderia até permitir que vocês morem numa outra ilha. Iria caçá-los, é claro, mas pelo menos continuariam vivos.

– Não estou interessado em ser o seu tigre de estimação.

Muito bem.

O dragão respirou fundo e soltou fogo em cima da torre. Kishan cambaleou e correu, mas o fogo o seguiu. Ele saltou e subiu em um muro, com armadura e tudo, usando apenas a força dos braços. Caiu pelo outro lado e pousou um nível acima do dragão. Ficou lá deitado, respirando com dificuldade. Então arrancou as luvas fumegantes e apalpou em busca de uma arma, mas descobriu que todas estavam no nível abaixo dele. O dragão deu uma risada de desdém e se enrolou no torreão.

Tem alguma última palavra a dizer antes que eu o devore?

– Claro. – Kishan deu a volta no torreão para ficar fora do alcance do dragão. – Espero que você engasgue.

Ele saltou do torreão para a pedra embaixo, e o dragão urrou e foi atrás dele, com a bocarra aberta. Kishan atingiu o telhado e rolou, mas bateu a cabeça numa pedra quebrada. Ouvi um bramido de triunfo de Lùsèlóng quando ele desceu, pronto para abocanhar Kishan. De repente ele berrou, parou no meio do ar e caiu com um estrondo ensurdecedor ao lado de Kishan. Nada se moveu por um instante, e eu fiquei sentada na cama com a mão tapando a boca. Então algo se agitou perto do torreão.

Uma silhueta cambaleou para longe do corpo do dragão e se dirigiu para Kishan. Era Ren. A placa de proteção do peito, que fazia parte da armadura, e o capacete não estavam mais lá. Um rasgo comprido e ensanguentado que lhe atravessava o peito estava começando a sarar. Pedi ao espelho que me mostrasse

o dragão. Ren atingira o coração dele com a lança, sem que nem eu o visse saltar de volta para a torre, esgueirar-se pela lateral e se esconder nas sombras. Ignorá-lo tinha sido o erro fatal do dragão.

Ren tirou o que sobrara da armadura, então se ajoelhou para tirar a de Kishan. Ele estava vivo. Gemeu e piscou para abrir os olhos.

– Acabou – disse Ren. – O dragão está derrotado.

O corpo do dragão tremeluziu e desapareceu.

– Venha. Eu sei onde ela está.

Ele ajudou Kishan a se levantar e então os dois irmãos, apoiando-se pesadamente um no outro, desceram para a torre e entraram na fortaleza até Ren encontrar a escada que levava à minha torre solitária do outro lado do castelo. Eles começaram a subir a escada, mas Kishan não conseguiu mais erguer os pés depois do primeiro degrau.

Ouvi a voz do dragão.

Apenas o vencedor pode reclamar o prêmio.

Kishan escorou as costas na parede da escada e arfou pesadamente. Ele assentiu com a cabeça, indicando que Ren deveria seguir em frente. Ren se virou e se apressou pela longa escadaria circular. Ele girou a maçaneta, mas a porta não abria.

– Kells? Está me escutando?

– Estou! Eu estou aqui! Está trancada. Não consigo abrir.

– Afaste-se.

Ele recuou alguns passos e foi com tudo para cima da porta. Ela não se movia. Vez após outra, ele se jogou contra ela, mas nada acontecia.

O dragão deu risada.

A culpa não é minha, tigre. É ela *que não quer deixar você entrar.*

– Como assim? – berrei.

Você não quer que ele entre.

– Claro que quero!

Não quer, não. O herói ganha o prêmio, e você é um prêmio que não quer ser conquistado, deti dama. *Se quiser que ele a salve, abra a porta.*

– Eu não consigo!

Não estou falando da porta do quarto, disse o dragão na minha mente. *Estou falando da porta do seu coração.*

– O quê? Por que está fazendo isso? – solucei.

Ouvi a preocupação de Ren através da porta.

– Kelsey? Está tudo bem com você?

A voz do dragão me penetrou.

Deixe... que... ele... entre.

De repente eu entendi. Eu sabia o que ele estava querendo dizer, e a compreensão me fez tremer. Ele queria que eu sentisse todas as coisas que estava ignorando. Queria que eu liberasse todas as emoções e o sofrimento reprimidos. Bati o punho fechado de leve contra a porta, chorei e implorei baixinho para o dragão:

– Não me obrigue a fazer isso. Por favor, deixe as coisas como estão.

Não é assim que se joga o jogo.

Eu não posso me permitir sentir essas coisas. Dói, respondi com o pensamento.

A dor faz parte da vida. Agora, ande logo com isso.

Enxuguei as lágrimas e pressionei as mãos contra a porta. Apoiei a testa na madeira e fechei os olhos. O dragão deu risada e senti o prazer dele diante do meu desespero. Eu trancara de propósito a conexão fortíssima que sentia com Ren. Ao fechá-la como uma válvula, eu tinha feito de tudo para bloquear meus sentimentos por ele. A torneira pingava, mas tapei os buracos o melhor que pude e tentei reter minhas emoções, redirecionando o fluxo para outros lugares.

Ali parada, tremendo, percebi que bloquear meus sentimentos era algo recorrente para mim. Eu tinha feito isso quando meus pais morreram. Tinha feito isso quando deixei Ren. Tinha feito isso quando ele foi capturado.

Não posso arriscar, dragão, falei. *Ele vai me abandonar de novo.*

Lùsèlóng respondeu:

Sem risco não há recompensa. Será que você prefere ficar aqui comigo por toda a eternidade?

Não, falei com a mente.

Naquele momento, percebi como era covarde. E eu sabia que não tinha escolha além de seguir em frente.

Como eu começo?, perguntei.

Viaje pela sua conexão até o coração dele.

O dragão verde me conduziu. Uma visão se formou na minha mente. Eu estava no meio de uma névoa branca. Perdida, girei em círculos, à procura de algo. O

dragão me chamou, e eu avancei caminhando às cegas, seguindo sua voz. A névoa fazia redemoinhos nos meus pés e o chão não era firme. Então algo dourado apareceu na névoa, uma corda brilhante que estalava de tanta energia.

Agora coloque as mãos na corda e vá até a sua origem.

Obedecendo o dragão, peguei a corda dourada e fui andando ao longo dela. Quando comecei o trajeto, hesitei e quase dei meia-volta. Ouvi uma voz calorosa falar na minha cabeça.

Por favor, não solte. Não posso perder você mais uma vez.

A súplica na voz me comoveu e eu agarrei a corda com força enquanto caminhava. Sentimentos esquecidos e lembranças tomaram conta da minha visão. As névoas começaram a se dissipar à medida que minha mente ia repassando os momentos ternos que Ren e eu tínhamos compartilhado: nosso primeiro beijo, a dança no Dia dos Namorados, ele me abraçando depois de um pesadelo. Quanto mais eu avançava, mais o meu coração se abria. Mas o ato de soltar essas lembranças felizes também liberou as sósias maléficas da dor e da mágoa.

Meus pés se arrastavam como se eu estivesse presa em areia movediça. Quando hesitei e dei um passo para trás, a névoa se ergueu e voltou a me entorpecer. Teria sido muito fácil recuar, bloquear meus sentimentos, mas eu sabia que devia seguir em frente, apesar de cada passo trazer mais agonia. Cada movimento adiante aumentava a dor lancinante da traição, da perda, do primeiro amor despedaçado, de ser deixada sozinha.

Dedos negros de ciúme, amargor e confusão me agarraram e tentaram me puxar para longe da corda, mas eu não a larguei. Dava para sentir a pulsação que a percorria. Era forte, boa e... alegre. Algo mudou para mim naquele trajeto. Eu percebi que não estava sozinha. Não conseguia enxergar o que estava à frente, mas alguém me chamava. De vez em quando, um vento morno acariciava minha pele e uma voz suave me incentivava a prosseguir. Eu sabia que a pessoa que estava ali me amava. De repente cheguei ao fim da corda e parei, confusa.

Onde estou?

Uma voz atrás de mim falou.

– Você está aqui, comigo.

Eu me virei e fiquei de frente para Ren, que sorria. Ele abriu os braços e, com um soluço, eu me derreti para dentro deles e apertei o rosto contra o seu peito.

Ele me abraçou com tanta força que eu me senti parte dele.

– Por que foi tão difícil me achar, *iadala*?

– Você me abandonou. Eu precisei abrir mão de você.

– Eu *nunca* a abandonei. Sempre tive um lugar para você no meu coração. – Ren levantou meu queixo com o dedo. – Mas e você? Está se sentindo diferente agora? Quer que *eu* abra mão de você?

Hesitei apenas por um breve segundo. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu o abracei com força.

– Não. Não quero que abra mão de mim. Nem agora, nem *nunca*.

Ele me abraçou e murmurou palavras em sua língua nativa, para me acalmar. Eu me sentia segura ali. Protegida e amada. Tinha aberto a válvula, e era tarde demais para voltar a fechá-la agora. As gotas de mágoa, esperança, traição, devoção, angústia e amor escorriam pelas minhas mãos, escapavam por entre os meus dedos. Meu coração sangrava.

Desesperada, tentei segurar a maré, manter o controle, mas agora não adiantava mais deter aquilo. Eu chorei e, depois que as lágrimas brotaram, não consegui mais contê-las. Comecei a falar e contei a ele meus medos mais profundos e mais obscuros. Descrevi o que sentia quando não estava com ele. Como doeu vê-lo com outra. Ren acariciou minhas costas e escutou com paciência e sem se defender. Eu funguei no meio do choro, dando prosseguimento à minha confissão.

– Fiquei magoada quando você me esqueceu e quando me afastou. Não suportei vê-lo ir embora. Você me *abandonou*, do mesmo jeito que os meus pais me abandonaram. Tive que fechar uma parte de mim para sobreviver. Sem você, eu murchei e me transformei em apenas uma sombra de mim mesma. Eu me senti... confusa, como palavras incompletas em uma página. Um poema despedaçado. Nada fazia sentido. Como pôde fazer isso comigo? *Conosco?* – acusei.

– Não sabe que eu faria qualquer coisa para mantê-la em segurança? – argumentou Ren. – Eu tinha que amar você o suficiente para deixá-la partir. Foi a coisa mais difícil que já precisei fazer, e não pretendo passar por isso de novo nunca mais. Mesmo assim, meu coração sempre pertenceu a você. Tenho certeza de que você continuou sentindo isso.

– É, mas enterrei tão fundo meus sentimentos por você que nem sei se posso

restaurá-los – admiti. – Minha força vem deles; pelo menos isso eu reconheço. É óbvio que eu preciso de você. Que quero você. Meu corpo queima com uma chama dourada quando você me toca. Mas não posso mais confiar em você. Não quero afastá-lo, mas estou com medo. Eu te amo tanto que tenho medo de que você me destrua.

Ren apertou a bochecha contra a minha e disse:

– Para muita gente, o amor é uma moeda de duas faces. Pode fortalecer ou enfraquecer, expandir ou encolher, enriquecer ou empobrecer. Quando o amor é correspondido, nós florescemos. Somos levados a alturas jamais vistas, onde ele nos delicia, revigora e embeleza. Quando o amor é tolhido, nós nos sentimos aleijados, desconsolados e deprimidos. Eu sempre *amei* e sempre *vou amar* você, Kelsey. Nada na Terra ou nos céus pode mudar esse fato. Se você polir a moeda, vai enxergar apenas o amor correspondido dos dois lados. Fui destinado a amar você e serei seu para sempre.

Dei um passo para trás e ergui os olhos. Meu príncipe de olhos azuis acariciou meu rosto e enxugou uma lágrima com o dedo.

– Como pode ter tanta certeza em relação a tudo isso? A mim? – perguntei. – Nós sofremos tanto tentando ficar juntos. Talvez o destino queira nos manter separados. Talvez assim seja mais fácil.

Ren sorriu e segurou meu rosto entre as mãos. Suspirando, ele fez o contorno do meu lábio inferior com o polegar.

– Se, no final disso tudo, eu puder ficar com você, terá valido a pena. "Só um homem que sentiu o maior desespero é capaz de sentir a maior alegria."

Eu funguei e sorri.

– Quem disse isso?

– Alexandre Dumas, que escreveu *O Conde de Monte Cristo*. Íamos ler este livro juntos, lembra?

– Nós andamos um pouco ocupados.

– Sim, andamos, *rajkumari*. – Ele suspirou e apertou os lábios contra a palma da minha mão. – Meu maior desespero foi ficar sem você. Será que ainda estou sem você? Ou será que você pertence a mim do mesmo jeito que eu pertenço a você? Ainda me ama, *priyatama*?

O Ren do meu sonho passou os dedos pelo meu cabelo e inclinou o meu queixo para que eu olhasse para o seu rosto bonito. Como eu tinha certeza de

que aquilo era só um sonho, me senti à vontade para admitir as coisas que teria escondido do verdadeiro Ren. Fechei os olhos e assenti.

– Eu sempre fui sua. Nunca deixei de amar você.

Ren acariciou minha bochecha até eu abrir os olhos. Ele sorriu.

– Então nunca vou abandoná-la – disse, e capturou os meus lábios com os dele.

Ele me abraçou com ternura e eu senti a barreira de proteção no meu coração se dissolver completamente. Agora eu estava sem defesas. Meu coração estava exposto e vulnerável: um belo órgão pulsante pronto para ser esmagado, partido, consumido...

Ouvi o clique de uma fechadura e senti a leve brisa de uma porta se abrindo e se fechando, mas parecia distante e sem importância. Eu rendi meu coração recém-aberto ao meu príncipe e me senti abrigada, aquecida e valorizada. Ren me amava. Aquele era o meu lugar. Se eu pudesse ficar ali para sempre, naquele mundo dourado, e esquecer de todo o restante, era o que eu teria feito, mas meu desejo não se realizou.

A névoa se ergueu e nos envolveu. A visão desapareceu, mas a consciência, não. Senti braços verdadeiros me abraçando, me aninhando, e lábios verdadeiros se moldando aos meus. Envolta no calor terno de Ren, eu o beijei apaixonadamente. Sussurrei que o amava demais e que tinha sentido muita falta dele. Nós estávamos presos em um brilho dourado enquanto falávamos baixinho, nos tocávamos e nos beijávamos. Eu o abracei com ternura e levei as mãos dele aos meus lábios. Ele murmurou declarações que eu sentia mais do que compreendia.

Então fui arrancada da minha bruma romântica quando ouvi a porta se escancarar. Fiquei piscando e me peguei olhando para um par de olhos dourados que queimavam de ciúme.

21

Tempestade

Na minha mente, ouvi Lùsèlóng dar risada e, apesar de Kishan esconder seus sentimentos com rapidez, eu percebi que ele estava aborrecido. Com as bochechas em brasa, eu me afastei de Ren e fiquei entre os dois irmãos. Ambos olhavam para mim.

Virar-me para esconder o rosto não ajudou, porque eu continuava sentindo dois pares de olhos fazendo buracos nas minhas costas. Ninguém disse nada, e a voz que dava risada na minha cabeça se transformou numa voz física atrás de nós. O dragão verde estava acomodado num peitoril de janela em sua forma humana. Estava vestido como príncipe mais uma vez.

– Vocês todos me proporcionaram um jogo dos mais divertidos, de que vou me lembrar com carinho durante muitos milênios. Têm certeza de que não querem ficar aqui mais um pouco?

– Não – respondi. – Queremos voltar para o nosso navio.

Kishan deu um passo para a frente.

– Nós vencemos. Vamos pegar os prêmios e ir embora, dragão.

Lùsèlóng franziu a testa.

– Não me lembro de ter oferecido mais de um prêmio.

– Você disse que iria nos ajudar a encontrar o Colar de Durga se jogássemos. Foi você quem insistiu para incluir um prêmio extra no jogo – disse Ren. – Eu ganhei a garota, e Kishan ganha a sua ajuda.

Kishan estreitou os olhos para Ren, mas disse:

– Tudo bem. Vamos acabar logo com isso.

– Talvez possamos negociar. Se um dos tigres concordar em ficar, eu lhes dou a garota *e* os ajudo a encontrar o meu irmão, o dragão dourado.

– *Não!* – berrei, perplexa. – Você *trapaceou* na caçada. É tarde demais para mudar as regras a fim de atender aos seus caprichos.

– Tudo bem! – O dragão bufou e línguas de chamas alaranjadas saíram de suas narinas humanas. – Você leva a garota – declarou a Ren. Virou-se para Kishan e disse: – E você fica com *isto*.

Ele fez um gesto com a mão e uma bola de fogo disparou da palma, apressou-se na direção de Kishan e o acertou no rosto. Kishan berrou e cobriu os olhos.

Eu gritei, assustada:

– O que você fez com ele?

Corri até Kishan e abracei seu corpo encurvado.

O dragão examinou as unhas.

– Nada de mais. Ele vai passar um tempo cego, mas é temporário. Afinal de contas, era o que vocês queriam.

– Não queríamos que você o ferisse – acusei.

– Que diferença faz para você? Se alguém o feriu hoje, eu diria que você tem mais culpa no cartório do que eu. Agora, estou entediado com vocês. Está na hora de irem embora.

O dragão estalou os dedos e nós três de repente estávamos na praia da outra ilha, sozinhos. A lancha estava próxima, e nós enxergamos o iate ancorado no meio do oceano. Ren lutou para soltar a lancha enquanto coloquei as mãos no rosto de Kishan e perguntei:

– Você consegue abrir os olhos?

– Consigo. Mas arde.

– Então não se preocupe com isso agora. – Arranquei a faixa do meu vestido e a amarrei em volta dos olhos dele. – Mantenha-os fechados. Vamos voltar para o iate. Segure-se em mim.

Ele se apoiou nos meus ombros. Eu o abracei pela cintura e lentamente o guiei de volta à lancha. Ren ajudou a firmar Kishan quando subiu a bordo e eu me sentei com Kishan, segurando suas mãos, enquanto Ren nos conduzia de volta. Nós três ficamos em silêncio no trajeto até o iate.

Quando chegamos, Ren cuidou de guardar a lancha enquanto Nilima e o Sr. Kadam me ajudavam com Kishan.

Depois de o levarmos para o quarto e o acomodarmos numa cadeira, o Sr. Kadam perguntou baixinho:

– O que aconteceu, Srta. Kelsey?

Por incrível que pareça, ele só deu uma olhada breve em nossas vestimentas estranhas e meu cabelo excepcionalmente longo.

– O dragão o cegou. Disse que era apenas temporário e agiu como se estivesse atendendo a um pedido nosso.

– Muito bem. – O Sr. Kadam deu tapinhas no antebraço de Kishan. – Pronto, filho, deixe-me dar uma olhada.

Com cuidado, ele tirou a faixa que cobria os olhos de Kishan e pediu que os abrisse devagar.

Kishan piscou algumas vezes e seus olhos começaram a lacrimejar. Arquejei quando vi que suas íris, antes lindas e douradas, agora estavam completamente pretas e, enquanto olhávamos, pequenas chamas começaram a dançar e crescer dentro delas. Ele piscou de novo e as chamas desapareceram. Cobri a boca para engolir um soluço.

– O que foi? – Ele virou a cabeça na minha direção. – O que foi, Kelsey? Não chore.

Eu pigarreei, passei os polegares apressada nas bochechas, ajoelhei-me ao lado dele e peguei suas mãos.

– Não é nada. Apenas estresse. Você quer alguma coisa? Está com fome?

– Eu bem que podia comer alguma coisinha. – Ele pegou minha mão. – Mas você vai poder ficar comigo?

– Claro que sim.

Nilima se levantou.

– Vou pegar o Fruto.

– Está doendo? – indagou o Sr. Kadam.

Kishan sacudiu a cabeça.

– Agora não. É estranho não conseguir enxergar nada, mas não tem dor alguma.

– Que bom. Vou pedir a Nilima que conduza o navio e farei pesquisas sobre isso. Talvez seja prudente todos vocês descansarem. Pode ficar com ele, Srta. Kelsey?

– Posso.

– Assegure-se de que ele coma, descanse e beba bastante líquido. Ele me parece um pouco quente. – O Sr. Kadam sorriu. – Bom, mais quente do que o normal.

– Vou cuidar bem dele.

– Tenho certeza disso. Avise-me imediatamente se o estado dele mudar.

O Sr. Kadam saiu e Nilima voltou com o Fruto. Kishan disse que estava cansado e que comeria mais tarde, mas consegui fazer com que bebesse um copo de suco de maçã enquanto eu tirava suas botas. Ele tirou o gibão e a túnica por cima da cabeça e eu puxei as cobertas para cima dele, mas ele as jogou para longe e procurou minha mão.

Kishan queria que eu ficasse perto dele, por isso, eu me sentei encostada na cabeceira e pus um travesseiro no colo. Ele apoiou a cabeça no travesseiro e eu o cobri com um cobertor e afaguei seu cabelo. Kishan segurou na minha cintura enquanto eu cantarolava uma canção de ninar que minha mãe costumava cantar. Finalmente, suas pálpebras se fecharam por cima dos olhos de fogo e ele dormiu.

Analisando seu belo rosto em silêncio, acariciei-lhe a testa e fiquei escutando sua respiração ritmada. Ouvi um barulho e ergui os olhos. Ren estava parado à porta, olhando para mim com expressão séria. Ele não disse nada. Kishan se agitou, dormindo, empurrou o travesseiro e apoiou a cabeça na minha coxa. Ajeitei a coberta sobre seus ombros e ele voltou a se aquietar.

Quando ergui os olhos, Ren não estava mais lá. Fiquei abraçada com Kishan durante mais uma hora, aproveitando esse tempo para pensar no que tinha acontecido. Quando tentei sair, Kishan estendeu a mão dormindo, puxou meu braço para cima de seu peitoral e me segurou. Acabei dormindo também, vencida pela experiência na ilha do dragão verde.

Acordei com os músculos rígidos e doloridos horas depois e consegui sair debaixo do corpo de Kishan, que dormia pesado. Ainda vestida com minha roupa de princesa, eu me dirigi até a porta de conexão para ir ao meu quarto e tomar um banho. Lavar o cabelo que ia até o joelho levou um tempão, mas penteá-lo demorou ainda mais. Eu me vesti, dei uma olhada em Kishan, peguei uma tesoura e saí à procura de Nilima.

Encontrei-a junto com o Sr. Kadam na casa do leme. Enquanto Nilima se

preparava para tosar meus cachos ultracompridos, ele me falou sobre a pesquisa que tinha feito sobre cegueira e mitologia.

– Uma das Plêiades chamada Mérope teve um filho, Glauco, que era cego. O termo *glaukos* significa "verde-azulado ou cinza" e dessa palavra deriva "glaucoma". Meropia é um problema físico de cegueira parcial. Outro oráculo grego, Tirésias, foi cegado pelos deuses ou por tê-los visto ou por ter revelado seus segredos. As três irmãs, às vezes chamadas de três tecelãs do destino, ou Moiras, compartilhavam um olho entre si... um olho que tudo enxergava, como era chamado.

– Eu me lembro delas. Espere um segundo. Nilima – puxei um cacho do meu cabelo, que agora batia na cintura e franzi a testa para ele –, acho que quero mais curto do que isso.

– Sinto muito, Srta. Kelsey. Recebi instruções específicas para não cortar mais curto do que a altura da cintura.

– Ah, *é mesmo*?

– É, sim. Ren ameaçou me demitir e, tecnicamente, ele tem o direito de fazer isso.

– Ele não vai demitir você. Está blefando.

– Mesmo assim, parecia muito sério.

– Tudo bem. Eu mesma vou cortar sozinha mais tarde.

– *Não vai, não.* – Eu me virei com o som da voz masculina ameaçadora. Ren estava apoiado no batente da porta com os braços cruzados sobre o peito.– Vou jogar todas as tesouras no mar.

– Pode jogar. Eu dou outro jeito. Talvez use o *chakram*. Você não teria coragem de jogá-lo no mar.

– Experimente. Você vai ter que lidar com as consequências, e não vai gostar delas.

Franzi a testa para a expressão de teimosia no rosto dele até que Nilima virou minha cabeça e voltou a cortar o cabelo.

– Posso prosseguir? – perguntou o Sr. Kadam.

– Por favor – respondi, com os lábios apertados.

– Também há Fineu, que foi castigado por revelar coisas demais sobre os deuses. Ele foi cegado e mandado para uma ilha com um bufê cheio de comida que ele não podia tocar.

– Eu me lembro dele – comentei. – Jasão e os Argonautas o salvaram. Lutaram contra as harpias para que ele pudesse comer e então ele lhes disse como atravessar os rochedos do Bósforo que se moviam.

– Correto. Polifemo foi o ciclope canibal cegado por Odisseu. Não consigo encontrar nenhuma conexão com essa história, mas achei melhor mencioná-la. Depois houve Édipo, que arrancou os próprios olhos após descobrir que tinha realizado as palavras do oráculo ao se casar com a própria mãe. Ele a encontrou morta depois que ela cometeu suicídio e então espetou os próprios olhos com alfinetes.

Ácido, Ren disse:

– Talvez levar uma mulher que pertença a outro se aplique ao nosso caso.

– Em primeiro lugar, *Sr. Sutileza*, Kishan não me levou a lugar nenhum a que eu não estivesse disposta a ir. Em segundo, eu não acredito que Laio tenha dito à esposa para cair fora. E, em terceiro, não acho que a história de Édipo tenha algo a ver conosco! – soltei, irritada. – O tema óbvio aqui, que você poderia entender se fosse capaz de controlar o monstro de olhos verdes que habita o seu corpo, é profecias e oráculos.

O Sr. Kadam pigarreou, pouco à vontade.

– Estou inclinado a concordar, Srta. Kelsey.

Lancei um sorriso torto para Ren, que suspirou profundamente e disse:

– Então, vocês acham que Kishan supostamente se transformou em alguma espécie de oráculo? Que ele vai nos conduzir ao quarto dragão?

– Só o tempo dirá. – O Sr. Kadam se levantou. – Talvez seja bom ir dar uma olhada nele agora.

– Ele estava dormindo quando saí – completei enquanto o Sr. Kadam se afastava apressado.

Ren acusou:

– É, você foi mesmo a melhor das enfermeiras. Ofereceu a ele o mais macio dos travesseiros para pousar a cabeça cansada.

– Hum... talvez seja melhor eu acompanhar meu avô – disse Nilima.

Ela largou a tesoura, olhou para a minha expressão, então mudou de ideia e a levou consigo. Com rapidez, se esgueirou entre Ren e a porta e fugiu.

Tirei um elástico do bolso e comecei a trançar o cabelo.

– Será que alguém já lhe disse que parece mesquinho quando está com ciúme?

– Você acha que eu me importo com o que pareço?

– Obviamente, não.

– Está certa. Não me importo. E, sim, reconheço, estou *mesmo* com ciúme. Tenho ciúme de cada minuto que você passa com ele, de cada expressão preocupada que você mostra por ele, de cada lágrima derramada, de cada olhar, de cada toque e de cada pensamento. Tenho vontade de despedaçá-lo e de expurgá-lo da sua mente e do seu coração. Mas não posso fazer isso.

Girei na cadeira, fiquei em pé e joguei a trança por cima do ombro.

– Kishan precisa de mim neste momento, e sinto muito se você não consegue aceitar isso.

Ele deu um passo para mais perto de mim.

– Kishan não é o único que precisa de você, Kelsey.

– Talvez não. Mas a necessidade dele é mais imediata.

– Por enquanto. Mas o pavio está aceso. Pode correr quanto quiser, mas está deixando um rastro de pólvora pelo caminho. Mais cedo ou mais tarde, você vai se dar conta disso. – Ele deu mais um passo, segurou meu queixo e ergueu minha cabeça até eu olhá-lo nos olhos. – Você precisa saber que eu também estava lá na toca do dragão. Estava naquele mundo enevoado de sonho com você. Ouvi suas confissões secretas. Sei quais são os sentimentos mais profundos do seu coração. O seu lugar nunca vai ser ao lado dele. Você é minha, e está na hora de se conformar com isso.

Mordi o lábio e senti o sangue ferver. Ele tinha razão, mas eu me irritei.

– É muita ousadia sua achar que eu sou *sua*. Não sou uma escrava nem uma noiva em negociação que você pode comprar do pai. Não existe contrato que governe o meu afeto. Eu tomo minhas próprias decisões. Sou senhora de mim e sou de quem eu quiser, durante o tempo que eu desejar. Jamais pressuponha que tem o direito de fazer o que quiser comigo. Só porque você é príncipe isso não significa que eu seja sua súdita. Então, desça desse trono, sua alteza, e encontre alguma outra garota para intimidar.

Estávamos muito próximos um do outro. Eu estava ofegante. Os olhos dele se estreitaram e então dispararam para os meus lábios. Ele deu um sorriso perigoso.

– "Não ensine a seus lábios tal escárnio, porque foram feitos para beijar, senhora, não para tal desprezo."

Eu estava prestes a reclamar quando ele me puxou para junto dele e apertou os lábios contra os meus. Inutilmente, empurrei seu peito quando seus lábios esmagaram minha boca. Ele me segurava de um jeito que era impossível fugir. Encontrou minhas mãos e as segurou contra as laterais do meu corpo, de maneira que eu não pudesse mais me debater contra ele. Tentei chutá-lo, mas ele ajustou a postura de modo que eu não tivesse nenhuma alavancagem. Mordeu meu lábio com suavidade e então, em vez de tentar fugir, eu gemi e retribuí o beijo com fervor. Ele pegou minha trança, enrolou-a várias vezes no pulso e puxou minha cabeça para trás, a fim de aprofundar o beijo. Doeu, mas de um *jeito... muito... bom*.

Quando ele finalmente afastou a cabeça, deu um sorriso malicioso.

Fiquei com falta de ar e fuzilei-o com os olhos.

– Se você está pensando em dizer que isso foi *esclarecedor*, vou lhe jogar um raio e atirá-lo no mar.

Ele passou a ponta dos dedos no meu lábio inferior inchado, sorriu e me empurrou na direção da porta.

– Vá. Cuide de Kishan.

Confusa, atravessei a porta.

– E, Kelsey...

Eu me virei.

– O que foi? – perguntei, impaciente.

– Eu estava falando sério sobre o cabelo.

Soltei um guincho de desgosto e saí batendo o pé, ignorando a risada dele. Fui resmungando por todo o caminho até o andar de baixo. *Gato vira-lata, dominador, convencido! Ele acha que pode colocar as patas em cima de mim. Que pode me obrigar a fazer o que ele quer à força.* Esfreguei as mãos nos braços, nos lugares em que ainda sentia a pressão da pegada dele, e passei o dedo no meu lábio que ainda formigava. *Intimidador. Podia simplesmente me jogar por cima do ombro e me levar embora, feito um pirata roubando uma mulher.*

De repente imaginei Ren de cabelo comprido, vestido como corsário: botas pretas de cano alto, camisa branca aberta com renda no pescoço e capa vermelha. Ele empunharia uma espada e viria para cima de mim, encurralando-me contra a balaustrada. Enquanto eu estivesse lá, impotente, com o vestido rasgado, o peito ofegante e... *para tudo! É óbvio que eu li romances demais da*

minha mãe. Sacudi a cabeça para clarear as ideias e estava fazendo careta quando entrei no quarto de Kishan.

– Kells? É você?

Suspirei e forcei um sorriso no rosto, apesar de ele não poder me ver.

– Sim. Sou eu. Como você está?

– Melhor.

Nilima estava sentada ao lado dele.

– Ele não quis comer sem a senhorita – disse ela.

– É um gato bem teimoso. Muito bem, estou aqui agora. Qual é o cardápio?

– Sopa.

– Sopa? Você nunca toma sopa. Qual é a ocasião especial?

Kishan sorriu.

– A ocasião especial é você me dar comida na boca. Fico totalmente inútil sem você.

– Sei, sei. – Dei risada. – Aposto que sim. Você vai se aproveitar da situação ao máximo, não é mesmo?

Ele se recostou e pôs as mãos atrás da cabeça.

– Você sabe que sim. Com que frequência um cara é servido por uma garota bonita que gosta muito dele e faria quase qualquer coisa para ajudá-lo a se sentir melhor?

– *Quase* é a palavra-chave aqui. E no que diz respeito à beleza, sua avaliação está prejudicada.

Ele estendeu o braço para pegar minha mão. Quando a estendi, ele foi percorrendo meu braço até chegar à bochecha.

– Você está sempre linda.

– Elogios não vão me impedir de derramar o jantar no seu colo. Tudo bem. Eu dou comida na sua boca, mas não sopa. Você precisa de algo mais nutritivo. Que tal cozido e queijo-quente?

– Parece bom.

Nilima lançou uma piscadela para mim e saiu enquanto eu usava o Fruto para preparar a refeição dele. Entre bocadas de batata, cenoura e carne, ele perguntou:

– Já estamos a caminho?

– Estamos longe da ilha, mas ainda não descobrimos para onde devemos ir.

Ele soltou um gemido e deu um gole do copo que lhe estendi.

– O Sr. Kadam veio aqui conversar com você? – perguntei.

– Veio. Ele me falou sobre a teoria de que vou ser algum tipo de oráculo. Mas não sinto nada de diferente.

– Hum. Até sabermos para onde temos que ir, acho que simplesmente vamos ficar onde estamos.

Pousei a tigela vazia e limpei os lábios dele com um guardanapo.

Ele pegou minha mão, me puxou para o seu colo e me abraçou.

– Eu só queria dizer que *tudo bem*, Kells.

– Tudo bem o quê? – murmurei na camisa dele.

– Está tudo bem conosco. Quer dizer, não estou zangado. Se eu estivesse no lugar de Ren, também ia tentar beijar você. A culpa não é sua.

– *Ah*. Bom... isso não é exatamente...

– Shh. Não tem problema. Não precisa me dizer. O importante é que... agora você está comigo.

– Mas acho que vamos ter que conversar sobre o que aconteceu alguma hora dessas.

– Nós iremos conversar, mas por enquanto vamos nos concentrar só no Colar de Durga. Vai dar tudo certo. Eu estou sentindo. – Ele sorriu. – Ei, quem sabe essa coisa de oráculo esteja começando a funcionar para mim?

– Será? – Dei uma risada baixinha. – Bom, combina com você.

– Obrigado.

Ele passou a mão pelas minhas costas e massageou meu ombro.

Suspirei ruidosamente e deixei que ele esfregasse meus ombros um pouco.

– Eu já disse recentemente que você é bom demais para mim?

Ele riu e não falou nada, mas deu um beijo na minha testa e ficou olhando para a parede com seus olhos pretos. Eu me recostei nele e o abracei pela cintura.

Passei o restante do dia com Kishan, cuidando dele. Nós caminhamos pelo deque, eu li para ele e até lhe dei uvas na boca enquanto ele ficava fazendo piada que eu era uma mulher de seu harém, mas não falamos sobre a ilha do dragão verde. Também evitei olhar nos olhos negros dele porque tinha medo de que, se ele olhasse mais de perto, pudesse ver o fundo da minha alma e descobrir que o meu coração o havia traído.

Eu me sentia imensamente culpada por causa do relacionamento que tinha

com os dois irmãos. Ren sabia me manipular tão bem que eu era capaz de mandar esses sentimentos para o fundo da consciência, mas Kishan era tão paciente e tão doce que a culpa ia tomando conta do meu coração até ser engolido por ondas tão negras quanto suas órbitas sem visão. Naquela noite, contei a ele as histórias dos oráculos cegos e comecei a chorar baixinho, mas ele apenas me abraçou e enxugou minhas lágrimas até eu cair no sono.

Quando acordei, Ren estava me carregando para o meu quarto.

No começo, eu me aninhei nele, senti quando ele pressionou os lábios contra a minha bochecha e fiquei de bem com o mundo. Então recobrei parte da consciência.

– O que você está fazendo? – sibilei.

– Não há necessidade de dormir no quarto de Kishan. Vou cuidar dele esta noite, e você poderá dormir na sua própria cama.

– Me coloque no chão – sussurrei, irritada. – Você não manda na minha vida. Kishan por acaso é meu namorado, e ele está doente. Se eu quiser ficar no quarto dele, vou ficar.

– *Não... vai... não.*

Ele me deu um beijo rápido e forte e me largou na cama. Eu comecei a me levantar, mas ele se virou, cruzou os braços e me lançou um olhar que me fez congelar.

– Kelsey... se você sair desta cama, vou ter que tomar uma medida drástica, e você não vai gostar. Por isso, *não me provoque*.

Ele fechou a porta com cuidado atrás de si e eu joguei um travesseiro na direção dela, só para mostrar minha posição. Fiquei lá fervendo de raiva durante uma hora até finalmente conseguir voltar a dormir, dessa vez com um sorriso no rosto ao me imaginar usando o Lenço para balançar Ren na frente do *kraken*. Mas então, no meu sonho, *eu* me transformei no *kraken* e o envolvi com meus tentáculos, puxei-o para dentro do meu abraço púrpura eterno e fugi com ele para dentro de uma caverna de água turva nas profundezas do oceano.

Na manhã seguinte, depois que dispersei os efeitos do meu sonho, fui conferir como Kishan estava. Sem fazer barulho, dei uma olhada para dentro do quarto e

vi Ren pedindo o café da manhã. Ele entregou o prato para Kishan com um garfo, disse a ele onde cada coisa estava e então se recostou com um livro de poesia. Abri a porta um pouco mais e os dois ergueram os olhos – Kishan virou o rosto na direção do som da porta.

Kishan se sentou ereto e deu tapinhas no lugar ao lado dele na cama.

– Kelsey? Quer me ajudar com o café da manhã?

– Você estava comendo muito bem antes de ela chegar. Ela não é enfermeira, e você não é um inválido – disse Ren, irritado.

Fuzilei-o com os olhos.

– Pare de ser grosso. Se ele quer que eu o ajude, vou ajudar.

– Não. Se ele precisar de ajuda, eu ajudo!

Ren arrancou o prato de comida das mãos de Kishan e começou a enfiar garfadas de ovo na boca do irmão.

– Ei! Ela é muito mais delicada – disse ele, engasgando entre bocadas. – E ela não derrama coisas frias e molhadas no meu colo! – Kishan pegou algo e o amassou entre os dedos. – O que é isto?

Eu dei risada, apesar de estar irritada com Ren.

– É fruta. Parece abacaxi.

– Ah. – Kishan pegou os pedacinhos e os jogou na direção de Ren, que deu um tapa na cabeça do irmão em retaliação. – Você dormiu bem?

Fiz uma careta para Ren antes de responder.

– Dormi. Sonhei que entreguei Ren para o *kraken* comer.

Com um sorriso, Kishan brincou:

– Que bom!

Então Ren enfiou uma garfada gigantesca de fruta na boca de Kishan, que começou a tossir.

– Olhe só o que você fez! – reclamei.

Eu me aproximei de Kishan, sentei-me ao lado dele e alisei seu cabelo desgrenhado. Ele parou de tossir, pegou minha mão e deu um beijo carinhoso nela.

– Esta é a minha garota. Estava com saudade de você, *bilauta*. Dormiu melhor em sua própria cama?

– Bom, na verdade...

– Pronto – resmungou Ren, entregando o prato de volta às mãos de Kishan. –

Termine sozinho. Kelsey e eu precisamos conversar sobre uma coisa. Já voltamos.

Ren agarrou minha mão antes que eu pudesse protestar e me puxou pelo corredor até a escada e depois para o convés da tripulação. Então parou e me pegou pelos ombros.

– Kelsey, se não disser a ele que está tudo terminado, eu vou dizer. Estou ficando louco de ver você toda melosa com ele.

– Alagan Dhiren! Você não tem nem um pouco de pena dele? Será que não consegue entender como isso é difícil? Você acha que pode simplesmente estalar os dedos e fazer os últimos meses desaparecerem? Bom, não pode. Sei que essa situação é desagradável. Não é fácil para nenhum de nós. Preciso de tempo para organizar meus sentimentos e decidir o que fazer.

– Como assim, decidir? Você acha que essa situação é a mesma coisa que escolher qual sapato vai calçar? Você não *decide* quem ama, você simplesmente ama.

– E se eu amar vocês dois? Já pensou nessa possibilidade?

Ele cruzou os braços por cima do peito.

– E você *ama*?

– Claro que amo vocês dois.

– Não, não ama. Não é a mesma coisa, *iadala*. – Ele soltou um suspiro infeliz, virou e passou a mão pelo cabelo. – Kelsey, você está me deixando maluco. Eu nunca devia ter escolhido aquele ativador.

– O quê? Que ativador? Do que está falando?

Angustiado, ele afastou os olhos de mim, foi até a mesa de jantar e se sentou. Apoiou os cotovelos na mesa e a cabeça nas mãos. Então confessou:

– Durga permitiu que eu escolhesse o ativador, a coisa que em algum momento iria me ajudar a recuperar a memória.

Puxei a cadeira na frente dele e me sentei devagar.

– E o que você fez?

– Eu precisava escolher algo que garantisse a sua segurança. Não podia simplesmente escolher estar com você em casa, por exemplo, nem o encontro com Phet. Quebrei a cabeça para tentar inventar algo, e a imagem de Kishan roubando um beijo seu na praia surgiu na minha mente. Eu sabia que ele iria tentar fazer isso de novo e achei que, se eu estivesse por perto para vê-lo

beijando você e se ele se sentisse à vontade fazendo isso, significaria que você estava fora de perigo. Então, o ativador era um beijo. Quem poderia imaginar que ele iria demorar tanto?

Fiquei boquiaberta.

– Você apostou sua memória em ver Kishan me beijar?

– Apostei.

– Espere um minuto. Kishan me beijou antes do navio. Ele me beijou em Shangri-lá. Por que não funcionou naquela ocasião?

– Porque eu ainda estava prisioneiro, e isso era parte da condição. Eu tinha que estar livre *e* ver vocês dois se beijarem. Espere um minuto... quando foi que ele a beijou em Shangri-lá e por que esta é a primeira vez que ouço falar disso?

Abanei a mão no ar.

– Não importa. O que importa, aliás, é que você é um idiota.

– Obrigado.

– Você é um idiota porque eu fiz Kishan prometer que não ia me beijar. Ele jurou que ia esperar até saber que você e eu não estávamos mais juntos. Passou meses sem me tocar por causa dessa promessa. – O meu queixo caiu. – Você não confiou em mim.

– Eu não confiei *nele*. E exatamente de quantos beijos estamos falando aqui? Porque, se foram parecidos com o que eu vi, vou ter que pedir ao Lenço para costurar os lábios do meu irmão.

– Se quer mesmo saber, ele roubou alguns beijos em Shangri-lá e me beijou na piscina antes de salvarmos você, o que, aliás, me fez chorar, e foi quando eu o obriguei fazer a promessa. Fiquei esperando você. Mesmo quando você voltou e não se lembrou de mim e não conseguia tocar em mim, eu fiquei esperando você. Eu nem me aproximei de Kishan antes de você começar a desfilar com aproveitadoras na minha frente. Fui fiel a você, Ren. Eu o *amava*.

– Você *ainda* me ama.

Resmunguei.

– Por que não escolheu alguma outra coisa como ativador, como chegar em casa a salvo ou voltar a comer os meus biscoitos?

– Eu não fazia ideia de que ele ficaria longe de você. Achei que ia tentar beijá-la na primeira oportunidade que tivesse.

– Ele tentou. Até eu fazer com que prometesse que não iria tentar. Isso é

ridículo. Parece que estamos presos a uma peça de Shakespeare. Ele a amava, ela o amava, ele se esqueceu dela e então ela passou a amar o outro rapaz.

– Então, é comédia ou tragédia?

– Não faço ideia.

– Espero que seja comédia. – Ele pegou minhas mãos nas dele. – Eu amo você, Kells, e *sei* que você me ama. Sinto pena de Kishan, mas não o suficiente para permitir que ele fique com você. Não vou desistir.

Dei uma olhada em seu lindo rosto.

– Preciso de tempo.

Ele soltou um suspiro infeliz.

– Cada minuto que estamos separados parece uma eternidade. Não posso ficar assistindo a vocês dois juntos, Kelsey. Isso me devora por dentro.

Respirei fundo antes de continuar:

– Certo, vamos fazer um acordo. Você me dá um pouco de espaço, e vou pedir a mesma coisa a Kishan. Isso vai ter que bastar a vocês dois. Temos mais dois dragões e o Sétimo Pagode para superar, e não podemos nos dar ao luxo de contar com mais distrações neste momento.

Ren se recostou e examinou meu rosto por um instante.

– Tudo bem. Vou tolerar Kishan. Desde que ele não toque em você.

– Isso significa que você também não pode tocar em mim.

Ele me olhou feio.

– Certo. – Ele sorriu. – Mas você vai sentir a minha falta.

– Alguma vez eu já disse que a sua arrogância não cabe dentro do próprio peito?

Ele se levantou e foi até o meu lado da mesa, me fez ficar em pé e me tascou um beijo suave, delicioso, de afogar, de deixar os joelhos moles, e então deu um passo para trás.

– Esta é só uma coisinha para você se lembrar de mim.

Ele saiu e eu apoiei a mão na parede para me firmar.

Caramba, este homem é perigoso. Tentei me livrar da minha reação a ele antes de subir, mas meus pensamentos rebeldes não largavam de Ren.

Quando recuperei o controle sobre as pernas, saí à procura de Kishan.

Finalmente o encontrei no deque, parado à proa.

– Achei você.

Ele não respondeu.

– Kishan? – Toquei no ombro dele. – Kishan? Como foi que chegou aqui sozinho? Ren trouxe você?

Ele olhava fixamente para a frente, para o mar.

Sacudi o braço dele.

– Kishan? Fale comigo. Você está bem? O que está acontecendo?

Ele virou a cabeça devagar, de um jeito estranho, parecendo um zumbi de filme de terror. Seu rosto estava desprovido de expressão. Chamas cor de laranja queimavam nos olhos negros.

– Uma tempestade está se aproximando – disse ele, com um tom de voz grave que não era seu. – Eu vou preparar o caminho. Vá. Informe os outros.

Nós dois ficamos olhando para o mar, e vi que o céu tinha ficado cinza. Nuvens negras se aproximavam e ondas batiam contra o iate. Um vento forte soprou na minha pele. Era frio e tinha cheiro de chuva.

– Já volto – avisei a ele. – Não vá a lugar algum.

Ele não reagiu ao meu comentário. Dei meia-volta e corri escada acima.

– Ren! Senhor Kadam!

Irrompi na casa do leme e dei com a cara no peito de Ren.

Ele me pegou pelos ombros.

– O que foi? O que aconteceu?

Tentando tomar fôlego, respondi:

– É Kishan. Ele está no modo de oráculo. Está parado na proa, dizendo que uma tempestade se aproxima. Acho que ele vai nos guiar através dela.

– Tudo bem. Ajude Nilima. Vou lá ver como ele está.

Ren saiu quando o Sr. Kadam veio da sala dos fundos.

– Uma tempestade? É isso?

Eu estava explicando o que tinha acontecido com Kishan quando Ren voltou.

– Kishan não está lá. Ele sumiu. Vou farejá-lo. Fique aqui. Estou falando sério.

– Já entendi. Vá logo encontrá-lo.

O Sr. Kadam mexeu nos controles e começou a apertar botões. Eu caminhei até a janela. Se o mar parecia ameaçador antes, estava pior agora. As nuvens cinzentas tinham ficado negras e se agitavam e se empurravam com violência,

como lutadores de sumô gigantescos se debatendo e trovejando. A chuva caía em gotas grossas e batia na janela com o barulho de mil tambores. As ondas jogavam o iate de um lado para outro.

Ren enfiou a cabeça para dentro da casa do leme. Estava totalmente ensopado e fios de água corriam do cabelo dele pelo pescoço e para a camisa encharcada.

– Kishan está em cima da casa do leme – gritou ele para se fazer ouvir por cima da tempestade. – Precisamos amarrá-lo! Ele não responde a mim e não quer se segurar em nada!

– Vou pegar o Lenço! Está no meu quarto! – berrei e me dirigi para a porta.

Uma onda atingiu o navio e eu escorreguei, caindo em cima de Ren.

– Não. Deixe que eu pego – disse Ren, me empurrando de volta para dentro e desaparecendo em seguida.

Mordi o lábio, preocupada com Kishan. Depois que mais uma onda fez o iate pender para o lado, eu me apressei até a porta e subi a escada para ver como ele estava. O alto da casa do leme estava escorregadio com a água fria da chuva. Kishan continuava em pé, sem se segurar em nada. Deslizei até onde ele estava, segurei-o pela cintura e prendi o outro braço na amurada com toda a força.

Ele não olhou para mim nem reconheceu minha presença. O navio se inclinou de maneira precária para a direita e eu travei os pés na barra de metal usada para amarrar cordas, segurando Kishan. O corpo dele estava rígido e os meus braços gritavam de dor enquanto eu nos mantinha eretos. O iate finalmente se endireitou e pude descansar um segundo.

Foi bem aí que senti o braço de Ren se enlaçar com força ao meu redor e ouvi uma voz muito irritada ao ouvido.

– Achei que tivesse dito a você que não era para sair de onde estava. Por que sempre tem que fazer exatamente o oposto do que eu peço?

– Ele ia cair no mar! – gritei em resposta.

– Antes ele que você!

Enfiei o cotovelo na barriga de Ren, mas ele só resmungou no meu ouvido e, um segundo depois, senti os fios sussurrantes do Lenço Divino envolverem Kishan e prendê-lo à amurada.

– Pronto. Agora, vamos voltar para dentro.

– Não! – A chuva escorria pelo meu nariz e meus braços descobertos tremiam com o frio. – Alguém precisa tomar conta dele! – berrei por cima da chuva

torrencial.

– Eu faço isso. Mas deixe-me levá-la de volta primeiro.

– Será que você não pode simplesmente me amarrar à amurada como fez com Kishan?

Dei um espirro ruidoso e lancei-lhe um olhar tímido, ciente de que ia perder a batalha.

Ren ficou me olhando furioso e disse:

– Não tem discussão. Você vai voltar para a casa do leme agora, nem que eu precise carregá-la como um saco em cima do ombro! Venha!

Ele pegou minha mão e nós descemos a escada juntos, abraçadinhos no trajeto. Depois que entrei na casa do leme, ele fechou a porta, lançou um olhar feio para mim e voltou lá para cima.

A tempestade ganhou força e as ondas encrespadas se transformaram em paredões de água. Agora eu estava preocupada com os meus *dois* tigres. A chuva era violenta. O Sr. Kadam e Nilima estavam ocupados, mas não havia nada que eu pudesse fazer a não ser rezar para que os homens lá em cima ficassem a salvo.

Meia hora depois, Ren apareceu encharcado à porta. Ele me olhou de relance. Satisfeito por eu estar lá quietinha, anunciou:

– Devemos seguir o caminho dos relâmpagos.

Ele saiu e, quase imediatamente, o céu roxo-escuro se iluminou com relâmpagos gêmeos que dispararam do alto e atingiram o oceano à nossa direita. Trovões ribombaram, ecoando pela casa do leme com tanto barulho que tapei os ouvidos. O Sr. Kadam virou o iate para a direita e subimos numa onda enorme. A água do mar bateu contra as janelas e escorreu pelo deque aberto do navio. Nunca ouvi falar de um navio de cruzeiro deste tamanho que tivesse sido afundado por uma tempestade e torci para que isso fosse muito incomum.

Houve mais relâmpagos. Agora os raios estalantes foram um pouco para a esquerda. Nós continuamos a avançar, seguindo o caminho que os relâmpagos nos mostravam. Em intervalos de mais ou menos 15 a 20 minutos, eles ajustavam o trajeto. Parei de olhar pela janela quando iluminaram o mar. As ondas eram tão altas e as nuvens, tão escuras e violentas, que me assustavam. Não temia tanto pela minha própria vida (eu tinha certeza de que o Sr. Kadam sabia o que estava fazendo), mas estava com medo por causa dos homens a céu aberto, encarando a tempestade apavorante que nos rodeava. Como eles deviam

se sentir impotentes e vulneráveis, cientes de que um escorregão poderia acabar com a vida deles num instante...

Durante todo aquele longo, escuro e terrível dia e até o começo da noite, permaneci lá sentada, quietinha, sussurrando orações para que Ren e Kishan ficassem em segurança, pedindo que a tempestade se acalmasse, que o sol voltasse a aparecer e que nós sobrevivêssemos àquela provação horrível. Fiquei imaginando como os marinheiros de antigamente deviam ter se sentido em suas pequenas embarcações, lutando contra tormentas como aquelas. Será que aceitavam a ideia de que seu corpo poderia vir a ser enterrado naquela cova aquática? Será que evitavam estabelecer vínculos com outras pessoas por saberem que provavelmente não voltariam a ver seus entes queridos? Ou será que apenas fechavam os olhos e se seguravam, como eu estava fazendo?

O iate começou a se endireitar à medida que a chuva foi abrandando.

– O que está acontecendo? Acabou? – perguntei ao Sr. Kadam.

Ele deu uma olhada pela janela para estudar as nuvens e escutar o vento.

– Temo que não. Estamos no olho da tempestade.

– No olho? Está dizendo que estamos no meio de um tsunami?

– Não. Um tsunami é uma onda marítima grande, em geral resultante de um vulcão submarino. Estamos no olho de um furacão ou de um tufão, dependendo do lugar exato em que estivermos. Furacões ocorrem no Atlântico norte ocidental, mas no Pacífico ocidental ou nos mares da China são chamados de tufões. Aliás, a palavra tufão veio da Grécia. *Tuphōn* representa o pai dos ventos na mitologia grega e...

– Senhor Kadam?

– Pois não, Srta. Kelsey?

– Será que podemos conversar sobre tufões, furacões, tempestades tropicais, tsunamis e ciclones mais tarde?

– Claro que sim.

O navio começou a sacudir ao sairmos do olho e retornarmos para o pior da tempestade. O Sr. Kadam e Nilima ficaram ocupados quando os relâmpagos voltaram a brilhar. Várias horas mais tarde, o movimento do oceano amainou e a chuva foi ficando mais leve, até desaparecer por completo. As nuvens pararam de se agitar e se afastaram, deixando listras finas em seu rastro. Ouvi um barulho bem alto quando a porta deslizou e abriu. Ren estava ali segurando o

corpo cambaleante do irmão. Ele entrou e os dois desabaram no chão.

Nilima me ajudou a arrastá-los para dentro da casa do leme e começou a esfregar a cabeça e os braços de Kishan com vigor, com a ajuda de uma toalha. Ela me jogou uma outra, para que eu pudesse secar Ren. Eles tremiam violentamente.

– Não está adiantando nada. Vamos precisar tirar a roupa molhada deles.

– Mas são pesados demais – disse Nilima.

Ren havia enrolado o Lenço no braço. Estava ali, seco, apesar do fato de o restante das suas roupas estarem totalmente ensopadas.

– Nilima, tive uma ideia. Lenço, será que você pode remover as roupas molhadas deles e substituir por secas? De algum tecido quente, como flanela? E não se esqueça de meias quentes e mangas compridas.

O Lenço se torceu no braço de Ren e escorregou para dentro da manga dele. Os fios de sua camisa começaram a se desfazer, cada vez mais rápido enquanto o Lenço as absorvia. Em poucos segundos, a camisa tinha desaparecido e o Lenço passou para a calça jeans. Nilima deu risadinhas da minha expressão de acanhamento, apoiou o braço no meu ombro e virou nós duas de frente para o mar enquanto o Lenço prosseguia.

Ficamos escutando o sussurro suave dos fios que se moviam durante mais alguns minutos e então demos uma olhada nos pés deles. Ao vê-los envoltos em meias de lã, nós nos voltamos para os irmãos mais uma vez. O Lenço criara camisas de flanela perfeitas, até no detalhe das imitações de botão em tecido. Peguei a mão fria de Ren e tentei esquentá-la na minha. A mão de Kishan parecia gelo. Instruí o Lenço a envolvê-los em cobertores quentes e pedi ao Fruto que fizesse suco quente de maçã, achando que uma bebida quente com um pouco de açúcar lhes faria bem.

Ergui a cabeça de Ren e me posicionei atrás dele para ajudá-lo a beber. Nilima fez o mesmo com Kishan. Kishan estava delirante. Balbuciava coisas sobre profecias e dragões. Ren estava um pouco mais alerta. Ele bebia o suco quente, mas mantinha os olhos fechados. Seu corpo tremia sob o cobertor.

– Tão frio... – sussurrava ele.

– Sinto muito. Não sei mais o que fazer.

Passei a esfregar as mãos nas dele, desejando mentalmente que esquentasse, e algo aconteceu. Os símbolos da minha mão começaram a brilhar e uma camada

quente de calor irradiou da palma.

Não houve raio, e o calor não lhe queimou a pele, mas sua mão já não parecia tão gelada. Concentrei minha energia e meus pensamentos em esquentá-lo. Dava para realmente sentir o calor penetrar as camadas da pele dele e ir se aprofundando até seus músculos. Subi pelos seus braços e desci pelas pernas até que parasse de tremer. Abri a camisa dele e pressionei as mãos contra o seu peito, sentindo o calor penetrar camada a camada. Escorreguei as mãos pela barriga musculosa e subi pelo pescoço.

Aquilo que começou como uma maneira de aquecê-lo na verdade se transformou em algo mais. Em algo íntimo. Eu nunca tinha tocado nele daquele jeito, e descobri que o calor refletia de volta no meu corpo e me esquentava também. Corei quando vi que Nilima observava meus esforços com atenção e passei do pescoço para o rosto de Ren, pressionando as mãos contra sua testa. O calor era tão intenso que o cabelo dele começou a soltar vapor à medida que a água foi evaporando. Deslizei as mãos para suas bochechas, fiquei bem imóvel e fechei os olhos enquanto me concentrava em aquecê-lo. Pisquei e abri os olhos, estupefata, quando senti uma carícia no meu rosto.

Ren tinha aberto os olhos azuis e me observava com expressão de ternura. Ele passou os dedos pelo meu rosto mais uma vez e percorreu uma mecha de cabelo.

– Como está se sentindo? – perguntei.

– Como se tivesse morrido e ido para o paraíso – disse ele com um sorriso torto e gentil. – O que você está fazendo?

– Uma massagem profunda para aquecer o seu corpo. Doeu? Foi quente demais?

Ele ergueu uma sobrancelha e sorriu.

– Doeu de um jeito bom. Para falar a verdade, não iria me incomodar se fosse um pouco *mais quente*.

Arregalei os olhos e tentei enviar uma mensagem não verbal sutil que o fizesse ficar quieto. Confuso, ele deu uma olhada por baixo do meu braço e então se deu conta de que não estávamos sozinhos. Pigarreei e disse:

– Se você estiver se sentindo suficientemente recuperado, preciso cuidar de Kishan agora. Consegue se sentar?

Ele fez que sim com a cabeça. Voltei a aquecer com as mãos o suco que ele não

tinha terminado de tomar.

– Beba isto.

Fui até onde Kishan estava. Ele já não se agitava mais em delírios, mas parecia azulado. Sua respiração era superficial e Nilima não tivera sucesso em fazer com que ele bebesse o suco. Nós trocamos de lugar e eu comecei com os braços e as pernas dele. Seu corpo estava frio, mais ainda do que o de Ren estivera. Consegui aquecer as mãos e os braços dele, mas quando cheguei às pernas, estava sem energia. Ren havia observado meu progresso em silêncio, enquanto tomava sua bebida. Ele pousou a caneca e se ajoelhou perto de mim. Então estendeu a mão, acariciou meu ombro, desceu pelo meu braço, pegou minha mão nas dele e a esfregou entre as palmas.

– Tente de novo.

Evoquei o calor e deixei que saísse da palma da minha mão para a coxa de Kishan. Logo voltou a falhar, mas Ren se aproximou, esfregou minhas costas e envolveu meus ombros com as mãos. Um calor dourado desceu pelos meus braços e começou a esquentar não apenas Kishan, mas toda a casa do leme. Nilima arquejou de surpresa atrás de nós. O calor de fato se tornou visível, como se houvesse um sol minúsculo escondido sob a palma da minha mão.

Ouvi o Sr. Kadam prender o fôlego ao dar uma olhada por cima dos nossos ombros.

– Fascinante – murmurou.

Ren continuou perto de mim enquanto eu passava para a outra perna e depois para a parte superior do corpo. Pressionei as palmas das mãos contra a barriga e o peito dele, e depois contra o rosto e as orelhas. O peito dele se moveu para cima e para baixo quando ele respirou fundo e pareceu cair em um sono relaxante. Ren se levantou e pegou o irmão no colo. O Sr. Kadam nos garantiu que estávamos fora de perigo e que ele e Nilima iriam se revezar ficando de vigília. Queria que nós dormíssemos um pouco.

Dei boa-noite e fui atrás dos irmãos. Pusemos Kishan na cama e então Ren me acompanhou até o meu quarto. Estava exausta. Eu me sentia entorpecida e fria, como se todo o calor tivesse sido sugado para fora de mim. Depois que desabei na cama, Ren se aproximou e me acomodou na cama do jeito que eu gostava.

– Obrigado por me aquecer, *iadala* – sussurrou no meu ouvido.

Eu sorri e caí no sono.

O dia seguinte estava claro e ensolarado. Kishan me acordou com entusiasmo. A visão dele tinha voltado; seus olhos dourados de pirata brilhavam mais uma vez. Ele me girou no ar e disse que estava faminto. Então subiu para ficar no lugar do Sr. Kadam e de Nilima. Tomamos o café da manhã juntos na casa do leme, e ele falou como foi estranho sentir que não controlava o próprio corpo. Ele conseguia me ouvir e sentir o meu toque, mas era incapaz de reagir. Aparentemente, os relâmpagos tinham saído dos seus olhos. Ele disse que ainda estavam coçando por causa disso.

Ren apareceu e ficou lançando olhares significativos para mim enquanto Kishan segurava minha mão e beijava minha bochecha ou me abraçava. Eu podia jurar ter ouvido a frase "*tire as mãos dela*" balbuciada bem baixinho quando Ren virou a página de um livro. Kishan não reparou na cara feia dele ou, se reparou, não se incomodou com ela.

Kishan entrelaçou os dedos nos meus e se inclinou para mais perto ao mostrar alguns instrumentos no painel. Nisso, Ren se levantou em um gesto abrupto, entregou o Lenço e o Fruto Dourado para mim e pediu que eu os guardasse em algum lugar. Eu estava prestes a reclamar que o mais inteligente seria deixá-los na casa do leme quando percebi que sua motivação era me afastar de Kishan.

Suspirei, concordei e saí da casa do leme, mas, em vez de ir para um convés inferior, subi. Fui para o topo do iate, onde Ren e Kishan tinham permanecido corajosamente durante a tempestade. Olhando para o mar, não fui capaz de imaginar como teria sido estar na pele deles. Uma brisa suave soprou meu cabelo para trás e eu me apoiei na amurada, torcendo o Fruto Dourado nas mãos enquanto pensava no que diria a Kishan.

Eu o amava. Eu amava os *dois*. *Kishan iria entender, não é mesmo? Se eu dissesse que precisava de tempo para pensar, ele não iria me odiar para sempre, certo?*

O Fruto Dourado reluzia ao sol, lançando arcos-íris em todas as direções, como um globo espelhado. Segurei-o pelo caule e o girei, pensando no que o Sr. Kadam me dissera uma vez a respeito de diamantes. Ele tinha explicado que cortá-los e poli-los era o que os tornava brilhantes.

– Hum... com tantos cortes no meu coração, ele deve estar tão brilhante

quanto você, a esta altura – falei ao girar o Fruto.

Vi um brilho na água lá embaixo, um vislumbre de dourado que foi ficando mais forte. Fiquei olhando, hipnotizada, e arquejei quando uma cabeça dourada grande emergiu e se ergueu na minha direção. Dentes brancos reluzentes brilharam com o sol e uma voz acompanhando o som de moedas tilintando disse na minha mente:

Mas que bugiganga refinada você tem aí, minha querida. Está interessada em uma troca?

22

O tesouro do dragão dourado

Permita que eu me apresente. Sou Jīnsèlóng, disse a voz. *Então, o que traz você e este brinquedinho colorido, brilhante e de valor incalculável ao meu reino?*

Eu suspirei e avaliei o dragão enquanto jogava o Fruto de uma mão para outra. O olho reluzente em tom avermelhado fitava o meu movimento. Pingava água de sua cabeça. Mais parecia um dragão aquático. A boca triangular estava fechada, mas os dentes brancos e afiados saíam por cima do lábio inferior. As escamas eram feitas de rígidos discos dourados, que cintilavam na água. Tinham tons variados, de lingotes de ouro a ouro de Buda, passando por dobrão de pirata e moeda de cobre de um centavo. Os tons mais claros percorriam a barriga e os mais escuros ficavam nas costas.

Em vez de ter chifres como seus irmãos, Jīnsèlóng tinha quatro espinhos compridos que saíam da parte de trás da cabeça e uma trilha de espinhos menores que começava no nariz e seguia ao longo das costas. Quando ele abriu a boca, a língua vermelha e comprida rolou para fora e caiu de lado. Estava arfando enquanto me observava brincar com o Fruto e me lembrou um cachorro ansioso esperando ganhar um petisco.

– Na verdade, não estamos interessados em trocar o Fruto – declarei.

Ah. Mas que decepção.

A língua rolou para dentro da boca antes de o dragão dourado fechar a mandíbula e começar a deslizar de volta para dentro da água.

– Espere! – berrei, desesperada. – Quem sabe você não está interessado em outro tipo de troca?

O dragão parou e virou a cabeça para olhar para mim.

O que você tem em mente?

– Estamos à procura de informações. Buscamos o Colar de Durga.

Entendi. E... o que poderiam me dar em troca dessa informação? Precisa ser algo de valor incalculável. Nem o seu Fruto valeria tanto assim.

– Tenho certeza de que vamos encontrar algo – afirmei.

Muito bem. Vamos negociar. Mas no meu território.

– Onde exatamente fica o seu território?

Meu palácio fica sob as ondas.

– Como chegamos lá?

Mergulhe do seu navio com um pedaço de ouro na mão.

– Qual é a profundidade? Como vamos respirar?

A profundidade não vai afetá-los, desde que permaneçam no meu domínio. Respirar também não será problema no meu palácio submerso. Mas precisam segurar o ouro firme na mão até chegar lá. Será que podemos nos encontrar em, digamos... uma hora?

– Tudo bem. Vejo você lá.

O dragão deslizou por baixo das ondas e desapareceu.

– Que maravilha. Tenho um encontro marcado com um dragão – resmunguei, e saí para chamar os outros.

Cheguei à casa do leme e abri a porta de supetão.

Kishan e Ren pararam de discutir alguma coisa de maneira abrupta. Revirei os olhos e disse:

– Fala sério! Este não é o momento. Nós temos um encontro com Jīnsèlóng em menos de uma hora. Senhor Kadam? Está aqui?

– Só um momento.

Ele saiu dos fundos da sala, vestido com um chambre e secando o cabelo com uma toalha.

– Peço desculpas por interromper o seu banho. Precisamos de três pedaços de ouro e de algo realmente valioso para negociar. Desconfio que precisa ser muito brilhante.

– É o dragão dourado?

– É, sim. Tivemos uma conversa bem interessante a menos de seis metros destes dois. – Apontei com o polegar por cima do ombro. – Grande audição de

tigre... – falei, debochando.

Kishan pareceu acanhado, mas Ren estava se preparando para brigar.

– E onde *você* estava? No convés inferior, onde deveria estar?

– Não. Eu estava no alto da casa do leme, se quer mesmo saber. E antes que me dê um sermão sobre segurança, saiba que eu sou capaz de me proteger.

Ren rosnou de frustração, mas eu me voltei para o Sr. Kadam e o ignorei de propósito.

– Então, o senhor tem ouro?

– Tenho. Vou me vestir e nós iremos até o cofre.

Uma hora mais tarde, Kishan, Ren e eu estávamos na abertura da garagem molhada. Kishan segurava uma caneta de ouro; Ren, uma faca para abrir cartas; e eu, um broche de ouro que pertencia a Nilima. Ren tinha trazido seu tridente; Kishan, o *chakram* e o *kamandal*; e eu levei Fanindra. O Fruto e o Lenço foram colocados numa bolsa de mergulho, junto com pedras preciosas, as joias mais caras de Nilima e uma estátua de ouro de Durga.

Eu não estava muito confiante de que o dragão iria aceitar essas coisas, já que dissera que nem o Fruto Dourado seria suficiente. Fiquei com receio de ele querer Fanindra ou o *chakram*, e o Sr. Kadam insistiu para que também escondêssemos todos os presentes de Durga na bolsa. Eu quis ficar com Fanindra, e Ren jogou a bolsa por cima do ombro.

Logo antes de saltarmos na água, Nilima veio correndo com o colar de flores de lótus de Durga. Ela o colocou no meu pescoço e disse que tinha sonhado que eu ia precisar dele. Dei um abraço nela e outro no Sr. Kadam.

– Se isso não der certo, nós voltamos em um segundo... encharcados, mas a salvo – falei.

O Sr. Kadam deu tapinhas carinhosos nas minhas costas e me pediu que tomasse cuidado. Ele me lembrou de que os dragões dourados são gananciosos, que fazem de tudo para proteger seus tesouros e que são conhecidos por serem ardilosos e traiçoeiros. Também me aconselhou a não pegar nada, nem sequer uma pedrinha, da toca do dragão.

Assenti com a cabeça e avisei aos irmãos que não soltassem seus objetos de ouro, ou ficariam sem oxigênio. Kishan sorriu e entrou na água.

Eu me virei para Ren.

– Está pronto?

Ele sorriu.

– Robert Browning disse: "Há dois momentos na vida de um mergulhador. Um, quando mendigo, ele se prepara para mergulhar; depois, quando príncipe, vem à tona com seu prêmio." – Ele passou o dedo de leve pelo meu queixo. – Estou mais do que pronto, *hridaya patni*. E tenho a intenção de voltar com o meu prêmio.

Eu tremi quando ele se virou e entrou na água com Kishan. *Como ele é capaz de causar um curto-circuito só com um leve toque? Aliás, só a voz dele seria capaz de fazer isso.* Esfreguei meu queixo, que formigava, fechei o punho com o broche e pulei na água.

Minha cabeça saiu à superfície. Tomei um grande fôlego e mergulhei. Batendo os pés com força, procurei freneticamente por um sinal de Ren ou Kishan. Eles tinham sumido. Bem quando eu estava pronta para dar meia-volta e subir à superfície para tomar outro fôlego, a minha mão que segurava o broche disparou para a frente e o objeto de ouro quase me escapou. Com a mão apertada ao redor dele, meu corpo foi arrastado embaixo d'água como se fosse puxado por uma corda de esqui.

Prendi a respiração, apesar de meus pulmões estarem explodindo. Fechei bem os olhos ao ser levada em altíssima velocidade para as profundezas negras do oceano. Os olhos de Fanindra começaram a brilhar e, com a luz dela, percebi um vislumbre branco à minha frente. Ren estava usando uma camisa branca. Minha visão escurecia. Eu sabia que, se desmaiasse, iria soltar o broche e morrer ali. Não havia como eu conseguir chegar à superfície. Era fundo demais onde eu estava. As últimas bolhas de ar se ergueram acima de mim. Uma delas cresceu e tocou minha boca e meu nariz; então ela se expandiu e envolveu o meu rosto como uma máscara.

Pisquei várias vezes e arquejei. Ar frio correu para dentro dos meus pulmões e eu respirei fundo, arfando enquanto tentava não hiperventilar.

Comecei a relaxar e, agora que era capaz de enxergar, examinei o que me cercava. O elástico que segurava meu cabelo se soltou e os cachos compridos se estenderam atrás de mim na água. Eu devia estar parecendo uma sereia.

Continuamos indo cada vez mais fundo. Fanindra permaneceu inanimada,

exceto pelos olhos brilhantes. Peixes coloridos saíam nadando rápido quando eu passava. Vi um tubarão se alimentando de algo grande no fundo do mar. Estremeci e mandei um agradecimento mental ao Universo por ele estar ocupado demais para prestar atenção em mim.

Eu era puxada em ritmo veloz cerca de três metros acima do fundo do oceano e via caranguejos correndo enquanto passava. Anêmonas se moviam com a corrente e uma lagosta gigante percorria devagar uma protuberância de pedra. Uma arraia sacudiu a areia das costas e nadou para longe, depois de perturbarmos o esconderijo dela com nossa presença. Uma luz fraca adiante foi ficando mais forte. Engoli em seco, maravilhada, quando passamos por um leito de ostras, nos erguemos sobre uma floresta de algas e nos dirigimos para um castelo submerso feito de ouro reluzente.

Ele brilhava com uma luz incandescente: o mar se iluminava em um grande perímetro ao seu redor. O terreno do lado de fora tinha sido tratado com cuidado, de forma a parecer um jardim. Corais gigantescos e anêmonas tinham o tamanho de árvores, e peixes coloridos e plantas oceânicas enchiam a área. Disparei na direção dos portões de entrada, que se abriram automaticamente, e entrei pelo pátio. O broche fez com que eu diminuísse a velocidade quando me aproximei da porta da frente, que estava aberta. Luzes brilhavam lá dentro e eu vi Ren do outro lado da porta, à minha procura.

Fiquei pairando na água por um instante até que ele me viu e estendeu a mão através de uma barreira invisível. Então agarrou a minha e me puxou devagar, cruzando a barreira. Ele me enlaçou pela cintura até meus pés encontrarem o chão. Sorriu quando toquei no seu braço.

– Você está... *seco*! – exclamei. Peguei minha camisa e puxei um cacho de cabelo por cima do ombro. – *Eu* estou seca!

– Está mesmo. Venha. Estão à nossa espera. Kishan está com o dragão agora. Precisamos esconder Fanindra. Você vai ver por quê.

Bem rápido, ele criou um suéter com o Lenço e eu o vesti. A manga era larga o suficiente para cobrir Fanindra. Satisfeito, Ren me guiou para dentro do opulento castelo. As paredes eram pintadas em tons metálicos que descreviam cenas de navios afundados e tesouros de piratas. Mais para a frente, havia um retrato de cidades ricas que tinham sido engolidas pelo mar.

Havia estátuas reluzentes em todos os cantos, feitas de mármore, ônix e jade.

Pedestais exibiam vasos gregos pintados à mão. Baús cheios de prata, ouro e pedras preciosas transbordavam e seu conteúdo caía por cima de grossos tapetes persas empilhados. Uma parede estava enfeitada com centenas de máscaras encravadas de pedras preciosas e obras de arte belíssimas, provavelmente de todos os países do mundo.

Ren teve que me puxar para segui-lo, porque eu parava a cada minuto para admirar um tesouro após o outro. Entramos numa sala espaçosa e confortável e encontramos o dragão dourado em sua forma humana, sentado na frente de Kishan, dando risada.

– Ganhei – disse o dragão. Kishan franziu a testa. – É muito difícil me vencer, sabe. Não leve para o lado pessoal.

– O que você perdeu? – perguntou Ren.

– Os brincos de Nilima.

– O que está acontecendo? – indaguei, confusa.

– Ah, você chegou – disse Jīnsèlóng. – Demorou bastante, minha cara. Agora, se não se importa de me entregar o Fruto...

– Não se mova – Ren me acautelou. – Ele é um demônio ardiloso e pretende ficar com tudo o que conseguir.

O dragão franziu a testa.

– Estraga-prazeres. Muito bem. Apenas me dê o broche e vamos ficar quites.

Ren ergueu a mão.

– Você não vai receber nada. Se gostou do broche, vamos negociá-lo. – Ren prosseguiu, ponderando: – Talvez, se fornecer um lanche para a moça, eu permita que você dê uma olhada nele. É bastante valioso.

– Bah – respondeu Jīnsèlóng, olhando-me de canto de olho e soltando uma risada ruidosa. – Muito bem, vou providenciar um lanche. Tenho a sensação de que você vai ser muito bom nisso.

Ele agitou o dedo na direção de Ren enquanto sorria.

– E serei mesmo. Fui bem-treinado em negociações comerciais para o reino do meu pai.

– Ah, mas garanto que nunca lidou com alguém como eu. – O dragão bateu palmas e uma bandeja de petiscos estranhos apareceu à nossa frente. – Por favor, sentem-se e deleitem-se com as dádivas do mar. Estão vendo como sou generoso?

Eu me sentei numa cadeira dourada linda, forrada com grossas almofadas.

– É mesmo, você é um anfitrião exemplar – balbuciei ao pegar uma tacinha e cheirá-la antes de experimentar. Tinha gosto de suco de ameixa e de amora misturados. Dei uma mordida num petisco e descobri que era salgado e crocante. – O que é isto? – perguntei.

– Peixe-espada crocante em biscoito de alga glaceado com manteiga de estrela-do-mar dourada. A bebida é extraída das flores de ervas marinhas.

– Hum. – Limpei as migalhas que tinham sobrado nos meus dedos, engoli com dificuldade e então pousei a bebida. – Delicioso – falei com um sorriso forçado.

Kishan pegou um biscoito de alga e o mastigou enquanto observava o homem à nossa frente. A forma humana deste dragão era mais diminuta que a dos irmãos. Seu cabelo batia no ombro e era grisalho, e o topo da cabeça era calvo. Um nariz batatudo se acomodava por cima de um lábio tão fino que poderia muito bem nem existir, ao passo que o lábio inferior grosso se projetava um pouco. Olhos castanho-avermelhados brilhavam com astúcia quando ele se inclinou para a frente e esfregou as mãos em um gesto de ganância. Lembrava o diretor de uma escola em que eu teria estudado, e fiquei imaginando se a aparência dele não teria sido calculada de propósito para nos deixar mais à vontade no processo de negociação.

O dragão interrompeu meus pensamentos.

– Então, podemos começar? – quis saber, impaciente.

Ren assentiu, abriu a bolsa e então pensou melhor.

– Talvez o primeiro item a ser considerado seja o broche na mão de Kelsey. – Ele se virou para mim. – Posso?

Larguei o broche na mão estendida de Ren e vi o dragão lançar um olhar faminto para ele. O que aconteceu nas horas seguintes me surpreendeu. O dragão começou com uma oferta surpreendente: informação sobre o dragão branco em troca de tudo o que havia na nossa bolsa, sem nem olhar. Eu teria aceitado na hora, mas Ren se recostou, juntou as mãos como se estivesse considerando a oferta com muita seriedade e então declinou com toda a educação. Um momento depois, eu me lembrei de que o Fruto e o Lenço estavam na bolsa e que os irmãos provavelmente tinham colocado o *chakram* e o tridente lá também, por isso, fiquei contente com a recusa.

Ren fez uma contraoferta tão baixa que o dragão deu risada: meu broche em

troca da informação. Depois disso, os dois ficaram muito sérios. Era como assistir a um jogo de xadrez mental. Cada homem considerava várias jogadas futuras enquanto eu tinha dificuldade de entender o que eles estavam tentando obter no momento. Em questão de minutos, o dragão ficou com o broche, um rubi grande da nossa bolsa, um bufê de Shangri-lá e um conjunto de roupas de fada; e nós recebemos a garantia de retorno seguro à superfície, apesar de ele não nos dizer como, um baú de moedas, uma estátua de jade da China de valor inestimável e um colar de diamantes.

Depois de mais uma hora, eu já não tinha certeza se Ren estava fazendo algum progresso. Naquele momento Jīnsèlóng parecia interessado demais na nossa bolsa, achando que ela poderia criar qualquer tesouro que mencionássemos. Ele ainda não tinha notado que ela só criava comida e peças de tecido. Ren e o dragão tinham uma maneira curiosa de lidar um com o outro.

No início, achei que estivesse entendendo o estilo de Ren. Ele escolhia um item para negociar, exaltava as virtudes do objeto e compartilhava sua história e seu valor enquanto Jīnsèlóng o escutava com sagacidade. Então agia como se lhe fosse impossível se separar do bem, no final das contas. Com relutância, ele voltava a oferecê-lo, mas apenas em troca de 20 itens similares pertencentes ao dragão. O dragão recusava e fazia uma contraoferta, e então Ren incluía, de maneira sorrateira, mais alguma coisa, como o paradeiro do dragão branco e outros itens.

O dragão dava risada e eliminava todos os itens, menos duas ou três coisas que Ren tinha pedido, e Ren mais uma vez balançava o item na frente dele e dizia como era precioso para sua família. A cobiça do dragão por novos objetos funcionava a nosso favor, e logo tínhamos uma pilha de tesouros valiosos. Eles faziam várias ofertas e contraofertas dessa maneira até que um deles dizia "Aceito". Então o outro podia propor uma nova oferta ou também dizer "Aceito". Quando os dois diziam "Aceito", o negócio estava fechado e o dragão batia palmas, fazendo com que os objetos mudassem de lugar. O que ele ganhava desaparecia dentro dos domínios dele e o que nós ganhávamos se empilhava no chão atrás de nós.

Durante um intervalo, eu estava admirando uma espada espanhola quando perguntei a Jīnsèlóng de onde tinha vindo todo o seu tesouro. Ele deu um gole em sua taça incrustada com pedras preciosas, sorriu e me ofereceu o braço.

– Gostaria de conhecer o meu castelo?

Dei uma olhada por cima do ombro dele e Ren e Kishan sacudiram a cabeça negativamente.

Revirei os olhos para a atitude superprotetora deles.

– Sim, eu adoraria – respondi. – Desde que você não tente me enganar para arrancar informações de mim.

Ele soltou fumaça cinzenta na mão e a estendeu para fechar o acordo.

– Palavra de dragão.

Ren se levantou e os dois travaram uma dança verbal complicada para garantir meu retorno a salvo, com a promessa do dragão de que ele não iria me sondar em busca de informação. Os dois entraram num acordo, e Jīnsèlóng colocou minha mão na dobra do braço dele, levando-me para um passeio.

Perguntei de novo sobre sua riqueza. Ele respondeu:

– Todos os tesouros do mar pertencem a mim.

– Então, tudo isso veio de tesouros afundados de navios perdidos?

– Em sua maior parte. Em outros séculos, um capitão de carga sábio lançava uma quinquilharia para mim, para aplacar meu apetite. Quando esquecia, eu tinha que fazer algo a respeito. É uma troca justa, afinal: a passagem segura em troca de um pequeno presente. Não é muito a se pedir, não é mesmo?

– E se eles se recusassem ou esquecessem, o que exatamente você fazia?

– Ah, poupe-me deste olhar acusatório estampado no seu rosto. Eu não sou um *monstro*.

Cruzei os braços sobre o peito e ergui a sobrancelha.

Ele jogou as mãos para o alto, num gesto de desagrado.

– Tudo bem. Eu atacava o navio deles até se lembrarem, ou deixava que as tempestades os levassem. – Ele esticou um dedo no ar. – Recebo meu pagamento independentemente de qualquer coisa. É a lei do mar. – O dragão caminhou até uma estátua de mármore de Afrodite e acariciou o braço dela. – Olá, minha linda – disse, e logo pigarreou, como se estivesse acanhado por ter sido pego conversando com uma versão muito... *voluptuosa* da deusa do amor, e depois se voltou para mim. – Antigamente, coisas belas assim eram carregadas a bordo de navios. Agora eu poderia afundar uma frota inteira e não conseguir nada mais do que um pouco de sucata.

Toquei no dedo delicado de Afrodite.

– É verdade. Esse tipo de coisa hoje atravessa os mares pelo ar, se é que alguém desloca um objeto assim. O mais provável é que sejam guardados em museus.

– Hum. De vez em quando consigo pegar um avião, mas apenas quando há muita umidade nas nuvens – murmurou ele.

– Pegar um avião? Está dizendo que faz aviões caírem *de propósito*?

Ele franziu a testa.

– Não tantos quanto antes. Exige um esforço muito grande, sabe? E a recompensa é bem pequena. Além do mais, as Bermudas ficam bem longe de casa.

– Bermudas? Está falando do Triângulo das Bermudas?

– Não faço ideia de que triângulo você está falando. Dragões como eu não perdem tempo com geometria, a menos que seja usada na arte.

Eu o cutuquei no braço várias vezes, para enfatizar cada palavra.

– Você é um dragão terrível. A única coisa que faz é causar problemas. Qual é a razão da sua existência?

– Quer saber qual é a razão da minha existência? Venha comigo. Vou lhe mostrar.

Ele me conduziu por mais um corredor opulento, com paredes entalhadas retratando os grandes escultores do mundo trabalhando. Eram lindas, e eu me peguei amolecendo com a visão. Com certeza alguém que se importa com os tesouros mais inestimáveis do mundo não pode ser *totalmente* mau.

Paramos na frente de portas pesadas de madeira confeccionadas de modo rebuscado e lustradas até ficarem bem brilhantes. Ele bateu palmas e as portas se abriram. Entramos em um galpão cheio das coisas mais maravilhosas que eu já tinha visto. Pinturas com séculos de idade pareciam novas, como se tivessem acabado de ser concluídas. As estátuas eram reluzentes e perfeitas. Candelabros de diamante pendiam do teto, lançando vários arco-íris por todo o salão conforme a luz refletia nas pedras do tamanho de bolas de futebol. Tapeçarias antigas estavam penduradas nas paredes como se tivessem acabado de ser tecidas.

Ele me deixou tocar em tudo, contente com meu interesse pela sua coleção. Encontrei uma réplica de ouro do *Titanic*, um cavalo de bronze em tamanho natural, uma tiara de rainha incrustada de diamantes e esmeraldas e uma pérola branca perfeita, que repousava em cima de uma almofada de veludo vermelho.

Cada passo me fazia perder o fôlego enquanto eu absorvia o esplendor do salão de tesouros. Ergui a mão para tocar na cabeça de um tigre de jade e sorri.

– Isso aqui é fantástico. – Eu me virei para olhar para o dragão, encantada. Ele parecia presunçoso. – Ainda assim... não justifica matar pessoas – observei.

– E o fato de conservar tudo isso não compensa? Quantas destas coisas permanecem na superfície... estragadas e sem cuidados?

– Um número grande demais – reconheci.

– Está vendo? Eu preservo as contribuições mais preciosas da humanidade.

– Mas ninguém as vê, além de você.

Ele não respondeu, soprou um pouco de fumaça pelas narinas e fez uma curva de maneira abrupta, na expectativa de que eu o seguisse.

Eu o segui, e as portas se fecharam e se trancaram logo atrás de mim. Apesar de ser baixinho, ele saiu andando bem rápido.

– Eu sei... eu sei... – disse através de dentes cerrados. – Yínbáilóng passou anos atrás de mim para que eu parasse de afundar navios e derrubar aviões.

– Yínbáilóng?

– Sim, o dragão branco. Ele é o mais velho e tem opiniões sobre tudo, inclusive sobre afogar seres humanos.

– Talvez você devesse escutá-lo.

– Talvez. Mas, nesse caso, o que eu faria? Até parece que recebo muitos visitantes aqui. E não quero ficar dormindo o tempo todo como Qīnglóng ou enlouquecer como Lùsèlóng. Ele só pensa em caçar.

– Talvez você pudesse ajudar as pessoas. Deixar uma moeda sob o travesseiro delas, igual à fada dos dentes.

– Está falando sério? Talvez você não tenha recebido oxigênio suficiente no trajeto até aqui embaixo. Você é curiosíssima, minha cara. Abrir mão do meu tesouro? Rá! A última coisa que faria na vida seria renunciar à minha riqueza. Venha. Deixamos aqueles irmãos espertinhos sozinhos por muito tempo. Provavelmente estão tramando novas maneiras de roubar mais itens da minha fortuna.

– Bom, não é nada que você não mereça.

– Argh!

Ele me conduziu de volta ao salão, aparentemente um pouco perturbado pela nossa conversa. A partir de então, durante a negociação, quando ele ficava

muito ganancioso, eu erguia uma sobrancelha e ele ficava atrapalhado o suficiente para fazer um mau negócio.

Eu ia inserindo, como quem não quer nada, itens extras na lista de desejos de Ren, como não afundar mais navios no próximo século ou não ir mais às Bermudas. Ren os adicionava sem me questionar.

De vez em quando, Kishan se inclinava para sussurrar algo a Ren também, e entre nós três, e conseguíamos avançar um pouco. Jīnsèlóng fazia careta o tempo todo e, depois de uma perda bem ruim, ele começou a chorar. Derramou lágrimas de crocodilo e falou sobre todas as pessoas que havia afogado. Parecia estar arrependido de verdade, e eu fiquei com muita pena dele.

O dragão perguntou se eu tinha um lencinho, então remexi na bolsa até tirar de lá o Lenço e pedir um a ele. Ele tremeluziu e se transformou em um lindo lenço de bolso com monograma. Bordadas nos tecido estavam as letras:

ARD

Fitei o tecido por um instante, confusa, então percebi. Alagan Dhiren Rajaram. Fiquei vermelha e disse ao Lenço que parasse com aquilo.

– Prontinho – falei para o dragão e lhe entreguei o lenço no exato momento em que a mão de Ren disparava na direção da minha.

O dragão o arrancou de mim e o apertou contra o rosto úmido. Ren suspirou e deixou a mão cair, e demorei mais alguns segundos para perceber que o que eu acreditava serem soluços profundos de Jīnsèlóng eram, na verdade, ruidosas gargalhadas.

Enquanto ele enxugava as lágrimas do rosto sorridente, cruzei os braços e acusei:

– Você me enganou.

Ele apontou com o dedo e o agitou todo feliz para Ren.

– E é por *isso* que nunca se permitem mulheres na câmara de negociações. O seu pano mágico é meu! – provocou ele, todo contente.

Ren deu um sorriso maldoso.

– Você nem sabe o que tem nas mãos. O pano é amaldiçoado, sabia? Na

verdade, estou feliz por ter ficado com ele. A maldição só pode ser transferida se outra pessoa o aceita de bom grado, e você fez exatamente o que queríamos.

– Você está blefando – disse o dragão com uma risada e olhou para Kishan.

Kishan sacudiu a cabeça, como se estivesse com pena.

– Bem que eu gostaria, dragão – completou Kishan. – Além do mais, é uma maldição terrível. Enfraquece o homem a ponto de matá-lo, mas talvez não o afete da mesma maneira.

– O que... o que quer dizer? – perguntou o dragão.

– Faz você se apaixonar. Por ela.

Ren apontou para mim com a cabeça enquanto meu rosto expressava meu choque.

O dragão, desconfiado por natureza, estreitou os olhos e me espiou, como se estivesse tentando apreender a verdade na minha expressão.

– Ela já tentou exercer seu poder de sedução sobre você, não é mesmo? – sugeriu Ren.

O dragão gaguejou:

– Bom, *não*. Não... *exatamente*.

Kishan ergueu a voz:

– Ela o fez se sentir culpado? Fez você ter vontade de melhorar? É parte do poder dela. Antes que se dê conta, já se perdeu para ela. Já não é mais o mesmo dragão que costumava ser.

– Ei, esperem um minutinho! – ameacei.

– Está vendo? – interrompeu Ren. – Ela não quer ser desmascarada. Acredite em mim: se ficar com esse Lenço, logo estará caidinho por ela. A garota vai convencê-lo a abrir mão de tudo que lhe é mais precioso.

– Ela não faria isso.

– É o que ela faz – disse Kishan. – Ah, na hora você nem vai reparar, e até vai agradecê-la. Ela vai persuadi-lo a achar que a ideia foi *sua* e vai fazer com que você coma na mão dela bem rapidinho. Espere só para ver. Está sentindo agora? Já está corroendo você, não está? Alimentando-se das suas entranhas?

Ren deu uma cotovelada em Kishan e comentou:

– Ela já deve ter cravado as garras nele. Está vendo? Já está se contorcendo sob o olhar dela. Está fazendo maus negócios desde que voltou para cá. Não devia ter ficado sozinho com ela.

Kishan respondeu:

– É, você tem razão. Mas é um erro clássico. Qualquer um poderia cometê-lo, até mesmo um dragão. – Ele suspirou. – Bom, ela esgotou todos os nossos recursos, então acho que vai ficar bem feliz de passar para a próxima vítima.

O dragão engoliu em seco e disparou um olhar na minha direção, então deu uma risada trêmula.

– Vocês três me enganaram... me enganaram por um minuto, mas eu não acredito em vocês. Estão inventando essa coisa toda.

– Será que estamos? – disse Kishan e se inclinou para a frente. – Posso dizer neste momento que nunca amei alguém com tanta força quanto a amo. Eu faria qualquer coisa para protegê-la e mantê-la ao meu lado. Teria vontade de matar *qualquer* um que a tirasse de mim.

Bufei diante da alfinetada óbvia em Ren. *Essa foi sutil, Kishan. Muito sutil.*

Kishan fez uma pausa para examinar minha expressão, mas só por um segundo.

– Mas eu iria ficar na minha se tivesse certeza de que é *você* quem ela realmente quer – disse ele.

Isso tirou o sorriso do meu rosto. *Será que ele falou sério?* Entrelacei os dedos e os torci, tensa e nervosa depois da declaração de Kishan. Eu sabia que ele me amava, mas acho que nunca tinha considerado que era tão intenso quanto Ren em relação a isso. *Será que vou mesmo conseguir descartá-lo com frieza, como Ren quer que eu faça? Não. Não posso magoá-lo dessa maneira. Ele é bom para mim, é um bom homem e eu o amo, de verdade.*

Phet disse que os dois eram travesseiros em um mundo de pedras. *Eu poderia encontrar um lugar para pousar a cabeça de um jeito ou de outro.* Kishan se virou para mim e piscou. Dei um sorriso amarelo em resposta e mordi o lábio inferior. *Claro que havia outra possibilidade. Talvez Kishan houvesse exagerado seus sentimentos por causa do dragão.* Mas seus olhos dourados encontraram os meus, e eu soube que não tinha sido exagero. Ele realmente me amava daquele jeito, e realmente abriria mão de mim.

O dragão começou a suar ao reconhecer a verdade nas palavras de Kishan.

Ren estava sentado com o corpo inclinado para a frente, esfregando as mãos lentamente enquanto escutava Kishan falar. Ele olhou o irmão de relance e então se recostou e virou a cabeça para olhar nos meus olhos. Em seguida sorriu

e falou em tom baixo. Sua voz saiu tão suave que ele parecia estar falando apenas comigo. Todos se inclinaram para escutá-lo, inclusive eu.

– Acho que não consigo ser tão generoso assim. Sabe, eu a amo desde o momento em que coloquei os olhos nela. Fui torturado a ponto de morrer em nome dela. Eu viajaria o mundo todo para vê-la sorrir, para fazer com que fosse feliz. Quando ela se tornar sua, dragão, e tramar os fios do Lenço em volta do seu coração, provavelmente irei murchar e morrer, porque estou tão preso a ela quanto a trepadeira que se agarra a uma árvore em busca de sustento. Essa mulher me amarrou a ela por toda a eternidade. Ela é o meu lar. É a minha razão de ser. Vencer e ficar com o coração dela é minha *única* motivação.

Senti falta de ar quando as palavras dele cessaram. O salão ficou imóvel, sagrado como uma igreja. Era como se Ren tivesse acabado de fazer um juramento. Ele não conseguia afastar os olhos, e eu também não. Nem questionei sua sinceridade. Eu sabia que falava sério. Se havia algo que ele tinha deixado de fora, era que o objeto de sua devoção não era digno dele... que ser dona de algo tão precioso quanto seu coração quase a tinha destruído... que temia que, se ele a deixasse novamente, ela não fosse sobreviver.

Sentada ali, olhando nos olhos de Ren, tive uma epifania. O dragão verde havia me forçado a voltar a abrir meu coração a Ren, a reconhecer a profundidade dos meus sentimentos e, naquele momento, de repente percebi que eu era a pessoa mais egoísta do mundo. Eu era covarde. Estava repetindo meu padrão: minha necessidade de fugir de traumas emocionais. Manter Kishan perto de mim significava que eu não precisava arriscar nada. Ele era o meu escudo.

Ele me protegeu da montanha-russa que era meu relacionamento com Ren. Eu amava Kishan e acreditava que poderia ser feliz com ele, mas também tinha que reconhecer que não era exatamente a mesma coisa. O amor de Ren era um fogo ardente, abrasador, e o de Kishan era mais... um aquecedor de ambientes. Confortável, firme, confiável. Ambos me mantinham aquecida, mas um era capaz de me consumir. De me transformar em cinzas. Se Kishan me largasse, eu iria chorar, sofrer, mas seguiria em frente, mais triste porém mais sábia.

Amar Ren era como amar uma bomba atômica. Quando ele explodia – e era só questão de tempo até voltar a explodir – destruía tudo ao redor em um raio de 10 quilômetros. Claro que eu sempre dava um jeito de estar bem no meio do alvo. Estilhaços de bomba tinham dilacerado o meu coração. Duas vezes. Kishan

tentou juntar os pedaços, mas havia lacunas.

Ah, meu coração tinha tentado me enganar. Ele batia pesado, aquecido pelas palavras de Ren, por suas promessas, mas não faria diferença no final. Algo ou alguém iria tirar Ren de mim, ou ele iria se sacrificar mais uma vez com nobreza, e eu ficaria encalhada no mesmo lugar em que estava agora, só que Kishan já teria desistido de mim a essa altura. Eu ficaria total e desesperadamente sozinha. Do mesmo modo que acontecera com Li antes, eu precisava escolher. Precisava escolher entre o amor devastador de Ren, que me deixava tão ávida que às vezes eu me esquecia de respirar, e o brilho constante, a bondade infinita e o conforto que Kishan me oferecia.

Depois de um longo minuto de silêncio, Ren encheu o pulmão de ar. Seu peito subia e descia, como se ele tivesse esquecido o que era respirar. Eu reagi da mesma maneira, e o salão foi voltando a entrar em foco. Empurrei os meus pensamentos para longe e tentei me concentrar na tarefa em questão enquanto Ren voltava a atenção a Jīnsèlóng.

– Duvida da verdade das nossas palavras agora, dragão?

O pescoço de Jīnsèlóng tinha ficado roxo, como se ele estivesse sufocando só de pensar naquilo. Não me contive e dei risada. O dragão se virou para mim e estendeu o Lenço.

– Pegue de volta! Não vou perder o meu tesouro para você, sua, sua... sereia!

Ren ergueu a mão.

– Alto lá, Jīnsèlóng. Acha que somos amadores? Nós não vamos aceitá-lo de volta. Você o conquistou de maneira justa e inequívoca.

– Aceitem! Por favor! Eu lhes dou mais joias, mais ouro.

Ren passou a mão pelo queixo e refletiu sobre a questão.

– Não. Isso não basta. É um fardo e tanto estar atrelado a ela. Você só está sentindo os sintomas iniciais. Acredite... para que nós aceitássemos o Lenço de volta, seria necessário uma boa soma.

– Qualquer coisa. Vocês podem pedir qualquer coisa. – Ele se inclinou para a frente e sussurrou bem alto: – Ela iria fazer com que eu entregasse todo o meu tesouro a... humanos. Iria me transformar em uma – ele bateu as mãos no ar – *fadinha* que deixa moedas embaixo de travesseiros. Isso não é vida para um dragão! Não! Não vou fazer isso! Vocês precisam aceitá-lo de volta. Eu *imploro*! – suplicou o dragão.

Entrei no jogo deles e mantive o dragão distraído ao lhe enviar olhares cheios de segundas intenções. Ele pousou cuidadosamente o Lenço no braço da cadeira e se sentou o mais longe possível dele. Sussurrei para que o Lenço ficasse mudando de forma em pequenos intervalos, fazendo almofadas em forma de coração, lencinhos com bordado em cruz que diziam "Eu amo dragões" e uma fronha com "Kelsey + Jīnsèlóng" bordado nas pontas. O dragão guinchava e se contorcia para longe, desconfortável, cada vez que algo diferente aparecia.

Depois disso as negociações progrediram com rapidez. Ren conseguiu recuperar tudo o que tínhamos levado conosco e obteve também uma passagem segura para o castelo do dragão branco, algumas informações interessantes sobre o Sétimo Pagode e o guardião de seus portões, a promessa do dragão de cinco séculos de proteção a todo tipo de navio e avião, e terminou ganhando uma ampla variedade de tesouros, incluindo o tigre de jade em tamanho natural. O dragão até garantiu a entrega. Ele bateu palmas e nos disse que todos os nossos tesouros estariam no iate quando voltássemos.

No final, Jīnsèlóng se levantou de maneira abrupta e anunciou que estava na hora de partirmos. Ele de fato iria nos levar ao castelo do dragão branco, que também era submerso, faria uma apresentação calorosa e então iria embora. Quando estávamos saindo do salão, Ren pediu que seguíssemos sem ele. Kishan automaticamente estendeu a mão para pegar a minha. Senti prazer em seu calor e cheguei mais perto.

Quando Ren voltou, tinha um sorrisão estampado no rosto e reparei que ele pôs alguma coisa no bolso enquanto o dragão falava.

O dragão caminhou ao lado dele e sussurrou, em tom conspiratório:

– Claro, claro. – Ele deu tapinhas nas costas de Ren, como se estivesse muito aliviado, e disse: – E desejo a você toda a felicidade também.

Então nos apressou até a porta.

O sorriso de Ren só durou até ele perceber que eu estava de mãos dadas com Kishan. Ele rosnou baixinho, mas virei a cabeça para evitar encará-lo. Quando Jīnsèlóng passou por nós, eu não me segurei e acenei para ele em um gesto sedutor.

Ele soltou um gritinho e, indo para bem longe de mim, disse:

– Agora, quando eu assumir minha verdadeira forma e sair do castelo, vocês só vão ter um instante até começarem a sentir os efeitos da pressão oceânica.

Respirem fundo, nadem até mim e segurem em um dos meus espinhos. Assim poderão respirar com conforto e a pressão vai diminuir. E tentem não escorregar, isso seria... muita falta de sorte.

O dragão correu alguns passos e mergulhou através da barreira invisível da porta de entrada. Ele nadou um pouco como homem e então o castelo balançou um pouco quando sua forma de dragão explodiu da forma humana como uma onda gigantesca. O rabo comprido dele terminava em uma nadadeira e, apesar de ele ter garras, havia membranas nos espaços entre elas. O corpo dourado sinuoso brilhava na água escura, iluminando a área ao seu redor com um brilho amarelo-alaranjado. Ele se virou e pareceu estar esperando impaciente por nós.

Kishan apertou minha mão, mergulhou na barreira e encontrou um assento entre dois espinhos das costas do dragão. Ren pôs a mão no meu ombro, mas eu a afastei e mergulhei através da barreira. Ele veio logo atrás de mim e logo me ultrapassou, nadando com braçadas fortes. Senti a pressão oceânica imediatamente. Parecia que estava sendo esmagada feito lixo em um compactador.

Ren reparou que eu estava preocupada, deu meia-volta e nadou até mim. Kishan começou a nadar também, mas fiz um gesto para que ele não viesse. Ren pegou minha mão e me puxou com rapidez. Eu estava ficando sem ar. Como último recurso, pedi mentalmente ao Lenço que se esticasse até um espinho e me puxasse para mais perto.

No minuto em que o Lenço tocou no dragão, ele refugou e se virou para olhar apavorado para os fios. Kishan deu tapinhas na lateral do corpo dele e sorriu. Ren e eu finalmente chegamos ao lombo do dragão. Eu me sentei atrás de Kishan enquanto Ren se acomodou atrás de mim. Ele me abraçou pela cintura e me apertou com força. A pressão diminuiu e uma bolha se ergueu e cobriu meu rosto de novo, para que eu pudesse respirar.

O Lenço prendeu meu corpo ao espinho de Jīnsèlóng e, depois de dar uma conferida em nós três – e especificamente no Lenço –, o dragão dourado disparou pelo oceano escuro, movimentando-se como uma cobra do deserto. De vez em quando, Jīnsèlóng olhava para trás, para nós, e avançava com rapidez, como um verme lutando para escapar de um peixe faminto.

23

O Dragão de Gelo

A viagem até a toca submersa do dragão branco foi tão maravilhosa quanto apavorante. O dragão dourado desceu mais fundo, nadando por um mar tão negro que eu comecei a entrar em pânico e me sentir claustrofóbica. Eu via um clarão de vez em quando e ficava olhando, fascinada, ao passarmos por peixes minúsculos que brilhavam no escuro. Um polvo disparou de uma projeção de pedra. Seu manto pulsou com pontos vermelhos, como um letreiro de Las Vegas, antes de ele desaparecer.

Eu achava que as profundezas do oceano deviam ser silenciosas, mas não eram. Animais grandes faziam barulho para chamar uns aos outros, atingindo o meu corpo com várias ondas de vibrações intensas. A água ficou mais fria. Ren apertou os braços ao meu redor com mais força e pressionou minhas costas contra o peito dele. Uma luz penetrou a escuridão. No começo, achei que minha mente estivesse pregando peças em mim, mas, quanto mais eu olhava para a luz, mais forte ela ficava.

Nós corríamos a toda velocidade na direção da luz. O dragão deu um disparo rápido, como um velocista no fim de uma corrida. Ele se movia com tanta rapidez que eu quase perdi de vista a fonte de luz quando nos erguemos um pouco sobre protuberâncias de pedra e depois voltamos a descer. Fiquei pensando que talvez a tivesse imaginado, mas logo meu vislumbre se transformou em realidade quando Jīnsèlóng acelerou na direção de um palácio submerso.

Ele se projetava do fundo do mar como uma estalagmite de cristal. Nós nos

erguemos por cima de um declive e nadamos para baixo, por um caminho de gelo. De ambos os lados do caminho, plantas e flores aquáticas congeladas e esculpidas se espalhavam por canteiros de gelo. Uma floresta de cristal se erguia dos dois lados, cada árvore acesa por dentro com uma cor diferente, criando algo que parecia uma cidade de néon no fundo do mar. O dragão diminuiu a velocidade e eu pude passar os dedos pela folha de um craveiro que queimava com um tom cor de laranja flamejante no meio.

Fiquei olhando maravilhada para as obras-primas reluzentes e imaginei se o dragão as tinha criado. Os detalhes – os galhos e as folhas cintilantes, os talos de ervas marinhas que terminavam em pontas afiadas ao crescer das plantas de gelo, as frondes parecidas com penugem da folhagem submarina – eram tão exatos ao imitar plantas e árvores reais que pareciam ter sido transportadas de outro mundo.

Surgiu uma subida no caminho de gelo que o dragão seguia e eu vi degraus grossos esculpidos no gelo. Quando nos aproximamos do palácio, Jīnsèlóng desviou para a direita e entrou numa caverna atrás do castelo. Foi se contorcendo lentamente pelo túnel, usando apenas a cauda para dar impulso. Por toda a nossa volta havia uma passagem lisa de gelo azul brilhante, iluminado por algo que vinha do alto. Minha curiosidade a respeito do dragão branco estava aumentando cada vez mais.

Nós nos dirigimos para um buraco iluminado no gelo e Jīnsèlóng disparou por ele como se fosse capaz de deslizar pelo ar com a mesma facilidade com que nadava. Ele pousou num piso liso e enfiou as garras no gelo para não escorregar. Ren, Kishan e eu descemos do lombo do dragão dourado. Dessa vez, continuávamos molhados e estávamos congelando. Pedi ao Lenço que se recolhesse e o dragão relaxou, aliviado, sacudindo-se feito um cachorro.

Jīnsèlóng retomou sua forma humana e disse:

– Bom, não fiquem aí parados. Um de vocês, fortões, ajude-me a ir até o sofá. Um dragão cair de bunda no chão não é nada digno – murmurou ele.

Dei risada enquanto Jīnsèlóng resmungava sem abrir a boca.

Kishan deslizou até ele descalço e, juntos, nós quatro fomos avançando para dentro do castelo. Quando entramos em algo que eu chamaria de sala de estar, eu estava com muito frio e meus pés grudavam no piso de gelo.

– Precisamos de roupas e sapatos novos – sussurrei.

Ren assentiu e disse:

– Você primeiro.

Pedi ao Lenço que pendurasse uma cortina no canto da sala, substituísse minhas roupas por peças de inverno e colocasse nos meus pés congelados dois pares de meias bem grossas e pantufas. Enquanto eu estava me trocando, fiz com que o Lenço produzisse roupas para os rapazes, para que eles não precisassem ficar esperando tanto. Usando meu calor interior, passei as palmas das mãos com cuidado pelo cabelo para secar. Quando terminei, estava me sentindo muito melhor, mas ainda tremia.

Depois que Ren e Kishan saíram vestidos com as roupas novas e nós três nos acomodamos bem juntinhos no sofá para nos aquecermos, eu tirei uma luva e tentei esquentar a mão de Ren. Ele apertou a minha de leve.

– Não faça isso – disse ele. – Guarde o seu calor para si mesma. Nós vamos ficar bem.

Aceitei sua sugestão e enfiei o nariz mais fundo no cachecol de lã. Meus dentes batiam.

– Pppena que o Lllenço nnnão pppode ffazer cobertoresss térmicos.

Pensei seriamente na possibilidade de esquentar um cobertor com as mãos por um minuto, mas então desisti.

– Eeee então? – perguntei a Jīnsèlóng. – Onde ele esssstá? Você ppprometeu que ia nosss apppresentar.

– Ele vai chegar em um minuto – respondeu o dragão, todo arrogante. – Não estava esperando visitas.

Apesar de sua atitude arrogante, Jīnsèlóng batucava nervosamente com os dedos na mesinha lateral feita de gelo. Minhas costas estavam congelando contra o sofá de gelo. Eu me mexia de um lado para outro, desconfortável. Logo que percebeu o meu problema, Ren me colocou no colo. Moveu minhas pernas para cima de Kishan e me envolveu com os braços e o casaco.

– Assim está melhor?

– Está – respondi, suspirando, e apertei o nariz contra o peito dele.

Kishan franziu a testa, mas eu lhe estendi o braço e ele levou minha mão enluvada aos lábios com um sorriso.

Jīnsèlóng ficou muito incomodado observando aquilo. Ele soltava guinchos, impaciente:

– Onde será que ele está? – Então olhou para Ren de esguelha e disse: – Eu realmente preciso voltar para o meu tesouro. Afrodite se sente solitária sem mim, sabem como é. – Ele deu um tapa na própria cabeça. – Nossa, quase me esqueci. Está chegando a hora da limpeza. Vocês sabem o que pode acontecer com certos metais se não forem espanados a cada 12 horas.

Ren ergueu os olhos para ele; um momento antes, seus lábios pressionavam o meu cabelo.

– Relaxe – sugeriu ele. – Você fez um acordo, e não vai a lugar nenhum antes de sermos apresentados.

O dragão dourado jogou a mão para o alto em um gesto de irritação.

– Ah! Lembrem-me de nunca mais negociar com tigres.

Dei uma gargalhada de desdém e ele estreitou os olhos, antes de completar:

– Nem com mulheres.

Com isso, afundou na cadeira, pegou um saco de moedas tilintantes e começou a contá-las com cuidado enquanto as limpava com a manga.

Não precisamos esperar muito até que um homem alto de cabelo branco entrou na sala.

– Jīnsèlóng! – A voz do dragão branco nos atingiu como neve molhada batendo no vidro de uma janela. – Você sabe que nunca deve trazer ninguém aqui sem avisar! É proibido!

O dragão dourado choramingou:

– Eu não tive escolha. Eles usaram truques para arrancar a informação de mim. A culpa é da garota, sabe? Ela...

– Pare. Não quero ouvir mais nenhuma palavra. Eu já lhe disse, várias vezes, para desistir da sua obsessão por acumular coisas e fazer negociações e, depois de séculos, você continua a não escutar. Você nunca aprende. Vá embora, que eu vou consertar a sua bagunça. Como *sempre*.

O dragão dourado se levantou com rapidez.

– E não quero ver essa sua pele metálica por pelo menos 200 anos!

– Pois não, Yínbáilóng. Não vai ouvir nem um pio meu. Obrigado.

Jīnsèlóng deu uma olhada em nós quando estava saindo. Lancei-lhe uma piscadela e ele soltou um gritinho e saiu correndo. Ouvimos o corpo pesado do dragão entrar ruidosamente na água, e então ele se foi.

O dragão branco se virou para nós e deu um sorriso caloroso.

– É tão engraçado deixá-lo assustado, não é mesmo?

Eu corei e concordei com a cabeça.

– O truque que vocês três aplicaram nele foi muito inteligente. Muito bem-executado. Ele vai pensar duas vezes antes de voltar a negociar. Ah, ele vai continuar fazendo isso, não tenham dúvida, mas pelo menos pensará duas vezes, e isso já é mais progresso do que o que eu consegui fazer com ele em séculos.

O dragão branco se movimentou com fluidez pela sala e curvou o corpo alto para caber na cadeira que tinha sido ocupada pelo irmão. Ele cruzou uma perna por cima da outra, apoiou o cotovelo no braço da cadeira e segurou a cabeça com o dedo para nos examinar. Os cabelos brancos saíam da testa proeminente e eram penteados para trás. Seus lábios eram finos e se apertavam enquanto ele nos avaliava, mas seu rosto enrugado era muito expressivo. Ele tinha olhos de um azul gélido, quase translúcido, que eram cheios de curiosidade. Seus modos e seu sotaque me faziam pensar num professor britânico.

– Então – começou ele. – Vocês vieram aqui em busca de uma chave, e não é uma chave qualquer. Vocês querem *a* chave.

– Precisamos encontrar o Colar de Durga. Não sei de chave nenhuma – arrisquei.

– Ah, sim. Vocês buscam o caminho até o Sétimo Pagode.

Ele olhou fixamente nos meus olhos e eu fiquei paralisada por um minuto.

– Está lendo os meus pensamentos? – perguntei.

– Não. Eu não faria isso sem a sua permissão. Só estou... examinando você. Faz muito tempo que não converso com um ser humano, muito menos com algum que fosse tão adorável.

– Obrigada.

– Então, o trajeto de vocês foi longo, não é mesmo? Chegar até aqui deve ter exigido um esforço tremendo. – Ele se levantou, como se tivesse se sobressaltado. – Nossa, mas que tipo de anfitrião eu sou? Vocês estão aqui congelando, com fome, com sede e cansados, e eu fico falando de assuntos que podem esperar.

Ele girou uma das mãos sobre a outra e um fogo azul se acendeu na grelha perto de nós. Estalava como gelo quebrando, mas era surpreendentemente quente.

– Mas isso não vai derreter o seu castelo? – perguntei.

Yínbáilóng deu risada, um som caloroso na sala congelada.

– Claro que não. Minha casa é protegida contra derretimento. Talvez vocês tenham mais perguntas a respeito de dragões. Eu ficaria feliz de respondê-las durante o jantar. Vocês me dão esse prazer?

Ele se aproximou do nosso sofá e ofereceu o braço. Ren me abraçou com mais força e eu ouvi um rosnado baixo de Kishan.

O dragão branco brincou:

– Ora, ora, cavalheiros. Não há necessidade para ciúme. Minha intenção é apenas acompanhar a mocinha pelos corredores. Vocês dois podem vir junto, claro. Quer vir comigo, senhorita?

– Tudo bem. Obrigada.

Peguei a mão dele e Ren me soltou com relutância. Ele e Kishan imediatamente vieram atrás de nós.

Passamos pelo que parecia ser uma sala de jogos com mesa de bilhar e o dragão perguntou:

– Algum de vocês dois gosta de jogar bilhar? Faz um bom tempo que eu não jogo uma partida, mas seria uma maneira agradável de passar as horas.

– Como se faz para diferenciar as bolas de neve? – perguntou Kishan com uma risadinha.

– Elas são colorizadas como as minhas árvores do lado de fora.

– Como faz para que elas brilhem de cores diferentes? – indaguei, curiosa.

– Bioluminescência.

– Está falando de animais fosforescentes?

– Não exatamente. Homens da antiguidade certa vez olharam para o mar à noite e viram um brilho. Erroneamente, associaram à queima de fósforo químico. Aquilo que costuma ser chamado de fosforescência no mar não tem nada que ver com queima. Não envolve calor. Criaturas vivas, os dinoflagelados, criam a minha luz. De maneira semelhante aos seus vaga-lumes na terra, estes animais brilham com luz interna. A maior parte deles é microscópica e na verdade cria luz quando reage ao oxigênio acima da água. Eu fiz uma réplica do ambiente necessário para fazer com que brilhem aqui. Alimentá-los e cuidar deles me traz grande alegria.

– Então, suas plantas e árvores são como aquários minúsculos? São seus bichinhos de estimação?

– Isso mesmo. Cada árvore abriga um animal diferente, que cria cores diferentes. Águas-vivas, camarões, lulas, diversos tipos de vermes, algumas plantas e também cipridinas, que cria uma cor azul das mais lindas.

– O que são cipridinas?

– São parecidas com mariscos, mas as conchas são minúsculas e transparentes. Normalmente são encontradas nas águas do Japão.

– Mas elas não congelam dentro das suas árvores de gelo?

– Posso modificar a temperatura e o ambiente para atender às necessidades delas. Aliás, talvez vocês tenham notado que não precisam mais das roupas de inverno.

Agora que ele tinha comentado, percebi que estava com um pouco de calor. Tirei o casaco e pendurei no braço. Entramos numa grande sala de jantar feita de gelo. As cadeiras tinham um tom esverdeado e a mesa grande era vermelha. Eu cheguei mais perto para examinar a superfície e vi milhares de criaturas minúsculas se mexendo embaixo do gelo.

– São lindas!

– São mesmo. Podem se sentar. As cadeiras não vão mais congelar vocês. Vai parecer que estão sentados em cadeiras feitas de carvalho.

Depois de nos acomodarmos ao redor da mesa, o dragão branco girou as mãos e um banquete apareceu à nossa frente. Eu estava faminta. Nós não tivemos coragem de usar o Fruto Dourado na frente de Jīnsèlóng, e os biscoitos de alga marinha não me apeteceram muito depois que descobri o que eram. Fiz uma pausa para examinar o banquete à minha frente. Tigelas de gelo continham patas de caranguejo com manteiga e camarão sem casca com molho à parte.

Outros pratos eram mantidos aquecidos. Havia torta de lagosta, pão sírio tostado com molho de queijo quente feito com alcachofras, espinafre e caranguejo. Havia travessas e tigelas cheias de peixe recheado, guisado de frutos do mar, juliana de legumes com molho vinagrete, creme de marisco, linguini com camarão ao alho e o maior salmão glaceado com calda de bordo e cereja que eu já vi (não tinha visto um assim nem no Oregon). O dragão nos serviu sucos de fruta gelados que pareciam raspadinhas.

Escolhi o de morango e o dragão começou a trabalhar. Ele pingou algumas gotas de calda vermelha por cima de uma escultura de gelo de dragão no meio da mesa com detalhes surpreendentes e proferiu algumas palavras. O líquido

vermelho começou percorrer o dragão curvilíneo. Então Yínbáilóng pegou uma caneca congelada e a segurou embaixo da boca da escultura de gelo. A bebida parecia conter gelo ralado. Ele repetiu o processo e preparou uma bebida de toranja para Kishan, uma de limão para Ren e uma de cereja para si.

Em seguida apontou para o bufê à nossa frente e disse:

– Por favor, sirvam-se.

Sentindo ainda um pouco de frio, comecei pelo creme quente de mariscos. Foi o mais cremoso e mais saboroso que eu já experimentei. Acabei com metade da tigela antes de me lembrar que queria fazer algumas perguntas ao dragão.

– Yínbáilóng? O seu irmão disse que vocês todos nasceram em oceanos diferentes e que ele era o Dragão da Terra. O que isso significa e quem foram os pais de vocês?

O Dragão de Gelo pousou o garfo, inclinou-se para a frente e juntou as mãos sob o queixo.

– Os meus pais – disse ele – são aqueles que vocês chamariam de Mãe Terra e Pai Tempo.

Larguei a colher, esquecida da fome.

– Está dizendo que são pessoas reais?

– Não sei se poderia chamá-los de pessoas, mas são seres reais.

– Onde eles vivem? Você os visita? Como são?

– Eu os vejo, mas duvido que você seria capaz de vê-los, porque residem principalmente em outra dimensão. Eles vivem... bom, em todo o lugar. Se você pudesse se condicionar a enxergar, poderia encontrá-los. Mamãe faz parte de todas as coisas vivas da Terra. Plantas, animais, pessoas e até dragões são filhos dela, que, juntamente com Pai Tempo, jamais deixará de existir. Ele é passado, presente e futuro. É onisciente. Sabe tudo o que vai acontecer, mas ainda assim tem uma curiosidade infinita para ver como as coisas irão se desenrolar. Ele me disse que vocês viriam. Meus irmãos também saberiam disso se alguma vez parassem para escutar. Eles são tão jovens! Na verdade, são como adolescentes. Acham que sabem tudo, por isso nunca escutam nossos pais. Mas um filho sábio sempre tem respeito pelos pais.

Ele deu um gole na bebida e prosseguiu.

– Eles estão... aposentados agora. Pelo menos na medida em que imortais podem estar aposentados. Passaram a tarefa de cuidar da Terra e de seus

ocupantes para nós. Jīnsèlóng cuida dos tesouros da Terra. Ele se assegura de que depósitos minerais sejam criados e encontrados e, apesar de suas falhas, inspirou a revolução industrial, embora seus objetivos principais não fossem inteiramente altruístas. Ele desejava produzir bens com mais rapidez, para que pudesse aumentar o tamanho de sua coleção. Ele de fato tem suas estranhezas, mas, de maneira geral, tem sido bom para a humanidade.

O dragão branco passou ao irmão seguinte.

– Lùsèlóng é o Dragão da Terra, como sabem. Ele é responsável por manter o equilíbrio entre a terra e o mar. Cuida das coisas que crescem. Árvores, flores, montanhas, desertos e florestas estão todas sob sua supervisão. Ele faz as plantações crescerem e ensinou os egípcios a produzir papiros e manter registros. Se não fosse por ele, os livros não existiriam.

– E quanto a Qīnglóng? – perguntou Ren.

– Qīnglóng é o mais preguiçoso dos meus irmãos. Desastres ocorreram porque ele se recusa a prestar atenção. Ele devia ficar de olho em Jīnsèlóng. A razão por que Jīnsèlóng tem tantos tesouros acumulados é porque Qīnglóng não anda cuidando do mar da maneira adequada. O trabalho dele é fornecer água ao mundo. Ele governa as nuvens de chuva, os rios, os lagos e a maior parte dos mares, apesar de, de vez em quando, nós prestarmos alguma ajuda nos territórios que ocupamos. Há criaturas entrando em extinção nos mares todos os dias por causa de sua negligência. Pesca excessiva, poluição e seca são em grande parte culpa dele. Toda a indústria da caça à baleia prosperou durante um de seus cochilos. Mas, para ser justo, é verdade que ele inspirou seus primeiros exploradores a encontrar novas terras. Naquela época, era jovem e fazia de tudo para agradar.

O dragão branco deu risada.

– Imaginem! Colombo descobrindo terras com aqueles barquinhos minúsculos, por conta própria? Sem um dragão, ele teria se perdido no mar nas primeiras duas semanas.

– Kelsey.

Eu olhei para Ren, que apontava para o meu prato com o garfo.

– Coma, por favor.

– Ah, certo. – Para o meu deleite, meu prato continuava quente. Dei uma colherada e disse: – Por favor, prossiga.

O Dragão de Gelo riu e também deu mais uma garfada.

– Lóngjūn é o mais distante. É raro fazer uma visita. Ele se imagina acima de nós todos porque reside no céu.

– Qual é a função dele? – perguntou Ren.

– Será que você é capaz de adivinhar?

– Algo relacionado às estrelas? – sugeriu Kishan.

– Correto. Ele é responsável pelas constelações. Mantém as estrelas ativas e os cometas em trajetórias seguras. Ele governa os meteoros. Pequenas chuvas são permitidas, mas meteoros grandes são deslocados ou destruídos. Ele anda tendo problemas com o ozônio ultimamente, e essa é sempre sua desculpa para faltar às reuniões de família. Cuida das estações espaciais, dos ônibus espaciais e das viagens à Lua. Lóngjūn estava na Lua quando Neil Armstrong colocou os pés nela pela primeira vez. Aliás, se assistirem ao vídeo antigo, podem ver sua sombra pairando no alto. Ele tem muito orgulho do programa espacial. Inspira descobertas científicas, especificamente no campo da astronomia. Era muito amigo de Galileu e chegou a visitá-lo em seus sonhos. Gosta muito de matemática. Até ensinou Pitágoras a jogar xadrez.

– Bom, isso dá conta de todos, menos de você. O que você faz?

– Eu sou o irmão mais velho e tenho a função mais importante de todas. Vocês podem se perguntar o que pode ser mais importante do que cuidar do espaço, da terra, da água ou dos minerais, não é mesmo? Mais importante do que dar à humanidade a ciência, a matemática, a descoberta, a tecnologia ou um planeta verde?

Ele fez uma pausa com um brilho no olhar e esperou até que um de nós adivinhasse. Ninguém deu a resposta certa. Com educação, ele limpou os lábios com o guardanapo e disse:

– Eu sou o dragão branco do gelo. Cuido das calotas polares e dos polos. Faço a Terra girar em seu eixo e ao redor do Sol. Faço as estações mudarem. Inspiro os seres humanos na filosofia, na democracia, na ordem e na lei. Não posso me dar ao luxo de tirar uma soneca. Não posso me dar ao luxo de ignorar minha obrigação. Um erro faria com que o nosso planeta saísse rodopiando pelo espaço escuro. Um passo em falso iria prejudicar a linha do tempo. Uma pequenina perda de controle e o eixo da Terra iria mudar, fazendo com que mergulhássemos no caos. Fui a voz por trás dos maiores filósofos do mundo,

dos reformistas religiosos e dos políticos revolucionários. Sigo as leis do Universo, as verdades fundamentais básicas que governam toda a humanidade.

Minha colher caiu na mesa, fazendo barulho. Eu a peguei, acanhada, mas ele prosseguiu.

– Claro que essas coisas são transitórias. Cobiça e avareza podem tomar conta de qualquer um, mas eu ainda tenho esperança. Deu certo em Shangri-lá.

– Você é responsável por Shangri-lá? – perguntei.

– De maneira indireta. Só posso ensinar o básico do certo e do errado, para que as pessoas possam governar a si mesmas. A sociedade então tem que escolher aceitar isso total ou parcialmente. Se apenas um integrante escolher outro caminho, o sistema vai fracassar no final. Os silvanos não apenas aceitaram como também adotaram esse conceito. Eles vivem em paz em sua terra há milênios, e os animais que escolhem aceitar e respeitar suas leis também vivem lá em harmonia.

– Mas e quanto à árvore do mundo? Os pássaros de ferro não pareciam seguir a mesma lei.

– Os pássaros de que você fala foram criados por um único motivo. Eles protegiam o Lenço. Não desejavam mal algum a vocês até que levaram embora o objeto que eles foram feitos para guardar. E deixaram de existir depois que o Lenço saiu de suas mãos.

– E os corvos e as sereias?

– Só estavam cumprindo sua função. Não tinham a intenção de machucar vocês.

– E agora, o que fazem?

– Eles puderam fazer uma escolha. Os corvos e os morcegos escolheram seguir a lei dos silvanos e podem ir e vir como bem desejarem, mas as sereias preferiram ir embora. Elas não encontraram ninguém entre os silvanos que estivesse disposto a se tornar seu... companheiro. Por isso, escolheram abandonar a árvore, que ainda pode ser encontrada logo nos limites das terras dos silvanos. Falando nisso, o protetor invisível também permaneceu em Shangri-lá.

– Interessante. Mas como você sabe sobre o Lenço e Fruto se Jīnsèlóng não sabia?

– Como disse antes, ele não costuma prestar atenção quando acontecimentos

importantes ocorrem. Quer mais um pouco? Não comeu muito, mocinha.

– É difícil comer quando se tem tantas perguntas a fazer.

– Não deixe que isso estrague seu apetite. Vou ficar a seu lado e responder todas as questões dentro do tempo que estiver disponível. Aliás, eu gostaria de que todos vocês fossem meus hóspedes esta noite. Vão precisar de uma boa noite de sono antes de viajarem até o Sétimo Pagode.

Nós aceitamos e passamos mais uma hora à mesa, provando gostosuras e fazendo perguntas. Yínbáilóng me lembrava o Sr. Kadam. Ele conhecia quase tudo, e eu poderia ouvi-lo falar durante horas a fio. Ele convidou Ren e Kishan para jogar bilhar com ele. Eu me acomodei em um sofazinho e fiquei assistindo ao jogo. O dragão jogava muito bem. Ele explicava as regras e fazia comentários de vez em quando, dando dicas enquanto eles jogavam, e afirmou ter inventado o jogo. Não demorou muito para que eu começasse a bocejar.

O dragão se ofereceu para me acompanhar ao meu quarto, mas ainda me demorei mais meia hora. Ele então insistiu para que eu descansasse e disse que, se eu quisesse ir sozinha, bastava encostar a mão na parede e as pequenas criaturas vivas iriam se acender e me mostrar o caminho. Concordei com isso e tanto Ren quanto Kishan largaram os tacos para me seguir. O dragão ergueu uma sobrancelha, com expressão divertida, e esperou pela minha resposta. Apoiei a mão no braço de Kishan e me ergui na ponta dos pés para lhe dar um beijo na bochecha.

– Você se importa se Ren me acompanhar? Preciso falar com ele.

Kishan me deu boa-noite, me beijou de leve e, com relutância, retornou ao jogo. Ren enfiou as mãos nos bolsos e examinou minha expressão com desconfiança.

– Vá na frente.

Eu suspirei, coloquei a mão na parede gelada e disse:

– Um quarto de hóspedes, por favor.

Criaturas verdes minúsculas vieram na direção da minha mão logo atrás do gelo e começaram a avançar. Cruzei as mãos nas costas e comecei a segui-las. Ren acompanhava em silêncio.

Depois de estarmos a vários corredores de distância da sala de bilhar, ele perguntou:

– Então? Sobre o que você queria conversar?

Eu mordi o lábio.

– Você se lembra de quando foi para os Estados Unidos e eu namorava Li?

– E *Jason* e *Artie*.

– Certo. Bom, quando você chegou, disse que queria que eu namorasse os dois e fizesse uma escolha.

– Foi.

– Também disse que, se eu escolhesse Li, iria apoiar minha decisão. Que o importante era você estar perto de mim. Que se eu só pudesse lhe dar amizade, você iria aceitá-la.

– Foi. Aonde quer chegar com isso, Kelsey?

– Estou quase lá. Tenha paciência.

Chegamos à minha suíte de hóspedes e abri a porta. Um fogo azul estalava num canto do quarto e uma cama enorme com estrutura de gelo ocupava a maior parte do espaço. O piso parecia estar coberto de lascas de gelo. Eu me abaixei para tocar nele e a sensação era a de tocar num carpete felpudo. Chutei as pantufas para longe e mexi os dedos dos pés. Pequenas criaturas por baixo do piso vieram na direção dos meus pés e lhes fizeram uma massagem. Para testar, levantei o pé e elas desapareceram. Quando pisei no chão de novo, elas reiniciaram a massagem.

Impaciente, Ren se apoiou no batente da porta.

– O que está tentando dizer, Kells?

Eu me virei para ele, mas baixei o olhar, com medo de encarar sua expressão intensa.

– Estou tentando dizer que, quando eu soube que nós tínhamos que ficar juntos, eu escolhi você.

– Sim, eu me lembro – disse ele.

– Mas você prometeu que, se eu tivesse escolhido Li, sempre ficaria do meu lado. Que seria meu amigo para sempre. Isso é verdade? Mesmo que eu tivesse escolhido outra pessoa?

– Você sabe que sim. – Ele se aproximou e pegou minha mão. – Eu jamais abandonaria você.

Respirei fundo.

– Que bom, porque acho que eu não ia gostar muito de uma vida sem você. Você também sabe que eu sempre vou ser sua amiga, não sabe? Que eu jamais

iria abandoná-lo?

Confuso, Ren inclinou a cabeça para trás a fim de examinar o meu rosto. Ele fez uma pausa antes de responder, com hesitação:

– Sim. Eu sei que você é minha amiga.

– E o mais importante é que nós somos uma família, certo?

– Certo.

– Muito bem. Então eu vou dizer uma coisa, e preciso que você compreenda que pensei muito sobre a questão. Quero que você abra a cabeça e escute.

Ren cruzou os braços sobre o peito.

– Muito bem. Estou escutando.

– Primeiro, preciso esclarecer uma coisa. Quando você e Kishan estavam declarando seus sentimentos a Jīnsèlóng, você falou a sério tudo o que disse?

– Falei. Cada uma das palavras foi muito sincera.

– Esse era o meu medo – balbuciei.

– Por que está dizendo isso?

– Bom, lá vai. Você é o meu primeiro amor. É mais importante para mim do que a água ou o ar. Graças a Lùsèlóng, você já sabe disso, mas o mínimo que posso fazer é confirmar. Eu queria ter sido capaz de poupar você de toda a dor e a tortura por que passou. Gostaria que Lokesh não tivesse encontrado a gente e que ainda estivéssemos na faculdade. Tudo era fácil naquela época.

Ren ergueu uma sobrancelha.

– Bom, pelo menos era *mais fácil*. Eu queria que nós nunca tivéssemos nos separado e que você estivesse comigo em Shangri-lá.

Ele apertou a palma da mão contra a minha bochecha e me acariciou de leve com o polegar.

– Você sabe que eu penso a mesma coisa.

– É, eu sei. Mas isso não muda nada. Refleti sobre isso durante muito tempo. Para falar a verdade, desde que você me esqueceu. – Desviei o olhar e torci as mãos. Gaguejando, prossegui: – Isto não é fácil para mim, e não estou falando de maneira leviana. Mas, pesando tudo na balança, simplesmente é o que faz mais sentido.

– Ande logo com isso. O que está tentando dizer?

Eu respirei fundo e olhei nos olhos dele.

– Você fica tentando fazer com que eu reconheça que ainda estou apaixonada

por você. E tem razão. Eu estou. Estou *loucamente* apaixonada por você e não sei se algum dia o que eu sinto por você vai mudar, mas...

– *Mas* o quê?

O rosto dele escureceu um pouco. Eu até pisquei para ver direito, achando que fosse minha imaginação.

– Mas... eu não posso escolher você desta vez. Eu escolhi... *Kishan*.

Ele tirou a mão do meu rosto e deu um passo para longe. Olhou para mim com descrença e então assumiu uma expressão cheia de raiva. A ira se transformou em insegurança e depois uma espécie de frieza tomou conta de seu rosto. Ren passou um longo minuto sem dizer nada.

Eu não sabia dizer o que ele estava pensando e, ansiosa, estendi a mão e peguei no antebraço dele.

– Preciso que você compreenda. Isso não significa que eu não *precise* de você. Eu sempre...

Ren se empertigou e assentiu com educação, fazendo com que eu me lembrasse daquele dia tão distante na selva quando eu o dispensei depois de ele pedir permissão para me beijar. Rápido, ele falou:

– Claro. Eu compreendo.

Ele se virou para a porta aberta e já ia sair quando corri até a porta.

– Mas, Ren...

Ele virou a cabeça de leve para que eu visse seu perfil. Como se doesse olhar para mim, ele baixou os olhos e disse baixinho:

– O tigre branco *sempre* vai ser o seu protetor, Kelsey. Adeus, *priyatama*.

24

O mar de leite

Adeus? Eu nunca faço isso do jeito certo! Por que sempre estrago tudo? Minha intenção era lhe explicar por que eu não o tinha escolhido. Eu queria que compreendesse o meu raciocínio... ou que pelo menos me escutasse. Sinceramente, pensei que ele fosse tentar me convencer a mudar de ideia. Dizer que eu era uma idiota e que estava deixando que meus medos mesquinhos me assustassem e me fizessem desistir de algo maravilhoso, de algo perfeito.

Achei que seria mais fácil, mais prático, se simplesmente escolhesse Kishan. *Não. Prático é a palavra errada.* Mais seguro. *Essa é a palavra certa. Ren* assumiu riscos. *Ren* se rodeou de mulheres bonitas de biquíni. *Ren* me sujeitou a Randi. Eu sei por que ele fez aquilo tudo, mas isso não anula o fato de que, ainda assim, ele fez o que fez. E se aparecesse outra oportunidade para "me salvar", ele não iria hesitar. Iria se sacrificar mais uma vez, e eu ficaria sozinha. Eu quase fiquei com o homem dos meus sonhos. Mas *quase* não conta.

Quase vencedores nunca são lembrados. Ninguém se importa se você *quase* fez uma cesta. *Quase* virou o placar quando o juiz apitou o fim do jogo. *Quase* deu o passe perfeito. O que conta é o placar final. Eu era um técnico que tinha mandado para o banco o jogador novato que era a estrela do time. Eu tinha meus motivos, mas os torcedores não se importavam com isso. A única coisa que viam era um técnico que tinha tomado uma decisão que eles consideravam péssima.

Mas, falando sério, por acaso você escala o novato no jogo que vale o campeonato na esperança de que seu entusiasmo faça cestas? Ou será que coloca

seu jogador mais lento, porém mais constante? Os jogadores que mostraram seu valor durante toda a temporada? Talvez não tenham marcado tantos pontos, mas estão sempre lá quando o time precisa. *Caramba! Será que estou mesmo pensando em uma analogia esportiva? Devo estar desesperada.*

Além do mais, quem cuidou de mim quando Ren teve a nobreza de se deixar ser sequestrado? Kishan. Quem deu foras na Randi quando ela me insultou? Kishan. Quem me deixa usar o meu cabelo do jeito que eu quero? Kishan. Quem disse que estava disposto a me deixar ficar com outro se isso fosse o que eu realmente queria? Kishan. Quem nunca discute comigo? Kishan. Quem não tocou em mim quando pedi? Kishan. Eu me distraí por um momento pensando numa briga com Ren que acabou com ele me agarrando e eu *gostando* disso, então afastei a ideia. *No que eu estava pensando mesmo? Ah, sim. Em Kishan.*

Kishan era uma aposta certeira. Amar Ren era um risco.

Hum... talvez eu devesse entrar para um grupo de anônimos. Dava para imaginar como seria.

Oi. Meu nome é Kelsey e eu sou viciada.

Oi, Kelsey.

Faz dois minutos que deixei Ren ir embora, e acho que vou cair em tentação.

Não! Seja forte, garota! Estamos aqui para lhe dar apoio.

Certo. Mas vocês não entendem. Eu não posso viver sem ele.

Claro que pode. É só viver um dia de cada vez.

Estão dizendo que preciso passar um dia inteiro sem vê-lo?

Meus colegas viciados iriam dar risada. *Passar a vida toda, menina. Precisa cortar o mal pela raiz. Removê-lo completamente da sua vida. Lembranças só vão servir de tentação. Você é viciada e está em negação. Agora, vamos repetir a prece da serenidade:*

Concedei-me serenidade para, de modo altruísta, abrir mão do meu
relacionamento para salvar a humanidade;
E para aceitar que o homem que eu amo não pode e não vai mudar;
Coragem para permitir que ele alcance seu potencial e cumpra seu destino;
E sabedoria para ficar o mais longe possível dele.

Suspirei e escorreguei para debaixo das cobertas do palácio de gelo. Será que eu realmente posso esperar que Ren me veja com o irmão dele e continue por perto como se estivesse tudo bem? Seria cruel, como ele disse. Eu não seria capaz de fazer isso se estivesse em seu lugar. *Talvez Lokesh pudesse me matar, e assim todo mundo ficaria melhor. Acho que meu desaparecimento resolveria os problemas de todos.* Caí no sono e sonhei com Lokesh à minha caça na selva, como quando Lùsèlóng caçou os rapazes, só que eu não tinha garras para me proteger.

Acordei me sentindo perdida antes de lembrar que estava no palácio do Dragão de Gelo. Virei para o lado e pus as mãos em concha sob a bochecha. A cama se agitou um pouco e brilhou de leve quando criaturas minúsculas subiram à superfície, aquecendo e massageando todos os pontos em que meu corpo tocava no colchão. Meus pensamentos retomaram as ideias da noite anterior. Eu não estava muito confiante de ter tomado a decisão certa, mas estava determinada a cumprir minha resolução, independentemente de qualquer coisa.

Anexo ao estranho quarto de dormir havia um banheiro. As torneiras transparentes do chuveiro abriram com facilidade e a água azul caiu em cascata saindo de uma série de jatos. Era quente e fumegante, apesar da aparência cristalizada. Usei um xampu em gel azul-celeste para lavar o cabelo. Fez minha cabeça formigar e tinha cheiro de menta.

Não havia toalhas, mas, quando desliguei o chuveiro, recebi uma série de jatos de ar. Fiquei lá parada, sentindo-me um carro velho num lava-rápido. O ar quente atingia o meu corpo de todos os ângulos e, depois que superei a surpresa, comecei a gostar daquilo. *Hum. Agora entendo por que os cachorros põem a cabeça para fora nas janelas dos carros.*

Quando estava totalmente seca, saí e, desanimada, tentei passar os dedos pelo cabelo. Minha cabeça parecia uma enorme bola de algodão. Iria demorar uma eternidade para pentear os fios, por isso deixei-os assim e recorri ao Lenço para pedir mais roupas. Então fui atrás dos outros seres humanos. Bom... da coisa mais parecida com seres humanos, pelo menos. Encontrei meus tigres tomando café da manhã com o dragão.

– Hummm... que cheiro bom.

– Não quer se juntar a nós, minha cara? – convidou o dragão, educado. Então ele ergueu os olhos. – Nossa, você está... felpuda.

Gemi e puxei uma mecha de cabelo eriçada para dar uma olhada. Kishan olhou para mim e começou a rir. Estreitei os olhos.

– Não tem graça. Vocês por acaso não têm uma escova ou um pente, têm?

Kishan respondeu:

– Não. Desculpe, Kells.

– Yínbáilóng?

– Nós, dragões, não precisamos de tais acessórios.

Bufei e me sentei.

– Eu tenho um – disse Ren baixinho do outro lado da mesa.

Eu estava evitando olhá-lo nos olhos. Tentar ignorar sua presença não tinha dado muito certo, já que eu estava ultraciente dela, mas eu havia me esforçado. Resignada, ergui os olhos, mas ele já tinha virado para o outro lado.

Ren enfiou a mão na bolsa de tesouros e tirou de lá um pente de ouro. Ele se levantou da cadeira, veio até o meu lado da mesa e o colocou com gentileza ao lado do meu prato, então saiu da sala de forma abrupta. Peguei o tesouro delicado e fiquei imaginando como poderia usar algo tão valioso para domar minha juba desgrenhada. Ele era estreito, mais ou menos do tamanho da minha mão, com dentes compridos. A parte de cima era de madrepérola entalhada e mostrava um cavaleiro montado matando algum tipo de besta.

Kishan espetou uma fatia de melão e disse, com um sorriso:

– Eu até gostei do jeito que está agora.

Depois do café da manhã, segui Kishan e o dragão até a sala de estar. Ren já estava à nossa espera. Peguei o pente e comecei a desembaraçar meu cabelo enquanto Yínbáilóng nos falava sobre as cavernas de gelo e a chave oculta de que precisaríamos para acessar o Sétimo Pagode. Ele disse que a chave só poderia ser resgatada por alguém que tivesse o sangue dos deuses correndo nas veias.

Não dei total atenção ao que o dragão falava. Minha mente estava distraída, o que não era bom, levando em conta que nós três tentaríamos pegar o Colar de Pérolas de Durga e sair de lá vivos. Felizmente, Kishan parecia estar atento. Eu sorri e sonhei acordada um pouco enquanto penteava o cabelo de maneira metódica.

Minha cabeça viajou para um outro tempo, uma agradável noite indiana quando Ren penteou meu cabelo com delicadeza. Meu couro cabeludo começou a coçar e estremeci ao me lembrar do toque suave e hesitante dele. Ergui os olhos e flagrei Ren me observando com intensidade. Corei, imaginando se ele estava pensando sobre a mesma coisa. Ele se apressou em afastar o olhar e voltou a escutar o dragão. Quando finalmente domei o meu cabelo e o trancei, os três tinham formulado um plano. Estava na hora de partir.

Peguei minha bolsa, deslizei Fanindra pelo braço e saí atrás de Kishan, Ren e o dragão branco por uma porta de gelo. Entramos num salão enorme sem mobília. Estávamos cercados por todos os lados pelo gelo transparente e o mar escuro estava iluminado do lado de fora do cubo. Criaturas estranhas de diversos tipos nadavam preguiçosamente ao nosso redor.

– Chamo este salão de aquário – anunciou o dragão branco.

– Só que *nós* somos os peixes – brinquei.

Eu me aproximei da parede e Kishan veio atrás. Um pepino-do-mar diáfano se movia ao longo do vidro, deixando um rastro. Caramujos e estrelas-do-mar também se prendiam à parede translúcida. Olhei para além da estrela-do-mar e pulei para trás ao ver um peixe enorme, do tamanho de um pufe, com grandes olhos brilhantes e a boca escancarada.

Outros tipos de peixe fizeram com que eu me contorcesse. Enguias com cabeças imensas e mandíbulas largas o suficiente para engolir peixes maiores do que elas mesmas; peixes-pescadores com dentes grandes e uma luzinha que pendia da cabeça; e peixes-lanterna com uma fileira de luzes estroboscópicas minúsculas que se estendia pela parte de baixo do corpo passavam nadando, prontos para abocanhar nossos dedos. Peixes-víbora com presas curvadas tão compridas que não conseguiam fechar a boca, lagostas e caranguejos albinos, águas-vivas coloridas e uma coisa que Yínbáilóng chamou de lula-vampiro também se aproximaram para olhar.

Uma silhueta escura enorme passou pela caixa de gelo e soltou um urro.

– O que foi aquilo? – perguntei, abalada. – Por favor, digam que não foi um tubarão gigante.

Yínbáilóng deu risada.

– Foi uma baleia cachalote. Elas são as únicas criaturas grandes que conseguem chegar a esta profundidade. De vez em quando gostam de parar para fazer uma

visitinha.

– Ah – falei, um tanto aliviada. – E em que profundidade nós estamos?

– Bom, vamos apenas dizer que, normalmente, vocês não conseguiriam sobreviver aqui. A pressão iria matá-los. Felizmente, estão protegidos, desde que permaneçam nos meus domínios. Os dragões suportam qualquer pressão. Eu poderia sobreviver até na fossa das Marianas, a mais profunda do oceano, apesar de não ser um lugar muito agradável para um passeio. Prefiro o fundo da zona batipelágica.

– O que é isso? – perguntou Kishan.

– Os oceanos são divididos em quatro zonas de acordo com a profundidade. Jīnsèlóng vive na zona eufótica, que compreende os primeiros 200 metros do oceano. Ali crescem plantas e há uma ampla variedade de vida marinha. Mas ele sai de lá para buscar tesouros em todas as zonas. A zona mesopelágica é a seguinte. Ela não tem vida vegetal, mas diversos animais buscam sustento em suas profundezas. É ali que se encontra a maior parte das espécies de tubarão.

O dragão branco lançou um sorriso breve para mim e prosseguiu.

– Nós estamos entre mil e quatro mil metros de profundidade, a zona batipelágica, onde o único grande animal, como mencionei, é a cachalote. O alimento é escasso, mas eu sustento aqueles que escolhem compartilhar do meu reino. Logo mais é a hora da refeição, que é uma coisa e tanto de se ver. Abaixo deste nível fica a zona abissal, que prossegue até o fundo do mar. Não acontece muita coisa por lá. Mas o Sétimo Pagode *de fato* se localiza na parte superior da zona abissal. Na verdade, não é muito mais profundo do que este lugar em que estamos agora e, depois que chegarem ao mar de leite, a viagem deve ser tranquila.

Dei uma cotovelada em Kishan.

– Mar de leite? Já falamos sobre isso?

Kishan se inclinou para perto e sussurrou:

– Depois eu explico.

– Obrigada.

O dragão perguntou:

– Querem me ver alimentar os peixes antes de partirem?

– Se você não se incomodar, dragão, nós gostaríamos de ir andando – disse Ren, parecendo irrequieto.

– Muito bem. Assegure-se de estar sempre aquecida, minha cara.

– Hã... tudo bem.

Lembrete: da próxima vez que estiver na companhia de um dragão branco no fundo do mar, preste atenção no que ele disser!

Kishan usou o Lenço para fazer um casaco acolchoado e equipamento de neve para mim. Ajudou-me a vestir o casaco e me entregou um par de luvas tão grossas que deixavam minhas mãos inúteis. Enrolou um cachecol no meu pescoço e completou a roupa não com um, mas dois gorros.

– Você não acha que exagerou um pouco? Estou me sentindo um boneco de neve.

– Faz frio no lugar para onde vamos – explicou Kishan. – E...

– Afastem-se – interrompeu o dragão. – Preciso assumir minha forma natural para abrir as portas.

Eu não tinha visto nenhuma porta além daquela pela qual tínhamos entrado, mas Kishan me imprensou contra uma parede enquanto eu fingia não reparar nos peixes famintos com dentes gigantescos que batiam inutilmente contra o gelo, tentando dar uma mordidinha. Yínbáilóng estalou e se estilhaçou em mil fragmentos que reluziram e desapareceram logo antes de uma massa branca cintilante se esparramar pelo chão vitrificado. Suas garras de dragão eram azuis, assim como seus olhos. A parte inferior da barriga brilhava como a aurora boreal. As escamas de seu lombo pareciam diamantes brancos e reluziam quando ele se movia.

O rosto comprido do dragão branco se esticou na minha direção com um sorriso, e sua língua azul bifurcada se projetou quando eu ouvi uma risada na minha mente. Os dois chifres na parte de trás da cabeça dele pareciam com pingentes de gelo compridos, e havia mais na ponta da cauda. Uma crina branca se estendia do alto da cabeça nobre e descia pelas costas.

Tirei uma luva e acariciei o focinho do dragão. Descobri que era macio e quente, nem um pouco gelado.

– Você é lindo!

Obrigado, minha cara. Gosto de pensar que sou. Agora, recuem para que eu possa abrir a porta.

Yínbáilóng tombou a cabeça para olhar para uma parede. Sua boca se abriu e revelou fileiras compridas de dentes pontudos. Seu corpo começou a brilhar

cada vez mais forte, a ponto de eu precisar desviar o olhar. O clarão pareceu se mover na direção de sua cabeça até se concentrar no olho. Uma luz azul disparou da órbita que não piscava e penetrou na parede. Camadas de gelo grosso se soltaram, como se estivessem derretendo. Apertei os olhos e vi uma porta onde antes não havia nada. Quando o dragão ficou satisfeito, ele recuou, soltou uma baforada gelada e retomou sua forma humana.

– Pronto. Atravessando esta porta, há um caminho que vai levá-los diretamente ao mar de leite. Uma vez que o cruzarem e encontrarem a guardiã, ela vai conduzi-los à chave e ao Sétimo Pagode. Escutem as instruções dela com atenção. Então, querem ajuda para prender as correias?

– Boa ideia – disse Kishan.

– Você primeiro, minha cara. Vamos garantir que fique confortável.

No momento em que comecei a perguntar do que todo mundo estava falando, Kishan me conduziu pela porta para um trenó feito de gelo. Com rapidez, empilhou cobertores grossos em cima de mim e me amarrou.

– Nós vamos de trenó – explicou.

– É. Já percebi. Onde estão os cachorros?

O dragão deu tapinhas na minha cabeça e respondeu:

– Os rapazes vão puxar o trenó.

– O quê? Como? Eles vão congelar.

– Estarão perfeitamente aquecidos. Cavalheiros?

O cabelo de Ren caiu em seu rosto quando se abaixou para amarrar a bolsa ao trenó. Ele estava tão próximo que seu cheiro quente de sândalo me envolveu. As pontas dos meus dedos coçaram para alisar o cabelo dele para trás, mas ele se levantou sem nem olhar para mim, assentiu, e ele e Kishan se transformaram em tigres. Fiquei olhando perplexa quando o dragão os prendeu aos arreios do trenó.

– Eles não precisam me puxar – gaguejei. – Posso ir andando.

O dragão imediatamente dispensou minha sugestão.

– Assim vai ser bem mais rápido. Além do mais, não é bom se demorar muito no gelo. Os animais ficam mesmo *muito* famintos aqui. Estas paredes são grossas, mas nunca se sabe quando poderão rompê-las.

– E quando diz romper está falando de... atravessar o gelo?

– Estou. Eu solidifiquei os túneis recentemente, mas a pressão é imensa nesta

parte do oceano. Claro que nem sempre vocês estarão vulneráveis ao oceano. Os túneis de gelo levam a cavernas, que também serpenteiam através de pedras.

– Legal. Então, como é que eu dirijo esta coisa?

– Esta é a parte interessante. Não precisa dirigir. Seus tigres vão achar o caminho para você.

– Maravilha – murmurei, sarcástica.

– Boa sorte para todos vocês. Desejo-lhes o melhor.

Com isso, o dragão fechou a porta e nós ficamos mergulhados na escuridão. Fanindra se enrolou no cabo do trenó e iluminou a caverninha com os olhos verdes.

– Certo, rapazes. Vamos em frente, eu acho...

Ren saltou primeiro e o trenó sacudiu com perigo de um lado para outro durante um tempo, até os irmãos sincronizarem o ritmo. Observei os tigres correrem, com as unhas se enfiando no gelo, e fiquei de olho nos peixes famintos, preocupada. A certa altura, um peixe do tamanho do Hummer de Ren se interessou por nós. Ele nos acompanhou por vários minutos e chegou a dar cabeçadas no túnel de gelo, arranhando-o de leve com os dentes longos e pontudos antes de se afastar nadando – para o meu alívio. Ren e Kishan pareciam possuir quantidades infinitas de energia e correram durante muitas horas, parando apenas para breves intervalos de descanso.

Não sei como, mas, em algum lugar do túnel de gelo, eu caí no sono, apenas para ser acordada por um solavanco repentino pelo caminho. Pisquei várias vezes na escuridão, imaginando que distância havíamos percorrido. O túnel liso de gelo que atravessava o oceano tinha se transformado em um caminho de neve com protuberâncias rochosas, e percebi que estávamos rodeados de terra, não de água. Insisti para que parássemos e os irmãos pudessem comer, e desejei uma panela inteira de carne assada para cada um deles. Bebi um chocolate quente fumegante enquanto eles comiam e descansavam.

Fazia frio. Eu me sentia como o homem de lata. Todas as minhas juntas tinham se congelado na posição em que eu caíra no sono. Eu me ajeitei, tentando achar uma posição mais confortável, e, sem conseguir, tentei soltar minha correia de segurança para que ela não fizesse pressão no meu ombro.

Frustrada, arranquei a luva e imediatamente senti a diferença de temperatura. O frio era tão gélido que doía. Era o tipo de frio que penetrava nos ossos, e nem o mais quente dos banhos seria capaz de voltar a me aquecer.

Depois de mais algumas horas de corrida, Ren e Kishan resolveram parar a fim de passar a noite. Soltei os tigres dos arreios, pedi ao Lenço que fizesse uma barraca e uma dezena de cobertores e me enfiei sob eles. Meus tigres se aninharam bem perto de mim, um de cada lado e, como superaquecedores, permitiram que eu ficasse bem quentinha a noite toda.

Retomamos nossa jornada no dia seguinte. Mais ou menos no meio da manhã, a caverna se abriu em um espaço maior com um lago congelado. Os tigres caminharam sobre o gelo com cuidado, farejando ao avançar. Depois de mais alguns passos cautelosos, voltaram a correr, apesar de mais devagar. Eu não fazia ideia de como eles sabiam aonde ir, mas seguiram em frente, os dois com a cabeça apontada para a mesma direção. Talvez fosse sexto sentido de tigre. Ou, mais provavalmente, eles sabiam aonde estavam indo porque ouviram o que o dragão branco tinha dito enquanto minha mente se ocupava com outros assuntos.

Entramos em mais um túnel no lado oposto do lago. Não demorou muito até chegarmos a uma sala escavada. O caminho de gelo fazia um círculo ao redor dela; no centro, havia uma fonte alta de pedra. Ren e Kishan pararam e pedi ao Lenço que fizesse roupas para eles enquanto eu os soltava. Quando estavam livres, voltei minha atenção para a fonte, que tinha cerca de seis metros de altura, quatro bacias e estava coberta de gelo.

Kishan deu de ombros dentro de seu casaco grosso e caminhou até onde eu estava.

– Agora é com você, Kells. Liberte a guardiã.

– Como? O que eu tenho que fazer? – perguntei, nervosa, imaginando que tipo de situação assustadora me aguardava.

– Derreta o gelo – respondeu Kishan, apontando com a cabeça para a fonte.

Aliviada, relaxei e sorri.

– Isso eu posso fazer. Água corrente... é pra já!

Tirei as luvas e ergui ambas as mãos. Começando pelo alto da fonte, fui

descendo lentamente. Cada centímetro que eu derretia revelava lindos entalhes minuciosos de peixes, golfinhos, estrelas-do-mar, caranguejos e tartarugas. Meu poder começou a enfraquecer quando eu só tinha derretido um terço da fonte.

– Qual é o problema? – perguntou Kishan.

– Ela está com frio – respondeu uma voz calorosa atrás de nós.

Uma voz que eu tentava ignorar desesperadamente.

Kishan pegou minha mão e a esfregou entre as palmas.

– Assim está melhor? Tente agora.

Eu tentei, mas o calor logo arrefeceu e, pior ainda, a água que eu tinha derretido estava voltando a congelar.

– Talvez você só precise descansar um pouco – sugeriu Kishan.

Ren se aproximou e estendeu a mão em silêncio. Eu dei uma olhada nela e sacudi a cabeça.

– Não seja teimosa, Kelsey.

Esfreguei as palmas das mãos com vigor e retruquei:

– Eu posso fazer isso sozinha, obrigada.

Acessei o meu núcleo interno de fogo e dei tudo de mim no aquecimento, determinada a não pegar a mão de Ren e não me permitir sucumbir à queimação que eu sentia quando ele me tocava. Eu seria capaz de terminar o trabalho sem ele.

Forcei o calor até a caverna começar a vibrar com ele. O gelo derretia cada vez mais rápido. Comecei a suar com o fogo que fazia meus braços arderem. Quando finalmente derreti a parte de baixo da fonte, tive uns dois segundos para me maravilhar com a sereia em tamanho natural que eu havia revelado antes de desabar aos pés de Kishan. Ele me pegou no colo e me acomodou na beirada da fonte para descansar. Ren me deu uma bronca, apesar das minhas garantias verbais de que estava bem e da minha ordem para que ele ficasse quieto.

Agora que a água corria livremente, vi como a fonte era linda. A água não era transparente, nem mesmo azul. Era de um branco leitoso e reluzia. Golfinhos no alto da fonte jogavam água na segunda bacia, ao passo que peixes de pedra saíam da parte mais alta da terceira bacia e faziam o líquido escorrer para a próxima. Tartarugas estendiam-se como se estivessem tomando banho de sol nas pedras e a sereia agitava o rabo e penteava o cabelo comprido com os dedos

e... *espere...* a sereia estava *viva*!

Ela deu risadinhas e agitou os dedos para Kishan em um gesto sedutor.

– Mas que garota de sorte você é para ser carregada no colo por um homem tão lindo.

– Sou, sim. Tenho tanta sorte que nem imagina. Você é a guardiã da chave?

– Isso depende. – Ela se inclinou para a frente e sussurrou em tom conspiratório: – Cá entre nós, garotas, será que posso ficar com um desses dois?

Eu franzi a testa.

– O que exatamente você gostaria de fazer com ele?

A sereia riu novamente.

– Tenho certeza de que posso pensar em algo.

– Eles têm garras e rabo, sabia?

– E eu tenho escamas. E daí?

– É, você tem mesmo escamas – disse Kishan, baixinho, em tom de apreciação.

Dei um tapa de leve no braço dele.

– Pare de olhar.

– Certo. – Ele limpou a garganta. – Nós realmente precisamos da chave para o Sétimo Pagode. Hum... Qual é o seu nome?

Ela fez um biquinho, cheia de charme.

– Kaeliora. Tudo bem, vocês podem levar a chave. Mas vão ter que pegá-la sozinhos. Se não posso ficar com um dos homens, então não há nenhum bom motivo para voltar a molhar o cabelo. – Ela franziu a testa e espiou seu reflexo na água. – Está coberto de gelo faz tanto tempo que as raízes estão ressecadas – reclamou, antes de pegar um pente feito de coral e começar a pentear com cuidado o longo e volumoso cabelo loiro.

Quando chegou a um trecho que cobria a parte superior direita do corpo, arquejei baixinho. Ela tinha escamas mesmo. Era toda coberta por elas. Os braços, o rosto e as costas eram humanas, mas as escamas do seu rabo de peixe subiam por quase todo o torso e se enrolavam pelo pescoço como uma blusa frente-única. Quando ela se virou para olhar seu reflexo na água mais uma vez, vi que toda a parte da frente de seu corpo era envolvida por escamas como se fossem um macacão justinho que, de algum modo, parecia mais provocador do que se ela estivesse nua. As escamas de Kaeliora eram verde-arroxeadas e cinzentas, como as de uma truta arco-íris. Ela era linda e parecia estar querendo

atrair a atenção de Ren e Kishan.

Voltei os olhos deliberadamente para as tartarugas e disse:

– E então? Cadê a chave? Não precisa molhar o cabelo. Eu pego.

– Certo, mas, primeiro, onde está o meu presente? – exigiu ela, agitando os dedos.

– Que presente? – perguntei.

– Você *sabe*... Alguma coisa colorida e viva.

– É... desculpe. Nós não trouxemos nada para você.

Ela fez biquinho.

– Então acho que não vou poder ajudar.

– Espere – disse Ren.

Ele abriu a bolsa e pegou o colar de flores de lótus de Durga.

– A profecia dizia para deitar a coroa no mar de leite. É isto que você quer, Kaeliora? Flores?

Ele depositou as flores na água leitosa, onde flutuaram até os dedos estendidos da sereia.

– Ah! – Ela pegou o colar e aninhou os botões junto ao rosto. – Faz milhares de anos que não sinto o cheiro de um botão fresco. É perfeito.

Ela ajeitou o colar no pescoço e sacudiu o rabo, toda feliz.

Ficamos lá parados um minuto, esperando que ela voltasse a reparar em nós. A sereia admirou seu reflexo, as flores, seu cabelo e assim por diante.

Finalmente, eu disse:

– E a chave?

– Ah! Vocês ainda estão aí? Muito bem – balbuciou ela enquanto examinava o cabelo em busca de pontas duplas. – Está lá no fundo do lago.

– No fundo do lago? Como acha que nós vamos conseguir pegá-la? – indaguei.

Ela ergueu a cabeça e sorriu.

– Nadando, é claro. Que pergunta boba!

– Mas a água está congelada e é fundo demais!

– Não é assim *tão* fundo. Só tem uns seis metros, mas é frio mesmo. A pessoa que mergulhar provavelmente vai congelar antes de retornar à superfície.

– Eu vou – declarou Ren.

Algo estalou dentro de mim e não pude evitar pôr para fora.

– Mas é claro que você iria dizer isso! – gritei. – Está sempre disposto a se

colocar em perigo, não é mesmo? Não consegue resistir a uma causa nobre, por mais perigosa que seja! E por que não? Ele é mais rápido do que uma bala e consegue saltar sobre prédios altos. Como seria de esperar, você quer ir.

– Por que eu deveria ficar? – perguntou ele, baixinho.

– Isso mesmo. Está certo. Não tem absolutamente nenhum motivo para se manter em segurança. É só mais um dia na redação para você, não é mesmo, Super-Homem? Não, Homem de Gelo seria mais apropriado neste caso. Por que não? Vá logo! Saia voando e salve o dia, como sempre faz. Apenas tome cuidado para não voltar igual ao Mister Freeze. Ele era o vilão!

Kishan se intrometeu.

– Acho que está exagerando, Kells.

– É óbvio que estou. Mas todos nós temos papéis a desempenhar, não temos? O meu é o da namorada irritante que atrasa todo mundo. Você pode ser o bonzinho que fica para trás, consola a garota e dá tapinhas carinhosos na mão dela. E Ren pode sair para salvar o mundo. É assim que tudo isso funciona, não é?

Ren suspirou e Kishan olhou para mim como se eu estivesse louca, *o que era verdade*, e a sereia franziu o nariz e deu risada.

– Isso é tão divertido! – disse ela. – Mas não importa. *Ele* não pode ir. Só este aqui pode.

Ela apontou para Kishan e então ficou fascinada com as unhas das próprias mãos.

– O quê? Por que ele? – perguntei.

– Porque *ele* tomou o soma. Se este aqui tentasse entrar na água – ela apontou para Ren –, iria morrer imediatamente.

– Tomou o soma? Está falando daquela bebida na casa de Phet?

– Não faço a menor ideia de onde ele a tomou. Só sei que tomou. O poder bruxuleia na pele dele. Vocês não conseguem ver? É muito atraente.

Dei uma olhada em Kishan.

– Não, realmente não enxergo o poder dele.

– Bom, a água está cheia de poder. A minha função é mexê-la de vez em quando para que não se acumule no fundo. Se você encostar o dedo nela, vai levar o pior choque da sua vida. Se enfiar o braço, seu cérebro vai parar de funcionar. E se enfiar o corpo todo, *zap*! Vai virar canela flutuando no

cappuccino.

– Que legal – balbuciei.

– Mas a água faz maravilhas pelas escamas de uma garota. Banhos de leite são o máximo quando o rabo resseca. Mas nem tente fazer isso. Não existem apenas coisas boas e cremosas naquele lago. Todos os tipos de poderes especiais estão ali; e apenas uns poucos pertencentes a uma elite são capazes de acessá-los. Pode chamar de piscina dos deuses; só aqueles que têm um passe podem entrar nela. É algo exclusivo, e nenhum de vocês pertence ao clube. Ele provavelmente vai congelar assim mesmo, mas pelo menos é o único que tem uma boa chance. Ah, esqueci de mencionar: é melhor ser rápido. Meus dedos dos pés já estão resfriando e, se a fonte voltar a congelar antes de você voltar, não vai conseguir nem entrar nem sair do lago, e eu não vou poder dizer a vocês como pegar o Colar.

Nós ficamos lá parados, atônitos.

– Andem logo. Vão agora. Apressem-se.

Nós três saímos correndo, escorregando e deslizando pelo túnel até o lago. Ouvi as reclamações da sereia que choramingava porque seu rabo não recebia hidratação suficiente. Então nós fizemos uma curva e não deu mais para distinguir as palavras dela.

Kishan tirou o casaco e os sapatos enquanto usei meu calor para abrir no gelo um buraco grande o bastante para que ele entrasse.

Mal escutávamos Kaeliora gritar:

– É de ouro! Brilha no escuro! Não tem como deixar passar!

Kishan sacudiu os braços e as pernas, me deu um beijo e entrou direto pelo gelo. Ele ficou submerso vários minutos antes de sua cabeça irromper pela camada fina de gelo que agora cobria o buraco. Respirou fundo e disse:

– Ainda não a vi.

Fiquei lá preocupada, mordendo o lábio e tentando pensar numa desculpa racional para explicar por que eu não tinha reagido ao mergulho de Kishan na água perigosa da mesma maneira que reagi à possibilidade de Ren mergulhar. Logo consegui me convencer de que foi só porque eu não tivera tempo para processar meus sentimentos.

Kishan veio à tona mais duas vezes. Na última, disse:

– Eu a vi, e está bem longe. Mas tenho certeza de que consigo pegá-la.

Os dentes dele batiam e seus lábios estavam azuis.

Kishan submergiu mais uma vez e a sereia disse com a voz bem alta porém entediada:

– Ele não vai conseguir. Vai morrer congelado. Vocês podem ajudar, sabiam?

– Como? – vociferei em resposta.

– Você já sabe como.

Deixei mais alguns segundos se passarem antes de arrancar o meu casaco e depois o de Ren. Ele não disse nada e já parecia saber o que eu iria fazer. Ergui as mangas da camisa e lancei meu poder de raio no lago. Ren me puxou para junto do peito dele, apertou a bochecha contra a minha e deslizou as mãos pelos meus braços. Senti as chamas quentes lamberem minha pele quando o fogo dourado saiu não de uma, mas das duas palmas das mãos. Ele entrelaçou os dedos nos meus e o calor se intensificou.

O vapor se erguia do lago e o buraco cresceu rápido, expandindo-se por toda a superfície. Uma cabeça emergiu no meio e Ren sussurrou:

– Ele está bem. Estou ouvindo sua respiração. Você consegue fazer mais?

Assenti e continuei a esquentar o lago até não conseguir mais ver gelo e identificar Kishan nadando na nossa direção pela água leitosa.

Ele se aproximou e berrou:

– Nossa! Isso aqui está bem gostoso. Quase igual a uma sauna! Pena que vocês não podem experimentar!

Ao ver que ele estava em segurança, eu me afastei de Ren com um gesto abrupto. Ele ergueu uma sobrancelha mas não disse nada, apenas pediu ao Lenço que fizesse toalhas.

Kishan saiu da água e se sacudiu feito um cachorro. Ele me agarrou, me deu um beijo molhado e enfiou a chave na minha mão. Enquanto Kishan vestia roupas secas, corri pelo caminho agora enlameado e voltei para a fonte, com Ren me seguindo em silêncio.

Escorreguei e parei na frente da sereia semicongelada, lancei um raio de calor nela e então lhe mostrei a chave.

– Nós conseguimos pegá-la. E agora?

25

O Sétimo Pagode

– Que bom. Agora, escutem o que tenho a dizer com muita atenção. Vocês obviamente estão em busca do Colar e contam com a proteção de Durga. – Kaeliora fez uma pausa para cheirar os botões de lótus mais uma vez. – Caso contrário, eu não iria ajudá-los. Continuem a seguir este caminho. O túnel vai levá-los de volta ao oceano. Sugiro que percorram o gelo com rapidez, porque algumas das criaturas mais antigas do mundo fazem deste reino seu lar e não apreciam intrusos.

– O dragão branco não nos falou sobre isso – comentei, quando Kishan nos alcançou.

– Bom, faz muito tempo que ele não vem aqui embaixo e, além disso, as coisas que não afetam os dragões podem ser mortais para um ser humano. Alguns dos predadores mais apavorantes do oceano não passam de bichos de estimação para um ser como Yínbáilóng. Quando chegarem ao pagode, usem a chave para abrir a porta. O Colar se encontra dentro da concha de uma grande ostra numa lagoa de água leitosa, por isso, assegurem-se de que apenas ele – ela apontou com a cabeça para Kishan – tente buscá-lo. Esta é a parte fácil.

– Que ótimo... – resmunguei.

– A parte difícil... – Ela agitou o rabo e grunhiu baixinho. – Parece que voltei a congelar. Você se incomoda?

Suspirei e ergui a mão, mas não aconteceu nada.

– Ela não consegue mais. Está exausta – explicou Kishan.

Ren tirou a luva e pegou no meu pulso antes que eu pudesse sair de seu

alcance. Uma luz dourada disparou da palma da minha mão para esquentar a fonte toda. O vapor se ergueu da água, e a sereia mergulhou mais fundo, suspirando de prazer.

– Isso é maravilhoso! Você não faz ideia de quanto tempo faz que não me sinto quente de verdade. Obrigada.

– Não tem de quê.

Baixei a mão e tentei, discretamente, soltar o pulso da mão de Ren. Constrangida, dei um passo mais para perto de Kishan, que pareceu chocado. Olhei feio para Ren, que apenas desviou o olhar. Eu não estava *traindo* Kishan, mas me sentia como se tivesse sido pega no flagra beijando Ren. Havia algo diferente, algo especial na chama dourada, e eu não queria explorar esse seu caráter único.

– Não é nada – sussurrei.

A sereia discordou.

– Ah, eu diria com toda a certeza que é alguma coisa, sim. Não vejo uma conexão assim tão forte há milênios.

– Como assim, conexão? – indagou Kishan com educação, mas com um toque de desaprovação na voz.

– Aquela luz é mais poderosa do que a que ela consegue produzir sozinha. Ele funciona como... bom, como um filamento. Ela despeja a própria energia nele e ele a aquece. Então ele envia de volta a ela, como uma lâmpada. Eles criam um tipo de vácuo entre si; é dessa conexão que eu estou falando. É muito especial e rara de se ver. Quando eles se tocam, nada existe além dos dois. Só têm consciência um do outro.

Minha primeira reação foi de choque. *Isso explica muita coisa.* A sereia tinha acertado na mosca. Só havia um problema na teoria dela. Ren não *precisava* encostar em mim para criar um vácuo. Eu era capaz de senti-lo – sempre quente e poderoso – *o tempo todo.* Eu só precisava fechar os olhos e ele já me envolvia numa bolha tão forte que eu me esquecia de tudo e de todos. Ren de fato tinha *todo* esse poder.

Minha conexão com ele era cósmica. *Faz sentido.* Estávamos destinados a encontrar um ao outro para romper a maldição. Só isso. E, se eu evitasse tocar nele, provavelmente poderia me dar melhor como namorada de Kishan e, como resultado, ser menos acometida pela culpa. Talvez eu até fosse capaz de me

esquecer *daquele lá* e amar Kishan com todo o meu coração, o que era o meu objetivo, afinal.

Kishan olhou para mim, magoado e confuso, provavelmente interpretando mal as emoções que passavam pelo meu rosto. Peguei sua mão e minimizei as partes em que eu não queria pensar quando falei:

– Bom, acho que isso explica por que nós não conseguimos criar a luz dourada juntos, *se é* que podemos acreditar no que a sereia diz a respeito da analogia toda da lâmpada. Como se ela pudesse saber... Até parece que trocou muitas lâmpadas aqui no fundo do mar. – Dei risada, mas ninguém mais me acompanhou. Pigarreei e prossegui, gaguejando: – Mas com toda a certeza é uma ferramenta útil. Salvou a sua vida agorinha mesmo, Kishan.

Apertei a mão dele, como uma mensagem silenciosa de que iríamos conversar mais tarde, e pedi a Kaeliora que prosseguisse com o que ela deveria nos contar. Também lhe enviei um olhar de advertência para que ela não mencionasse outras coisas que deveriam permanecer omitidas.

– É, sim... Do que eu estava falando mesmo?

– Da parte difícil – completou Ren.

– Ah, sim. A parte difícil não é entrar. É sair. O Colar vai ajudar vocês a escapar. É só pedir a ele um caminho até a superfície. Ele é capaz de manipular a água, do mesmo jeito que o seu outro item manipula tecido. Mas há um grande predador à espreita no Sétimo Pagode. Ele não come. Ele não caça. Ele não dorme. Sua única razão de existir é impedir que vocês façam o que vão fazer.

– Ele é capaz de romper os túneis de gelo?

– Ele não vai precisar fazer isso. Vocês não podem voltar pelos túneis.

– Por que não?

– Porque, uma vez que atravessarem o limiar para dentro do pagode, os túneis vão derreter para impedir que qualquer ladrão em potencial fuja. A única maneira de chegar à superfície é pelo mar.

– Mas a pressão vai nos matar!

– Não se estiverem com o Colar. Mesmo assim, ainda vai ser muito perigoso. Compreendam isso antes de tomarem uma decisão. Vocês ainda podem voltar atrás se não quiserem se arriscar.

Os dois homens olharam para mim.

Eu mordi o lábio.

– Nós vamos seguir em frente. Afinal, chegamos até aqui.

– Muito bem. Antes de irem, tenho um presente para você, Aquele que Encontrou a Chave. Pode encher o seu cantil na minha fonte – disse ela com um floreio.

– O meu cantil? – perguntou Kishan, curioso.

– Sim. Um cantil. Um recipiente qualquer. Não tem nada assim? Durga deveria ter dado um a você.

– Durga?

– Sim, sim.

– Um recipiente de Durga? É o *kamandal*! – berrei, toda animada. – Você está com ele agora?

Ele puxou o cordão que trazia ao redor do pescoço e tirou a concha de dentro da camisa.

– Está falando disto? Mas não tem rolha.

– Não faz mal – garantiu a sereia. – Apenas mergulhe-o na fonte. Não vai precisar de rolha. Nenhuma gota vai derramar, a não ser que você deseje usá-lo.

Ele posicionou a concha sob um filete da água leitosa.

– O que devo fazer com o líquido? Matar alguém?

A sereia deu risada, um som borbulhante e alegre.

– Não. Suas propriedades vão mudar quando saírem deste lugar. Já não vai mais machucar vocês. O néctar da imortalidade deve ser usado quando estiver mais desesperado. Confie nos seus instintos. Usá-lo sem prudência é alterar o destino. Um homem sábio enxerga o caminho que todos devem percorrer e adota o livre-arbítrio da humanidade, mesmo que assistir a seus desdobramentos lhe cause dor.

Kishan assentiu e pôs o *kamandal* embaixo da camisa.

– Se a decisão de vocês for por avançar, sugiro que se apressem.

Ren e Kishan prepararam o trenó enquanto a sereia me chamou para uma conversa. Ela arrancou um botão do colar e o colocou na minha mão.

– Você é uma mocinha de sorte. O amor é capaz de superar muitos desafios. É um tesouro precioso que vale muito mais do que todas essas outras coisas milagrosas. É a magia mais poderosa do Universo. Não deixe que escorra por entre os dedos. Agarre-se a ele com toda a força.

Assenti e me afastei para arrear os tigres. Depois que estava acomodada e

amarrada com firmeza, me virei para olhar a sereia pela última vez. Ela nadava toda feliz em sua fonte. Fiz um carinho em Fanindra e amarrei uma das bolsas com mais segurança, então partimos.

Quando os rapazes deram a volta na fonte, fiquei pasma. A sereia e a fonte já estavam completamente congeladas. Gotículas leitosas pendiam suspensas no ar, pingando da boca de peixes congelados. Kaeliora tinha abaixado a cabeça para cheirar o colar de flores com um sorriso radiante no rosto. Os tigres começaram a correr e eu me ajeitei para fitar o caminho que se estendia à nossa frente.

Não demorou muito até dispararmos para dentro do túnel de gelo mais uma vez, correndo através do oceano. A água negra que nos rodeava de repente me deixou temerosa. À medida que avançávamos correndo, eu não consegui me segurar e comecei a cantarolar a música do passeio assustador no barco de Willy Wonka. Peixes de néon arrepiantes se aproximavam para dar uma olhada, apesar de a maior parte deles nos deixar em paz. Não tinham tamanho suficiente para romper o gelo, mas não demorou muito para que algo maior se interessasse por nós.

No começo, não vi nada além de uma sombra cinzenta. Achei que minha imaginação estivesse me pregando uma peça, mas então olhei para o lado e vi um olho gigantesco me espiando. Soltei um grito e os tigres pararam de supetão. Algo na nossa parada fez a criatura entrar em ação. Ela cutucou o túnel de gelo pela parte de baixo, com o nariz. O trenó de repente subiu no ar e desabou de volta ao piso. Kishan e Ren se estatelaram numa confusão de patas e rabos e o trenó caiu para o lado e foi com tudo contra a parede. Fiz força contra o gelo e nos endireitei enquanto os rapazes voltavam a se levantar.

A criatura nadou para a direita e raspou a lateral do corpo coberta de escamas no gelo. Fomos jogados para o outro lado e apareceu uma grande rachadura. Ren e Kishan voltaram a correr e a criatura veio atrás. Comecei a gritar para avisar sobre a posição dela, para que eles pudessem se preparar quando ela atacasse. Rachaduras iam se formando por todo o túnel. Eu sabia que seria fácil a água do mar entrar e nos matar. Nós não tínhamos as bolhas de ar do dragão – a única coisa que podíamos fazer era correr.

Os tigres avançavam cada vez mais depressa, mas a criatura nos ultrapassou com facilidade. A certa altura, não consegui mais enxergá-la e tinha acabado de soltar um suspiro de alívio quando olhei para a direita e vi algo nadando na nossa direção a toda a velocidade. Parecia um crocodilo pré-histórico. O focinho comprido se abriu todo quando ele veio bem para cima de nós. Ia morder o túnel de gelo e parti-lo ao meio!

Berrei mais uma vez e me preparei para o impacto. Fechei os olhos, cobri a cabeça e senti o túnel sacudir com violência quando a criatura o atingiu. Kishan e Ren derraparam para parar, fincando as garras no gelo. Tenho certeza de que estavam imaginando, assim como eu, se não seria mais inteligente dar meia-volta e retornar.

Enquanto esperávamos o tremor parar, olhei bem no fundo da bocarra do monstro. A única coisa que nos impedia de virar comida de peixe era o túnel. Cada dente tinha 30 centímetros de comprimento e atacava o gelo com uma força brutal. Começou a vazar água de cima, no lugar em que um dos dentes fez um furo. Kishan cutucou Ren com o focinho e eles voltaram a avançar correndo.

A criatura torceu a cabeça e urrou de frustração enquanto nos afastávamos dela. Mais rachaduras enormes foram aparecendo no gelo conforme seu corpo batia na parte de cima do túnel, tentando nos pegar. O barulho deve ter atraído atenção, porque a ela logo se juntou outra besta: uma enguia de rabo comprido que acabava em uma nadadeira. Ela enrolou completamente a cauda no túnel de gelo e o apertou. Ouvi vários estalos e a água começou a entrar, cobrindo as paredes e deixando o gelo escorregadio. Os tigres derraparam e precisaram diminuir a velocidade para fincar as garras e conseguirem tração.

Uma vibração sacudiu o túnel quando o crocodilo berrou e começou a lutar contra a enguia pelo prêmio. A enguia mordeu o rabo do crocodilo enquanto ele batia o corpo contra o túnel, prendendo-a. O gelo rachou antes de eles se afastarem nadando numa confusão de barbatanas. Os tigres aproveitaram a ausência das criaturas para seguir em frente com mais velocidade.

Fizemos uma curva e vimos uma projeção de pedra e um brilho dourado adiante. O Sétimo Pagode! Estávamos perto. Através do gelo, pude avistar o contorno do templo. Nós nos dirigíamos para uma montanha de pedra que se erguia do fundo do mar. Havia pilastras altas e painéis escuros que pareciam

vidro entalhados na montanha, apesar de eu saber que a pressão ali implodiria qualquer janela. O túnel levava diretamente para sua porta dourada.

Os tigres dobraram a velocidade, mas a primeira criatura tinha voltado e batia a cabeça com violência contra o túnel. Espirrou água em nós quando mais rachaduras apareceram. Fios de água congelados pingavam nas camadas grossas das minhas roupas, me fazendo tremer. A água gelada me atingia o rosto e o cabelo, congelando no mesmo instante e dificultando minha respiração. Um rio raso corria pelos nossos pés, deixando o caminho mais escorregadio, mesmo para as garras dos tigres. Ren e Kishan avançavam da melhor maneira possível, cientes de que aquela corrida seria disputada. Um medo frio se esgueirou para o meu estômago e disparou pelos meus braços e pernas.

Outro impacto e vi garras terríveis arranharem as laterais do túnel. Pontas de gelo perigosas, do tamanho de lanças, caíam e se espatifavam ao nosso redor. Um pedaço do túnel se abriu e um paredão de água desabou em cima do trenó, fazendo com que rodássemos. Estávamos a apenas seis metros da porta, mas o túnel se enchia com a água gélida do mar. O monstro mordeu o túnel mais uma vez. O terrível som de rachadura lembrava o de um pedaço de gelo se desprendendo de uma geleira. Eu me livrei das amarras do trenó e soltei Ren. Ele se transformou em homem com rapidez e se pôs a ajudar Kishan.

– Corra, Kelsey! Enfie a chave na fechadura.

Fui chapinhando pela água o mais rápido possível, mas minhas roupas me atrasavam. Agora, a água batia na minha cintura. Tentei encher os pulmões de ar, mas o choque da água congelada no meu corpo era insuportável. Meus pulmões se apertaram e não se expandiam nem se contraíam com normalidade. Pontadas de dor percorriam meus braços e pernas, e então foram se transformando em torpor. Ren e Kishan se aproximavam com rapidez atrás de mim. O crocodilo soltou mais um urro e uma onda de água congelante me atirou contra a porta dourada. Minha mão tremia quando tirei a chave do bolso com os dedos congelados. O buraco da fechadura estava embaixo da água e, por causa do pânico e da percepção incerta de profundidade, eu não conseguia enfiar a chave no buraco.

Senti mãos cobrirem as minhas e guiarem a chave de ouro. Nós a viramos e a porta se abriu bem quando uma onda nos lançou para dentro do Sétimo Pagode. Caí no chão ao lado das bolsas que Ren tinha jogado para dentro e me

levantei desajeitada enquanto os rapazes se jogavam contra a porta, tentando fechá-la contra o peso da água. Um objeto brilhante bateu no meu sapato. Eu me abaixei para pegar Fanindra e a aninhei contra o peito. Contente pelo fato de Ren ter se lembrado de pegar as bolsas e meu bichinho de estimação dourado, acariciei as voltas do corpo dela e lhe pedi desculpas.

Os irmãos de algum modo conseguiram fechar e trancar a porta, então desabaram no chão molhado, arfando. Eu me coloquei entre os dois e também deslizei para o chão.

Apoiei a cabeça no ombro de Kishan e disse:

– Conseguimos. Estamos no Sétimo Pagode.

No começo, eu só tinha consciência da nossa respiração. Então, comecei a tremer. Nós nos levantamos e, por decisão mútua, resolvemos nos trocar e vestir roupas quentes, comer e dormir. Ren e Kishan tinham usado toda a energia que possuíam. Eu me lembrei de que o treinador do circo de Ren, o Sr. Davis, certa vez me dissera que os grandes felinos dormem durante a maior parte do dia e usam sua energia em arroubos curtos. Aqueles dois tinham passado um bom tempo correndo e Kishan nadara feito um urso-polar. Eu sabia que eles estavam exaustos.

Exploramos o altar um pouco, à procura de um lugar para acampar, e descobrimos que era menor do que os outros castelos submersos. E não era frio como o palácio de Yínbáilóng – pelo contrário, era quente e escuro.

Rapidamente me sequei e fui arrumar os sacos de dormir na barraca enquanto o Lenço criava roupas quentes. Cada um preparou o próprio jantar usando o Fruto. Kishan comeu três pizzas, eu escolhi os pãezinhos com molho da minha avó, com batata roesti e ovos, e Ren pediu massa recheada, pães e salada – a primeira refeição que eu tinha feito para ele. Quando olhei feio para ele, Ren simplesmente ergueu uma sobrancelha e me desafiou silenciosamente a fazer algo a respeito. Cheguei à conclusão de que ignorar seria o melhor a fazer, por isso lhe dei as costas e cheguei mais perto de Kishan, que já estava na segunda pizza.

– Quer uma fatia?

– Não, tenho bastante comida, obrigada.

Ninguém falou mais nada. O clima era constrangedor. Comemos em silêncio e então nos preparamos para dormir. Dei um gole no chocolate quente e imaginei o que faria em relação a dormir tão perto de Ren na forma de homem. Kishan parecia não ver problema algum em nossas acomodações para dormir. Simplesmente entrou em seu saco de dormir e começou a roncar.

Ren se virou para mim.

– Você vem?

– Vou... daqui a um minuto.

Pensativo, ele me observou por um instante e depois entrou na barraca. Quando não pude mais adiar, puxei a aba e suspirei ao ver o lugar vazio – que era obviamente para mim – no meio, entre Ren e Kishan. Sem querer incomodá-los, peguei meu saco de dormir com cuidado e o coloquei do outro lado de Kishan. Só havia um espaço minúsculo, por isso, pedi ao Lenço que alargasse a barraca, entrei no meu saco de dormir e me virei de frente para a parede.

– Até parece que vou atacar você enquanto estiver dormindo... – disse Ren baixinho.

– Fico com muito calor entre vocês dois – menti.

– Eu podia ter trocado de lugar com você.

– Eu não ia querer que Kishan entendesse mal as coisas.

Ouvi um suspiro profundo.

– Boa noite, Kelsey.

– Boa noite.

Passei horas olhando para a parede da barraca e, apesar de ele não ter feito barulho, fiquei achando que Ren também não dormiu muito.

Quando acordamos – ou, no meu caso, resolvemos seguir em frente –, arrumamos tudo e saímos para explorar melhor o Sétimo Pagode. A estrutura ainda estava escura, e a luz que Fanindra criava só iluminava uma área pequena. Encontramos salas cheias de tesouros. Ouro, pedras preciosas e estátuas valiosas enchiam os pisos e as prateleiras de cada cômodo.

Entramos numa área cavernosa e paramos enquanto o som da nossa voz ecoava pelo espaço. Dava para ouvir uma cascata e sentir cheiro de mar, e fiquei

achando que os irmãos também tinham farejado alguma coisa, porque, ao mesmo tempo, os dois se colocaram na minha frente. Fomos avançando bem devagar, pé ante pé, e chegamos a uma bacia grande cheia de areia. Havia caixas com paus compridos em uma mesinha lateral.

– O que é isto? – perguntei.

Ren pegou um pau e o examinou.

– Incenso. É usado em altares.

Peguei alguns pauzinhos e os finquei na areia, do mesmo jeito que Ren tinha feito com os dele, e usei meu poder para acendê-los. Uma fumaça delicada com aroma de pinho se ergueu. Kishan abriu uma caixa de pauzinhos vermelhos e começou a encher a bacia com eles. Eu os acendi e meu nariz coçou ao sentir o cheiro doce de botões de flor. Reparamos que, à medida que o incenso queimava, a sala ia ficando mais iluminada.

O pagode era de tirar o fôlego! Foi só naquele momento que pudemos apreciar todo o seu esplendor. Estávamos num salão tão grande que caberiam centenas de pessoas ali com conforto. Pilastras douradas se erguiam à altura de três andares e sustentavam o teto pintado abobadado. Janelas grossas em forma de arco exibiam o mar de tal maneira que era como olhar para uma série de aquários fabulosos. Pergaminhos e murais detalhados estavam emoldurados nas paredes, mas, fora isso, as paredes e o teto eram pintados de vermelho com dragões laqueados soltando chamas.

O piso era feito de lajotas pretas reluzentes. Uma fonte pequena pingava num lago amplo que ocupava a maior parte do espaço. A água era branca como a do lago da sereia, logo, era impossível enxergar o que havia no fundo. Lembrei a mim mesma em silêncio para não tocar nela, por mais linda que fosse. Kishan e eu nos juntamos a Ren, que examinava um dos murais.

– Aqui está ele. O Colar. Estão vendo como repousa dentro da ostra? – disse Ren, todo animado, ao avistar um mural que representava o Colar de Durga rodeado por centenas de ostras.

– É... mas não dá para ver nada através da água. Ela é turva demais. Como é que Kishan vai encontrá-lo? E o que mais tem lá embaixo?

– De acordo com o mural, nada. Só um leito de ostras. Ele vai precisar abrir todas as conchas. – Ren deu um tapinha no ombro de Kishan. – Fico feliz que você tenha bebido o *soma* e não eu.

– Valeu! Bom, quanto antes melhor. Vocês dois fiquem me esperando aqui na beirada que eu vou jogar as conchas.

Ele tirou a camisa e chutou os sapatos para longe.

Quando me virei de novo para o mural, Kishan pegou na minha cintura por trás.

– Quer nadar comigo, linda?

– A água vai matá-la – disse Ren, seco.

Olhei com ódio para Ren, virei para dar um abraço em Kishan e sorri.

– Quem sabe mais tarde. – Dei um tapinha em seu peito nu e escorreguei a mão até a cintura. Cutucando os músculos firmes, falei: – Estou achando que precisa se exercitar mais, Kishan. Está ficando todo flácido com a idade avançada.

– Onde? – ele quis saber, tentando beliscar a pele da cintura.

Dei risada e disse:

– Estou brincando. Daria para ralar queijo na sua barriga. Ainda bem que não existem outras garotas por aqui. Todas elas estariam jogadas aos seus pés.

Ele sorriu.

– Uma garota jogada aos meus pés me basta. Além do mais, um homem precisa ser forte o bastante para salvar sua donzela em perigo, não é verdade?

Ren franziu a testa e nos interrompeu.

– O que vai usar como faca? – perguntou.

– Vou usar o *chakram*. Como você vai abrir as ostras?

– *Nós* vamos pensar em algo – afirmou Ren, logo antes de dar um empurrão semiamigável em Kishan na direção do lago leitoso.

Kishan apertou minha mão e entrou na água com cuidado. Alguns segundos depois, ouvimos um baque quando uma ostra pesada do tamanho de uma panqueca bateu no piso. Deixei Ren sozinho por alguns minutos para achar um jeito de abri-la e dei a volta no laguinho.

A cascata era linda. A água leitosa caía por cima das lajotas pretas para o lago abaixo. Havia alguns degraus, que levavam ao alto da fonte, e resolvi subi-los. Em um nível acima da queda-d'água, reparei numa alcova com outra fonte e algumas estátuas de mármore.

Dei uma olhada em Ren e ouvi quando ele disse a Kishan que continuasse jogando as ostras. Ele estava usando o tridente para abrir as conchas e, como eu

não tinha uma arma para mim, resolvi me demorar um minuto examinando as estátuas.

As figuras de mármore e ouro representavam três pessoas: dois homens e uma mulher. A mulher estava abraçada a um dos homens, que lhe oferecia um lindo de colar de pérolas. O outro homem os observava com ciúme. Uma parede de mármore grossa e curvada se estendia atrás da fonte, dos dois lados.

– Ren? Acho que encontrei Parvati e Shiva! Indra também está aqui!

– Já vou olhar. Só um minuto – gritou ele em resposta.

Havia algo mais. Uma das mãos de Indra estava fechada de forma ameaçadora, mas a outra apontava para trás da fonte, no lugar em que Shiva e Parvati estavam. *Isso pode ter algum significado. Deve haver mais alguma coisa ali atrás. Talvez outra estátua.* Desci os degraus da fonte, dei toda a volta pelo muro e então arquejei de choque e pavor. Havia um tubarão morto enorme estirado no chão.

– Não pode ser – sussurrei.

Seu nariz pontudo se erguia no ar e sua boca estava aberta, solta. Apesar de ser feito de mármore, eu tremi, imaginando como seria se ele me atacasse. Sua boca tinha tamanho suficiente para morder um dragão e parti-lo ao meio, o que dizer de um ser humano insignificante como eu? Impressionada, estendi o dedo e para tocar num dente serrilhado afiado, mas recuei no último instante.

Resmungando para mim mesma, eu disse:

– Isso é impossível. Nunca vi nada deste tamanho no especial de TV *Semana do tubarão*.

Talvez seja pré-histórico, pensei.

Pigarreei.

– Ren? – Nada de resposta. Chamei um pouco mais alto: – Ren? Será que você pode vir aqui? Por favor!

– Só um minuto, Kelsey. Quase consegui abrir esta aqui.

Eu me afastei devagar da criatura apavorante até minhas costas baterem na amurada de alabastro. Ali, paralisada, fiquei examinando o tamanho da criatura que me amedrontou mais do que qualquer coisa que eu já tivesse enfrentado. Os *kappa* eram gatinhos em comparação com esta coisa. E as aves estinfalianas? Meros canários. Comecei a tremer quando ondas de pânico tomaram conta de mim, obscurecendo tudo menos o monstro do qual eu não conseguia tirar os

olhos.

Sacudi a cabeça e sons baixinhos de choramingo saíram dos meus lábios. Desci a escada rápido, aos tropeços, parei na cascata e fiquei paralisada mais uma vez. A única coisa em que conseguia pensar era na palavra *não*. Eu a repeti na cabeça várias vezes – *não-não-não-não* – e só percebi que estava entoando em voz alta quando ouvi a palavra ecoada numa outra voz.

Ren apareceu à minha frente como que por magia, me abraçou e me segurou bem junto a ele. Massageando de leve a minha nuca, perguntou:

– *Não*... o quê, Kelsey?

– É impossível – sussurrei contra a camisa dele feito um zumbi.

– Vamos. Mostre o que você encontrou.

Uma parte do meu cérebro registrou o grito de Kishan:

– Ei! Onde está todo mundo? Bom, acho que vou ter que fazer tudo sozinho.

Ouvi quando ele lutou para abrir as conchas. Por saber que ele não estava em perigo, continuei com o nariz enterrado na camisa de Ren.

– Está tudo bem. – Ren me acalmou. – Vamos dar uma olhada. Eu vou com você.

Ele se afastou do meu corpo encolhido e me pegou pela mão. Agarrei a dele com as duas mãos e fiquei bem pertinho. Ele tocou os lábios bem de leve na minha têmpora antes de subir a escada. Passamos pela cascata. Quando vi a primeira estátua, comecei a tremer de novo.

Ele parou no alto e examinou as formas.

– Não estou entendendo. Qual é o problema, *strimani*?

Ergui a mão trêmula e apontei na mesma direção que Indra.

– É... – Minha voz tremeu. – É grande demais.

Ao perceber que eu não daria mais nenhum passo, ele soltou minha mão e deu início sozinho ao longo trajeto ao redor da parede de mármore. Observei quando o rosto dele registrou choque e depois uma determinação inabalável. Ele se agachou perto da cabeça do animal e o examinou.

Fiz uma careta pensando que, em comparação com o tubarão, Ren parecia um biscoitinho que se mergulha no café. *Ele deve ser uma delícia, quem sabe até crocante. Mas até ele não passava de um aperitivo. Quanto a mim, talvez lembrasse um talo de aipo. Não seria o mais gostoso, então era melhor me lambuzar toda de molho de queijo para que o tubarão não tivesse o trabalho de*

me cuspir. Kishan talvez fosse um pouco mais carnudo. Seria como um rolinho primavera. Mesmo que o tubarão comesse nós três, é provável que ainda precisasse voltar para se servir mais duas ou três vezes, de tão imenso que era.

Ren fez uma pausa para examinar a estátua por um instante e então se virou para mim.

– Vai ficar tudo bem, Kelsey. Tente não se preocupar.

– Tentar não me preocupar? É um tubarão gigante!

– É, mas...

– Ren! Um macaco-aranha está para o King Kong do mesmo jeito que um grande tubarão-branco está para esta coisa!

– Eu sei, mas...

Ele foi interrompido por Kishan, que perguntou, irado, lá do nível abaixo do nosso:

– Onde vocês estão?

Caminhei até a amurada e acenei para ele.

– Estamos aqui em cima. Vamos descer já, já.

– Tudo bem.

Amuado, ele voltou a abrir as ostras e eu me virei para Ren.

– Mas o quê? Você não entendeu? Este é o grande caçador que não dorme nem come... a coisa sobre a qual a sereia nos avisou. Sua única razão de existir é impedir que nós cheguemos à superfície!

– Nós não sabemos se esta é a mesma criatura de que ela falou.

– Para mim parece bem provável que seja!

– É o seu medo que está falando. Sei que está assustada, mas não adianta nada entrar em pânico por causa de algo que ainda não aconteceu e talvez nem aconteça.

– Eu não quero ser comida por um tubarão – choraminguei baixinho.

Ren me abraçou, sorriu e disse:

– É bem mais provável que você seja comida por um tigre. Lembra?

Assenti com um gesto fraco e funguei quando uma lágrima escorreu pelo meu nariz. Ele me deu um beijo na testa e apertou minhas bochechas com as mãos.

– Nós vamos ficar bem. Eu prometo. Está bem?

– Está bem – respondi, baixinho.

Ele passou os polegares embaixo dos meus olhos de leve e fiquei um tanto sem

fôlego. Nervosa, eu me afastei dele antes que seus gestos reconfortantes passassem para o próximo estágio e caminhei até a estátua de Parvati. Ren ficou me observando em silêncio, sem sair do lugar em que tinha me abraçado.

Coitada de você, Parvati. Também precisou escolher entre dois homens que arriscaram a vida por você. Teve que se preocupar e ficar imaginando se algum deles iria sobreviver ao monstro.

Enxuguei uma lágrima da bochecha e estendi o braço para tocar na mão dela. A estátua tremeluziu e desapareceu.

– Ren!

– Eu vi o que aconteceu!

As estátuas de Indra e Shiva também tremeluziram e desapareceram, mas o pior foi que o tubarão gigante também começou a tremeluzir. Soltei um berro quando ele sumiu. Ao mesmo tempo, ouvimos um grito de triunfo vindo lá de baixo.

– Ei, pessoal! – berrou Kishan. – Achei! Estou com o Colar!

26

De volta à tona

— Ei! O que está acontecendo? – gritou Kishan.

Depois que as estátuas desapareceram, uma nuvem brilhante desceu ao nosso redor. Quando ela se dissipou, as minhas roupas e as de Ren tinham se transformado. Fiquei boquiaberta. Ele parecia um deus indiano.

Ren vestia apenas um *dhoti* branco amarrado na cintura que terminava logo acima dos joelhos. Usava um adorno de cabeça dourado, faixas nos braços, pulseiras e tornozeleiras. Em volta do pescoço, havia um colar de ouro muito rebuscado. Seu corpo musculoso de bronze reluzia.

– Você está – engoli em seco – *coberto de óleo*?

Eu não conseguia parar de olhar, incrédula, para o peitoral largo dele.

Ren não respondeu. Só ficou olhando de volta para mim com o queixo caído e uma expressão muito estranha no rosto.

– O quê? O que foi? – perguntei, nervosa.

– Você... você é a coisa mais linda que eu já vi.

– Hein? – Olhei para baixo, para as minhas vestes, e meio incerta toquei no cinto dourado grosso em volta da minha cintura. – Espere aqui um segundo.

Fui até uma das janelas escurecidas pelo mar, para ver o meu reflexo.

Eu estava bem parecida com uma deusa. Uma saia branca de tecido grosso todo bordado se estendia pesadamente da cintura até o chão. O cabelo estava trançado de um jeito todo intrincado e enrolado na nuca, e cachos soltos faziam cócegas na minha pele. Um xale *dupatta* enrolava-se por cima do meu bustiê adornado com contas e caía em pregas pelo cinto. O cinto dourado se apertava

bastante na cintura e se estendia pelo quadril, acentuando as curvas.

Eu também usava joias douradas: uma tiara reluzente, vários metros de correntes de ouro, brincos pesados, pulseiras e até tornozeleiras. Apesar de a *dupatta* branca e diáfana se estender pelas costas e cobrir a parte da frente do meu corpo, o bustiê por baixo dela era minúsculo. Quando eu me movia, sentia a *dupatta* sedosa roçando a cintura e as costas. Cruzei os braços, tentando sem sucesso cobrir a pele nua.

Não ajudou em nada o fato de perceber que Ren ainda estava olhando fixamente para mim quando eu me virei. Para minha imensa surpresa, ele se abaixou apoiando um joelho no chão, pegou minha mão e tocou a testa com ela. Nervosa, gaguejei:

– Hã... Ren? O que você está fazendo?

– Estou me ajoelhando perante uma deusa.

– Eu não sou deusa nenhuma.

– É, sim. Uma deusa, uma princesa, uma rainha. Como soldado, eu me coloco a seu serviço. Como príncipe, eu lhe garanto qualquer dádiva que esteja a meu alcance. Como homem, rogo permissão para me sentar a seus pés e adorá-la. Peça que eu faça qualquer coisa por você, e eu o farei.

Ele ergueu os olhos e pegou minhas mãos nas dele.

– *Sundari rajkumari*, meu coração acelera ao vê-la enfeitada como uma princesa real do meu tempo. Se a tivesse conhecido naquela época, se você tivesse visitado o nosso palácio, eu teria imediatamente me ajoelhado aos seus pés, desta mesma maneira, e implorado para que nunca me abandonasse.

Eu corei e respondi:

– Acho que talvez você esteja exagerando, ou sofrendo de narcose.

Ren deu um sorriso arrebatador e completou:

– Sua modéstia faz com que seja ainda mais atraente. Você é a mais adorável das mulheres, Kelsey.

Parei de me contorcer e examinei a expressão de Ren. Ele estava falando sério. *Quem poderia dizer que eu faria um homem se ajoelhar aos meus pés?* Incapaz de resistir, eu sorri para o lindo homem ajoelhado à minha frente e tirei o cabelo dele do rosto com um gesto delicado. Ele virou a cabeça, beijou a palma da minha mão e a segurou junto aos lábios.

Kishan se aproximou e lançou um olhar furioso para Ren.

– Geralmente eu gosto de dar a você o benefício da dúvida porque sei que perdeu a memória e tudo o mais, mas será que pode, por favor, se afastar da minha namorada e me dizer o que está acontecendo? Por que as suas roupas mudaram?

Ren se afastou para deixar o irmão se aproximar de mim, mas Kishan também parou em um gesto abrupto.

– Você está maravilhosa! – exclamou ele.

– Maravilhosa é um termo grosseiro demais para descrevê-la – completou Ren, baixinho. – Ela está... divina, etérea, estonteante...

Ergui a mão e falei:

– Muito bem. Se pudermos parar de olhar para Kelsey agora, eu iria me sentir bem menos sem graça.

Incrédulo, Ren disse:

– Sem graça? Por que se sentiria assim?

– Porque não me sinto à vontade revelando tanta pele. Será que podemos voltar a atenção para outras coisas? – perguntei, de um jeito nem um pouco digno de uma deusa, e isso pareceu fazer com que eles retornassem à realidade.

Os rapazes ficaram lá piscando abobados e, com relutância, Ren se dirigiu a Kishan para contar o que nós tínhamos visto. Peguei os dois parando de vez em quando para admirar minha pele exposta. Um grunhido baixinho de um irmão para o outro geralmente fazia com que a atenção deles voltasse para a conversa.

Kishan estava usando alguma espécie de pano pequeno amarrado na cintura e tinha vários metros de colares de contas ao redor do pescoço, além de faixas nos braços. Metade de seu cabelo estava puxado para trás num coque e envolto por pedras preciosas; a outra metade estava solta e tocava a parte de cima de seu ombro enorme. Ele usava um cinto fino de corda na cintura no qual estava preso um chifre, que repousava sobre o quadril. Argolas douradas nas orelhas tiniam quando a cabeça dele se movia e havia um terceiro olho pintado em sua testa.

Logo percebi uma coisa.

– Esperem um segundo!

Os meninos pararam no meio da frase e eu os rodeei, examinando suas vestes.

– Nossas roupas não são aleatórias. Nós somos eles! Eu sou Parvati.

Os dois se viraram para olhar para mim, e Kishan deu de ombros.

Ren me examinou mais de perto.

– Tem razão. Você está usando as roupas dela.

– Então isso deve significar que isto pertence a você.

Kishan sorriu para mim e me estendeu um colar.

Eu o corrigi mentalmente: não é *um* colar, é *o* Colar; o Colar de Pérolas Negras de Durga. Como a única coisa que eu conseguia fazer era olhar fixamente para aquele objeto, Kishan ficou atrás de mim para ajeitá-lo no meu pescoço. Em vez de ter uma corrente, ele era feito de diamantes minúsculos incrustados em arcos de prata cruzados uns por cima dos outros com as pontas sobrepostas. Pendurada em cada ponta havia uma pérola negra reluzente do tamanho do meu polegar. Um aglomerado de pérolas negras e brancas pendia do centro, formando uma flor de lótus. O Colar era pesado no meu pescoço. Toquei de leve na flor de lótus.

Kishan passou os lábios pela parte sensível embaixo da minha orelha e sussurrou:

– Fica bem em você.

Ouvi o clique do fecho exatamente quando Ren berrou:

– Espere!

Fui imediatamente sugada por um túnel de vento que me depositou no espaço branco. O amuleto queimava na minha garganta. Fiquei confusa apenas por um minuto e logo relaxei a postura e observei quando um vislumbre de cenas emaranhadas apareceu na minha frente.

No começo, eu estava de volta ao *Deschen* escutando enquanto o Sr. Kadam e Nilima estudavam mapas. Eles não me enxergavam nem me ouviam, apesar de eu ter passado vários minutos tentando me comunicar com eles. Então a visão se fragmentou e eu fui levada às pressas para outra embarcação que continha algo que parecia o fantasma do Sr. Kadam. Barbatanas cortaram a água e então desapareceram. Um grande tubarão-branco de seis metros ergueu a cabeça por cima da superfície, deu uma mordida e produziu um som horroroso. Lokesh encontrava-se em pé acima das criaturas ferozes, com a mão em seu amuleto.

Dei um passo para o lado e fiquei surpresa ao reconhecer o capitão Dixon. Seu olho direito estava todo inchado e fechado, e ele tinha lacerações sanguinolentas

pelo peito e pelos braços. Escutei enquanto Lokesh o interrogava, mas o nobre homem do mar resistia e se recusou a revelar o nosso paradeiro e o nosso destino – mesmo quando foi pendurado por cima da amurada, com tubarões à espera lá embaixo.

– Será que precisa de mais um pouco de motivação? – inquiriu Lokesh educadamente.

O feiticeiro sombrio acenou com a mão e uma força invisível jogou um de seus marujos na água, para um frenesi de mordidas. Os gritos dele logo se silenciaram, mas o som dos tubarões se refestelando era terrível: mastigação, ossos que se partiam, os corpos lisos em forma de torpedo que batiam contra a água ao correrem atrás de pedaços dilacerados de carne, rabos batendo de um lado para outro enquanto as mandíbulas arrancavam a carne em nacos que eram engolidos inteiros.

Lokesh sorria ao escutar aquele som.

– Última chance, capitão. Será que não dá valor à própria vida?

O capitão respondeu:

– Desde que eu era garotinho e brincava na água, eu sabia que o meu corpo iniciaria seu descanso bem longe da costa. Meus ossos repousariam no fundo do oceano. A água do mar, veja bem... é a minha esposa, e os seus tubarões são os meus filhos. Eu me jogarei nesse abraço para morrer embalado por ela. Não tenho arrependimentos.

O feiticeiro franziu a testa e agitou os dedos.

– Então, que assim seja.

Com mais um aceno da mão, Lokesh mandou o prisioneiro por cima da amurada. O capitão caiu em silêncio, desabando devagar enquanto rodopiava no ar. Ele desceu na direção da água negra e, quando a tocou finalmente, as ondas se dobraram sobre ele como um cobertor escuro.

Sem fazer barulho, o corpo dele afundou e logo foi atacado pelos tubarões. Eu prendi a respiração, horrorizada, incapaz de emitir qualquer som. As barbatanas desapareceram e logo a água estava tão negra e imóvel quanto a alma do homem que observava da amurada.

Vi o rosto maligno de Lokesh se cristalizar em um olhar de admiração antes de se virar e dar as costas a seu prisioneiro desventurado... e então ele ficou paralisado.

Foi como se de algum modo nós tivéssemos saído da curva do tempo e fôssemos fantasmas num mundo branco etéreo.

Vi tanto Lokesh quanto o Sr. Kadam olharem atrás de mim e se virarem. Ren estava em silêncio e segurava meu corpo desfalecido nos braços enquanto Kishan murmurava palavras amorosas e acariciava meu cabelo.

Lokesh falou comigo pela primeira vez.

– Interessante. Acredito que tenha ouvido meu diálogo recente, assim como eu escutei o seu. – Ele examinou a visão atrás de mim. – Percebo que você capturou o coração dos dois irmãos, como fez minha linda Yesubai. Mas que coisa tão... *maquiavélica* da sua parte, minha cara *Kelsey*.

– Não fale com ela – ordenou a forma do Sr. Kadam.

– Ah – disse Lokesh, dando um sorriso maldoso. – E será que a jovem fez até com que o *seu* velho coração fumegasse de ciúme, meu amigo?

Lokesh voltou o olhar para mim, e seus olhos queimaram com uma intensidade que eu nunca tinha visto antes.

– Preciso reconhecer – ele deu uma risada despreocupada, mas seu olhar faminto minava a atitude agradável – que ela capturou o *meu* interesse também.

– Ela está sob minha tutela, por isso, recai sob a proteção da casa de Rajaram – avisou o Sr. Kadam. – *Não* olhe para ela dessa maneira. Eu o proíbo. Ela é inocente e não está destinada a alguém como você.

Não estou destinada a ele? Lokesh queria... a mim? Senti ânsias de vômito e a maneira como ele me olhava me fez ter vontade de esfregar a pele com uma lixa, arrancar os meus olhos e jogar água sanitária no meu cérebro para limpar aquilo de mim.

– Assassino! – cuspi as palavras. – Você matou o capitão Dixon!

– Ora, ora, minha cara. A culpa é dos seus preciosos tigres. Acharam que eu era tão idiota e que estava tão velho que não iria encontrar o navio que recebeu o nome da mãe deles. Eles que são idiotas. Fracos. Como o pai deles. Rajaram fugiu em vez de me enfrentar. Escondeu a família na selva e deixou que seu povo lutasse sozinho. Vão abandoná-la da mesma maneira.

– Eles nunca vão me abandonar.

Cerrei os dentes para impedir os soluços quando lágrimas quentes escorreram pelo meu rosto.

Lokesh me examinou, pensativo.

– Pense em tudo que poderíamos conquistar juntos, minha jovem. Com os amuletos unidos, eu poderia governar o mundo e você ficaria ao meu lado, como minha rainha. Eu iria presenteá-la com os luxos de todas as eras. Bastaria você desejar algo e seu desejo lhe seria concedido. Eu sou um homem bonito, jovem. – O ar ao redor dele se agitou e ficou borrado. – Jovem o suficiente para que uma mulher como você considere... atraente.

Atônita, examinei o rosto dele. Ele tinha razão. Era mesmo jovem e bonito. *Por que tinha parecido mais velho antes? Será que é algum truque?* Ele estava mais magro e com o cabelo penteado para trás. Ainda tinha anéis em todos os dedos, mas, em vez de rechonchudos, seus dedos eram longos e esguios, e seu corpo, forte e musculoso.

– É uma ilusão, Kelsey. Ignore-o – implorou o Sr. Kadam.

Lokesh prosseguiu:

– Eu poderia dar a você uma vida boa.

– O que você *quer* de mim? Por que eu? – perguntei. – Você certamente pode ter qualquer mulher que desejar.

– Acontece que *qualquer* mulher não é digna de mim. Já no que diz respeito ao que eu desejo... – ele deu uma risada sugestiva enquanto seu olhar percorria meu corpo lentamente até se fixar no amuleto – há uma coisa que nem um homem com o meu poder é capaz de fazer sozinho. Será que é capaz de adivinhar o que é?

Quando a resposta me veio, prendi a respiração.

– Um filho. Você quer um filho?

– Isso mesmo. Eu quero um herdeiro. Escolhi você por ser forte e corajosa. A mãe de Yesubai era fraca. Apenas uma outra mulher foi capaz de me impressionar da mesma maneira e, infelizmente, ela desapareceu de modo muito inconveniente.

– Deschen – sussurrou o Sr. Kadam, incrédulo. – Você queria Deschen.

– Sim. Ela era linda e cheia de paixão. Deschen teria me dado um filho magnífico, um herdeiro. Ele teria sido esplêndido... alto e corajoso como Dhiren, vigoroso e forte como Kishan, mas com minha sabedoria, minha sagacidade e minha sede de poder. Um filho do meu próprio sangue. Mas você – o feiticeiro se dirigiu a mim – é uma escolha melhor. Além de ser corajosa, também é passional e cheia de poder. Talvez isso só esteja relacionado à posse

do amuleto, mas acho que não. Há algo especial, algo... diferente em você. E queira ou não, eu *irei* possuí-la.

– Não – sussurrei baixinho. – *Não* – repeti enquanto sacudia a cabeça em sinal de negação.

Lokesh deixou a cabeça pender para o lado e me examinou.

– Talvez, se você viesse até mim por vontade própria, eu pudesse permitir que os seus tigres vivessem, mas apenas em uma ilha minúscula muito distante, em um lugar em que teriam pouquíssima influência. Mas garanto que, uma vez que escolho um curso de ação, é difícil me desviar.

– Basta! Ela ficará sob a minha proteção e você jamais irá tocá-la enquanto houver vida no meu corpo – ameaçou o Sr. Kadam.

Lokesh sorriu.

– Então precisaremos providenciar para que não haja vida no seu corpo durante muito mais tempo, meu amigo. Estou ansioso pelo desafio. Esteja avisado: irei atrás de você.

– E eu vou estar à sua espera – concluiu o Sr. Kadam.

Nossos corpos começaram a desaparecer e se tornaram fantasmagóricos.

Voltei meus olhos preocupados para o Sr. Kadam e ele sorriu, tentando me passar confiança.

– Ah, uma última coisa – completou Lokesh com um olhar de soslaio. – Tenho certeza de que, se pudesse, o capitão Dixon teria expressado sua tristeza por não poder mais servir a você. A nova função dele é... interminável.

Lokesh reparou nas lágrimas que escorriam pelo meu rosto e deu uma risada enlouquecida. O som terrível ficou tinindo nos meus ouvidos enquanto a cena à minha frente desaparecia.

Despertei com lágrimas no rosto. Kishan estendeu a mão para mim e Ren, com relutância, me soltou.

– O que foi, minha querida? Pode nos dizer o que aconteceu? – perguntou Kishan.

Enxuguei os olhos, me aninhei no peito dele e lhes contei que tinha visto o Sr. Kadam e Lokesh em uma visão. Quando perguntaram o que Lokesh dissera, eu menti:

– Só o de sempre.

Eu não queria sobrecarregar nenhum dos dois com a consciência do que Lokesh desejava. Não iria servir para nada. Só os deixaria loucos de raiva e achei que eles já tinham coisas demais com que lidar por ora. Também deixaria para falar sobre o capitão Dixon mais tarde.

Durante um breve momento, refleti sobre a oferta de Lokesh. Em um pedacinho do meu coração, eu pensei: *E se? E se nós perdermos e aceitar Lokesh puder salvá-los? Não havia razão para eles saberem que eu agora me agarrava com força a um trunfo. Se, no fim, a única coisa que pudesse salvá-los fosse o meu sacrifício, então que assim fosse.*

Os tigres estavam ansiosos para partir. Com força suficiente para me levantar, eu dei um passo para longe, ajeitei minha *dupatta* e alisei o cabelo. Quando ergui os olhos, vi Ren me encarando e corei, lembrando de quando ele se ajoelhou aos meus pés, mas dessa vez ele estava incomodado.

– O que foi? – perguntei. – Qual é o problema?

– Kishan. Ele... ele é Shiva. Tem que ser, com aquele terceiro olho, as roupas dele e a maneira como presenteou o Colar a você... – disse ele, com a voz sumindo no final.

– E isso faz com que você seja...

– Indra – declarou Ren, arrasado.

– Certo. Então, o que isso significa? O que devemos fazer? – indaguei.

O rosto de Ren se fechou.

– Façamos o que viemos fazer aqui. *Indra* mata o animal e *Shiva* – os olhos dele dispararam para o meu rosto por um instante – reclama sua noiva.

Kishan tinha se colocado atrás de mim e segurava meus ombros. Senti nós dois nos retesarmos ao mesmo tempo. Kishan relaxou primeiro e apertou meus braços sem dizer nada. Ren caminhou até a janela e examinou o mar negro além dela. Eu me virei, sorri para Kishan e dei tapinhas carinhosos em sua mão, então caminhei até onde Ren estava e peguei no braço dele. Mordi o lábio, pensando que estava certa em manter os desejos de Lokesh ocultos. Eles mal conseguiam tolerar a ideia de ter um ao outro como rival, imagine só o que aconteceria se sua nêmesis se juntasse à mistura.

– Você não é Indra. Pode estar vestido como ele, e eu posso estar vestida como Parvati, mas não sou ela. Eu sou Kelsey, você é Ren e ele é Kishan. Se houver um

animal a ser morto, não é Indra que vai matá-lo. Kelsey, Ren e Kishan farão isso juntos. Podemos estar presos dentro de um mito, mas vamos fazer a nossa própria história. Certo?

Ren assentiu e me pegou num abraço forte, porém breve, e então me colocou de lado. Dava para ver que ele não acreditava em mim, mas estava tentando.

– Vou pegar nossas coisas – disse ele, baixinho.

Observei quando ele se afastou e então retornei a Kishan.

– Ele está aborrecido – comentou ele.

– Está. Mas vai além desse negócio de Indra. Tive uma conversa com ele no palácio de gelo. Disse-lhe que não podia mais ficar com ele e que tinha escolhido você.

Kishan ficou paralisado.

– Você fez isso? – perguntou ele com hesitação. – O que ele respondeu?

– Disse que sempre será meu protetor e meu amigo.

– É mesmo? Só isso?

– Só. Você esperava alguma outra coisa?

– Sinceramente? Esperava, sim. Já faz um tempo que estou esperando você terminar comigo.

– Bom, isso não vai acontecer.

– Sei.

Ele esfregou o queixo e franziu a testa.

– Você... não quer mais ficar comigo? – perguntei.

– Se não *quero* ficar com você? – repetiu, incrédulo. – Não há nada que eu queira mais do que ficar com você. Mas preciso admitir que estou surpreso. Por que você não voltou para ele?

Pensei por um segundo a respeito do que seria a coisa certa a dizer e então me aninhei em seu peito e o abracei pela cintura.

– Eu fiquei com você porque... eu amo você, e você me faz feliz.

– Eu também amo você, *bilauta*.

Ele enfiou minha cabeça embaixo do seu queixo e acariciou minhas costas.

Percebi que Ren tinha voltado quando ouvi as bolsas caírem no chão com um baque. Saí do abraço de Kishan e, cheia de culpa, alisei a saia. Ouvi Ren dizer:

– Vamos acabar logo com isto. Kelsey, se você não se importa...

– Colar de Pérolas – falei –, por favor, crie uma maneira de subirmos à

superfície, sem se esquecer da pressão do oceano e de que precisamos de oxigênio.

O Colar faiscou e começou a brilhar com tanta intensidade que tivemos que desviar o olhar. Foi se apagando depois de alguns segundos, mas nada aconteceu.

– O que devemos fazer? – perguntei.

– Não sei – respondeu Ren.

– Tem alguma coisa se aproximando. Estão enxergando aquele brilho? – disse Kishan, apontando para a janela negra.

E, com certeza, algo estava se aproximando. Esferas de luz branca pulsante apareceram à nossa vista.

– São águas-vivas – observou Kishan. – Só que são gigantescas!

E eram gigantescas mesmo. Pareciam ser maiores que balões de ar quente. Uma ideia me ocorreu. Eu prendi a respiração e anunciei:

– Acho que elas são nosso meio de transporte.

– Sei não, Kells – retrucou Kishan. – Como iríamos respirar?

– Coisas ainda mais estranhas já nos aconteceram – respondi.

Ele resmungou e nós três apertamos o nariz contra o vidro da janela, olhando para os globos que se aproximavam. Eram fascinantes. Movendo-se de forma lenta porém determinada na nossa direção, os domos pulsantes inchavam e expeliam a água enquanto dançavam para perto de nós como marionetes carnudas na ponta de fios. Tinham longos tentáculos que se estendiam para trás do corpo.

A parte superior arredondada tinha forma de sino, era diáfana e luminescente. Pendurados no centro das criaturas havia braços que me lembravam uma trepadeira pendurada em uma árvore, mas, em vez de exibir flores brancas ou lilases, tinha tons fortes de laranja e amarelo. Os braços se agitavam na água e também podiam ser enxergados através da cobertura arredondada. A impressão era a de que as águas-vivas brilhavam com fogo interior.

Uma delas se aproximou de nós, ficou lá parada um momento e então ergueu diversos tentáculos finos para tocar na janela. Eles deslizaram pelo contorno do vidro, apalpando a superfície com delicadeza, como um cego tocando num altar. Então, ao encontrar o local que procurava, os dedos finos perfuraram o vidro e se estenderam na nossa direção. Nós três recuamos, assustados. A criatura

chegou mais perto e nós ficamos lá, paralisados feito estátuas. De algum modo, ela tinha atravessado a barreira do vidro sem quebrá-lo.

A água do mar não entrou. Nem uma gota escorreu pela janela. Um tentáculo alcançou Kishan e se enrolou com suavidade em seu braço. Ele poderia ter se desvencilhado, mas a criatura era tão frágil que caminhar para trás poderia tê-la machucado. Com delicadeza, ela puxou o braço de Kishan até ele dar um passo adiante. Mais tentáculos avançaram e o envolveram, puxando-o para mais perto da janela. A criatura o puxou para dentro de seu abraço gentil e me fez pensar numa velhinha debilitada tentando abraçar um neto crescido.

A água-viva começou a se afastar da janela, puxando Kishan consigo. O braço dele desapareceu através da superfície negra e reapareceu na água do lado de fora. Ele respirou fundo e, com um puxão suave, a criatura o carregou através do vidro, puxou-o para perto e segurou firme. Criando uma cobertura, ela o aninhou de modo que sua cabeça ficasse logo abaixo de seu manto. Ele nos fez um sinal de positivo com os polegares estendidos e mostrou que estava respirando.

A água-viva de Kishan se afastou e outra se aproximou. Quando seus tentáculos penetraram na janela do pagode, Ren ajustou as correias da bolsa.

Toquei no braço dele e disse:

– Eu sou a próxima.

Ren assentiu e saiu da frente quando os tentáculos se estenderam na minha direção. Ele ficou observando enquanto a criatura me envolvia lentamente. Parecia muito triste e olhava para mim como se nunca mais fosse me ver.

Assim que a água-viva começou a me puxar devagar na direção da janela, Ren pegou meu braço, encostou os lábios na minha orelha e recitou:

– "Assim como as ondas me puxam na direção do litoral pedregoso, nossos minutos também se apressam até o fim." – Ele me deu um beijo suave na têmpora e sussurrou: – Lembre-se de que eu amo você, *priyatama*.

Eu estava prestes a responder quando a criatura me sugou através do vidro para o oceano congelante. Só fiquei com frio por um instante, porque logo que o animal me puxou para o seu abraço, a temperatura mudou. Minha cabeça foi levada para dentro do manto e se aninhou em um travesseiro borrachudo e quente que brilhava com suavidade na escuridão, como uma vela bruxuleante.

Dos ombros para cima, eu estava suspensa acima da linha-d'água interna da

água-viva e ouvia um sopro de ar, como um fole. Dei risada ao perceber que o animal estava produzindo oxigênio para mim. O restante do meu corpo se acomodava numa espécie de rede criada pelos tentáculos e uma corrente de calor circulava ao redor do meu corpo. Eu me sentia como se estivesse relaxando numa banheira de hidromassagem e, como se a água-viva fosse capaz de ler minha mente, seu corpo começou a zunir e a vibrar. Suspirei e relaxei nas "mãos" capazes do meu massagista da planície abissal.

Quando abri os olhos um momento depois, vi que Ren tinha se juntado a nós. Era fácil enxergá-lo através de seu balão transparente, e um pouco acima de mim e mais para trás estava Kishan. As luzes diminuíram para um brilho bem fraco e senti a enorme força de bombeamento da minha água-viva quando ela começou a se mover para o alto na água escura. O Sétimo Pagode foi desaparecendo embaixo de nós em um redemoinho de sombras e logo não estava mais lá.

Nossos carregadores se moviam de maneira contínua, apesar de não avançarem rápido, e eu não senti a pressão do oceano ao nosso redor nem vi qualquer criatura das profundezas do mar, apesar de ter mantido os olhos bem abertos. As águas-vivas rodopiavam todas graciosas em volta umas das outras, como se estivessem executando um balé oceânico.

Deu para sentir quando deixamos a planície abissal e subimos para a zona batipelágica, nos domínios de Jīnsèlóng. Comecei a avistar peixes. No início, eram assustadores, com presas compridas, mas então a água se iluminou um pouco e vi uma baleia cachalote. Quando subimos ainda mais, o primeiro tubarão apareceu. Entrei em pânico, mas era só um peixe-martelo que nos ignorou. Um cardume de atuns com escamas reluzentes passou por nós e eu respirei fundo, aliviada. Nós iríamos conseguir. Avaliei que ainda devíamos ter uns 300 metros a percorrer. Mais animais passaram nadando por nós, alguns curiosos, mas a água-viva continuou em sua ascensão.

Eu estava toda animada apontando o primeiro aglomerado de plantas para Kishan quando senti uma agitação na água. Os olhos de Kishan se arregalaram e eu quis ver o que o havia assustado. Tremi e rezei para que não fosse o que eu temia. Apertei as mãos contra a pele flexível do manto da água-viva e olhei para o mar. No começo, não vi nada, mas então a água-viva rodopiou e eu distingui a silhueta assustadora do tubarão gigante do Sétimo Pagode. Ele se movia

preguiçoso, patrulhando a água.

O tubarão nadava com a boca um pouco aberta e, mesmo à distância, dava para ver suas fileiras de dentes afiados. Outros tubarões se aproximaram para examinar a área e então dispararam para longe. Até um grupo de golfinhos saiu nadando rápido de perto dele enquanto guinchava um aviso na água. Observei quando eles desapareceram e desejei poder fazer a mesma coisa, mas eu sabia que este tubarão não iria se preocupar em encurralar qualquer vida marinha. Ele não comia. Ele não dormia. Só existia por uma única razão: impedir que o Colar chegasse à superfície... e o Colar estava no meu pescoço. A boa notícia era que ele ainda não tinha visto a gente. A má notícia é que ainda tínhamos uns 150 metros a percorrer.

O tubarão passou um tempo nadando em paralelo a nós, e então saiu do alcance da nossa visão, mas logo retornou e nadou ao nosso redor em um círculo amplo. Mais ou menos nesse momento, o sol saiu de trás de uma nuvem e a água passou de cinzenta para azul reluzente. Minha água-viva mudou de posição e o cinto dourado que eu usava lançou um reflexo faiscante na água.

Apesar de o tubarão estar abaixo de nós, ele virou um pouco e espiou para cima, com um olho negro gigantesco. Ele nadou e passou bem perto. Quase deu para ver um lampejo de reconhecimento em seus olhos frios quando me olhou de cima a baixo. Rápido como um raio, ele sumiu. Comecei a examinar o oceano, agitadíssima, e logo vi, horrorizada, que ele vinha subindo a toda velocidade vindo lá de baixo. Soltei um grito quando o vi abrir a boca e ir para cima não de mim, mas de Ren. Coloquei a mão nas pérolas que estavam no meu pescoço e sussurrei:

– Colar de Pérolas, por favor, mude-o de lugar.

Uma corrente de água desviou a direção da água-viva de Ren e o tubarão passou rápido ao lado dele, mordendo só alguns tentáculos. O tubarão deu a volta para realizar mais uma tentativa e eu segurei com força nas pérolas mais uma vez.

– Estamos quase na superfície. Precisamos de algo em que nos apoiar.

O Colar brilhou e a sombra de uma pequena embarcação apareceu na superfície da água. O tubarão nadou para mais perto. Parecia um caminhão com dentes. Sua bocarra se abriu, pronta para dar uma mordida. Sem se apressar, o tubarão gigante se aproximou da água-viva de Kishan e, tal qual um gourmet

esnobe, deu uma mordida quase delicada no manto da criatura, no instante em que eu estava sussurrando para que o Colar desviasse Kishan. Foi tarde demais.

Algum tipo de fluido de água-viva esguichou para fora e deixou a água turva ao redor deles. Os tentáculos começaram a se debater contra o corpo do tubarão, e Kishan se contorceu no oceano quando a água-viva o esguichou para fora com rapidez. Ele demorou um instante para olhar para mim. O tubarão ainda não o tinha visto. Apontei para a sombra na superfície e Kishan começou a nadar. O peixe gigantesco foi mastigando a água-viva delicada, numa confusão de pedaços, até que só restasse um tentáculo comprido pendurado nos dentes do tubarão. Seus olhos reviraram para a frente e ele examinou a água. Com uma batida muito forte da cauda em forma de meia-lua, ele desapareceu.

Ren tinha se soltado de sua água-viva e dava tapinhas no manto dela. Ela começou a se afastar. Apavorada, examinei a água cheia de sombras. Um contorno terrível se materializou no oceano escuro atrás de Ren. Eu berrei e me debati contra a parede da minha água-viva enquanto apontava o monstro em gestos frenéticos.

Ren girou na água, sacou seu tridente e lançou uma sucessão de pontas de lança no tubarão. Uma delas se alojou em sua boca, algumas arranharam sua pele grossa e outras perfuraram a lateral de seu corpo. Infelizmente, aquilo devia parecer agulhinhas de acupuntura para uma criatura daquele tamanho: incomodava, mas não ameaçava sua vida. Ainda assim, irritou o tubarão o suficiente para que desviasse de Ren. Ele mergulhou e Ren subiu à superfície em busca de ar. Jogou a mochila no barco que o Colar tinha criado para nós e então eu fiquei sozinha na água.

Meu corpo tremia e eu me contorcia para todos os lados, tomada por um pânico violento. Era capaz de sentir minha vulnerabilidade em todas as células do meu corpo. Lamentei várias coisas ao mesmo tempo: a fragilidade e a transparência da minha água-viva, a escuridão da água, o brilho das minhas vestes. Todas essas coisas me transformavam num alvo fácil. Eu era praticamente uma isca saborosa que segurava uma plaquinha dizendo: “Me coma!”

O tubarão tinha se movido para a água mais escura abaixo e era provável que estivesse se preparando para mais um ataque. Eu sabia que, quanto mais tempo eu ficasse exposta no mar, mais perigo iria correr. Usando o Colar de Pérolas,

pedi à água-viva que me levasse à superfície mais rápido. Nós subimos mais, porém estava demorando muito. O tubarão ainda estava em algum lugar por ali. Fiquei torcendo para que a ponta de lança de Ren o incomodasse o bastante para me deixar sozinha enquanto eu me aproximava do barco.

Ren e Kishan mergulharam para vir ao meu encontro. De repente, vi o tubarão disparar na direção deles. Eles apertaram as mãos e deram impulso um contra o outro, batendo as pernas com força para que o animal passasse entre eles. Ao fazer isso, Kishan sacou o *chakram*, e Ren, o tridente. Ren atirou pontas de lança por um dos lados do tubarão enquanto Kishan abria um corte comprido do outro. O tubarão se afastou nadando numa nuvem de sangue.

Limpei com a mão a parede do manto da água-viva, mas a água estava agitada demais para que eu conseguisse enxergar alguma coisa. Silhuetas disparavam com rapidez, passando pela água-viva, e percebi que havia outros tubarões menores em busca do almoço. Eles obviamente tinham sido atraídos pelo tumulto e sentiram o cheiro de sangue na água.

Em pânico total, morrendo de medo de sair mas apavorada demais para ficar, pedi à água-viva que me soltasse. Achei que, talvez, no meio da confusão, eu conseguisse chegar à superfície, porém, em vez de me expelir como a de Kishan tinha feito, a água-viva puxou meu corpo mais para dentro de si e sacudiu de um lado para outro. Foi aí que senti uma dor lancinante e um puxão na minha perna. A água-viva e eu fomos levadas pela água em velocidade assustadora. No início, nós nos movemos pelo oceano na horizontal. Depois começamos a descer.

Facas quentes perfuravam minha pele. Olhei para baixo, para a minha perna, e berrei. Desesperada, chutei com a outra perna e agitei os braços, mas eu sabia que não poderia escapar. O enorme tubarão tinha voltado e estava agora com minha perna esquerda na boca. Uma parte do meu cérebro registrou que ele não tinha arrancado o membro. Aliás, parecia concentrado em apenas me arrastar de volta ao fundo do mar.

Quando consegui chutar o corpo do tubarão, ele diminuiu a velocidade e chacoalhou a água-viva e eu. Eu já achava que a mordida na minha perna era bem ruim, mas, quando ele me sacudiu, meu corpo experimentou um nível de agonia que eu não considerava possível. Seus dentes serrilhados, além de terem perfurado minha pele, também a rasgavam lentamente. Senti um estalo quando

minha tíbia quebrou, e meu berro estridente se transformou num choramingo horrorizado. Uma nuvem vermelho-vivo se ergueu ao redor do manto da água-viva e turvou minha visão. Ao perceber que desta vez era o meu sangue, e não o do tubarão, a bile subiu até a minha garganta e eu quase desmaiei.

Avistei o brilho do tridente na água. Então, de repente, minha perna se soltou. A água-viva bombeou loucamente para nos afastar dali, mas estava ferida. Ela tremia de um lado e a água ia enchendo o interior do manto. Um jorro de adrenalina tomou conta do meu corpo e limpou minha mente petrificada. Toquei o manto do animal moribundo, agradeci e respirei fundo. A água-viva me expeliu, estremeceu e começou a rodopiar numa descida lenta à medida que ia morrendo.

Corpos lisos em forma de torpedo deslizaram na direção dela e eu logo perdi a delicada criatura de vista. Nadei usando apenas os braços, arrastando o peso morto da minha perna atrás de mim. Eu não fazia ideia se minha perna ainda estava presa ao corpo nem de quão machucada estava. Sabia que estava sangrando e que só tinha poucos segundos, se tanto, para chegar à superfície. Não conseguia enxergar nada ao meu redor e torcia para estar nadando na direção certa. Com os pulmões em fogo e sem chegar a lugar algum, tentei dar impulso com a perna boa também. Ajudou um pouco, mas meu progresso era lento. Algo encostou em mim e eu me encolhi, mas logo percebi que o toque era humano. Kishan.

Ele me abraçou pela cintura e nadou comigo até a superfície. A água tomou conta dos meus pulmões. De algum modo, ele nos puxou para dentro da embarcação criada pelo Colar de Pérolas. Em seguida, bateu nas minhas costas com violência. Eu engasguei e vomitei. Ouvi quando ele abriu a mochila e murmurou palavras para o Lenço Divino. Escutar o sussurro dos fios foi bastante reconfortante, e senti quando envolveram o que tinha restado da minha perna em um torniquete apertado. Ren subiu com esforço, respirando pesadamente e com sangue pingando de um talho comprido no braço.

– Como ela está? – perguntou.

– Ela... – Kishan hesitou. – Ela está mal.

– Preciso voltar – disse Ren. – Tenho que matá-lo. Ele vai vir atrás de nós.

Ren olhou para mim e, apesar de ser possível eu ter me enganado em relação à expressão dele, de tão tonta que estava por causa da perda de sangue, imaginei

ter sido capaz de ver seu coração se dilacerando. Ele pegou minha mão. *Pelo menos, eu acho que era minha mão.* Eu não conseguia sentir nada. Meu corpo estava entorpecido. Meus olhos se fecharam apesar de eu tentar mantê-los abertos. Ele segurou o tridente com força e sussurrou:

– Cuide dela.

– Vou cuidar. Eu a amo, você sabe – respondeu Kishan.

– Eu sei – Ren falou baixinho e mergulhou no mar.

O corpo de Kishan tremeu, eu abri um pouquinho o olho e vi quando ele enxugou lágrimas. Ele levou minha cabeça para o seu colo e afastou o cabelo molhado do meu rosto. Deu para ouvir o barulho do deslocamento de água quando o tubarão passou. A barbatana gigante irrompeu na superfície e deu voltas amplas na nossa embarcação.

Assustada, consegui deixar de lado a escuridão que ameaçava me engolir e observei a barbatana cinzenta do tamanho de uma vela de windsurfe se inclinar na nossa direção enquanto se preparava para acabar conosco. Ela afundou por baixo de nós e nos ergueu no ar em cima das costas antes de voltar para dentro do mar jogando água para todos os lados. De algum modo, nosso barquinho permaneceu nivelado. Então as ondas se acalmaram e eu não ouvi mais nada. Fechei os olhos e me concentrei, mas nem o barulho de um peixinho na água se fazia escutar.

De repente, o tubarão irrompeu à superfície a seis metros de distância, como um submarino gigante. Mais da metade de seu corpo saiu da água, e eu me mexi para vê-lo, berrando de dor quando bati a perna na lateral do barco. Erguido no ar, em cima da cabeça do tubarão, Ren se pendurava no tridente, enfiado bem fundo na pele cinzenta. Com água escorrendo do corpo, ele parecia Poseidon montado no lombo de um monstro marinho. Choraminguei de dor. Eu estava morrendo. Sabia que não me restava muito tempo, mas minha mente gritava que eu podia ajudá-lo. Minha última ação poderia ser salvar Ren.

Levantei a mão, usei a outra para me firmar e me concentrei. Kishan logo percebeu o que eu queria fazer e me ergueu mais alto junto ao peito. Uma luz branca disparou da palma da minha mão e atingiu a barriga do tubarão gigante quando ele se virou de lado. Apesar de eu estar fraca, seria impossível errar um alvo daquele tamanho.

A carne enegrecida derreteu como cera quente perto de uma chama. A pele se

abriu toda e o conteúdo da barriga do tubarão se derramou no mar. O animal fechou as mandíbulas com um estalo e sacudiu com violência quando começou a afundar, tentando desalojar o homem e fugir da dor. Reparei em outros peixes menores passando rápido pelo barco, na direção do tubarão. Enquanto Ren e o tubarão-monstro afundavam embaixo da água, meus olhos reviraram para trás e eu perdi os sentidos.

27

Confusão

Vozes. Sussurros me despertaram. *Que sede.* O sol castigava o meu corpo. *Dor. Dor lancinante.* Uma mão fria acariciava minha testa, e desejei que a pessoa me desse água. Ouvi palavras desesperadas: "Você não é o único que a ama", mas não soube distinguir quem falou. Meus lábios rachados se separaram e uma xícara foi pressionada contra eles. Um líquido frio, *gelado* pingou para dentro da minha boca. Era delicioso e parecia espalhar frescor por todo o meu corpo. *Não foi o bastante. Mais. Preciso de mais.*

A xícara foi levada outra vez até os meus lábios. Meras gotas, apenas uma colher de chá do líquido reconfortante me foi dada. Lambi as gotas remanescentes nos lábios e minha cabeça caiu para trás contra um corpo quente. Eu dormi.

Acordei com sede mais uma vez, mas o calor tinha desaparecido e uma brisa fresca soprava minha pele febril. Abri a boca para pedir água, mas saiu apenas um gemido.

– Ela está acordada. Kelsey?

Ouvi Kishan falar, mas não conseguia abrir os olhos nem me mover.

– Kelsey? Você vai ficar bem. Está se curando.

Curando? Como isso é possível? O tubarão perfurou minha panturrilha. A parte inferior da minha perna estava presa apenas por alguns tendões. Minha intenção era não olhar para ela ao chegar ao barco, mas não consegui me conter.

– Dê a ela um pouco de água – sugeriu Ren.

Ren? Ele estava vivo. De algum modo, tinha escapado dos animais famintos.

– Você também quer um pouco?

– Primeiro ela. Eu vou sobreviver.

Ele vai sobreviver? O que aconteceu com ele? Em vez de perguntas, meu corpo produzia gemidos.

Senti um toque de leve no pescoço e ouvi Kishan dizer:

– Colar de Pérolas, precisamos de um pouco de água potável.

Com delicadeza, Kishan ergueu a parte de cima do meu corpo para que minha cabeça se apoiasse contra o seu peitoral. Fiquei piscando, tonta, mas não consegui focar o olhar até ver uma xícara sendo levada até os meus lábios. Ele a segurou para mim enquanto eu bebia, agradecida.

– Ainda bem que temos o Colar. O Fruto Dourado não produz água.

Quando acabou, sussurrei com a voz rouca:

– Mais.

Ele encheu a xícara mais quatro vezes antes de eu fazer um sinal com a cabeça para indicar que estava satisfeita. Até tive força para pegar no braço dele enquanto erguia a cabeça. Ele voltou a encher a xícara e a entregou para Ren. Era de noite e flutuávamos nas águas banhadas de luar. Eu me esforcei para ficar com os olhos abertos, observando Ren enquanto ele bebia. Quando terminou, meus olhos tinham se ajustado e seis Rens haviam se transformado em um.

– Você está machucado – falei.

A careta de Ren se transformou em sorriso apesar de eu ainda ser capaz de ver a dor que ele tentava esconder.

– Vou ficar bem.

Apertei os olhos para observar o peito dele. Uma cicatriz estranha traçava um arco do ombro à barriga. Arregalei os olhos.

– O tubarão mordeu você? Essas feridas são perfurações!

Comecei a respirar com dificuldade e logo a tossir com catarro.

Kishan me segurou com força enquanto meu corpo era tomado por espasmos doloridos. Ren ficou esperando até minha tosse acalmar para responder.

– Mordeu. Ele quase me partiu ao meio. Quebrou todas as minhas costelas do lado esquerdo, o braço esquerdo, despedaçou minha coluna e acho que pode ter perfurado meu coração e meu rim.

– Como... como foi que você conseguiu voltar para o barco com todos aqueles tubarões na água?

– Depois que o tubarão-monstro morreu, graças a você e ao tridente encravado no cérebro, a maior parte dos outros foi atrás dele. Alguns me seguiram e morderam minha perna, mas não estavam em modo de ataque. Um golpe rápido com o tridente fez com que me deixassem em paz. Kishan me viu e instruiu o Lenço a fazer uma corda. Ele me puxou de volta para o barco antes que conseguissem me arrancar um braço ou uma perna.

Estremeci e estendi a mão para pegar na sua. Ele entrelaçou os dedos nos meus e eu me afundei contra Kishan, fraca como uma margarida depois de uma tempestade.

– Você disse que eu estava me curando. Como? Eu já devia estar morta.

Ren olhou nos olhos de Kishan e assentiu.

Kishan pigarreou e explicou:

– Usamos o Néctar da Imortalidade... as gotas de líquido coletadas da fonte da sereia. Você estava morrendo. Estava se esvaindo em sangue, e o Lenço não conseguia estancar o sangramento. Seu coração começou a bater mais devagar e você perdeu a consciência. Sua vida estava indo embora e eu não podia fazer nada para impedir. Então me lembrei das palavras da sereia. Ela disse que o néctar deveria ser usado quando eu estivesse mais desesperado. Eu não podia deixá-la morrer... por isso usei o *kamandal*. No início, não tive certeza se estava dando certo. Não havia sangue suficiente para o seu coração bombear. Dava para ouvir que ele não se enchia entre as batidas. Então seu pulso acelerou. Você começou a se curar. A sua perna foi se recuperando lentamente, perante os meus olhos. A cor retornou ao seu rosto e você caiu em um sono profundo. Foi então que eu soube que você iria sobreviver.

– Será que isso significa que eu agora também sou imortal? Como vocês dois?

Kishan olhou para Ren.

– Não sabemos.

– Por que minha pele está tão quente?

– Talvez seja um efeito colateral – arriscou Kishan.

Ren retrucou:

– Ou talvez ela esteja queimada de sol.

Eu resmunguei e cutuquei meu braço. Ficou branco, depois cor-de-rosa.

– Voto em queimada de sol. Onde estamos?

– Não faço ideia – disse Ren.

Ele resmungou, ajeitou-se e então fechou os olhos.

– Tem alguma coisa para comer? Eu também gostaria de beber um pouco de água, se houver.

Kishan usou o Fruto Dourado para fazer sopa de tomate, que era nutritiva e não muito pesada para o nosso corpo enfraquecido digerir. Então sugeriu que Ren e eu dormíssemos enquanto ele ficava de vigília. Kishan me aninhou nos braços e o meu corpo exausto cedeu.

Estava amanhecendo quando acordei. Eu estava deitada de lado com a cabeça apoiada na coxa de Kishan. Minha mão pressionava o piso frio e liso do barco. *Fibra de vidro? Como o Colar tinha conseguido produzir isso?* Esfreguei a mão para a frente e para trás na superfície lisa, tateando as laterais curvas do barco. Com cuidado, mexi a perna e só senti um pouquinho de dor.

– Como está se sentindo? – perguntou Ren, baixinho.

– Eu me sinto... bem. Não vou correr nenhuma maratona hoje, mas irei sobreviver. Não está conseguindo dormir?

– Troquei de lugar com Kishan para ficar de vigília há uma hora.

Passei minhas mãos pela beirada externa do barco e encontrei as ondulações irregulares da parte de fora. O centro do barco era rosa-choque e ia ficando mais claro até se transformar em cor de alabastro do lado de fora. Kishan estava dormindo com um braço cobrindo os olhos, acomodado em uma de cinco divisões verticais.

– É uma concha de marisco gigante – explicou Ren.

– É linda!

Ele sorriu.

– Só você mesma para achar alguma coisa linda na nossa situação.

– Não é verdade. Um poeta sempre é capaz de encontrar algo bom sobre o que escrever.

– Os poetas não escrevem apenas sobre a beleza. Às vezes escrevem sobre o sofrimento... sobre as coisas feias do mundo.

– É verdade, mas você faz até as coisas ruins parecerem agradáveis.

Ren suspirou e passou a mão pelo cabelo.

– Talvez não desta vez. – Ele se sentou ereto, com expressão determinada. –

Precisamos dar uma olhada na sua perna, Kells.

Sacudi a cabeça de leve.

– Será que não podemos esperar até voltarmos?

– Não sabemos quando vamos voltar e precisamos tomar cuidado para que não haja infecção.

Eu comecei a respirar com dificuldade.

– Não vou conseguir.

A expressão dele se suavizou.

– Você não precisa olhar. Por que não me conta uma história enquanto tiro as ataduras?

– Eu... não consigo pensar em nenhuma. Ren, estou com medo. E se a minha perna se soltar? E se ficar só um cotoco?

– Você consegue mexer os dedos do pé?

– Consigo. Pelo menos, parece que consigo, mas pode ser a dor do membro-fantasma me enganando. Não quero perder a perna.

– Se isso acontecer, daremos um jeito. O importante é você estar viva.

– Mas eu nunca voltaria a andar direito. Como é que eu teria uma vida normal? Ficaria aleijada para sempre.

– Não faz diferença.

– Como assim, não faz diferença? Como eu iria ajudar vocês a terminarem as tarefas? Como poderia...

Minhas palavras sumiram de maneira abrupta.

– Como poderia o quê? – perguntou ele.

Eu corei.

– Como poderia casar e ter filhos? Eu não ia poder correr atrás das crianças pela casa. Meu marido teria vergonha de mim. Isso se eu conseguisse convencer alguém a se casar comigo.

Ren me observou com expressão inescrutável.

– Terminou? Tem mais algum medo que não mencionou?

– Acho que é isso.

– Então, você está com medo de não ser normal, de não ser bonita e de não ser capaz de cumprir suas responsabilidades de maneira adequada.

Fiz que sim com a cabeça.

– Sou capaz de me identificar com não ser normal, mas se as décadas que

passei no circo me ensinaram uma coisa, é que normalidade é uma ilusão. Cada indivíduo é único. Um padrão de normalidade é algo a que a maior parte das pessoas nunca terá acesso. Um marido que tem vergonha da mulher não a merece, e vou me assegurar pessoalmente de que um homem assim nunca a conheça. Já no que diz respeito a você ser atraente ou manter o interesse de um homem, posso garantir que, mesmo que ambas as suas pernas fossem removidas, eu ia continuar achando você linda e iria continuar a desejá-la. – Ren sorriu enquanto eu me contorcia. – E filhos são responsabilidade do pai e da mãe. Você e seu marido vão dividir o trabalho entre vocês de modo que seja confortável para os dois.

– Mas eu seria um fardo para ele.

– Não seria, não. Você iria aliviar o fardo dele por amá-lo.

– Ele teria que me levar de cadeira de rodas de um lado para outro, igual a uma vovozinha.

– Ele iria carregar você para cama todas as noites.

– Você não vai me deixar ficar deprimida, não é mesmo?

– Não. Agora, posso dar uma olhada na sua perna?

– Tudo bem.

Ele sorriu.

– Ótimo. Agora, fique quietinha.

Ele sussurrou um comando ao Lenço Divino para que removesse com cuidado as ataduras duras de sangue da minha perna e criasse panos novos e macios. Pediu ao Colar de Pérolas que criasse uma bacia de água quente. Meus dedos dos pés apareceram primeiro, e fiquei aliviada de vê-los saudáveis e rosados. Mas, quando os fios foram desaparecendo na minha panturrilha, fechei os olhos e virei o rosto. Ren não disse nada, apenas mergulhou um pano na água e começou a limpar minha perna. Parecia que a perna toda continuava lá, mas eu não queria me arriscar a olhar.

– Pode conversar comigo e me distrair para que eu não pense no assunto? – perguntei, sofrida.

Ele ergueu minha saia – que tinha sido linda e agora estava toda dura de sal – acima do joelho e o limpou com cuidado, passando o pano também ao redor e abaixo.

– Certo. Escrevi um poema novo há pouco tempo. Isso basta?

Assenti sem dizer nada e soltei um gemido baixinho quando Ren passou o pano num ponto sensível.

– Chama-se “O coração enjaulado”.

Ele começou e sua voz calorosa me envolveu e me trouxe conforto, como sempre acontecia.

O coração enjaulado

Será que um coração enjaulado mingua?
Não! Bate com mais determinação.
Pulsa
Amarrado não por trancas ou barras de ferro
Mas pela própria mão.

O homem esmaga o coração pesado.
Ele o segura
Molda-o em uma forma ordenada
Usa sua enorme força de vontade para contê-lo
E, no entanto, o órgão luta contra seu aperto.

Feral e indomado
Só pode encontrar descanso
Na selva.
Um lugar em que é livre
Um lugar onde é bem-vindo.

Ali ele encontra a paz
Ao ser envolvido
Por seus braços folhosos.

Mas o caminho até a selva se perdeu.
Por isso ele se move
Circundando ansioso sua jaula.
Ele observa
Esperando pelo momento
Em que seu coração faminto irá se libertar.

Ren terminou e torceu a toalha.

– Pode olhar se quiser. Sua perna vai ficar boa.

Abri um pouco os olhos e fitei a extensão comprida e branca da minha perna. Uma cicatriz cor-de-rosa fina corria do alto da panturrilha até o tornozelo. Ren tocou nela de leve, traçando-a do início até o pé. Estremeci.

Ele entendeu mal minha reação.

– Não está tão ruim. Dói?

– Não, na verdade, não. Só está um pouco sensível.

Ele passou a mão por trás da minha panturrilha e a apertou de leve.

– Para falar a verdade, é gostoso. Talvez uma massagem ajude, depois que melhorar um pouco mais.

– É só pedir.

Apoiei a mão em seu braço.

– Obrigada. Eu... o seu poema... é lindo.

– De nada – ele deu um sorriso caloroso – e obrigado a você*, dil ke dadkan*.

Comovida, cheguei mais perto dele e coloquei a palma da mão sobre seu coração.

– O seu poema "Coração enjaulado" não era sobre Lokesh, nem sobre o circo, nem sobre esquecer, certo?

– Não. – Ele pôs a mão por cima da minha e a segurou junto a ele. – E, antes que pergunte, significa "batida do meu coração".

Uma lágrima escorreu pela minha bochecha.

– Ren... eu...

Kishan soltou um gemido quando o sol se ergueu acima do horizonte e o atingiu no rosto. Ele se sentou ereto, esfregou os olhos sonolentos e veio para mais perto de nós. Então me abraçou pela cintura e me puxou para trás, para o peitoral dele.

– Tome cuidado com ela! – sibilou Ren.

– Certo, desculpe. Machuquei você?

– Não. Ren limpou meu ferimento. Olhe. Está muito melhor.

Ele inspecionou minha perna com atenção.

– Parece que você está fora de perigo.

Ele acariciou meu pescoço com o nariz, apesar do rosnado baixinho que vinha do outro lado do nosso barco de concha.

– Bom dia, *bilauta*. O que eu perdi?

– Só um poema.

– Ainda bem que eu estava dormindo – caçoou ele.

Dei-lhe uma cotovelada de leve.

– Seja gentil.

– Pois não, minha querida.

– Assim está melhor. Que tal tomarmos café da manhã?

Nós comemos com gosto depois que Ren e Kishan concordaram que tínhamos quase recuperado a saúde normal. Quando terminamos, voltei a me posicionar rígida no assento naturalmente curvo da concha.

– Certo. E agora, o que faremos? – perguntei.

– Talvez possamos chamar um dragão e pedir ajuda – sugeriu Kishan.

Ren retrucou:

– Tenho a sensação de que eles não vão mais nos ajudar. Além disso, não queremos que Lùsèlóng apareça para nos oferecer mais um desafio, não é mesmo?

– Não! – Estremeci ao lembrar como os dois quase se transformaram em petisco de dragão. – Uma coisa é certa: eu preciso ficar longe do sol hoje.

Passei o dedo na lateral da concha onde um buraquinho tinha sido feito e uma

ideia começou a se formar.

– Ren? Será que você pode usar o tridente para fazer mais três buracos iguais a este? Quero que fiquem com espaços iguais, como uma caixa.

Ele se ajoelhou ao meu lado e enfiou o dedo no buraco.

– Quer que todos sejam do mesmo tamanho?

– Quero. Precisamos que tenham tamanho suficiente para passar uma corda grossa.

Ele gemeu e começou o trabalho.

Kishan se aproximou de mim.

– Qual é o seu plano?

– Acho que devemos tentar usar o vento para nos levar de volta ao iate.

– Boa ideia. É melhor do que só ficar aqui flutuando no vale dos tubarões.

– Vale dos tubarões? Espero que esteja exagerando.

– Exagerando? – A testa de Kishan se franziu quando ele viu o medo no meu rosto. – É, eu estava exagerando.

– Não, não estava. Eles estão à nossa volta, não é mesmo?

Ele se encolheu.

– Estão. Ainda tem muita carne de tubarão no mar. Eu os ouvi batendo na água a noite toda.

Soltei um barulho involuntário e fechei os olhos, rezando para que meu pequeno experimento não fizesse nosso barco virar naquelas águas infestadas de tubarões. Pedi ao Lenço que criasse um parapente e que o prendesse com cordas a todos os buracos que Ren tinha feito. Então ordenei ao Lenço que colhesse os ventos com suavidade no parapente e nos levasse de volta até o *Deschen*.

Uma brisa começou a soprar um pouco mais forte e Ren e Kishan ergueram o parapente no ar feito uma pipa. O pano forte se inflou e nos puxou para a frente. Nós sacolejamos na água e o vento nos jogou de um lado para outro, mas Ren mudou de lugar rápido para manter nosso barco de concha nivelado. Levando em consideração todos os fatores, até que a viagem foi confortável. Ren até fez um guarda-sol usando uma lona oferecida pelo Lenço tendo como base balas de menta em forma de bengala tamanho família presas em queijos redondos furados no meio que o Fruto Dourado forneceu.

Fizemos um lanche com lascas de queijo parmesão e biscoitos e conversamos enquanto mantínhamos os olhos bem abertos para avistar o iate. Relaxei

sabendo que agora estávamos a quilômetros de distância do bufê de tubarão e deixei as pontas dos meus dedos se arrastarem na água. Caí no sono várias vezes.

A manhã se transformou em tarde e ainda não havia sinal do *Deschen*. Nuvens tomaram conta do céu e logo estávamos rodeados por uma névoa espessa o suficiente para bloquear o sol.

– Talvez estejamos perto da ilha do dragão azul – comentei.

Decidimos que eu deveria emitir um clarão a cada 15 minutos, mais ou menos, e foi depois do quarto raio que Kishan disse ter escutado alguma coisa. Eles puxaram uma das cordas para nos guiar para a direita e me pediram que emitisse mais um clarão. Dessa vez vi uma faísca fraca em resposta. O vento de repente abrandou e o nosso parapente voou para a água.

Ren o puxou de volta para o barco quando outro clarão se acendeu bem acima da nossa cabeça. Quando as faíscas vermelhas sumiram, nossa concha bateu no casco liso do iate. Kishan nos amarrou e eu fiquei tão feliz que quase chorei.

– Olá? – chamou uma voz conhecida no meio da névoa.

– Senhor Kadam? Senhor Kadam! Estamos aqui!

Então o rosto querido do Sr. Kadam apareceu no meio da névoa. Ele abriu um sorriso enorme e ajudou Kishan a puxar o barco mais para perto.

– Mas que tipo de embarcação é essa de vocês? – perguntou ele, rindo.

– É uma concha – expliquei. – Foi criada pelo Colar.

– Bom, tragam-na a bordo. Posso ajudá-la, Srta. Kelsey?

– Pode deixar comigo.

Ren me pegou no colo e de algum jeito conseguiu fazer nós dois subirmos pela escadinha até a garagem molhada enquanto o Sr. Kadam e Kishan manobravam o barco de concha até a rampa e o puxavam para dentro.

– Senhorita Kelsey, feriu-se mais uma vez?

– É... acho que eu morri. Mas Kishan me trouxe de volta. Temos muita coisa para contar ao senhor.

– Posso imaginar. Mas, primeiro, permitam-me pedir a Nilima que a ajude a ficar mais confortável. Ela consegue andar, Ren?

– Ainda não tentou, desde o ferimento.

– Pode me pôr no chão. Acho que pelo menos ficar em pé eu consigo.

Com cuidado, ele me colocou em pé e me ofereceu o braço como apoio enquanto eu experimentava alguns passos. Eu estava mancando um pouco. Os músculos pareciam retesados.

– Acho que vou ficar bem, principalmente depois de uma massagem na panturrilha mais tarde.

– Eu posso fazer – disseram os dois irmãos ao mesmo tempo.

Dei risada.

– Ainda bem que tenho duas pernas. – Eu me inclinei, passei o dedo pela cicatriz cor-de-rosa e comparei as pernas. Suspirei ao ver que agora tinha uma cicatriz em cada perna, uma do tubarão-monstro e outra do *kraken*. – Eu me viro com Nilima. Vocês dois podem descansar. Quero colocar o assunto em dia com o Sr. Kadam.

– Eu fico com você – ofereceu-se Ren.

– Não. Eu vou ficar com ela – desafiou Kishan.

– Eu vou ficar bem. Não se preocupem comigo. Vejo vocês dois mais tarde.

Com relutância, eles se retiraram e eu me apoiei no ombro do Sr. Kadam, que me envolveu com um dos braços e suspirou.

– Você ainda não contou a eles.

Eu sabia exatamente do que ele estava falando. Sacudi a cabeça.

– Já havia tanto perigo... eu não quis sobrecarregá-los. Saber só iria fazer com que ficassem loucos para confrontar Lokesh.

– Mas eles devem saber... logo.

– Eu sei. Só precisam de uma boa noite de descanso primeiro. "Uma batalha de cada vez" é o meu novo lema.

– Você também está cansada. Precisa descansar.

O Sr. Kadam insistiu para que deixássemos as explicações para mais tarde naquela noite e me deixou sozinha no quarto. Abri o chuveiro e tirei minhas joias. Nilima apareceu e me ajudou com o fecho do Colar de Pérolas. Ela soltou um gritinho de admiração ao segurá-lo nas mãos.

– É lindo, Srta. Kelsey!

– É mesmo. Ele faz água e meio que convoca criaturas do oceano. Vamos ter que descobrir o que mais ele faz.

– Posso experimentar?

– Divirta-se.

– Por favor encha a banheira com água quente para a Srta. Kelsey.

A banheira imediatamente se encheu, e Nilima bateu palmas, impressionada.

Eu sorri.

– Parece ótimo, mas eu gostaria de tomar uma chuveirada primeiro para tirar todo o sal.

– Claro. Pode ir para a banheira depois.

Estremeci. A ideia de entrar na água me deixou nervosa. Fiquei imaginando se eu ainda seria capaz de fazer mergulho com tanque. Imagens do tubarão gigante passavam pela minha mente e era fácil imaginar suas enormes mandíbulas se abrindo para uma mordida.

– Prefiro tomar banho de banheira em alguma outra ocasião, se você não se incomoda. Vou ficar só com o chuveiro por enquanto.

Nilima deu de ombros e me ajudou a tirar o vestido. Ela estalou os lábios para o material estragado e passou a mão pelos bordados com contas.

– Deve ter sido tão lindo...

– Era bonito – reconheci –, mas me deixava meio sem jeito.

– Por quê?

– A parte de cima era curta demais.

– Ah, o *choli*. Existem vários estilos, modernos e antigos. Eles não são curtos para expor o corpo da mulher, mas sim para mantê-la confortável no calor.

Ergui uma sobrancelha e Nilima riu.

– Tudo bem. Admito que às vezes é usado para chamar a atenção de um homem.

– Então funciona com toda a certeza. Até demais – balbuciei.

Ela tirou as joias do meu cabelo e se maravilhou com cada peça, apreciando-as. Saía vapor do chuveiro. Depois de soltar meu *choli*, ela me deixou sozinha, e lavei o cabelo e esfreguei a pele calmamente. Quando me sentei à penteadeira com meu roupão grosso, ela voltou com uma braçada de roupas. Penteou meu cabelo comprido e molhado enquanto eu passava creme nas queimaduras de sol das pernas e dos braços.

– Nilima?

– Pois não?

– Será que você pode cortar o meu cabelo mais curto, por favor? – Eu me

apressei ao vê-la sacudir a cabeça com apreensão. – Está comprido demais. Não consigo dar conta. Não precisa cortar tudo... só até o meio das costas mais ou menos.

– Ele vai ficar bravo.

– Acho que já não faz mais diferença.

– Por que não?

Suspirei.

– Porque nós terminamos. Eu disse a ele que agora estou com Kishan.

Ela fez uma pausa no meio de uma penteada e então prosseguiu devagar.

– *Entendi*...

– Kishan não se incomoda com o que faço com meu cabelo e, mesmo trançado, está comprido demais.

– Certo, Srta. Kelsey. Mas, se ele perguntar, você fez isso sozinha.

– Combinado.

Ela cortou meu cabelo logo abaixo da escápula e o trançou. Vesti uma camiseta macia e um jeans surrado e saí descalça para procurar os outros.

Nilima ficou de vigília na casa do leme enquanto o Sr. Kadam se juntava a nós três no *lounge*. Nós comemos e nos revezamos contando sobre o que tinha acontecido. Ele fez muitas anotações e com frequência pedia que repetíssemos as instruções do dragão com a maior precisão possível. Eu lhe mostrei o Colar de Pérolas, que ele virou nas mãos e depois o desenhou com precisão em seu caderno. Ele documentou as várias maneiras como nós o tínhamos usado e quis dar início a uma bateria de testes o mais rápido possível.

– Acho interessante o fato de a senhorita não ter sarado da mordida do tubarão enquanto estava neste reino, apesar de ter se curado com rapidez em Shangri-lá do ataque do urso – comentou o Sr. Kadam.

– Lembre-se de que também não sarei em Kishkindha quando o *kappa* me mordeu.

– Mas sarou da mordida do *kraken*, apesar de ter sido um pouco mais devagar. Algumas explicações possíveis me vêm à mente. Uma: talvez haja algo especial em Shangri-lá. Pode ser que a lei de não fazer o mal tenha relação com isso. Duas: talvez apenas os guardiões dos objetos possam causar danos mortais. Três:

a cura só ocorre quando o ferimento não é mortal. Seja lá qual for a razão, acredito que precise tomar muito cuidado, Srta. Kelsey. Mesmo nos reinos dos outros mundos, há risco de morrer. Temos sorte por Kishan ter sido abençoado com o *kamandal*. Sinto que já não podemos mais acreditar que seu amuleto a protege de ferimentos ou que estar em um reino mágico vai ajudá-la a se curar. – Ele estendeu a mão e deu tapinhas carinhosos no meu joelho. – Seria impensável perdê-la, minha cara.

O Sr. Kadam ampliou o olhar para incluir a todos.

– Nós todos vamos precisar ser mais vigilantes em relação à saúde da Srta. Kelsey.

Os irmãos assentiram.

Quando terminamos de fazer nosso relato, o Sr. Kadam se recostou e uniu as mãos. Ele bateu com os dedos no lábio como sempre fazia e disse:

– Acredito que cobrimos tudo. Mas sinto que devo mencionar a vocês que os cinco dragões desapareceram do bordado de Lady Bicho-da-Seda. Nilima e eu pudemos vê-los se transformarem quando vocês entravam em seus domínios, por isso sabíamos quando deixavam as águas das zonas deles. Há dois dias, todos desapareceram.

– Foi mais ou menos quando entramos no Sétimo Pagode – falei, perplexa.

Ele assentiu.

– Ainda temos o sextante e o disco, mas acredito que eles vão desaparecer quando retornarmos ao nosso mundo. Nilima e eu especulamos que existe uma passagem de algum tipo, semelhante à estátua de Ugra e ao portão do espírito que vá levar nosso iate de volta ao tempo normal. Amanhã vamos nos dirigir ao local onde encontramos o dragão vermelho e esperar que nos conduza de volta ao Templo da Praia. No entanto, antes de prosseguirmos, eu gostaria de lançar âncora nesta noite e permitir que todos tenham uma boa noite de descanso. Tenho motivos para acreditar que outra batalha paira em nosso futuro próximo, e quero que estejamos prontos. Senhorita Kelsey? Talvez este seja o momento de compartilhar o que aconteceu na sua visão.

Engoli em seco e me virei para Ren e Kishan.

– Quando vocês me perguntaram antes o que Lokesh tinha dito, eu não contei tudo.

– Como assim? – indagou Kishan.

– Eu... eu menti.

Ren se inclinou para a frente e disse:

– O que realmente aconteceu?

– Para começar, o capitão Dixon está morto.

O Sr. Kadam esperou um momento até os dois absorverem a notícia e então explicou:

– Lokesh causou a morte do meu amigo. Nós assistimos quando aconteceu e sinto enorme pesar por sua perda. Minha primeira reação foi querer procurar o restante da tripulação para ter certeza de que estavam todos em segurança, mas não podemos nos arriscar a voltar a Mahabalipuram, sabendo que Lokesh esteve lá e que possivelmente ainda está. É muito provável que ele já tenha assassinado toda a nossa tripulação. Só espero que alguns deles tenham sobrevivido, mas, para ser sincero, não acredito nisso. Ainda assim, quando estivermos longe e em segurança, vou enviar agentes para procurá-los.

– O que mais? – perguntou Ren.

– Hmm... parece que ele quer mais do que apenas os nossos amuletos – gaguejei e engasguei.

O Sr. Kadam sorriu em um gesto solidário e assumiu a narrativa.

– Ele fez investidas para a Srta. Kelsey. Ele... a deseja.

Ren se levantou de maneira abrupta e os punhos de Kishan se apertaram.

– Eu o mato – vociferou Ren. – Ele nunca vai tocar nela.

– Não acredito que seja a simples luxúria por uma mulher o que o move, apesar de isso certamente desempenhar um papel. Ele vê poder na Srta. Kelsey e quer... ter um filho com ela.

A reação dos dois homens foi muito diferente. Ren estava fervendo. Tinha as mãos fechadas e os dedos curvados como se ainda tivesse garras e quisesse dilacerar algo.

Em contraste, o desespero de Kishan era silencioso. Sua expressão assumiu um ar desolado.

– A culpa é toda minha – disse ele.

Peguei no seu braço.

– Por que está dizendo isso?

– Eu o incitei, eu o desafiei quando lutei contra ele no acampamento dos baigas. Ele me viu brandir o *chakram* quando eu estava disfarçado de você.

– Não acredito que esta seja toda a razão – garantiu o Sr. Kadam. – Mas talvez contribua para a percepção dele. Se me permitem arriscar uma hipótese, acho que ele sempre considerou a família Rajaram poderosa e deseja absorver esse poder. Ele nunca derrotou vocês. Escaparam dele várias vezes, e ele não gosta de perder. Ter um filho é algo que ele deseja há muito tempo, há séculos, na verdade. No nosso tempo, ele tinha o mesmo desejo, mas com outra mulher.

– Mamãe – disse Ren, baixinho.

– Sim. Ele teria tomado Deschen se nós não tivéssemos fugido e agora procura tomar a Srta. Kelsey. Ele está num barco e desconfio que ficará de olho no nosso retorno.

– Ele não vai encostar nenhum dedo nela – jurou Kishan.

Ren completou:

– Precisamos escondê-la.

– Esperem um segundo – eu me intrometi. – Vocês precisam de mim. Eu tenho poder, e há dezenas de piratas de Lokesh a enfrentar. Nós os vimos.

O Sr. Kadam bateu no lábio com os dedos.

– Estou de acordo com a Srta. Kelsey. Acredito que, para vencer uma luta sem baixas, vamos ter de atingi-los com força e rapidez. Não acho que eles vão tentar nos matar. O mais provável é que empreguem armas não letais mais uma vez. Nós vamos usar o casco do navio como escudo e o seu poder, primeiro à distância. A briga no braço vai ser o último recurso e a Srta. Kelsey é uma boa arma à distância. Vou elaborar um plano de ataque específico enquanto vocês três dormem. Descansem o máximo possível. Vamos torcer para que ele não repare em nós, mas vamos nos preparar para a guerra. Amanhã precisamos estar prontos para a batalha.

Ren se virou de frente para uma janela escura e perguntou:

– Por que não nos contou isso antes, Kelsey?

Esfreguei as palmas das mãos suadas na calça e respondi:

– Eu não queria distraí-los. Se não chegássemos à superfície, não teria feito diferença. Torci para que houvesse tempo de sobra para lhes contar tudo mais tarde.

Ele se virou de frente para mim.

– Da próxima vez, me conte logo. Consigo lidar melhor com informações desconcertantes quando está tudo às claras e quando você é sincera comigo.

– Tudo bem – concordei e desviei o olhar, pouco à vontade.

Com o final da reunião, voltei para o meu quarto com Kishan ao meu lado e Ren atrás, nos seguindo a uma distância discreta.

– Conseguimos o Colar. Agora vocês podem ficar na forma humana durante 18 horas por dia. Só falta mais uma tarefa.

Kishan resmungou distraído, deu um beijo na minha testa e parou à porta.

– Dezoito horas, hein? Parece uma eternidade. – Ele sorriu. – Ren e eu precisamos conversar. – Ele passou o dedo pela minha bochecha. – A gente se vê de manhã, certo?

Confusa, assenti e fui para cama.

Kishan não voltou mais ao meu quarto e foi bom assim, porque acordei várias vezes com pesadelos. Acabei acendendo uma luz fraca para que pudesse parar de imaginar que estava embaixo da água negra mais uma vez. Quando abri a porta de comunicação, encontrei Kishan deitado de bruços, dormindo profundamente.

Fechei a porta com cuidado e fui tomar café da manhã. O Sr. Kadam e Nilima já tinham comido e sugeriram que eu fizesse um prato para mim. Eu me acomodei na frente deles à mesa quando Ren, recém-saído do banho, chegou. Ele encheu o prato de panquecas, passou manteiga de amendoim na parte de cima, fatiou uma banana e banhou o prato todo com xarope de bordo.

Escondi um sorriso enquanto bebia um copo de leite. Ele se sentou ao meu lado e nossos ombros se tocaram.

– Dormiu bem?

– Dormi, sim. E você?

– Já dormi melhor – disse ele e sorriu, como se tivesse se lembrado de uma ocasião específica. – Mas foi bom o bastante. Onde está Kishan?

– Ainda dormindo. Eu não quis acordá-lo.

Ele franziu a testa.

– Ele devia estar mais vigilante no que diz respeito a você. Tinha que ter acordado assim que você se moveu.

Dei de ombros.

– Eu não corria perigo algum, e não acho que ele estivesse dormindo

profundamente. É assim que ele dorme na forma de tigre também. Além do mais, é possível que não tenha me escutado.

– Como não iria escutar você?

– Ele dormiu no quarto dele ontem à noite.

Ren sorriu.

– Vocês brigaram?

– Não. E onde ele dorme não é da sua conta.

– É, sim, se ele não toma conta de você.

Bufei e peguei o meu prato.

– Sabe se já estamos a caminho, Sr. Kadam?

– Estamos. Devemos chegar às coordenadas determinadas em algumas horas. Relaxem por enquanto. Vou avisá-los com bastante antecedência quando estivermos chegando lá.

Ren acabou com o último pedaço de panqueca e perguntou:

– Quer jogar uma partida de ludo enquanto espera por... – ele franziu a testa – enquanto espera?

– Parece bom. Mas não quero jogar ludo. Preciso ensinar a você o jogo do trem. Nós temos este, não temos, Sr. Kadam?

– Temos, além dos outros que a senhorita recomendou.

Enlacei o braço de Ren.

– Vamos. Eu deixo você ser o azul.

Uma hora depois, Ren analisou o tabuleiro, colocou na mesa uma carta-curinga e avançou com seu último trem.

– Ganhei – anunciou.

– Não se apresse tanto. Precisamos contar os pontos.

– É tão óbvio que ganhei que nem precisa contar.

– Não necessariamente. Eu tenho a conexão mais comprida e segmentos grandes. Você não está com medo de usar suas habilidades matemáticas, está?

– Está dizendo que eu não sei fazer conta?

– Não. Mas faz muito tempo que você saiu da escola. Sinta-se livre para contar nos dedinhos, se precisar.

Dei um sorriso debochado.

– Parece que você precisa aprender uma lição sobre respeito.

– Você vai promulgar uma lei contra fazer piada com o *Sumo Príncipe e*

Protetor do Reino Mujulaain?

– O certo é *Príncipe e Sumo Protetor do Império de Mujulaain* e, sim, talvez eu devesse promulgar uma lei.

– E o que faria se eu desrespeitasse a sua lei? Iria cortar minha cabeça?

Sua expressão era maliciosa.

– Estava pensando mais em algo como descobrir uma maneira fazê-la parar de falar, mas talvez você aprecie demais o castigo. – Ele esfregou o queixo. – Suponho que eu pudesse jogar você na piscina.

Ele sorriu, mas estão sua expressão mudou quando o sangue se esvaiu do meu rosto.

– Qual é o problema, Kells? – Apressado, ele empurrou o jogo de tabuleiro para o outro lado da mesa e pegou minha mão. Os vagõezinhos de trem caíram do tabuleiro para todos os lados, estragando a contagem de pontos. – O que foi? – perguntou ele com carinho e acariciou minha bochecha.

– Nem sei se algum dia vou conseguir voltar a entrar na água. Ontem à noite eu nem consegui tomar um banho de banheira. A única coisa que vejo são dentes enormes me perseguindo. Tive pesadelos a noite toda.

– Sinto muito, minha *anmol moti*. Há algo que eu possa fazer para ajudar?

– Não. Na verdade, não. – Suspirei. – Um dia vou superar esse medo, eu espero. Eu gostava de mergulhar antes de isso acontecer.

Ele assentiu, se levantou e então estendeu a mão. Com um sorriso largo, disse:

– Então talvez o seu castigo deva ser arrumar o jogo enquanto eu observo.

– Oh, esse é um castigo terrível!

Comecei a recolher os trens e guardar nos saquinhos e, apesar de seu decreto, ele ajudou. Minha trança caiu por cima do ombro quando me abaixei para pegar a tampa da caixa e ele a puxou.

– Achou que eu não ia reparar?

– Eu sabia que você provavelmente ia reparar, sim. Até me surpreendi por não ter dito nada ontem à noite.

– Eu reparei, mas... Sinto muito, Kelsey. Eu não devia ter sido tão inflexível em relação a isso antes. – Ele torceu a fita do meu cabelo no dedo, pensativo. – Quando você cortou o cabelo logo depois que nós terminamos, foi como se tivesse cortado fora todos os laços comigo. Quando você e Nilima se prepararam para cortar de novo, eu entrei em pânico. Foi muito difícil para mim. Sei que é

coisa da minha cabeça, mas sinto que a sua versão de cabelo comprido pertence a mim, e a versão de cabelo curto, a Kishan.

Ele suspirou.

– Mas o seu cabelo é bonito de qualquer jeito, apesar de eu sempre ter gostado das suas tranças. – Ele largou a trança grossa, levou os dedos do meu queixo para a lateral do meu pescoço e então deu um passo para mais perto. Parei de respirar, hipnotizada pelo homem lindo que pretendia me beijar.

– Kelsey? Kelsey, onde você está? – berrou Kishan ao pular da escada para o convés em que estávamos.

– Aqui! – gritei em resposta com um tom de pânico na voz e dei um passo para longe de Ren.

Ele correu para o meu lado, alheio à tensão pesada que eu estava sentindo em relação ao irmão dele, e me deu um beijinho na bochecha.

– Estamos quase chegando. O Sr. Kadam pediu que fôssemos para a casa do leme.

Kishan pegou minha mão para me conduzir para fora da sala. Ren seguiu atrás de nós. Senti que ele estava me observando e meus braços se arrepiaram. Fiquei escutando seus passos e então ele disparou à nossa frente na escada larga.

Enquanto dávamos a volta pelo deque externo para chegar à casa do leme, Ren perguntou:

– Kishan, será que você pode dormir no quarto da Kelsey hoje à noite?

Dei uma espiada em Ren, que parecia ter acabado de engolir uma coisa muito amarga.

Kishan ficou olhando boquiaberto para o irmão, então empertigou-se e cruzou os braços por cima do peito, desconfiado.

– Por quê?

Ren se apressou em explicar:

– Ela está tendo pesadelos. Dorme melhor com um tigre por perto.

Franzi a testa.

– Ren, você não precisa providenciar...

– Apenas deixe-me ajudar com isso, Kells.

– Tudo bem. Tanto faz. Vocês dois que façam seus planos.

Comecei a subir a escada e ouvi Kishan e Ren cochichando lá embaixo. Revirei os olhos, entrei na casa do leme e me acomodei numa cadeira confortável.

– Então, o que está acontecendo? – perguntei.

– Estamos nos preparando para entrar nas águas do dragão vermelho.

– Certo.

Meia hora depois, os irmãos e eu observamos enquanto o Sr. Kadam e Nilima guiaram o iate com destreza em um círculo ao redor das águas do dragão vermelho. Não aconteceu nada. Não enxergamos qualquer passagem nem marco para indicar o que deveríamos fazer. Lóngjūn também não apareceu. No meio da tarde, eu estava inquieta e achei que ia pirar se continuas-
se com os olhos fixos no mar. Meus dedos roçaram algo macio quando me afastei da janela. Era o quimono de Lady Bicho-da-Seda.

Contornei com o dedo a estrela da frente, que agora estava completa. Virei-o do outro lado e vi que os cinco dragões de fato tinham desaparecido da parte de trás, mas seus elementos continuavam lá. Passei a mão pelas nuvens, tracei o contorno dos relâmpagos do dragão verde e então voltei a virar o quimono e tracei uma linha até o Templo da Praia com o dedo.

– Leve-nos para casa – sussurrei.

Ouvi o som suave de fios de seda correndo e senti o iate dar uma guinada.

– O que aconteceu? – gritou o Sr. Kadam.

– Toquei no quimono e disse: "Leve-nos para casa."

Nilima e o Sr. Kadam se afastaram dos controles que agora piscavam enlouquecidos. O sextante e o disco celeste tremeluziram e desapareceram. Ren e Kishan se transformaram em tigres e se acomodaram aos meus pés, um de cada lado. O movimento dos fios contra os meus dedos chamou minha atenção e mostrei ao Sr. Kadam um barquinho minúsculo bordado que viajava por uma linha nova que terminava no Templo da Praia.

– Parece que estamos nos movendo no tempo normal mais uma vez. Mas nenhum dos nossos instrumentos está funcionando – disse ele. – Acredito que Lady Bicho-da-Seda esteja nos levando para casa.

Eu me sentei de modo abrupto e soltei a respiração.

– Isso significa que temos tempo antes de voltar?

– Acredito que sim. Antes, demoramos aproximadamente 12 horas para viajar entre os mundos.

– Então, vamos chegar amanhã de manhã cedo.

– Isso mesmo.

– Levando em conta o que está à nossa espera, isso provavelmente é bom. Ren e Kishan precisam ficar na forma de tigres durante seis horas. – Dei tapinhas carinhosos na cabeça de Ren e fiz um cafuné atrás da orelha de Kishan, me apressando em adicionar: – Não que eles não sejam igualmente terríveis na batalha em sua forma felina. – Eu sorri e torci a orelha de Ren com carinho. Inclinei-me para a frente e disse: – Não pode me castigar por fazer piada com você agora, não é mesmo, gatinho lindo?

Ren rosnou para mim de um jeito a dar a entender que ele iria se lembrar da minha brincadeira e que me faria pagar por ela mais tarde.

O Sr. Kadam retornou distraído para seus mapas enquanto eu alisava o quimono no colo. Quando o virei do outro lado, vi que os cinco dragões tinham voltado. O azul roncava baixinho, o branco fazia que sim com a cabeça e tinha um sorriso caloroso, o vermelho sorria com segundas intenções, o verde dava uma piscadela e o dourado estava em pânico, com a cabeça enfiada numa pilha de pedras preciosas.

– É legal ver vocês todos também – falei, rindo.

Compartilhei o jantar com meus tigres e achei graça quando os dois preferiram que eu lhes desse comida na boca. Eu estava com saudade dessa versão deles e brinquei, dizendo que eram gatos gigantes mimados enquanto lambiam meus dedos sujos da carne suculenta que eu lhes dava.

Mais tarde, li para eles *Contos dos irmãos Grimm*, apoiada nas costas de Ren. Kishan estava esticado ao meu lado, com a cabeça apoiada na minha perna. Não demorou muito para eu mudar de posição, desconfortável, e pedir que ele acomodasse a cabeça no chão.

– Desculpe, mas minha perna ainda está doendo um pouco.

Ren rosnou baixinho em resposta.

– Fique quieto. – Dei um tapa de brincadeira no ombro do tigre branco. – Ele não sabia, e agora sabe.

Os dois se acalmaram e passei mais uma hora lendo em voz alta as histórias de *O príncipe sapo*, *O Pequeno Polegar* e *A dama e o leão*, que era a minha versão favorita do conto de *A Bela e a Fera*. Depois disso, fui cambaleando, sonolenta, para o meu quarto, seguida pelos dois tigres.

Kishan pulou para cima da cama e Ren se deitou no chão. Vesti o pijama no banheiro e me acomodei sob as cobertas. Kishan já estava dormindo, mas Ren

ergueu a cabeça branca do meio das patas para que eu pudesse fazer um cafuné em suas orelhas.

– Boa noite – sussurrei e caí em um sono revigorante sem sonhos.

Logo depois do amanhecer, o iate deu um solavanco tão repentino e tão violento que eu caí da cama, bem em cima de Ren. Ele se transformou em homem e, rapidamente, me tirou do caminho quando uma prateleira de livros desabou com tudo no chão, exatamente no lugar em que estávamos um momento antes.

Kishan pulou para o chão na forma de tigre e imediatamente se transformou em homem.

– Encontrem-me na casa do leme! – gritou ele ao irromper porta afora.

Ren juntou nossas armas enquanto eu trocava de roupa. Saí do closet com um galo na cabeça. Outra onda tinha atingido o iate e eu bati a cabeça no gancho do roupão.

– É estranho. – Fui até Ren enquanto o iate voltava a se endireitar e comentei: – Parece que as ondas são cronometradas, não aleatórias. Não parece uma tempestade.

– Tem razão. Não é natural. – Ren deslizou Fanindra pelo meu braço, prendeu o Colar de Pérolas no meu pescoço, amarrou o Lenço na minha cintura, guardou o Fruto no alto da aljava de flechas douradas nas minhas costas e me entregou o arco. O tridente estava pendurado numa alça na cintura dele e a *gada* estava em suas mãos.

– Pegou tudo de que precisa? – perguntei e me segurei no batente da porta.

Ele sorriu e tocou minha bochecha de leve.

– Peguei. Tudo de que preciso está bem aqui.

Envolvi sua mão com a minha e ele a levou aos lábios. Eu me inclinei para perto bem quando outra onda me jogou em seus braços.

– Precisamos ir – falei.

– Precisamos.

Ele não fez qualquer menção de se mover.

Dei-lhe um beijinho na bochecha.

– Vamos, Tigre. Nós... *conversaremos* mais tarde.

Ele sorriu e me puxou para fora do quarto. Corremos o mais rápido possível

até a casa do leme pela escada que sacolejava.

– Estamos sendo atacados? – perguntei. – Mais um monstro do mar?

Antes que Ren pudesse responder, chegamos ao deque e fiquei lá parada por um momento, em choque.

– O Templo da Praia! Estamos em casa!

A cidade de Mahabalipuram se estendia à nossa frente na praia. Em apenas alguns momentos, passamos a toda velocidade pela localidade e continuamos a seguir pelo litoral. Para onde quer que estivéssemos indo, avançávamos depressa.

– Kelsey! Vamos!

Alcancei Ren e peguei a mão dele no instante em que mais uma onda atingiu o navio. Perdi o equilíbrio quando o iate tombou perigosamente para o lado. Ren se segurou na amurada e me puxou até conseguir me abraçar.

– Obrigada – murmurei contra o peitoral dele quando meus pés voltaram a encontrar o chão.

– Sempre que precisar.

Ele sorriu e apertou minha cintura. Nós irrompemos na casa do leme onde o Sr. Kadam, desesperado, explicou:

– Fomos descobertos. Eu não fazia ideia de que ele tinha esse tipo de poder.

Ondas gigantescas corriam na nossa direção, cada uma delas ameaçando nos afundar. Nuvens negras surgiram do nada e escureceram o céu claro da Índia. O vento chicoteava o iate com tanta força que as janelas tremiam.

– É Lokesh? – gritei mais alto que o barulho.

O Sr. Kadam assentiu.

– Meus cálculos estavam errados! Chegamos ao Templo da Praia ao amanhecer... mais cedo do que o esperado. Resolvi passar ao largo da cidade, só para garantir. Mas ele estava à nossa espera perto do templo e lançou seu ataque! Temos que tentar avariar o barco dele antes que nos destrua!

Ele tinha encontrado a gente.

Fui para o telhado da casa do leme com Ren. Kishan nos alcançou. A primeira coisa que fiz foi prender nós três à amurada usando o Lenço. Então eu disse a Ren que usasse o Lenço, Kishan, o Fruto, e eu iria usar meu poder de raio se o barco de Lokesh entrasse na minha linha de alcance, além de tentar alguma coisa com o Colar.

Eu me concentrei no barco negro que se aproximava de nós com rapidez. Ainda estava longe demais para o poder de raio, por isso sussurrei para o Colar, dizendo-lhe que atacasse a embarcação deles com chuva e a pegasse em um redemoinho. Em seguida, pedi que qualquer criatura do mar que pudesse atender ao chamado do Colar viesse nos ajudar. Ren criou uma lona gigantesca para jogar por cima do barco de Lokesh, e Kishan cobriu os deques deles de óleo e encheu todos os espaços livres visíveis com requeijão.

Sorri ao imaginar o pânico que tínhamos causado, mas franzi a testa quando o vento soprou a lona e berrei quando vi enormes barbatanas vindo em toda velocidade na direção do nosso iate. Ren pegou na minha mão trêmula.

– O que foi?

Em um tom de voz que mal dava para ouvir, sussurrei:

– Tubarões.

Ele apertou minha mão.

– Não olhe para eles.

Mas não pude evitar. Com os olhos fixos nos animais que rodeavam nosso iate, fiquei paralisada. Ouvi Ren falar com Kishan, mas não consegui processar suas palavras.

Então Kishan respondeu:

– Joguei 500 quilos de carne crua aqui perto, mas eles não querem nem saber.

Carne? Ah. Ele estava tentando distrair os tubarões. *Claro que não ia dar certo. Eles não ligam para comida. Só querem nos pegar.* Senti pingos de chuva pesados caírem no meu rosto e na minha cabeça. As ondas cessaram, mas Lokesh estava criando uma terrível tempestade. Despertei da minha fixação pelos tubarões e dirigi a chuva de volta para o outro barco. Foi quando senti o poder de Lokesh me tocar. Chuva se deparou com chuva. O poder dele tentava empurrar o meu e eu o empurrava de volta. Aquilo parecia... íntimo. Invasivo.

Ataquei com mais força; ele também. A chuva acariciou minha bochecha com brutalidade, como se ele estivesse me tocando fisicamente, e eu quase escutava a risada dele nos sons que os pingos faziam ao atingir o deque.

Ele atacou com tanta intensidade que chorei baixinho, mas Ren me abraçou e senti uma força renovada. Empurrei o poder de Lokesh para longe usando toda a minha energia mental e senti quando ele desistiu, apesar de uma parte de mim saber que ele estava feliz da vida com minha exibição de coragem e que tinha

deixado que eu vencesse. De repente, a chuva parou e as nuvens se abriram. O sol brilhou sobre nós e eu inclinei a cabeça para cima, torcendo para que a quentura me fortalecesse durante nosso breve intervalo. O barco deles escapou do redemoinho e voltou a nos perseguir.

Meus pensamentos dispararam enlouquecidos enquanto eu elaborava um novo plano de ação. Tentei afundá-lo enchendo o convés de água, mas ele fez com que o jato desviasse e retornasse para o mar, junto com alguns de seus homens. Ele se aproximava de nós, voando adiante em velocidade impossível. *Como poderíamos vencê-lo?*

Kishan foi ter com o Sr. Kadam e retornou com o rosto anuviado.

Peguei no braço dele e falei:

– O que foi?

– Estamos quase sem combustível. Não vamos conseguir ser mais rápidos do que eles.

– Quanto tempo ainda temos? – perguntei.

– Meia hora. Talvez uma hora, no máximo.

Nós três nos juntamos e discutimos outras opções.

Kishan queria ancorar o iate e lutar contra ele em terra. Ren queria dar meia-volta e arremeter o iate contra o barco dele. Achei que a opção de lutar em terra talvez fosse melhor porque assim iríamos nos livrar dos tubarões. Nosso planejamento silencioso foi interrompido pelo som de diversos gêiseres em erupção. Jatos de respiração de baleias!

Fiz sombra sobre os olhos e avistei pelo menos uma dezena de corcovas de baleias-cinzentas indo na direção do barco negro. Elas o rodearam e bateram contra ele com o corpo pesado, conseguindo retardar seu progresso.

– Vamos aproveitar a deixa – gritei. – As baleias vão retardá-los. Nós vamos até onde nosso combustível nos levar, então pegamos a lancha para ir até a praia e desaparecemos na selva.

Eles concordaram e Ren correu para contar ao Sr. Kadam o que estava acontecendo quando algo chamou minha atenção.

– Os tubarões! Kishan, onde eles estão?

– Ali. – Ele apontou para o mar e eu vi diversas barbatanas negras dirigindo-se de volta ao barco negro. – Ele mandou que atacassem as baleias.

– Não! – A água logo ficou vermelha quando um bebê baleia foi separado da

mãe e morto. – Pare com isso! – berrei.

Toquei no Colar de Pérolas na minha garganta e mandei as criaturas gentis de volta para o fundo do oceano. Não demorou muito para os tubarões retornarem nadando atrás do iate. Ren voltou e eu disse a ele, desolada:

– As baleias se foram. Eu não pude permitir que fossem mortas.

– Eu entendo. – Ren apertou meu braço de leve. – Vamos lutar com ele no corpo a corpo. Parece ser o que ele deseja.

– Ele me quer viva.

– Ele nunca vai levar você.

Nós nos encaramos por um breve instante e eu assenti, rezando para que a determinação dele bastasse.

– Estão vindo rápido! – gritou Kishan. – Preparem-se!

Agora o barco de Lokesh estava tão próximo que consegui distinguir silhuetas no deque. Não era tão grande quanto o nosso, mas ainda assim era uma embarcação de certa potência, e era rápida. Havia um arpão grande instalado no convés superior. Homens se agitavam perto das velas e pelos deques e se agachavam atrás de caixas para se proteger. Apenas Lokesh se mantinha em pé, destemido, à medida que o barco ia se aproximando. Quando ele me avistou, sua imagem ficou borrada para mostrá-lo jovem mais uma vez. Arrogante e ousado, ele sorriu para mim e estendeu a mão, me chamando.

Eu me coloquei entre Ren e Kishan e sacudi a cabeça. Lokesh franziu a testa e deu uma ordem. Os rapazes estavam prontos. Kishan lançou o *chakram* e Ren usou o Lenço para amarrar alguns homens e pendurá-los na lateral do barco, ao alcance da mordida dos tubarões. Infelizmente, os tubarões permaneceram concentrados em nós. As bocarras abriam e fechavam com força enquanto eles singravam a água. O *chakram* cortou fora o braço de um inimigo e abriu um peito antes de retornar.

Ren só tinha olhos para Lokesh, que sorriu e o convidou para subir a bordo com um floreio. Lancei uma série de flechas, uma dela imbuída do poder de raio. Atingi dois homens e causei uma pequena explosão na parte de trás do barco, mas estava fazendo mira em Lokesh. Ele parecia estar usando o vento para desviar o trajeto das nossas armas.

Lokesh mexeu o braço e sua embarcação avançou com um arroubo. O iate sacudiu com violência quando o barco negro arremeteu contra a parte de trás

numa explosão de farpas de madeira e guinchos de metal. Uma rampa foi rapidamente acoplada ao nosso iate e um grito de guerra se ergueu no ar quando alguns homens se derramaram para cima do nosso deque.

Ren saltou da casa do leme e pousou agachado seis metros abaixo, no deque. Kishan foi atrás e outro grito de batalha soou no ar: o grito de batalha da casa de Rajaram. Desci apressada pela escada e corri atrás deles. Kishan usou o *chakram* e as garras, passando de tigre para homem bem a tempo de pegar e lançar entre os golpes. Na forma de tigre, suas orelhas se inclinavam para trás e seus dentes apareciam quando ele rosnava. Ao ver o feroz tigre negro, alguns homens cambalearam e pararam, preferindo confrontar Ren, e passaram a desafiá-lo, mas ele era tão perigoso quanto Kishan.

Ren separou o tridente em facas Sai e pulou para o meio da comoção, dilacerando corpos como um touro num galinheiro. Suas facas giravam tão rápido que ele parecia um liquidificador humano, fatiando tudo o que se aproximasse. Eu me escondi atrás de uma estrutura do deque e acertei alguns homens com flechas ou com raios. Lokesh não estava à vista. Eu o procurei, mas ele estava escondido em algum lugar.

Havíamos eliminado dezenas de homens, mas outros continuavam a surgir do barco. Dessa vez, não estavam armados com dardos e isso me deixou confusa. Lokesh sabia que Ren e Kishan não podiam ser mortos. E apesar de aqueles piratas serem modernos, eles lutavam com facas, facões e outros tipos de armas antigas. Não vi qualquer arma de fogo. Não era bem uma batalha; era mais uma carnificina. O único motivo por que ainda não tínhamos vencido era o número enorme de piratas que nos atacavam.

O Sr. Kadam e Nilima se juntaram a mim no deque. Ela estava armada com uma faca e ele, com uma espada de samurai.

– Quem está conduzindo o iate? – sussurrei ao disparar uma flecha e sorri com o grito de dor do pirata que estava prestes a cravar uma faca nas costas de Kishan.

O Sr. Kadam respondeu:

– Não há necessidade disso. Estamos quase sem combustível. Baixamos a âncora e resolvemos ajudá-los a livrar o navio desses bandidos.

– Mas Nilima...

– Tem treinamento completo em artes marciais e em armas. Ela vai ficar bem.

E já está na hora de este velho parar de se esconder pelos cantos sem fazer nada enquanto os mais jovens ficam com toda a diversão.

O Sr. Kadam sorriu.

Nós três entramos no meio da confusão. Nilima era letal. Os homens de fato paravam quando ela se aproximava e sorriam para a linda mulher. Ela derrubava um após o outro, e eles caíam mortos a seus pés adoráveis.

Soltei uma gargalhada irônica.

– Pelo menos eles morrem com um sorriso na cara.

O Sr. Kadam lutava como um mestre espadachim. Ele era majestoso e gracioso ao deslizar para longe dos atacantes antes que pudessem tocá-lo. Não se demorava nas lutas. Simplesmente desabilitava um homem o mais rápido possível e passava para o próximo, com a espada reluzente brilhando ao sol.

Enquanto íamos despachando os piratas, eu me vi com as costas coladas nas de Ren. Mais uma vez, fiquei confusa com Lokesh e seu plano. Havia algo que eu não estava enxergando. Os piratas obviamente tinham recebido instruções de não me machucar, apesar de vários deles terem tentado, sem sucesso, me carregar para longe. O corpos se empilhavam aos nossos pés. *Por que eles não usam tranquilizantes? Esta batalha é quase brincadeira de criança.*

Ren derrotou um oponente enorme e sibilou por entre os dentes:

– Não quero que você fique aqui. Nós estamos nos virando bem. Recue para onde estava antes. Estava fora do alcance visual.

– Você precisa de mim.

– Eu sempre vou precisar de você. É por isso que quero que fique em segurança. *Por favor*, recue. – Ele ficou de costas para o homem que o atacava e implorou com os olhos. Suspirei, explodi o homem que corria na direção dele e então assenti com a cabeça. A batalha logo estaria terminada mesmo. Com Nilima e o Sr. Kadam envolvidos, havia pouca coisa que eu pudesse fazer.

– Certo, mas guarde um pouco para mim.

Ren sorriu.

– Sem problema. E... Kelsey?

– O que foi agora? – perguntei, exasperada, enquanto o cotovelo dele atingiu um sujeito na cara sem que ele sequer o olhasse.

– Eu amo você.

Meus lábios se contorceram em um sorriso desajeitado.

– Eu também amo você.

Ren retornou ao embate com um grito entusiasmado. Pendurei o arco no ombro, corri de volta para minha alcova e então peguei uma flecha para buscar outro alvo. Eu me releguei a ficar na retaguarda, derrubando homens que se aproximavam demais ou que estavam obtendo vantagem sobre alguém. Ainda me sentia envolvida com a batalha, apesar de ficar de fora. Minhas flechas douradas voavam reto e meu poder de raio sempre acertava o alvo.

Fechei um dos olhos, mirei no alto do barco negro e arquejei. Dei um berro, mas já era tarde demais. O homem que estava na minha mira tinha armado o arpão e disparado. A haste gigantesca ia na exata direção de Nilima. Iria matá-la.

O Sr. Kadam também viu. Ele berrou "Nilima!" e se colocou bem na frente dela, abraçando-a junto ao peito.

– Cuidado! – gritei e, em seguida, larguei meu arco e saí cambaleando do meu esconderijo.

Eles tinham sumido! Examinei o deque em busca dos corpos atingidos, mas não estavam lá. O arpão atingiu o piso e se afundou na madeira estilhaçada, mas o Sr. Kadam e Nilima haviam desaparecido.

Uma voz atrás de mim disse:

– Ali está ela!

Senti três picadas. Uma no ombro, uma na coxa e uma no braço.

– Não! – gritei.

Cambaleei para a parede e apertei a mão trêmula contra ela para me firmar. Irritada, arranquei os dardos do meu corpo. Braços pesados me ergueram e me jogaram por cima de um ombro musculoso. Tentei gritar, mas minha voz não passava de um sussurro no meio da tempestade de ruídos da batalha.

Três piratas sorrateiros conseguiram escapar comigo para o outro lado do iate. Ainda me carregando sobre o ombro, o homem grande desceu a escada precária improvisada que tinham usado para nos abordar. Tentei atingi-lo com um raio, mas meu poder já havia arrefecido. Eu me debati, mas ele só deu risada dos meus patéticos esforços.

Lokesh não estava com eles, o que foi um alívio, mas eu sabia que isso não iria durar muito. Eu o veria em breve. Agora entendia por que ele tinha desaparecido e por que a batalha, apesar de sangrenta, havia sido um tanto desfavorável para um dos lados. Era uma armadilha. Ele não se importava se

todos aqueles homens morressem. Meu corpo estava pesado e meus olhos começaram a fechar. O tempo estava acabando.

Depois de me acertar com três dardos tranquilizantes, os homens se sentiram confiantes o suficiente para não me amarrar e, em vez disso, trataram de dar a partida no barco e bater nos tubarões com remos. Aparentemente os tubarões seriam minha escolta pessoal. Trêmula, ergui a mão até o pescoço e, quando o barco saltou por cima de uma pequena onda, arranquei o amuleto. Eu gemi e me virei de lado, como se estivesse caindo no sono, e sussurrei instruções para a cobra dourada no meu braço.

Devagar e com cuidado, tirei Fanindra do braço e enrolei a corrente do amuleto ao redor do pescoço dela várias vezes. Meu braço estava pesado e erguê-la até a beirada do barco parecia impossível. Tentei e não consegui; meu braço entorpecido fez um movimento involuntário.

– Ei, você aí! O que está fazendo?

Um pirata se virou para investigar, pegou meu cotovelo e o apertou até doer. Seus olhos se acenderam quando viu o brilho dourado. Ele se inclinou para mais perto e Fanindra ganhou vida, abriu o capelo e sibilou.

– Uma cobra! – berrou o homem e foi para o outro lado do barco.

Aproveitando a distância dele, foquei os olhos em Fanindra e engoli em seco, tentando limpar as ondas de escuridão que se abatiam sobre minha consciência. Com um esforço monumental, empurrei o corpo dela por cima da beirada do barco e sorri quando ouvi o barulho que ela fez ao atingir a água.

– O chefe não vai gostar nada disto – disse um homem.

– Então nós não vamos contar a ele. Não estou a fim de virar isca de tubarão.

– Combinado. Vamos deixar isso entre nós. – O homem se inclinou e uma nuvem de bafo rançoso se abateu sobre o meu rosto. – Chega de truques, mocinha. O chefe nos contou tudo sobre você.

Não pude responder, apesar de ter pensado em algumas boas palavras. Passamos por cima de uma onda e meu corpo paralisado bateu com força contra o fundo do barco, que, para mim, pareceu o mais macio dos travesseiros. Eu não conseguia nem começar a entender o que tinha acontecido com o Sr. Kadam e Nilima; por isso, meus últimos pensamentos foram sobre Ren e Kishan.

Eu sabia que eles iriam sobreviver à batalha e provavelmente teriam ímpeto suficiente para escapar. Pelo menos eu havia ajudado a devolver 18 horas a eles.

Uma lágrima se esgueirou pelos meus olhos fechados e escorreu pela bochecha. Outra caiu do lado oposto. Achei que era adequado derramar uma lágrima para cada um dos meus tigres, porque eu amava os dois.

Phet tinha dito que eu precisaria escolher. Eu agonizava por causa disso havia meses. Mas na época eu não tinha entendido. Agora eu sabia o que ele quis dizer. Eu não ia ter de escolher *entre* eles. Eu podia simplesmente escolher *salvá-los*. Ambos. Eles iriam sobreviver se eu me oferecesse a Lokesh. Claro que eu iria lutar e fazer o possível para fugir, mas se a fuga não fosse uma opção, este seria o último presente que eu poderia dar aos meus tigres.

Durga dissera: "As pessoas que se arrependem são aquelas que não compreendem a razão da vida."

Agora sei qual é a razão da minha vida e não tenho arrependimentos. Se eles sobreviverem, meu sacrifício terá valido a pena. De algum modo, meus lábios se contorceram em um sorriso, eu me entreguei e me afundei no esquecimento.

EPÍLOGO

Levada

Os dois homens disparavam pela Índia, parando para descansar apenas quando era necessário para reabastecer e comer. Só dormiam quando o animal tomava conta de seus corpos. Eram incansáveis, ambos desesperados para salvar a mulher que amavam. Sabiam que era improvável conseguirem salvá-la a tempo. Ainda assim, precisavam avançar. Tinham que tentar.

Por decisão mútua, deixaram a estrada e esconderam as motos no mato, longe o suficiente dos passantes para que ninguém as avistasse. Ren tirou um pão inteiro de uma mochila, dividiu-o ao meio e jogou uma parte para o irmão. Mastigaram em silêncio e não demorou muito para que os dois pegassem o celular e procurassem o ponto do GPS que era a única coisa que restara de Kelsey.

– Ele a está deslocando mais uma vez – disse Kishan. – Está se movendo com rapidez. Talvez de avião.

Ren soltou um resmungo para mostrar que concordava.

– Está vendo Kadam?

– Não. Ainda não há sinal dele.

Com um suspiro, Ren guardou o celular na mochila e tirou a jaqueta de motoqueiro. O irmão prendeu o capacete na moto e chutou as botas pesadas para longe. Com as roupas dobradas com cuidado e guardadas na bolsa de couro da moto, Ren finalmente permitiu que o tigre se impusesse.

A queimação começava na boca do estômago e se espalhava pelo corpo todo.

Tremores lhe percorriam os braços. À medida que seu centro de gravidade ia mudando, seu tronco caía pesado no chão. Ao mesmo tempo, os dedos se curvavam para dentro da palma das mãos. Seu corpo se cobria de pelos e os bigodes surgiam. A sensação sempre lhe dava vontade de espirrar.

As garras eram sempre a mudança mais difícil. Elas surgiam como adagas da pele entre os nós dos dedos: uma arma que sempre fazia parte dele, encravada em seus tecidos. Apesar de ele ter usado armas e treinado com elas a vida toda, Ren não se deleitava com a guerra nem com a luta, como acontecia com Kishan. Ele preferia travar guerras verbais, ao redor de uma mesa de conselheiros. Apreciava jogos de estratégia e táticas de batalha inteligentes, mas, em seu coração, ansiava pela paz. Desejava desfrutar a vida que os pais haviam tido antes de Lokesh. Queria construir um lar com a mulher que amava e finalmente formar uma família.

Ren começou a andar em círculos, marchando, enquanto sua mente inquieta se preocupava com sua mulher perdida. Para o tigre branco, era simples. Ela era sua fêmea. O lugar dela era ao seu lado e ele não iria descansar até encontrá-la e destruir a ameaça que a tirara dele. Para o homem, a situação era mais complicada. Apesar de ela reconhecer seu amor por ele, tinha decidido ficar com outro. Ele não conseguia entender aquilo, e a ideia o exauria.

Com um suspiro, ele se deitou no solo e pousou a cabeça nas patas. Pensou na época em que tinham ficado juntos no Oregon. Parecia que tanto tempo já se passara... Naquela época, ela o amava sem reservas, sem complicações. Muita coisa havia acontecido a eles desde então. Ren fechou os olhos e permitiu que seus pensamentos flutuassem até ela. Ainda era capaz de senti-la, apesar da distância entre os dois. A conexão com o coração dela o chamava como sempre, através dos longos quilômetros solitários.

Se pelo menos houvesse uma maneira de ele atravessar toda aquela distância e puxá-la para perto, para a segurança de seus braços... Quando foi caindo em um sono inquieto, Ren imaginou que tinha sentido o cheiro doce dela a seu redor e sentido o fantasma de seu toque beijando seu focinho e apoiando a cabeça em suas patas. A voz querida sussurrava baixinho na brisa: "*Mujhe tumse pyarhai*, Ren." Ele se apegou àquela réstia de pensamento, segurou-se a ela e finalmente dormiu.

AGRADECIMENTOS

Eu não poderia deixar de agradecer à minha mãe, Kathleen, e à minha irmã, Tonnie, por se empenharem tanto em promover meus livros. Minha mãe deu início a seu próprio fã-clube no trabalho dela, pendurou pôsteres, aprendeu a usar e-mail e o Facebook, e vendeu brincos, marcadores de livros, camisetas e livros para todo mundo que conhecia. Até deu ideias malucas, como levar apresentações de dança do ventre aos meus eventos ou vender livros na calçada aos sábados. Se eu deixasse, ela estaria na rua todos os fins de semana.

Acho que não existe uma única pessoa em Forest Grove, no estado do Oregon, ou perto dali, que conheça minha irmã e nunca tenha ouvido falar dos livros. Incluindo aí o carteiro, o motorista de ônibus, os professores dos filhos dela, a moça do caixa do supermercado, o grupo de sapateado dela, o pessoal da igreja e todas as mães do bairro. Juntas, minha mãe e minha irmã são pessoalmente responsáveis pela venda de mais de 400 livros, e isso é um feito e tanto.

Também me sinto grata ao meu marido, que ainda me ama, mesmo depois de todas as nossas discussões sobre edição, e eu ainda o amo, apesar de ele gostar de tentar enfiar mudanças drásticas nas edições dos originais. Ele me dá apoio incansável e está sempre pronto a dar um salto para o desconhecido comigo.

Obrigada à minha fabulosa editora, Cindy Loh, que esteve ao meu lado constantemente, durante meses, enquanto trabalhávamos na tarefa quase irrealizável de lançar três livros em um único ano. Aprendi muito com ela e escrevo melhor por causa da sua influência.

Quero fazer um agradecimento especial ao meu agente, Alex Glass, que me encontrou uma semana antes de eu autopublicar *A viagem do tigre*, para o desalento dos meus primeiros fãs. Embora tenha sido chamado de demônio disfarçado por algumas pessoas, ainda penso nele como meu anjo da guarda pessoal e serei sempre grata a sua sabedoria, experiência e paciência.

Obrigada a Jared e Suki, meu irmão e a mulher dele, pelos esforços tremendos em meu nome. Eles trabalham duro e passam boa parte de seu tempo livre

tentando responder às minhas perguntas e me orientando com minhas emergências tecnológicas. Fazem parte do meu grupo de leitura inicial, e todos os seus comentários me fazem dar risada.

Mais do que tudo, gostaria de expressar meu amor pelos meus fãs. Nos últimos anos, recebi centenas de cartas cheias de incentivo, apoio e súplicas desesperadas por qualquer detalhe que eu estivesse disposta a compartilhar. *A viagem do tigre* não poderia ter sido publicado com tanta rapidez sem o apoio deles. Eles abriram o coração para os meus tigres e para mim, promoveram a série e abraçaram seus rabanetes interiores.

Obrigada. Obrigada. *Obrigada.*

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim* e *Cilada*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital,* de Dan Brown

Iulieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

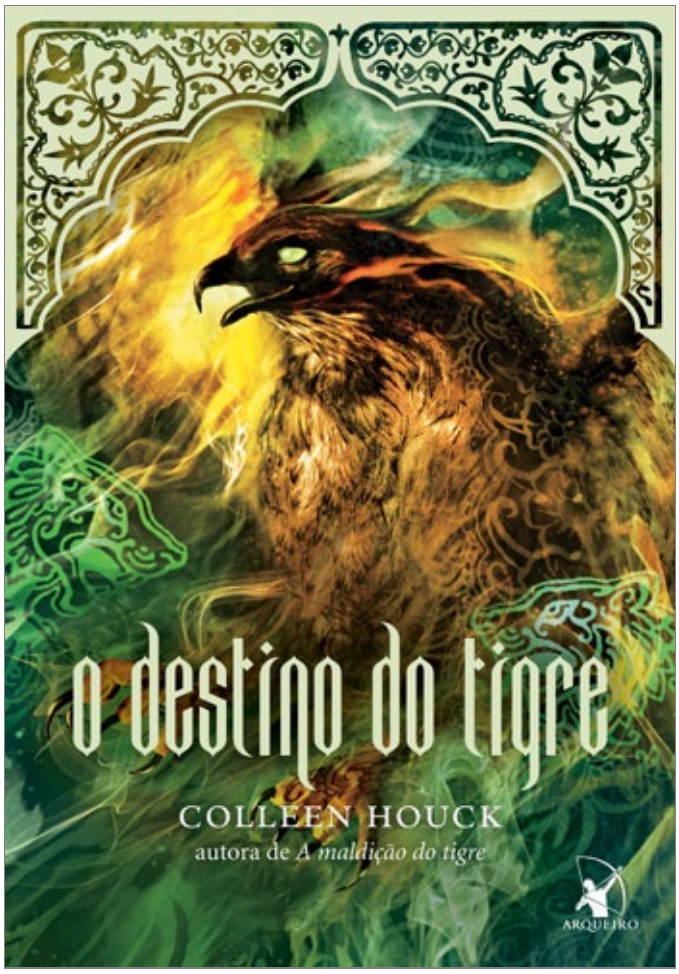
Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO VOLUME DA SÉRIE



O destino do tigre

1

Prisioneira

Embalada pelas ondas do oceano, sonhei que nadava com um imenso dragão que piscou para mim. Enquanto ele deslizava ao meu lado impulsionado pela cauda, senti meu corpo ser empurrado. Gemi e lutei quando mãos ásperas prenderam com força meus braços e pernas. O ronco de um motor tomou o lugar do barulho das ondas, e meu sonho se modificou. De repente, eu me encontrava numa floresta e podia ouvir claramente o ruído constante de patas de tigre sobre as folhas no solo, correndo na minha direção.

Depois, vieram os pesadelos. Tubarões na água, piratas no *Deschen*, a captura pelos homens de Lokesh.

Uma voz à distância sussurrou com urgência: *Acorde, Kelsey*.

Aturdida, abri os olhos. Eu estava deitada numa cama com dossel. *Foi só um sonho horrível*, pensei agradecida.

O sol poente lançava sua luz fraca pela janela acima da cama. A janela tinha vidros grossos e grades, impedindo que qualquer pessoa entrasse... ou saísse.

– Não! – gritei para o quarto vazio.

Não era um sonho coisa nenhuma. Tentei me lembrar de tudo. Eu me lançara em três buscas para libertar Ren e o irmão, Kishan, da Maldição do Tigre. Tínhamos que encontrar apenas mais um presente para a deusa Durga a fim de quebrar o feitiço. Estávamos em um navio, e houve uma batalha contra Lokesh. Até aí eu sabia. Depois, três minúsculas picadas (dardos de tranquilizantes?), uma lancha... eu colocando Fanindra e o amuleto na água, e então a escuridão.

Eu estava trancada num estranho quarto, uma prisioneira em sua jaula. Corri para a porta e virei inutilmente a maçaneta. Concentrando minha energia interior, ergui o braço para explodir a fechadura, mas nada aconteceu. Confusa, minha mão voou ao pescoço para tocar o Colar de Pérolas Negras de Durga.

Como foi que perdi meu poder de raio? Onde estou? Onde estão meus tigres, Ren e Kishan? Será que Fanindra os encontrou? O que aconteceu ao Sr. Kadam e à Nilima? Estarão vindo me resgatar? Como vou sair daqui?

Tentei avaliar a situação. Eu tinha o Colar de Pérolas, e o Lenço Divino ainda estava trançado pelas presilhas do cós da minha calça jeans, mas o arco e as flechas e o Fruto Dourado da Índia não estavam em nenhum lugar à vista. Reprimindo uma risada amarga, percebi que podia fazer toda água e todo tecido que desejasse com o que me restava dos presentes de Durga, como se isso pudesse me ajudar...

Apalpei a área entre os dedos, procurando o pequeno mecanismo de rastreamento que o Sr. Kadam havia dolorosamente implantado. Ainda estava ali, o que significava que havia uma chance de a cavalaria vir correndo me salvar. Era uma chance pequena, mas era tudo que eu tinha.

Minha cabeça doía e minha boca parecia estar cheia de algodão. Tentei engolir e acabei tossindo, o que fez com que eu me sentisse ainda pior.

Controle-se, Kelsey Hayes!, pensei e me forcei a tentar analisar o ambiente. Pela janela, eu via árvores e neve, e estava a pelo menos três andares de altura. Pensei que podia avistar algumas montanhas, mas não tinha como saber onde se localizava meu cativeiro.

Meu estômago se revirou e corri para o banheiro. Depois de lavar a boca, olhei para o meu reflexo. Uma mulher assustada, exausta e desmazelada me fitou de volta. *O que aconteceu com a garota do Oregon?*

Nesse exato momento, uma voz sedosa interrompeu meus pensamentos. Fiquei paralisada. Era meu captor, Lokesh.

– Por favor, vista-se para o jantar, minha querida. Como pode ver, não há como fugir e eu confisquei suas armas. Está na hora de nos encontrarmos novamente. Tenho uma proposta para você, Kelsey Hayes. Creio que é chegado o momento de você abraçar o seu destino.

Minhas entranhas se reviraram outra vez enquanto eu imaginava o tipo de destino que Lokesh tinha em mente para mim. Eu não via câmeras nem

microfones no quarto, mas sabia que estava sendo observada. Estranhamente, eu me sentia distanciada da situação. O medo frio que eu havia experimentado ao enfrentar Lokesh em cada visão fora substituído por uma trêmula determinação.

Considerei minhas opções. Primeiro, eu precisava sair daquele quarto e identificar possíveis rotas de fuga. Esse suplício só poderia ter um de quatro desfechos: eu fugiria por conta própria (possível); Ren e Kishan me resgatariam; eu morreria (essa decididamente não era minha primeira opção); ou eu passaria minha vida sendo a mulher cativa de um psicopata, o que também não parecia muito divertido. Além disso, eu deveria recuperar o Fruto e meu arco e as flechas. Durga havia me advertido de que, se suas armas caíssem em mãos erradas, os resultados seriam desastrosos. Mordi o lábio e torci para que não tivesse que escolher entre salvar a mim ou as armas.

Se sair deste quarto significa jantar com o demônio, que seja. Por ora, vou entrar no jogo dele, mas, se eu tiver que sucumbir, vou sucumbir lutando.

Instintivamente, eu sabia que bancar a donzela em perigo não funcionaria. Para vencer Lokesh em seu jogo, eu teria que me tornar algo que não era – uma mulher forte, bonita, poderosa e segura de si.

Depois de examinar o armário e encontrar apenas um tubinho justo com decote profundo, decidi assumir um risco calculado. Pedi ao Lenço que criasse roupas novas para mim, da forma mais discreta possível, e o instruí a não fazer qualquer uma de suas mudanças de cor caleidoscópicas.

Tirei o novo traje do armário e fiquei maravilhada diante de seus detalhes. O Lenço havia criado um glamouroso *lehenga* em dourado e azul-cobalto. A blusa de jacquard de mangas compridas marcava minha cintura e a saia longa e justa delineava minhas curvas. Usar as cores de Ren e de Kishan me deu uma dose muito necessária de coragem, e achei que o conjunto elegante me ajudaria com o papel que eu pretendia desempenhar. O Lenço produzira inclusive um par de brincos pendentes imitando safiras, feitos de um tecido leve.

Assim que terminei de me vestir, um criado esguio e de aparência perigosa abriu a porta do quarto. Implorei para que me deixasse fugir, mas ele sacudiu a cabeça e replicou algo incompreensível em híndi. Enfiei o Lenço por dentro da manga, tentei lembrar as poucas palavras que conhecia naquela língua e repeti minha súplica por ajuda:

– *Trahi!*

O homem, porém, apenas me conduziu por um corredor onde se alinhavam mais janelas gradeadas, grossos tapetes e paredes com lambris.

Em seguida, atravessamos uma série de portas trancadas, cada uma delas guardada por uma sentinela. Quando outra porta se fechou ruidosamente e se trancou às minhas costas, me veio a lembrança de que era assim que a jaula de Ren no circo era disposta – portas dentro de portas a fim de proteger os humanos do tigre. Rapidamente fiz uma observação mental: *Fugir por conta própria será difícil, se não impossível. Mas o bom disso é que Lokesh acredita que precisa de um alto nível de segurança para me conter. Talvez exista alguma forma de usar isso contra ele.*

A última porta se abria para uma sala de jantar onde uma mesa estava posta para dois. O criado puxou uma cadeira e gesticulou, indicando que eu me sentasse, antes de deixar a sala silenciosamente. Brinquei com a faca da manteiga enquanto esperava. Meu estômago se contorcia de nervosismo e eu me perguntava como conseguiria encarar Lokesh sozinha. Em nossa última busca para quebrar a Maldição do Tigre, eu havia lutado contra um *kraken* e um tubarão gigante. Mas, de certa forma, aquelas feras não pareciam tão perigosas quanto a personificação do mal que eu enfrentava agora, o monstro que havia transformado meus dois príncipes indianos em tigres mais de três séculos atrás.

– Que bom que você aceitou meu convite para jantar – disse Lokesh, surgindo de repente na cadeira à minha frente.

Ele parecia diferente desde a última vez que o tinha visto. Mais jovem. Embora eu ainda reconhecesse a maldade sombria por trás de seus olhos negros, consegui me controlar. Lokesh pegou minha mão e a beijou rudemente.

– Não que eu tivesse escolha – repliquei.

– Exato. – Ele sorriu e apertou minha mão com um pouco mais de força. – Tampouco lhe dei uma opção de roupa – prosseguiu ele –, e no entanto aqui está você, usando um traje diferente. Posso perguntar onde o conseguiu?

Em um movimento suave, cobri minha faca com o guardanapo e o coloquei no colo, deslizando o utensílio cuidadosamente para o bolso. Esperando que ele não tivesse notado, comentei com ironia:

– Quando você me contar de onde vem o *seu* poder, ficarei feliz em lhe mostrar como criar um guarda-roupa do nada.

Uma nova onda de coragem percorreu meu corpo agora que eu finalmente tinha algum tipo de arma.

Para minha surpresa, Lokesh riu.

– Como é encantador estar na companhia de uma mulher espirituosa. Creio que serei tolerante com você, *por ora*. Mas não teste a minha paciência.

Seu sorriso se transformou numa expressão maliciosa. De perto, Lokesh parecia mais asiático do que indiano. O cabelo escuro era cortado curto, partido de lado, e alisado na direção da nuca – bem diferente de Ren, cujo cabelo sempre caía nos olhos azuis.

O feiticeiro se movimentava com austero controle, mantendo os ombros e as costas rígidos. Ele estava mais musculoso e bonito do que antes, até mesmo atraente. Mas eu sabia que um louco espreitava sob a superfície, e suas feições ainda carregavam sua propensão ao mal.

A comida foi servida e nossos pratos rapidamente se encheram com os condimentados sabores indianos. Os criados eram eficientes e extremamente silenciosos. Belisquei a comida, lutando para recuperar o apetite.

– Você usou magia para parecer mais jovem? – perguntei com cautela.

Seus olhos negros ficaram ainda mais escuros, mas em seguida ele sorriu.

– Usei. Você está me achando bonito? Sente-se mais confortável me vendo com uma idade mais próxima à sua?

Estranhamente, eu me sentia.

Dei de ombros.

– Eu me sentiria desconfortável independentemente da sua aparência. De qualquer forma, por que se importa com isso? Estou surpresa que não tenha me acorrentado no porão e não esteja se preparando para cravar pregos nos meus polegares.

Uma centelha azul chamou minha atenção e levantei os olhos. Mas, se estava ali antes, já havia desaparecido. Lokesh franziu a testa e esfregou os dedos.

– Você preferiria ser acorrentada no porão? – perguntou casualmente, me provocando de maneira perturbadoramente lasciva.

– Não, só estou curiosa. Por que estou recebendo tratamento especial?

– Está recebendo tratamento especial porque você *é* especial, Kelsey. Como demonstrou esta noite, você tem poderes próprios e eu não quis reprimi-los. – Ele estalou a língua, desapontado. – Parece que você não me compreende nem

um pouco. Tenho certeza de que minha causa foi deturpada. Agora que você tem a chance de me conhecer melhor, acho que vai descobrir que não sou um homem difícil de agradar.

Inclinei-me para a frente, vendo a oportunidade de desafiá-lo.

– Por alguma razão, duvido que Ren concordasse com essa avaliação.

Lokesh deixou o garfo cair ruidosamente e então encobriu habilmente sua ira.

– O *príncipe* se rebelou em todas as oportunidades. Por isso foi tratado tão... severamente. Espero que *sua* reação a mim seja diferente.

Pigarreei e respondi:

– Suponho que tudo dependa do que você quer de mim.

Lokesh tomou um gole de sua taça enquanto me olhava com sagacidade por sobre a borda.

– O que quero, minha querida, é a oportunidade de lhe mostrar como é um verdadeiro homem de poder. Seria um erro continuar a se aliar com os tigres. Eles não têm nenhum poder de verdade, não como você ou eu. Na realidade, o amuleto os amaldiçoou. Nunca foi concebido para eles. Sou eu quem está destinado a unir os pedaços. É por mim que o Amuleto de Damon clama.

Limpei os lábios com o guardanapo, protelando, enquanto um plano louco começava a se formar na minha cabeça. *Se é uma adversária poderosa o que ele quer, então é o que vai ter. Hora de dar utilidade às minhas aulas de teatro. Primeiro Ato: Jantar com uma garota misteriosa com poderes sobrenaturais, atitude insolente e nervos de aço. É hora do espetáculo...*

– Como você sabe, não tenho mais uma parte do amuleto. Se esperava conseguir a minha parte me bajulando, vai ficar muitíssimo decepcionado.

– Sim, seus preciosos tigres devem estar com ela. Talvez a tragam com eles quando vierem em seu resgate.

Desconcertada, fiz uma pausa, mas só por uma fração de segundo.

– E o que o faz pensar que eles virão?

– Ora, minha querida Kelsey. Eu vi como eles olham para você. Você os cativou com mais eficiência do que a minha filha, Yesubai. Não é tão bonita quanto ela, mas há ousadia e desafio em seu olhar. Suspeito que Dhiren só sobreviveu às minhas técnicas de interrogatório porque queria voltar para você. Ambos os principezinhos estão aleijados por seu amor por você. Isso os deixa fracos e burros.

E lá vamos nós... Dirigi um sorriso afetado a Lokesh.

– Talvez você caia na mesma armadilha que eles – ameacei.

– Está dizendo que iludiu os príncipes, fazendo-os se apaixonarem por você? Porque, se fez isso, meu conceito sobre você acaba de aumentar.

Embora aterrorizante a princípio, a encenação acabou me dando ânimo. Meu medo se dissolveu até se tornar um carocinho no fundo do estômago, pequeno o bastante para que eu pudesse ignorá-lo. Passei a língua pelos lábios numa tentativa deliberadamente lenta de distraí-lo.

– Uma mulher esperta usa todas as ferramentas à sua disposição para obter o que deseja.

Lokesh estreitou os olhos, disposto a encarar meu ataque verbal.

– E o que é que você deseja, Kelsey?

Incorporando uma insolente Scarlett O'Hara, dei uma risada gutural.

– Certamente você não espera que eu entregue todos os meus segredos no nosso primeiro encontro. Não sou tão ingênua assim. Mas... se quiser colocar nossas cartas na mesa agora, me diga: o que quer de mim?

– Quero que você se alie a mim, e não aos tigres.

– Como? – perguntei, tentando desesperadamente não estremecer com o pensamento.

De repente, senti uma sensação de formigamento rastejar pela minha pele. Não doía, mas era íntima, invasiva. Uma brisa leve pairou sobre meus braços nus e envolveu meu pescoço. Dedos invisíveis subiram pela minha nuca, penetrando em meus cabelos, e então tornaram a descer para a clavícula. Embora ele não houvesse movido um só músculo, eu tinha certeza de que Lokesh era o responsável. Fiz de tudo para ignorar aquela sensação.

O feiticeiro se inclinou para a frente e soltou uma risada artificial.

– Tenho um duplo propósito aqui: sinto prazer em roubá-la dos príncipes. Imaginar o sofrimento deles é gratificante. Mas a verdadeira razão é combinar nossos poderes de todas as maneiras possíveis... com um filho.

– Um filho – repeti suavemente, apesar de meu estômago estar dando cambalhotas. – Por que eu? Quero dizer, por que depois de todos esses anos? Acho que só estou chocada por você ainda não ter encontrado a Bonnie para o seu Clyde, a Mortícia para o seu Gomez. A união com a mãe de Yesubai não foi suficiente?

Lokesh sibilou:

– A mãe de Yesubai era uma idiota. Era bonita, mas se acovardava diante de mim. Não estava à minha altura.

– Provavelmente não ajudou em nada o fato de você tê-la matado.

Dessa vez ele não se deu ao trabalho de esconder as faíscas azuis de raiva nas pontas dos dedos.

– Cuidado – adverti. – Se você me mostrar os seus, terei que mostrar os meus e acabaríamos estragando essa nossa deliciosa conversa.

Ele fechou os olhos e conseguiu se controlar.

– Suponha que eu concorde com a sua proposta, lhe dê um herdeiro e partilhe meu poder com você – continuei. – Quero algo em troca. Você já disse que, se eu ficasse com você de bom grado, iria permitir que os tigres vivessem. Vai manter a palavra?

– Você concordar ou não é irrelevante.

Hora do Segundo Ato: Garota misteriosa exibe seus poderes. Puxei o Lenço da manga. Segurando-o na palma da mão, pedi que mudasse de cor. Ele obedeceu, passando primeiro ao vermelho e depois ao azul quando o pressionei no rosto. Lokesh olhava o Lenço com fascinação. Ergui uma sobrancelha e o Lenço lançou fios pela sala, criando uma grande teia. Então ele se encolheu, transformando-se num guardanapo branco, que dobrei e coloquei ao lado do prato.

– E se eu dividisse esse poder com você? – perguntei, indiferente.

Se ele ficou impressionado, foi só por um momento. Lokesh estreitou os olhos, atirou o guardanapo no prato e se aproximou do meu lado da mesa. Com brutalidade, pegou meu braço e me puxou, forçando-me a ficar de pé. Ele sorriu ao ver a expressão de terror no meu rosto.

– Vou considerar a possibilidade de deixar os tigres viverem se você fizer de boa vontade o que eu quero.

Como se para selar o acordo, Lokesh acariciou meu rosto e se inclinou para sussurrar no meu ouvido.

– Diga-me, Kelsey, o que a diverte? Do que – ele respirou fundo – você tem medo?

Diante do meu silêncio, ele riu – e então me puxou para mais perto e me beijou violentamente, mordendo meu lábio com força. Quando enfim me soltou, limpei com o polegar a boca machucada e o fuzilei com o olhar.

Lokesh deu risada outra vez, contente.

– E ainda me desafia... Você vai me dar muito prazer, Kelsey.

– Que bom que pensa assim.

Cuspi as palavras, agora com mais raiva do que medo.

– Saiba, minha querida, que não dou a mínima para os tigres, exceto para pegar seus amuletos. Se você me der um filho e me ajudar a conquistar o poder que eu busco, deixarei os tigres em paz. Agora que os termos estão estabelecidos, vou acompanhá-la de volta ao seu quarto para que possa refletir sobre sua decisão. Estou ansioso para conhecê-la melhor – declarou ele com uma expressão sórdida que me fez estremecer.

Respirando fundo, peguei o Lenço, enfiei cuidadosamente a mão no bolso e deixei que Lokesh me escoltasse de volta à minha prisão.

– Vamos conversar mais sobre alianças amanhã, meu bichinho – sussurrou ele, ofegante, no meu ouvido. – E devolva a faca que você pegou da mesa.

O comentário me apanhou de surpresa, mas tentei manter a expressão impassível. Sorrindo, retirei a pequena faca no bolso e pressionei de leve a ponta contra o seu peito.

– Não se pode culpar uma garota por tentar.

Deliciado, ele envolveu meus dedos com os seus e puxou a faca da minha mão, raspando a lâmina rudemente contra a pele da minha palma. Vendo o sangue verter, Lokesh levou à boca o corte que ardia. Vi o êxtase infame dominá-lo enquanto ele beijava minha mão e lambia as gotas vermelhas em seus lábios.

Finalmente ele me soltou com uma última ameaça.

– Estarei vigiando cada movimento seu, minha querida. Espero ansioso por nossas... futuras interações.

A porta se fechou atrás de mim e eu ouvi o clique de uma fechadura pesada. Fiquei feliz por estar separada dele por dezenas de grossas barras de metal.

Cai a cortina, pensei e desabei na cama, completamente esgotada e me perguntando como conseguiria sair dessa última enrascada.